HOMEM NÃO CHORA

UM ESTUDO SOBRE VIUVEZ MASCULINA EM CAMADAS MÉDIAS URBANAS

Tânia Maria Lago-Falcão

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

- HOMEM NÃO CHORA -

UM ESTUDO SOBRE VIUVEZ MASCULINA EM CAMADAS MÉDIAS URBANAS

Tânia Maria Lago-Falcão

Tese apresentada à Banca Examinadora
do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco, como requisito
para obtenção do grau de Doutor em Antropologia.

Orientadora: Profª Drª Judith Chambliss Hoffnagel

Recife – Pernambuco
Janeiro, 2009.

Lago-Falcão, Tânia Maria
Homem não chora: um estudo sobre viuvez masculina em camadas médias urbanas / Tânia Maria Lago-Falcão. – Recife: O autor, 2009.
412 folhas : il., tab.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2009.

Inclui: bibliografia.

1. Antropologia. 2. Viúvos. 3. Morte – Aspectos psicológicos. 4. Emoções. 5. Relacionamento social, rede de. I. Título.

39	CDU (2. ed.)	UFPE
390	CDD (22. ed.)	BCFCH2009/14

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BANCA EXAMINADORA

- Profª Drª Judith Chambliss Hoffnagel (Orientadora)
  Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

- Profª Drª Alda Britto da Motta
  Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFBA

- Prof. Dr. Russell Parry Scott
  Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

- Prof. Dr. Antônio Carlos Motta de Lima
  Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

- Prof. Dr. Benedito Medrado
  Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFPE

SUPLENTES

- Profª Drª Rosa Maria Carneiro
  Programa de Pós-Graduação em Medicina Social - UFPE

- Profª Drª Roberta Bivar Carneiro Campos
  Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFPE

TÂNIA MARIA LAGO FALCÃO

HOMEM NÃO CHORA UM ESTUDO SOBRE VIUVEZ MASCULINA EM CAMADAS MÉDIAS URBANAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Aprovada em: 26/02/ 2009.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Judith Chambliss Hoffnagel (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE

Prof. Dr. Russell Parry Scott (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE

Prof. Dr. Antonio Motta (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE

Profa. Dra. Alda Britto da Motta (Examinador Titular Externo - UFBA)

Prof. Dr. Benedito Medrado Dantas (Examinador Titular Externo – UFPE/ Psicologia

DEDICATÓRIA

Para Duca,
eternamente,

e

Eduardinho, Leonardo,
Gustavo e Karina,
muito amados.

DEDICATÓRIA

E também para

Judith Hoffnagel
Sílvia Lago
Lourdinha C. Araújo
Maria Helena Kovacs
Rosilda Linhares

Pessoas incríveis, que me deram condições e apoio irrestrito para realizar este trabalho.

AGRADECIMENTOS

No caminho percorrido na elaboração desta tese, tive a companhia, de perto ou de longe, mas sempre junto, de muitas pessoas, sem cujo apoio eu não teria conseguido chegar ao fim. Por isso, quero registrar aqui o meu reconhecimento.

A meus quatro filhos amados, motivo maior para eu continuar vivendo. A Karina, pela presença segura e constante, com seu amor e seus cartazes de estímulo. Pois é, conseguimos, querida! E também a Saulo, pela torcida silenciosa.

A meus pais José e Iracy, Dona Clarice e Nena, pelo carinho de todo dia. A meus irmãos e irmãs, dos dois lados das famílias Lago e Falcão. E a Nice. A Sílvia, companheira inseparável de cada dia, com seu apoio jamais negado. A Gil, pela presença discreta e segura, com muita saudade.

A Mónica, amiga-irmã desses últimos anos. A Carol, pela amizade sem fronteiras. A Leda, pelos comentários consistentes. E a Leninha, cuja história me levou a ouvir outras histórias. A todos os demais amigos, não nomeados, mas sempre presentes no meu coração.

A queridos professores João F., João O., Bernadete, Alda, Molina, e Fátima, do Instituto de Ciências Biológicas e da Faculdade de Ciências Médicas/UPE, com seu apoio primordial. E a Marcelo Azevedo, diretor da FCM/UPE.

A amigos da Unimed Recife, especialmente Dra. Lourdinha e minhas companheiras da UNIPHAS: Marta, Rosilda, Paula, Giane, Luciana, Tati, Geórgia, Camila.

A colegas e dirigentes do Hospital Universitário Oswaldo Cruz, muito especialmente a Ricardo Coutinho. A Margarida, da Tríade, e a Inácia.

A Fátima Di Matteo, com quem posso contar nos momentos impossíveis.

A professores do PPGA-UFPE, especialmente Russell Parry Scott e Antônio Carlos Motta. A colegas do Doutorado. A funcionários, particularmente Mirian, Ana, Regina e Ademilda.

A equipe de pesquisa em Mortalidade Infantil, do FAGES.

A Alda B. da Motta, pelo apoio ao longe.

A meus/minhas contactantes, pela ajuda inestimável na busca dos informantes.

Aos viúvos, co-autores, com quem tive o privilégio de trabalhar, pela confiança com que me narraram tão importantes momentos de suas vidas.

E muito, muito, especialmente a Judith Hoffnagel, pela paciência inesgotável e pelo estímulo sempre presente.

RESUMO

Viuvez. Palavra que traz embutida uma ausência. Fenômeno que chega na vida de alguém sem fazer parte, previamente, do seu projeto de vida, e que por isso tende a trazer modificações inesperadas e provavelmente jamais imaginadas. Dentre todos os eventos que ocorrem com as pessoas durante seu ciclo de vida, aquele relacionado com a morte de alguém muito próximo afetivamente é talvez o mais traumático, deixando as marcas mais profundas. Em grande parte das investigações onde a viuvez é assinalada, isto é feito de forma incidental, dentro de trabalhos cujo foco central é a velhice e as mulheres, além de serem oriundas predominantemente da área biomédica e/ou saúde mental. No Brasil, a pesquisa em viuvez tem contemplado majoritariamente o gênero feminino, havendo núcleos de estudos em algumas universidades brasileiras, cujas linhas de pesquisa se referem a idosas. Estudos e publicações sobre viuvez, como problema enfrentado também por homens, são bastante escassos em todos os campos do conhecimento científico. É aqui que se insere esta tese: um estudo sobre viuvez masculina em camadas médias urbanas. Para tentar dar conta da proposta, centro a investigação nos procedimentos de reorganização de vida de homens residentes na grande Recife, no Nordeste do Brasil, após a morte da esposa/companheira. Os objetivos da pesquisa buscavam descobrir as reações imediatas, mediatas e tardias desses homens, as eventuais mudanças nos modos de vida e relações sociais, os meios de suporte econômico, de serviços, pessoal-social e pessoal-emocional utilizados, a existência (ou não) de prescrições sociais ligadas à viuvez masculina e as representações que regem esse universo, em nosso meio. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista narrativa, aplicada em encontro que se realizou, em geral, na residência ou no local de trabalho do enviuvado. O número total de 20 homens compôs a amostra da pesquisa, com idades variando de 36 a 82 anos, e com tempo de viuvez de seis meses a 34 anos. A vivência da doença e/ou morte da esposa foi quase sempre acompanhada integralmente pelo marido. Alguns dos enviuvados recasaram; outros optaram por não fazê-lo; alguns tinham passado por transformações pessoais; a maioria assumiu a administração total da casa. A criação dos filhos, o trabalho e a religiosidade são os recursos de maior impacto para uma adequada adaptação à nova situação. Os principais suportes utilizados vêm das redes sociais, sendo que empregada doméstica e amigo íntimo ocupam uma posição importante entre os apoios recebidos. Todas as histórias narradas mostram um teor de emoção que geralmente os estereótipos culturais e o senso comum negam aos homens. Faz-se a constatação que homens choram, sim: nas entrevistas, a maioria fica com a voz embargada, outros choram livremente, a ponto de não conseguir falar. As emoções, do vivido ontem e da saudade hoje, estão bem presentes. Enfim, esta tese fala de dor, sofrimento e morte, mas também de vida, felicidade e amor. Mas, fundamentalmente, busca contribuir, a partir de experiência local, para a ampliação e legitimação do campo da Antropologia das Emoções, no país.

Palavras-chave: viuvez; morte; viuvez masculina; Antropologia das Emoções; suportes e recursos na viuvez masculina.

ABSTRACT

Widowhood: a word that carries absence in it. A phenomenon which touches someone's life unexpectedly, thus bringing so many unpredictable changes. In a lifetime, the events related to the deaths of close people are perhaps the most traumatic ones, leaving deep scars in their aftermath. When widowhood is mentioned in academic investigations, it is mostly in an incidental way, in works about old age or women, usually from biomedic or mental health perspectives. Likewise, research on widowhood in Brazil approaches more the female gender, at centers of studies focused on old age at universities. Studies and papers about widowhood as a problem faced also by men are extremely scarce in all fields of scientific knowledge. This thesis is inserted here: a study on widowerhood in urban midclass. To achieve its purpose, the investigation centered on the procedures for the reorganisation of the lives of men who live in the metropolitan area of Recife, in Brazil's North-East. The objectives of this research are to discover these men's early and late reactions to the loss of their wife/partner, eventual changes in their ways of life and social relations, economic, services, social and emotional support used, the existence (or lack) of social prescriptions connected to widowerhood, and the representation which drive that universe. The instrument used for the compilation of data was a narrative interview applied in meetings which took place at the widowers' place of work or at home. The size of the research's sample group was of 20 men, ages varying from 36 to 82, and widowerhood time ranging from 6 months to 34 years. The disease or death of the wife was almost always accompanied thoroughly by the husband. Some of the widowers got married again; some preferred not to. Some of them went through personal changes. Most of them overtook the complete management of their homes. Child raising, work and religion are the strongest resources for an adequate adaptation to the new situation. The main means of support comes from social networks, in which a maid or a close friend have an important role. Going against cultural stereotypes and the common sense that exists when it comes to men, all of the narrated stories show a high level of emotion. We conclude that men cry indeed: during the interviews, the voices of most of them break, and some actually cry to the point of not being able to speak. Emotions related to the memories of the past and to the void which exists in the present are quite frequent. Finally, this thesis is about pain, suffering, and death, but it is also about life, happiness, and love. Essentially, however, it attempts to contribute to widen and legitimize the field of anthropology of emotions in Brazil, using a local experience as a starting point.

Keywords: widowhood; death; widowerhood; anthropology of emotions; support and resources in widowerhood.

RÉSUMÉ

Veuvage. Mot qui implique par lui-même une absence. Phénomène qui se produit dans la vie de quelqu'un sans faire partie initialement de son projet de vie, et qui pour cela, tend à apporter des modifications inespérées et probablement jamais imaginées. Parmi tous les événements qui arrivant aux gens durant le cycle de leur vie, celui que est en relation avec la mort de quelqu'un de proche affectivement est peut-être le plus traumatisant et laisse les marques les plus profondes. La plupart des recherches oú le veuvage est mentionné, est faite de manière incidente, dans des travaux dont la préoccupation centrale est la vieillesse et les femmes, en dehors du fait qu'elles ont leur origine principale dans le domaine biomédicale et/ou la sauté mentale. Au Brésil, la recherche sur le veuvage concerne majoritairement le genre féminin. Il y a des centres d'études dans quelques universités brésiliennes dont les voies de recherche se réfèrent aux femmes âgées. Des études et des publications sur le veuvage, en tant que problème affronté aussi par les hommes, sont assez rares dans tous les champs de la connassaince scientifique. C'est ici que vient s'insérer cette thèse: une étude sur le veuvage masculin dans les couches moyennes urbaines. Pour essayer de rendre compte de cette proposition, nous centrons la recherche sur les manières de réorganisation de la vie des hommes résidants dans le Grand Recife, dans le Nordeste du Brésil, aprés le décès de l'épouse ou de la compaigne. Les objectifs de la recherche se proposaient de découvrir les réactions immédiates, médiates et tardives de ces hommes, les changements éventuels dans leurs modes de vie et leurs relations sociales, les moyens de soutien économique, de services, de personnel social et de personnel émotionnel employés, de l'existence ou non de prescriptions sociales liées au veuvage masculin et les représentations qui régissent cet univers dans notre milieu. L'instrument utilisé pour la collecte des données a été celui de le récit de vie, appliqué lors d'une rencontre réalisée en général dans la résidence ou sur le lieu de travail du veuf. Le nombre total de vingt hommes compose l'échantillon de la recherche, d'un âge variant entre 36 et 82 ans, et avec un temps de vauvage allant de six mois à 34 ans. Le vécu de la maladie et/ou de la mort de l'épouse a été presque toujours intégralement accompagné par le mari. Quelques-uns veufs se sont remariés, d'autres ont choisi de ne pas le faire. Quelques-uns étaient passés par des transformations personelles. La majorité a assumé l'administration totale de la maison. L'éducation des enfants, le travail et la religion sont les recours de plus grand impact pour une adaptation adéquate à la situation nouvelle. Les supports principaux utilisés viennent des réseaux sociaux, la servante et l'ami intime occupant une position importante parmi les appuis reçus. Toutes les histoires narrées montrent un degré d'émotion que généralement les stéréotypes culturels et le sens commun nient aux hommes. On a constaté que les hommes pleurent, oui; dans les entretiens, la majorité a la voix étranglée, d'autres pleurent abondamment au point de ne pas arriver à parler. Les émotions, du vécu d'hier et des regrets d'aujourd'hui, sont bien présentes. Enfin cette thèse parle de la douleur, de la souffrance et de la mort, mais aussi de la vie, du bonheur et de l'amour. Mais, fondamentalement, elle cherche à contribuer, à partir d'une expérience locale, à l'amplification et à la légitimation du champ de l'Anthropologie des Émotions, dans le pays.

Mots-clés: veuvage, mort, vauvage masculin, Anthropologie des Émotions, supports et recours dans le veuvage masculin.

RESUMEN

Viudez. Palabra que conlleva una ausencia. Fenómeno que llega a la vida de alguien sin figurar, previamente, en su proyecto de vida, y que por eso tiende a provocar modificaciones inesperadas y probablemente jamás imaginadas. Entre todos los acontecimientos que le ocurren a la gente durante su ciclo de vida, la muerte de alguien afectivamente muy próximo es, tal vez, el más traumático, dejando las marcas más profundas. En gran parte de las investigaciones en las que la viudez aparece, lo hace de forma incidental, en trabajos cuyo foco central es la vejez y las mujeres, muchos del área biomédica y/o de salud mental. En Brasil, el estudio de la viudez se centró, principalmente, en el género femenino; hay varios núcleos de estudio em universidades brasileñas cuyas líneas de investigación abordan la vejez de las mujeres. Estudios y publicaciones sobre la viudez como um problema también enfrentado por los hombres son bastante escasos en todos los campos del conocimiento científico. Es ahí donde se situa esta tesis: un estudio sobre la viudez masculina en grupos medios urbanos. Para llevar a cabo esta propuesta, centro la investigación en los procedimientos de reorganización de la vida de hombres residentes en la Región Metropolitana de Recife, región Nordeste de Brasil, después de la muerte de su esposa/compañera. Los objetivos de este estudio buscaban descubrir las reacciones inmediatas, mediatas y tardías de esos hombres, los posibles cambios en sus modos de vida y relaciones sociales, los medios de apoyo económico, de servicios, personal-social y personal-emocional utilizados, la existencia (o no) de prescripciones sociales para la viudez masculina y las representaciones que rigen este universo, en nuestro medio. El instrumento utilizado para reunir los datos fue la entrevista narrativa, aplicada en encuentros que tuvieron lugar, generalmente, en la residencia o local de trabajo del viudo. La muestra está compuesta de un total de 20 hombres, de edades entre los 36 y los 83 años, y con tiempo de viudez de seis meses a 34 años. La vivencia de la enfermedad y/o muerte de la esposa fue casi siempre acompañada integralmente por el marido. Alguns de los viudos se casaron de nuevo; otros optaron por no hacerlo; algunos pasaron por transformaciones personales; la mayoría asumió la administración total de la casa. La criación de los hijos, el trabajo y la religiosidad son los recursos de mayor impacto para una adecuada adaptación a la nueva situación. Los principales apoyos utilizados provienen de las redes sociales; la empleada doméstica y el amigo íntimo ocupan una posición importante entre los apoyos recibidos. Todas las historias narradas muestran un grado de emoción que los estereotipos culturales y el sentido común acostumbran a negarles a los hombres. Se constata que los hombres, de hecho, lloran: en las entrevistas, a la mayoría le tiembla la voz, otros lloran libremente hasta el punto de no conseguir hablar. Las emociones, de lo vivido ayer y de la añoranza hoy, están muy presentes. En fin, esta tesis habla de dolor, sufrimiento y muerte, aunque también de vida, felicidad y amor. Pero, fundamentalmente, busca contribuir, a partir de uma experiencia local, para la amplicación y legitimación del campo de la Antropología de las Emociones en Brasil.

Palabras clave: viudez; muerte; viudez masculina; Antropologia de las Emociones; apoyos y recursos em la viudez masculina.

SUMÁRIO

PARTE I - DO COMEÇO DESSA HISTÓRIA

INTRODUÇÃO **19**

CAPÍTULO 1 – VIUVEZ MASCULINA **29**

1.1 - DE COMO SER HOMEM NA SOCIEDADE OCIDENTAL COMPLEXA **31**
1.1.1 - A IDENTIDADE MASCULINA 35
1.1.2 – MASCULINIDADES 38
1.1.2.1 - MASCULINIDADE OU MASCULINIDADES? 39

1.2 – VIUVEZ MASCULINA **49**
1.2.1 – VIUVEZ MASCULINA: O QUE DIZ A HISTÓRIA 50
1.2.2 - VIUVEZ MASCULINA NA ATUALIDADE 52
1.2.2.1 - ALGUNS ESTUDOS RELACIONADOS COM VIUVEZ MASCULINA 53

1.3 – INFORMAÇÕES INICIAIS DA PESQUISA **58**

CAPÍTULO 2 - INCURSÕES METODOLÓGICAS **62**

2.1 – A CONSTRUÇÃO DO ESTUDO **69**
2.1.1 - UNIVERSO DA PESQUISA: A SELEÇÃO DA AMOSTRA 70
2.1.2 - INÍCIO EMPÍRICO DA PESQUISA: A COLETA DE DADOS 71
2.1.2.1 - CAPTANDO INFORMANTES 71
2.1.2.2 - CONTATANDO OS VIÚVOS 74
2.1.2.3 - ENCONTRANDO VIÚVOS 79
2.1.2.4 - TOMANDO NOTAS DE CAMPO 82

2.2 – A ENTREVISTA NARRATIVA **103**

2.3 – A ANÁLISE DOS DADOS **105**

2.4 – A Redação Do Texto **108**
2.4.1 - O Antropólogo Como Autor: De Quem É O Texto, Afinal? 109

2.5 - Notas Adicionais Da Experiência Em Campo **111**

PARTE II - DOS HOMENS E DA CHEGADA DA VIUVEZ

Capítulo 3 - DOS ATORES DAS HISTÓRIAS **117**

3.1- Características gerais dos informantes **118**
3.1.1 - Sobre as idades 120
3.1.2 - Sobre as moradias 122
3.1.3 - Sobre a profissão / ocupação 127
3.1.4 - Sobre a religião 132

3.2 - Famílias de origem dos viúvos **139**
3.2.1 - Sobre a mobilidade geográfica das famílias de origem 140
3.2.2 - Sobre a família de origem: os pais e as mães 145
3.2.3 - Sobre a família de origem: os irmãos e as irmãs 148

3.3 - Trajetórias dos casais: começo, meio e fim da relação **149**
3.3.1. Sobre os casais e os casamentos: começo, meio e fim 150

Capítulo 4 – EXPERIÊNCIAS DA DOENÇA À MORTE DA ESPOSA **172**

4.1 – Os viúvos e as experiências de doença e morte **177**
4.1.1 - O anúncio da doença 181
4.1.2 - Preocupação e sofrimento no processo doença-morte 183
4.1.3 - Lidando e convivendo com a doença grave 188

4.2 - Mudanças nas relações do casal **190**
4.2.1 - De marido-amante... 191
4.2.2 - ...a marido-cuidador 195

4.3 - O confronto com a morte **197**
4.3.1 – Viúvos de morte súbita 198
4.3.2 - Viúvos de morte com agonia prolongada 202

4.4 - A DESUMANIZAÇÃO DA MEDICINA **210**

4.5 – REAÇÕES IMEDIATAS À MORTE DA ESPOSA **231**
4.5.1 - REAÇÃO DOS FILHOS 233

4.6 – REAÇÕES E PROVIDÊNCIAS MEDIATAS E TARDIAS **238**
4.6.1 – SENDO VIÚVO, TORNANDO-SE DONO DE CASA 245

PARTE III - DA ADAPTAÇÃO À VIDA SUBSEQÜENTE

CAPÍTULO 5 – SUPORTES NA ADAPTAÇÃO À VIDA SUBSEQÜENTE **251**

5.1 – AS REDES SOCIAIS COMO SISTEMAS DE SUPORTE **256**
5.1.1 - REDES SOCIAIS E AJUDA MÚTUA PELA TEORIA DA DÁDIVA 261

5.2 – REDES FAMILIAIS COMO SUPORTE **266**
5.2.1- SUPORTES PESSOAL-SOCIAL, DE SERVIÇOS E PESSOAL-EMOCIONAL 268
5.2.2 – SOBRE A EMPREGADA DOMÉSTICA 272

5.3 - REDES DE AMIZADES COMO SUPORTE **278**

5.4 – RELIGIOSIDADE COMO SUPORTE **285**

CAPÍTULO 6 - RECURSOS NA ADAPTAÇÃO À VIDA SUBSEQÜENTE **294**

6.1 - DOS FILHOS COMO RECURSO **297**
6.1.1 - DOS CUIDADOS DADOS AOS FILHOS 300
6.1.1.1 - A PATERNIDADE EM AÇÃO 302
6.1.2 - RECEBENDO SUPORTE DOS FILHOS 308

6.2 - DO TRABALHO COMO RECURSO **311**
6.2.1 - O TRABALHO COMO RECURSO 313

6.3 - NOVO RELACIONAMENTO AFETIVO-SEXUAL **319**
6.3.1 - RECASAR OU NÃO RECASAR, EIS A QUESTÃO 332
6.3.1.1 – RECASAR 332
6.3.1.2 – NÃO RECASAR 334

CAPÍTULO 7 – HOMEM NÃO CHORA: "AS MINHAS DORES, EU SUPORTO ELAS SOZINHO". **339**

7.1 - HOMEM NÃO CHORA? - SENTIMENTOS E EMOÇÕES **348**
7.1.1 - A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES 349

7.2 – DESESPERO. SOLIDÃO. SAUDADE. LIBERDADE **357**
7. 2.1 – DESESPERO 358
7.2.2 – SOLIDÃO 361
7.2.3 – SAUDADE 363
7.2.4 – LIBERDADE 365
7.2.5 - DA ENTREVISTA COMO DESABAFO E COMO COMPARTILHAMENTO 371

7.3 – POR UMA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES **375**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **380**

BIBLIOGRAFIA **393**

ANEXOS **409**

Improviso do Amor-Perfeito

Naquela nuvem, naquela,
Mando-te meu pensamento,
que Deus se ocupe do vento.

Os sonhos foram sonhados,
e o padecimento aceito.
E onde estás, Amor-Perfeito?

Imensos jardins da insônia,
de um olhar de despedida,
deram flor por toda a vida.

Ai de mim, que sobrevivo
sem o coração no peito.
E onde estás, Amor-Perfeito?

Longe, longe, atrás do oceano
que nos meus olhos se alteia,
entre pálpebras de areia...

Longe, longe... Deus te guarde
sobre o seu lado direito,
como eu te guardava do outro,
noite e dia, Amor-Perfeito.
(Cecília Meireles)

PARTE I

DO COMEÇO DESSA HISTÓRIA

Historia de un amor

Ya no estás más a mi lado corazón
En el alma sólo tengo soledad
Y si ya no puedo verte
Por qué Dios me hizo quererte
Para hacerme sufrir más?

Siempre fuiste la razón de mi existir
Adorarte para mi fue religión
Y en tus besos yo encontraba
El calor que me brindaban
El amor y la pasión.

Es la historia de un amor
Como no hay otra igual
Que me hizo comprender
Todo el bien todo el mal
Que le dió luz a mi vida
Apagándola después.
Ay, qué vida tan oscura
Sin tu amor no viviré.

(Carlos Amarán)

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Viuvez. Palavra que traz embutida uma ausência. Fenômeno que chega na vida de alguém[1] sem fazer parte, previamente, do seu projeto de vida, e que por isso tende a trazer modificações inesperadas e provavelmente nunca dantes imaginadas. Dentre todos os eventos traumáticos que ocorrem com as pessoas durante seu ciclo vital, aquele relacionado com a morte de alguém muito próximo afetivamente é talvez o mais traumático e o que deixa marcas mais profundas.

Embora todo mundo saiba que vai morrer um dia, isto não significa aceitar tranqüilamente a visita da morte, principalmente na época atual. Como diz o filósofo social inglês Anthony Giddens (2002: 150), "A morte continua a ser o grande fator extrínseco da existência humana; não pode ser trazida enquanto tal para dentro dos sistemas internamente referidos da modernidade". A despeito disso, mesmo que ela, primordialmente, seja negada na sociedade urbana complexa, todas as sociedades humanas experienciam a dor por morte: o que pode ser distinto - e muitas vezes é - é a forma de lidar com isso[2].

É a morte que inaugura a viuvez. Viuvez que pode significar desmoronamento de uma vida alicerçada num par; ou solidão, isolamento, tristeza; ou modificações no *ethos* e visão de mundo de alguém que vivencia/vivenciou a situação; ou quebra de um planejamento a dois a ser efetivado num futuro onde os filhos, se houvessem, estariam criados e as responsabilidades diminuídas; ou a impossibilidade de viver a maturidade e a velhice junto de alguém que se escolheu para trilhar o mesmo caminho na vida.

Mas a viuvez pode significar também liberdade e autonomia. Para homens e para mulheres. Como diz um dos viúvos entrevistados, é a liberdade de realizar suas próprias

[1] Antecipo que este "alguém" a quem me refiro explicitamente representa, primordialmente, pessoas pernambucanas de camadas médias, meu foco de estudo. Alguns autores consideram que a viuvez é vivenciada de forma distinta segundo fatores como classe social e gênero (Britto da Motta, 2002: 267).

[2] Na minha dissertação de mestrado, intitulada *Dor sofrimento, dor encantamento: retratos de vidas - ser viúva em camadas médias pernambucanas* (2003) discuto a questão da morte e do morrer em profundidade (referência completa na Bibliografia final.

manias, adquiridas no transcurso da vida, sem ter que negociar com alguém e/ou ou prestar contas a ninguém.

Para tentar deslindar as representações em torno da viuvez e os modos de reorganização de vidas de pessoas que estão ou estiveram nessa categoria, venho trabalhando esta problemática nos últimos anos, desde o curso de mestrado e continuando no doutorado. Primeiro, viuvez feminina. Agora, dou a vez a homens enviuvados de falarem sobre suas vivências. É isto que abordo neste texto. Mas antes de começar, quero refletir sobre o que é uma tese e para que ela é feita - pelo menos, esta minha.

PARA QUE SERVE UMA TESE?

Esta questão me vinha freqüentemente à cabeça enquanto escrevia estas linhas. Várias respostas poderiam ser elencadas. Em primeiro lugar, quando ela é oriunda das Ciências Sociais - como esta -, a resposta imediata e mais óbvia é a de que serve para ampliar o cabedal destas ciências enquanto contribuição ao conhecimento sócio-antropológico, buscando pela pesquisa científica entender como os fenômenos sociais se dão: como as coisas acontecem, como as pessoas agem, reagem e interagem, como o mundo visível se justifica.

Mas uma tese pode servir, também, para abrir possibilidades de mudanças nas condições de vida nas sociedades não apenas das pessoas estudadas, mas também de outros que potencialmente enfrentem a mesma situação que originou o problema investigado. É pela aplicação dos conhecimentos advindos da pesquisa e divulgados na tese que podemos transformar o mundo em que vivemos, melhorando a qualidade de vida e favorecendo a dignidade e a cidadania dos seres humanos.

Finalmente, uma tese - mais especificamente de base antropológica - serve para desvelar mundos encobertos, situados no mais recôndito das pessoas, aos quais talvez nunca tivéssemos acesso se não fosse pela pesquisa que a pressupõe. E este eu considero um ponto importante. Porque através do que é contado no encontro etnográfico é possível traduzir e entender posicionamentos, quebrar estereotipias, combater preconceitos, ou até confirmá-los.

Penso que essas três respostas se adeqüam a esta tese. Vejamos porque.

A primeira resposta vem da constatação de que os estudos sobre viuvez são ainda bastante escassos na literatura antropológica. E em relação à viuvez masculina a lacuna parece ser ainda maior. A socióloga baiana Alda Britto da Motta (2002) já argumentou que a viuvez "remete, sempre e de imediato, às mulheres - como se os homens não ficassem viúvos, também" (p. 264). Ainda mais, a maioria dos estudos sobre viúvos trata das condutas para recasamento, como apontou a socióloga norte-americana Helena Z. Lopata (1979; 1996) em alguns dos poucos, porém extensos, estudos sociológicos sobre viuvez feminina. Mesmo os avanços na investigação desse campo mostram que a maioria dos trabalhos se acha centrada, maciçamente, sobre pessoas idosas viúvas, e em responder questões de como lidar com a dor da separação, o que fazer pelos viúvos/as, os seus problemas de saúde e/ou as taxas de mortalidade que apresentam - quase sempre oriundos das áreas de Psicologia/Psiquiatria (Stroebe, Stroebe e Hansson, 1999; Py, 1999), de Medicina/Gerontologia (Doll, 1999; 2002), da Assistência Social/Psicologia (Moore e Stratton, 2003). Nestas obras, aspectos propriamente antropológicos passam ao largo. Dessa forma, um amplo campo de pesquisa pode ser assumido dentro da temática da viuvez entre homens, nestes tempos modernos de tendências para a compreensão e o estudo de masculinidades.

A segunda resposta dá margem a que, pela transformação das representações sociais vigentes, ocorram mudanças estruturais na sociedade estudada, de forma a favorecer a inclusão social de pessoas antes marginalizadas por preconceitos e estereótipos. Ao considerar a representação como elemento "que serve para agir sobre o mundo e o outro", e que conduz ao ajustamento [ou não] prático do sujeito a seu meio social (Jodelet, 2001: 28), infere-se que ela também pode ser "um fator de transformação social" (Bourdieu, 1982 *Apud* Jodelet, 2001: 25). Essa transformação é que, possivelmente, irá modificar as condições de vida geral dos grupos sociais, tanto de forma individual como coletiva.

E, por fim, a tese permite desvendar os mundos pessoais dos atores sociais, suas experiências de vida, seus sentimentos e emoções, suas próprias representações, através das narrativas passadas ao pesquisador. Daí que as histórias que exponho aqui são bem mais do que relatos tópicos de vida. Embora eu procure focá-las em determinados eventos, circunscritos no tempo e no espaço, elas contam bem mais do que isto. Fazem entrever construções de vidas, caminhos percorridos pelos informantes até o momento em que se sentam na minha frente para contar suas experiências. Eles voltam ao passado que viveram,

falando de suas famílias de origem e de como foram crescendo e se constituindo enquanto seres humanos pensantes e atuantes na sociedade; como entraram numa relação conjugal e viveram junto com suas parceiras, até que a morte os separou, independentemente dos intercursos que algumas vezes permearam esse viver junto; como se reorganizaram depois, num mundo que continua e no qual permaneceram vivendo; como, enfim, mudaram alguns valores antes norteadores de suas próprias vidas.

É sobre isso tudo que fala esta tese. Mas quero ainda aqui esclarecer como foi despertada a minha atenção para o tema-título deste trabalho. Meu interesse pela problemática da viuvez surgiu em 1999, através da experiência dolorosa que eu própria vivi, sentindo na pele os fenômenos sociais que permeiam a condição de viúva, em nosso meio. A partir daí são quase nove anos em que tenho me debruçado sobre a tanatologia e a questão da viuvez, entre outros assuntos que fazem parte do meu cotidiano de trabalho e estudos. Da minha pesquisa com viúvas de camadas médias pernambucanas, e com base nas análises dos depoimentos dessas mulheres enviuvadas e na literatura especializada, adotei a premissa de que a experiência vivenciada com a morte do cônjuge depende de como foi estruturada a vida em comum pelo casal, isto é, do nível de companheirismo e parceria, afetividade e reciprocidade que se desenvolveram em todos os âmbitos desse relacionamento.

Segundo Lopata (1996: 73) o impacto da viuvez sobre as mulheres vai depender de vários fatores: causa e circunstâncias da morte do marido, idade ao falecer, significação do casamento para a mulher, grau de envolvimento emocional com o marido, religião, etnicidade, raça, educação, status socioeconômico, saúde, composição da moradia, estilo de vida. Nos meus dados com viuvez feminina, no entanto, encontrei como elemento primordial para os sentimentos de sofrimento e tristeza (ou não) pela perda do marido, a relação afetivo-sexual do casal (Lago-Falcão, 2003: 112)[3]. Agora, para a viuvez masculina, considero esta assertiva como a hipótese inicial.

Além disso, tenho também como pressupostos, para o presente trabalho, que: 1) a viuvez é vivenciada de formas diferentes por homens e mulheres[4]; 2) as situações de liminaridade e estigma que imputo à viuvez feminina, confirmadas na análise e discussão dos meus dados da pesquisa anterior com viúvas, não estão presentes na viuvez masculina. Estas

[3] Outras informações e comparações entre as pesquisas de Lopata e minha podem ser encontradas na minha dissertação de mestrado, em exemplares depositados no PPGA-UFPE e na Biblioteca Central-UFPE.
[4] Este fato foi também sugerido por Britto da Motta (2002: 263), que confirmo nos meus dados.

idéias podem ser consideradas também hipóteses desta investigação que efetuei com homem enviuvados, cujos resultados apresento adiante.

Para levar em frente e contribuir com o conhecimento no campo que me propus estudar, agora tendo como foco o gênero masculino, pretendi buscar respostas para alguns questionamentos. Os homens que se vêem viúvos, o que pensam sobre tal condição? O que significa, para eles, a experiência de morte da esposa? Como encaram os rituais fúnebres? Vivenciam o luto? Se este acontece, de que forma acontece? Como experimentam e lidam com sentimentos e emoções? Lançam mão de suportes para continuar sua trajetória de vida? Que suportes são esses, e por quanto tempo são utilizados? Realmente buscam logo outro casamento? Se o fazem, por que o fazem? O que a sociedade espera que façam, como ajam, como vivam, como gerenciem a própria vida? Quais são, se existirem, as prescrições, explícitas ou implícitas, a eles atribuídas? Há proscrições (proibições e tabus) para viúvos? Investigar *se*, *como* ou *porque* isso acontece é o que estava embutido na minha proposta de trabalho de pesquisa.

Para dar conta do inquirido, como objetivo geral, propus investigar, a partir das narrativas de vida de homens de camadas médias urbanas, o processo de reorganização de vida, após a morte da esposa/companheira. Para atingi-lo, apoiei-me nos objetivos específicos: - descobrir as reações imediatas, mediatas e tardias dos homens que perderam a esposa/companheira; - caracterizar a ocorrência de eventuais mudanças nos modos de vida e nas relações sociais dos viúvos pesquisados; - identificar os meios de suporte econômico, de serviços, pessoal-social e pessoal-emocional utilizados; - investigar a existência (ou não) de prescrições sociais ligadas à viuvez masculina; - colaborar para o estudo das representações que regem o universo de homens e de mulheres que enviuvaram, em nosso meio.

Assim, penso que as contribuições que eventualmente esta tese pode trazer ao conhecimento científico vão inserir-se no campo específico dos estudos que visam entender o universo masculino, aqui acrescido de um olhar pela Antropologia das Emoções. Muitas das pesquisas sobre homens abordam a construção da identidade, a sexualidade, a família e o planejamento familiar, o processo reprodutivo biológico e a paternidade, as questões de gênero e o patriarcado, entre outros. A problemática da viuvez é primordialmente abordada na esteira das pesquisas com mulheres viúvas, e em geral, idosas. Os homens aparecem incidentalmente,

muitas vezes apenas como contra-ponto. É nesta lacuna que pretendo colaborar para a compreensão e a informação sobre as masculinidades, mas aqui restritas a homens que se declaram heterossexuais, oriundos ou pertencentes a camadas médias, escolarizados, empregados ativos e/ou aposentados, e educados no modelo em transição de família patriarcal brasileira.

Para a exposição de todos os conteúdos resultantes deste estudo, faço sua divisão em Introdução, sete Capítulos e Considerações Finais. No Capítulo 1, trago uma abordagem teórica da viuvez masculina, iniciando com uma breve discussão sobre a construção social da identidade do gênero masculino, seguida da visão histórica que acompanhou a viuvez masculina até os dias atuais.

Optei por colocar a Metodologia como segundo capítulo porque penso que, assim, fica mais pertinente acompanhar o percurso tomado na coleta de dados e as escolhas metodológicas que fiz. É uma descrição que vai ajudar a dar uma idéia geral do que vivenciei na pesquisa, e, feito dessa maneira, não deixa uma solução de continuidade quando os fenômenos observados em campo forem apresentados e discutidos. Além do mais, vou discutir o método *narrativa de vida* como um instrumento de coleta de dados que, acredito, tem muitas vantagens quando o pesquisador quer dar um mergulho nos processos sociais que permeiam as vidas das pessoas de uma determinada sociedade, ao mesmo tempo que são um testemunho do período histórico que elas vivem, mesmo que elas não se dêem conta disso. Eu reputo a narrativa como uma forma metodológica que talvez seja mais efetiva para vislumbrar a subjetividade do sujeito estudado, subjetividade esta enquanto ancorada nos processos sociais do contexto em ele está inserido; a narrativa de vida permite captar sensações e emoções modeladoras de comportamentos sociais que outros instrumentos não conseguem revelar.

O Capítulo 3 apresenta os atores das histórias com suas características sócio-demográficas, desde as informações sobre suas famílias de origem e processo de migração que algumas fizeram com o fim de trabalhar e/ou dar um melhor grau de escolaridade aos filhos, com pretensão a ascender socialmente. Incluo também o percurso matrimonial dos homens enviuvados, de modo a mostrar como as relações conjugais foram construídas, até o momento em que deixaram de existir, por morte da esposa. Isto é importante, na medida em que estou afirmando que a forma de encarar a viuvez é dependente do tipo de casamento que se viveu.

Discuto, no Capítulo 4, como os homens entrevistados lidaram com a doença da esposa, e como enfrentaram o cotidiano, transformando-se de marido-amante em marido-cuidador. O papel de provedor e chefe da família se intensificou, sendo assumidos mais deveres, à medida que a doença prolongada da esposa se agravava - desde o fato de não poder parar de trabalhar, porque era preciso continuar a sustentar a família e cumprir com as despesas da doença, até assumir tarefas domésticas. Ainda é discutido, neste mesmo capítulo, o percurso de sofrimento da esposa doente e sua repercussão no marido, sendo tal pesar muitas vezes não compartilhado com outras pessoas, fossem amigos ou parentes, em respeito ao desejo expresso dela, mas que trazia a esse esposo preocupação e muita solidão. O trajeto sofrido da doença, em muitos casos, era ainda mais incrementado pela desumanização com que médicos e planos de saúde tratavam essas pessoas que deles dependiam em momentos tão cruciais. Por fim, vou discorrer sobre o evento morte da esposa e a forma como foi vivenciado pelo informante, suas reações e providências tomadas, no momento do desenlace e no passar do tempo.

A partir daí, trago as formas utilizadas, pelos agora viúvos, na organização da vida subseqüente. Na composição do Capítulo 5, analiso os suportes que se mobilizaram no entorno e procuro relatar como se deu a participação da família extensa e, principalmente, o papel desempenhado por agregados, como a empregada doméstica, já existentes na casa ou que passaram a participar da formatação desse novo grupo doméstico, com a ausência daquela que era esposa, mãe e patroa. Além disso, é mostrado como se deu o engajamento da rede de amizades e outros grupos de relacionamentos sociais, que se mobilizaram muito em torno da família enlutada, pelo menos nos primeiros tempos pós-morte, particularmente os amigos mais próximos desses homens. Por fim, abordo a questão da religiosidade e/ou crenças professadas pelos informantes, que foram relatadas, pela maioria deles, como tendo uma relevância fundamental no lidar com a perda da esposa.

Os recursos impulsionadores dos viúvos estão expressos no Capítulo 6, sendo então colocada em destaque a criação/educação dos filhos pequenos, ponto de honra e compromisso assumido pela maioria junto ao leito mortuário da esposa ou, quando não assim, por uma espécie de lealdade transcendente à sua memória. Além disso, é discutido o exercício da paternidade, que passou a ser central nas vidas desses homens. Ver-se-á, também, o papel desempenhado pelo vínculo empregatício ou trabalho formal dos enviuvados, que desponta

como um fator básico no processo de adestramento da dor e reorganização do modo de vida. Ainda neste capítulo, abordo a questão do recasamento de alguns e os argumentos utilizados por outros para não entrarem em novo estado conjugal.

O Capítulo 7 vai mostrar o que os homens da pesquisa falam sobre seus sentimentos e emoções, com base nos depoimentos expressos. Alicerçada no pensamento do antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (1997a: 36), penso escapar do perigo da psicologização desses fatos imponderáveis para tratá-los como "coisas sociais" e assim poder discuti-los. Convém acrescentar que ao fazer isso não estou negando a subjetividade do informante, mas, muito ao contrário, estou submetendo-a à influência do social. Assim, na análise dos dados, constatei, por exemplo, que desespero, saudade, solidão aparecem com muita freqüência entre os enlutados, embora também uma sensação de liberdade tenha sido experimentada por alguns desses viúvos. Por outro lado, ainda nesse último capítulo, quero discutir a importância do estudo sistemático da Antropologia das Emoções, campo em franca expansão em centros de referência da ciência antropológica, como Estados Unidos e França, mas que precisa ser impulsionado nesse país chamado Brasil, cuja população está caracterizada como constituindo uma sociedade relacional, nos termos de DaMatta (1997a: 25; 1997b: 235).

As últimas páginas desta tese são ocupadas pelas Considerações Finais, que trazem as reflexões sobre tudo o que foi visto nestes percursos que as precederam; em seguida, refiro a Bibliografia e os Anexos

Enfim, as respostas que encontrei, bem como outros questionamentos que a pesquisa levantou - que é o que faz ampliar os campos do conhecimento humano - estão expostas nas páginas que se seguem. Espero que este texto seja capaz de desvelar as situações vividas pelos viúvos entrevistados, de captar toda a magnitude dos seus sentimentos e vivências, do ônus que freqüentemente a sociedade cobra frente à condição de homem. Espero, principalmente, ser capaz de lhes fazer justiça ao descrever e discutir o que significa ser viúvo para esses homens.

E, por fim, aproveitando estas linhas introdutórias, explicito que meu modo de explanar as idéias e/ou estruturar o texto pode ser visto, talvez, como pouco ortodoxo, do ponto de vista de uma tese acadêmica. Mas isso não é por acaso ou por descaso. Lembro sempre de uma

observação feita pelo antropólogo francês Louis Dumont (2000: 182-183), ao relembrar sua convivência com o sociólogo igualmente francês Marcel Mauss:

> Se Mauss sabia tudo, como tínhamos o costume de dizer, isso não o levava a explicações complicadas. Muito pelo contrário, era - e isso continua sendo uma dificuldade de monta com ele - que o seu conhecimento se revestia de uma forma tão real, tão pessoal, tão imediata, que assumia freqüentemente o aspecto enganador de declarações ditadas pelo senso comum. (...) sustento que Mauss recebera do céu a graça especial de ser um homem de campo sem sair de sua poltrona.

Sem ter a pretensão, por mínima ou mais longínqua que seja, de me comparar a Marcel Mauss, a motivação para colocar esta citação é apenas com o fim de lembrar que, se a academia está erigida sobre um terreno que busca desbravar novos conhecimentos, mas cujas verdades são sempre provisórias, a humildade deve ser companheira da expertise, senão corremos o risco de apenas alimentar a fogueira das vaidades pessoais, o que pode trazer muito prejuízo para o campo científico e o conhecimento humano. Um texto que não ultrapasse as fronteiras do academicismo e espraie o saber e o fazer para outros domínios é pertinente para o exercício puro da ciência, mas contribuirá pouco, na minha opinião, para a qualidade de vida da sociedade mais ampla, nos seus mais diversos âmbitos.

♥♥♥♥♥

CAPÍTULO 1

VIUVEZ MASCULINA

1. VIUVEZ MASCULINA

A viuvez, enquanto objeto de estudo, ainda é um tema pouco explorado pelos pesquisadores em todas as áreas do conhecimento científico. Esta questão me chama a atenção desde que pesquisei e escrevi sobre viuvez feminina. Como constatei na época, os trabalhos e publicações científicas sobre viuvez feminina eram escassos. Hoje tenho mais ou menos a mesma percepção em relação à viuvez masculina.

Estudos, pesquisas e obras relacionados ao saber sobre mulheres tiveram um crescimento intenso no século XX, impulsionados pelas lutas do movimento feminista em todo o mundo; isto tem favorecido a conquista da cidadania que durante séculos lhes foi negada, tornando-as, no presente, sujeitos de sua história. Embora ainda aquém de usufruir todos os privilégios e direitos sociais que são outorgados aos homens, as mulheres vêm modificando sua condição de *Outro*, no sentido dado por Simone de Beauvoir (1970: 10). E a literatura sócio-antropológica na temática de gênero feminino tem mostrado isso.

No entanto, o mesmo parece não acontecer em relação aos homens. Tidos e "sabidos" e reproduzidos como constituintes do gênero privilegiado na sociedade ocidental herdeira do patriarcado, pouco se pesquisou a seu respeito, e é principalmente nos anos 1990 - "a década da masculinidade", como chama Scott (2001b: 151) - que um conjunto considerável de estudos vem sendo produzido e divulgado na literatura especializada. Sem pretensão de aprofundar-me na abordagem de tais estudos, faço apenas uma passagem nesse terreno, visando apontar algumas noções que ajudem a basear a construção da identidade masculina e sua repercussão nos papéis que desempenha na sociedade, - aqui mais restrita ao contexto dos meus informantes. Isto servirá de preâmbulo para as discussões sobre a condição de viúvo, um outro papel que o homem eventualmente assume no transcurso da vida e talvez um dos poucos para os quais não haja planejamento. Além disso, vou apresentar, neste capítulo ainda, como a viuvez masculina é vista em diferentes períodos históricos, até chegar ao momento atual.

1.1 – DE COMO SER HOMEM NA SOCIEDADE COMPLEXA

No último século, houve grande impulso da pesquisa centrada nas descrições das diferenças nos papéis, comportamentos e atitudes de ser homem e ser mulher. Enquanto atributo "natural" e, assim, imutável - como se acreditava até relativamente pouco tempo atrás -, nascer homem ou nascer mulher traçou destinos, determinou vantagens e/ou desvantagens, segundo o indivíduo estivesse categorizado num ou noutro sexo biológico - inclusive de viver ou de morrer, como se via na viuvez e natalidade femininas em alguns países, até recentemente.

Contudo, o determinismo anatômico é contestado pelos cientistas sociais, nas últimas décadas, após séculos de dominação masculina em todos os âmbitos da vida humana e em todas as sociedades patriarcais, antigas ou modernas. Na cultura ocidental moderna urbana, com o ímpeto que tomou o movimento feminista e a elaboração do conceito de *gênero*, é apenas na segunda metade do século XX que os fatores sócio-culturais são assumidos como responsáveis pela persistência das idéias de subordinação feminina e ascendência masculina dentro do campo social. Aquele determinismo anatômico/natural foi demolido: é através do processo social de aquisição do gênero que os indivíduos se tornam homens ou mulheres (Vivas Mendoza, 1993: 29). O feminino e o masculino trazem representações transferidas de geração a geração pela reprodução social de símbolos, valores e significados que cada povo confere a cada sexo, dessa maneira legitimado no imaginário social. Penso que isto tudo fica claramente explicitado no argumento de Joan Scott (1996: 3), quando diz que

> O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as 'construções sociais': a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (p. 3; grifo da autora).

Por outro lado, Marcel Mauss (1974), no início do século passado, já assinalava que "a criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em

pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela" (p. 215). Aí esse autor se referia às *técnicas corporais* que o indivíduo apreende no curso da vida, resultado de uma educação que modela e expressa os modos que a comunidade, da qual ele faz parte, aprova ou rechaça nos atos cotidianos. Assim, para Mauss (1974), "talvez não exista 'maneira natural' no adulto" (p. 216; grifo do autor), isto é, os "hábitos" apresentam variações que são adstritas pelas sociedades, dentro de tempos históricos e contextos específicos, com os prestígios que conferem ao portador (p. 214). Como será visto adiante, o mesmo argumento pode servir para a expressão de sentimentos. De qualquer forma, sugere Mauss que fica inscrito no corpo - e também na mente - as modelagens traçadas pela cultura. Isto vale, certamente, para a construção do ser homem e ser mulher.

Dentro dessa perspectiva, e estendendo a assertiva para a dominação masculina, vem situar-se o pensamento de Pierre Bourdieu (2002), quando afirma que

> (...) a diferença *biológica* entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão sexual do trabalho. (p. 20; grifos do autor).

Dessa forma, ocorre a naturalização de uma construção social, que inscreve nos corpos as representações que geram "este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina" (Bourdieu, 2002: 33), resultando na incorporação ou "*somatização das relações sociais de dominação*" (p. 33, grifos do autor). Mas, de um jeito ou de outro, esse estado de coisas cobra seu preço. Pois, no caso dos homens, segundo ainda Bourdieu (2002), "a *virilidade*, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma *carga*" (p. 64; grifos do autor). E, complementando o argumento, ainda reforça:

> (...) é à custa, e ao final, de um extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua que as identidades distintivas, que a arbitrariedade cultural institui, se encarnam em *habitus* claramente diferenciados segundo o princípio de divisão dominante e capazes de perceber o mundo segundo este princípio (2002: 33-34).

Nesta mesma linha argumentativa, a cientista social feminista Heleieth Saffioti (1997) afirma que, desde que começou a trabalhar na área de gênero, tem observado que relações assimétricas e desiguais entre homens e mulheres resultam em prejuízos para ambos (p. 20). Em relação ao homem, a autora mostrou como "existem condutas impostas aos homens, que limitam extraordinariamente seu desenvolvimento" (p. 27). Algumas ações indicadas pela autora são tradicionalmente esperadas da figura masculina: "prover as necessidades da família (...) ter força, razão, coragem (...) inibir sua sensibilidade (...) disfarçar, inibir, sufocar sentimentos" (p. 25). E Saffioti (2000) continua:

> (...) eu sempre chamei a atenção das pessoas para o fato de que os homens são também mutilados pela sociedade. É duro ser homem, está muito difícil ser homem com esse desemprego brutal, está sendo bem difícil porque o papel de provedor é altamente definidor da virilidade. Então, se o homem está desempregado, ele tem esse sentimento gigantesco de impotência, e muitas vezes chega à impotência sexual mesmo. É muito difícil viver como homem nessa situação, tanto é que há homens se reunindo para fazer reflexão sobre a sua própria situação e sobre a situação das mulheres, para verificar o que eles podem desenvolver em si mesmos, tais como sensibilidade, permitir que as emoções desabrochem, viver as emoções (p. 29).

Portanto, as exigências da vida cotidiana podem tornar-se um fardo pesado para o homem carregar, e ele próprio se torna vítima da sociedade patriarcal que construiu. O *ethos* e a visão de mundo, de homens e de mulheres, ficam assim subordinados aos códigos sociais reproduzidos pela educação. Para o antropólogo português Miguel Vale de Almeida (1995: 84-85), a tradição favoreceu e institucionalizou uma forte conexão entre a racionalidade do homem e a sua identidade masculina, impondo-se aí o autocontrole da vida emocional, onde emoções, sentimentos e desejos seriam características femininas, mais próximas da natureza e de um modo de vida dos povos ditos primitivos, não permitidos aos homens.

Aqui no Brasil, a construção social da identidade de homens de camadas médias urbanas - estes, o meu foco de atenção -, foi estudada pela antropóloga Mirian Goldenberg (1991), entre alguns outros. Trabalhando questões de sexualidade e conjugalidade, a autora assinala que a manifestação da masculinidade apresenta alguns marcos de comportamento

mais tradicional (iniciação sexual com prostitutas, negação da homossexualidade, desejo de corresponder a expectativas sociais dos amigos e das mulheres), mas que se identificam mudanças, nessa mesma época, estabelecendo relações mais igualitárias no campo da afetividade e do relacionamento sexual (p. 57). Tudo isto eu encontro pincelado nos depoimentos de alguns dos meus informantes, embora não tenha aprofundado o tema por não ser diretamente meu foco de pesquisa.

Entretanto, as aludidas transformações não se dão de forma pronta e acabada. Porque a emergência de um novo paradigma[1] na ciência, não significa mudanças imediatas nem na sociedade científica, nem na sociedade civil, ainda que nesta última estejam sancionadas por legislação. Como já havia dito a historiadora francesa Michelle Perrot (1995), "os '*costumes*' se mostram mais fortes que a lei" (p. 93; grifo da autora). Ou, em outras palavras, o conhecimento de como um fenômeno se processa não implica que "seja mais fácil transformar as desigualdades no terreno do social, já que as manifestações da cultura hão provado ser tão ou mais difíceis de cambiar que os fenômenos da natureza" (Vivas Mendoza, 1993: 29)[2]. Desse modo, pode permanecer - e realmente permanece -, na nossa atualidade, a reprodução no cotidiano de modelos relacionais já completamente contestados nas Ciências Sociais. Assim é no que concerne à mulher, e também ao homem, pela replicação de preconceitos e estereótipos culturais, e ainda se vê, hoje em dia, tanto uma como outro tendo que corresponder a exigências que o grupo social faz do seu papel feminino ou masculino.

Nesse contexto, como se dá, para um homem, o lidar com uma situação de mudança em sua vida, com a morte da esposa? Porque parece necessário que o homem mantenha um estado de prontidão permanente para fazer jus a ser "um verdadeiro homem", como diz e espera o senso comum nas sociedades patriarcais, das quais a brasileira é herdeira. Em todas as situações, especialmente nas de crise, espera-se dele uma postura controlada e decidida, não havendo espaço para a emoção e o sentimento, sinais de "fraqueza", mais adequados à mulher, correspondente à idéia desta pertencer ao *sexo frágil.* Transportando essas idéias para situações

[1] Como demonstrado por Thomas Kuhn (1994: 126), um sentimento crescente da inadequação de um paradigma existente para explorar algum fenômeno inicia um processo que culmina numa revolução científica, a qual muda a convicção que se tinha até então do aspecto em questão. Para Kuhn, "O fracasso das regras existentes é o prelúdio para uma busca de novas regras" (p. 95). Foi exatamente isto que aconteceu nas relações homem-mulher, fazendo nascer e se desenvolver novos conceitos e idéias sobre ser mulher, desencadeando o movimento feminista no mundo ocidental, e a noção de gênero. Mas o ser homem era uma coisa dada, e só nos últimos anos é que vem sendo destinada a ele uma atenção mais específica. É neste espaço que se pretende inserir esta tese.

[2] Todas as traduções livres dos textos em línguas estrangeiras aqui referenciados foram feitas por esta pesquisadora.

no curso da vida que escapam do controle humano, como momentos de doença, morte, aflição, fragilidade, conflito, perda e dor, aponto percepções masculinas, captadas a partir da fala de homens que por elas passaram, no enfrentamento da viuvez, quando muitas dessas (e outras) questões se vêem refletidas nas maneiras que eventualmente utilizaram para o enfrentamento da condição.

Nessa perspectiva, eu vejo esta tese, volto a dizer, trazendo acréscimos aos estudos sobre masculinidades, especialmente na articulação de sentimentos em situações concretas, aqui relacionadas a eventuais perdas e/ou ganhos com a viuvez, na forma de lidar com momentos teoricamente traumáticos, como o enfrentamento da morte e dos rituais funerários, e na ressignificação/reorganização da vida, contribuindo para ampliar o conhecimento nesse grupo populacional, dentro do contexto social brasileiro. Para isso, é necessário entender um pouco mais de que homem é que se está falando. Vejamos, então, em rápida passagem, como os estudos sobre masculinidades vêm descortinando a situação dos homens no Ocidente urbanizado.

1.1.1 - A IDENTIDADE MASCULINA

A realidade do mundo em que vivemos é em grande parte uma construção social. Os sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann (1998) mostram que a socialização primária dos seres humanos resulta da assimilação de um modelo de mundo único, que é aprovado e repassado para a criança pelas pessoas que lhe são significativas, e em virtude desta socialização é que ela se torna membro da sociedade (p. 175). É assim que o indivíduo não somente absorve os papéis e atitudes dos outros, mas, nesse mesmo processo, assume um mundo social específico (p. 177). "Receber uma identidade implica na atribuição de um lugar específico no mundo" (p. 178), isto é, os esquemas motivacionais e interpretativos que o constituem são interiorizados com seus valores institucionais já estipulados, marcando as condutas sociais. Assim também se incorporam as identidades masculina ou feminina, com todos os significados (ônus e bônus) que a sociedade lhes confere. As reações dos indivíduos às injunções desfavoráveis que a biologia imputa são racionalidades adquiridas com a socialização secundária, nem sempre reconhecidas e/ou assumidas por todos os incluídos naquela categorização biológica. Isto foi percebido pelo movimento feminista, por exemplo,

tornado-se a base para a luta pela conquista de direitos de igualdade social ao sexo masculino. É possível constatar o que estou falando, entre outros meios, pela abordagem histórica dos costumes, como descreveu o historiador francês Philippe Ariès[3] (1981).

No Brasil, a historiografia também dá o seu testemunho da construção social da identidade pessoal e social dos seus habitantes. O sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, já em 1933, descrevia, em seu *Casa grande e senzala*, os costumes que orientavam a sociedade brasileira pré-capitalista, reproduzidos na educação das crianças. Contudo, a abordagem feita pelo psicanalista brasileiro Jurandir Freire Costa (2004) me chama a atenção pelo fato de que grande parte dessa construção tenha sido ancorada no poder médico, em fase de consolidação no início da formação do Estado nacional. Ao estudar o desenvolvimento das normas familiais no Brasil, esse autor apresenta uma análise interessante sobre a desconstrução da figura masculina patriarcal em prol de uma reconstrução da família baseada em pais jovens e não aparentados, modelo recomendado pelos médicos higienistas no início da República. Isto ecoou numa redução do poder do pai e num valor ampliado da mulher e da criança, indo de encontro ao absolutismo paterno (p. 225), e incrementando o aburguesamento geral da sociedade brasileira pelo estímulo a casamentos onde a hereditariedade saudável substituía a herança dotal. Ao pai cabia a responsabilidade pela proteção material da família, especialmente voltada para a criança; à mãe, a autonomia na criação e educação infantil, no reduto do lar; a ambos, gerar e gerir crianças saudáveis para o bem da nação e da humanidade (p. 170). Essas idéias que a medicina higiênica prescrevia estão concordantes com o pensamento do filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel (2001: 35), na época, sobre a finalidade da família, enquanto produtora de uma prole saudável: tratava-se do modelo europeu civilizado fazendo sua entrada na formação, principalmente, das camadas médias brasileiras.

Esta nova forma de casal disciplinado (Costa, 2004: 226) tinha como ganho pessoal os "favores afetivos e sexuais", isto é, o amor romântico deveria desenvolver-se no lugar do casamento por conveniências políticas e/ou econômicas. Em seu nome, regulavam-se os novos

[3] A História, através de Ariès (1981), mostra que o sentimento de infância se instala definitivamente na consciência coletiva da sociedade ocidental, no final do século XVII (p. 54), pautando o modelo moderno de família. Vale dizer, porém, que essa valorização da infância é, durante muito tempo, restrita aos meninos, sendo claramente percebida, segundo Ariès, pela evolução nos trajes de vestir e na entrada na escola, particularmente nas famílias burguesas e nobres (p. 81). As meninas tiveram desenvolvimento desses costumes tardia e lentamente, havendo "esse atraso das mulheres em adotar as formas visíveis da civilização moderna, essencialmente masculina" (Ariès, 1981: 81).

papéis sociais do homem e da mulher no casamento, e os sentimentos e disposições sociais de maneira geral. Da mulher, falava-se na fragilidade física, na delicadeza e debilidade de sua constituição moral, criando ou mantendo estereótipos correntes; do homem, a "força" e o "vigor" migravam do corpo físico ao moral, "marcando os traços sócio-sentimentais da personalidade do homem" (Costa, 2004: 235). Os doces sentimentos inerentes à mulher tornavam-na esposa, amante e mãe, suportando com animação e alegria os maiores sacrifícios em prol da família, especialmente os filhos; ao homem, competia a chefia da família, seu sustento e exemplo de virtude e respeito (Costa, 2004: 238-239).

E ainda houve mais. Segundo Costa, o homem brasileiro burguês de camadas médias que substitui o patriarca colonial se vê contemplado com o machismo:

> Ser homem, segundo os médicos, importava em ser mais sensual e menos amoroso; mais racional e menos sentimental; mais inteligente e menos afetivo, etc.; (...) cuidar do corpo e do sexo; (...) conservar uma das antigas propriedades, a mulher. (...) Foi-lhe dado o direito de concentrar sobre a mulher toda a carga de dominação antes distribuída sobre o grupo familiar e demais dependentes da propriedade. (...) Profundamente convencido de que o verdadeiro homem era dono da mulher e fiscal dos filhos, o machista tornava-se um ciumento guardião da moral higiênica. (...) Através do cuidado amoroso com os filhos, transmitia todos os valores do *ethos* burguês. A sofreguidão com que se agarrava a um dos seus únicos trunfos sociais, a potência sexual, fazia com que no contato com os filhos, hipervalorizasse todos os atributos relativos à força do corpo e ao pleno funcionamento do sexo. (...) [assim] eram construídos todos os preconceitos chauvinistas, "classistas" e racistas. (2004: 251 e ss.).

Dessa forma, na perspectiva do autor citado, o machismo substitui o patriarcado - a dominação muda de nome e de forma - e novas representações são introduzidas na sociedade brasileira mais ampla, caracterizando os desempenhos do homem e da mulher, do pai e da mãe, com repercussões até hoje. Todos esses argumentos mostram aspectos do processo de construção social, também, de adjetivações ao ser homem e ser mulher em termos de inferioridade e superioridade, dentro da sociedade. Retomando Saffioti (1997), diz a autora:

> Logo, a *construção social da supremacia masculina* exige a *construção social da subordinação feminina*. Mulher dócil é a contrapartida de homem *macho*. Mulher frágil é a contraparte de *macho forte*. Mulher

> emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do *macho superior* (p. 29; grifos da autora).

Este estado de coisas vai sendo transformado com as mudanças históricas capitaneadas pelos movimentos sociais mundiais do século XX. Mas permanecem vestígios mais ou menos enraizados nesse passado, com reflexos no presente, responsáveis pelas desigualdades sociais remanescentes entre homens e mulheres, que repercutem também na vivência da viuvez. Por sua vez, os estudos sobre a masculinidade estão em franca ascensão. Vejamos algumas posições teóricas a este respeito.

1.1.2 - MASCULINIDADES

A introdução do conceito de *gênero*, nas Ciências Sociais, veio modificar radicalmente a essencialização que se atribuía à biologia na determinação das categorias homem e mulher. "Gênero representa um sistema vivo de relações sociais, não se tratando de conteúdos de caixas fechadas, impermeáveis aos processos que nelas se passam" (Connell, 2000: 1). Segundo Joan Scott (1996: 1), a palavra "gênero" foi inicialmente empregada por feministas americanas, no sentido de uma maneira de se referir à organização social das relações entre os sexos, situada no tempo e no espaço. Para essa autora, "homem" e "mulher" são ao mesmo tempo "categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas" (Scott, 1996: 15). Além disso, o estudo do gênero vem mostrar que o que afeta a posição social de um sexo afeta o outro. Daí que o estudo de um não é excludente, porém mesmo necessário, para o conhecimento e mudança do outro. Por isso,

> O alcance da igualdade de gênero não é possível sem mudanças nas vidas dos homens tanto quanto nas das mulheres. Esforços para incorporar uma perspectiva de gênero no pensamento sobre desenvolvimento requerem mais do que um foco nas mulheres, embora seja vital; o que é também necessário é um foco nos homens (Greig, Kimmel & Lang, 2000: 1).

Por outro lado, o conceito de gênero veio mostrar ainda as relações de poder que estão aí embutidas. Uma conseqüência imediata disso é perceber que esse conceito trata não apenas das relações homem - mulher. As circunstâncias sociais que legitimam e sustentam o poder dos homens sobre as mulheres também mostram as mesmas relações dentro de grupos de homens e de grupos de mulheres.

A constatação desses fenômenos fez explodir as pesquisas de gênero no mundo todo, inicialmente através das mulheres, enquanto vítimas de histórica dominação masculina, configurando as bases teóricas dos movimentos feministas. Pesquisas, tendo como objeto de investigação os homens, vieram acontecer, numa maior ênfase, nos anos finais do século XX e têm progredido no Ocidente contemporâneo urbano. Dentre os pesquisadores que se têm destacado na temática da masculinidade, vou limitar-me a apresentar, em linhas gerais, algumas abordagens de Matthew Gutmann e Michael Kimmel, dos Estados Unidos; R. Connell, da Austrália; e Miguel Vale de Almeida, de Portugal.

1.1.2.1 - MASCULINIDADE OU MASCULINIDADES?

Para diversos investigadores que vêm trabalhando com gênero, na perspectiva dos homens, há uma tendência de empregar o termo masculinidade no plural. Eles defendem que a forma singular é reducionista, visto que não existe apenas uma masculinidade, e sua construção se apresenta de diversas maneiras. O argumento básico é que

> Em cada cultura existem mecanismos e códigos aprendidos que explicam as múltiplas formas de ser homens e, portanto, permitem a formação de diferentes ideologias das masculinidades. Seu desenvolvimento consolida a identidade masculina de cada povo, com uma cultura própria que determina aos homens em suas relações sociais. *Há muitos modos de ser homens*. (Molina & Mosquera, 2003: 3; grifos dos autores).

Contudo, a pluralização do termo *masculinidade* ultrapassa a afirmação de que há muitos modos de ser homem, pois ela também expõe as conexões de poder e resistência entre

as diferentes formas de masculinidade. Isto é significativo para trabalhar as desigualdades de gênero em todas as esferas da hierarquia das opressões, e não apenas em termos de identidade masculina, sendo inclusiva do relacionamento entre indivíduos específicos (Greig, Kimmel & Lang, 2000: 7), conforme classes sociais e/ou etnias.

O antropólogo americano Matthew Gutmann (1997), em seu artigo *Trafficking in men: The Anthropology of Masculinity*, coloca em debate algumas questões básicas nessa temática, a partir de revisão de estudos realizados nas Ciências Sociais, abrindo um espaço importante para reflexão. Vou apresentar alguns trechos desse texto de Gutmann, enfatizando o que tangencia os dados colhidos dos meus informantes, e incluindo, eventualmente, alguns comentários meus.

O autor inicia com o argumento de que a disciplina é feita por homens falando para homens acerca de homens, mas que a percepção destes enquanto seres masculinos nunca foi muito levada em conta: eles eram considerados informantes. Hoje isto mudou, e o engendramento de homens enquanto sujeitos é a base para uma Antropologia da masculinidade.

Revendo o percurso histórico do conhecimento antropológico, e focando o olhar especificamente sobre a questão da sexualidade/gênero, Gutmann nos remete a autores clássicos, como Margareth Mead e Bronislaw Malinowski. Aparentemente, é com Margaret Mead que se iniciam as pesquisas sobre gênero. O livro *Sexo e temperamento* é um dos primeiros textos antropológicos que mostra diferenças comportamentais de homens e mulheres em sociedades dadas, e resultou de pesquisa de Mead[4], nos anos iniciais da década 1930, na Nova Guiné. A partir da descrição de comportamentos e atitudes de comunidades polinésias, ela mostra como os papéis sexuais e todo o cortejo de privilégios e obrigações deles resultantes, são, antes de tudo, culturalmente determinados e socialmente reproduzidos na

[4] Estudando três sociedades tribais, a autora mostra que aquelas diferenças são socialmente construídas, nada tendo a ver com a constituição anatômica das pessoas: "Cada uma dessas tribos dispunha, como toda sociedade humana, do ponto de diferença de sexo para empregar como tema na trama da vida social, que cada um desses três povos desenvolveu de forma diferente" (Mead, 1999: 22). Afirma ainda essa antropóloga americana que a coerção exercida com a finalidade de levar alguém a se comportar como membro de seu próprio sexo converte-se num dos mais fortes instrumentos que a sociedade usa para moldar a criança nas formas aceitas (p. 282). Trazendo a argumentação para a sociedade americana ou européia moderna, Mead observa, também, que tal coerção atua para impor detalhes de rotina educacional e asseio, maneiras de sentar e descansar, idéias de esportividade e honestidade, padrões de expressão de emoções e uma multidão de outros pontos nos quais se reconhecem as diferenças de sexo socialmente definidas (p. 283).

educação das crianças - o que Mauss referiu como aprendizado de técnicas corporais, referenciado antes. Esse texto de Mead termina com um apelo para que a sociedade não sacrifique os padrões de diversidade que existem no seu interior: para se alcançar uma cultura mais rica em valores contrastantes, "cumpre reconhecer toda a gama das potencialidades humanas e tecer assim uma estrutura social menos arbitrária, na qual cada dote humano diferente encontrará um lugar adequado" (1999: 303). Assim, Margareth Mead anunciava, há muitas décadas atrás, o que hoje, parece-me, é a grande meta dos estudos de gênero para os seres humanos, em geral.

Bronislaw Malinowski, outro autor clássico da Antropologia, em seu estudo[5] nas Ilhas Trobriand, descreve uma sociedade matrilinear que organiza as relações homem-mulher de forma muito diversa daquela da sociedade ocidental da sua época. As explicações que reserva para seus estudos sobre culturas nativas, enquanto fundador do Funcionalismo, referem-se à capacidade de satisfazer as necessidades biológicas humanas, dando como necessidades básicas àquelas orientadas à nutrição, procriação, proteção, etc. - o impulso sexual respondia, assim, a uma necessidade física universal, mas obedecia a imperativos sociais. De qualquer forma, Malinowski está entre os primeiros antropólogos a estudar e descrever de maneira bastante explícita a vida sexual de um povo, "numa época ainda marcada por muitos resquícios de puritanismo vitoriano" (Durham, 1978: XIX). Além disso, também antecipa a noção de paternidade como algo socialmente construído.

Retomo Gutmann. O autor traz a idéia de que as masculinidades têm a "cara" das áreas geográficas onde os povos se localizam. Ele chama isto de *economia cultural da masculinidade*, reportando-se às atribuições com que determinadas culturas caracterizam os homens (e as mulheres, por oposição) - como latinos, muçulmanos, etc. Outros pontos de investigação do mesmo autor são: - usos do corpo masculino, especialmente nos desdobramentos da crença cultural da equivalência entre a sexualidade masculina e os impulsos incontroláveis (2004: 5); - relações de poder e emprego das diversas formas de

[5] Sua pesquisa se dá no primeiro quartel do século XX, e mostra as relações homem - mulher pautadas, pelo menos, nos seguintes pontos: - quanto aos desejos e impulsos sexuais, com muita liberalidade sexual das mulheres solteiras, e uma certa tolerância à infidelidade conjugal; - quanto à autoridade masculina sobre a família - centrada na figura de outros homens da linhagem materna e não no pai - o que suscita, no autor, questionamentos sobre o Complexo de Édipo, como informado por S. Freud; para Malinowski, o mito grego representa a autoridade paterna como algo socialmente adquirido, e não biologicamente herdado; - quanto à negação da paternidade social e ignorância da paternidade fisiológica, achando os nativos que as fêmeas (tanto humanas como animais) procriam independentemente das relações sexuais (Durham, 1978: XIX).

violência contra mulheres, mas também contra outros homens em posições tidas como subalternas.

Dentro da economia cultural da masculinidade de Gutmann, está colocada a questão da divisão sexual do trabalho, e ele cita a participação de Émile Durkheim[6] (1998; 2004), como um dos primeiros sociólogos a se referir a esta questão, no seu livro *Da divisão do trabalho social*. Os sentimentos amorosos que ligam o casal nasceriam com a emergência da solidariedade necessária para manter coesa e complementar a união, solidariedade esta que se concretizaria pela divisão sexual do trabalho. Em Durkheim, a complementariedade é que torna a sociedade conjugal estável, e tal estabilidade decorre da monopolização das funções afetivas pela mulher e das funções intelectuais pelo homem. Essa posição bem dicotômica e polar é coerente com o pensamento evolucionista do autor, que também reflete a época patriarcal e de acreditação da superioridade masculina. De qualquer forma, suas observações são pertinentes no sentido de insinuar o caráter social destas atribuições, num momento em que a Sociologia/Antropologia estava dando os seus primeiros passos enquanto ciência.

Outro ponto da revisão de Gutmann incide sobre parentesco e casamento, bem como paternagem e cuidados com os filhos. Uma abordagem que me parece interessante é a respeito da matrifocalidade, cujo debate é referido em relação à América Latina. Esse conceito apresenta uma delimitação clara do poder dos homens nas famílias, através da centralização nas mulheres; isto não significa que os homens são fracos, mas que há diferentes maneiras de se construir a masculinidade. Aqui no Brasil, Scott (1990) estudou a matrifocalidade em camadas pobres, trazendo contribuições importantes ao debate. Esclarece o autor que este termo "identifica uma complexa teia de relações montadas a partir do grupo doméstico onde, mesmo na presença do homem na casa, é favorecido o lado feminino do grupo" (p. 39), de modo que o papel de mãe se destaca e torna-se o eixo da formação das relações familiais no espaço privado, mas ao mesmo tempo não nega as operações masculinas que aí se

[6] Para Durkheim, a função da divisão do trabalho é criar entre duas ou mais pessoas um sentimento de solidariedade cujo efeito moral seria de maior monta que os serviços econômicos proporcionados; e toma a história da sociedade conjugal como um dos exemplos mais notáveis desse fenômeno. Para o autor, a divisão das tarefas entre esposo e esposa é a fonte da solidariedade conjugal: "Fazei retroceder a divisão sexual do trabalho até um certo ponto e a sociedade conjugal tende a desaparecer, para subsistirem apenas as relações sexuais efêmeras; se os próprios sexos não se tivessem separado inteiramente, toda uma forma de vida social deixaria de nascer" (1998: 64; 2004: 27). Mas, para que a sociedade conjugal se estabeleça é preciso que os dois seres que a constituem sejam mutuamente dependentes, pois ambos são incompletos, e "a imagem daquilo que nos completa torna-se, em nós mesmos, inseparável da nossa, não somente porque ela está freqüentemente associada, mas sobretudo porque é o seu complemento natural" (1998: 65; 2004: 28).

desenvolvem também. Uma das constatações feitas por Scott é que no ambiente doméstico, a divisão do trabalho cria representações e experiências sistematicamente diversas para homens e mulheres, e falar da casa sem dividi-la nessas representações e experiências "certamente esconde as reais diferenças das estratégias de vida montadas em cima da variável de gênero" (p. 41). Tais estratégias de interação, finalmente, favorecem a manutenção do grupo familial, onde a mulher é representada como controladora em sua casa e o homem tendo controle sobre esta (p. 46), elementos de valor não desprezível na sociedade brasileira nordestina.

A questão da matrifocalidade aparece claramente em alguns dos meus informantes[7]. Roberto (E01: 49) mencionou que uma filha, com quem mora, é que faz a feira para abastecer a casa, organizando seus próprios compromissos para cumprir aquela tarefa que considera sua, desde que a esposa/mãe faleceu. Para Roberto isto ocorre porque isso confere à filha "um símbolo de poder" do qual ela não abre mão. Outros viúvos falam sobre a reconfiguração do ambiente da casa, desde nova arrumação de móveis até a elaboração de planilha de despesas, de modo que as coisas sejam feitas "do meu jeito" e que "não preciso negociar nada com ninguém". Essas colocações emitidas por alguns informantes fazem pressupor que havia um outro jeito de fazer as coisas, quando a esposa era viva. Ressalto que, mesmo com perspectivas mais igualitárias para os seus casamentos, como os homens entrevistados colocam, o espaço do lar ainda é tido como gerenciado pelas esposas, tarefa que eles só assumem após a morte delas. Não penso que esta atitude ocorra apenas por comodismo dos homens - é claro que isto se verifica também - mas por ser um marcador do poder da mulher no espaço doméstico, que o marido reconhece, respeita e é solidário. Talvez seja dessa maneira que esses maridos de camadas médias intelectualizadas vejam o nivelamento de poder: se no espaço da rua ainda não se deu ou é mais lenta a conquista de privilégios igualitários para ambos os sexos, no espaço da casa isto já se consegue. Ver-se-ão outros exemplos no correr deste texto. Assim, parece-me que essa assunção, pelos maridos e pelas mulheres, faz parte das estratégias de que fala Scott, dentro da perspectiva da matrifocalidade, para a manutenção e harmonia do grupo doméstico.

[7] Introduzo, já aqui, a percepção de meus informantes, antes de apresentá-los formalmente (o que é feito no Capítulo 3) porque quero justificar/exemplificar minhas opções teóricas e metodológicas a partir dos próprios entrevistados, ou, em outras palavras, uma fundamentação teórica só tem sentido na medida em que embasa a pesquisa, seja para dar consistência, seja para se contrapor à análise de dados obtidos no campo, e que nesta tese são explicitados nas falas dos pesquisados.

Retomando Gutmann (1997), diz este autor que em diversas regiões do mundo as pesquisas têm procurado investigar os significados da paternidade e práticas concernentes, algumas ancoradas em parâmetros biológicos. A experiência do autor com população mexicana rural, conclui que, para grande parte de homens e mulheres, uma "ativa, persistente e prolongada paternagem é um elemento crucial no que significa ser um homem e o que fazem os homens" (p. 393). Na minha pesquisa este papel de pai foi demonstrado e afirmado com uma força impressionante, o que detalho no Capítulo 6.

Ainda dentro da economia cultural da masculinidade, Gutmann apresenta as relações dos homens com sua rede de amigos, como caráter de *homossociabilidade*[8]. Essas redes se desenvolvem em espaços que aceitam comportamentos que denotem uma certa cumplicidade/solidariedade entre homens, com demonstrações explícitas de afetuoso carinho. Este aspecto foi também importante nos suportes aos viúvos, o que mostro adiante, no Capítulo 5.

Por fim, as relações de poder são outro tópico no artigo de Gutmann (1997), que aponta as desigualdades não apenas entre homens e mulheres, mas entre homens e outros homens. Aqui se apresenta a idéia de masculinidade hegemônica e masculinidades subalternas, que serão mais abordadas adiante. Enfim, emergem estudos sobre questões subjetivas dos homens, que procuram rever as idéias veiculadas sobre as formas de violência a eles vinculadas, sejam por guerras, agressões em casa ou na rua, morbimortalidade juvenil, etc. De uma maneira geral, esses são os pontos que Gutmann destaca em seu já clássico artigo.

Outros autores vêm trabalhando em muitas das áreas apontadas aqui. O principal traço de união desses estudos vem referir-se à questão do gênero enquanto relações sociais entre seres humanos, que implicam contatos interpessoais nas lides cotidianas. Neste campo, emerge o conceito de masculinidade hegemônica, tratada pelos três autores que abordo a seguir.

[8] Este termo foi cunhado por Sedgwick (1985), ou seja, relações sociais de amizade e convivência marcadamente masculinas, com espaços acessíveis estritamente a eles, em várias sociedades - tipo "menina não entra", o que me lembra *Luluzinha*, uma revista muito lida na infância da minha geração, onde havia o Clube do Bolinha, instituição completamente interditado às garotas, que faziam muitas peripécias na tentativa de "descobrir" o que se falava e se passava lá dentro, sem nunca conseguirem satisfazer a curiosidade. Pois bem, existem muitas casas secretas dos homens em comunidades "primitivas" - onde rapazes em iniciação aprendem e homens adultos desenvolvem a sociabilidade dentro do grupo masculino -, semelhantes àqueles reservados às partidas de futebol, aos cafés ou bares restritos aos homens, etc., nas nossas sociedades, espaços estes cujas delimitações estão sendo crescentemente demolidas.

Começo pelo sociólogo norte-americano Michael Kimmel (1998), que desenvolve o seu trabalho frente à sua própria sociedade, e traz como pressupostos teóricos para as masculinidades: - que são construtos sociais e não conseqüências de propriedades míticas ou biológicas, essencialistas *ad eternum*; - que são construídas simultaneamente em campos inter-relacionais de poder, sejam as desigualdades de gênero homem - mulher (sexismo), sejam as desigualdades topográficas de raça, grupos étnicos, escolhas sexuais, idades (homofobias); - que essas relações de poder são algo invisíveis para os homens que delas desfrutam como privilégios, mas são captadas pelos que estão subjugados (p.105). Nestas perspectivas, para o autor, as masculinidades vêm envolvidas por muitas influências: variam com as culturas; dentro de uma mesma cultura, mudam em certos períodos de tempo e com os locais potenciais de identidade; variam também no decorrer da vida de qualquer homem individual.

Por isso tudo, Kimmel diz que a noção de masculinidade abarca "um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança", ou seja, o uso do termo no plural reconhece que "masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos" (1998: 106). Mas a sociedade mais ampla ainda não admite isto, elegendo e valorizando padronizações estanques e, assim, fomentando o surgimento de indivíduos verdadeiramente estigmatizados entre aqueles que não se enquadram nas normas delineadas pela cultura, com todo o cortejo de problemática que E. Goffman (1988)[9] tão bem estudou, e que auxilia no entendimento das masculinidades hegemônica e subalternas.

Kimmel (1998: 113) refere que a masculinidade hegemônica americana bem sucedida é expressa através da desvalorização de outras formas de masculinidade, de modo que o hegemônico é oposto ao subalterno, na criação do outro. Esse sociólogo elenca as categorias tidas como subalternas, nos Estados Unidos, desde o período colonial até a atualidade:

[9] Segundo Goffman, algumas expectativas normativas tomam a forma mesma de ideais e são adotadas como modelos para o grupo social. O autor exemplifica seu argumento com a perspectiva exigida para o homem norte-americano ideal, que é "ser jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com um sucesso recente nos esportes" (p. 139). Esta é a imagem que ratifica a propalada importância da competição, do sucesso econômico e do culto estético a corpo de manequim ou modelo fotográfico, numa sociedade moderna ocidental, pautada na mitologia euforizante e hedonista de que trata Edgar Morin (2007). Goffman avalia que qualquer pessoa pode se sentir inferior, indigna ou incompleta - isto é, desviante do modelo preconizado - se não corresponde a qualquer daqueles atributos. No entanto, penso que muito dificilmente alguém consegue preencher todos os requisitos apontados, o que pode conduzir a um estado permanente de insatisfação e infelicidade, resultando em sofrimento pessoal e inadaptação social. A masculinidade hegemônica busca o mesmo ideal na virilidade, e os homens que aí não se enquadram são os que se sentem subalternos, até certo ponto semelhantes aos *destoantes* de Goffman (1988: 151).

escravos negros e indígenas, classes trabalhadoras, minorias étnicas e imigrantes, homossexuais e mulheres. A hegemonia masculina foi construída de maneira relacional por homens que precisavam conferir masculinidade a si mesmos, tornando duvidosas e desprezíveis outras versões do que significa ser homem (p. 116).

Outro estudioso em masculinidades é o australiano R. W. Connell (1997; 2005). Seu trabalho enfoca, em grande parte, a análise contemporânea das relações de gênero. Ele se propõe a discutir os tipos de masculinidade, visando compreender as dinâmicas de mudança do conceito. Este é referido como um produto histórico recente, que aparece no gênero, dentro de uma forma culturalmente específica para sociedades euro-americanas. A construção ativa da masculinidade é apontada por Connell como existindo dentro da atuação das pessoas, em padrões de prática social. Mas esses padrões não são homogêneos, mostrando uma complexidade interna como foi exposto tanto pela psicanálise como pela etnografia, que mostraram lógicas e desejos contraditórios internos aos homens. Assim, masculinidades podem ter múltiplas possibilidades ocultas dentro delas (2000: 5). Isto também permite deduzir que as masculinidades são aptas para mudar, que elas podem ser decompostas, contestadas e substituídas, desenvolvendo-se como movimentos conscientes e deliberados.

Segundo Connell (1997: 31 e ss), quatro enfoques[10] são adotados para caracterizar o tipo de pessoa que se considera masculina: essencialista, positivista, normativo e semiótico. Deslocando-se desses enfoques, Connell (1997: 35) considera que o debate precisa centrar-se nos processos e relações por meio dos quais os homens e as mulheres levam suas vidas imbuídas no gênero. A estrutura de gênero, como entendida por Connell, comporta três dimensões. A primeira constitui as relações de poder, cujo eixo principal no sistema de gênero europeu/americano contemporâneo é a subordinação geral das mulheres e a dominação dos homens, denominada patriarcado, amplamente discutido no movimento feminista. A segunda dimensão relaciona-se com as relações de produção, na divisão sexual do trabalho, assinaladas por desempenho de tarefas, sejam domésticas ou em esfera pública. A maior parte dos cargos de chefia, a defasagem salarial, os dividendos auferidos, tudo é revertido em benefício dos homens, que acumulam o controle das principais corporações e das fortunas privadas, no

[10] Para as definições e discussões de Connell (1997) sobre estes enfoques, deve ser consultado o texto indicado na bibliografia, no final deste texto.

sistema capitalista (p. 37). A terceira dimensão assinalada por Connell (p. 37), é a *cathexis* (vinculo emocional), que representa a energia emocional ligada a um objeto, considerando-se a teoria freudiana. Para esse sociólogo, esta conexão mostra o caráter de gênero que está embutido no prazer sexual: as práticas que conduzem à satisfação do desejo sexual são da ordem do gênero, pois as relações, sendo coercivas ou consensuais, refletem o prazer igualmente dado e recebido, ou não.

Embora constantemente se referindo aos corpos e ao que os corpos fazem, o gênero não é uma prática social reduzida à biologia. Ele é um processo em que se configuram práticas sociais da vida cotidiana, sendo estas desenvolvidas no que Connell (1997: 35) nomeia de "cenário reprodutivo"[11]. Tal visão dinâmica da prática, afirma o autor, permite a compreensão da masculinidade e da feminilidade como *projetos de gênero* (p. 36).

Um ponto importante, para Connell, está nas relações de poder institucionalizadas, tanto sobre mulheres quanto sobre homens. Penso que isto fica bastante claro na assertiva do sociólogo francês Daniel Welzer-Lang (2001: 466):

> Mesmo sendo um homem, um dominante, todo homem está também submetido às hierarquias masculinas. Nem todos os homens têm o mesmo poder ou os mesmos privilégios. Alguns, que eu qualifico de "Grandes–homens", têm privilégios que se exercem à custa das mulheres (como todos os homens), mas também à custa dos homens.

Segundo Connell (1997) em relação às mulheres, a dominação/poder recebeu o nome de patriarcado - mas, também, eu considero em idêntico patamar, o machismo de hoje. A dominação está presente nas relações entre grupos de homens: diferentes masculinidades são categorizadas como sendo mais honradas do que outras, ou ativamente desonradas, como o homossexualismo (desandando em quadros de homofobia), ou aquelas de minorias étnicas desempoderadas. A forma de masculinidade que é culturalmente dominante num ambiente social e tempo histórico tem recebido a denominação de "masculinidade hegemônica", que traduz uma posição de autoridade cultural e liderança. Portanto, a masculinidade hegemônica

[11] Cenário reprodutivo, como denominado por Connell (1997: 35), é "definido pelas estruturas corporais e pelos processos de reprodução humana" que organizam a vida cotidiana. Certamente, parece-me que a reprodução aqui considerada não é apenas biológica, mas também social.

tem essa hegemonia não apenas em relação a outras masculinidades, na hierarquia de gênero como um todo, mas expressa os privilégios concedidos a homens em contraste com outros diferentes grupos de homens ou em relação às mulheres.

Frente a tudo isto, o "momento etnográfico", como Connell (2000: 03) chama a fase de pesquisa em masculinidades que ora se verifica, tem dado grande contribuição aos estudos de gênero. Finalmente, Connell diz que o estudo de masculinidades permite uma melhor compreensão das práticas de gênero, enquanto importante aspecto da vida das pessoas (p. 9). Portanto, é possível e desejável definir as bases para coalizões que favoreçam e implementem as mudanças neste importante espaço relacional que é o gênero.

O último autor que quero referenciar é Miguel Vale de Almeida (1995a; 1995b). Ele diz que seu trabalho se centra no esforço de explicitar os processos e relações sociais que constituem a masculinidade hegemônica. Este é "o modelo central que subordina as masculinidades alternativas (de pessoas, grupos ou sociedades), e que é o modelo da dominação masculina, intrinsecamente monogâmico, heterossexual e reprodutivo" (1995a: 15-16). Segundo Vale de Almeida, "masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres: são metáforas de poder e de capacidade de ação, como tal acessíveis a homens e mulheres" (1995b: 162). Pois as masculinidades são construídas não só pelas relações de poder, mas também pela sua inter-relação com a divisão do trabalho e com os padrões de ligação emocional (1995a: 150) - "os dilemas das emoções" (1995b: 162). Este último aspecto é fundamental para o meu trabalho, já que me interessa a articulação entre conduta masculina e vivências de sentimentos e emoções, que exponho no Capítulo 7.

Vale de Almeida (1995a) também afirma que, para compreender a masculinidade, há que ficar atento para os aspectos discursivo e performativo dos informantes, nos quais a expressão (verbal, corporal ou ritualizada) de valorações morais sobre o que é ser homem e ser mulher são externalizadas (p. 16). Penso que este pode ser um fator importante para o meu trabalho, ou de quem quer fazer pesquisa usando o método etnográfico, via observação e narrativa de vida, onde há que interpretar os dados coletados, quando nem sempre o que se diz é o que se faz.

Dessa exposição sumária sobre masculinidades, identifico, na minha amostra de viúvos, a prática de uma masculinidade hegemônica já nuançada por modificações nas

relações marido-esposa e na reprodução das relações de gênero na relação pais-filhos. Porque, segundo os depoimentos dos homens com quem trabalhei, que serão vistos no decorrer desta tese, o casal compartilha a manutenção do lar (com suposta maior contribuição do homem) e a criação dos filhos (com concreta maior atribuição dada à mulher).

Tudo isto se altera com a ocorrência da viuvez. E, a esta, pouca atenção tem sido dada, mesmo pelos autores que estudam masculinidades. Segundo Moore & Stratton (2003: 3), a deterioração das qualidades e habilidades masculinas que se verificam com o avançar da idade pode ser um fator sutil impedindo os "masculinistas" de se defrontarem com o que poderia ser um confronto com seu próprio futuro. Mas, antes de entrar na minha pesquisa propriamente dita, vou empreender uma revisão do material bibliográfico que consultei sobre a temática-objeto deste meu estudo.

1.2 – VIUVEZ MASCULINA

Já foi dito neste trabalho que as pesquisas no campo da viuvez são escassas. De fato, encontrei referências incidentais a este tema, vindo atreladas a estudos maciçamente voltados para a velhice. Neste contingente populacional, há, de fato, um acervo considerável, cobrindo os campos da Psiquiatria, Psicologia Clínica, Psicologia Social, Enfermagem, Gerontologia e Serviço Social. Mesmo assim, embora alguns centros ou núcleos de estudos apresentem características sociais de pessoas idosas viúvas, a maior parte incidindo sobre mulheres, as referências são quase circulares: uma obra cita outra que cita outra que cita a primeira. Por exemplo, a pesquisa de Moore & Stratton, que é uma das referências usadas nesta tese, utiliza como textos bibliográficos principais os trabalhos de alguns autores publicados na obra *Handbook of bereavement*, editado por Stroebe, Stroebe & Hansson (1999). Nesta última, a maioria maciça dos estudiosos (28 autores) é da área de Psicologia e/ou Psiquiatria, seguindo-se pelas ciências biomédicas, como Gerontologia, Enfermagem, Saúde do Idoso (12 autores); da área social propriamente constam apenas seis autores, sendo que alguns assinam juntos os mesmos artigos.

Há outros dois livros sobre o assunto que tive oportunidade de ler. O primeiro tem como título *The widower*, editado em 1978, de autoria da socióloga norte-americana Jane Burgess Kohn, escrito em parceria com seu atual marido, um viúvo que ela conheceu quando estava fazendo entrevistas num grupo de homens enviuvados, com o fim de coletar material para esse mesmo livro. É a partir da narrativa da experiência da perda da esposa, vivida por Willard K. Kohn, que o livro é estruturado, com enxertos de informações dos outros entrevistados. O segundo livro, *Widower*, datado de 1987, condensa as histórias de vida de 20 homens que se tornaram viúvos. As narrativas foram colhidas pelo jornalista Scott Campbell e tem análise psicológica feita pela assistente social e psicanalista norte-americana Phyllis R. Silverman. Acho interessante ver os dados que estes autores obtiveram com uma população e utilizando uma narrativa semelhante à minha, embora o texto tenha uma linguagem jornalística e uma análise de cunho mais psicológico. Além disso, ambos os livros trazem algum tipo de aconselhamento de auto-ajuda e/ou orientações para constituição e manutenção de grupos de ajuda mútua a pessoas enviuvadas.

Contudo, mesmo nessas obras, as referências indicadas nas respectivas bibliografias, reportam-se às áreas psicológicas, e grande parte de artigos e livros trata da viuvez em mulheres idosas, havendo pouquíssima literatura exclusivamente sobre homens enviuvados. Assim, mais estudos e pesquisas na área me parecem prementes, nestes tempos modernos de discussão das masculinidades.

Artigos e trabalhos publicados em periódicos também foram por mim consultados e são apresentados a seguir. Destaco, ainda, que continuo a usar as obras da socióloga Helena Z. Lopata (1973; 1979; 1996; 1999). Embora seu objeto de estudo seja mulheres viúvas, a autora refere, em variadas ocasiões, a viuvez masculina como contraponto dos seus achados. Essa interacionista simbólica não pesquisou diretamente os viúvos, mas toda a parte relacionada a suportes na viuvez, que utilizo aqui, vem de suas pesquisas.

1.2.1 – VIUVEZ MASCULINA: O QUE DIZ A HISTÓRIA

Ao pretender inserir, nesta tese, o tema da viuvez masculina à luz da História, eu havia pensado que encontraria material bibliográfico que me desse apoio, à semelhança da viuvez feminina. Para esta última, minha principal base de pesquisa histórica foi a Coleção *História*

da vida privada[12]*,* sob a direção de Philippe Ariès e George Duby (1994; 1995), que se compõe de cinco volumes, cobrindo o período que vai da Antigüidade aos dias atuais (final do século XX).

Mas eu me enganei. Praticamente nada aparece ali sobre viuvez masculina. Se eu já indicava, no meu estudo anterior com mulheres viúvas, a pequena expressão que elas tinham na coleção referida, para os homens viúvos a invisibilidade é a tônica. Refiro invisibilidade porque há registro de mortes femininas numerosas devidas, expressivamente, ao parto. E onde existe morte de mulher casada, deve existir viúvo. Porque a viuvez está presente em todas as épocas históricas, desde quando existiram casais e mortes de cônjuges, e tal condição remete rapidamente à idéia de excluído do grupo de casados.

Segundo Doll (2002), a palavra viuvez deriva do latim *vidua* que significa "ser privada de algo"; outra acepção, dada por Paul Veyne (1995: 85) admite a mesma origem latina do vocábulo, mas significando "sem homem": viúva ou divorciada. De qualquer forma, a conotação feminina do substantivo parece indicar que, em todas as épocas, a viuvez é considerada uma questão das mulheres - e aqui vale repetir a observação de Britto da Motta (2002b: 264): "como se os homens não ficassem viúvos, também".

A própria História testemunha isso na medida em que as referências a viúvos são quase inexistentes. As que consigo encontrar no conjunto de volumes da obra histórica citada estão pontuadas a seguir: se o parágrafo se assemelha a pinceladas dispersas numa tela em branco é porque dispersos, quando não invisíveis, estão ali os viúvos. Senão, vejamos.

Na Antigüidade romana, o viúvo podia usar suas servas, casar de novo ou tomar uma concubina (Veyne, 1995: 85); aqui, o texto insinua a luxúria sexual do homem viúvo, embora uma condição para a tolerância velada do concubinato fosse a monogamia. Na sociedade da Alta Idade Média, "o viúvo é um personagem desconhecido, provavelmente porque [ele] não existe, devido à alta mortalidade masculina provocada pelas violências privadas e públicas" (Rouche, 1995: 479), pois "o homicídio constitui a virilidade" (p. 467): o jovem aprende desde cedo a arte da luta e descobre o prazer de matar, dirigindo sua agressividade à caça, à domesticação de animais e, mais tarde, à esposa, particularmente se houver suspeita de infidelidade conjugal. Outra referência a um viúvo aparece no relato, novamente, dos

[12] O conjunto dessa obra tem por foco as sociedades européias e as camadas sociais mais favorecidas, referindo-se particularmente à França; para mim é válida tê-la como fonte de consulta, pois meu interesse maior está direcionado para as camadas médias urbanas da sociedade ocidental.

desregramentos masculinos, agora relativos à Europa Feudal, onde os homens tinham numerosas aventuras sexuais; mas não se nega o sentimento afetuoso presente no casamento, pois a morte no parto da esposa de um nobre francês causa-lhe "uma extrema dor (...) tem tudo de um viúvo desamparado, inconsolável" (Duby, Barthelémy & Roncière, 1995: 152). Já no século XIX, na França, o luto de um viúvo tem a duração de seis meses na capital e um ano no interior, enquanto que para as viúvas era recomendado o dobro do tempo (Martin-Fugier, 1995: 259). Esses são os parcos registros sobre viúvos que encontrei nessa história da vida privada. Os homens enviuvados desaparecem, são invisíveis, ontem como hoje, até mais do que as mulheres enviuvadas. São "um fenômeno demográfico de incidência baixa", "[in]visível minoria", como diz Britto da Motta (2000: 6; 2002: 266). Talvez, por não terem as restrições sociais impostas às viúvas, são desconsiderados enquanto problema de pesquisa, como se a passagem ou permanência em situação de viuvez não tivesse repercussão digna de estudo, em suas vidas. No entanto, a realidade deles é bem outra, como procuro mostrar no presente trabalho.

Porque as coisas estão mudando. A partir da expansão dos estudos de masculinidades, desde a segunda metade do século passado, vem crescendo a coleta de informações sobre homens, embora a de viúvos ainda não esteja na mesma escalada. Vejamos, então, algumas investigações em relação eles.

1.2.2 - VIUVEZ MASCULINA NA ATUALIDADE

Para o senso comum, na cultura ocidental moderna, o homem sofre menos com a morte da esposa, "consolando-se" rapidamente e logo entrando em novo casamento. No Brasil, dados demográficos apontam para um maior contingente de viúvas do que de viúvos na população geral (Berquó, 1998: 416 e 429;), aqui e lá fora[13], onde, entre outros fatores, o recasamento do viúvo constituiria um componente não desprezível dessa diferença numérica, o que poderia trazer algum respaldo à assertiva anterior. Porém, convém não esquecer, como bem colocou Muraro (2001: 8-9), que "toda teoria estatística foi construída a partir de fenômenos físicos, e não se adapta à complexidade do comportamento humano. (...) Portanto, a estatística dá uma

[13] Estudos de autores como Segalen (1993), Stroebe, Stroebe & Hansson (1999) e Moore & Stratton (2003) afirmam a maioria numérica de viúvas na maior parte das sociedades urbanas ocidentais - ver bibliografia final para referências completas.

visão distorcida e homogeneizante da realidade". Isto me parece mais importante ao se considerarem os indivíduos de camadas médias, onde, como mostrou Gilberto Velho (1989: 53; 1999b: 14), a heterogeneidade de comportamentos e pensamentos é uma característica. A experiência da viuvez, nesse estrato social, é altamente individualizada quanto ao processo de pesar, ajustamento e autodefinição. Então, há que se ver e ouvir os sujeitos de pesquisa, conhecê-los inclusive em sua subjetividade, de forma a apreender seu pensar, sentir, viver - o relato social que fazem em suas histórias[14].

Uma outra observação deve ser acrescentada. Campbell & Silverman (1987) demonstram que, de acordo com a American Association of Retired Persons, nos Estados Unidos, a taxa anual de mortes, na população geral, mostra que, "num dado ano, a taxa de mulheres que perdem seus maridos para a taxa de homens que perdem suas esposas é 3:2" (p. 1). Os homens vivenciam a mesma situação de separação por morte de cônjuge que as mulheres, com todos os comemorativos que a acompanham; eles são menos visíveis ou estatisticamente inferiores na população maior por algumas razões, uma das quais é o recasamento, outra é a maior mortalidade. Considerando apenas os dados estatísticos populacionais, pareceria que os homens passam menos pela experiência da viuvez, o que não é verdade. Quer dizer, mesmo que representem pequena parcela censitária, os viúvos existem. Tanto Felix Berardo (1970: 12) quanto Britto da Motta (2002: 1) destacam a pouca atenção que os cientistas sociais têm dado aos problemas das pessoas enviuvadas. Com uma distância de mais de 30 anos entre os artigos científicos desses dois sociólogos, a observação tem a mesma pertinência. De qualquer forma, alguns trabalhos concernentes à problemática em pauta podem ser apresentados.

1.2.2.1 - ALGUNS ESTUDOS RELACIONADOS COM VIUVEZ MASCULINA

Uma das primeiras referências da literatura sócio-antropológica ao fenômeno da viuvez é feita pelo sociólogo francês Emile Durkheim (2000) nos seus estudos sobre o suicídio. Afirma esse autor que o estado de viuvez é muito mais penoso para o homem do que para a mulher, pois ele perde mais com a morte da esposa que o contrário (p. 234). Na sua visão, a

[14] Penso que a análise qualitativa oriunda da narrativa, por exemplo, pode deslindar os motivos e ações que estão embutidos na aparente homogeneidade do dado estatístico.

anomia doméstica que se instala decorre menos da morte da esposa do que da cuidadora do lar, pois a sociedade conjugal seria mais benéfica para o homem, e este suportaria menos o estado de viúvo. Afirma também que a mortalidade dos viúvos é muito maior que a das viúvas, como também a nupcialidade. Entretanto, é bom atentar para o fato de que essas declarações de Durkheim emergem em plena era evolucionista, cuja defesa ferrenha do patriarcado e supremacia masculina eram a regra, e onde as competências básicas da mulher estavam quase sempre restritas aos afazeres domésticos e cuidados para com marido e filhos. Penso que muita coisa mudou, mas quanto mudou realmente? De qualquer forma, estudos mais recentes parecem seguir a mesma argumentação de Durkheim quanto aos benefícios conjugais serem maiores para os homens, e cuja perda levaria os viúvos a se recasarem rapidamente. Voltarei a isto adiante.

Também no Brasil, pesquisas com pessoas idosas, principalmente mulheres, são freqüentes nas áreas da Psicologia e da Gerontologia, mas também estão crescendo na Sociologia, como já referido, e de forma incipiente na Antropologia, onde espero que esta tese possa contribuir. Entretanto, não é apenas na fase da velhice que a viuvez ocorre, e não sendo objeto específico de atenção naquelas pesquisas, a questão é apenas pontuada como achado incidental.

Em alguns estudos com idosos, Britto da Motta (2002a) encontrou um número muito reduzido de viúvos. Segundo a autora, a vida cotidiana desses homens, passada a fase de choques afetivo e representacional, transcorre entre a desvalia doméstica e o recurso aos saberes e ajudas de outras mulheres do grupo familial. Afirma ainda que a maioria deles recasa logo, geralmente com mulheres mais jovens que a esposa morta (p. 6). Os meus dados mostram algumas justificativas dadas pelos viúvos para que novo casamento ocorra, como é apontado no decorrer deste meu texto.

Pesquisas sugerem que o recasamento reduz as chances do cônjuge sobrevivente de declínio do seu bem-estar físico/saúde e emocional e de padrão econômico-financeiro de vida. Um estudo realizado por Ken R. Smith e Cathleen D. Zick (University of Utah) e Greg J. Duncan (University of Michigan), publicado em 1991, buscou avaliar os modelos de recasamento, nos cinco primeiros anos de viuvez, apontando variações específicas de sexo e idade. Os autores dizem que as taxas de recasamento para ambos os sexos ascendem no período inicial da viuvez e depois caem (p. 369). Viúvos com idade inferior a 60 anos têm três

vezes mais chance de casar do que os acima dessa idade. Em todas as idades, os viúvos têm oportunidades maiores de constituir nova união conjugal do que as viúvas; mas a diferença de gênero mais dramática é vista na do grupo de idosos, onde há 15 vezes maior probabilidade de recasamento para os enviuvados do que para as enviuvadas (p. 366).

Outros dados que emergem dessa investigação: a urbanidade influi negativamente, de modo que viúvos que vivem em grandes cidades têm chances diminuídas de recasar pela menor oportunidade de encontrar parceiras em perspectiva; o nível educacional do viúvo não parece influir na taxa de recasamento, embora os idosos sejam mais exigentes neste item; a existência de filhos tende a diminuir as chances de novo casamento (pp. 369-370). Além disso, a pesquisa sugere que viúvos que preferem não casar ou que, por qualquer motivo, não podem fazê-lo, terão mais a perder, como indicado por suas taxas mais altas de mortalidade seguindo a viuvez (Smith, Zick & Duncan, 1991: 371-372). "As taxas de mortalidade para viúvos que recasam são muito mais baixas do que as dos que não o fazem" (Stroebe & Stroebe, 1999: 185).

Isto parece concordar com o que Durkheim (2000a) disse a respeito do suicídio. Ele criou o coeficiente de preservação de vida, um indicador das chances de morte por suicídio nos diversos grupos populacionais. Em relação à viuvez, Durkheim defendeu que o homem usufrui mais vantagens do que a mulher, como vimos acima, sendo a sociedade doméstica "um potente preservativo contra o suicídio" (p. 242). Para o autor, não é pelos laços que unem pessoalmente marido e mulher que o casamento confere proteção ou imunidade ao suicídio; o benefício não advem da sociedade conjugal, mas sim da sociedade doméstica, pela presença da prole, e quanto maior for o número de pessoas que constitui a família, quanto melhor for a integração no agregado social, maior será a proteção conferida, pois "ele é tanto mais unido e tanto mais resistente quanto mais ativo e contínuo é o intercâmbio entre seus membros" (p. 249). Cotejando esses argumentos, não concordo com a posição de Durkheim no que concerne a essa proteção ser dependente do número de indivíduos que formam o grupo familial - pode ser que fosse assim na época em que ele escreveu sobre o tema. Hoje, com os novos modelos de família e de estratégias para seu desenvolvimento, os laços afetivos que unem o casal são considerados tão importantes, pelos próprios parceiros, como aqueles que os ligam aos filhos. A força da família não está no valor numérico dos indivíduos que a compõe, mas na qualidade afetiva da inter-relação que se estabelece entre eles. Para aprofundamento dessa questão,

remeto a Anthony Giddens (1993: 68; p. 72) e seu conceito de *relacionamento puro* e *amor confluente*.

Uma publicação recente, intitulada *Resilient widowers: older men adjusting to a new life*, é resultado de um trabalho conduzido por duas norte-americanas, citadas acima, a doutora em Psicologia Social Alinde J. Moore e a assistente social Dorothy C. Stratton (2003). Embora seja um texto de pesquisa em base psicológica, como denuncia o título, além de fazer um recorte para viúvos idosos, alguns achados de representações sociais podem ser sacados. As autoras alertam para algumas crenças comuns sobre viúvos idosos que devem ser reavaliadas: - se maridos morrem primeiro, há poucos viúvos; - viúvos resolvem seu pesar casando-se rapidamente e com uma mulher mais jovem; - viúvos se tornam depressivos porque não podem cuidar de si próprios (p. 1). Todos estes estereótipos devem ser revisados na atualidade, quando as contingências e enfrentamento da vida dos/pelos homens mudaram, nas últimas décadas, especialmente no caso de viúvos mais jovens, que o meu estudo inclui.

Voltando a Moore & Stratton (2003), essas autoras listam as características que indicariam reorganização bem-sucedida da vida de um homem viúvo: sensação de bem-estar geral, perceber-se com boa saúde, ter uma renda adequada que lhe proporcione independência financeira, desenvolver pensamento positivo e perspectivas para o futuro, ter envolvimento formal ou informal com uma religião, perceber realisticamente suas próprias necessidades, ter alguma ocupação produtiva (trabalho formal ou voluntariado), ter pelo menos um amigo íntimo, viver no presente mas mantendo suas conexões com o passado (p. 10). As adaptações à viuvez, dizem as autoras, foram bastante positivas para muitos dos viúvos, mas em todos os casos percebiam-se resíduos traumáticos subjacentes à essa experiência (p. 17).

Na mesma obra, as autoras apontam as mulheres falecidas sendo referenciadas como boas esposas, boas mães e/ou avós, boas cozinheiras, boas donas de casa, etc. Tipicamente, os enviuvados descreviam as suas mulheres como tendo sido muito prestativas e cuidadosas com todos, mas especialmente com eles próprios (p. 20). A maioria delas não trabalhava fora do lar, mas tinha uma firmeza que lhes dava poder dentro da família e que lhes angariava o respeito dos maridos (p. 30) - eis a matrifocalidade em ação.

O período de casamento foi quase sempre referido como "bom" e "feliz", onde havia interesses sociais comuns e tarefas compartilhadas (p. 25). No entanto, pela análise das

histórias, Moore & Stratton (2003) percebiam graus diversos de desentendimentos, especialmente em relação aos filhos (p. 28). Alguns maridos tenderam a "santificar" a esposa falecida. A "santificação" parecia vir do conhecimento que o homem tinha de que ele se comportara mal na relação conjugal, e o fato dela ter agüentado e permanecido casada provava que ela era uma mulher de qualidades incomuns (p. 29-30).

Quanto ao recasamento, 17 dos 51 viúvos, entrevistados pelas autoras, fizeram-no legalmente, enquanto 14 tinham ligações amorosas sem vínculo legal. Muitos dos homens entrevistados afirmaram que a cena social é de uma sociedade de casais, onde uma pessoa sozinha está fora. É possível pensar que este seja um dos motivos que leve ao recasamento. O mesmo tipo de comentário eu também encontrei nos enviuvados da minha pesquisa. Outros achados das pesquisadoras em pauta sobre os suportes acionados por esses viúvos serão apresentados nos capítulos correspondentes, adiante.

Mais informações sobre viúvos podem ser sacadas de outros estudos e pesquisas. Alguns resultados, inclusive, são mesmo surpreendentes para os seus autores. Lund, Caserta e Dimond (1999: 249), por exemplo, dizem que alguns fatores que eles supunham ter grande influência na recuperação dos separados por morte, não foram confirmados na sua pesquisa. Gênero, idade, educação, renda, religiosidade, estado de saúde, felicidade conjugal, foram considerados de pouca ou nenhuma importância nos ajustamentos dos sobreviventes idosos. No entanto, eles advertem que em outros contextos [e culturas] tais fatores podem ser mais influentes do que eles encontraram. Certamente, que sim, como os meus dados vão mostrar. Além disso, argumentos e resultados de outros autores serão acrescentados e comentados em todo o transcorrer desta tese.

Outras considerações são feitas por Kohn & Kohn (1978) que permanecem bastante atuais. Para esses autores, "o trauma que um homem experiencia quando sua esposa morre e o deixa, [ficando a lidar] com a grande responsabilidade de uma casa e freqüentemente filhos para cuidar, é grande" (p. 155). O tempo de ajustamento à perda do cônjuge pode ser mais curto ou mais longo, dependendo das circunstâncias e necessidades individuais. Muitos encontram conforto na família, nos velhos amigos, na fé religiosa. Com o passar do tempo,

novos amigos e envolvimentos/contatos sociais[15] vão aparecendo. Pode até voltar a se interessar por outra mulher, recasando ou não. Enfim, reestruturar a vida em outros moldes.

Em linhas gerais, assim é descrita a viuvez masculina em tempos modernos, em outros lugares. A forma como isso acontece aqui no Nordeste do Brasil, com homens de camadas médias pernambucanas, é o que veremos nas páginas que se seguem. Mas, antes de prosseguir, ainda dentro deste capítulo, estou antecipando algumas informações preliminares da minha pesquisa.

1.3 – INFORMAÇÕES INICIAIS DA PESQUISA

Um fato social total: é assim que me parece que deva ser tratado o tema viuvez. Marcel Mauss (1974: 179) criou a expressão "fato social total" para designar um acontecimento que põe em movimento a sociedade e/ou suas instituições, ou apenas um grande número de instituições, particularmente quando as trocas e compromissos ou obrigações estabelecidas concernem preferencialmente ao indivíduo. No meu entender, à experiência da viuvez pode ser atribuída a designação de fato social total, na medida em que articula pessoal e coletivamente fenômenos diversos cujas relações se pautam na solidariedade e na reciprocidade, onde rituais e outros suportes são postos em ação, onde o dar-receber-retribuir é efetivado, mostrando os vínculos que ligam as pessoas e as comprometem umas com as outras, às vezes para sempre. Na sociedade ocidental complexa, a mobilização do entorno social do indivíduo atingido por doença e morte é uma das situações de maiores transtornos que podem ocorrer, colocando em ação as diversas redes de relações que se ligam a esse indivíduo. Isto tudo será visto nas páginas que se seguem.

Os dados da pesquisa que embasa esta tese foram coletados entre setembro de 2006 e dezembro de 2007, sendo que uma das entrevistas só foi concluída em novembro de 2008, devido a reiteradas dificuldades em reencontrar um informante. O percurso trilhado no campo,

[15] Para Jane B. Kohn (1978: xiii), "Certamente o viúvo, tanto quanto a viúva, é forçado a encontrar novo significado na vida. Ambos devem restabelecer novos relacionamentos sociais, (...) rejeitar parte do passado é difícil porque a personalidade de alguém está sempre ligada ao passado".

as características dos informantes, a experiência com a doença e morte das esposas, os reajustes para a vida subseqüente são apresentadas nos capítulos que compõem este trabalho. Entretanto, quero antecipar alguns dados da viuvez masculina coletados por mim e plotados no Quadro 1.0.

Vinte foram os viúvos entrevistados. A grande maioria (18 homens) enviuvou no primeiro casamento, e apenas em um caso a ocorrência se deu na terceira união. Também apenas um homem se tornou viúvo duas vezes. Neste último, a história narrada é referente à segunda esposa, com quem o marido viveu por mais de 40 anos, enquanto a primeira união durou poucos meses, não parecendo ter grande expressão na vida do mesmo, visto que foi sobre a perda da segunda esposa que decidiu falar.

Quadro 1.0 - Alguns dados relacionados à instalação da viuvez

Nº	Informante	Casamento do qual enviuvou	Tempo de convivência total	Ano da morte da esposa	Tempo decorrido desde a morte		Idade dos cônjuges no momento da morte	
			anos		anos	meses	marido	esposa
01	Roberto	1º casamento	28	2002	04		48	47
02	Anísio	1º casamento	23	1991	16		43	40
03	Josué	1º casamento	09	1978	29		28	30
04	Renato	1º casamento	18	2002	05		44	34
05	Josias	1º casamento	10	1981	26		32	28
06	Elísio	1º casamento	27	1988	19		51	52
07	Rui	1º casamento	46	2002	05		70	68
08	Artur	1º casamento	11,6	1973	34		28	28
09	Gerson	2 vezes (informa o 2º)	45	1997	10		72	64
10	Adonias	1º casamento	34,6	2003	04		61	68
11	Jonas	1º casamento	41,6	1991	16		63	63
12	Hélio	3º casamento	3,6	1994	13		38	36
13	Élcio	1º casamento	27	1991	16		52	57
14	Adolfo	1º casamento	49	2002	05		64	61
15	Valter	1º casamento	24,6	2006	01	07	56	55
16	Ivan	1º casamento	21,6	1992	15		45	43
17	Tácio	1º casamento	10	1995	12		35	29
18	Petrônio	1º casamento	38	2007		06	62	54
19	Éder	1º casamento	06	2001	06		30	35
20	Plínio	1º casamento	16	2007		06	41	42

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

Analisando ainda o Quadro 1.0, vê-se que, em relação ao tempo de viuvez e realização da entrevista, os espaços temporais mais curtos pertencem a Petrônio e Plínio, que tinham seis meses de separação por morte das esposas, quando foram entrevistados. O tempo mais longo era de 34 anos. Para outros intervalos temporais, havia dois informantes com mais de 25 anos de viuvez; entre 15 e 19 anos transcorridos, havia cinco viúvos; entre 10 e 14 anos, encontrei três; com menos de seis anos, havia sete entrevistados. É importante salientar que um período de tempo maior ou menor de viuvez não interferiu na decisão do viúvo participar da pesquisa, pois os que foram indicados primeiramente foram os que contatei, sendo suas respostas positivas para engajamento nessa investigação.

Quanto às idades, vê-se que dois homens, Josué e Artur, enviuvaram aos 28 anos. Seis homens se tornaram enviuvados com 35 anos e menos. Os viúvos que atingiram a mesma condição em idade mais avançada foram Rui e Gerson, respectivamente com 70 e 72 anos. Na discussão que é encetada nos capítulos seguintes, são vistas as repercussões que a ocorrência da viuvez mais cedo ou mais tarde trazem para as vidas dos homens estudados.

Em relação às esposas falecidas, as mais jovens eram Josefa e Ártemis, que tinham 28 anos, e Taciana, com 29. As mulheres mais velhas tinham a idade de 68 anos, ao óbito. Entre as demais, havia seis esposas mais velhas que os maridos e duas da mesma idade. Uma outra mulher era dez anos mais jovem que o marido; duas, oito anos; e as restantes tinham entre um a quatro anos a menos que seus respectivos companheiros. As diferenças nas idades entre os membros de cada par conjugal podem indiretamente sugerir que os padrões sociais já estavam em mudança, na época dos namoros e casamentos dessas pessoas, escapando da "norma" cultural que recomendava haver dois ou três anos a menos na idade da mulher em relação ao marido.

Os casamentos tiveram duração variável, mas todos moravam juntos quando a morte se deu. Lidar com doença prolongada ou com a morte súbita, encarar problemas como a dor e a solidão, fazer ajustamentos e reassumir/adquirir novas competências e habilidades: essas são realidades descritas pelos entrevistados. Os tempos de o viúvo viver sozinho foram enfrentados de forma similar em alguns pontos, enquanto outros guardaram especificidades individuais. Para quase todos, conservar retratos e alguns objetos que pertenceram à esposa falecida fazem parte das lembranças do passado: são os sinais concretos da vida vivida.

Alguns permaneceram nas mesmas casas, mantendo a mesma decoração; outros modificaram tanto uma coisa como a outra. Alguns guardam a aliança da esposa; apenas um usava sua própria aliança após seis meses da separação por morte.

A vida que continua trouxe o confronto com situações para as quais alguns viúvos não sabiam estar preparados. Administrar a moradia, desempenhar tarefas domésticas, criar os filhos, estão entre as ações que tiveram que dar conta. Como isto tudo se deu, é do que falo nesta tese. Então, vamos adiante.

♥♥♥♥♥

CAPÍTULO 2

INCURSÕES METODOLÓGICAS

2. INCURSÕES METODOLÓGICAS

Em que pese ser finalidade precípua deste capítulo discorrer sobre a escolha metodológica na qual a pesquisa e o texto final se apóiam, gostaria de enfatizar a minha expectativa de que ele se destine também a subsidiar outros pesquisadores iniciantes no labor científico. Ao mesmo tempo, espero chamar a atenção para a reflexividade teórica sobre algumas posições imanentes da Antropologia que, parece-me, precisam ser revistas à luz do momento histórico atual. Dentro desta linha de pensamento, optei por abraçar uma certa posição democrática na convocação dos testemunhos de autores canônicos da Antropologia. Assim, sem uma vinculação irredutível a tal ou qual escola, prefiro trazer uma panorâmica sobre o trajeto desta pesquisa, que certamente foi influenciado por vários autores.

O que não significa ausência de referencial. A inclinação pela linha interpretativista do antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1989) me faz tentar apreender o discurso social dos informantes, de maneira a converter o 'dito' desse discurso em formas pesquisáveis (p. 31). Credito à linha interpretativista, como é postulada pelo autor referido, a capacidade de atingir "toda espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas realista e concretamente *sobre* eles [os nativos, os informantes], mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente *com* eles [agora interlocutores]" (Geertz, 1989: 34-35; grifos do autor). Paralelamente, a narrativa é o instrumento de coleta de dados pelo qual optei, assumida na perspectiva teórica do antropólogo francês Daniel Bertaux (1984; 1997).

Por outro lado, considero pertinente o dizer de Pierre Bourdieu (2003), quando pontua, em sua obra *A miséria do mundo*:

> Eu gostaria de evitar dissertações escolásticas sobre hermenêutica ou sobre 'a situação ideal de comunicação'; na verdade, eu creio que não há maneira mais real e mais realista de explorar a relação de comunicação na sua generalidade que a de se ater aos problemas inseparavelmente práticos e teóricos, o que decorre do caso particular de interação entre o pesquisador e aquele ou aquela que ele interroga (p. 693; grifo do autor).

Eu também acredito nisto. Assim pensando, antes de tudo, quero começar esta apresentação encarando o fato de trabalhar com pessoas que são semelhantes a mim própria, pela condição de viuvez que temos em comum. Isto tem a ver com a questão do distanciamento e alteridade em relação ao objeto de estudo, tão valorizada pela Antropologia. Por isso, inicio com a interrogação do que é ter como foco de trabalho pessoas que experimentaram uma perda por morte de alguém muito próximo e que se supõe ser importante afetivamente. Mais ainda: o que é para mim? Como fazer esse tão propalado distanciamento do material coletado na pesquisa, quando essas informações reportam a situações concretas, sentimentos e emoções que eu já vivi? Serão elas menos tratadas cientificamente pelo simples fato de que eu ter vivenciado situação semelhante? Penso que não e justifico[1]. Tais condições vêm no lastro das perenes discussões sobre o objetivismo e a verdade no debate científico, e para subsidiar meu posicionamento, trago as colocações de alguns antropólogos e sociólogos que reportam experiências semelhantes.

Uma tal situação não é inédita ou desconhecida no campo da ciência. Cientistas sociais de renome já passaram por isso. O antropólogo Renato Rosaldo (1993) escreve que a sua compreensão de como uma forte emoção era expressa pela sociedade Ilongot que estudou foi verdadeiramente alcançada anos depois de ter concluído seu trabalho ali, ao perder sua esposa. Rosaldo diz que, antes disso, não conseguia entender a ação dos Ilongot que, quando vivenciavam a situação de morte de alguém querido e que lhes trazia sofrimento, reagiam com forte sentimento de raiva e sentiam-se impelidos a cortar cabeças humanas. Sem colocar a discussão em termos de certo ou errado, como bom antropólogo, ele afirma que apreendeu verdadeiramente o sentido dessa atuação ao experimentar grande revolta por ocasião da morte por acidente de sua esposa, Michelle Rosaldo, que ocorreu quando ambos faziam trabalho de campo nas Filipinas, em 1981. Remetendo-se a este evento que considerou trágico, Rosaldo afirma: "Minha experiência de vida ainda não tinha me dado meios de imaginar a revolta que pode acompanhar uma perda devastadora" (1993: 4). Nesta perspectiva, Rosaldo quer falar de *como* falar sobre a força cultural das emoções, onde a "força emocional de um falecimento,

[1] Discuto essa problemática mais profundamente na minha dissertação de mestrado (Lago-Falcão, 2003: 05; 70-71), principalmente embasada teoricamente nos antropólogos brasileiros Roberto DaMatta (1981; 1994; 1997b), Marisa Peirano (1995) e Gilberto Velho (1999a). Contudo, quero aqui incluir exemplos concretos de pesquisadores que passaram pela experiência da viuvez enquanto tinham as emoções e/ou a viuvez como objeto de estudo.

por exemplo, deriva menos de um fato abstrato brutal do que da ruptura permanente de uma relação íntima particular" (p.2).

Outro exemplo vem de Helena Lopata, cujo marido morreu em 1994, após uma evolução de 18 meses de doença (câncer inoperável e diabete insulino-dependente). Em suas próprias palavras, diz essa autora:

> Há muita verdade na afirmação de que há uma enorme diferença entre a compreensão e a sensação de empatia pelas emoções e sentimentos dos outros e a compreensão e a sensação de tais emoções em si próprio. Continuar vivendo durante a doença devastadora e a morte de alguém com quem se compartilhou tudo por 49 anos e todos os efeitos subseqüentes destes eventos, é uma espécie de dor diferente de qualquer que eu tinha jamais experimentado. Por outro lado, sabendo o que outras [mulheres] têm passado e dos muitos diferentes, ambivalentes e intensivos modos que elas têm sentido, ajudou-me pessoalmente. Também, ter colocado tudo isso no papel tem, eu acredito, aliviado o sofrimento. (1996: xii).

Para a socióloga norte-americana Catherine Kohler Riessman, que vem estudando a narrativa como método de pesquisa e texto, a "construção de qualquer trabalho sempre leva a marca da pessoa que o criou" (Riessman, 1993: v). Penso que isto é inescapável, pois, como pontua o antropólogo brasileiro Gilberto Velho (1999a: 123), "A noção de que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição já foi clara e precisamente enunciada". Parece-me que, em nome da pureza científica ou da objetividade metodológica, alguns autores ainda acreditam e temem o envolvimento do investigador na etnografia, ao se colocar mais ou menos presente no texto, o que - pensam eles - poderia comprometer a verdade sobre o problema pesquisado. Muito debate tem ocorrido por conta disso, nas últimas décadas, em centros acadêmicos do mundo todo. Eu estou mais inclinada para o grupo que defende a idéia de que é impossível haver uma neutralidade absoluta na observação e interpretação do objeto investigado. Pois, como destaca o sociólogo alemão Louis Wirth (1986: 16-17): "No domínio do social, particularmente, a verdade não é meramente uma questão de simples correspondência entre pensamento e existência, mas é permeada pelo interesse do investigador na questão, por seu ponto de vista, por suas valorações, em suma, pela definição de seu objeto de atenção". Neste mesmo viés percebo as colocações do cientista social brasileiro Valter Sinder (2002: 13), "A

inevitabilidade do nosso envolvimento na história [narrada] aponta para o fato de que o que quer que possamos ter da verdade não será obtido apesar de nossa situação histórica, mas devido a ela". Assumir a honestidade de um posicionamento inclusivo dentro das relações estabelecidas no campo de trabalho me faz lembrar Clifford Geertz (2001: 44):

> O estereótipo popular do técnico de laboratório de guarda-pó branco, tão asséptico nos afetos quanto nos trajes, é apenas uma expressão da idéia de que esse distanciamento consiste numa ausência neurótica de afetividade posta em prática. (...) no trabalho de campo em Antropologia, o distanciamento não é um dom natural nem um talento fabricado, mas uma conquista parcial laboriosamente alcançada e precariamente mantida. O pouco desprendimento que se consegue atingir não vem da inexistência de emoções, de seu desconhecimento dos outros, tampouco do ensimesmamento num vácuo moral. Provém de uma submissão pessoal a uma ética vocacional.

Colocar esses exemplos práticos, enquanto vivências pessoais de pesquisadores célebres, não significa dizer que apenas e exclusivamente quem viveu tal ou qual situação esteja apto a analisá-la nos outros[2]. Antes, significa constatar que o viés do investigador sempre deve ser considerado como um elemento nessa análise, e que o fato de ter passado por circunstâncias semelhantes às do informante não descredencia, mas sim agrega valor à experiência de pesquisa. Como diz Gilberto Velho (1999c: 26), buscar padrões sociais e culturais na pesquisa não implica negar a dimensão individual, e sim aprender a lidar com a subjetividade, sua e do interlocutor, bem como considerar relevantes para seu trabalho as características estritamente individuais das pessoas que está estudando. Então, apoiada nestas perspectivas, apresento minha abordagem metodológica.

É fato já observado que, de modo geral, todos os trabalhos científicos publicados, especialmente aqueles que são ou resultam de dissertações ou teses defendidas, trazem como um tópico obrigatório uma descrição dos procedimentos metodológicos utilizados para se atingir os propósitos da pesquisa, seja para cumprir objetivos, seja para afirmar ou refutar hipóteses, enfim, seja para dar conta do problema estudado. Sua finalidade é mostrar os

[2] Esta é uma posição, parece-me, defendida por Rosaldo, mas que suponho necessitar de mais investigações para ser assumida como dado indiscutível ou rechaçado no todo metodológico.

caminhos percorridos ao se pretender avançar no campo do conhecimento daquilo que foi eleito como objeto de estudo. No presente texto, isso também acontece.

Contudo, ao começar a escrever estas linhas, faço uma pergunta a mim mesma: em que este capítulo poderia contribuir com o campo da metodologia da pesquisa, sem se tornar redundante ou teleológico? Então, penso que uma contribuição substancial poderia advir da descrição do percurso trilhado pela investigadora no que concerne aos fatos que permearam o fazer antropológico. É certo que isso não seria totalmente inovador, mas também é certo que ainda poucos[3] são os trabalhos que apresentam o lado do pesquisador, seus avanços e retrocessos, e até mesmo os momentos de parada e embotamento dos sentidos (felizmente fugazes) que enfrenta nessa trajetória. Segundo o antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira (1998: 21), "a caminhada da pesquisa é sempre difícil, sujeita a muitas quedas". E isto inclui as atribuições e atribulações da sua vida diária.

Até porque o mundo não pára, quando você está escrevendo uma tese! Você continua com suas responsabilidades perante o mundo e a sua vida. Principalmente se você não tem mais seu companheiro, parceiro incondicional nas lides do cotidiano, e você mesma é quem tem que resolver tudo. Tem que pagar suas contas, no dia do vencimento (se os Correios não estão em greve; mas, se estiverem, as preocupações aumentam pela possibilidade de arcar com multas e juros das faturas atrasadas involuntariamente); deve atender seus filhos, quando lhe requisitam, porque você os ama e está imbuída do seu papel de mãe; tem que cuidar das coisas de casa, como fazer compras e providenciar consertos; tem que comparecer aos empregos: mesmo se teve, neles, uma redução de carga horária, pois há decisões e procedimentos que demandam sua presença e seu pensamento; tem também que atender a seus parentes, principalmente se estes são seus pais, já bem idosos e estão doentes: até porque eles são muito importantes e amados, e você sente que precisam de você e, principalmente, dos seus conhecimentos (com) médicos. Isto tudo faz parte do (seu) mundo, que não deixa de girar porque você está fazendo uma tese. Como se vê, o fato de se fazer pesquisa no próprio ambiente de vida do pesquisador pode engendrar dificuldades ou obstáculos que não teriam aqueles que se distanciam geograficamente e vão para terras distantes estudar povos ditos

[3] É promissor acompanhar a tendência da chamada Antropologia chamada Pós-Moderna para a valorização do encontro etnográfico enquanto processo relacional intersubjetivo: no modelo clássico de etnografia, pretendia-se uma descrição objetiva pura do campo no relatório da pesquisa, mas atualmente se percebe a inclusão, freqüentemente, das experiências do próprio pesquisador neste labor.

exóticos. Quer dizer, em ambos os casos, estando lá ou estando aqui, problemas para efetuar o trabalho de campo podem ser enfrentados, embora com características diferentes.

Mas tem mais! Você continua achando que deve acrescentar mais dados à sua pesquisa de campo - porque você acha seu objeto de estudo muito interessante, e cada vez que aparece uma oportunidade de colher novos relatos ou acrescentar outros autores e outras citações, você pensa que será bom e talvez até indispensável! Aí é que você deve escutar sua orientadora, que é a pessoa que sabe onde você deve parar, e que está, no mínimo, tão interessada na sua tese quanto você mesma. Neste sentido, quando é realizado qualquer processo de revisão do texto, penso que o orientando é o coração da tese, enquanto o orientador é o cérebro. O coração se deixa envolver possessivamente pela escrita, sem querer alterar nada do que foi refletido e argumentado; o cérebro consegue ver o mesmo texto com uma certa objetividade, e é quem avalia o teor do que está escrito, propondo, com seu saber racional e experiência, outros possíveis caminhos. Ao orientador talvez seja dado pouco reconhecimento nesse papel de conduzir o neófito de forma preponderante para o êxito do trabalho, pois seu nome geralmente só aparece na página de abertura da tese por ocasião da defesa pública; mas quando se faz desta uma publicação geralmente há uma injusta omissão de sua participação, - pois ele é, na verdade, uma espécie de co-autor. Com a exceção de você, seu orientador é quem mais se esforça pelos bons resultados de sua tese, pois, como diz a administradora brasileira Maria Ester de Freitas (2002: 24): "Depois de você, o seu orientador é seu principal torcedor, mesmo que não manifeste isso abertamente." No meu caso particular, confirmo essa "torcida" como equivalente à minha, e até mesmo potencializadora da minha: quando eu fraquejava e me via prestes a desistir e a afundar frente às diversas dificuldades trazidas por contingências da vida mais ampla e/ou inseguranças decorrentes do trabalho do porte de uma tese, o apoio e incentivo da minha orientadora eram o meu colete salva-vidas, a força que me resgatava. Assim foi o seu envolvimento no percurso do meu trabalho. Sem jamais pressionar, esteve sempre atenta às minhas solicitações, seja por e-mail, seja pessoalmente, sacrificando horário de almoço até, para nos encontrarmos. Esta tese é muito dela, e o meu reconhecimento permanecerá para sempre.

2.1 – A CONSTRUÇÃO DO ESTUDO

Como já referido, a idéia desta pesquisa veio no lastro do trabalho investigativo que empreendi sobre viuvez feminina em camadas médias, e que resultou na minha dissertação de mestrado, defendida em março de 2003. Naquela ocasião, procurei verificar as demandas sócio-culturais que acompanham uma mulher que, com a morte do marido, passa do papel de esposa para o de viúva. Entre as informações e opiniões coletadas nas narrativas de vida com que trabalhei emergiram outros questionamentos que poderiam constituir novos focos de atenção no campo da viuvez. Dentre estes, encontrei, em pelo menos metade das mulheres entrevistadas, a afirmação de que o sofrimento que viveu com a morte do marido seria o mesmo se o inverso acontecesse - isto é, no caso dela própria ser a vítima e o marido, o sobrevivente - e justificavam tal afirmação pela sua lógica de que o casamento tinha para ambos o mesmo grau de proeminência, e onde a relação afetivo-sexual e de companheirismo era recíproca. Outras viúvas, entretanto, não tinham tanta certeza, especialmente no que se refere ao "tocar a vida pra frente". Porque, para o senso comum, "homem não vive sem mulher", e "ele casa logo, logo". Então, pelas afirmações e comparações que foram levantadas, ao entrar no curso de doutorado, pensei em ouvir a fala de homens viúvos, o que poderia trazer à luz suas próprias perspectivas, vivências e providências frente à situação.

Assim, estabelecendo como objetivo investigar de que forma homens de camadas médias reorganizavam suas vidas, após a morte da esposa, tracei um percurso metodológico semelhante ao que tinha utilizado na pesquisa anterior, sobre viuvez feminina. A experiência adquirida ali sugeria a adequação de trabalhar com a mesma metodologia, já que as perguntas básicas, para esclarecimento do problema que me guiava, eram as mesmas, agora aplicadas ao gênero masculino. Meu interesse era criar as condições mais próximas possíveis daquelas desenvolvidas com as mulheres, a fim de que os resultados pudessem eventualmente ser comparados. É preciso deixar claro que a comparação não era uma proposta prévia, já que o que eu pretendia era conhecer as formas empregadas pelos viúvos no processo de reorganização de suas vidas. Mas percebi, desde as primeiras entrevistas, que não podia deixar de comparar como homens e mulheres vivenciavam o mesmo fato fundador: a morte do cônjuge. A todo momento, a par das colocações feitas pelos viúvos, vinham à minha memória

as falas das viúvas, e por isso assumi que a comparação teria seu lugar próprio na análise dos dados. Assim, o cotejar do que disseram homens e mulheres, entrevistados por mim, deve aparecer muitas vezes neste texto.

2.1.1 - UNIVERSO DA PESQUISA: A SELEÇÃO DA AMOSTRA

A amostra tem caráter proposital, sendo informantes homens que se tornaram viúvos em alguma época de suas vidas, não importando o tempo decorrido desde o evento morte da esposa e a data da coleta de dados, nem se houve ou não recasamento[4]. Também não há recorte de faixa etária, visto que me interessa ouvir a pessoa na condição de viúvo. Além disso, como registrei em página precedentes, as pesquisas que já existem sobre viuvez, seja masculina ou feminina, geralmente vêm atreladas à idade avançada, enfocando os modos como esses homens e/ou mulheres lidam com a separação por morte do cônjuge, seja pela desvalia doméstica que isto lhes acarreta, problemas de saúde que enfrentam, isolamento adicional vindo com a aposentadoria, etc. (Britto da Motta, 2002b; Doll, 2002; Moore & Stratton, 2003). Deixo claro que a minha proposta é outra.

O meu universo de estudo é composto por um quantitativo de 20 (vinte) viúvos. Segundo Gaskell (2003: 71), "há um limite máximo ao número de entrevistas que é necessário fazer, e possível de analisar. Para cada pesquisador, este limite é algo entre 15 e 25 entrevistas individuais." Eu optei pela quantidade média entre os dois extremos, mas não sem um certo pesar por deixar de entrevistar outros viúvos indicados.

Todos os participantes têm seus domicílios na Região Metropolitana do Recife, estado de Pernambuco/Brasil, área delimitada para abrangência da pesquisa. As cidades de residência são Recife, Jaboatão dos Guararapes e Paulista. Os encontros para as entrevistas, entre a pesquisadora e os informantes, aconteceram, de preferência, na própria casa do entrevistado, mas também em outros locais que foram indicados por eles (empresa de trabalho, associações de classe, etc).

Outro critério de inclusão de informantes, nesse estudo, é a pertença a camadas médias urbanas, como já pontuado. A referência para camadas médias está baseada nos trabalhos de Gilberto Velho (1987; 1989; 1992; 1999a; 1999b) e de Maria Luiza Heilborn

[4] O recasamento é uma das possibilidades dentre todos os fatores disponíveis para "tocar a vida pra frente".

(1984). Estes autores trabalham com o conceito de camadas médias, mostrando a condição plural desses segmentos sociais, que dificulta a substancialização dos diversos setores que os compõem numa classe social única, ou classe média. Para Heilborn, "a antropologia tem ensinado que as classificações nativas são cruciais para a compreensão da vida social" (1984: 91). Isto é por ela percebido como o resgate e a valorização de uma lógica classificatória própria, que reflete "seu lugar no mundo", pois estabelece fronteiras simbólicas com "outros". São essas "fronteiras culturais", como nomeia Velho (1999a: 106), que diversifica grupos de indivíduos que segundo critérios puramente socioeconômicos pertenceriam à mesma categoria.

Outras características das camadas médias, importantes para meu estudo, são assinaladas pelo antropólogo norte-americano (abrasileirado) R. Parry Scott (1996). Diz o autor que as camadas médias brasileiras apresentam um discurso íntimo, subjetivo e repleto de referências sobre a vida privada (p. 143); que as ocupações trabalhistas que exercem são marcadas pela heterogeneidade, identificando-se fundamentalmente pelas profissões liberais, ocupações bem remuneradas e qualificação profissional. Chama minha atenção, especialmente, a afirmação do autor de que as camadas médias são educadas para exercer controle e competência na administração do trabalho realizado por outros (p. 155), e isto fica bem explícito na fala dos viúvos quando referem sua posição de chefia no emprego e supervisor nas tarefas domésticas executadas por serviçais - o "saber mandar" (Scott, 1996: 156), no âmbito do privado, após a morte da esposa. Em todos estes aspectos, os meus informantes se enquadram bem, como é assinalado no transcorrer desta tese.

2.1. 2 - INÍCIO EMPÍRICO DA PESQUISA: A COLETA DE DADOS

Para explicitar as ferramentas utilizadas na pesquisa de campo, vou agora mostrar como foi conseguida e composta a amostra, estabelecidos os locais onde as entrevistas ocorreram e, em linhas gerais, ocorrências e anotações específicas do trabalho de campo.

2.1.2.1 - CAPTANDO INFORMANTES

Uma das vias de obtenção da amostragem se deu através de pessoas das minhas relações de parentesco e amizades, que indicaram homens que preenchiam os critérios

propostos neste estudo. Este mesmo caminho de captação de candidatos foi percorrido na minha pesquisa com mulheres viúvas, constituindo-se numa escolha perfeitamente adequada de identificação e localização inicial de informantes. Assim, eu já conhecia essa forma de amealhar informantes, e sabia que outros pesquisadores haviam trabalhado com esquema metodológico parecido. Senão, vejamos.

A mobilização de redes sociais para identificar e granjear a adesão de informantes para a pesquisa científica já é corrente na ciência social, e alguns exemplos podem ser apontados. A socióloga carioca Tânia Salem (1980: 21) relata que mobilizou amigos, alunos e familiares, a quem denominou de *intermediários*, para auxiliar na tarefa de encontrar famílias que lhe servissem de informantes. Os intermediários tinham a função de inquirir as famílias visadas do seu interesse em participar de uma pesquisa acadêmica, e solicitar a permissão para repassar um número de telefone à autora do projeto. A partir daí, toda comunicação se estabelecia entre a pesquisadora e candidatos, com subseqüente apresentação da proposta do estudo e efetivação das entrevistas para aquelas famílias que se dispunham a tal.

Na pesquisa da cientista social inglesa Elizabeth Bott (1976) com famílias de camadas médias, o procedimento de captação seguiu orientação mais ou menos semelhante. A autora contatou famílias a partir das indicações de pessoas que eram vinculadas ao que ela chamou de "agências de contato", representadas por clínicas médicas de bairros (profissionais de saúde e funcionários administrativos), maternidades e hospitais (equipes de atendimento), um partido político, congregações religiosas (reverendos), escolas (professores e outros funcionários), entre outras, além de seus próprios amigos e colegas (Bott, 1976: 39).

No Brasil, existe o trabalho da antropóloga Clarissa Garcia (2003), também com famílias, na qual a autora utilizou sua rede de conhecidos para colaborar na composição do grupo de informantes. Chamando de *observadores qualificados* ou *intermediários*, a autora explica que muitas das indicações surgiram dessas pessoas, seja através de conversas casuais, seja por meio de conversas com o intuito específico de busca ativa, em qualquer lugar que a autora estivesse a freqüentar (p. 6-7).

Especificamente sobre viuvez masculina, há o trabalho já referido das norte-americanas Alinde J. Moore e Dorothy Stratton (2003), uma psicóloga e a outra assistente social, onde a estratégia de captação dos pesquisados seguiu semelhante ao referido acima. Essas autoras utilizaram suas redes de amigos e de colegas de profissão, a que chamaram de

contactantes (p. 220), para ajudar na busca de e fazerem o primeiro contato com viúvos idosos que correspondessem aos parâmetros exigidos pelo desenho da pesquisa. Para quem concordava em participar, o contactante explicava que logo lhe seria enviada uma carta das pesquisadoras, explicando os objetivos, o caráter de confidencialidade e total voluntariedade da investigação, bem como o número de telefone para localização das mesmas. A mediação do contactante terminava aí: todos os demais procedimentos para o encontro eram assumidos pelas autoras.

Uma outra fonte para obtenção de pretensos candidatos a informantes foi estipulada: que cada pessoa entrevistada poderia, também, indicar alguém que possuísse os mesmos atributos exigidos, ou seja, que estivesse na mesma "categoria de situação" (Bertaux, 1997), noção que é explicitada mais adiante, neste mesmo capítulo. No entanto, esta estratégia não surtiu efeito, visto que apenas um dentre os 20 entrevistados é que indicou outro viúvo. Semelhante situação é vista em Garcia (2003: 7), para quem o "método bola de neve nem sempre funcionou" - ela não especifica em que proporção obteve resposta positiva com esse método -, daí ter apelado para suas redes sociais. O mesmo é encontrado, também, pela antropóloga gaúcha Paula S. Machado (2007: 175-176), constatando que deve ser problematizada a adequação metodológica de usar a técnica *snowball*[5] com homens adultos jovens e de baixa renda - não apenas, suponho -, pois a autora encontrou reações negativas nos seus informantes, que se manifestavam pelo receio de indicar quem não fosse "alguém de respeito", ou agiam com deboche, constrangimento, negação. Contudo, considero que o insucesso nada tem a ver com classe social ou idade, pois também tive dificuldade nessa mesma forma de recomendação de informantes. Penso, antes, que quando a indicação é feita por pessoas da confiança e/ou intimidade do candidato a aceitação é maior, como será visto adiante.

Essas duas maneiras citadas compuseram o sistema de captação do universo que estudei. Apenas em um caso é que eu fiz o convite diretamente, sem utilizar intermediários. Isto se deu com um colega que eu encontrava eventualmente no órgão de classe a que ambos

[5] Ou técnica bola de neve, na qual cada novo informante indica os próximos para participarem da pesquisa (Machado, 2007: 165).

pertencíamos. De qualquer forma, o fato de estar mais próxima geograficamente dele, numa ou noutra ocasião, não facilitou a sua concordância em participar da pesquisa, como descrevo adiante. Aliás, quero deixar claro que todos os homens incluídos nesta investigação não fazem parte de nenhum grupo de amizade ou de trabalho ou de qualquer outro tipo que seja de minha convivência mais chegada. A maioria dos viúvos eu não conhecia, e aqueles que eu já conhecia, essas relações eram muito distanciadas e eu não sabia praticamente nada de suas vidas pessoais.

2.1.2.2 - CONTATANDO VIÚVOS

Vejamos, agora, como se estabeleceu o contato com os viúvos. A providência primeira, repito, foi divulgar no meu meio social (familiares, amigos, colegas de trabalho, alunos) os critérios de inclusão propostos para o objeto de estudo, de modo a identificar pessoas mediadoras ou contactantes que pudessem solicitar, de homens viúvos que conhecessem, a permissão para me repassar um número de telefone que eu pudesse usar para estabelecer a primeira comunicação com eles. E a resposta não se fez esperar muito. Logo eu tinha uma lista dos possíveis informantes: viúvos que se colocaram disponíveis para a entrevista.

O interesse em procurar viúvos suscitava piadas, em alguns momentos, seja dos intermediários, seja dos próprios viúvos. Um dos informantes, por exemplo, perguntou-me, quando dei por encerrada a entrevista, e solicitei que me indicasse outros viúvos que por ventura ele conhecesse: "_Você está encontrando muito viúvo por aí?". As risadas que se seguiram a isto supõem uma intenção e curiosidade no mínimo ambíguas na colocação da pergunta. Num outro momento, eu tive conhecimento de um comentário, relatado por um contactante: "_Então ela ((eu)) está bem melhor!" O comentário veio de uma pessoa que sabia da minha condição de viuvez, e como a perda do meu marido sempre foi uma questão dolorosa para mim. Então o fato de eu estar "atrás" de viúvos significava, em sua interpretação e para seu alívio, que muito provavelmente essa fase de dor havia passado.

Os primeiros homens viúvos contatados eram médicos, e houve uma certa facilidade para isto, visto serem do ambiente profissional que eu estou acostumada a freqüentar e onde o meu círculo de conhecidos é maior. Não sem pesar, tive que descartar alguns outros, pois não

desejava que a amostragem tivesse um recorte a mais, ou seja, também de profissão. Mas penso que esta pode ser uma outra vertente para pesquisar a viuvez: por categoria profissional. Será que determinadas profissões estariam mais expostas às probabilidades de viuvez, ou esta ocorreria aleatoriamente? Os sentimentos de pesar ou o enfrentamento da situação variaria com a profissão? O fato de médicos lidarem com a morte no cotidiano de trabalho ajudá-los-ia a vivenciar em si próprios e/ou favoreceria a adaptação à morte de um ente querido? Nesta perspectiva, no propositalmente escasso número de médicos que entrevistei agora, o impacto gerado me pareceu muito grande e não se diferenciou do de outras profissões. Coincidência ou amostragem pequena? Problemática para nova pesquisa.

De três viúvos que moravam sós, quando fiz as ligações telefônicas para marcação das entrevistas, dois me disseram: "_ Eu sou viúvo e moro sozinho!" A isto eu respondia que não via problema, pois eu havia resolvido confiar na integridade dos meus informantes (e acrescentava para mim mesma que acreditava na minha competência para lidar com eventuais e inoportunas situações no campo). Esta última observação pode parecer presunçosa, e me dei conta deste pensamento cruzando a minha mente. Honestamente, não sei se a confiança seria a mesma se eu estivesse pesquisando num estrato social que não esse mesmo no qual me situo e/ou em locais de propagada periculosidade. Percebi, então, que talvez as minhas próprias representações sobre a categoria socioeconômica de meus informantes poderiam ser responsáveis por esta sensação de segurança e confiabilidade. Porque, de fato, a pertença da pessoa a esta ou aquela camada social não garante este ou aquele tipo de comportamento. As pesquisas científicas e os jornais leigos estão aí com todo tipo de informações a este respeito. Assim, esta é mais uma constatação de que o cientista não é aquele elemento neutro que a ciência cartesiana declara, mas que sempre traz para o campo aquilo que o constitui enquanto ser humano, isto é, ele carrega consigo suas próprias representações. Reconhecer que este inescapável fenômeno está presente, quando interpreta seus dados, é proceder dentro da perspectiva de distanciamento apontada por Geertz (2001: 44), já referido antes.

É possível, ainda, acrescentar outro exemplo. Sentimento parecido foi vivido pela antropóloga brasileira Larissa Pelúcio (2007) quando fazia pesquisa de campo com travestis, em São Paulo. Ela diz que se comportou "com uma ingenuidade que poderia ser lida como segurança" (p. 95), quando não se apercebeu de uma tentativa de acerto de contas que estava acontecendo bem próximo dela e de seu grupo, na saída de uma boate, e do risco de serem

atingidos por algumas balas. Ela chama episódios deste tipo de "guarda baixa", ou seja, a situação em que o pesquisador deixa de estar atento ao entorno, desconsiderando que freqüenta uma área desconhecida e que não se encontra suficientemente familiarizado com a dinâmica de demarcação de espaços (p. 96). O excesso de confiança decorria, afirma Pelúcio, de não ter refletido que o fato de estar com pessoas do "pedaço"[6] não garantia completa salvaguarda do perigo: desconsiderou a realidade local e superestimou os sujeitos da pesquisa quanto a sua imunidade a sofrerem ataques violentos. De qualquer forma, nunca vivenciei constrangimentos no trabalho de campo, exceto por uma única vez, que será relatado adiante.

Volto à minha pesquisa. Através de ligação telefônica[7], eu explicava ao viúvo candidato, em linhas gerais, no que consistia a investigação. Dizia que esta era uma pesquisa acadêmica, cuja finalidade era minha tese de doutoramento, e que eu estava trabalhando as questões de morte de uma esposa e reorganização da vida de seu viúvo, após esse evento. Eu dizia também que a duração da entrevista levava em média duas horas e que precisaríamos de uma sala privativa. Então, marcávamos uma data e um lugar para o encontro. Outras informações sobre mim poderiam ou não ser colocadas durante o telefonema ou mesmo no transcorrer da entrevista, se me fossem perguntadas diretamente ou se eu percebesse que seriam adequadas para facilitar a interlocução. As mais comuns eram: ser médica, ser viúva, ser professora de escola médica - não necessariamente nesta ordem. Para evitar qualquer impressão de manipulação deliberada minha para com o entrevistado, acho importante esclarecer mais um pouco esse ponto.

As representações sociais da figura do médico aparecem de modo extremamente forte em nosso meio. Um informante falou[8] assim:

> - A senhora::: - um médico, eu posso falar cum um médico. Cum médico eu posso conversar qualquer = qualquer assunto, porque um médico é::: é tudo, né? (...) Num caso de novo, por quê? VIRILIDADE eu ainda tenho, - a senhora é uma médica, sabe que eu tenho; num tenho 100%, mas tenho

[6] "Pedaço" é usado segundo a acepção de Magnani (2002: 22 *Apud* Pelúcio, 2007: 96, nota de rodapé).
[7] Apenas um informante, Josué, foi contactado por e-mail, mas assim mesmo falei com ele por telefone para marcar a entrevista.
[8] Os sinais gráficos que aparecem nos depoimentos têm por objetivo manter a ênfase dada pelos informantes às suas falas: entonações, sentimentos, emoções. O modelo utilizado foi modificado por esta doutoranda do esquema de Silverman (1993: 118), que se baseia em Heritage (1984). A decodificação constitui o Anexo C, desta tese.

> SETENTA! Eu tenho:: 82 anos, mas também:: num tô precisando de Viagra, não! (Gerson, E09: 12).

Este mesmo informante, inclusive, faz um escalonamento da importância que atribui a determinados papéis na sociedade: "_ Primeiro = primeiro - ((vou contar)) na mão, né? - (.3) Primeiro = primeiro a mãe, o médico, o mestre, o músico, o militar. Tudo é eme, né?" (E09: 9). Na opinião de Gerson, acima do médico está apenas a mãe e imediatamente depois vem o mestre. Ainda mais, a representação que ele tem do 'médico' parece ser algo da natureza da magia: sem nenhum dado de história clínica, exame físico ou complementar, eu seria capaz de determinar até o percentual de desempenho viril que ele tinha.

Essa crença no saber médico é da ordem das representações sobre saúde e doença que inunda o imaginário das pessoas. A Antropologia da Saúde, entre outras disciplinas, vem estudando a construção dessas representações. O antropólogo francês Luc Boltanski (2004) afirma que a atividade dos médicos não se exerce diretamente sobre a doença, e sim sobre o doente, onde este não é um objeto inerte, mas alguém que pode saber-se doente, conhecer alguma coisa sobre sua doença, querer curar-se e ter uma opinião sobre a maneira de como fazer isto (p. 13). O autor não usa o termo representação, mas, parece-me, é sobre ela que discute o tempo todo no livro *As classes sociais e o corpo*. Apresenta, esse estudioso nesse texto, a mudança histórica que vem processando-se dentro das classes populares no lidar com a doença, à medida que o conhecimento científico ocidental vai legitimando a Biomedicina como saber único: "(...) ninguém mais tem o direito de ignorar que existe uma ciência médica, conhecimento de especialistas submetido à lei do progresso que a instituição escolar [médica] é a única com direito de transmitir" (Boltanski, 2004: 24). Daí que as classes populares, "conscientes de sua ignorância", não são mais livres para desenvolver um discurso sobre a sua doença, como acontecia com a antiga medicina popular, que fabricava de modo artesanal e mesmo caseiro seus próprios remédios. Assim, suas tentativas de explicação de um estado mórbido são freqüentemente acompanhadas dessa constatação de ignorância ou de apelo ao único especialista autorizado a falar da doença: o médico (Boltanski, 2004: 25). O fosso então cavado entre o médico e o doente e/ou sua família se torna profundo, o que repercute e dificulta no lidar com a doença grave, configurando-se, pelo menos, como um dos fatores da

desumanização da medicina moderna que vem ocorrendo no Ocidente e que será mais abordada no Capítulo 4.

Retornando para o depoimento de Gerson, vejo a questão de ser professora de escola médica seguindo mais ou menos a representação de ser profissional médica, acrescida da valorização do papel de mestre[9]. E, além disso, pelo fato de ser também viúva, assumia o informante que eu entenderia do que ele estava falando, o que tinha sentido e passado com a perda da esposa, pois eu já havia vivenciado situação semelhante.

Além do mais, enquanto todos os enviuvados são membros da mesma sociedade, e, neste caso, pertencem a estrato social e nível intelectual bastante próximos, eles têm grande parte de seus sistemas de representações compartilhados. Inúmeras crenças, valores, idéias de cada um são comuns aos outros. Eles falam a linguagem de seu grupo; pensam do modo de seu grupo (Mannheim, 1986: 30-31). Assim é que um outro informante, médico, tem a mesma representação da sua relevância dentro desta sociedade em que vive, e se concebe como capaz de promover mudanças sociais, pela referência que é enquanto profissional:

> - Porque a necessidade, que eu tenho de ACREDITAR, (.hhh) que o que tá acontecendo, no país, possa ter jeito. E só pode ter jeito se EU:::, que sou membro da ELITE, (.2), queira ou não:: pessoa que é médica, que = que = que tem um salário:: Que pode num ser rico, mas em relação à::: realidade do Estado e do Município, do País (.h) é:::, ou a gente interage ou::, se num interagir::: num tem grande sentido na vida porque todas as estruturas dos três poderes tão corrompidas, e toda = todo o arcabouço de::: organização social. Então a gente tem de acreditar que pode transformar, pra poder ter um mínimo de sentido na vida! (Roberto, E01: 02).

Para o sociólogo francês Émile Durkheim (2000: XVI), os primeiros sistemas de representações que o homem produziu foram as chamadas "categorias do entendimento:

[9] A profissão de professor, enquanto educador, é ainda considerada, no Brasil, um dos pilares básicos da sociedade, embora as remunerações financeiras e as más condições de trabalho não sejam compatíveis com o seu papel na formação* de novas gerações de brasileiros, constituindo-se isto tudo num paradoxo que tem comprometido um melhor desempenho docente e favorecido uma certa evasão profissional, o que tem sido denunciado por manchetes jornalísticas de meios de comunicação de massa. Um exemplo é a matéria publicada na edição de 31/08/2008, página 16, do Jornal do Commercio, em Recife/PE, que mostra que cerca de 34% dos universitários que ingressam nas licenciaturas, no país, não há de completar o curso; dos alunos que completam, apenas metade deles vai lecionar.

*Não vou discutir aqui "a idéia segundo a qual as escolas são varinhas mágicas que por si só tornarão as oportunidades de vida de uma criança marroquina ou indonésia idênticas às de uma americana, francesa ou holandesa", como argumenta Clifford Geertz (2001: 39), pois não cabe no escopo deste meu texto.

noções de tempo, de espaço, de gênero, de causa, de substância, de personalidade, etc." O grau de proeminência destas categorias na sociedade, diz o autor, é de tal ordem que elas são "como a ossatura da inteligência": o que significa que o ser humano não pensa sem a ajuda de categorias, porque "são elas, particularmente as eminentes, aquelas que organizam a realidade - social ou não - de modo a imprimir nela a inteligência do espírito, a seu modo pré-formador dessa mesma realidade" (Cardoso de Oliveira, 1998: 75). Portanto, a representação social é um tipo de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (Jodelet, 2001: 22). Ela constitui o saber de senso comum, e a sua legitimidade como objeto de estudo deriva da importância que tem na vida social, possibilitando a elucidação dos processos cognitivos e interações sociais.

Após um período de desuso, depois da formulação inicial de Durkheim, o estudo das representações foi retomado com grande impulso, principalmente nestas últimas décadas, em vários campos do conhecimento cientifico. No estudo antropológico das representações sociais, pode ser apontado o antropólogo francês Dan Sperber, para quem as representações sociais são construções mentais - as quais estariam na casa dos milhões para cada membro de um grupo social - que constituem o saber do indivíduo. Dentre essas representações mentais, algumas são comunicadas a outros indivíduos: são as representações públicas. Estas últimas, sendo comunicadas repetidamente e distribuídas de forma duradoura por todo o grupo, constituem as representações culturais de uma sociedade (Sperber, 2001: 91-92). Para este autor, todas as representações que os seres humanos concebem e transmitem são culturais, embora em diferentes graus: as mais culturais, ou melhor compartilhadas, tornam possível comunicar as representações mais individuais, e isto é o que permite compreender as conversas e os atos de membros de sociedades diversas (Sperber, 1992: 55). É nessa perspectiva que vejo a similitude nos depoimentos dos informantes Gerson e Roberto, citados acima, acerca do papel/poder do médico nesta sociedade em que vivem.

2.1.2.3 - ENCONTRANDO OS VIÚVOS

O local de realização da entrevista narrativa foi de livre escolha dos informantes, de acordo com a praticidade ou a disponibilidade de tempo de cada um deles para o encontro

etnográfico, e sua distribuição é mostrada no Quadro 2.0, abaixo. Das 20 entrevistas realizadas, 11 delas foram ouvidas na residência do informante, sete no próprio local de trabalho[10], uma na casa da pesquisadora e uma no local de trabalho da pessoa contactante.

Quadro 2.0 - Local de realização das entrevistas narrativas

Local	Residência do informante		Trabalho do informante		Residência da pesquisadora		Trabalho do contactante	
Informante	E06	Elísio	E01	Roberto	E12	Hélio	E08	Artur
	E07	Rui	E02	Alexandre				
	E09	Gerson	E03	Josué				
	E10	Adonias	E04	Renato				
	E11	Jonas	E05	Josias				
	E13	Élcio	E15	Valter				
	E14	Adolfo	E17	Tácio				
	E16	Ivan						
	E18	Petrônio						
	E19	Éder						
	E20	Plínio						

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

Quando a entrevista era feita na empresa de trabalho havia o cuidado do informante de nos deslocarmos para sala privativa. Eles orientavam quase sempre as secretárias para não repassar telefonemas, ou fazerem as pessoas, que quisessem falar-lhes, aguardar na sala de espera. Quando essas instruções não eram dadas inicialmente e havia alguma interrupção, eles me pediam desculpas e logo cuidavam de evitar sua repetição. No transcorrer da entrevista, os informantes falavam sem pressa, como se tivessem disponibilidade de todo o tempo do mundo para contar suas histórias. Na verdade, a pressa na fala, se havia, era mais no sentido de fornecer muitos detalhes, não de encurtar a entrevista. Em uma ou outra vez, quando eu percebia a quantidade de telefonemas que chegavam, além de pessoas esperando lá fora, eu é que me sentia um pouco como "intrusa", e então, em determinado momento, sugeria que suspendêssemos a entrevista, o que o informante não acatava, como mostra o trecho seguinte:

[10] Estou considerando local de trabalho tanto a empresa onde o informante tem vínculo empregatício como qualquer órgão de classe (sindicato, conselho profissional, associação, clube, etc.) onde ele desenvolva alguma atividade física ou ocupação intelectual.

> *?- Você quer deixar pra continuar depois?*
> - Não, não!
> *?- O pessoal parece que tá atrás de tu.*
> - Não, pode ficar. Eu disse que ia ficar aqui, vou ficar aqui, até::: vamos levar até o fim! (.) Até porque:: eu num sei o que é que vai acontecer depois, num sei se vou adoecer, num sei se num vou, quero fazer tudo de uma vez só (Roberto, E01: 45).

Há uma outra questão, ainda, em relação ao local da entrevista. Tenho recomendado que a entrevista narrativa seja coletada na casa do informante, preferencialmente ao local de trabalho, se só existirem estas duas opções. No entanto, o ideal é que haja privacidade em ambos os locais e que pesquisador e pesquisado possam ficar a sós, pressupondo, como faço aqui, que as presenças de outras pessoas inibam a espontaneidade e/ou o tipo de informação dada, bem como estimule o controle de eventuais emoções. Dentre os 11 informantes entrevistados em residência, dois deles estão recasados e são aposentados, permanecendo mais tempo em casa com suas esposas. Os outros viúvos não recasados moram com filhas ou filhos, sendo que a maior parte deste grupo trabalha fora e não está em casa, no momento da minha chegada. Mas se alguém está, não vem para junto de nós. Em relação às esposas, fica difícil impedir que elas se aproximem e queiram participar do momento da entrevista: as duas fizeram isto. Não houve nenhuma tentativa nem minha nem do informante de não aceitar a presença da esposa - talvez tenhamos ficado constrangidos em pedir que ela saísse. Valeria a pena investigar esta situação, a partir de questionamentos como: qual a intenção da esposa atual de ouvir o depoimento do marido sobre o seu casamento anterior? Seria no intuito de mostrar que a nova vida dele é satisfatória e o lugar da esposa falecida está bem ocupado? A esposa morta é um fantasma ameaçador para a nova esposa? Apenas curiosidade, ou ciúme? Casar com viúvo tem características diferentes de casar com divorciado? Informações interessantes, que podem trazer aprofundamento ao campo da viuvez.

Uma dessas questões pode ser aventada para essa aproximação da esposa, qual seja uma espécie de ciúme para com uma pesquisadora mulher que, de fato, está conversando a sós com o marido dela, principalmente sobre relações afetivas vividas no passado dele. A antropóloga gaúcha Paula S. Machado (2007), investigando masculinidade e decisões sexuais e reprodutivas, encontrou respostas negativas de vários homens convidados a compor seu universo de entrevistados, tendo como alegação que "a namorada ou esposa podia não gostar"

(p. 168). A mesma autora relata "frequentes reações de ciúmes e/ou de desafio das mulheres em relação a ela" (p. 168, nota de rodapé nº5).

2.1.2.4 - TOMANDO NOTAS DE CAMPO

Ao me deparar com cada informante no local escolhido para o encontro etnográfico, eu seguia o ritual que me autoriza a exercer o ofício de pesquisadora, munida do material que me ajuda a realizá-lo: diário de campo e caneta, gravadores, fitas magnéticas, documentos. Antes de começarmos a entrevista propriamente dita, eu apresentava esses documentos que me garantem credibilidade acadêmica e sancionam meu papel de investigadora científica: a carta de apresentação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA-UFPE), o documento de aprovação da pesquisa por Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Eu sempre fazia um movimento de passar estes documentos para o entrevistado e/ou me dispunha a lê-los para eles, visando esclarecer eventuais dúvidas. A maioria dos informantes achava desnecessária essa leitura e assinava o TCLE sem titubear. Apenas um deles, talvez por força do hábito de sua profissão (advogado), fez xérox do TCLE e guardou a cópia.

O passo seguinte era meu pedido de permissão para gravar a entrevista, se isso já não tivesse sido esclarecido anteriormente, naquele momento em que era estabelecido o contato telefônico, para o agendamento do encontro. Todos concordavam com a gravação, se bem que em determinado momento no correr da entrevista, se o informante quisesse que alguma informação não fosse gravada, eu desligava o equipamento e só o religava quando autorizada. Na verdade, isto aconteceu apenas uma ou duas vezes, pois, como já referido, a disposição dos informantes para contar suas histórias era total.

Passo, agora, a descrever literalmente o meu campo. O intuito de relatar cada um dos encontros com cada informante deve-se a que considero oportuno mostrar a outros investigadores em processo de formação no fazer antropológico, o que me aconteceu nesses percursos. É possível que alguns estudiosos experientes achem desnecessária e até cansativa essa forma de colocação do campo - a estes, sugiro que ignorem esta parte, e passem para o tópico seguinte. Contudo, para quem está começando, com dúvidas e inseguranças como

companheiras, espero que este relato possa dar alguma contribuição. Até porque ainda é reduzido o número de etnografias que abordam "o outro lado do campo", discorrendo seus autores sobre as frustrações, saudades, doenças, incômodos ambientais, dificuldades de lidar com o objeto de pesquisa, enfim, com tudo o que constitui o campo e que é estranho ao investigador - mesmo quando faz etnografia "em casa". Alguns exemplos podem ser vistos, entre outros, em Bronislaw Malinowski (no seu *Diário*[11] de campo) e Claude Lévi-Strauss (Tristes Tópicos, 1996) ou, muito recentemente, em Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (2007). Lembro também as palavras da historiadora brasileira Mônica Dias (2007: 75, nota de rodapé nº 2), quando descreve o campo agindo sobre ela e diz que já há debates sobre a intervenção de um pesquisador no campo, mas que o inverso é pouco problematizado, além de que é "(...) um precioso tesouro para aquele que inicia seu trabalho saber que possivelmente a vivência de alegrias e traumas são próprios do universo da pesquisa e que dificilmente entramos e saímos dessa situação totalmente ilesos".

Deste modo, volto a caminhar pelo campo, contando de forma geral como se deram esses encontros. É isso, de fato, uma narrativa das narrativas. Antecipo que alguns comentários descritivos[12] vão ser incluídos no corpo da própria narração da entrevista, à medida que me parecer oportuno deixar mais claro o que for enunciado.

1ª Entrevista (E01) - Roberto

O primeiro contato é feito por mim mesma, pois eu já conheço o informante de eventuais reuniões de trabalho associativo, mas ele se nega a participar da pesquisa, justificando essa sua recusa pela possibilidade de ver desencadear uma crise nervosa, problema que freqüentemente lhe acontece quando fala da morte da esposa. Deixo assim naquele momento, mas tento novamente, alguns meses depois, quando o informante fala

[11] Segundo Dan Sperber (1992: 15), "A publicação póstuma, em 1967, do diário de campo de Malinowski provocou um escândalo: nele, o mestre mostrava-se movido por paixões mesquinhas, a ambição devorava-o, a solidão afetiva e sexual torturavam-no, ou, pior, preferia as paisagens do Pacífico ocidental aos habitantes, dos quais fala, por vezes com uma exasperação com laivos de ironia". Penso, pois, que o SER antropólogo não anula o SER humano: esta é mais uma constatação que põe em cheque, definitivamente, a neutralidade científica.

[12] Estou usando a noção de Sperber (1992: 27) sobre *comentário descritivo* que deve sempre acompanhar uma representação não descritiva (por exemplo: diagramas, fotografias, mapas geográficos, citações, resumos). Um comentário descritivo identifica o objeto representado e define o tipo de representação, tornando possível retirar conseqüências empíricas - que podem servir de dados científicos -, na medida em que a sua própria relação com a realidade pode ser descrita.

espontaneamente, em uma outra reunião, sobre as mudanças que têm se processado em si próprio desde a perda da esposa, principalmente em relação a valores materiais e de visão de vida no mundo. Sinto que é importante conhecer sua história e refaço o convite. Desta vez, aceita ser entrevistado e marcamos para logo em seguida, de acordo com a disponibilidade de sua agenda. O encontro para a entrevista se dá, então, no local escolhido por ele, um órgão de classe profissional. Eu sei que ele não quer fazer a entrevista em sua casa para que as filhas não revivam o problema da perda da mãe - uma forma de protegê-las do sofrimento, proteção que se manifesta claramente no transcorrer de sua fala.

Durante a entrevista, o informante se mostra seguro nas respostas e colocações. A narrativa é até certo ponto impessoal, descritiva, não havendo exteriorização de sentimentos e emoções. Fala nas emoções, mas as controla fisicamente. Não permite interrupções telefônicas, e as únicas entradas na sala onde estamos são feitas pela copeira, trazendo água e café, embora a entrevista seja bastante longa - muito devido à prolixidade e detalhamento usada pelo entrevistado no relato de determinadas passagens da sua vida. Várias vezes, há o que interpreto, no momento, como divagações, mas depois percebo que são relatos de situações vividas pelo informante, e que lhe parecem colocações importantes, na medida em que dão uma idéia melhor da pessoa que ele é e do contexto onde tudo aquilo ocorreu. Neste ponto, há que lembrar Daniel Bertaux (1997: 70), que diz que a narrativa é uma improvisação discursiva, de quem conta a história, que não parte de anotações, isto é, não recorre a documentos escritos, mas se fundamenta na rememoração dos principais acontecimentos como foram vividos, memorizados e totalizados pelo sujeito[13], o qual se esforça para discernir os encadeamentos. Neste procedimento, entra uma larga parte de seleção e interpretação, feitas pelo sujeito, coisa inevitável, senão não seria uma narrativa (Bertaux, 1997: 70).

Por conta disso tudo, o tempo reservado para a realização da entrevista da pesquisa é uma etapa do campo a ser pensada cuidadosamente. O momento destinado ao encontro etnográfico deve ser escolhido com uma margem de tempo ampliada, especialmente quando o instrumento é a entrevista narrativa. A pressa em se avançar nas questões do roteiro pode deixar passar por alto ou mesmo de mencionar alguma informação importante da história. Claro que o investigador não pode prescindir de ter em mente o seu roteiro, buscando voltar a

[13] Ao invés de informante, Bertaux (1997: 06) usa o termo "sujeito" para designar a pessoa que conta uma experiência vivida a um pesquisador.

ele sempre que lhe pareça que um determinado tópico foi elucidado adequadamente para os seus propósitos. Contudo, ao fazer o contato para marcação do encontro, deve dizer claramente o tempo que necessita para que não haja pressão nem do informante nem do pesquisador para encurtá-lo. Na minha coleta de dados, senti essa pressão, não do informante, como já declarei, mas minha própria. Eu ficava algumas vezes temendo estar sendo inconveniente, particularmente quando a entrevista ocorria no espaço de trabalho do entrevistado, e eu sabia que havia pessoas esperando para serem atendidas. Então, se for possível evitar, o local de trabalho não deve ser escolhido, sendo mais adequada uma outra opção, como a residência do informante, embora nesta possam existir outros inconvenientes.

2ª Entrevista (E02) - Anísio

Esta entrevista é agendada duas vezes. Na primeira, desloco-me para o local combinado - sua sala de trabalho numa empresa -, mas o informante não aparece; então, telefono para ele, que me diz estar com um problema e que não pode falar comigo nesse dia, mas que eu torne a ligar depois. No segundo contato, marcamos novamente. A entrevista é realizada no mesmo local, já escolhido por ele na primeira abordagem, sem qualquer explicação sobre o motivo dessa escolha. Aí, há alguma interrupção por toques de telefone, e o informante justifica seu atender por estar em horário de trabalho. Mesmo assim, não parece apressado no transcorrer da narrativa, tem uma postura calma e uma voz tranqüila. Emociona-se algumas vezes, com visível expressão de dor no semblante e voz embargada, mas não chega a chorar.

3ª Entrevista (E03) - Josué

O primeiro contato é estabelecido diretamente por mim, através de correio eletrônico, seguindo a indicação de uma colega de profissão, e na resposta vem um número de telefone para eu ligar, marcando. Na data prevista, vou para o local de trabalho do informante, após o final do expediente, sendo recebida em sala privativa, onde não há nenhuma interrupção em todo o transcorrer da conversação. Suas respostas são concisas e objetivas. Há momentos de muita mobilização emocional, ocorrendo choro profuso, pelo menos em duas ocasiões: a

primeira, quando peço que narre a morte da esposa, logo no começo do seu depoimento; a segunda, quando o entrevistado fala no filho resultante desse casamento que enviuvou, quanto ao seu desempenho como adulto, lamentando muito que a mãe não esteja presente para ver.

Uma situação que pode ocorrer em campo, especialmente quando a problemática em estudo se refere seja a dor, sofrimento, doença ou morte, é a mobilização de emoções extremamente fortes por parte do informante, que se manifestam por voz embargada ou choro copioso. O pesquisador deve estar preparado para lidar com isso. Lembro de uma ocasião, em outra situação de pesquisa, em que eu estava com uma colega fazendo uma entrevista, quando a informante começou a chorar desesperadamente. Minha colega se sentiu constrangida e depois me disse que não sabia o que fazer naquele momento. Na sociedade ocidental policiadora da expressão pública dos sentimentos pessoais, muita gente não sabe mesmo como lidar com isso, inclusive os antropólogos. O que a experiência me tem ensinado, a partir das próprias falas de meus informantes e de minha vivência pessoal, é que não se deve fazer/dizer nada, "porque nada do que você faça ou diga vai adiantar"; você deve apenas aguardar em silêncio que a pessoa esteja preparada para continuar o relato. A sua presença silenciosa vai ser percebida como sinal de respeito e solidariedade a este momento de dor.

4ª Entrevista (E04) - Renato

No primeiro contato telefônico, o informante me diz que a entrevista poderia ser feita em seu horário de almoço, em algum restaurante por perto. No dia proposto, eu tenho que pedir o adiamento, pois estou com um parente em estado relativamente grave, internado num hospital recifense, e eu tenho que participar de junta médica para decidir sobre intervenções médicas imediatas. Marcamos para o dia seguinte, no final da tarde, em seu escritório, se possível para ambos, e foi o que aconteceu. O informante me recebe na sua sala, atulhada de mercadorias e papeladas. Envolve-se em seu relato sem pressa, falando com tranqüilidade. Há pessoas esperando, do lado de fora, para tratar de negócios, toques insistentes de telefone, mas ele não atende. As poucas interrupções ocorrem pela entrada da secretária, que nos serve água e café, e que aproveita para comunicar ao informante sobre os telefonemas que chegam e as pessoas que o aguardam - muito embora isso não modifique o ritmo que ele dá à entrevista.

Logo no início de seu depoimento, ele procura algo na sua carteira de cédulas, e me mostra um "santinho" que foi feito para distribuição na Missa de Sétimo Dia da esposa - inclusive tira uma cópia xérox e me entrega, dizendo que não me dá o original porque este está sempre com ele e não sai da sua carteira. Quase ao final da entrevista, há uma nova interrupção, desta vez feita pelo entrevistado, que chama alguém que está do lado de fora, pedindo-lhe que vá ao seu carro buscar um CD - ele me diz que aí tem uma canção que lhe lembra muito a esposa morta. Ele quer que eu ouça essa música que refere como muito importante, e que eu disse não conhecer. Então, quando recebe o CD, coloca-o no computador, já que não tem equipamento de som na sala, mostrando muito empenho e esforço para me fazer ouvir a canção, enquanto ele a cantarola baixinho.

5ª Entrevista (E05) - Josias

O informante marca a entrevista em seu espaço de trabalho, numa manhã bem cedo. Chega com um atraso de cerca de meia hora, pedindo desculpas. Andamos um pouco pelas dependências da instituição, procurando um local apropriado, até que ele escolhe uma sala reservada, de forma que não haja interrupções. Participa da entrevista com interesse, falando com tranqüilidade e objetividade sobre sua história. No final, indica um conhecido seu como possível candidato, dando-me o telefone para contato - este é o único informante que referencia outro viúvo para esta pesquisa.

6ª Entrevista (E06) - Elísio

A entrevista começa na hora marcada, no domicílio do informante. No contato telefônico, quando coloco as opções de nos encontrarmos na residência ou no do trabalho, ele diz que trabalha em casa - depois, fico sabendo que ele é aposentado. Ficamos na varanda do apartamento, inicialmente a sós. Algum tempo depois, Elisete, a nova esposa do informante chega e senta próximo a nós, perguntando se não há problema dela ficar ali. Aparentemente, o entrevistado não muda seu relato, explicando que essa segunda esposa havia conhecido a falecida. Elisete faz alguma intromissão na conversa, quando acha que precisa esclarecer algum ponto, retificando ou ratificando uma ou outra informação. Por várias vezes o

informante se emociona, chegando a chorar - na presença mesma de Elisete. O casal habita apartamento espaçoso, bem mobiliado; não vejo exposta nenhuma fotografia da esposa falecida, o que pode ser devido ao recasamento deste viúvo.

Reflito um pouco sobre o fato do informante ter dito, no contato telefônico que fiz para a confirmação do seu engajamento na pesquisa, que trabalhava em casa, não mencionando que era aposentado. Estar empregado é uma condição que joga um papel importante na moderna sociedade urbana complexa, principalmente para o homem. Apesar do avanço feminista na conquista do espaço público para a mulher, com direito a trabalho assalariado fora do lar e hipotético compartilhamento com o marido das responsabilidades domésticas, os homens ainda são educados para serem chefes da família e principais provedores na manutenção da casa. Conquanto estes conceitos venham mudando, esses entrevistados nasceram e foram educados ainda nos meados do século XX. A construção da identidade masculina era - e ainda continua sendo, em algum grau - muito permeada pela idéia do papel de protetor e mantenedor da família.

Por outro lado, o trabalho é um valor na sociedade moderna capitalista, onde vivem esses viúvos entrevistados. O sociólogo alemão Max Weber (2001) mostrou como o espírito do capitalismo foi sendo construído no Ocidente, fundamentado numa fé religiosa puritana que impingia ao trabalho, preferentemente desempenhado na "vocação certa"[14], a forma primeira de agradar a Deus, que concedia aos homens eleitos o direito de conquistar a salvação eterna. Segundo esse autor alemão, "a coisa mais importante era que, acima de tudo, o trabalho veio a ser considerado em si como a própria finalidade da vida, ordenada por Deus" (p. 115). Nesta perspectiva, a ética protestante preconizava uma conduta moral rígida e formal, repudiava a vaidade e as tentações da carne, proibia o desfrute espontâneo da riqueza - especialmente do supérfluo -, estimulando a uniformidade da vida. Isto teve como resultados indiretos o acúmulo de riqueza, aquisição racional de bens, busca do conforto estrito, sendo fundamental para embasar a idéia da classe média como um ideal e de repercutir, hoje, no interesse capitalista da padronização da produção (p. 122). Assim, surgiu uma ética especificamente burguesa, que se reflete na vida moderna ocidental. Talvez por isso, sem mesmo saber que era por isso, Elísio não quis dizer que não mais trabalhava.

[14] O trabalho como vocação tornou-se uma característica do trabalhador moderno (Weber, 2001: 129).

Por outro lado, o estar aposentado pode também não ser encarado como uma condição satisfatória de vida - ela parece até mais desejada enquanto não chega a época de vivê-la. Porque a aposentadoria não parece trazer, na prática, aquela quase mítica tranqüilidade que se espera conquistar após todos os anos de trabalho que alguém realiza na fase econômico-produtiva de seu ciclo vital. No caso presente, para esse homem viúvo, o ócio que passa a ser parte de um cotidiano de quem trabalhava muitas horas fora de casa, pode ficar pesado, sentido mesmo como "vagabundagem"[15], congruente com o valor do trabalho na sociedade capitalista moderna.

7ª Entrevista (07) - Rui

A entrevista é feita no domicílio, na hora marcada. Sou recebida pela empregada que cuida da casa, que me deixa na sala e logo chega o informante. Este se mostra objetivo nas respostas, mas me dá a impressão de estar controlando fortemente a emoção, pois fala excitadamente, com um meio sorriso, mesmo quando conta da morte da esposa e da saudade que sente. Mora em apartamento bem mobiliado; não há, na sala onde estamos, retratos da esposa morta. Ao terminarmos a entrevista, o informante traz algumas fotografias do casamento e fala da beleza da esposa e reitera a falta que sente dela.

8ª Entrevista (E08) - Artur

Entrevista realizada em sala isolada, no local de trabalho da contactante, que é grande amiga do informante. Ela mesma traz água, dizendo que não quer interromper-nos depois que a entrevista comece. O informante principia seu relato, falando pausadamente, e se emociona várias vezes, chorando muito profusamente.

Na recolha da entrevista, ocorre algum problema na gravação da primeira parte do encontro, que eu não percebo. Na transcrição, vejo que perdi toda essa parte, que fala justamente na vida conjugal com a esposa falecida, tendo ficado salvo o conteúdo que discorre

[15] Há de se notar que a conquista por lei do direito do trabalhador à aposentadoria, mesmo assim, pode não ser introjetada como coisa positiva; lembro o infeliz episódio, que teve ampla repercussão na mídia brasileira, quando o então Presidente da República, o sociólogo brasileiro Fernando Henrique Cardoso, referiu-se aos aposentados como "um bando de vagabundos".

sobre suas relações com outras mulheres, após a viuvez. Tento recuperar o início da história, estabelecendo novos contatos, mas o informante sempre pede para eu ligar depois, dando algumas desculpas, até que penso em desistir e me proponho a usar apenas o que foi coletado antes: não haveria grande prejuízo, pois eu trabalho com viuvez e organização da vida que se segue. Mesmo assim, é sempre bom o pesquisador estar alerta para os equipamentos com que trabalha e usa, checando-os constantemente, a fim de não perder informações que podem ser cruciais para a investigação que está fazendo. Finalmente, numa última tentativa, consigo marcar com o informante e ele então me fornece as informações que preciso para completar os dados da sua história.

9ª Entrevista (E09) - Gerson

Realizada na residência do informante, no dia e hora marcados. Sou recebida por uma das filhas adultas, que me conduz até onde ele está. Ficamos no terraço da casa, onde nos é servido água e café. Mora em casa ampla e confortável, mas sem luxo. Ao fazer a narrativa, o informante se emociona em muitos momentos, chorando baixinho. Mostra-me fotos da esposa morta, expostas na sala de visitas. Apresenta-me à outra filha, que chega da rua. Quando agradeço a atenção e me despeço, coloca-se disponível para complementar as informações dadas em qualquer outra oportunidade, se eu achar necessário.

10ª Entrevista (E10) - Adonias

Esta entrevista é marcada duas vezes. Na primeira vez, vou encontrar o informante em sua residência, como combinado. Chego na casa, cercada por um alto muro e toco o interfone, sendo atendida pela empregada, que me responde que ele não está em casa. No final da mesma semana, ligo para o seu celular, e ele me diz que tinha tido um problema com seu carro, e não sabia como me avisar. Então, remarcamos para o início da semana seguinte. Na data agendada, chego na casa, que se situa em bairro nobre de Recife. Na casa ampla, luxuosa, sou recebida pela mesma empregada da primeira vez, que me deixa aguardando no terraço. Logo em seguida o informante chega e começamos a trabalhar. Devido ao barulho que vem da rua, dificultando a interação (tanto fala quanto escuta), ele sugere irmos para um terraço interno,

localizado numa espécie de jardim de inverno, dentro da casa, onde a entrevista se processa sem mais problemas.

11ª Entrevista (E11) - Jonas

Feita na residência do informante, no terraço. Sou apresentada à esposa atual, do seu terceiro casamento. Esta vem juntar-se a nós quase no final da entrevista, trazendo fotos dos filhos de casamento anterior dela, instrumentos musicais que o marido atual toca, reportagens de jornais, etc. Não há exteriorização de emoções pelo informante, exceto algum grau de insatisfação com os filhos biológicos, que se afastaram dele aparentemente descontentes com seu recasamento. É possível - porque não há, nesse momento, como ter certeza disso - que a presença da nova esposa tenha alterado o teor do depoimento na conversação.

12ª Entrevista (E12) - Hélio

O informante foi contatado por uma de minhas irmãs, que é sua conhecida. No primeiro contato, marcamos para realizar a entrevista em sua casa, mas no dia agendado, tive um compromisso inadiável de trabalho, tendo que transferir o encontro para a semana seguinte. Quando ligo para confirmar, o informante explica que seu carro está com problemas e que a oficina onde vai fazer o conserto é num bairro perto da minha casa, e que ele não se importa de vir para cá. Chega no horário marcado. Responde às questões colocadas com tranqüilidade, e até mesmo com uma certa euforia.

O entrevistado se define como um espiritualista agnóstico. Após o encerramento da entrevista, faz uma extensa preleção para mim sobre expansão da consciência, resolução de conflitos internos, vida após a morte - refere-se claramente à resposta que lhe dou de não aceitar a perda do meu marido, quando me pergunta sobre o assunto - a informação da minha viuvez deve ter sido dada pela contactante. Este episódio reforça, em mim, a idéia da importância da escolha do lugar onde se realiza a entrevista - na minha casa, pelas regras da hospitalidade brasileira, eu não posso simplesmente encerrar o encontro e despedir-me - até porque estamos numa situação onde o entrevistado deixa entrever sua concepção de estar

prestando um serviço de ajuda a mim, como se fosse mais uma missão dele aqui na Terra, dentre tantas outras que ele presume terem sido e que me relata.

13ª Entrevista (E13) - Élcio

Neste caso, o contato é feito por uma pessoa da minha família, quando, então, esse viúvo confirma sua anuência em participar da pesquisa. Contudo, na primeira aproximação telefônica, o informante me diz que aquele não é um bom momento para marcarmos, pois está de saída para o enterro de um amigo. Tratando-me por "meu amor", fala que eu posso ligar depois.

Aqui, abro parênteses para refletir sobre esse contato. Se eu fosse um pesquisador homem, na interlocução teria sido colocado este tratamento: "meu amor"? Na perspectiva de Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (2007), há diferenças nas experiências de campo vividas por antropólogo/homem e antropóloga/mulher. Lembrando um texto de Mirian Grossi (1992) que refere o 'mito do antropólogo assexuado', essas autoras afirmam que as implicações dessas diferenças instigam "a pensar sobre os impactos desse mito sobre a produção do conhecimento na Antropologia" (p. 19). Penso que isto pode repercutir tanto no lado da academia quanto no lado do informante/objeto de pesquisa no campo.

Pelo lado do informante, ser entrevistado por uma mulher poderia mobilizar nele representações sobre o que seria mais adequado dizer sobre outra mulher que, no presente caso, é a esposa que está morta - dois elementos, estes, de valor não desprezível na idéia de santificação[16] que se projeta sobre alguém morto (no senso comum, geralmente referido inconscientemente por boa parte do povo brasileiro). Mas poderia ser também um marcador da linguagem corriqueira, embora não veja o mesmo "hábito" sendo empregado com interlocutores masculinos. Por fim, a expressão "meu amor" poderia, talvez remotamente, também ser algum tipo de teste ou estratégia de sedução da parte do informante?[17]

[16] Discuti a idéia de santificação do morto, anteriormente (Lago-Falcão, 2003: 50; Lopata, 1979: 124), que se refere à santificação da família e da pessoa que está morta, enquanto representações poderosas na sociedade brasileira.

[17] Admito que esta possibilidade não me ocorreu de imediato, apesar de achar estranho o uso dessa forma de tratamento íntimo para com alguém que o informante não conhecia. Depois de ler o texto da antropóloga gaúcha Paula S. Machado (2007: 161), que também vivenciou algo semelhante, é que penso nesse viés - embora a maioria dos informantes não tivesse idéia, nesta fase do contato, da quantidade de cabelos brancos que possuo e

Pelo lado da academia, quanto à construção do conhecimento originado do campo, tem-se a possibilidade concreta de que a verdade descoberta seja, então, sempre relativa e dependente dos sujeitos posicionados (Rosaldo, 1993: 7). Quer dizer, o teor das informações acessadas depende da posição do antropólogo no campo, e é a partir deste material que é criado o texto final. Essa posição do investigador no campo passa pelo crivo do informante, ou seja, da idéia que este tem sobre as relações de gênero, geração, classe social, categoria profissional, etc., fazendo com que, muito provavelmente, ele revele questões que acha mais adequadas para *aquele* pesquisador. Não estou sugerindo, de modo algum, que as informações sejam inverídicas, mas sim que elas são triadas, e que outro pesquisador no mesmo campo pode colher dados que engendrem outras interpretações. Daí que todo material etnográfico pode e deve prestar-se a releituras - e esta, penso mesmo, é uma das riquezas da Antropologia. A antropóloga brasileira Mariza Peirano (1995: 56; p. 57) já afirmou que novas análises e reanálises de um dado material podem vir a comprovar a fecundidade teórica do trabalho etnográfico. Pois, como refere Bourdieu (2003: 694): "ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma *relação social* que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos".

Volto à entrevista. Após cerca de duas semanas, telefono e marcamos uma nova data. Quando chego, o informante está à minha espera na varanda do apartamento, que fica no terceiro andar de um prédio sem elevador. Desce para abrir a entrada do prédio para mim. Em seu apartamento, pensamos em realizar a entrevista na própria varanda, mas o barulho da rua poderia prejudicar a gravação; então, vamos para a sala. A mesa se encontra abarrotada de papéis, cinzeiro com pontas de cigarro, óculos, carteira de documentos, faturas, e o informante afasta um pouco tudo isso, abrindo um precário espaço para meus apetrechos de campo. Após água ser servida, começamos a conversa. O informante mora só, atualmente. Faz seu relato, emocionando-se várias vezes, ficando com a voz embargada ou chorando baixinho. Como me fala que já teve vários infartos, chega um momento em que ele se mobiliza de tal modo que lhe pergunto se não quer parar a entrevista, ao que ele responde que não. Então, prosseguimos até o fim do roteiro programado.

---

que, talvez, servissem como escudo. Mais uma vez parece inevitável que investigador e investigado levem consigo, para o campo ou para a escrita, as representações que os constituem.

Já em casa, fico pensando, enquanto escrevo estas notas, o que será que se passa *mesmo* no interior do informante, quando narra sua experiência para uma pessoa desconhecida. Qual o ganho que tem, ao contar uma história de sua vida, e falando de um momento que parece ser tão mobilizador para os seres humanos. E num contexto em que homem não chora, ele se pega chorando baixinho frente a uma pessoa estranha. Penso que nunca seremos, tanto pesquisadores quanto o próprio saber científico, suficientemente gratos aos nossos informantes por nos permitirem participar de suas experiências, e assim avançar no campo das ciências sociais. Até porque eles, informantes, correm o risco de serem incompreendidos ou injustiçados nos seus depoimentos, visto que o que nós, pesquisadores, fazemos é interpretar os seus discursos, com base no nosso marco teórico, é verdade, mas também a partir de nossos próprios referenciais enquanto pessoas sociais.

14ª Entrevista (E14) - Adolfo

Este informante se empenhou mais em fazer parte da pesquisa do que a pesquisadora em tê-lo na sua amostragem, num primeiro momento. Ocorre que eu havia perdido o número de seu telefone, e fiquei constrangida de pedi-lo novamente à pessoa contactante - na minha percepção, pareceria que eu não estava valorizando a inclusão dele nem a boa-vontade dela para com a minha pesquisa. Então, o próprio informante ficou perguntando à contactante se eu não iria entrevistá-lo, mandando recados para mim. Foi assim que eu peguei novamente o telefone, liguei para ele e remarcamos.

Chego à casa, numa manhã ensolarada. Sou recebida no terraço de sua residência, uma casa ampla, com piscina. Assim que entro, a primeira coisa que o informante me diz, antes mesmo de eu começar todo o procedimento ritualístico que envolve a pesquisa de campo, é: "_O pior é a solidão!" Como outros viúvos, fala ininterruptamente. Faz sua narrativa com tranqüilidade, emocionando-se algumas vezes, com voz embargada, mas sem chorar. No final, leva-me até a sala e me mostra uma tela, onde está pintado o retrato de sua esposa falecida, e que ocupa uma grande área da parede. Mostra-me também outras fotografias dela. Quando me despeço, diz que eu posso voltar, se precisar de mais informações. Parece-me que para o informante há uma necessidade de ser escutado em sua história, e que ele tem pouca ou nenhuma oportunidade de contá-la ou mesmo falar dela.

Tive a mesma percepção, dessa necessidade de discorrer sobre o assunto, em outros informantes, e também nas viúvas com quem trabalhei. Elas diziam que era muito bom ter um espaço para falar da sua experiência, da sua dor, da sua saudade, ou do seu alívio, desde a morte do marido: '- pra mim, é sempre um rememorar, é emocionante'; '- é bom conversar cum alguém, sabe?, porque eu acho que é coisa que num interessa a ninguém mais saber'. E realmente. A cultura ocidental complexa, em grande parte regida pelo utilitarismo capitalista, tende a reduzir o luto, estabelecendo a prescrição de esconder a dor e a tristeza, e de retorno rápido ao labor cotidiano, restando aos enlutados o lidar com isso apenas na sua própria intimidade (Lago-Falcão, 2003: 33-34).

15ª Entrevista (E15) - Valter

Começo os contatos com este informante cerca de três meses antes de conseguir realizar a entrevista. Ele concorda, desde o início, em participar da pesquisa, mas quando se trata de marcar o dia, sempre existe algum empecilho para o encontro: várias viagens a trabalho, para o sul do país, ou sugestão de agendar para a semana seguinte, ou eu não consigo nem falar, porque ele não se encontra em sua sala de trabalho no momento em que eu faço o telefonema. Já considero desistir, quando faço uma última tentativa e ele marca um horário, mas pedindo que eu ligue nesse dia, pela manhã, para confirmar. Ao telefonar, sou atendida por um colega dele, que anota o recado, pois o viúvo novamente não está em sua sala; logo depois ele me liga, confirmando a entrevista, para esse mesmo dia.

Saio de casa com antecedência de uma hora para o encontro, que se dá na empresa em que ele trabalha, e que está localizada num subúrbio que eu pouco conheço - o que me leva a consultar previamente os mapas da cidade. O trânsito está caótico, como pode ser o trânsito de Recife no meio de uma tarde de sexta-feira, e minha preocupação de não chegar a tempo vai crescendo. Enfim, chego em cima da hora. Sou recebida na recepção de um prédio monstruosamente grande e percorro verdadeiros labirintos até encontrar o departamento do entrevistado. Este me conduz a uma sala privativa, sem telefone, onde a entrevista transcorre sem interrupções.

Alguns fatos interessantes acontecem no desenrolar deste encontro. Inicialmente, o informante quer saber quem o havia indicado, e não reconhece a pessoa que eu menciono;

mesmo assim, mostra-se interessado em colaborar com a pesquisa, após ler com atenção os documentos que eu lhe apresento, e assinar o TCLE. Conta sua história com tranqüilidade controlada, chegando a se emocionar algumas vezes, ficando com a voz embargada. Ao final, dou por encerrada a entrevista, agradecendo sua participação, e nos despedimos. Quando já estou distante da sala, percebo que eu não estou com a minha agenda, e ligo para a sala dele para saber se eu havia deixado lá. Atende-me uma outra pessoa, que verifica o local da entrevista, e diz que não tinha ficado nada ali. Logo que desligo, meu celular toca, e é o informante, dizendo que havia esquecido de me contar uma coisa que considera muito importante, dentro de sua fase de viuvez. Pergunto se quer contar por telefone, ou se acha melhor que eu volte à sua sala, tendo preferido esta última opção. Volto e ele me fala da mudança que tem acontecido com ele, em relação à reformulação de valores da vida, priorizando o que agora acha que é realmente relevante para si; como tem ficado mais tolerante e paciente com coisas triviais da vida, isto é, coisas a que dava muita importância antes da experiência da doença e morte da esposa, mas que agora não parecem mais tão valiosas.

A necessidade que o informante sente de que eu ouça esse depoimento me faz pensar que a experiência com a morte de alguém muito próximo, a quem se devota um amor especial, é algo bem impactante, e que leva a transformações no lidar com a nova vida - até porque outros informantes reportam essa mesma conotação de mudança de sentido de alguns fatos vividos, com novos significados sendo atribuídos a eventos antes muito valorizados. Este é um caminho pelo qual se reconstroem ou mudam representações, numa dada sociedade.

Por outro lado, penso também que o desenvolvimento da entrevista, feito dentro do que chamamos *o encontro etnográfico*, permite que o entrevistado se sinta mais à vontade para relatar algo que considera precioso, dentro de sua história. Esta é uma faceta deveras importante na escolha do instrumento de coleta de dados que se elege para uma investigação científica. Num questionário fechado provavelmente jamais teríamos a chance de ter acesso a informações que não estivessem contempladas nele. A entrevista narrativa permite isso, porque é dito o que é relevante para o entrevistado, o que amplia em muito a configuração do fenômeno social que se quer estudar.

Entrevista 16 (E16) - Ivan

Esse contato telefônico se dá logo depois que uma contactante falou sobre Ivan, dizendo-me que tinha comentado sobre a minha pesquisa, e que ele concordara em participar. Com sua anuência, recebo por e-mail o número do telefone que eu devo ligar, e assim faço. Ao explicar quem eu sou, e que uma pessoa conhecida de nós ambos tinha dito que eu estou autorizada a ligar, Ivan responde não se recordar da pessoa nem da consulta sobre a sua inclusão na minha investigação. Eu pergunto: "_Você é Ivan, que é viúvo e espírita?" Ele confirma, mas diz que não lembra da pessoa que falou sobre minha pesquisa. Mas, mesmo assim, não se opõe à entrevista: "_Não vejo problema!" Então, marcamos para dali a dois dias, no início da tarde, em sua casa, num bairro central de Recife. Cerca de uma hora depois, neste mesmo dia, ele me telefona (o meu número deve ter ficado gravado na memória do telefone celular dele), e diz: "_Quero que me desculpe porque não lembrei da pessoa que me indicou. Depois que desliguei o telefone, fiquei rememorando e lembrei. Foi uma pessoa que conheci no final de semana, no Janga. Eu quis esclarecer para não ficar mal-entendido. Desculpe." Eu digo que acho bom que ele tenha se lembrado, confirmo o encontro para a entrevista e desligo.

No dia marcado, vou à casa do informante. Ao chegar diante do edifício indicado por Ivan, pergunto a um vigilante, sentado em uma cadeira bem na frente do muro de separação de dois prédios, se trabalha ali, e ele disse que não; mesmo assim, pergunta-me o que é que eu quero, que talvez ele possa ajudar. Digo-lhe que estou procurando o apartamento *x*, e ele fala: "_Ah, o senhor Ivan? Pode deixar que eu chamo daqui." E põe-se a gritar para o prédio. Logo em seguida o morador que eu procuro coloca a cabeça na janela, e diz que está descendo. Abre a grade de entrada, e subimos os três andares, até sua residência, pois não há elevador. Oferece-me água, enquanto eu arrumo meus apetrechos de pesquisa e retomo a normalidade da minha respiração ofegante. É, então, que uma situação inusitada, pelo menos para mim, acontece, e esta é a cena que me deixa numa certa "saia justa"[18] (Bonetti e Fleischer, 2007), a qual referi como um constrangimento, páginas atrás. Este informante diz que tem um recado para mim, que foi enviada por uma pessoa falecida. Durante cerca de 15 minutos, repassa-me

[18] A expressão é parte do título de livro das antropólogas brasileiras Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (2007) que retrata situações de trabalho de campo vividas por pesquisadoras, algumas até mesmo bizarras. No Brasil, é expressão idiomática usada para referir alguém que se encontra em uma situação desfavorável e/ou embaraçosa, desconcertante, e com pouca ou nenhuma possibilidade de ação ou reação.

a mensagem do além-mundo, completamente concentrado na tarefa, como estando mesmo em transe. Depois de um certo tempo, tento interromper a fala do informante, pergunto se podemos começar a entrevista, ligo o gravador, e trabalhamos por quase duas horas.

Algumas interrupções se dão, no transcurso da entrevista. O telefone toca algumas vezes, e o informante diz que precisa atender, porque não tem mais ninguém em casa. Depois, chega um técnico para ver o seu computador, e ele sai por alguns instantes. Sempre pede desculpas por estas pausas. Nesses momentos em que estou só, olho com mais atenção para o entorno. Vejo móveis simples, ao lado de um telescópio que parece tremendamente caro. Algumas fotos estão expostas numa estante, mas nenhuma da esposa falecida. Quando o informante volta, menciono o telescópio, e ele diz que é um *hobby*, dele e do filho, para perscrutar o céu, em busca de estrelas e outros fenômenos astrológicos. Enquanto fala, vai em direção à estante e, de uma prateleira superior, pega um retrato emoldurado para me mostrar - eu não o havia visto enquanto observava a sala, porque esse retrato estava emborcado na prateleira. A foto é da esposa falecida e que, com a passagem do tempo, colou no vidro e ele diz que não pode retirá-la senão rasga, mas que vai levar em algum lugar que possa recuperá-la sem danificar, pois é uma das poucas fotos que tem dela.

Continuamos a conversar. Em certo momento, o informante diz que quer me contar algo que se passou dentro de sua casa, após a morte da esposa, e pede que eu desligue o gravador. Depois do fato narrado, volto a gravar, até o final. Quando damos por encerrada a entrevista, eu peço que ele me esclareça o que quis dizer com aquela possível mensagem. Ele diz que não sabe do que estou falando; sabe apenas que, quando me viu, sentiu que tinha um recado para me dar, mas que não era ele falando, e que não lembra de nada. E completa: "_ O que você ouviu, bom! O que não ouviu, perdeu."

Para mim, esta situação começa com uma "saia justa", mas tento suplantar o mal-estar inicial e consigo realizar a entrevista de maneira satisfatória. Ao final, despeço-me, agradeço e vou embora. Ao redigir as notas de campo, penso na situação que passei. Pergunto-me se isto vai refletir na análise dos dados. Então, penso mais uma vez sobre o que diversos autores dizem sobre a presença do pesquisador no campo: que o investigador não é invisível. A idéia que o entrevistado tem do entrevistador, alguma tentativa de manipular e demonstrar uma forma de poder sobre o pesquisador pode ser uma estratégia para horizontalizar as relações no campo. Talvez na sua própria concepção, esse informante sinta que tem um trunfo que pode

usar para deslocar a idéia de preeminência da pesquisadora na inter-relação: através de sua ligação com o sagrado espírita, ele destaca a condição profana[19] dela, delimitando um mundo onde quem decide é ele. Assim, concordo com a afirmação de Gilberto Velho: "Compreender os lugares e os valores atribuídos ao pesquisador [pelo pesquisado] é também um modo de entender as crenças e representações dos integrantes do universo investigado acerca do mundo social" (2003: 9). Em outras palavras, isto é transformar o mal-estar em dado de pesquisa.

Entrevista 17 (E17) - Tácio

Este viúvo é o indicado por Josias, vários meses antes. Como este não sabe o seu número de telefone, repassa-me o número de um irmão, que conheço superficialmente. Ligo para esse irmão e peço-lhe que consulte o provável candidato sobre seu interesse em colaborar com a minha pesquisa. Quando retorno para ter a resposta, esta foi positiva. Faço o contato, aliás, faço vários contatos com Tácio, mas sempre há algum impedimento para o encontro - ora viagem, ora trabalho -, até que conseguimos agendar um dia e hora, em seu escritório. Quando chego lá, para realizar a entrevista, vejo que ele não comparece, pois está doente, mas sua secretária gentilmente liga para a residência dele, e combinamos para eu telefonar depois. Na semana seguinte tento a que é, pelo meu esforço, a última investida para entrevistar essa pessoa, e remarcamos. Vou novamente a seu escritório, onde aguardo algum tempo, e, finalmente e felizmente, conseguimos conversar. Percebendo que ele está em reunião de trabalho, pergunto se quer transferir para um outro dia. Ele me diz que não, que já me tem feito esperar demais, e pede desculpas pelos desencontros anteriores. Lê todos os documentos, assina o TCLE e, como advogado zeloso, tira uma cópia e guarda para si.

A entrevista transcorre sem interrupções, exceto uma única vez que a secretária entra para trazer água e café. Mais uma vez percebo o cuidado do viúvo em narrar os detalhes da história, meticulosamente. E a dele é uma bela história. Quase no final, emociona-se, e chora silenciosamente, fazendo uma pequena interrupção na narrativa. Quando encerro, agradecendo-lhe a colaboração e estou saindo, Tácio me diz que gostaria de ver o texto pronto. Prometo levar-lhe uma cópia, posteriormente.

[19] Sagrado e profano aqui são considerados segundo a acepção de Mary Douglas (1991: 21)

Entrevista 18 (E18) - Petrônio

Uma amiga é a intermediária para o contato com esse informante. Quando faço a ligação, ele é receptivo em participar da pesquisa. Ao lhe perguntar onde gostaria que fosse o encontro, ele diz: "_Em qualquer lugar, é só marcar." Faço opção pela sua residência, - pois quero observar como é seu ambiente doméstico. Ele aquiesce, mas salienta que mora sozinho. Eu respondo que para mim não há problema, e combinamos o dia e a hora em que ele pode receber-me. No dia agendado, vou ao seu apartamento, - um amplo e luxuoso apartamento -, onde o informante me recebe, oferecendo água e um pedaço de torta: agradeço, aceitando apenas a água. Em seguida, tento mostrar os documentos, mas ele não quer ver, assinando o TCLE sem ler. A entrevista transcorre sem interrupção de nenhum tipo - nem telefone, embora ele esteja só em casa.

O informante relata sua história com muitos detalhes. Fala apressada e quase compulsivamente, como a querer não deixar escapar nada do que ele acha importante contar ou como não querendo que a entrevista termine. Chora copiosamente em várias passagens do relato, bastante emocionado. Quando considero que está bom o material coletado, tento encerrar a entrevista; mas, por três vezes, o informante acrescenta mais alguma coisa e eu volto a gravar.

Quando, enfim, eu dou por terminada a conversação, ele quer mostrar-me o apartamento todo, cômodo por cômodo, destacando os objetos que pertenceram à esposa morta e que ele conserva em casa. Há muitas fotografias em porta-retratos espalhados por todos os cômodos da casa e álbuns de viagens que fizeram juntos; há presentes ofertados em dia dos namorados; há cadeiras de rodas - uma nem chegou a ser usada; há o "santinho" da Missa de Sétimo Dia; há mensagens que foram feitas por amigas da esposa; há livros de auto-ajuda de diferentes orientações religiosas: tudo me é mostrado como testemunho da época que viveu com a esposa, nos bons e também nos sofridos momentos da doença, naquele mundo da vida a dois.

Termino o encontro, agradecendo e me despedindo. Mas o informante quer acompanhar-me até a rua, onde deixei o carro. Continua falando sem parar. Diz que amigos sugerem que ele arranje uma namorada, e ele pergunta: "_Será que vai ser o mesmo beijo, o mesmo abraço, a mesma maneira de estar junto, a mesma cumplicidade?" E ele mesmo responde: "_Vai não!" Entro no carro e ele se coloca disponível para ajudar mais, se eu

precisar de outras informações, que posso ligar e marcar, e acrescenta que se a pesquisa continuar por mais tempo, eu posso voltar a contactá-lo, daí a meses ou dois anos, para ver se ele arranjou uma namorada. Então, ligo o carro e vou embora.

Entrevista 19 (E19) - Éder

O informante me recebe no portão da sua casa, conduzindo-me para uma pequena varanda que dá para o jardim. Mora numa rua tranqüila, num bairro nobre de Recife, cuja calma lembra rua de cidade interiorana. E ele diz que este é um dos motivos de morar ali. A decoração da casa tende ao rústico, com móveis de madeira maciça.

Éder mora sozinho. É um rapaz jovem, parecendo mais novo do que a idade atual que me refere, 36 anos. Começamos a entrevista, que se desenrola sem entraves; mais uma vez percebo a minuciosidade no relato. Diz que tem muitos retratos da esposa falecida na casa, mas eu mesma não vi nenhum no trajeto da entrada pela garagem, passando por um lado da sala, para ir até a varanda. Ao terminarmos de conversar, despeço-me e Éder me acompanha até o portão. Como outros informantes, coloca-se disponível para outra entrevista, caso seja necessário. Agradeço e me despeço.

Entrevista 20 (E20) – Plínio

Este informante também reside em bairro nobre, em prédio e apartamento de luxo. Recebe-me na porta, acompanhado de sua filha mais nova. A televisão está ligada, na sala, e ele a desliga. Sentamo-nos ao redor da mesa, e eu lhe dou os documentos para ler, que ele assina ao final. A filha vem várias vezes para o colo do pai, e participa da entrevista, chegando a falar baixinho com ele, algumas vezes, como que complementando o que é dito. Ao mesmo tempo em que ele vai falando, essa filha traz para me mostrar vários objetos que haviam pertencido à sua mãe, como que ilustrando as informações dadas: muitas fotos, álbuns de retratos da família e da mãe em várias fases da vida, o "santinho" de lembrança da Missa de Sétimo Dia, - há mesmo um exemplar que está emoldurado e exposto num móvel da sala -, e me oferece um; traz ainda uma roupa pendurada num cabide, coberta e protegida por plástico transparente.

Esta é a entrevista mais curta dentre todas as realizadas para a tese. O informante fala aos saltos, às vezes com uma certa brusquidão, mas em nenhum momento de forma hostil. É como se tivesse dificuldade de verbalizar o pensamento, expressando-se de forma até lacônica. Algumas vezes, sua voz trava na garganta, mas ele rapidamente se recompõe e volta ao controle da emoção. Dá menos detalhes da morte da esposa, diferentemente dos outros viúvos entrevistados. É possível que isto aconteça talvez pelo tempo de viuvez, que é o mais curto em relação aos outros informantes, e pela forma inesperada com que a morte aconteceu. Quando lhe pergunto se homem chora, ele diz que chora sim - "já chorei várias vezes" - e que neste momento mesmo da entrevista ele faz força para controlar o pranto.

A literatura é controversa em relação a qual seria a maior dor experimentada por alguém que perde uma pessoa amada: se aquela que resulta de morte súbita ou aquela decorrente de processo de doença longo e sofrido. Há escalas de base psicológica nas quais se dão gradações em relação ao maior estresse que uma pessoa pode passar na vida, estando no topo da lista a perda do cônjuge. Outras escalas também psicométricas tentam avaliar a dor da separação por morte, mas elas se restringem a avaliar reações psicoemocionais e, em menor grau, sintomas psicossomáticos; também há tendência de generalizar os resultados. Estes são problemas que limitam a aplicação dessas escalas. Para Hansson *et al* (1999: 62), a dor da separação por morte é um fenômeno complexo, que tende a envolver sintomas cognitivos, afetivos, comportamentais, psicológicos e sociais; varia também na dependência do tempo decorrido desde o evento, e também depende do contexto sociocultural. A expressão dos sentimentos e emoções é um produto da cultura, o que já foi afirmado por vários cientistas sociais, como Marcel Mauss (1974), Norbert Elias (1993) e Renato Rosaldo (1993). Tudo isto configura a manifestação da dor, que pode se expressar de variadas formas no sobrevivente.

Mas não é isso que está em discussão agora. Refiro-me ao acontecimento dentro de uma mesma sociedade, onde, certamente, as formas de manifestar o pesar sejam representações compartilhadas pelo grupo. Lembro de uma das mulheres, da referida pesquisa anterior que fiz, dizendo-me que muitas pessoas a censuraram, na época que ficou viúva, porque ela não fez "escândalo"[20] quando foi fazer o reconhecimento do corpo do marido assassinado, e usou um vestido florido na Missa de Sétimo Dia[21]. Paralelamente, pelo lado do

[20] "Escândalo" aqui significa não haver desmaios, nem dar gritos lancinantes.
[21] Como me informou esta viúva, a cor preta, para ela, era sinal de elegância, para usar em vestido de festa, não na Missa de Sétimo Dia do marido - o que foi interpretado de outra forma pela sociedade.

homem, existe o estereótipo de que ele não sente a perda da esposa porque "ele casa logo, logo" - um dos viúvos entrevistados por mim agiu assim, de fato, mas a explicação que me deu não confirma a idéia de menos-valia ou desapreço para com a esposa morta, como me parece embutido na expressão citada. Volto a isto no Capítulo 6.

De qualquer modo, penso que não existe como medir uma dor concretamente, seja na dimensão física ou mental ou emocional ou espiritual ou psíquica - qualquer que seja a designação a ela atribuída; não há aparelho capaz de realizar tal aferição - uma espécie de "dolorímetro" que meça a dor de alguém da mesma forma que o termômetro afere a temperatura corporal, por exemplo, e de modo a estabelecer que A sofreria mais do que B. Mesmo porque, repito, a dor resultante desse tipo de perda envolve, no sobrevivente, todas aquelas dimensões apontadas. Retomo este tema no Capítulo 7.

2.2 - A ENTREVISTA NARRATIVA

Para dar conta da minha opção de pesquisa, quis apreender os fatos não numa abordagem superficial, mas usando um método que permitisse uma imersão nas vivências relatadas pelos entrevistados. Devido a esta característica, dei preferência à entrevista, pois, diz o antropólogo francês Marc Augé (1999: 74), ao discutir "sobre a possibilidade de fazer etnologia em casa" (p. 57), que

> "(...) a melhor etnografia não passa por uma simples coleta de informações (de informações particulares) sobre temas gerais, mas pela observação de práticas individuais e coletivas e a coleta de conversas que não são opiniões ou registros sobre a sociedade em geral, mas sobre uma vida singular que se está vivendo sem o que não haveria etnologia participante."

Concordo com esta afirmação e, neste sentido, considero a entrevista como instrumento privilegiado para a coleta de dados. Caracterizada por uma forma de ouvir especial, dá espaço para a obtenção de explicações fornecidas pelos próprios membros da comunidade investigada, e dá ensejo a se apreender o "modelo nativo", que é a matéria-prima para o entendimento

antropológico (Cardoso de Oliveira, 1998: 22). Desse modo, essa ferramenta metodológica já se encontra bem sedimentada também dentro do estudo de sociedades ditas complexas, aonde a entrevista face a face vai impondo-se como instrumento privilegiado para o estabelecimento de uma relação dialógica - "pensar com *eles*" -, bem como para o encontro das subjetividades do pesquisador e do informante, indiscutivelmente reconhecidas, hoje, como inerentes ao processo interacional. A empatia que se estabelece [ou não] pode ser um elemento diferenciador do momento da inter-relação, transformando o encontro numa "fusão de horizontes", num "diálogo entre 'iguais'" (Cardoso de Oliveira, 1998: 24; grifos do autor).

Dentre os tipos de entrevista, optei pelo modo de entrevista semi-estruturada, ou em profundidade, que é um instrumento amplamente empregado na pesquisa qualitativa. Segundo Gaskell (2003: 65), ela "fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação", visando o entendimento detalhado de "crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos" (p. 65). Neste projeto, uso um tipo específico de entrevista semi-estruturada, que é a entrevista narrativa.

Toda experiência humana pode ser expressa em forma de uma narrativa. "Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social" (Jovchelevitch e Bauer, 2003: 91). Dessa forma, as narrativas revelam as diversas perspectivas dos informantes sobre acontecimentos e sobre si mesmos. Lembram, ainda, os mesmos autores, que um fator que parece importante na produção desse tipo de relato é o envolvimento direto e imediato do informante nas atividades circunstanciais do evento que está sendo contado (p. 104). Assim, entendo que este é o método ideal para meu trabalho, pois, aqui, esse alguém muito envolvido em praticamente todas as etapas da doença e morte da mulher e nos acontecimentos que se seguem na reorganização da vida é o próprio marido/viúvo, enquanto companheiro que vivia junto.

Além disso, a forma de entrevista que adoto está pautada na concepção de narrativa de vida do antropólogo francês Daniel Bertaux (1997)[22]. A narrativa de vida é um método que permite recolher depoimentos orais sobre eventos relevantes e circunscritos que se quer investigar, gerados através da interação face a face. Para o estudo, utilizo o que Bertaux

[22] A descrição detalhada deste método pode ser acompanhada no texto da dissertação de mestrado desta pesquisadora. Ver bibliografia final.

denomina "categoria de situação", que tem como característica reunir pessoas que se encontram em uma dada situação social. Os informantes podem até ser de grupos sociais diferentes, desenvolver atividades diferentes, ter crenças diferentes, porque, para o autor citado

> O fenômeno de "situação particular" não implica necessariamente a formação de um mundo social. (...) É a própria situação [dos informantes] que é comum. Esta situação é social, na medida em que ela engendra coesões e lógicas de ação que apresentam bem pontos comuns, onde ela é percebida através de *schèmes* coletivos, onde ela é eventualmente tratada por uma mesma instituição (1997: 15; grifo do autor).

Nessa perspectiva, o meu trabalho visa como "categoria de situação" homens viúvos de camadas médias.

Os dados da narrativa são recolhidos seguindo um roteiro, como referido, previamente elaborado (Anexo A), que é o norteador das questões que me interessam. Também são registradas expressões verbais e não verbais, posturas, entonações vocais, modos de vestir, organização do ambiente domiciliar (quando possível), e outras referências simbólicas que podem ser apreendidas, resultantes de observação direta, no momento da entrevista. É esse material que é utilizado no processo de análise.

2.3 - ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados é feita à medida que as entrevistas vão sendo coletadas, considerando-a iniciada mesmo já na fase de transcrição das gravações, seguindo-se pela identificação das categorias e análise propriamente dita dessas categorias, como recomendam Bertaux (1997) e Bertaux & Kohli (1984).

A transcrição é, para Jovchelovitch e Bauer (2003: 106), o primeiro passo na análise dos dados colhidos nas narrativas, sendo útil para se ter uma boa apreensão do material coletado, além de propiciar um fluxo de idéias para interpretar o texto. Este parece ser também o pensamento de Bertaux (1997: 67), quando afirma que "é necessário considerar a operação

de retranscrição[23] um trabalho em si, destinado a reter não apenas todas as palavras, mas uma parte das entonações". Especialmente em relação a esse aspecto, defendo um argumento que desenvolvi e pratiquei na minha dissertação de mestrado, onde a vivência em campo e o tratamento do material recolhido, tanto da observação direta como das gravações e transcrições das entrevistas narrativas, foram totalmente realizados por esta pesquisadora. Transcrevo agora um trecho que considero bastante relevante:

> A despeito do tempo despendido, até porque as gravações eram muito extensas, a riqueza da experiência me faz defender a idéia de que todo material deve sempre ser trabalhado pelo investigador. A transcrição permite o contato com as entonações vocais que são, muitas vezes, reveladoras de expressão de sentimentos ou sensações, enfim, do vivido; permite, ainda, que o pesquisador compartilhe o momento rememorado pelo informante. Isto fica de tal forma impregnado no pensamento do pesquisador que a simples leitura do texto transcrito faz com que se 'escute' a voz e a emoção, positiva ou negativa, do informante. Finalmente, a transcrição dá acesso a detalhes de expressão verbal que as notas de campo não fornecem. Então, penso que as técnicas de observação direta/notas de campo e entrevista narrativa/transcrição antes se complementam do que se hierarquizam; daí a necessidade de serem tratadas com o mesmo nível de proeminência pelo investigador, que deveria, ele mesmo, executar ambas as tarefas. (Lago-Falcão, 2003: 77-78).

Em relação à identificação das categorias (ou *índices*, na concepção de Bertaux, 1997: 65), esta é feita à medida que as informações analisadas fazem ressaltar fenômenos sociais e representações relacionadas ao núcleo central da narrativa - no meu caso, a morte da esposa e a vivência da viuvez masculina. Porque o objetivo da análise é explicitar informações e significados/representações pertinentes, contidas na narrativa. A partir deste relato, é levantado o percurso biográfico[24] de cada informante, assinalando-se os eventos marcantes constitutivos daquele núcleo central, organizados segundo uma estrutura diacrônica (fenômenos anteriores e posteriores ao evento) e relacionados com a datação cronológica, com o fim de preparar o material para a construção de *corpora* tópicos, que possibilitam a comparação. Através desta comparação, podem ser constatadas as recorrências que assinalam o ponto de *saturação* para

[23] Para Bertaux, a palavra *transcrição* pode significar a ação de transcrever ou o seu resultado; para evitar confusões, ele designa "retranscrição" para a ação de transcrever, e reserva "transcrição" para o texto que dela resulta (1997: 66; nota de rodapé) - para ser fiel à sua decisão, traduzo literalmente sua idéia.
[24] O *percurso biográfico*, em Bertaux (1997: 68), equivale a *trajetória* em outros autores, como Schütze (*Apud* Bauer & Gaskell, 2003: 106).

cada categoria temática. Bertaux (1997: 95-96) pontua que é através das recorrências que se busca compreender as lógicas de ação, ou o que tem do social por baixo de uma ação. Assim se encontram os casos positivos que sustentam a análise e denunciam a coerência sociológica que vai embasar ou confirmar as hipóteses sociológicas que emergem do material analisado.

Para Bauer & Aarts (2003: 59), a saturação é o critério de finalização da busca de representações do fenômeno estudado; ou dizendo de outra forma, como faz Gaskell (2003: 71), quando o pesquisador se dá conta de que não aparecerão novas surpresas ou percepções, atinge-se o "ponto de saturação de sentido", onde se corrobora a avaliação do fenômeno, e não há necessidade de novos acréscimos informativos.

Em resumo, o procedimento analítico parte da conversação (registrada na entrevista), e das leituras reiteradas das transcrições, que fazem emergir os conteúdos semânticos sobre as práticas dos sujeitos e dos seus contextos sociais, registrados como categorias ou índices a serem comparados. A observação das recorrências, em atingindo a saturação, permite engendrar hipóteses e identificar mecanismos sociais subjacentes, ao mesmo tempo em que mostra a coerência do modelo de interpretação dos fenômenos observados.

Ainda em relação à transcrição, o que tenho observado é que o depoimento do informante é geralmente transcrito de forma linear, como se a sua fala fosse sempre homogênea no timbre ou tivesse sempre a mesma intensidade acústica. Parece-me uma lacuna importante o fato de que a passagem da palavra falada para a escrita, simplesmente, não apresente o tom com que essas palavras são proferidas no discurso do informante. Como diz Dan Sperber (1992), de tudo o que o antropólogo aprendeu ou coletou em campo e o que ele chega a repassar, muita informação deixa de ser transmitida, o desperdício de conhecimentos é relevante: "a experiência intensa no campo transforma-se em exposição elaborada, as vozes confundem-se, perdem-se os timbres e as entonações" (p. 17). Visando resgatar exatamente esta dimensão do depoimento, utilizo códigos nas transcrições das entrevistas narrativas que representam as entonações emitidas pelos falantes, a exemplo do modo que adotei na minha dissertação de mestrado, e que é também utilizado por outros autores. Isto significa, ainda, uma codificação das transcrições no próprio texto final que demanda mais tempo. Mas penso que é uma opção que vale a pena!

Desta forma, porque eu quero que o teor das gravações seja não apenas lido no seu conteúdo transcrito mas também "escutado" nos tons expressados para os sentimentos e emoções, determinei-me a fazer a inserção de sinais gráficos que representam as pausas e silêncios, as inspirações e expirações, os suspiros e os soluços, a ênfase em determinadas palavras ou frases, os gaguejos; enfim, viso explicitar muito do que faz sentido e é mobilizador para os informantes, ao recontar as histórias pessoais. Para dar conta disto, fiz um acréscimo no modelo adaptado por Silverman (1993:118) das convenções estabelecidas para transcrições, a partir do modelo de Atkinson e Heritage (1984 *Apud* Silverman, 1993: 117). Isto porque senti que era necessário colocar mais um sinal gráfico no modelo citado, aquele que permite "traduzir" um tom diferenciado na voz do informante quando enfatiza palavra ou frase, mas agora dita em tom mais baixo e/ou prolongado do que o som alto, este já codificado através de letras maiúsculas no modelo de Heritage; esse outro tom de voz que estou introduzindo, também mostra a ênfase dada pelo informante a uma palavra ou frase, mas na qual esta não é gritada, e sim uma espécie de sussurro, decorrente de voz embargada ou choro contido. Escolho codificá-la com todas as letras em caixa alta[25], para destacar das minúsculas dos demais enunciados e não confundir com as maiúsculas, que têm outra significação, como explicitado. O modelo modificado constitui o Anexo C, nesta tese.

2.4 – A REDAÇÃO DO TEXTO

Concomitante à análise, vai sendo elaborado o texto ou relatório de pesquisa, que é o registro escrito do tratamento que o pesquisador dá aos seus dados, à luz dos fundamentos teóricos e metodológicos que servem de base para o estudo, de forma que as informações analisadas são transmutadas em conhecimento científico. A redação do documento final vai mostrar o que é feito com as interpretações dadas pelos informantes sobre suas próprias vidas, externadas através de palavras e gestos nas narrativas (Giarracca & Bidaseca, 2007: 35). Para estas autoras, a tarefa do analista "requer impregnar-se de certa atitude ética que lhe evite cair,

[25] Utilizo a linguagem do Microsoft Word para efeito de formatação da fonte.

preso nos deslizes de sua própria subjetividade, em traduções incorretas ou, pior, em tergiversações de sentido" (p. 37).

Iniciar a escrita do texto pode ser vivida como uma tensão pelo pesquisador - agora transformado em redator, - a respeito do que colocar no papel daquela massa de dados analisados, emergidos do campo. Para os narrativistas Clandinin e Connely (2000: 146), os materiais coletados necessitam estar na mente do redator enquanto ele se esforça para repassar seus sentidos e significâncias. Nos modos de transmitir as histórias revividas com e contadas pelos participantes, há que atentar para as vozes, a assinatura, a forma da escrita e a audiência que vai ler o trabalho. Destes elementos todos, um tem sido constantemente debatido na ciência social: a autoria do texto.

2.4.1 - O ANTROPÓLOGO COMO AUTOR: DE QUEM É O TEXTO, AFINAL?

Uma das questões mais discutidas na Antropologia, atualmente, é a que concerne ao antropólogo como autor. Desde a forma como o texto é escrito, seja ele mais ou menos rebuscado na sua linguagem - lembrando, muitas vezes, textos literários romanceados; ou mais ou menos objetivo, no sentido da descrição do distanciamento do informante, distância esta não mais considerada apenas geográfica, mas apontando para as relações pesquisador *e* pesquisados, o que lhe asseveraria grande parte da legitimidade científica; ou passando, ainda, pela presença mais ou menos marcante do próprio pesquisador, enquanto observador e participante da experiência etnográfica que se desenrola no campo. E aqui se tem, então, infindáveis debates sobre a subjetividade do pesquisador invadindo seu relato.

O antropólogo americano Clifford Geertz (2002), tem discorrido sobre a autoria do texto, comentando obras de vários cientistas sociais, inclusive as dele próprio. No seu livro *Obras e vidas: o antropólogo como autor* encontrei um trecho interessante onde ele expõe seu pensamento:

> A questão da assinatura, o estabelecimento de uma presença autoral num texto, tem atormentado a etnografia desde seus primórdios, embora o tenha feito sob forma disfarçada na maioria dos casos. Disfarçada porque, em geral, não tem sido apresentada como um problema de ordem da narrativa, uma questão da melhor maneira de fazer com que uma história honesta seja contada

> honestamente, mas como um problema epistemológico, uma questão de como impedir que visões subjetivas distorçam fatos objetivos (p. 21).

Para Geertz, isso leva ao "sepultamento da questão de como os textos etnográficos são 'autorizados' por baixo das angústias (...) a respeito da subjetividade" (2002: 23; grifo do autor). Seguindo essa linha de argumentação, Geertz considera que um dos resultados mais nocivos é a não abordagem direta e clara das ambigüidades implícitas na questão da subjetividade, já que elas são profunda e continuamente sentidas no campo e na elaboração do texto final. Porque ele reconhece essa dificuldade de se escrever textos ostensivamente científicos a partir de experiências em grande parte biográficas, que é o que a coleta de dados etnográficos apresenta. E prossegue: "Descobrir onde se situar num texto do qual, ao mesmo tempo, espera-se que seja uma visão íntima e uma avaliação fria é quase tão desafiador quanto chegar a essa visão e fazer essa avaliação" (2002: 22).

Na análise que Geertz faz, na obra citada, sobre a escrita de obras célebres de antropólogos célebres (Lévi-Strauss, Malinowski, Benedict, para citar alguns), ele reflete, a respeito do Diário de Malinowski, que

> (...) há muito mais em que mergulhar do que a vida nativa, quando se pretende tentar essa abordagem da etnografia pela imersão total. Existe a paisagem. Existe o isolamento. Existe a população européia local. Existe a lembrança de casa e daquilo que se deixou. Existe o sentimento da vocação e de para onde se está indo. E, causando mais abalo do que tudo, existem os caprichos das paixões do sujeito, a debilidade de sua constituição e as digressões de seu pensamento: essa obscura coisa chamada eu. A questão [então] não é pensar e agir como os nativos do lugar. (...) A questão é viver uma vida multíplice: navegar em vários mares ao mesmo tempo (2002: 104).

Essas reflexões de Geertz, se apreendi bem o seu sentido, colocam definitivamente o pesquisador dentro da pesquisa, como mais um elemento a ser considerado. Pois reconhece e afirma o encontro do eu com o outro, idéia presente na linha interpretativista que esse autor defende, e que declara a fusão de horizontes que ele acha que deve ser conseguida. É a subjetividade do pesquisador incluída na pesquisa, questão que venho abordando em vários locais deste texto.

2.5 - NOTAS ADICIONAIS DA EXPERIÊNCIA EM CAMPO

No trabalho de coleta de dados, alguns fenômenos emergiram, os quais quero colocar agora. Inicialmente, percebi que nenhum entrevistado jamais fez qualquer questionamento sobre as pesquisas, sejam os viúvos desta ou as viúvas da anterior. Autores diversos têm relatado que a curiosidade do informante sobre o pesquisador e a pesquisa estaria tão presente quanto a do pesquisador sobre o seu objeto. No caso desta minha pesquisa, não percebi isto, afora algumas perguntas pontuais sobre o encontrar viúvos ou em ser médica, como descrito atrás. Simplesmente, os informantes liam os documentos que eu apresentava e assinavam onde indicava, ou apenas assinavam sem os ler, sem fazer perguntas ou comentários. No máximo, algum deles dizia assim: "_Eu confio!"

Fico pensando porque isto acontece. Não parece falta de interesse pela pesquisa em si, pois todos anuem a ela logo que eu estabeleço contato telefônico. As eventuais dificuldades e/ou desencontros na marcação das entrevistas parecem ser decorrentes, de fato, de compatibilidade com as agendas de informantes que trabalhavam - mesmo assim, apenas em quatro casos em um total de 12 -, visto que entre os que não trabalhavam não houve quaisquer problemas. Além disso, no campo mesmo, percebi, de forma muito clara, o cuidado dos informantes pelo momento da entrevista. Quer fosse em casa, no trabalho ou em associações de classe, houve quase invariavelmente uma preocupação em que ficássemos em local mais privativo, sem interrupções por telefonemas ou circulação de pessoas; em oferecer água e cafezinho; e mesmo em saber se a "conversa" estava dando as informações que eu queria colher ou o que eu estava achando da "palestra":

?- [E aí::.?
– [TÁ GOSTANDO DA PALESTRA?
?- Eu tô gostando, tô achando ótima!
- Hum!!!::: (Adolfo, E14: 22)

Grande parte dos meus informantes se colocou à disposição para outros encontros, caso eu achasse necessário complementar qualquer informação dada ou acrescentar novos detalhes.

Convém acrescentar, ainda, que apenas um dos viúvos contatados para a amostra, terminou não fazendo parte dela. Na abordagem feita por e-mail, ele se mostrou preocupado com as perguntas que eu iria fazer-lhe, pois disse que já estava casado novamente, e a situação poderia ficar delicada; eu lhe garanti a confidencialidade dos dados e o anonimato que imprimiria aos entrevistados, mas ele não respondeu à mensagem e resolvi não insistir. Até porque eu possuía uma lista de espera que me permitia ultrapassar o número de participantes que eu sabia ser válido e possível de trabalhar, como amostragem do método e instrumento escolhido para a investigação. Mas registro isto aqui, porque penso que a recusa também faz parte da coleta de dados e pode embutir questões sociais - infelizmente, agora não é o momento de investigar as razões disso, mas pode ficar como sugestão para uma outra pesquisa.

Retomando para o não questionamento dos entrevistados, penso em algumas possibilidades de explicação para esse fato. Poderia decorrer da necessidade de contar sua história, de relembrar aquela parte da sua existência? Ou seria devido à contingência de ser escolhido para um estudo acadêmico, uma tese de doutoramento? Considerando a imensa credibilidade granjeada pela ciência, o falar em nome dela por si só pode não requerer outros explicativos para aquiescência dos convidados a informantes? Ou pode ser também que a própria pesquisadora tenha conseguido angariar a confiança e credibilidade do candidato, antes ou durante a ligação telefônica? Ou ainda, pode ser que o informante conheça bastante o contactante e confie nele o suficiente para ter asseguradas a confiança e credibilidade no projeto? Enfim, talvez essas questões devessem constituir um outro objeto de pesquisa.

E, na verdade, pelo menos uma delas já foi contemplada em investigação social. Referindo novamente o trabalho de Elizabeth Bott (1976), esta autora constatou que a adesão à sua pesquisa era mais bem sucedida se a apresentação tivesse sido feita por pessoa amiga da família candidata (p. 38), isto é, se havia um certo "grau de intimidade entre a pessoa que estabelecia o contato e a família contatada". Este relacionamento amigável favorecia a concordância dessa família em receber Bott para a primeira entrevista explicativa sobre a pesquisa.

No caso do meu trabalho, quase todas as pessoas que foram intermediárias eram bastante chegadas ou parentas dos viúvos entrevistados. Assim, parece-me que a confiança do informante na pessoa contactante é realmente uma condição não desprezível na captação da

amostra. Até porque, penso eu, é preciso um certo grau de proximidade e conhecimento do outro para que alguém sugira, e o outro aceite, relatar algo tão marcante e íntimo como a experiência da viuvez, que, queiramos ou não, mexe com todos os âmbitos da vida da pessoa atingida, seja privada ou pública.

Outra observação. A narrativa dos homens foi sempre muito rica de detalhes e pormenores do percurso da vida, do contexto e do entorno onde os eventos ocorreram, nos seus aspectos pragmáticos, principalmente no que concerne à doença e à morte da esposa, e à reorganização da vida subseqüente. Quase tudo gira em torno do espaço público, enquanto no espaço privado o seu papel é mais de supervisor. Isto tudo será melhor apreciado nos capítulos seguintes. Apenas antecipo esses comentários porque isso já me chamava a atenção na transcrição das entrevistas.

E mais. Quando o material daqui é comparado com o das viúvas que pesquisei anteriormente, vejo que elas falam mais sobre as sensações pessoais. Choque, horror pesadelo, desespero, preocupação com o impacto sobre os filhos: estas são descrições para as reações imediatas ao óbito. Considerar apenas a forma brutal da ocorrência da morte - assassinatos e acidentes - como responsável pela diferença de reação dos homens pesquisados não me parece suficiente. Os casos semelhantes que ocorreram entre estes últimos não foram expressos à maneira das mulheres. A maior parte das providências é tomada pelo agora viúvo, diferentemente das viúvas. O mesmo acontece quando se verificam os depoimentos sobre as inseguranças em lidar com o espaço público, a sensação de "não ser nada!" Jamais ouvi isto de qualquer desses viúvos.

Mais outra observação. Questões de gênero pontuam todas as falas masculinas, de forma explícita ou embutida. Mas nada que seja inesperado ou surpreendente. Como herança da tradição machista e paternalista da cultura ocidental, a sociedade brasileira ainda mantém fortes traços de uma orientação educacional e formativa centrada na figura masculina enquanto provedor e chefe da família, com muitos ônus e bônus para homens e mulheres. O avanço que o movimento feminista fez acontecer, até agora, na posição da mulher, nas esferas do público e do privado, não conseguiu abolir, ainda, as diferenças estruturais de gênero que sempre caracterizaram a nossa sociedade. E elas aparecem nos depoimentos, mais ou menos

matizadas por tendências ao igualitarismo. No entanto, essa discussão não é o foco do meu trabalho. Muitos pesquisadores e muitas pesquisadoras vêm trabalhando intensamente a questão, com muito maior competência e saber do que eu própria. Até porque não foi objetivo desta pesquisa aprofundar esses sempre importantes problemas de gênero. Pois, repito, minha opção foi outra: discutir a perspectiva dos homens na vivência da viuvez. De qualquer forma, cada uma destas observações adicionais, que aqui pontuo, podem configurar-se como novas linhas de pesquisa acadêmicas.

♥♥♥♥♥

PARTE II

DOS HOMENS E DA CHEGADA DA VIUVEZ

Lágrimas

Ah, deixa-me chorar para suavizar
O que eu não sei dizer
Mas sei sentir
Não prantear o amor que se perdeu
É a nossa alma enganar
E ao próprio coração querer mentir
Rir é quase iludir
É querer forçar
O próprio coração a gargalhar
Quando ele está solitário na dor
A soluçar de amor

É mais sublime a lágrima
Que exprime as nossas emoções
Amenizando a alma cheia de ilusões
Do que sorrir
Para esconder a mágoa que o olhar não diz
Não há ninguém feliz
Quero fazer das lágrimas que choro
Estrelas a brilhar
Rosas de cristal
Do pranto emocional
Se ela voltar fulgente diadema então lhe ofertarei
Do pranto que chorei

Sim, quem nunca chorou
Certo nunca amou
Talvez nem alma tenha para sentir
Não me faz inveja este prazer
Eu gosto até de padecer
Chorar a mágoa em pérolas diluir
Mas quem quiser amar
Saiba de chorar há de sentir morrer o coração
Porque o amor sendo belo é falaz
Como os ais
Se desfaz em ilusão
(Cândido das Neves, o Índio)

CAPÍTULO 3

DOS ATORES DAS HISTÓRIAS

3. DOS ATORES DAS HISTÓRIAS

Para que se compreendam ações e reações de pessoas frente a determinadas situações, é preciso que se conheça muito mais do que a simples descrição do fato. É preciso que se saiba também como, quando e onde aquilo se deu, isto é, há que incluir o contexto onde ocorreu tal experiência. Clandinin e Connely (2000), discutindo a narrativa como método de pesquisa, afirmam que "Pessoas são indivíduos, e precisam ser compreendidas como tais, mas elas não podem ser compreendidas só como indivíduos. Elas estão sempre em relação, sempre dentro de um contexto social - é o termo experiência que traduz melhor isso" (p. 2). É, pois, a experiência dos entrevistados que pretendo apresentar nos capítulos que se seguem, iniciando por aqui, com o fornecimento de informações que desvelem um perfil geral de cada um deles.

Para isto, ver-se-ão as características gerais dos informantes, das suas famílias de origem, das esposas/companheiras falecidas, dos percursos de encontro e casamento até a separação por morte. Vou apresentar dados gerais, sem preocupação com um maior aprofundamento argumentativo sobre casamento, família, parentesco, redes sociais, papéis de gênero. Em relação a estes temas, está colocado apenas o que considero imprescindível para a própria compreensão e, portanto, caracterização da situação de viuvez masculina, objetivo desta tese. É possível que algumas discussões pareçam superficiais em relação aos tópicos mencionados, mas penso que muita literatura existe que pode ser consultada e não é minha proposta trabalhar especificamente cada uma dessas questões. Assim, eis os dados.

3.1- CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS INFORMANTES

A fim de dar a conhecer os homens que participaram da pesquisa, mostro alguns dados de identificação sócio-demográfica no Quadro 3.1, onde se lê o nome (fictício), a idade no momento da entrevista, a naturalidade ou procedência e mais o período de tempo que estão radicados na Região Metropolitana do Recife, a escolaridade, a profissão por graduação, a ocupação atual e a religião que professam (ou não). A esses tópicos, vou

acrescentando comentários que julgar conveniente para ampliar a compreensão de quem é quem.

Quadro 3.1[1] - Dados sócio-demográficos dos viúvos

Nº [2] / Nome	Idade (anos)	Bairro de residência	Natural de / Tempo em Recife (anos)	Escolaridade	Profissão / Ocupação	Religião
01 **Roberto**	53	Boa Viagem / Recife	Fortaleza-CE / Recife = 36a	Superior Medicina	Médico Servidor Público	Católica na infância Espiritismo; Budismo; NP[3]
02 **Anísio**	59	Boa Viagem / Recife	Recife-PE	Superior Medicina	Médico Servidor Público	Católica na infância NP
03 **Josué**	57	B. Viagem / Recife	São Paulo-SP / Recife = 50a	Superior Medicina	Médico Servidor Público	Católica na infância Agnóstico
04 **Renato**	48	Aflitos / Recife	Recife PE	Superior Administração	Profissional liberal Autônomo	Anglicana Episcopal; P
05 **Josias**	54	Graças / Recife	Recife - PE	Superior Ed. Física	Professor Servidor Público	Católica Espiritualista; NP
06 **Elísio**	69	Boa Viagem / Recife	União - Piauí / Recife = 45a	Superior Administração	Militar da Reserva Aposentado	Católica P [4]
07 **Rui**	75	Boa Viagem / Recife	R. Janeiro - RJ / Recife = 32a	Superior Direito	Servidor Público Aposentado	Católica; P Aceita o Espiritismo
08 **Artur**	62	Encruzilhada / Recife	Recife – PE	Superior Direito	Servidor Público Aposentado	Católica; P
09 **Gerson**	82	Janga / Paulista	Recife - PE	Médio	Empr. Construção Aposentado	Espírita; P
10 **Adonias**	65	Casa Forte / Recife	Monteiro - PB / Recife = 37a	Superior Filosofia	Professor; Servidor Público; Aposentado	Católica; NP
11 **Jonas**	78	Várzea / Recife	Nazaré da Mata - PE / Recife = 62a	Médio	Militar da Reserva Aposentado	Católica; Candomblé; Espiritismo; NP
12 **Hélio**	51	Boa Viagem / Recife	Recife / PE	Médio Técnico	Profissional liberal autônomo	Sem religião Espiritualista
13 **Élcio**	68	Candeias / Jaboatão	Maceió - AL / Recife = 31a	Médio	Jornalista Aposentado	Católica na infância Agnóstico
14 **Adolfo**	69	Cordeiro / Recife	Água Preta - PE / Recife = 35a	Fundamental	Operário mecânic Aposentado	Católica NP
15 **Valter**	58	Espinheiro / Recife	João Pessoa - PB / Recife = 50a	Superior Engenharia	Servidor público	Católica na infância Espírita; P
16 **Ivan**	60	Ilha Leite / Recife	Sant. Ipanema/AL / Recife = 42a	Superior Geografia	Professor Aposentado	Católica na infância Espírita P
17 **Tácio**	47	Jaqueira / Recife	Vitória - PE / Recife = >20a	Superior Direito	Servidor público Advogado	Católica; aceita o Espiritismo; NP
18 **Petrônio**	62	Derby / Recife	Palmares - PE / Recife = 43a	Superior Direito	Bancário Servidor Públ. Aposentado	Católica; P; aceita Espiritismo
19 **Éder**	36	Parnamirim / Recife	Recife - PE	Superior Letras	Professor	Católica na infância Agnóstico, quer ter fé
20 **Plínio**	41	Aflitos / Recife	Recife - PE	Médio	Comerciante	Católica; P

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*
Legendas: 1. O Quadro 3.1 condensa os dados demográficos dos viúvos, objetivando contemplá-los numa só mirada. Para efeitos de discussão, destaco cada item em quadros separados, nos tópicos seguintes. 2. A ordenação dos viúvos - nos quadros, onde há coluna de números em correspondência com os nomes - segue a cronologia da realização das entrevistas. 3. NP: Não Praticante. 4. P: Praticante.

3.1.1 - SOBRE AS IDADES

A antropóloga brasileira Guita G. Debert (2004: 41) chama a atenção para a importância da explicitação dos grupos de idade nas pesquisas desenvolvidas nas sociedades ocidentais contemporâneas, enquanto dimensão fundamental na experiência dos atores e na organização social, sendo "elementos privilegiados para dar conta da plasticidade cultural e também das transformações históricas" (p. 40). A ocorrência de heterogeneidade das experiências no interior do grupo estudado torna imprescindível especificar os recortes que traduzem esses fenômenos diferentes no objeto investigado. Neste trabalho, percebi claramente essa perspectiva de Debert (2004), ao cotejar diferenças nas experiências dos homens que estão na mesma categoria de situação (Bertaux: 1997), que, neste caso, são viúvos. A perda das esposas ocorreu em momentos desiguais quanto às fases de desenvolvimento dos grupos domésticos atingidos, aparecendo especificidades se os viúvos eram mais novos ou mais velhos. Daí que trago estas ocorrências por grupos etários

No presente trabalho, resolvi adotar, para a classificação das idades dos viúvos, um padrão de distribuição especificamente montado para ele. Isto decorreu da inexistência, nos serviços oficiais[1] consultados, de um consenso nas definições de grupos etários para a idade adulta. Senão, vejamos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na divulgação de seus indicadores sociais de 2006, identifica o idoso como aquele indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos. Ainda seguindo o IBGE, na pesquisa *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil*, realizada no ano 2000, é referido que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define a população idosa como aquela a partir dos 60 anos de idade, mas faz uma distinção quanto ao país de residência dos idosos: esse limite é válido para os países em desenvolvimento, subindo para 65 anos de idade quando se trata de países desenvolvidos (2008). Entretanto, o IBGE não é tão explícito em relação às outras idades, classificando-as em grupos etários variáveis, cuja composição distributiva varia na dependência do que suas tabelas querem informar.

Já os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS/LILACS: 2008) dão as seguintes informações para as faixas etárias adultas: 1) adulto: pessoa que atingiu crescimento total ou maturidade. Adultos vão dos 19 até 44 anos

[1]Considero, aqui, como serviços oficiais algumas instituições públicas, nacionais (IBGE) ou internacionais (OMS, LILACS), reconhecidas por comunidades científicas ou leigas como instâncias competentes na definição e regulamentação de dados populacionais.

de idade; 2) Meia-Idade: dos 45-64; 3) Idoso: pessoa de 65 a 79 anos de idade. Para uma pessoa acima desta última idade, usa-se a denominação idoso de 80 anos ou mais.

Em dicionários de língua portuguesa (Aurélio, 1975: 40; Michaelis, 2000: 65; Barsa, 2004: 24), encontra-se como definição de adulto: indivíduo que atingiu o máximo do seu crescimento e a plenitude de suas funções biológicas e que também atingiu plena maturidade, isto é, adequada integração social e controle das funções intelectuais e emocionais, além de estar em pleno gozo de seus direitos civis. Contudo, os marcos etários da adultidade/adultícia classificada nas categorias adulto, adulto de meia-idade e velho variam, mas não se tem uma padronização uniforme. O que encontrei foi uma referência explícita à meia-idade, sendo esta definida como a correspondente a pessoas de 30 a 50 anos de idade (Aurélio, 1975: 912, Michaelis, 2000: 1346), não ficando aí indicado a que categoria pertence o grupo de 51 a 59 anos de idade. No dicionário Barsa da Língua Portuguesa (2004: 666), meia-idade compreende a idade entre 40 e 60 anos

Por causa dessas classificações variáveis e até indeterminadas, dividi o contingente total de viúvos em dois grupos: adultos de meia idade e adultos idosos; estas categorias são classificadas a partir do limite inferior de 30 anos e com distribuição das idades dentro de intervalos de 30 anos. Seguindo esse padrão, observei que, na época da entrevista, 50% do conjunto total de viúvos estava na categoria de adultos de meia-idade, e igual percentual na de adultos idosos, não tendo sido proposital estas escolhas, mas apenas coincidentes, como se vê no Quadro 3.1.1, abaixo.

Quadro 3.1.1 - Distribuição das idades dos informantes

Grupos /Idades	Nome e idade (anos)					Total	
						nº	(%)
Meia-idade 30 – 59 anos	Éder (36)	Plínio (41)	Tácio (47)	Renato (48)	Roberto (53)	10	(50)
	Anísio (59)	Josué (57)	Josias (54)	Hélio (51)	Valter (58)		
Idoso 60 e + anos	Ivan (60)	Artur (62)	Petrônio (62)	Adonias (65)	Elísio (69)	10	(50)
	Élcio (68)	Adolfo (69)	Rui (75)	Jonas (78)	Gerson (82)		

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

Ao analisar as duas categorias, observo que alguns fatores são mais comuns em um grupo de idade do que no outro, entre esses viúvos. Por exemplo, os homens de meia-idade têm filhos pequenos ou adolescentes com quem moram e de cuja manutenção cuidam; os mais idosos ou moram sozinhos ou com algum filho adulto solteiro que é, em grande parte,

responsável por suas despesas pessoais. Todos os informantes mais novos trabalham e todos os mais velhos são aposentados, com exceção de Adonias que se aposentou pelo INSS, mas continua lecionando.

Ainda em relação aos idosos, o avançar da idade vem atrelado a algumas inconveniências. Embora tenha havido poucas queixas em relação ao estado de saúde física ou mental, os mais velhos sempre referem mais achaques ou indisposições que os viúvos mais novos. Entretanto, isto não chega a comprometer nem a memória nem o desempenho deles nas pequenas tarefas cotidianas de que se encarregam (como sair para comprar pão, olhar pelos ou brincar com netos, fazer pequenos passeios e viagens), sendo motivo de orgulho para todos. Alguns consideram que a boa saúde que têm ainda hoje é devida a toda uma vida pregressa sem exageros: não beber, não fumar, ter alimentação saudável, não ser farrista[2].

Se se considerar o recasamento, antecipo que menos da metade do total dos viúvos entrou em novo matrimônio, após a viuvez, enquanto o restante desse contingente não o fez. O recasamento aconteceu mais para os viúvos mais novos, mas a idade aumentada não chega a ser um empecilho, até porque muitos desses idosos são "idosos novos".

Entretanto, há um fator importante que aparece nos dois grupos, independentemente da idade. É em relação às redes de sociabilidade, onde quase todos os viúvos referem modificações nos grupos de amizades, sem vinculação com a idade e sim com a condição de viuvez. Torno a abordar, de forma mais aprofundada, as redes de sociabilidade e o recasamento nos Capítulos 5 e 6, respectivamente.

3.1.2 - SOBRE AS MORADIAS

Todos os viúvos entrevistados residem em bairros ocupados, não apenas mas predominantemente, por camadas médias altas, com exceção de Janga, Candeias[3], Cordeiro e Várzea, que correspondem, em geral, a residências de camadas médias baixas. Todos são proprietários do imóvel que habitam, sendo que a grande maioria mora em apartamento, e

[2] O qualificativo "farrista", enquanto categoria *emic*, se refere a alguém dado a farras, isto é, tem vida ou procedimento dissoluto e desregramento moral, que se expressam, por exemplo, em passar noites fora de casa, bebendo, jogando, tendo aventuras extraconjugais, etc.

[3] Convém esclarecer que o bairro de Candeias é ocupado por uma população altamente diversificada em relação à classe social, sendo a região da orla marítima predominantemente de camadas média alta e rica, enquanto que o padrão econômico-social vai caindo quanto mais se afasta daí. O informante mora exatamente na área de camada média baixa, bastante afastada da zona praieira.

apenas cinco, em casas, correspondendo a três destes o nível sócio-econômico aparentemente menor. Os dados de moradia são vistos no Quadro 3.1.2, abaixo.

Quadro 3.1.2 - Distribuição por bairro e tipo de moradia

Nº	Nome	Bairro	Moradia	Nº	Nome	Bairro	Moradia
01	Roberto	Boa Viagem	Apto	11	Jonas	Várzea	Casa
02	Anísio	Boa Viagem	Apto	12	Hélio	Boa Viagem	Apto
03	Josué	Boa Viagem	Apto	13	Élcio	Candeias	Apto
04	Renato	Aflitos	Apto	14	Adolfo	Cordeiro	Casa
05	Josias	Graças	Apto	15	Valter	Espinheiro	Apto
06	Elísio	Boa Viagem	Apto	16	Ivan	Ilha do Leite	Apto
07	Rui	Boa Viagem	Apto	17	Tácio	Jaqueira	Apto
08	Artur	Encruzilhada	Casa	18	Petrônio	Derby	Apto
09	Gerson	Janga	Casa	19	Éder	Parnamirim	Casa
10	Adonias	Casa Forte	Casa	20	Plínio	Aflitos	Apto

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

Quem casa, quer casa, diz o dito popular, representação cultural. Para esses homens também. Por isso, seus projetos de vida incluíam, quase sempre, elevar o grau de instrução e galgar postos empregatícios mais altos, - facilitadores de ascensão social -, de forma que lhes permitissem dar conforto e segurança a suas famílias[4] nucleares, quando já constituídas ou em vias de constituição, e que inclui uma casa para morar. A referência a esses elementos, aqui, visa explicitar algumas categorias estabelecidas pelos entrevistados que refletem sua autoconsciência, enquanto maridos, do papel de mantenedor da família num certo grau de consumo e de pertença a camadas médias, fatores que consolidam sua identidade social e masculina, na cultura ocidental moderna. Pelos depoimentos[5] de Elísio e Petrônio, por exemplo, possuir residência própria e, às vezes, carro, eram pré-requisitos para os passos seguinte no planejamento de vida com as namoradas, ou seja, casar e ter filhos:

[4]Alguns dos enviuvados, ainda hoje, dão ajuda financeira também a parentes da família extensa, particularmente a mãe e a sogra.
[5] Lembro que a decodificação dos sinais gráficos dos depoimentos está no Anexo C.

> - E começou a se organizar pra casar porque:: um pressuposto de que isso não tivesse sido feito antes, era exatamente porque não havia:: havido a = a base econômica para suportar a família, e tal. Já não era mais o caso nessa época que nós nos reencontramos, (...) E aí nós decidimos nos CASAR, e::: durante um ano nós nos preparamos e:: nos casamos, né? É::: Compramos um imóvel, foi uma preocupação de comprar um imóvel pra morar, né? (Elísio, E06: 05).

> - Porque inicialmente nós passamos cinco anos (.) eu passei cinco anos, quer dizer, PRA:: haver um = um equilíbrio financeiro e econômico, pra poder a gente constituir uma família, pa num ter aquela dificuldade (ao mesmo tempo) (.hh) Então eu preferi antes comprar:: eu preferi comprar inicialmente uma casa:: primeiro, comprei a casa; comprei a casa, comprei um carrinho, tudo pago; aí foi que nós programamos, então:: Bem planejado. Porque a gente::, eu tinha um certo sentimento a esse respeito, (.hh) de achar que muito casamento se acabava até por (.) por esse = por uma dessas RAZÕES, quer dizer, até, às vezes, financeiras, né? (Petrônio, E18: 07).

Neste último depoimento, vê-se expressamente a imagem de provedor que esse homem carrega. Em nenhum momento ele coloca que cuidar da família é uma responsabilidade do casal. Isto é uma idéia ainda muito presente na sociedade urbana brasileira, com bastante vigor no Nordeste. Para o homem, a capacidade de oferecer boas condições para a manutenção da família, de forma a inseri-la numa posição social mais elevada, é prestigiosa (o que se traduz também pelo local de moradia), parecendo refletir e demonstrar, inclusive, o valor atribuído socialmente ao cargo que ocupa no trabalho e, habitualmente, que lhe permite usufruir melhor salário e sustentar alguns luxos da família, o que fecha o círculo. Este é um ponto proeminente, numa sociedade urbana complexa, na caracterização do papel de virilidade que o homem se concebe, como destaca Vale de Almeida (1995a: 56-57): "Eu defendo que, se o trabalho e o status social são importantes para a definição da identidade social, são-no também para a masculinidade".

Trazendo essas observações para a viuvez masculina, agora, almejo salientar a valorização atribuída pelo homem à vida confortável que pôde proporcionar à esposa em vida, inclusive no período de doença, resultante, em grande parte, do bom emprego que tinha. Os viúvos se esforçam, assim, para deixar claro que o seu papel de bom provedor foi devidamente cumprido, no passado, e continua no presente, pois a morte da mulher não repercutiu nos sobreviventes sob o aspecto de descida social, visto que a maioria dos viúvos manteve suas famílias no mesmo patamar e não precisou, por exemplo, mudar de

local de residência para áreas mais populares. Estas questões são revisitadas em capítulos seguintes deste trabalho.

No entanto, alguns viúvos declaram uma certa queda no padrão de renda, no momento atual de sua vida, embora não a vinculem à viuvez, mas antes à situação de aposentadoria. São os homens mais idosos que vivem essa realidade. É interessante notar que os cruzamentos da idade, tipo de imóvel residencial, bairro de moradia, escolaridade e situação trabalhista desses informantes idosos (inativos), mostram que a metade deles habita casas, e, entre estes, suas moradias se situam em bairros periféricos do Recife ou em município adjacente, bem como aí estão os que têm menores níveis de escolaridade, como mostra o Quadro 3.1.3.

Quadro 3.1.3: Correlação da idade com tipo e local de moradia, escolaridade e situação trabalhista no grupo de idosos

Nome	Idade	Imóvel	Bairro de Moradia	Escolaridade	Situação
Ivan	60	Apto	Ilha Leite / Recife	3º Grau	Aposentado
Artur	62	Casa	Encruzilhada/Recife	3º Grau	Aposentado
Petrônio	62	Apto	Derby / Recife	3º Grau	Aposentado
Adonias	65	Casa	Casa Forte / Recife	3º Grau	Aposentado
Élcio	68	Apto	Candeias / Jaboatão	3º Grau	Aposentado
Elísio	69	Apto	Boa Viagem / Recife	3º Grau	Aposentado
Adolfo	69	Casa	Cordeiro / Recife	1º Grau	Aposentado
Rui	75	Apto	Boa Viagem / Recife	3º Grau	Aposentado
Jonas	78	Casa	Várzea / Recife	2º Grau	Aposentado
Gerson	82	Casa	Janga / Paulista	2º Grau	Aposentado

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

O que o quadro acima expõe é a realidade que os viúvos viviam, por ocasião da entrevista. Como antes referido, o nível de escolaridade é um dos atributos considerados, em nosso meio, como facilitador para acesso a emprego de melhor salário e que favorece a entrada/inclusão e permanência/manutenção numa classe social mais elevada. Por extensão, e de maneira geral, o recebimento de uma aposentadoria de valor mais alto estaria também vinculado ao grau de escolarização do indivíduo. Nesta perspectiva, aquele aposentado com menor nível escolar e mais idade, condições que não favorecem ter um emprego adicional que lhe permita complementar sua renda, tenderia, então, ao empobrecimento, que viria atrelado ao desligamento do emprego formal. O depoimento de

Rui denuncia a situação: "_A aposentadoria, no início, era = era relativamente boa; mas, hoje em dia, tá caindo o = o valor da aposentadoria; é cada vez menos, né?" (Rui, E07: 12). Para Ivan (E16: 29), houve também queda no padrão de vida quando se aposentou, e a renda caiu para menos de um terço do que ganhava na ativa; e, ainda, nas palavras de Gerson:

> - Eu sou = sou = sou aposentado. Comecei muito novo, como eu disse à senhora., então muito novo me aposentei, né? Foi em 1971, acho que faz:: quase 30 anos que me aposentei pela Previdência. MAS, A CADA ANO, eu tô ganhando um tanto mais pobre, porque o:: que o governo DÁ, vai matando a gente, né? De formas que é isso. (...) JÁ TIVE PLANO DE SAÚDE. Hoje num posso mais. Num posso mais, porque o::: dinheiro que eu ganho:: (E09: 25).

A partir destas declarações, reflito sobre um argumento apresentado por Debert (2004: 17) quando discute, entre outras questões, a aposentadoria em pessoas idosas. Diz a autora que

> Estudos comparativos sobre renda e grupos etários rediscutem a idéia de que a pauperização caracteriza o envelhecimento nas sociedades ocidentais contemporâneas. Especialmente nos momentos em que o desemprego ou o subemprego atingem proporções alarmantes, a universalização das aposentadorias e da pensão na velhice garantiria aos idosos direitos sociais dos quais é excluída a população de outras faixas etárias, sobretudo o jovem.

Isto, possivelmente, é verdadeiro para uma classe social mais pobre, mas para as camadas médias penso que não, como os depoimentos acima comprovam. Os viúvos idosos entrevistados por mim sentem que há perda financeira e empobrecimento concretos, que limitam a margem de consumo e exigem, freqüentemente, uma reconfiguração nas despesas pessoais e no lar, ou, como falou Adonias, "tinha que fazer uma limpeza no orçamento, tirar uma série de excessos do que achava supérfluo" (E10: 24).

Portanto, repito, a situação de viuvez não concorreu para a diminuição do padrão de consumo da família, bem como não influiu para sua elevação. E o fato mesmo de ficar recebendo a pensão da esposa falecida não modifica esta realidade, visto que esse benefício é todo repassado para a prole do casal, e o viúvo faz questão de deixar isto bastante claro. Somente dois, dentre os entrevistados, declaram utilizar, na manutenção do lar, a renda

mensal deixada pelas esposas falecidas. E Tácio menciona que, se necessitar em algum momento futuro, usará o dinheiro obtido desta fonte, mas avalia isso como uma medida de exceção:

> - COM Taciana, o companheirismo, a gente dividiu tão bem as coisas, que tanto ela teve sucesso profissional como eu; então nós fizemos um bom patrimônio, (.) num é? E::: esse patrimônio:: deu. Pra eu me manter na minha vida, [graças a Deus, até hoje.
> *?- [E tem pensão dela, alguma coisa assim de renda?*
> – Tenho! Tenho uma pensão, recebo uma pensão dela, e essa pensão:: eu, desde que:: ela faleceu, eu boto a metade numa poupança pra um filho e a outra metade pra o outro filho, que amanhã, quando eles fizerem 21 anos, eles vão ver o que é que eles fazem com o dinheiro. E, se eu precisar, evidentemente, eu vou fazer uso, mas, graças a Deus, até hoje não. (E17: 25).

Outra questão que apareceu, no momento da entrevista, ainda relacionada com a residência, é a condição de morar só ou acompanhado. Entre todos os viúvos, havia, até o momento da entrevista, a seguinte composição do núcleo familiar: seis moram sozinhos, nove só com os seus filhos do casamento no qual enviuvou, três com esposas de novos casamentos[6] e sem filhos, dois com novas esposas e filhos. Neste último caso, um dos viúvos tinha em casa os filhos do seu casamento em que enviuvou, e um outro, ao contrário, morava com os filhos da nova esposa, que vieram junto.

3.1.3 - SOBRE A PROFISSÃO / OCUPAÇÃO

A distribuição por profissões, dos viúvos entrevistados, está colocada no Quadro 3.1.3, no qual se vê que a maioria conseguiu completar o curso superior. Estes trabalham ou trabalharam em instituições públicas e nas suas próprias áreas de graduação, enquanto que alguns estão aposentados - exceto Petrônio, formado em Direito, mas que exerceu função de bancário durante toda sua vida profissional.

[6]Os termos "novos casamentos" e "novas esposas" são aqui empregados para se referirem à relação afetivo-sexual *atual* do viúvo, independente do tempo decorrido entre a morte da esposa e a formação do arranjo doméstico - um dos pesquisados, por exemplo, tinha já 17 anos no segundo casamento.

Quadro 3.1.4 - Relação entre profissão de graduação e ocupação dos viúvos

Nº	Nome	Profissão	Ocupação (passada e/ou atual)
01	Roberto	Medicina	Médico, Servidor Público. Ativo
02	Anísio	Medicina	Médico, Servidor Público. Ativo
03	Josué	Medicina	Médico, Servidor Público. Ativo
04	Renato	Administração	Profissional Liberal. Ativo
05	Josias	Educação Física	Professor, Educação Física. Servidor Público. Ativo
06	Elísio	Administração	Militar/Reserva. Administrador. Servidor Público. Aposentado
07	Rui	Direito	Advogado, Servidor Público. Aposentado
08	Artur	Direito	Advogado, Servidor Público. Aposentado
09	Gerson	Não	Funcionário construção civil. Aposentado
10	Adonias	Filosofia	Professor, Servidor Público. Aposentado
11	Jonas	Não	Militar Reserva. Aposentado
12	Hélio	Não (Técnico)	Profissional Liberal. Ativo
13	Élcio	Não	Jornalista. Aposentado
14	Adolfo	Não	Operário Mecânico. Aposentado
15	Valter	Engenharia	Engenheiro, Servidor Público. Ativo
16	Ivan	Geografia	Professor. Aposentado
17	Tácio	Direito	Advogado. Servidor Público. Ativo
18	Petrônio	Direito	Bancário. Servidor Público. Aposentado
19	Éder	Letras	Professor. Ativo
20	Plínio	Não	Comerciante. Ativo

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

Continuando a observar o quadro acima, vê-se que, para os não graduados não houve vínculo empregatício com órgãos estatais, com exceção de um militar. Neste grupo, os mais idosos haviam sido empregados em empresas particulares e estão aposentados, hoje em dia, e os dois mais jovens são, na atualidade, um, profissional liberal que trabalha com um tipo de terapia alternativa, e um outro, proprietário de um atacado de peças para veículos.

No Quadro 3.1.5[7], abaixo, busco mostrar essas informações profissionais em valores numéricos e percentuais, observando-se que, dos 20 entrevistados, 14 (70%) são formados, enquanto que seis (30%) não o conseguiram. Entre os graduados, 12 (86%) são ou foram empregados na mesma área de graduação, sendo que 10 (83%) no serviço público, e dois (17%) no particular. Para os não-graduados, vê-se que apenas um viúvo esteve vinculado a serviço público, e os demais trabalharam em empresas privadas, onde

[7] Em nenhum momento tento generalizar os resultados destes dados para a população mais ampla no campo da viuvez, obviamente: tanto pelo número reduzido de sujeitos como pela não padronização instrumental para tratamento estatístico. A colocação em percentagem tem uma intenção meramente especulativa, podendo ser ponto de partida para futuras pesquisas propriamente sociológicas.

mudaram de emprego algumas vezes no transcurso da vida profissional; desses, quatro são aposentados e dois estão em atividade.

Quadro 3.1.5 - Distribuição dos viúvos quanto ao nível de escolaridade e relação da ocupação com graduação e vinculo empregatício público ou particular

				Nº	**(%)**
Graduados				**14**	**(70)**
	Vínculo	Serviço Público		11	(79)
		Empresa Privada		03	(21)
	Ocupação	Igual à Graduação		12	(86)
		Vínculo	Serviço Público	10	(83)
			Empresa Privada	02	(17)
		Diferente da Graduação		02	(14)
Não Graduados				**06**	**(30)**
	Vínculo	Serviço Público		01	(17)
		Empresa Privada		05	(83)
	Ocupação	Única		03	(50)
		Várias		03	(50)

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

Escolaridade superior e trabalho formal, como já foi apontado, são duas categorias portadoras de valorização social, conferindo status, prestígio e poder a quem as possuem, e podendo constituir-se em importantes ferramentas para o processo de mobilização social ascendente. Referindo novamente Scott (1996: 150), diz este autor que o trabalho "é um elemento definidor do pertencimento ao segmento médio, tendo as noções de poder e hierarquia estreitamente imbricados" nele. Argumentando sobre a distinção das formas de articulação do trabalho entre estratos sociais urbanos, sugere, ainda o mesmo autor, que nas camadas médias a atividade ocupacional não é focalizada dentro de uma ótica de família, isto é, não há vinculação da força de trabalho dentro do grupo doméstico para um fim 'coletivo' intradomiciliar, como entre os pobres (Scott: 1996: 151). Neste sentido, também concordo com as colocações feitas pelo autor.

Por outro lado, mudando a incidência do olhar, parece-me que há sim uma outra ótica de família quando da escolha profissional por jovens de camadas médias, pois eles seguem com muita freqüência a tradição familiar do exercício profissional numa determinada orientação. Assim, vejo no meu cotidiano de trabalho, por exemplo, que muitos estudantes de Medicina tem parente médico, com grande possibilidade de o ser o pai ou a mãe, senão ambos. O médico e bioeticista brasileiro Sérgio Rego (2003: 123), em

sua tese de doutoramento[8], mostra que os estudantes formandos de Medicina no ano 2000, em sua grande maioria, eram filhos de camadas médias, viviam e eram sustentados pelos pais, eram solteiros, foram escolarizados em colégios particulares e não trabalharam para custear os estudos. Mantendo o mesmo perfil, o Relatório do Exame Nacional de Cursos 2003, para Medicina, aponta ainda que os pais têm curso superior, numa proporção de 66,3% dos pais e 58,2% das mães. O mesmo pode ser dito em relação a outras categorias profissionais, como Direito e Odontologia, só para citar algumas das mais almejadas profissões buscadas pelas camadas médias.

Entre meus informantes, não observei essa tendência para com eles próprios, mas isso pode ser devido à origem pobre que muitos afirmam ter tido. Na verdade, não compilei dados[9] suficientes que me permitam um aprofundamento nessa questão; contudo, parece-me que a maioria desses viúvos não conviveu com um nível de pobreza tão severa, anteriormente, que impedisse suas aspirações a um curso superior, o qual supostamente lhes auferiria melhores condições de trabalho, no futuro, com aquelas características nominadas por Scott (1996: 151) para a ascensão e/ou permanência em camadas médias: um trabalho portador de símbolos de status, prestígio e poder, que hierarquicamente diferenciem esses viúvos de outros setores. De qualquer forma, em relação aos filhos já adultos desses homens, alguns aparecem seguindo pelo menos a mesma área de atuação profissional paterna ou materna, como seja a área de Saúde: entre os filhos dos informantes, aparecem estudantes de Medicina, Fonoaudiologia, Psicologia, cujos pais (às vezes, pai e mãe) estão ligados à área de Saúde.

Mas o trabalho, nesse grupo estudado, também pode ser articulado dentro na esfera doméstica, com as disposições mencionadas, mais uma vez, por Scott (1996: 151-152), especialmente no que tange à "divisão de atividades cotidianas" e no "controle sobre o trabalho dos outros". Aí, aparece fortemente o viúvo que faz questão de administrar seu lar, após a morte da esposa - embora tendo quase sempre alguma mulher como executora das tarefas determinadas por ele, nesse espaço privado. Para Tácio, por exemplo, a administração da casa e a supervisão das tarefas domésticas desempenhadas pelas empregadas estão completamente subordinadas ao seu comando, tendo deixado isto bem claro "desde o início", tanto para a família em geral quanto para as serviçais. Em

[8] Os dados utilizados por Rego (2003: 123) foram retirados do relatório final do Exame Nacional de Avaliação dos Cursos de Medicina - Provão 2000.

[9] Pois este não era meu foco de trabalho. Faço essas observações porque me parece haver incongruência das histórias com o qualificativo "pobre" que muitos desses viúvos atribuem às suas famílias. Por outro lado, o fosso social que separa os adolescentes pobres da universidade tende a mudar com a instituição do sistema de cotas, e esse panorama pode ser diferente daqui a mais alguns anos.

contraposição, tarefas que precisam ser providenciadas no espaço público (fazer feira, ir ao colégio dos filhos, levar as crianças ao médico, etc.) são realizadas por ele próprio. Outros exemplos e novas argumentações sobre o tema são expostos no Capítulo 5.

Antes de passar para outro tópico, faço uma comparação desses achados com aqueles da viuvez feminina que pesquisei[10]. Repito, sem pretender um inquestionável rigor quantitativo, mostro alguns valores percentuais entre os dois gêneros. Das nove mulheres estudadas, oito (89%) tinham terminado o curso universitário; entre estas, sete (87%) trabalhavam na mesma área em que se graduaram. É interessante, vendo os percentuais dos dois grupos, observar que as mulheres, em relação aos homens investigados, apresentam pontuação maior no item conclusão de curso superior (89% e 70%, respectivamente), mas praticamente o mesmo índice (87% e 86%) quanto a trabalhar na área em que se formam. Já em relação a vínculo empregatício, o emprego público é de 78% das viúvas e 60% dos viúvos.

Uma possível explicação para esse tipo de desempenho das viúvas pode ser retomada da discussão que empreendi no trabalho *Dor sofrimento, dor encantamento...* (2003: 97), onde mostrei que havia mais mulheres com curso superior e inseridas em empregos públicos do que seus maridos. Agora, o mesmo se repete, entre os viúvos. Recuperando, então, aquelas reflexões, argumento que, pelo senso comum, ter um emprego público freqüentemente é uma ambição de classe média, embora também freqüentemente haja menor chance de aí se conquistar alta projeção social e elevado salário, mas com vantajosa garantia[11] de maior estabilidade empregatícia, aposentadoria e/ou pensão para a família, em caso de morte. É possível. Mas por que isto atrai mais as mulheres?

Uma resposta provável seria inferida de estudo de Tânia Salem (1980: 38), quando remete à maneira do treinamento diferencial a que estão submetidos filhos e filhas dentro de famílias de camadas médias, onde a divisão de papéis sexuais é propagada: aos filhos, estimula-se independência, ambição, competitividade e controle das emoções; das filhas, espera-se obediência, dependência, docilidade, proteção no seio da família. Poder-se-ia, talvez, inferir que, com tal treinamento, elas se acomodariam melhor a menores salários e discreta projeção em suas atividades fora de casa, sendo o serviço público um emprego adequado a essas expectativas. Além disso, o dote escolar (Segalen, 1993: 130-131) tem um papel não desprezível no projeto de vida feminino. Em que pesem as mudanças

[10] Mais dados relativos às viúvas estão em *Dor sofrimento, dor encantamento...* (2003: 96). Ver Bibliografia.
[11] As vantagens do emprego público, especialmente quanto à estabilidade, mudaram nestes últimos anos, o que deve refletir-se nos projetos pessoais em futuro próximo.

ocorridas nas últimas décadas nas relações de gênero, ainda persistem desigualdades tanto na socialização primária quanto, posteriormente, no acesso a empregos para homens e mulheres. É possível, ainda, que aqueles atributos da socialização masculina estimulem uma certa tendência de não acomodação e eventual espírito aventureiro na busca de maior salário, de forma que corresponda ao papel social de provedor que o homem porta. Registre-se, ainda uma vez, o artigo de Scott (1996), que corrobora a ambição de cargos de chefia pelas camadas médias, com inúmeros privilégios para os homens, dentro e fora de casa.

3.1.4 - SOBRE A RELIGIÃO

Para completar, por agora, as informações gerais sobre os viúvos pesquisados, resta ver a religião que eles professavam. Dos 20 homens, 17 referem ligação com a Religião Católica na infância dentro da convicção de fé seguida pela família de origem, embora alguns a tenham abandonado na época da adolescência ou na adultícia, e mesmo trocado de religião. Dois desses homens, inclusive, foram coroinhas na pré-adolescência. Hoje, um destes se apresenta como agnóstico e o outro refere que tem sua própria definição sobre religião: "_(...) eu não pratico (.hh) a IDA À IGREJA:: ou fico falando de religião, (.) porque, pra mim, a religião, (...) é a prática = é a da prática minha, do meu dia-a-dia, tá entendendo?" (Tácio, E17: 19-20). Um outro homem saiu de casa para "estudar nas melhores universidades européias para fazer Teologia e ficar padre" (Adonias, E10: 07), mas abandonou esse projeto e se casou, o que foi motivo de certa frustração para seus pais.

Dentro da sociedade brasileira, o Catolicismo parece ser seguido pelas camadas médias de forma predominante, sendo outras religiões vistas, muitas vezes, com suspeita e consideradas como prática inadequada para pessoas de estratificação social mais elevada. É o que diz Ivan:

> - Ela ((esposa)) era CÉTICA TOTALMENTE, entendeu? (.hh) Num aceitava::, inclusive dizia:: COISAS (.) que aquilo ali num era de:: do nível DA GENTE, num sei quê e tal; porque tem aquela imagem:: do Espiritismo, de = de = de (.) de terreiros, num sei quê lá, dessas coisas assim. (E16: 05).

Contudo, transitar por outros credos, mesmo que não declaradamente, também faz parte da tradição brasileira. O quadro 3.1.6 mostra a distribuição dos informantes em relação às religiões por que passaram até o momento da entrevista.

Quadro 3.1.6 - Distribuição das religiões declaradas pelos viúvos

Nº	Nome	Religião[1]
01	Roberto	Católica na infância. Espiritismo na juventude e início da adultícia. Budismo como filosofia de vida nos últimos anos. Não praticante
02	Anísio	Católica na infância. Acredita num Ser supremo. Não praticante
03	Josué	Católica na infância. Agnóstico
04	Renato	Anglicana Episcopal. Praticante eventual
05	Josias	Católica Espiritualista. Não praticante
06	Elísio	Católica. Praticante
07	Rui	Católica. Praticante. Aceita o Espiritismo
08	Artur	Católica. Não praticante
09	Gerson	Espírita Kardecista. Praticante
10	Adonias	Católica. Não praticante
11	Jonas	Católica. Candomblé. Espiritismo. Não praticante
12	Hélio	Agnóstico. Espiritualista
13	Élcio	Católica na infância. Agnóstico
14	Adolfo	Católica. Não praticante
15	Valter	Católica na infância. Espírita Kardecista. Praticante
16	Ivan	Católica na infância. Espírita Kardecista. Praticante
17	Tácio	Católica. Aceita o Espiritismo Kardecista. Não praticante
18	Petrônio	Católica. Praticante. Aceita o Espiritismo Kardecista
19	Éder	Católica na infância. Agnóstico
20	Plínio	Católica. Praticante

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

Legenda: 1. Utilizo os termos Praticante e Não Praticante para significar, respectivamente, o comparecimento ou não a rituais nos templos, bem como a obediência ou não a cânones religiosos, como sejam jejum, guarda de dias santificados, idas pelo menos semanais a missas ou cultos, confessar-se, comungar, etc. Havia uma grande variação no cumprimento desses preceitos, e não me pareceu que qualquer dos entrevistados seguisse todos eles rigorosamente.

Um dos viúvos falou que não assumiu o Espiritismo Kardecista, durante o casamento, para não constranger a esposa, que era uma católica muito fervorosa; após o falecimento dela, continuou freqüentando as duas profissões de fé, isto é, indo à Missa Católica e participando de palestras no Centro Espírita. Outros homens dão depoimentos semelhantes. Alguns dos viúvos educados na Religião Católica referem o seu afastamento dela porque passaram a questionar alguns preceitos ou dogmas, perdendo o sentido segui-

la, como falam claramente Anísio (E02: 05) e Éder (E19: 03), e até mesmo a sentir revolta, como diz Roberto (E01: 03):

> *?- Tu praticas alguma religião, tem alguma religião?*
> - É. Na infância, até por estudar em colégio de padres, eu era católico. (.3) Depois disso, quando eu cheguei cum::: vinte anos, aí eu = me deu uma necessidade de estudar:: é::: comecei a me revoltar cum algumas coisas da Igreja Católica::: hã::: exatamente a questão da Inquisição, a opressão sobre a mulher, sobre a ciência, os dogmas, (.hh) e aí, nesse período, o que me encantou foi o Espiritismo. (.) O Kardecismo. E eu passei a freqüentar até::: centros kardecistas, e a estudar mais profundamente, e a participar. (.hh) Depois disso::, mais recentemente, há uns dois anos e meio pra cá, eu comecei a (.) me interessar, e hoje o que eu comungo é a filosofia budista, exatamente por conta (.) do = da:: vinculação com a Física Quântica, que eu acho que me contempla como filosofia; (.3) a idéia de poder haver algum grau de reencarnação, mas que depois, com a perda da = dessa consciência individual, na::: integração da energia universal, onde nós todos seríamos = pedaços de Deus (.3) E apenas pra::: Na vida::, quer dizer, não haveria ninguém melhor do que ninguém, apenas instantes diferentes de iluminação, mas todos seriam um fragmento de Deus. Isso me dá muito consolo, e::: e::: eu tenho um amigo que diz o seguinte: que até onde (.2) a ciência vai:: (.), quando ela não pode mais ir, entra a filosofia, (.3) tentando explicar, = quando a filosofia num pode ir mais, entra a crença. (.3) Então, eu tenho essa crença. Eu acredito em Deus, só que nessa forma que eu acabei de falar.

Outro homem, Tácio (E17), mas também o próprio Roberto (E01), consideram a religião como prática de atitudes, e não no freqüentar templos: a oração e a exortação do bem seriam os grandes instrumentos para um compromisso coerente com preceitos religiosos. Numa fase inicial da análise, atribuí a essas concepções um teor comodista do homem pesquisado, pelo não envolvimento em ações efetivas dentro dos espaços físico e temporal da igreja, espécie de "preguiça" em participar dos rituais e uma manipulação do divino. Com a leitura e interpretação de mais e mais narrativas, reconsiderei essa hipótese. Pois o que parece acontecer é que a própria forma de desenvolvimento de algumas religiões pelos seus líderes, com suas práticas usurárias até a exploração mesma da fé, teriam sido responsáveis pela perda dessa ligação. Escândalos envolvendo pedofilia, cobrança de dízimo a pessoas extremamente simples e pobres, consumismo luxuoso de dirigentes de congregações - procedimentos estes parecendo uma espécie de mercantilização da fé -, entre outras denúncias feitas pela mídia - em que pese toda a

desconfiança que esta inspira - foram acontecimentos que afastaram esses homens e os fizeram desistir de sua religião de origem. Adolfo (E14: 22) se expressa sobre isto: "_Os pastor bota, rapai, 15% do mêi; comendo todo mêi 15% do ordenado dela, pra ele andá bonito de carro! Dou não!" Algumas vezes a volta à igreja se dá apenas em momentos eventuais, quando da realização de casamento e batismo de filhos.

O mesmo percurso não aconteceu, porém, em relação às diversas modalidades de espiritualismo. Dentre todos os viúvos, apenas um se dizia criado no Espiritismo Kardecista desde sua família de origem. Outros dois afirmavam sua crença e participação regular nessa doutrina no presente, sendo que isto se deu, para Ivan, no período de doença da esposa, e, para Valter, após o óbito. Alguns desses viúvos falaram ainda de comunicações que haviam recebido da esposa ou de outros parentes mortos através de médiuns kardecistas.

Além desses que abertamente assumiam sua condição de espíritas, na minha amostragem total, observei que, dos 20 entrevistados, 14 deles referiam alguma aproximação com a espiritualidade, como falou Josias:

> - Bom! Eu vou falar, num sei se interessa à pesquisa, né?, mas, (.hhh) é:::, eu sou católico. (.3) MAS:: tenho muitas das respostas, (.) certo?, na questão:: espiritual, entendeu? Então, eu posso me dizer, se existir essa religião, que eu sou um católico espiritualista, porque::: eu consigo TER MUITA COMPREENSÃO de algumas coisas, a partir do Espiritismo. (E05: 07).

É claro que interessa à pesquisa, visto que a crença em uma dimensão além da vida terrena, na qual alguém apenas adentraria após a morte mas que se poderia rever um dia, é de valia como suporte, para boa parte dos pesquisados. Como resposta ao acontecido, enquanto vontade de Deus, isso favorece o dar conta da vida que tem que continuar. Porque, para todos os homens que se consideram cristãos, a imortalidade do espírito e o reencontro com os entes queridos que se foram são uma certeza. Para os espiritualistas, também é aceita a reencarnação, o que traz, como eles falam, especial conforto.

Paralelamente a isso, a noção de missão ou destino que se deve cumprir na vida terrena é aludida em alguns depoimentos, ora como resgate de pendências de vidas passadas, ora como direito de conquistar a vida eterna, onde todas as pessoas irão reencontrar-se, um dia. Isto me parece fortemente introjetado em alguns dos entrevistados. Jonas (E11: 19) disse assim: "_Eu acredito que:: a gente vem pro mundo, é::, cum uma

MISSÃO, né? E muitos, quando acaba a missão, o espírito sai, reencarna noutro, se fez alguma coisa boa. Eu acredito, né?". Para Tácio:

> - (...) é no sentido de que, é:::, eu acho que é::, O DESTINO DA GENTE TÁ ESCRITO. (.) Num é? Num sei se:: se pelo que vivi, acho que cum BASE nisso daí, de = de = dos sofrimentos, das realizações, da vontade com que eu transformei as coisas, (.) num é? Eu acho que::: por entender que EU SEI que o meu destino tá escrito por causa de tudo que eu vivi, eu acho que tem algo de (.) espiritual nisso, de reencarnação nisso. (E17: 20).

A idéia cristã da predestinação me parece embutida nessas declarações. Segundo o sociólogo alemão Max Weber (2001), o dogma puritano de um destino pré-determinado por Deus foi a força motriz do movimento protestante no início da Idade Moderna, modelando atitudes e comportamentos na vida humana, no Ocidente. A garantia de salvação no outro mundo, era estímulo para seguir um caminho neste, ao encontro de um destino que já estava traçado para ele, para toda a eternidade (Weber: 2001: 79). Era pela consciência de sua conduta durante a vida terrena, com abnegação e conformação, e enquanto instrumento da vontade divina, que o homem conquistava a bem-aventurança na vida eterna. Isto iria repercutir em todos os âmbitos da vida terrena do indivíduo, seja pública ou privada. Por outro lado, Weber vai mostrar ainda que o Puritanismo foi abraçado veementemente, na época da Reforma, pela classe média burguesa em ascensão. Para o autor, a influência desse período histórico se reflete até os dias atuais.

A certeza de uma missão a realizar aparece em outro viúvo, Hélio (E12: 15), sem vincular com religião e sim com a busca de transcendência, mas atrelada também à reencarnação. Acredita esse viúvo que, aqui neste mundo, ele tem uma incumbência que precisa cumprir, que se materializa pelo acompanhamento de pessoas que têm ou terão enfermidades graves, sendo algumas mesmo desconhecidas, e que cruzam o seu caminho ou entram de forma inesperada em sua vida, o que já aconteceu várias vezes. Sua missão é estar junto dessas pessoas, orientando-as em questões do processo saúde-doença e da espiritualidade, ajudando-as na passagem para o outro plano existencial. Esta certeza faz com que se sinta muito bem em ajudar alguém e que encare as perdas sem apego.

Diante de todo esse panorama, a crença em algum tipo de transcendência está presente em quase todos os entrevistados, com exceção daqueles que se autoclassificam como agnósticos. Até porque parece que, para eles, é preciso ter esperança e acreditar em

algo para que a própria vida tenha sentido e valha a pena ser vivida, ou que de alguma forma se explique o inexplicável. Seja como fé em Deus ou em um Ser superior ou em uma energia cósmica universal ou em seu espírito imortal, essa crença serve de consolo diante da inexorabilidade da morte da esposa e os ajudou muito a "levar a vida pra frente" após o passamento. Parece, como escreveu Mircea Eliade (2001), que uma "existência profana jamais se encontra no seu estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso" (p. 27). O depoimento de Éder, um daqueles que se denominam agnósticos, parece confirmar isso:

> – É uma pergunta difícil! ((risos)) Se eu tenho religião? É complicado! Eu fui formado claro, dentro da Religião Católica, fui batizado, mas:: muito:: adolescente, na época de criança/adolescente, era até um freqüentador da = da = da Religião Católica, né?, assim, não com o costume assíduo, mas ia quando podia à missa com a família, com os parentes, né?, às vezes, sozinho. Rezava de manhã, de tarde e de noite, às vezes, que quando num = num = num = num::: me lembrava que::, assim, acordava à noite achando que não tinha rezado, acordava pra rezar. É:: entrava nas igrejas, me benzia; se tivesse daqui pra frente, dentro de 100 metros, 100 igrejas, eu entraria em 100 igrejas, não é?, fazia uma oração. Mas depois isso:: eu vi que:: perdeu o sentido pra mim, não era = não era funcional mais. Do mesmo jeito que eu tinha a crença, a crença foi embora, mas se você me perguntar hoje: "_Você tem religião?" eu digo: "_Uma religião específica, não. Eu gostaria de voltar a ter fé." Não sei se tenho como queria ter, não é? Passei muito tempo, não é?, religioso, depois completamente cético, e agora::: não sei, acho que gostaria de voltar a ter fé, quem sabe, se eu consigo.
> *?- E aconteceu alguma coisa em especial para tu não acreditar mais?*
> – Não, não, nada de:: simplesmente, é::, houve um = um belo dia acordei e vi que isso não fazia mais sentido pra mim, né? Achava = achei, comecei a achar que:: que a existência de Deus não era = não era útil pra mim, não é? E::: Tô tentando voltar a acreditar, tô tentando voltar a acreditar! (E19: 02-03).

Os relativamente extensos depoimentos, sobre a religiosidade dos informantes, ocupam bastante espaço e tempo dentro das narrativas, ultrapassando os demais tópicos do roteiro da entrevista que visam delinear os perfis dos homens inquiridos. Não é por acaso que eu trago, aqui neste tópico, mais informações do que nos demais itens - e que será ainda discutido no Capítulo 5. Isso permite outras reflexões.

Primeiramente, a ligação com o sagrado está presente no cotidiano desses homens e é tão importante para eles quanto o eram para as mulheres viúvas que entrevistei anteriormente. Assim, os homens pensam e falam sobre religião tanto quanto as mulheres - pelo menos nas minhas amostragens -, diferentemente do senso comum, que atribui a estas maior participação e envolvimento com a religião. O que parece acontecer é que se espera da mulher um maior comprometimento nos assuntos religiosos, até como conseqüência da vigilância histórica a que ela foi submetida pela Igreja e legislada pelo Direito Canônico, e da qual não se libertou completamente na atualidade. E a situação se agrava na viuvez feminina, como mostrei anteriormente (Lago-Falcão, 2003: 56), aonde até mesmo a reclusão aos conventos chegou a ser estimulada em épocas históricas anteriores. O equivalente moderno desta recomendação transparece na persistência de estigma e liminaridade sociais que acompanham a mulher viúva até hoje[12].

Para o homem, entretanto, essa vigilância nunca foi tão rígida. Embora, na Idade Média, seja-lhe até recomendado um certo recolhimento na viuvez (Barthelémy, 1995: 152), há uma flexibilidade social tolerante, que só vem alargando-se até o tempo presente. Mas essa moeda tem outra face. No padrão de virilidade ocidental, parece-me, não há muito espaço para o subjetivismo, seja no externar emoções, seja na prática religiosa[13], ontem e hoje. E é sobre isso que chamo a atenção, aqui, na medida em que os viúvos de agora falam de sua religiosidade que, muitas vezes, não é nem suspeitada no cotidiano. Quer dizer, ela está aí, só não é externalizada rotineiramente. Talvez se não houvesse a situação da pesquisa, eles nunca tivessem oportunidade de declarar-se publicamente. O homem vive nesse confinamento viril intra-subjetivo que seu papel na sociedade lhe impõe.

Bem. Eis aí uma visão panorâmica dos homens enviuvados nos quais se baseia este estudo. Outros informes são acrescidos ao perfil de cada um, no correr deste texto. Mas agora quero dar a conhecer algumas informações sobre suas famílias de origem, de modo a permitir a compreensão de atitudes e posicionamentos que se refletem no próprio enfrentamento da vida familiar, antes e durante a viuvez.

[12] Ouvi de uma médica, há cerca de uma semana, que "_Existe muito preconceito com viúva!". Ela está sentindo na pele seus efeitos, pois enviuvou há aproximadamente cinco meses. Lembro que a discussão aprofundada sobre estigma e liminaridade na viuvez feminina está na minha pesquisa com viúvas, já referida.
[13] É óbvio que estou excluindo aqueles homens que se recolhem a uma vida eclesial. Porque na Idade Média havia dois caminhos que um homem de classe dominante preferencialmente escolhia: ser guerreiro ou ser monge - um estava submetido ao rei, o outro à Igreja.

3. 2 - FAMÍLIAS DE ORIGEM DOS INFORMANTES

Em sua maioria, as famílias de origem, aqui apresentadas, foram constituídas em meados do século XX, e a maioria dos filhos - entre os quais estão, hoje, os entrevistados - nasceu e cresceu entre os anos 1930 a 1950. Fora destas décadas, encontram-se cinco viúvos: Gerson e Jonas, nascidos em 1925 e 1929, respectivamente; Tácio e Plínio, que são de 1960 e 1966; e, finalmente, Éder, nascido em 1971.

Um ponto comum nas histórias da maioria desses viúvos é a origem humilde de suas famílias, alguns se identificando como provenientes de famílias pobres e outros com descrição condizente com classe média baixa[14], tendo seus pais enfrentado muitas dificuldades econômicas para garantir a educação da descendência. Como aspiração a ascensão social, os pais estimulavam a busca por graduação acadêmica dos filhos, que foi perseguida e conquistada pela maioria, alguns até já casados. E é freqüentemente ao pai que é referida essa conquista, com a admiração transparecendo na voz dos entrevistados, ao relembrar o esforço feito para atingir esse objetivo, e que o depoimento de Anísio demonstra bem:

> - Porque, na = na verdade:::, é::: meu pai, ele num deixou:: herança pra ninguém. A herança que (.) ele deixou, até hoje eu num consigo entender como ele conseguiu fazer. Porque meu pai era comerciário. (.3) A instrução dele foi até nível (.2) secundário. E ele (.) conseguiu formar todos os filhos, (.3) e manteve TODOS OS FILHOS num colégio particular, que era um colégio de referência, aqui em Recife. (.3) Entendeu? Então, como ele fez = eu digo sempre que ele fez uma mágica! Né? Como ele fazia, num é? Mas, como eu tava dizendo, em termos de:: (.3) a herança que ele deixou foi essa. Que eu achei FANTÁSTICO! (E02: 04).

As características das famílias são variadas. Para algumas, houve mudanças freqüentes de local de residência, para outras não; em algumas, o pai migrou já com a família, em outras não; nestas últimas, o pai ou mandava buscar ou retornava para junto dela. Em algumas, a morte prematura do pai ou de pai e mãe levou o entrevistado a se tornar arrimo de família ou ser criado por parentes. Enfim, os motivos da migração variam,

[14] Muitos viúvos não declararam explicitamente o pertencimento de classe social da família biológica, mas fiz a inferência para classe média baixa ou pobre baseada nas características das histórias deles: estudar em colégio particular com ou sem bolsa, trabalhar para ajudar em casa, profissão do pai (juiz, arrendatário de engenho, sapateiro, etc.). De qualquer forma, estes dados não são indispensáveis para meu foco de atenção na tese.

mas existem muitos pontos em comum também. Alguns dados estão plotados no Quadro 3.2.1, com discussão nos tópicos seguintes.

Quadro 3.2.1 - Dados das famílias de origem

Nº - Nome	Naturalidade	Em Recife	Pais	Irmãos (gênero)	Viuvez na família
01- Roberto	Fortaleza/CE	36 anos	† Pai; ☼ Mãe	01 (01 F)	Pai; Mãe; Informante
02- Anísio	Recife/PE	Sempre	† Pais	04 (01 F + 03 M)	Pai; Mãe
03- Josué	São Paulo/SP	50 anos	† Pais	04 (03 M + 01 F)	Mãe; Informante
04- Renato	Recife/PE	Sempre	† Pais	07 (? M + ? F)	Pai; Informante
05- Josias	Recife/PE	Sempre	† Pai; ☼ Mãe	03 (03F)	Mãe; Informante
06- Elísio	União/PI	45 anos	† Pais	04 (01 F + 03 M)	Mãe; Informante
07- Rui	Rio Janeiro/RJ	32 anos	† Pais	02 (01 M + 01 F)	Informante
08- Artur	Recife/PE	Sempre	† Pais	15 (08 M + 07 F)	Mãe; Informante
09- Gerson	Recife/PE	Sempre	† Pais	04 (02 M + 02 F)	Mãe; Informante
10- Adonias	Monteiro/PB	37 anos	† Pais	09 (06 M + 04 F)	Mãe; Irmã; Informante
11- Jonas	Nazaré/PE	62 anos	† Pais	02 (02 F)	Pai; Informante
12- Hélio	Recife - PE	Sempre	† Pai; ☼ Mãe	13 (06 M + 07 F)	Mãe; Irmã; Informante
13- Élcio	Alagoas	31 anos	†Pais	10 (08 M + 03 F)	Mãe; Irmão; Informante
14- Adolfo	Água Preta/PE	35 anos	† Pais	? (F)	Mãe; Informante
15- Valter	J. Pessoa /PB	50 anos	† Pai; ☼ Mãe	03 (01 M + 02 F)	Mãe; Informante
16- Ivan	S. Ipanema/AL	42 anos	† Pai; ☼ Mãe	07 (01 M + 06 F)	Mãe; Informante
17- Tácio	Vitória/PE	>20 anos	† Pais	09 (03 M + 06 F)	Mãe; Informante
18- Petrônio	Palmares/PE	43 anos	† Pais	02 (02 M)	Mãe; Tia; Informante
19- Éder	Recife/ PE	Sempre	† Pai; ☼ Mãe	01 (01 F)	Mãe; Informante
20- Plínio	Recife/ PE	Sempre	† Pai; ☼ Mãe	07 (03 M + 04 F)	Mãe; Informante

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

Legenda: † falecido; ☼ viva

3.2.1 - SOBRE A MOBILIDADE GEOGRÁFICA DAS FAMÍLIAS DE ORIGEM

As histórias dos viúvos mostram que muitos dos seus agrupamentos domésticos vieram de outros locais para Recife. Dos 20 enviuvados, 12 famílias migraram para a capital pernambucana, sendo que, destas, oito são provenientes de outros Estados brasileiros e quatro vêem da zona rural de Pernambuco; apenas oito deles são de famílias originariamente de Recife. As décadas de maior migração foram os anos de 1960 e 1970. As causas apontadas para esses deslocamentos quase sempre trazem subjacentes idéias de "melhorar de vida".

A literatura que trata da questão das migrações, internas ou externas a um país, mostram que os imigrantes, geralmente, são pessoas pobres que saem de um lugar para

outro na suposição de que as novas condições de vida serão mais adequadas que em seus locais de origem. Na efetivação desses deslocamentos, a família, através de suas redes de parentesco, "traça os percursos de uma mobilidade geográfica que recobre uma forma de aprendizagem ou uma estratégia de mutação social" (Perrot, 1995: 112). Para esta historiadora francesa, a nebulosa familiar, horizonte de correspondências, relações e solidariedades, serve de pano de fundo para as migrações profissionais, nos meios populares franceses, ao longo do século XIX (p. 173). Essa experiência de exílio tem seus riscos atenuados pelas redes de solidariedade, de acolhida e colocação na urbe, onde se elaboram as novas relações, os novos itinerários que permitem à geração seguinte empreender uma verdadeira ascensão (p. 463).

Aqui no Brasil, a antropóloga Cynthia Sarti (1996) refere que "o sonho feliz de cidade" levou ao deslocamento de levas de brasileiros para os grandes centros urbanos, e era o resultado da promessa embutida no crescimento industrial e econômico do país, a partir dos anos 1950, com ápice nas décadas de 1960 e 1970, vindos de regiões mais desfavorecidas. A perseguição desse sonho foi responsável por um grande êxodo, principalmente do Nordeste rural para o Sul, no mais das vezes visando São Paulo. Para os migrantes havia o projeto de *melhorar de vida* (Sarti, 1996: 09-10; grifo da autora), que poderia ser concretizado no Sul maravilha. Segundo a mesma autora, essa expectativa era o *leitmotiv* de migrar (p. 12), embasando uma mobilidade social que pressupunha acesso a bens de consumo e educação que ensejaria uma mobilidade social ascendente. A migração prometia, enfim, a realização do sonho da aquisição de casa própria e da criação de uma família, projetos que, para os pobres[15], só fazem sentido quando combinados um ao outro (Sarti, 1996: 14).

Um quadro similar me foi descrito por vários informantes. A aquisição e/ou mudança para uma moradia melhor parece contribuir para o processo de mobilidade social ascendente, sendo mesmo sinal dela, aqui quase sempre acompanhando a mobilidade geográfica, em direção às camadas médias: aspiração e posse de residência espaçosa, confortável, de boa e bela qualidade arquitetônica, em bairro de alto valor imobiliário, enquanto símbolo de prestígio e status sociais, à semelhança do que identificou o antropólogo brasileiro Gilberto Velho (1999c: 119; 1989a: 87) em relação a moradores provenientes de subúrbios cariocas que se deslocavam para o bairro de Copacabana, no Rio

[15] Embora a autora faça referência a esses projetos de vida em relação aos pobres urbanos que estudou, vejo uma certa similaridade com as expectativas de vários dos meus informantes, tanto por estes se dizerem também pobres, como por vincularem a idéia de migração com o melhorar de vida e a aquisição de casa própria com casamento e formação da família nuclear.

de Janeiro. Para o autor, "O fato é que a visão hierarquizada dos bairros e da sociedade permanece como um fator de estímulo ao deslocamento, a novas despesas e investimentos" (1989a: 89). E avança na reflexão do mito que o carioca criou sobre Copacabana dizendo que esta mitificação sobre um bairro, a ponto de ser a grande ambição nele morar, "só é possível numa sociedade em que exista uma identificação entre residência e prestígio social de tal forma que a simples mudança de bairro possa ser interpretada como ascensão social" (Velho, 1989a: 89). Isto também é encontrado nos meus dados, como uma meta, entre outros fatores, de acesso a camadas médias dessas pessoas que declaram originar-se de um estrato sócio-econômico mais baixo.

Para os viúvos estudados, a vinda para Recife se deu ainda no começo da adolescência ou da juventude, acompanhando toda a família de origem ou, então, vindo mesmo sozinhos; em ambos os casos, estavam à procura de um local mais "adiantado" onde pudessem conseguir emprego e/ou estudar. Alguns vieram por deslocamento do pai com a família para Recife, seja por transferência de sede de trabalho - Roberto e Josué -, seja para arranjar um emprego melhor na cidade que era considerada a capital do Nordeste, na época - Valter, Petrônio. Outros, entretanto, vieram já na adolescência ou início da idade adulta, por conta própria, como Elísio, Adonias, Jonas e Ivan. Jonas (E11: 02) diz que saiu do interior com 16 anos, vindo para Recife: "_Eu, Jesus e minha coragem de vencer." Por transferência de trabalho, e com família nuclear estabelecida, chegaram Rui, Élcio e Adolfo.

Um testemunho elucidativo é dado por Adolfo, que trabalhava em usina de açúcar na Zona da Mata de Pernambuco. A mudança para a capital ocorreu devido a desemprego e falta de condições de sustentar a própria família no Interior:

> *?- E veio pra Recife quando?*
> – Em 69. Me desempreguei em 69. Não! Foi = Lá passou três anos sem ninguém vê dinheiro. (...) Tava casado, cum:: era TRÊS ((filhos)). (...) Daí, eu tinha um cunhado que era desenhista (.), tava trabalhando lá em:: (.hh) num sítio. Aí falou com o gerente, o gerente disse: "_Traga ele aqui!" Quando eu cheguei:: (.3) De lá, só coqueiro, MATA, MANGUE. CARANGUEJO entrava dento de casa! (.hhh) Aí faz: "_Vou mandar preparar uma carne pra você!" Aí, preparou uma carne: "_Tem coragem de morar aqui?" "_Tenho!" Né? Eu era do interior, num tinha medo de nada! (.hhh) Aí, fiquei:: (.2) fiquei trabaiando lá. Trabaiei três ano. Foi quando venderam, eu passei pra aqui.
> *?- Aí veio pra cá, pra Recife?*

> – Vim pra aqui, pra Recife, aí eu comprei essa casa:: Tinha um dinheirinho de gado, comprei = ajuntei e comprei essa casinha, aqui. (.hhh) E::: (...) Fui trabaiá, voltei logo pra tra = comecei logo trabalhar. Aí, trouxe a família pra aqui::, já criou-se tudo aqui. Lá estudava na cidade, os menino, o carro ia levar e trazer! (.hhh) Aí, eu fui transferido pra aqui, e daqui eu botei no colégio ((particular)), pra estudar. (E14: 02-03).

Mas o relato de Adonias, que passou cinco e meio anos na Europa, em cursos de pós-graduação, pode ser a expressão completa do processo de migração: deslocando-se para o Sul do país e depois para a Europa, ele conta como foi fazer o trajeto de retorno até onde estava a família e a chegada ao Recife, para se reencontrar com a namorada. A narrativa deste informante lembra contos de Guimarães Rosa ou Graciliano Ramos:

> - (...) e eu voltei em:: 70, (.hh) Carnaval de 70, né?, no ano de 1970. Pra o Brasil. Era uma::: Cheguei no Rio de Janeiro, numa segunda-feira de Carnaval. VIM DE NAVIO! Num é? Vim de navio. (.2) Imagine só! Naquele tempo não era fácil a gente viajar de avião. Antônia ((a namorada)) veio de avião, não é?, porque a bolsa pagava a passagem de volta, né? Eu não! Eu vim de navio, (.hh), é::: e cheguei no Rio de Janeiro na segunda-feira de Carnaval - eu me lembro como se fosse hoje! -, um calor (.) descomunal, eu com aquelas roupas européias, pesadas, né? É::, chegava no Brasil, via as pessoas com aquelas camisinhas de manga curta, num é? Me dava uma = uma inveja muito grande! Eu me senti completamente deslocado culturalmente, né? Aí tive que, chegando em São Paulo, - passei no Rio logo de chegada, tive que receber minha bagagem, que era muita, né?, (.hh) de cinco anos e meio de Europa, né?, sem vim ao Brasil:: É::, então, eu tive que demorar no Rio alguns dias pra:: é::, ir a São Paulo, porque em São Paulo é que mora a minha família, né? E cheguei em São Paulo, é que me vestiram, né? ((risos)) Me vestiram. E ESSES = esses cinco anos e meio, quando eu cheguei na segunda-feira de Carnaval, eu encerrava assim um período (.hhh) MUITO BOM na minha vida, muito bom! Então, eu fui pra São Paulo, pra:: rever minha família. (.2) Né?, porque a grande parte deles estavam lá, desses = desses DEZ IRMÃOS, né? É::, havia:: lá, naquele momento, oito! Aliás, nove, né?, porque só havia um aqui::, todos os outros estavam lá. Então, fui pra São Paulo, ver os irmãos, e me vestir, né?, porque efetivamente me vestiram ((risos)).
> *?- E, aí, você volta pra Pernambuco, que [a sua...*
> – [Aí, eu faço uma opção.
> *?- [A sua namorada tava aqui!?*
> – É, a gente se correspondia durante esse tempo todo, muitas saudades, muita = muitas juras de amor, né?, e a:: felicidade da minha volta ao Brasil, e do = do reencontro, (.2) e:::, é:::, eu fiz uma opção de

(.5) ir ver meus pais, que eram vivos, nessa época; era = era exatamente fevereiro de 70, né?, fevereiro de 70. E:: saí de São Paulo pra o Nordeste, pra:: direto pra minha cidade, lá. E fiz questão de viajar de ônibus, né?:: Que, naquele tempo, não havia outro meio, né? Podia-se vim de avião, né?, mas eu (.hhh) peguei um ônibus daqueles bem = metade desse ônibus era de gente = que aquelas companhias que transportavam, (.2) é, gente daqui para o Sul e de lá pra cá, eles faziam concessões de trazer de graça muitas pessoas, né?, e vinha aqueles paulistas, aqueles nordestinos arrependidos de São Paulo, né?, tudo cheio de = de = de doença DE OLHOS, e uma complicação muito grande, um ônibus muito precário! (.) E eu FAZIA QUESTÃO DE:: VIAJAR! Aí, era pela Rio – Bahia, né? Eu tava RETOMANDO o caminho, exatamente a rota contrária, voltando mesmo, sentido (.2) profundo da palavra, de reencontrar minhas raízes, né?, e sabendo que (.hhh) essas limitações de restaurante, de banhos, né?, era um caminho:: Aquela = aquela = aquela relativa pobreza que tava vendo era o BRASIL REAL, né?, que eu havia = do qual eu havia me distanciado durante cinco anos, mas que eu precisava (.), é:::, me reencontrar com ele. E me reencontrar com este país, era me reencontrar comigo mesmo, né? Eu acho que era muito importante, nesse sentido. (.hhh) E foi uma longa aventura, uma longa viagem, (.3) com todos os nordestinos quase de volta pra o torrão, né?, pra vê pai, pra vê mãe, né? E efetivamente cheguei, né?, e nos reencontramos. (.hh) E HAVIA, nos meus pais, um sentimento de alegria, mas também um certo sentimento de::: - como é que eu vou dizer? -, de frustração, porque eu saí daqui pra estudar na Europa, nas melhores (.2) universidades européias, pra fazer Teologia e ficar padre, né?, e eu voltei, desisti de ser padre, né?

?- Quase noivo.

- É::, quase noivo sim, você tem razão! Porque o noivado, nós oficializamos depois. (.2) É:::, então, eles estavam vendo, um pouco como o povo simples do interior, né? É:::, o desejo deles foi frustrado, porque voltou o filho, mas não voltou o padre, né? Voltou, digamos, o doutor, né?, mas não voltou o = o = o padre, né? Então, havia um certo sentimento de frustração que eu conseguia (.2) decodificar, né?, conseguia (.) perceber, mas (.hh) nada que não me recebesse com alegria, né? E::, logo nesses primeiros momentos, foram (.) a tratar de contar:: os grandes momentos, os sofrimentos deles, durante esses anos todos, as dificuldades, né?, e que eu (.) fiz questão de ouvir tudo isso, com muito vagar porque era um reencontro com pessoas que:: eram muito = sempre foram muito simples, meus pais - minha mãe era analfabeta; meu pai, não; meu pai era parcamente letrado, né?, - mas eram pessoas muito boas, pessoas muito sérias, muito honestas, e eu fui com uma alegria muito grande. Bom! É::, depois eu vim pra Recife, num é?, me encontrar com = com Antônia, né?, e::, o::, foi assim um:: reencontro muito bom!:: (E10: 09-10).

3.2.2 - SOBRE A FAMÍLIA DE ORIGEM: OS PAIS E AS MÃES

De uma maneira geral, a lembrança que os homens da pesquisa guardam dos seus pais é externada num misto de afeto, gratidão e respeito. Nas palavras de Roberto, o pai "foi a criatura que eu mais amei na minha vida" (E01:04). A recordação de Anísio, cujo depoimento foi mencionado antes, vem revestida de admiração pela "mágica" que seu pai fez para educar todos os filhos em colégio particular, sustentando-os até o final da universidade. Adonias, cujo depoimento foi transcrito acima, guarda uma imagem do pai e da mãe como "pessoas muito sérias, muito honestas".

Sobre a figura da mãe, especificamente, há também várias referências. Uma foi feita por Elísio a quem a mãe proibiu um namoro, ainda no início da adolescência, com uma garota vizinha, mas com quem ele veio a casar cerca de dez anos depois:

> - Nós éramos crianças, tínhamos em torno de:: 13 anos e morávamos próximos um do outro (.2) e::, nessa época, ainda criança, a gente fazendo o GINÁSIO, a gente se encontrou, era vizinho e tal, e começou aquele namorozinho de criança, né? Depois houve = houve uma GRANDE PRESSÃO por parte da minha mãe, né?, preocupada com = com o futuro e tal, aquele negócio todo, aí NÓS NOS AFASTAMOS, né? (...) É:::, a gente tinha também o mesmo nível SOCIAL, né? Nós éramos, todos dois éramos de famílias, assim, BEM POBRES, né?, mas muito::: SONHADORA, né? A minha mãe mesmo era muito:: era muito ESTIMULADORA DESSE SONHO e tal, principalmente a minha mãe; então, a gente sempre perseguia esse:: objetivo de estudar pra crescer, né? Tanto eu como ela, a:: Elisa, também era muito pobre. E a gente, de certa forma, conseguiu o objetivo, né? (E06: 03-05).

A idéia de que um namoro na adolescência poderia atrapalhar os planos de completar os estudos e comprometer o futuro era comum - e refletia o "espírito do tempo[16]" - nas décadas de 1960/1970, preocupação freqüente dos pais, mais forte nas mães, enquanto figuras zelosas do bom êxito da educação dos filhos - aspiração predominante nas camadas médias, como já referido. Isto estava ainda mais presente naquelas mulheres cuja "profissão" era "Do lar" - que era a da maioria das mães desses

[16] Edgar Morin (2007: 42-43) discute a preponderância dos valores de classe média, emergentes na cultura de massas, em meados do século XX, cultura esta que se inscreve no complexo sociológico constituído pela economia capitalista, a democratização do consumo, a formação e o desenvolvimento do novo salariado, a progressão de determinados valores. Ela se torna o meio de comunicação entre diferentes segmentos sociais e embasa a mitologia euforizante vigente na sociedade ocidental complexa, mas que começa a entrar em crise a partir de 1955 (Morin, 2006: 109), com todos os desdobramentos que abalaram as estruturas sociais, na época.

viúvos. Já que não tinham oportunidade de demonstrar suas competências para além do espaço privado, a grande incumbência era dar conta dos filhos e gerir o lar, cuidando de estimular, na prole, a busca de um título universitário, controlando as finanças da casa, supervisionando "o trabalho dos outros", os serviçais, quando podiam tê-los. O poder delas vinha e se exercia nesse contexto. É verdade que o movimento feminista estava em ampla expansão no mundo, mas ainda era incipiente sua repercussão no privado doméstico, até porque o nível escolar de muitas dessas mulheres era pouco desenvolvido e poucas tinham acesso ou mesmo buscavam o que estava acontecendo lá fora, para além do Nordeste do Brasil.

Outra referência à mãe vem de Gerson, que sempre dizia à esposa:

> - Eu sempre dizia a ela: "_Olhe, minha mãe::, MINHA MÃE É TUDO PRA MIM!" Minha mãe queria saber de tudo. "_Você:: tem que deixar::" Porque senão ( ) toda mãe tem queda pelo filho, a mãe pariu::, você sabe, né? Quando = qualquer besteira que tinha, eu dizia: "_Olhe, você num sabe que mãe::?" Pronto! Você era filha! (.2) Hoje::, a = a::, ela já sabia, o filho casou::, e ela já sabia, tá vendo?! A união de nora cum:: mãe; porque esse negócio de se = se = se alimentar ódio de nora::, entendeu? Uma nora é:: uma filha. E um genro. Num tive problema! (E09: 05).

Por ocasião da entrevista, todos os informantes já haviam perdido o pai, enquanto que apenas cinco ainda tinham a mãe viva. Essas mortes aconteceram em tempos variados de suas vidas, sendo que Josias ficou viúvo antes de ser órfão - isto é importante na vida dele, porque a morte da esposa foi a primeira grande perda que enfrentou, tendo imensos desdobramentos na dimensão do privado-pessoal, como será visto mais adiante. Um outro viúvo, Jonas, perdeu os pais na primeira infância, sendo criado por uma irmã casada e o marido, a quem considera "pai de criação". A grande maioria dos genitores morreu primeiro do que as genetrizes, e apenas dois deles passaram por viuvez, o que faz com que Anísio e Jonas sejam ambos nascidos do recasamento dos respectivos pais viúvos. Assim, todos os homens da minha pesquisa já haviam vivenciado a morte de um ente querido próximo, com diferentes repercussões em suas vidas.

A perda do pai, provedor e chefe de família, cujo modelo a ser seguido estava introjetado nos descendentes - mesmo no contexto da segunda metade do século XX -, era

assumida pelo filho homem[17] de modo a se tornar arrimo de família, e nem sempre este papel era desempenhado pelo primogênito, mas sim por aquele que estivesse mais disponível do ponto de vista espacial e temporal para tal missão - sinal dos tempos modernos. Por isso, alguns dos entrevistados tiveram que começar a trabalhar ainda na infância tardia ou adolescência "para ajudar em casa". E pelo menos dois dos informantes disseram que primeiro casaram todas as irmãs, para depois irem cuidar de sua própria vida e de casamento:

> - Na época em que Mamãe morreu, eu estava no Sul do país, eu estava me preparando, é, pra fazer:: (.hhh) seguir a carreira diplomática, num é? (.2) E eu acho que na minha vida sempre tive a intenção exatamente de fazer isso PRA PODER::, é, TRABALHAR, é, dar continuidade a aquilo que eu já tinha feito aqui muito cedo, em outros países mais:: necessitados, num é? A minha intenção era essa desde cedo. (.) Não pude por contingência, num é? Voltei:: e fiquei morando com minhas irmãs até elas casarem; depois que elas casaram, aí eu fui cuidar da minha vida, né? Aí foi quando eu fiquei noivo, aí casei, né? (Tácio, E17: 05).

> - Que eu:: (.hh) meu pai MORREU::, (.hh) e eu fiquei cum minhas irmãs, aí, eu digo: "_Não! Só me caso depois de minhas irmã casar tudinho!" Aí, casou-se tudinho, aí eu resolvi a me casar. Teve uma que casou mais velha, né? Mas foi!
> (.hhh) Ela:: casou-se, aí casou as outras tudinho, aí eu resolvi me casar porque minha mãe já idosazinha também. (Adolfo, E14: 03).

Os depoimentos acima, tanto como todos os demais coletados, poderiam ser analisados por variadas vertentes, ensejando outras tantas interpretações. Por exemplo: até que ponto o casamento de Adolfo não foi resolvido, entre outras razões, devido à mãe dele precisar de quem cuidasse dela? Afinal, como ele mesmo diz, a esposa era muito trabalhadeira, "lavava roupa NA MÃO!", não queria botar empregada e não saía "pra canto nenhum" se ele não fosse junto: quem melhor do que ela para cuidar da sua "mãe idosazinha"? Mas, essa importante discussão foge ao escopo desta tese, e faço tal referência apenas para acentuar as muitas leituras a que um material de pesquisa pode conduzir, revelando muitas outras possibilidades e desdobramentos no campo do conhecimento científico.

[17] Às vezes, pela filha mulher, se esta era mais velha e tinha irmãos ainda pequenos.

3.2.3 - SOBRE A FAMÍLIA DE ORIGEM: OS IRMÃOS E AS IRMÃS

A maioria dos grupos domésticos originais era formada por prole relativamente numerosa, considerando-se os padrões de natalidade de hoje. Das 20 famílias - como mostra o Quadro 3.2.1, acima - sete tinham de dois a quatro filhos; outras sete, de cinco a nove filhos; em quatro, havia mais de dez filhos. Não havia nenhum filho único. Do total, quatro homens tinham apenas irmãs, e um, só irmãos.

As relações entre os informantes e suas irmandades são apontadas como boas. Roberto (E01: 04) conta que tem "uma única irmã, mais velha do que eu dois anos, (.4) cum aparência de ser mais nova dez, e a pessoa que é, realmente::, é:: uma irmã com que nunca briguei na vida!". Jonas (E11: 02) foi criado por uma irmã e seu marido. Tácio fala com muito orgulho dos irmãos:

> - É, falar deles, dos meus irmãos como um todo, eu acho que eu:: a gente = nós somos uma família MUITO (.hh) é, embora tenhamos perdido nossos pais muito cedo::, num é? (...) Nossos pais não estiveram aqui pra ver a formatura de MUITOS, mas eu tenho certeza que eles estão::: bastante satisfeitos com o que deixaram, num é? Nós formamos realmente uma grande equipe, num é? (E17: 03; p. 05).

Alguns tiveram a experiência de morte de irmã e irmão, às vezes ainda na infância, e não lembram bem deles. Ivan, por exemplo, não chegou a conhecer o único irmão homem que teve e três das irmãs, pois faleceram antes dele nascer[18]. Cerca de metade dos viúvos já perdeu irmão ou irmã, alguns mais de um. Quando nos encontramos para a entrevista, havia poucos meses que um dos irmãos de Élcio havia falecido, e ele ainda estava muito mobilizado com sua perda, relatando o acontecido com voz embargada. Josué teve um dos irmãos assassinado, há cerca de um ano atrás. Rui já perdeu todo mundo: pais, irmão e irmã.

Apesar de relatarem todas as experiências de morte com parentes tão próximos, uma grande parcela dos viúvos pesquisados não hesita em dizer que a pior vivência foi a separação por morte da esposa, tenha esta ocorrido antes ou depois daquelas, o que será abordado nos capítulos seguintes. Mas, antes, quero mostrar o percurso dos matrimônios.

[18] Lembro que a Mortalidade Infantil era muito elevada, no século passado, aqui no Brasil.

3.3 – TRAJETÓRIA DOS CASAIS: COMEÇO, MEIO E FIM

A maioria dos viúvos faz parte da geração jovem da segunda metade do século XX, tendo constituído suas próprias famílias, das quais as esposas morreram, no mesmo período. A distribuição desses casamentos por década está no quadro 3.3.1, abaixo. O período em questão é marcado por amplos movimentos sociais desencadeados em todo o mundo, com mais visibilidade nos países ocidentais, e cuja ocorrência se manifestava por acontecimentos públicos que se tornaram emblemáticos, entre outros, por serem denunciadores das desigualdades existentes entre pessoas: o Movimento Feminista, em todo o mundo; o Maio de 1968, na França; o movimento hippie, nos Estados Unidos; a resistência à ditadura militar, no Brasil. Se cada um desses movimentos for enfocado, ver-se-á a presença maciça de jovens e de mulheres buscando contestar no espaço público tais desigualdades.

Quadro 3.3.1 - Distribuição dos casamentos por décadas

Década	**1950**	**1960**	**1970**		**1980**	**1990**
Informante (ano do casamento)	Jonas (1950)	Rui (1960)	Adonias (1971)	Josué (1975)	Valter (1983)	Hélio (1991)
	Gerson (1953)	Adolfo (1960)	Ivan (1971)	Anísio (1976)	Tácio (1988)	Plínio (1994)
		Élcio (1965)	Petrônio (1972)	Roberto (1978)	Renato (1989)	Éder (1995)
		Elísio (1966)	Artur (1972)	Josias (1978)		

Fonte: narrativas da pesquisa *Homem não chora...*, 2007

Segundo Garcia (2003), que estudou famílias brasileiras (herdeiras do período citado) identificadas com a ideologia igualitária de camadas médias urbanas brasileiras, e dotadas de alto nível de instrução e de acesso à informação:

> No Brasil, a ideologia igualitária foi extremamente entrelaçada com a política. A década de 60 foi um período de grande engajamento político de esquerda, intensificado na resistência contra a ditadura militar. Este engajamento se diversificou nos movimentos que lutavam por mudanças de comportamento, como o movimento feminista, cujas aspirações tinham conseqüências diretas sobre a família. Este contexto

> provoca uma maior politização do processo de mudança na família brasileira de camadas médias. Ou seja, os princípios, estratégias e instrumentos, como o diálogo, são profundamente marcados pela experiência política. A convivência com as idéias e/ou atividades políticas democráticas no interior da família evita que ela se torne um espaço fechado e provoca uma abertura para a ação dos seus membros no espaço público. Podemos dizer que, para a família igualitária ideal, entre os dois espaços se estabelece uma troca; a família se beneficia dos direitos e instrumentos da democracia política e devolve a dádiva de cidadãos solidários, éticos e participativos (p.97).

Foi, assim, nesse exato contexto, ou seja, nas últimas décadas dos anos 1900, que os meus informantes viveram e fundaram seus grupos domésticos. Eles compõem as famílias que estavam vivendo e/ou lutando, uns mais outros menos visivelmente, dentro das profundas transformações que se verificavam no mundo. Embora aqui não haja a homogeneidade em relação ao nível escolar que Garcia (2003) encontrou na sua amostra, e que ela atribui ter sido proeminente para a adoção e a prática da igualdade entre os membros das famílias investigadas, vejo muitos viúvos falando também da igualdade que permeou seus matrimônios. E este não me parece ser um discurso enviesado, pois na minha pesquisa com viúvas[19], também encontrei uma razoável simetria nas relações dos casais, em que elas declaravam que a tinham conquistado através de diálogos e argumentações de seus pontos de vista. Sinal dos tempos! É esperado também que esta simetria seja diretamente influenciada pelo grau de escolarização e idade dos cônjuges: os mais intelectualizados e mais jovens adotam com menor resistência o modelo igualitário. Vejamos, então, como as famílias nucleares dos homens entrevistados se formaram e se desenvolveram na prática.

3.3.1. SOBRE OS CASAIS E OS CASAMENTOS: COMEÇO, MEIO E FIM

Quase todos os arranjos matrimoniais foram formalmente instituídos, com exceção de Hélio e Éder que não casaram "legalmente", como se vê no depoimento de Hélio:

?- Tu casou quantas vezes?
– É, legalmente, é::: [o quê que é legal?
?- [O que é legalmente? ((risos))

[19] Estas viúvas construíram suas famílias também na segunda metade do século passado, de modo que as representações de gênero e de casamento eram, até certo ponto, comuns às dos viúvos.

> – Legalmente é:: é aquele casamento que é configurado pelas leis, né? De convívio. Só duas, a primeira e a última. As outras duas não foram:: consideradas.
> *?- Você teve quatro vivências, então:: [conjugais. A que enviuvou?*
> – [Já! É! Foi a terceira.

É interessante observar a ambigüidade dessa resposta. O informante diz que dois dos seus relacionamentos "não foram considerados" sancionados pelas leis, mas refere o terceiro como tal, visto que é dele que se assume como viúvo, que é uma categoria legal na classificação de estado civil, no Brasil. Na pesquisa com as mulheres viúvas houve uma situação semelhante, quando a informante Marúsia falou que se sentia de fato viúva de um namorado que teve e que faleceu, após a morte do marido legal. No entanto, como mostro naquele trabalho, essa viúva narrava, o tempo todo, a experiência de viuvez em relação ao marido legal (com quem não mais vivia, já há dez anos, quando ocorreu sua morte) e não aquela com o namorado de quem se sentia esposa (e com quem vivia, até o momento do óbito dele) e viúva, enquanto Hélio fala da mulher de quem se considerava viúvo, como esposa. Parece, então, que as leis constrangem mais a mulher de que o homem - tema para outra pesquisa que pode derivar desta.

Vejamos, agora, os marcos temporais do casamento do qual cada informante é viúvo, na Tabela 3.3.2, abaixo. Aí se vê que 15 homens iniciaram os namoros que levaram ao casamento em idades entre 20 e 28 anos. A idade de início de namoro mais baixa foi a de Elísio, aos 13 anos, "namoro de criança", que a mãe proibiu; ele diz que reencontrou Elisa mais de dez anos depois, quando reataram o namoro e, após um ano, casaram. A idade mais alta foi a de Hélio, aos 34 anos, mas já vindo de dois casamentos.

Os tempos de namoro/noivado ao casamento variaram, sendo tão curtos quanto um mês, de Éder, a 11 anos, de Artur; a média se situou entre dois e três anos de duração. Dos 20 entrevistados, apenas seis noivaram. Ivan, Josué, Renato e Roberto não tinham ainda se graduado quando casaram, dentre os formados no 3º Grau. O tempo de duração dos casamentos também variou, com Artur vivendo seis meses de casado, e Josué e Hélio cerca de três anos de relacionamento conjugal, mas a maioria tinha mais de 15 anos de casamento e 17 tinham mais de dez anos de convivência total com suas esposas.

Todos os informantes viviam juntos com as esposas, não havendo nenhum caso de separação de fato, nem antes nem por ocasião do óbito. Apenas Roberto ficou um mês separado, como será visto adiante, mas discutiu as condições do casamento com a esposa e voltou para casa. E Hélio contou que a relação com a companheira não ia bem e estava em

vias de propor a separação, quando aconteceu de receberem o diagnóstico de câncer grave nela; então tudo mudou e decidiu que ia ficar junto "até a hora que for necessário", isto é, até o desenlace.

Tabela 3.3.2 - Marcos temporais[1] da relação conjugal

Nº / Nome	Ano do nascimento	Idade do início do namoro	Tempo de namoro/noivado	Ano do casamento	Idade no casamento	Idade da esposa ao casar	Tempo de casamento	Tempo de Convivência total	Ano da viuvez	Idade na viuvez	Tempo de morte da esposa
01 Roberto	1954	20	04	1978	24	23	24	28	2002	48	05
02 Anísio	1948	20	08	1976	28	25	15	23	1991	43	16
03 Josué	1950	19	06	1975	25	27	03	09	1978	28	29
04 Renato	1959	26	04	1989	30	20	14	18	2003	44	04
05 Josias	1953	25	03	1978	28	21	07	10	1989	35	20
06 Elísio	1938	13 / 27	05	1966	29	30	22	27	1988	51	19
07 Rui	1932	24	04	1960	28	26	42	46	2002	70	05
08 Artur	1945	16	11	1972	27	27	0,6	11,6	1973	27	34
09 Gerson	1925	28	01	1953	29	24	44	45	1997	72	10
10 Adonias	1942	26	2,6	1971	28	36	32	34,6	2003	61	04
11 Jonas	1929	20	0,6	1950	21	22	41	41,6	1991	63	16
12 Hélio	1956	34	0,6	1991	34	32	03	3,6	1994	38	13
13 Élcio	1939	25	01	1965	26	31	26	27	1991	52	16
14 Adolfo	1938	15	07	1960	22	17	42	49	2002	64	05
15 Valter	1949	32	1,5	1983	34	34	23	24,6	2006	57	1,6
16 Ivan	1947	24	0,6	1971	24	22	21	21,6	1992	45	15
17 Tácio	1960	25	03	1988	28	21	07	10	1995	35	12
18 Petrônio	1945	24	03	1972	27	19	35	38	2007	62	0,6
19 Éder	1971	24	0,1	1995	24	29	06	06	2001	30	0,6
20 Plínio	1966	25	03	1994	28	29	13	16	2007	41	0,6

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*
Legenda: 1. Todos os marcos temporais estão referidos em anos.

O fato de não haver casos de separação no grupo total não significa que as uniões eram perfeitas. Pelo contrário, havia altos e baixos em muitas delas, mesmo infidelidades, como mostro adiante. Entretanto, nunca houve separação de fato em todos esses relacionamentos, alguns bastante longos. Isso também encontrei nas viúvas da pesquisa anterior, com exceção de Marúsia, já mencionada (Lago-Falcão, 2003: 120; p. 138).

A permanência em um casamento que não seja satisfatório, hoje em dia, não se justificaria mais, para muitas mulheres das camadas médias, que se sustentam e dão conta de sua própria vida; e isto foi visto nos depoimentos das viúvas. Estas falavam do casamento como de algo bem vivido e de que sentiam falta, e, por isso, vinculavam a sua viuvez a algo doloroso. Segundo Helena Lopata (1996: 73), o modelo diádico de casal e casamento na América urbanizada e moderna, com a sua ideologia do amor e da satisfação sexual, companheirismo e camaradagem, compartilhamento de tarefas, interdependência de suportes, e possibilidade de divórcio faz da instituição matrimonial algo impregnado de valor, resultando em situação altamente traumática a ocorrência de viuvez. A autora pesquisa primordialmente viúvas estadunidenses desde os anos 1970.

Esta minha pesquisa com homens viúvos mostra que a vivência masculina da viuvez tem especificidades de gênero, mas também muitas semelhanças com os relatos das viúvas. O perfil de relacionamento com as esposas, descrito por alguns dos homens, aponta para a divisão sexual do trabalho e os suportes que davam uns às outras, e vice-versa, no cotidiano de suas vidas compartilhadas. Para a maioria deles, a viuvez foi tão traumática do ponto de vista pessoal quanto a vivida pelas viúvas. Cito o exemplo de Renato:

> - (...) você estava DESPREPARADO pra re-enfrentar o mundo. Porque eu tinha uma relação de confiança que::: - eu tinha certeza que minha mulher, nunca na vida, ia botar o pé, na próxima esquina, pra mim tropeçar! (.2)
> *?- É, né?*
> - Eu acreditava::: cegamente nela! (.) Num é? E::: eu acreditei, depois, noutras pessoas que REALMENTE (.) eu fui infantil de acreditar, sabe? Então, você começa a COMPARAR as coisas, e a ver o quanto você estava DESPREPARADO PRA::: (.3) RE-ENFRENTAR o mundo. (E04: 16).

Este tipo de confiança na relação de casal foi pontuado por outros viúvos, como é visto a seguir. Em nenhum momento estou sugerindo que as adaptações sociais à viuvez têm a

mesma conotação ou a mesma exigência para homens e mulheres, visto que ainda há muita desigualdade de gênero na nossa sociedade: não vejo, por exemplo, liminaridade e estigma na viuvez masculina como comprovei na feminina. O que estou afirmando antecipadamente - pois mais detalhes estão colocados adiante -, é que a desolação pessoal pode ser da mesma intensidade para homens que enfrentam a viuvez quanto o foram para as viúvas que pesquisei. Com o fim de tornar mais claras essas assertivas, destaco alguns pontos-chave nos arranjos matrimoniais dos viúvos.

1- Roberto e Roberta:

Os dois se conheceram na faculdade e começaram a namorar desde o início do curso. Roberta foi sua primeira namorada:

> - (...) namoro meu, foi o primeiro. Porque o que tinha tido era daqueles namorico DAQUELA época, que::: você = 2006 pra 73, o estilo de namorar era diferente ((risos)). Então, quando se namorava de maneira séria, se freqüentava a casa, (.) e que eram uma coisa que as famílias:: que era coisa, = e que num tinha tido nenhuma. Tinha tido namoros que = de festa, de::: de longe da casa da pessoa. Quer dizer, namoro, namoro mesmo, foi minha primeira, eu acho. (.2) Acho não, tenho certeza! (E01: 05).

"Como todo casamento", este tinha períodos de altos e baixos, com alguns pontos de conflito, principalmente na educação dos filhos, onde havia maior permissividade dele e severidade dela, "no afã de formar". Eles tinham um pacto de fidelidade recíproca que nunca foi quebrado por nenhum dos dois, durante os 28 anos que conviveram: "_Tenho CERTEZA!" Estes dois pontos eram, ao mesmo tempo, a grande aliança do casal. Tiveram dois filhos. Cada cônjuge conseguia ter sua individualidade no matrimônio, em relação à profissão, aos amigos, etc. Roberta era portadora de cardiopatia, diagnosticada durante o curso de graduação, mas ia evoluindo relativamente bem, até que teve uma complicação, vindo a falecer, repentinamente. A doença foi motivo de muitas desavenças, pois Roberta não participava a Roberto sobre alguns procedimentos médicos que tinha que fazer e ele se sentia excluído da relação de parceria que ambos cultivavam no planejamento da vida a dois; isso levou a uma separação por um mês e meio; então, tiveram várias conversas visando "repactuar TUDO!" na relação e ele voltou. O casal sempre cultivou boas relações com suas famílias de origem, bem como sempre trabalhou em sua área profissional,

resultando num grande círculo de amigos, que foram, - ambas as instâncias de família extensa e amizades -, importantes apoios nas circunstâncias da vida deles juntos e depois que ela se foi.

2. Anísio e Anísia

O primeiro encontro se deu na fase de adolescência dos dois, quando ela, que era carioca, veio passar um verão com parentes pernambucanos, vizinhos de Anísio. Depois, de alguns anos, ele foi ao Rio de Janeiro, encontraram-se e começaram um namoro. Durante cinco anos, ficaram com esse namoro à distância, que foi extremamente tumultuado, acabando e renovando diversas vezes. Quando Anísio foi fazer pós-graduação no Rio, em 1974, reataram; nos três anos seguintes, noivaram e casaram, vindo morar definitivamente em Recife - aqui, a migração foi dela. Anísia formou-se e trabalhava antes de casar. Tiveram dois filhos. O relacionamento marido - mulher teve "muitos altos e baixos", em grande parte devido a um problema na família de origem dela, que terminava repercutindo na vida privada dos dois. Passaram uma fase particularmente ruim, e, nesse período, Anísio teve um relacionamento amoroso fora do casamento, tendo resultado num filho, seu terceiro. A relação ficou mais complicada ainda. Entretanto, o casal conversou muito e resolveu não optar pela separação:

> *?- Isso complicou a relação de vocês?*
> - COMPLICOU:::, mas resolvemos não nos separar. (.) Num é? Chegamos até a::: conversamos várias vezes sobre isso. Num é? (.2) Na verdade, ela foi:::, assim, MUITO SUPERIOR a mim, se você fizer uma comparação (.) de = de::: (.3) de analisar o que o outro fez, e tomar uma decisão:: (.2) Entendeu? É:::, (.3) eu acho se fosse o inverso, (.) eu não teria tomado a mesma atitude, isso eu reconheço, num é? Então, havia um sentimento MUITO FORTE, e o sentido também de família, (.) num é?
> *?-Você acha que era por afeto a você, [que ela::*
> - [Acho que isso:: pesou = pesou muito, sabe? Pesou bastante! (.) Entendeu? E aí, a gente::, finalmente, tinha feito um acordo de::: (.5) tínhamos conversado, reconsiderado tudo, e:: e = e REAVALIADO (.) a = a:: nossa::: relação. Tínhamos programado, inclusive, (.2) VOLTAR (.) a = a::: onde a gente passou a lua-de-mel, JÁ COM OS MENINOS, né?, eles iam com a gente; então, a gente tinha, tínhamos chegado o momento (.2) que a gente::: ACALMOU. (.) Né? A gente achou que valeria a pena:: ESTAR JUNTO. (.) Né? E foi, EXATAMENTE APÓS ISSO, que ela morreu. (.2) (E02: 09).

3. Josué e Josiane

O namoro começou quando Josué tinha 19 anos e Josiane, 21 - ela era dois anos mais velha. Ele estava iniciando a graduação e ela trabalhava em uma instituição governamental. Daí, combinaram que quando ela estivesse ganhando um valor *x*, eles se casariam. E foi o que aconteceu. A relação era boa, não tinha altos e baixos:

> *?- Como é que era a ligação de vocês?*
> - (.10) OLHA! Eu acho que ERA BOA, assim, sabe? Porque:: (.hh) Eu = É difícil a gente fazer uma = uma = uma análise, assim. (.3) EU ACHO QUE ERA BOA! (.2) Num é? Era muito (2) PACÍFICA! Muito::: A gente teve um filho, num é? Então, É::: Ela TRABALHAVA::: Entende? Então, é::: A gente namorava há cinco anos. (.2) E quando ela foi aumentada, a gente casou ((risos)).
> *?- O dote.*
> - E, aí, foi o = o filho nasceu, foi tudo direitinho:: (.hh) Nós tínhamos uma vida, assim, bem::: Eu dava plantão, era estudante e dava plantão, ganhava = naquele tempo, estudante era pago, né? Aí, eu dava plantão aqui, dava plantão ali; pegava dinheiro; tá-rá-rá, tá-rá-rá. (.2) E::: ela trabalhava, ela ganhava mais, (.2) e:: e:: (.hh) Aí, eu me formei. (.2) ERA UMA VIDA REGULAR! Num tinha altos e baixos. (.hhh) Até o primeiro filho, né? Na SEGUNDA GRAVIDEZ, as coisas começaram a complicar! (E03: 04).

Josué conta que a partir de uma gravidez ectópica (abdominal) não diagnosticada e que foi a termo, a esposa fez um quadro infeccioso generalizado, indo a óbito após 45 dias de UTI. O bebê também morreu. Assim ele ficou viúvo e com um filho de dois anos para criar.

4. Renato e Renata

Ele trabalhava na mesma instituição que o pai dela, quando a conheceu e começaram a namorar. Após quatro anos, casaram. Nessa época, tinha comprado um apartamento, mas não ficou pronto a tempo e tiveram que morar com uma irmã. Renato era dez anos mais velho que a esposa. Diz que a relação do casal era muito intempestiva, no começo; ele ainda estava estudando e tinha "algumas paqueras, coisas de faculdade", o que provocou "muita insegurança nela". A esposa trabalhava como professora. Renato teve também problemas de relacionamento com o sogro, deixando de falar com ele, e só fizeram as pazes quando o primeiro filho nasceu. Tiveram uma menina e um menino e ambos

moram com o pai. Renato refere também que havia dificuldade financeira nos primeiros tempos do casamento. Depois, as coisas foram melhorando. Mas, aí:

> *?- E, aí, ela adoeceu, Renata adoeceu?*
> - ELA ADOECEU. Ela = ela adoeceu no::: melhor momento da nossa vida! Foi. Depois de todas as BRIGAS, depois de todas as confusões que um casal possa vir a ter, (.hh) num é? De vou me SEPARAR, NUM DÁ MAIS!, (.) depois dessa fase INTEIRA, quando a gente tava vivendo (.) o melhor momento da vida da gente, (.) foi quando ela:: apresentou o problema:: (E04: 05).

5- Josias e Josefa

Ele foi professor dela, mas só começaram a namorar quando Josefa mudou de colégio. Após cerca de dois anos de namoro, casaram. Tiveram três filhos. Ela terminou seu curso superior e trabalhava como professora. Ele refere que tiveram um bom casamento:

> - Era uma relação MUITO BOA! É! E é uma relação assim, (.2) apesar dela ser uma pessoa MUITO JOVEM, num é?, mas era uma relação muito boa! É:::, era uma relação assim, TRANQÜILA; existia uma diferença::: sócio-econômica, num é? A família dela é uma família (.hh) que tinha uma boa condição. E eu, professor! Lutando ainda, começando::, mas isso não foi assim, nenhum motivo de:: A gente = é:::, e eu procurei TRAZÊ-LA pra um rumo mais próximo do meu, num é? E (.hh) CONFLITOS, uma vez ou outra, existia, até porque a família, às vezes, queria protegê-la, num é? QUE era extremamente administrável! Porque eu também compreendia que a família num queria (.hh) se a família puder dar alguma coisa mais a ela, entendeu? (.hh) Apesar de, às vezes, isso me incomodar um pouco, mas (.2) ERAM COISAS QUE:: a gente ia, é::, digerindo sem nenhum problema. Não tinha não, nenhum problema. (E05: 04).

Josias conta que a esposa adoeceu de repente, numa semana em que ele estava viajando. Quando voltou, percebeu que Josefa tinha perdido muito peso. Da ida ao médico, exames, diagnóstico de câncer e óbito passaram-se 39 dias. E ele completa: "_ E, aí, eu fiquei com (.hh) o mais velho com três anos e alguma coisa, e os gêmeos, cum um ano e nove meses, num é? (.3) Aí::: aí, eu olhei pa = pa = OLHEI PRA TRÁS, vi que num resolvia nada eu olhar pra trás, num é?!" (E05: 04).

6. Elísio e Elisa

Uma parte desta história já foi antecipada, páginas atrás. Elísio e Elisa se conheciam desde a adolescência, eram vizinhos e iniciaram "aquele namorozinho de criança". Mas a mãe dele começou a fazer grande pressão, preocupada com o futuro, e então se afastaram. Ambos foram para a capital do Estado, ele em busca de serviço militar e ela para fazer curso superior na área de Saúde. "_Mas lá, nós não = não tínhamos nenhuma relação, não nos encontrávamos, mantivemos o:: o:: o PACTO que eu havia assumido com a minha mãe, né?, pra gente não = não prosseguir o namoro". Cerca de dez anos depois, quando ambos já estavam trabalhando em Recife, reataram, casaram e tiveram dois filhos. Sobre o convívio como casal, ele conta:

> *?- E aí, como é que era a sua vida, de vocês dois, a relação do casal?*
> – AH, ERA MUITO BOA, né?! Era muito boa, né? Porque:: ela teve essa base assim, bem sólida, né? As famílias se conheciam, num é? É:::, a gente tinha também o mesmo nível SOCIAL, né? Nós éramos, todos dois éramos de famílias, assim, BEM POBRES, né?, mas muito::: SONHADORA, né? A minha mãe mesmo era muito:: era muito ESTIMULADORA DESSE SONHO e tal, principalmente a minha mãe; então, a gente sempre perseguia esse:: objetivo de estudar pra crescer, né? E a gente, de certa forma, conseguiu o objetivo, né? Aí, a gente já se conhecia, então, quando a gente se reencontrou aqui no Recife, não teve mais muito lero-lero, né? (.hhh) Então, a gente foi ver os aspectos mais pragmáticos da vida, né? E começou a se organizar pra casar porque:: um pressuposto de que isso não tivesse sido feito antes, era exatamente porque não havia:: havido a = a base econômica para suportar a família, e tal. Já não era mais o caso, nessa época que nós nos reencontramos, porque ela já era funcionária pública FEDERAL, há bastante tempo, já tinha uma certa:: estabilidade, né? Eu também, aí nós não tínhamos mais esse problema. Não dependíamos também mais da autorização da minha mãe, né? E aí nós decidimos nos CASAR e::: durante um ano nós nos preparamos e:: nos casamos. (E06: 05).

Sobre a doença que matou Elisa, diz o informante, que, num exame de rotina, foi constatado câncer; ela fez um tratamento extremamente doloroso, mas conseguiu se recuperar; um ano e meio depois, teve uma recidiva de evolução rápida, levando ao óbito em três meses. Os filhos estavam no meio da adolescência: "_E aí:: eu fiquei com minhas filhas, né? A intenção (.) inicial, fiquei meio assim:: ATORDOADO, o quê que eu ia fazer? E tudo!" (E06: 11).

7. Rui e Riane

Conheceram-se em 1956:

> – Foi 45 anos de convivência. (.hh) Eu conheci ela em = em Janeiro de 1956.
> *?- Eita! Se lembra direitinho! Como é que foi isso?*
> – Foi amor à primeira vista! ((risos)) Eu = eu:: morava no Rio, em Copacabana. Eu estava com uns amigos fazendo::, naquele tempo era muito comum fazer uma pirâmide, (.hh) o::: o colega vinha em cima do outro, e em cima do outro, e eu estava no segundo andar da = da pirâmide, em cima de um colega, (.hh) aí, quando eu a vi, é::, ela estava procurando um = um outro colega meu, quando eu a vi, a pirâmide veio abaixo ((risadas)). (E07: 05).

Começaram a namorar seis meses depois desse encontro e o casamento foi em 1960. Rui conta que a vida de casado era "_MUITO BOA! MELHOR COISA DO MUNDO! Eu:: adorava minha esposa! É:::, nos demos MUITO BEM, nos demos, num é? (.hh) Hoje em dia:: eu tenho ela na = na lembrança. Num quis casar mais!" (p. 04) O casal teve um filho, que hoje é casado, tem dois filhos e mora perto do pai. A morte da esposa ocorreu por erro médico, pegando Rui de surpresa. Fala ainda na beleza da esposa, reafirma o amor desde que a viu pela primeira vez, diz que não encontra outra igual e que não quer se desfazer da lembrança, mas também não gosta de falar sobre a morte dela.

8. Artur e Ártemis

Conheceram-se na adolescência, ambos com 16 anos quando começaram a namorar, em 1961. Fizeram curso superior juntos, em Direito. Casaram em 29/12/1972, após 11 anos de namoro. Haviam se organizado para fazer pós-graduação no Exterior e só poderiam ir casados. De qualquer forma, as famílias já começavam a fazer uma discreta pressão pelo casamento, num namoro considerado tão longo. Como iam para fora do Brasil, não montaram casa, e ficaram morando com os pais de Ártemis, enquanto agilizavam a viagem. Artur fala assim:

> - (...) com Ártemis, o meu diálogo era um diálogo mais nivelado! Tá? Primeiro, porque éramos profissionais da mesma área; depois por conta de uma convivência grande e depois porque tínhamos A MESMA IDADE. (...) ela era mais madura, mais ajuizada, né? Tinha tido uma vida

> mais sofrida, mais difícil, né? PENOSA, até! Irmã mais velha de = de oito irmãos, arrimo de família, TINHA UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA MAIS RICA, mais:: que a = a = a amadureceu mais, a tornou uma pessoa mais experiente. (...) Ártemis foi a mulher da minha vida! (E08: 07; p. 08; p. 15).

A relação do casal foi afirmada como muito boa. Ambos tinham os mesmos interesses, eram da mesma área de trabalho, tinham muitos planos para o futuro. Compartilhavam o mesmo círculo de amigos, na maioria colegas desde a faculdade. Ambos trabalhavam. Não tiveram filhos: "_Não houve tempo".

9. Gerson e Gersina

Gerson vem de um casamento anterior de curta duração: a primeira esposa morreu após quatro meses de casamento. Depois de três anos de viuvez, casou com Gersina, vivendo 44 anos nesta união que lhe deu três filhos, com os quais vive hoje. Gerson noivou, "_Porque, primeiramente, no tempo:: hoje = hoje, num se noiva mais, antigamente noivava". Eles se entendiam "bem direitinho" e "era tudo combinado"; "nunca brigou com ela" e "nunca dormiu fora"; mas não nega infidelidades, pois "_Um homem sempre, eu vou confessar à senhora, um homem sempre é:: é um homem, né?, às vezes::: depois, SE ARREPENDE, né? Muitas vezes eu a traí, e = e me arrependi, né? Porque ela não me cobrava nada; eu chegava e::, sabe? (.5) Mas é a vida, né?" (p.13) Gersina tinha uma Diabete grave, mas morreu de Infarte fulminante, em casa. Como adepto do Espiritismo Kardecista, o viúvo diz que já se comunicou com a falecida, e tem certeza que vai encontrar com ela no outro mundo - aliás, com as duas, e sabe que elas não vão brigar lá em cima por ele, porque "quando a pessoa atinge aquele grau::" não se liga nos pequenos egoísmos da vida terrena.

10. Adonias e Antônia

O encontro de Adonias e Antônia "foi uma coisa bonita!" Aconteceu em Paris nos últimos anos da década 1960. Ambos faziam pós-graduação na Europa: ele para fazer Teologia e ser padre; ela para aperfeiçoamento profissional. "_Época muito romântica, da liberação sexual, dos festivais, do haxixe, das práticas libertárias, dos ideais", que alicerçou um projeto mais duradouro, pois haviam decidido casar na volta ao Brasil. Ela era sete anos mais velha que ele; já trabalhava em Recife, e estabeleceu os primeiros contatos para

ele começar a vida aqui. Noivaram oficialmente em 1970 e casaram em dezembro de 1971, tendo um filho desta união. É assim que ele descreve o relacionamento do casal:

> *?- Como é que era essa relação do casamento?*
> - ERA UMA RELAÇÃO:: ADULTA, eu diria; uma relação (.) SAUDÁVEL (.) e adulta. Por exemplo, é:::, nós = nós já havíamos vivido um período:: fora do país, onde nós tínhamos a::: uma liberdade de = de convivência a dois muito maior do que com as limitações culturais (.) que existiam aqui, no Brasil; (.hh) isso permitiu que a gente:: CASASSE com uma certa segurança de conhecer já um ao outro, num é? (.) Nós nos conhecíamos e::: E ERA UM::: RELACIONAMENTO DE MUITA::: era um relacionamento de muita complementaridade, né? Então, ela tinha um temperamento muito diferente do meu:::, e eu (.) sou muito mais:::, é::, DEVAGAR, entende?, eu sou muito mais (.) CALMO; ela era mais (.) PREOCUPADA, MAIS OBSESSIVA, (.) uma certa preocupação obsessiva cum = das coisas::: DAREM CERTAS, EXATAS; e eu sou um pouco mais:: mais desleixado nesse aspecto, entende? Ela era mais ARRUMADA, eu menos ARRUMADO, né? (.hh) Então, era assim::, e, SOBRETUDO, DE = DE MÚTUA CONFIANÇA. Né? De mútua confiança, porque, desde logo, (.hh) ela passou a me conhecer, como eu passei a conhecer ela, e que nós CONFIÁVAMOS, é:::, na = na sinceridade um do outro; não havia absolutamente ciúmes ou::: essas coisas, e (.hh) NÓS PASSAMOS A REPARTIR, na vida a dois, tudo! As nossas finanças nós juntamos, meu salário era uma conta única, abrimos conta única, e:: (.hh) = enfim, e a gente = TUDO QUE FAZÍAMOS, todas as decisões que tomávamos eram (.) CONSULTADAS, procurávamos conversar sobre decisões; isso com relação a:: a:: TUDO! (.) Na vida, era compartilhado, e EU PROCURAVA AJUDÁ-LA, né?::, se tivesse em casa. Num era daquele (.2) – apesar de nós = da gente ser:: = ter nascido no Nordeste, e ter:: um paraibano, como eu sou, SERTANEJO, né?, mas na = num = num sou daqueles machões empedernidos, entende?, (.hh) que:: num ajuda EM CASA, que num:::
> *?- Colaboravam um com o outro, né?*
> - Eu era um sertanejo ESCLARECIDO, né? Finalmente - é preciso que se diga isso, né? – é:::, finalmente andei pelas "Oropa, França e Bahia", né? Eu tinha que::: Não podia ser tão = tão = tão = tão:::, né? (.hh) MAS FOI um relacio = era um relacionamento SAUDÁVEL, né?, saudável de casal; e FOI ASSIM, durante 32 anos, que nós = nós vivemos, né? (.hh) Foi assim de muito, muito respeito, então é um relacionamento adulto, é um relacionamento de complementaridade, um relacionamento saudável, portanto, um relacionamento de mútuo respeito! Que eu acho que é fundamental no casal; que é o essencial; quando esse respeito não existe mais, eu acho que::: a relação fica comprometida, né? (E10: 09-10).

Antônia teve diagnóstico de câncer no começo dos anos 1980, doença "estigmatizante e mutiladora", ontem como hoje. E foi "um choque muito grande, uma coisa muito séria" que abalou a relação afetivo-sexual do casal. Adonias está convencido de que foi uma pessoa muito presente, no sentido do estar junto em todos os momentos, principalmente quando foi realizada a mastectomia, e isso foi um choque muito grande, "_ Porque isso MUTILA a mulher; e ela era uma mulher bonita::, uma mulher que = que, é::, tinha muita::: muito PRAZER da:: do seu corpo, né?, e foi um = uma coisa assim MUITO DIFÍCIL, MUITO DIFÍCIL!" Após cirurgia restauradora da mama, Antônia evoluiu bem por 17 anos, sendo considerada curada. Mas "o câncer é uma doença insidiosa e silenciosa": ela teve uma metástase. Para o casal foi um choque brutal, e que levou a uma luta de mais seis anos, quando então ela foi a óbito.

11. Jonas e Joneide

Eram vizinhos e tinham a mesma idade, 22 anos, quando começaram a namorar. Após seis meses, casaram. Como Jonas, ela também morava com uma irmã, único parente da esposa que ele conheceu. Como militar, viajaram muito, e a todo lugar que ele ia, ela e os seis filhos acompanhavam. Sobre a relação do casal, ele diz:

> *?- E como é que era o casamento?*
> - Era cum comunhão de bens.
> *?- Era? E = e se davam bem?*
> - EU MESMO:: VIVIA TRABALHANDO, né? Chegava em casa, se precisava de alguma coisa, tava faltando, é isso aí; às vezes, viajava; quando via, tocando:: (.hh) E quase = tudo quem resolvia era ela, né? Ela, e uma irmã solteirona que vivia comigo. (E11: 04-05).

Viveram juntos por 41 anos, quando Joneide, então, faleceu em conseqüência de câncer, após três anos de tratamento, sem resultado. Depois da morte dela, Jonas ficou morando com os filhos solteiros, até que deixou a casa na Várzea e foi morar em outro lugar, com uma nova esposa. Os filhos se afastaram dele, depois da morte da mãe - não sabe o motivo.

12. Hélio e Hélia

O casal se conheceu quando Hélio fazia um trabalho de orientação com uma prima dela que estava com câncer, a respeito dessa doença e dos caminhos que se toma na vida, em busca da espiritualidade. Reencontraram-se um ano após a morte dessa prima, e voltaram a conversar sobre estes assuntos, pois Hélia se interessava muito. Alguns meses depois, passaram a morar juntos, assumindo a convivência a dois - no caso, a três, porque Hélia tinha um filho pequeno, de um casamento desfeito há pouco tempo. A afinidade que sentiram e que os uniu foi o que Hélio chama de "encontro das almas". Após dois anos, a relação começou a ficar difícil: o pai da criança tinha procedimento invasivo na casa, o que desagradava Hélio profundamente. Então, decidiu se separar, dizendo que "enquanto você não definir sua relação com seu ex-marido, separar o que é e o que era, eu vou me embora". Já tinha marcado passagem para viajar, quando ela falou da suspeita da doença e dos exames que estava fazendo, pedindo-lhe que aguardasse os resultados. Foi, então, constatado câncer e ele resolveu ficar com Hélia, até porque ela não tinha convivência com a família dela. Ela fez cirurgia e radioterapia, mas já tinha metástases e o quadro foi evoluindo rápido: faleceu após oito meses de doença.

13. Élcio e Élcia

Casaram-se em 1965, após um ano de namoro, e tiveram três filhos. Antes disso, ambos trabalhavam, ele como jornalista e ela em famosa loja de decoração, em São Paulo. Em 1976, Élcio veio com a família para Recife, como gerente de uma importante revista nacional. Élcia fez concurso público para a área de Saúde, assumindo o emprego logo depois em hospital perto de sua casa. E tocaram a vida. Alguns anos depois, ela apareceu com câncer, mas não aceitava a doença e não queria tratar. Após sete meses é que se submeteu à cirurgia. Élcio diz que foi uma violência, pois ela era uma mulher muito bonita, vaidosa e elegante. Dois anos depois, foi comprovada metástase, com disseminação da doença. Procuraram outros sistemas de cura, pois "ela usava o misticismo, indo para espíritas, pai-de-santo, cartomante", e ele acompanhava sempre, embora fosse agnóstico. Em 1991, após 28 anos de convivência e cerca de sete anos de doença, Élcia faleceu. Nesse entremeio, veio a infidelidade. O viúvo fala da relação do casal:

> *?- Pelo que você tava contando, parece que vocês eram bem casados?*
> – (.hh) ÉRAMOS! Porque ela = ela era muito mais de bem cum a vida do que eu. (.2) Eu acho que o mérito é todo dela. Tanto que eu tive dois

> filhos fora do casamento. NESSA FASE da doença, essa coisa toda, eu acabei me envolvendo com uma pessoa (.hh) mas nunca dormi também fora de casa. (E13: 11).

Élcio conta ainda que havia alguns problemas "_ (...) de ordem íntima, porque ela foi criada em colégio de freira::, tinha umas coisinhas assim, MAS ISSO:: (.hhh) de certa forma, a gente superou, né?".

14. Adolfo e Adélia

Já referi esta história antes. Adolfo "arranjou essa noiva", com quem casou depois de um noivado de sete anos: ela era "uma morena bonita lá do interior." Tiveram três filhos e viveram juntos 42 anos. O casamento era bom:

> *?- E como é que foi o casamento, foi bom, foi difícil, foi como?*
> A – NÃO, FOI BOM!:: A família tudo gostava dela, é::, minha família gostava dela também. E a família dela gostava de mim. Oí! Ela num queria nem que eu PINTASSE nada! Quem fazia isso tudinho era ela, Vige Maria! (.hhh) Agora::, é a pessoa! Num saía pa canto nenhum, só ia pa festa se eu fosse, era assim::, desse jeito. Caseira, é. TRABALHADEIRA! Num::, (.hh) Oh! Tem uma máquina de lavar, nunca ligou a máquina de lavar! Tá ligando agora, porque tem empregada em casa. NA MÃO! ((risada baixa)) Lavava NA MÃO, a roupa! Não, num queria empregada. (E14: 05).

Enquanto imbuído do seu papel de provedor, Adolfo diz que continuou a trabalhar por muito tempo, embora já estivesse aposentado. Ele conta assim: "_Mas eu parar de trabalhar agora, quem vai dá de comer, (.hh) quem vai pagar o colégio do menino?", que a aposentadoria num dá, né? (.hh) Aí trabalhei mais 14 ANOS e 01 mês, depois de aposentado. Aí, formou-se tudinho, graças a Deus!" Diz que a esposa morreu devido a câncer, após três anos de tratamento, com sofrimento muito grande. Hoje, Adolfo vive com as filhas e um neto, numa vida "só dentro de casa". Não sai, porque é perigoso; segundo, não bebe, só fuma; terceiro, "_Dançar, ninguém quer dançar cum veio!" Por isso, fica sempre em casa, na companhia do neto pequeno.

15. Valter e Vanusa

Casaram-se em 1983, após um ano e meio de namoro, convivendo por um tempo total de 25 anos. Os dois trabalhavam na mesma empresa. Valter conta assim:

> *?- Você conheceu aqui ela, então!?*
> – É, eu conheci, quando eu trabalhava em outro Estado. Aí, vim passar um:: vim fazer um trabalho aqui, uma reunião aqui, aí fui a um jogo::, (.hh) que ela participava de um jogo, mas fui com um amigo meu que a namorada dele também era atleta dessa:: empresa, nessa competição. (.2) Aí pronto! Lá::, EU CONHECI! Aí pronto! CONHECI! Eu já tava::: tinha uma namorada aqui, mas já tava (.2) rompido cum ela. Aí pronto, aí começou o namoro, começou o romance.
> *?- E a vida de casado?*
> P – AH, FOI BOA! CERTAMENTE, FOI! (.hh) FOI UM CASAMENTO QUE DEU CERTO! Foi um casamento que deu certo! (.) Entendeu? Aí pronto, aí, passamos:: tanto que passamos quase 25 anos convivendo, num é?::

Vanusa teve câncer, morrendo depois de quatro anos do diagnóstico e de um tratamento muito sofrido. A prática muito consistente da fé católica ajudou-a bastante, segundo Valter, dando-lhe a resignação para enfrentar a doença. Ela era muito auto-suficiente, "fazia tudo só", mesmo doente.

16. Ivan e Ivana

Ela era aluna dele, ao se conheceram. Tiveram um período curto de namoro, de apenas seis meses. Ele estava no início da graduação, quando se casaram. Ivana trabalhava, na época, mas deixou o emprego para casar e se preparar para o vestibular, sendo aprovada no ano seguinte; antes de terminar o curso já começou a ensinar. Viveram 21 anos juntos e tiveram três filhos. Ivan fala do passado, até com uma ponta de nostalgia; sobre a relação, diz:

> - Naquelas = NAQUELA ÉPOCA, as coisas eram bem diferentes - que até eu tava conversando, os meninos ainda às vezes = às vezes, lembram. (.hhh) A televisão num estava ainda, num tinha aquele:: penetrado, né? Telefone num existia, né? O celular muito menos. Celular muito menos, né? A Internet, nada disso existia. (.hh) Então, aos sábados, TODA CASA FAZIA UM BOLO, né? - não sei se você tá lembrada disso -, se fazia um bolo pra receber as visitas e::: se fazia visitas:: - geralmente se escolhia o sábado porque:: a pessoa tava à vontade; e nunca ia de manhã nem de tarde, sempre no final da tarde, início da noite, num é?

> Então se visitava os amigos, né? As crianças brincavam, ficavam brincando entre elas ali (.hhh) e a gente, a conversar. E::, sempre tinha um aniversário no sábado, na casa de A, de B, de C, era esse o nosso:: nosso convívio social. Quando não tínhamos filhos, - era uma coisa muito:: BONITA! – que:: a gente sempre morou aqui, nessa área aqui próxima, né? E::, eu me lembro que a gente saía por aqui a pé, (.2) a gente fazia a Manoel Borba, com suas vitrines, rua da Imperatriz, com suas vitrines, era o SHOPPING da gente na época, né? Num tinha shopping cen = né? Aí se ia até a Rua Nova::
> *?- Caminhando, né?*
> – Aquelas coisas todinhas, olhando as vitrines, as novidades, (.hh) voltava pela Conde da Boa Vista que também tinha as vitrines, num é? Quer dizer, era um PERCURSO IMENSO! Num é? E que depois ia SE LANCHAR:: tal::, vinha pra casa. (.) Ou, às vezes, ia a um cinema; (.) sempre se comprava um livro, né?, no final de semana. Tomar sorvete em Olinda:: (E16: 10-11).

A doença de Ivana foi câncer, para o qual vinha fazendo tratamento específico. Já estava com uma evolução de cinco anos e três meses, quando, um certo dia, ela teve o Infarte e foi a óbito. A relação do casal se modificou muito, após a instalação da doença, pois ela o acusava de ter sido contaminada por ele, transformando o relacionamento num verdadeiro campo de contendas. Por tudo o que aconteceu, Ivan acha, com a visão de hoje, que estava tudo pré-determinado: "_Olha, nosso na = entre namoro e noivado, foi um período muito curto, foi de apenas seis meses. (.2) Hoje eu entendo, né?, que as ligações espirituais, as = as (.) as TAREFAS que ela tinha que cumprir, digamos assim, tinha que acontecer!" (p. 07).

17. Tácio e Taciana

Este viúvo tem experiência de muitas perdas, na família biológica: pai, mãe, sobrinha, cunhado; quase todas as mortes foram de caráter violento e inesperado. Por isso, considera que o período que conviveu com Taciana foi um oásis na sua vida. Conheceram-se numa academia de ginástica e começaram a namorar uma semana depois, casando-se após três anos. É assim que Tácio descreve o casamento:

> - GRAÇAS A DEUS, nós tivemos uma relação muito boa ((fungado)). A MINHA RELAÇÃO CUM TACIANA foi uma relação extremamente saudável! Tanto é que, o que eu não tive, é:::, da minha adolescência até eu me formar, (.2) assim em termos de = de = de ME SENTIR SEGURO, DE ME SENTIR AMADO:: (...) esses 10 anos foram::: ((*um oásis*)) Exatamente! Um oásis, aonde eu consegui, com a ajuda dela,

desenvolver:: muita coisa, minha casa, meus projetos de vida, OS NOSSOS PROJETOS, num é? Eu::: eu considero esse mesmo período, um período onde eu dei, assim, um BUM, sabe?, me REALIZEI PROFISSIONALMENTE, onde tive OS MELHORES momentos profissionais da minha vida, (.) onde eu tive os melhores momentos de PRAZER da minha vida, de relação com a família, tá entendendo? Em todos os sentidos! Acho que isso (.) NÃO = NÃO É SAUDOSISMO, DE JEITO NENHUM! É a realidade do que aconteceu, Num é? Desses fatos, porque EU ME SENTIA:: COMPLETO! A palavra certa era essa. E aí eu tinha liberdade de poder fazer as coisas, ela trabalhava, eu trabalhava, nós NOS AJUDÁVAMOS MUTUAMENTE, EM TODOS OS SENTIDOS. Compartilhamos em tudo, compartilhamos também, (.2) é, as nossas diferenças, que eram mais geradas em virtude de:: TERCEIROS, familiares, do que propriamente de nós, num é? E lá::, é::, e eu me sentia assim, um pouco, é, INTRUSO DENTRO DA MINHA PRÓPRIA CASA, CUM A PRESENÇA (.) de parentes, (.) QUE HOJE eu entendo, num é?, mas na época eu dividia mais ou menos essa = LUTAVA CONTRA ISSO, (.) num é? Talvez por ter também::: perdido tanta coisa e achar que aquilo ali era meu momento, e que eu deveria viver aquilo, SOZINHO, né? (.2) Mas a minha relação = nós sempre viajávamos, né? Eu tive oportunidade de conhecer o Exterior em face muito DELA, DE QUERER me levar. De a gente se programar. Então, ela me ajudou muito assim em termos de:: de colocar na minha vida::. é::, o mundo, eu::: e nossos projetos, nós = os meus sonhos e os sonhos dela, né? Então, NÓS GALGAMOS, EM MUITO POUCO TEMPO, muita coisa!

?- É, foi = foi bem concentrado, né, esses 10 anos!?

– Foi! Foi muito intenso, tudo, num é? Ah, os filhos foram programados, foram queridos e desejados no momento certo, (.hhh) nós casamos com 28, só viemos ter o primeiro filho dois anos depois, que já estávamos querendo; depois que o primeiro nasceu, nós programamos o segundo para três anos depois. Então foi tudo assim, e onde a gente foi colocando as coisas e cumprindo aquelas etapas sem muita cobrança, né? A::: única coisa realmente que atrapalhava nosso relacionamento - PRATICAMENTE! ESTRITAMENTE! - entre a = a = uma parenta dela, num é? Por isso nós:: discutíamos, ela inclusive chegou a fazer, (.) é, terapia por conta disso. E AÍ FOI MELHOR AINDA! Depois que ela começou a ver isso, então ela conseguiu = a gente = nós já estávamos exatamente com 10 anos, foi quando nós conseguimos, é = é, visualizar isso juntos, sofremos um pouco, mas quando ela chegou a isso, num é?, A RELAÇÃO FICOU MAIS FORTE, num é? Porque:: É, foi importante porque foi pra = FOI PRA MELHOR! E foi nesse espaço de tempo que aconteceu essa = essa tragédia. (E17: 10-12).

"Essa tragédia" foi um acidente que matou Taciana, cuja repercussão abordo adiante.

18. Petrônio e Petra

Vindo para Recife, "matuto do interior", Petrônio lutou para estudar e se manter. Estava trabalhando em banco, quando conheceu Petra, estudante secundarista, estabelecendo um namoro de três anos. Casaram-se e ela interrompeu os estudos e "ficou em casa, tomando conta da casa e dos meninos". E do marido. A esposa estimulou-o a fazer faculdade, o que o levou a trabalhar de dia e estudar à noite, tendo completado o curso. Conviveram por 36 anos, numa relação "tranqüila, sem problema nenhum!":

> *?- E o casamento de vocês, como é que era?*
> – Olhe, era um casamento:: era uma MARAVILHA! Quer dizer, nunca tive que:: reclamar nada não, entendeu? (.hh) Evidentemente, depois de um certo tempo de casado é que cada um gosta de fazer o que gosta, né? ((risada baixa)) Vamos dizer assim! (.hh) É diferente um pouco, mas sempre:: eu tive assim muito respeito a ela::
> *?- Mas = sim, vai se ajustando, né?*
> – É, muitos não. Mas sempre:: - mesmo cum = antes da gente se casar -, era UMA MARAVILHA, o nosso casamento, - SEMPRE FOI, ATÉ O FINAL! (.hh) Ah, nós gozamos muito a vida, passeamos muito! (E18: 07).

Petra desenvolveu um tipo de doença relativamente rara e progressiva, evoluindo para a morte em cerca de um ano. O casal teve três filhos, todos estão casados e vivem em suas próprias casas. Petrônio tem duas netas que o distraem bastante, hoje em dia.

19. Éder e Edilza

Ele conta que a decisão de casar foi muito rápida, como "tudo na minha vida é assim". Conheceu Edilza numas férias que ela estava passando em Recife, mas já na véspera dela voltar para seu Estado de origem. Conversaram muito, e ele falou que viajaria algum tempo depois para um congresso na cidade dela. Ficou hospedado na casa de Edilza e, no final de semana, ele perguntou-lhe se ela não queria "juntar as escovas de dente", ao que ela concordou de imediato. Ela organizou tudo, - pedido de demissão do trabalho e participação à família biológica -, e veio embora. Passaram um tempo morando na casa dos pais dele, mas depois alugaram um apartamento. Não casaram "no papel". Ambos trabalhavam. O casal se dava bem, como Éder conta:

> *?- E como é que era a tua relação com ela?*
> – Era uma pessoa muito tranqüila, era uma pessoa muito tranqüila, muito, muito educada, muito, muito, né? É = é = é:: prestativa, uma pessoa, né?, que:: que:: tinha uma certa fleuma, né?, não sei nem se eu posso dizer que é uma fleuma isso, mas era assim, era:: era até um pouco calada; ela tinha uma característica provavelmente diferente daqui do calor nordestino, uma característica da frieza, né?, de São Paulo, eu acho, não é? Mas era desse tipo; num = num = num tinha grandes complicações. Nos dávamos = dávamos bem, tranqüilamente. Não era de:: Claro! Desavenças, como todo casal, tínhamos também, né?, mas nada de = de coisas graves, nada de atropelos, nada de:: (E19: 08).

Edilza queria muito ter filhos, mas Éder não se sentia pronto para isso. De qualquer forma, ela engravidou, nascendo uma menina. O casal viveu junto por seis anos, até que Edilza teve um câncer de evolução rápida, levando ao óbito em quatro meses.

20. Plínio e Plínia

Conheceram-se nos Estados Unidos, em 1991. Ela estava precisando dividir um apartamento com alguém, lá, e ele foi morar, então, no mesmo espaço. Daí que terminaram dividindo a vida. Voltaram ao Brasil em 1994, e casaram legalmente, inclusive na Igreja, como era desejo de Plínia. Ele diz que "a gente vivia bem, sempre viveu bem" (p. 18); sempre combinavam tudo; não havia ciúme, porque "ciúme, eu acho que é um sentimento tão::, assim, quando você não tem muita segurança, né?, do amor da pessoa. Mas, eu:: tinha total = total segurança" (p. 19). No começo, Plínia não queria ter filhos, mas, depois, a vontade dele de ser pai pesou e ela mudou de opinião. Tiveram duas meninas, e ela se realizou nelas; em Plínio o sentimento é igual: "_E eu também nunca fiz questão de ter, né?, porque tem homem que quer = quer ter um filho homem, né? Eu não! Pra mim, as duas me completam. Aí, pronto! Foi bom!" (p. 19). As relações com as famílias extensas sempre foram boas. Ambos trabalhavam: ele aqui, em Recife; ela, começou aqui, mas depois de uns três anos, a mesma firma tinha uma vaga num setor que ela gostava mais de trabalhar, mas que era na Paraíba. Assim, ela passava a semana lá e vinha passar o final de semana com a família, aqui em Recife. Numa dessas viagens de volta, houve um acidente grave com o carro dela, e ela morreu na hora. Plínio ficou com as duas filhas, ainda crianças.

Bem, estas são as histórias dos casais e dos casamentos, como foram contadas por cada viúvo, que restrinjo basicamente às relações entre os pares, visto que tenho como pressuposto que a vivência da viuvez depende de como foi estruturada a vida a dois, e é esta relação que me interessa fundamentalmente. No entanto, mesmo esses curtos depoimentos sugerem muitas outras reflexões.

Vários viúvos falam das qualidades das esposas, alguns até como "virtudes". Os principais adjetivos empregados foram: boa mulher, bonita ou muito bonita, mãe inigualável, dedicada, trabalhadeira, de bem com a vida, boa índole, benquista, competente, lutadora, amada por ambas as famílias e pelas amizades, leais e de confiança. Todos estes qualificativos podem decorrer do que Lopata (1979)[20] chama de "santificação" do marido pelas viúvas, mas que penso também poder ser extensivo a viúvos. Trata-se de idealizar o cônjuge falecido, e cujas "memórias podem tornar-se tão seletivas, que o tornam virtualmente santificado" (p. 124). Mas, não apenas quem teve casamento mais satisfatório é que tende a santificar o companheiro ou companheira. No entanto, vejo uma diferença fundamental, nessa qualificação meio "sagrada" que é dada, pelo cônjuge contralateral, ao marido ou à esposa que falece, o que discuto no capítulo seguinte.

Outra questão em relação às histórias narradas é o relacionamento compartilhado e igualitário que muitos viúvos afirmam que desenvolveram em seus casamentos. Participação comum nas lides do cotidiano, lealdade, confiança aparecem com freqüência. O fato de algumas esposas não serem donas-de-casa do tipo tradicional não foi externado como censura, mas antes como constatação de algo que não prejudicava as relações familiais - penso que, possivelmente, até porque elas contribuíam com seus salários para a manutenção do lar.

É interessante a idéia de confiança, como relacionada à não traição sexual, mencionada por alguns dos homens. A exigência ou o pacto existe e aí também se vê uma tendência à reciprocidade. Entretanto, aqueles que concretamente tiveram casos amorosos fora do matrimônio, justificam-se falando da existência de crise conjugal, naquele momento, mas assinalando que a esposa era melhor do que ele, neste aspecto, pois tolerou

[20] Lembro que Helena Z. Lopata pesquisa viuvez feminina, desde os anos 1970, enfocando primordialmente a sociedade estadunidense, mas também comparativamente com outras sociedades. Lembro também que este tópico foi mais extensamente discutido em *Dor sofrimento, dor encantamento...* (Lago-Falcão, 2003: 101).

uma infidelidade que ele não suportaria. Além disso, a infidelidade é matizada pelo "nunca dormi fora de casa", como se nisto estivesse implícita uma espécie de respeito ou consideração pela esposa - as velhas desigualdades de gênero em ação.

A lealdade do homem se expressa pela proteção e cuidado de mantenedor chefe de família. O único caso onde houve separação conjugal temporária, o deixar os melhores pertences para a esposa foi expresso assim: o apartamento único, o carro mais novo, a moradia alternada com os filhos. Por outro lado, a referência ao tempo prolongado de convivência era uma demonstração pública de que havia boa relação na união, pois, nesses tempos de divórcio legalizado, não haveria motivo para manter um casamento infeliz.

Enfim, todos estes tópicos dão margem a estudos posteriores mais aprofundados, mas que não são, no momento, objetivos da proposta desta tese. Ficam as pontuações como sugestão para outras pesquisas futuras. Agora, continuo o percurso com esses viúvos, vendo e ouvindo o que eles narram sobre a doença e morte da esposa, e como fizeram para dar conta disso.

♥♥♥♥♥

CAPÍTULO 4

EXPERIÊNCIAS DA DOENÇA À MORTE DAS ESPOSAS

4. EXPERIÊNCIAS DA DOENÇA À MORTE DA ESPOSA

Talvez nada desorganize mais uma família do que a emergência de uma doença em um de seus membros. E quando a doença é de prognóstico reservado, onde a evolução para o êxito letal é o mais provável, então a situação torna-se deveras complicada. E se a pessoa acometida é o pai ou a mãe, o caos tende a se estabelecer. De um modo geral, foi isso o que os homens da minha pesquisa deixaram entrever nos seus depoimentos. A experiência da doença sempre parecia pegar desprevenida a família e, principalmente, o marido. Talvez porque, cá entre nós, doença e morte não fazem parte do projeto de vida de ninguém, muito particularmente quando se é um adulto jovem - e foi nesta fase do ciclo vital que os homens entrevistados constituíram suas únicas e/ou primeiras famílias nucleares[1] e que, após um período de tempo variável, viram chegar a "fase do desmantelo", como nomeou Renato (E04: 21).

Segundo o antropólogo francês Jean-Pierre Boutinet (1990), em sua obra *Antropologia do projecto*, "na linguagem do século XIX, ter projetos em relação a alguém queria dizer casar com alguém. Hoje, o projeto não diz mais respeito à escolha de uma pessoa, mas à escolha de um modelo de vida" (p. 108). O modelo de vida na sociedade ocidental complexa e laica, no entanto, tem por base, também e ainda, a constituição de casais e estimula-se a monogamia, seja heterossexual ou, em tendência crescente, homossexual. Pois é verdade, como pontua o sociólogo inglês Anthony Giddens (2007: 66), que ao longo das últimas décadas, os principais elementos da vida sexual, no Ocidente, "mudaram de uma forma absolutamente fundamental". Para esse autor, "a sexualidade é algo a ser descoberto, moldado, alterado" e "a crescente aceitação da homossexualidade não deve ser vista apenas como um tributo à tolerância liberal. Ela é um resultado lógico da separação entre sexualidade e reprodução" (2007: 66).

Contudo, em que pesem todos os avanços e aberturas de comportamentos, na atualidade, a nossa é ainda uma sociedade pautada na conformação de casais, isto é, favorece-

[1] A família nuclear, no sentido de pai e mãe morando juntos com os filhos nascidos do seu casamento, sendo a mãe dona-de-casa em tempo integral e o pai assegurando o sustento, que era o padrão dominante nas primeiras décadas da segunda metade do século XX (Giddens, 2007: 67), está escasseando neste novo século. Mas as famílias dos viúvos estudados ainda se encaixam, em grande parte, naquele modelo, exceto pelo que muitas mães trabalhavam fora e contribuíam na manutenção do lar.

se o estado matrimonial monogâmico e heterossexual - com ou sem contrato legal - como norma para os adultos, como já referiu Lopata (1979: 05). Neste sentido, Giddens (2007: 67) afirma que "Na maioria das sociedades como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, o casamento continua muito prestigiado - elas foram apropriadamente chamadas de sociedades de intenso divórcio, intenso casamento". De qualquer modo, para esse mesmo autor "Um casamento que se desfaz tende a provocar luto, independente da infelicidade ou desespero dos parceiros quando juntos" (2002: 17). Porque é a própria situação de perda que precisa do período do luto para ser elaborada. Neste sentido, ouvi do meu informante Josué o seguinte:

> - QUANTAS PERDAS tão embutidas numa perda? CADA PERDA que você tem, você tem VÁRIAS PERDAS embutidas nela. Porque, é:::, elas NUNCA DESAPARECEM! NUNCA, ((murmurando)) NUNCA DESAPARECEM! É::: ((chora baixinho, sem conseguir falar por alguns segundos)) (E03: 26).

Por outro lado, nos últimos decênios, a sociedade ocidental complexa urbana favoreceu o escamotear da doença e da morte, relegando-as à ocultação. Numa sociedade embasada na produção/lucro e no prazer, ou seja, capitalista e hedonista, a doença e a morte devem ser escondidas - daí o grande papel do hospital, na modernidade -, visto que adoecer significa impedir que as pessoas continuem produzindo e que se mostrem belas e felizes (Morin, 1997; Pitta, 1991).

E a morte, então? Nesta, nem se falava! Segundo Morin (1997: 11), os movimentos da contracultura dos anos 1960, entretanto, trouxeram "de volta, uns depois dos outros, os grandes Recalcados. O penúltimo foi o sexo. O último é a morte". É claro que estamos, Morin e eu, falando de se esconder a morte próxima, a que nos atinge diretamente, enquanto parente, amigo ou cuidador do doente. Porque a outra espécie de morte, aquela determinada por guerras, violências, fome, endemias, as mortes sociais mais amplas, estas são exaltadas pelos meios de comunicação, sendo mobilizadoras da atenção das pessoas exatamente porque se supõem longínquas, não nos alcançam - ledo engano! Diz o antropólogo brasileiro José Carlos Rodrigues (1986: 49) que esta exaltação da morte pelos meios de comunicação de massa "contrasta com a sua silenciosa dissimulação na vida cotidiana, em que é ela banida das conversas, obscurecida por metáforas e escondida das crianças".

A despeito disso, há tentativas de ressocialização da morte, na contemporaneidade, e que é percebida, entre outros sinais, pela preocupação emergente de se favorecer as práticas de cuidados paliativos em todos os locais que prestam assistência a pacientes moribundos e/ou o desenvolvimento de uma verdadeira "hospitalização" domiciliar, em franco confronto com o quase abandono a que esses doentes eram relegados até bem pouco tempo, especialmente nos hospitais; também pelo costume moderno de se colocar o corpo morto em caixão semi-aberto, de forma a deixar a descoberto seu busto e/ou rosto; ainda, com o devir escatológico, está havendo o ressurgimento de crenças exóticas e arcaicas que pregam a esperança de sobrevivência do ser humano, no além-mundo. Esta esperança vem embutida: nos adeptos da reencarnação, que são em número crescente; nas técnicas de regressão hipnótica que se propõem a descobrir as existências anteriores do sujeito reencarnado, além da expansão de todas as formas de espiritualismo (Thomas, 1985: 33; 1980: 494 e ss.). Estas tendências estão tendo lugar na sociedade complexa e mais freqüentemente nas camadas mais burguesas, neste início de milênio, objetivando quebrar/driblar o tabu da morte. Pelo menos, em teoria. Mas na prática, como isso se deu entre os viúvos pesquisados? Quando a doença e/ou a morte invadiram o mundo das famílias, aqui abordadas através dos maridos/pais, como estes se depararam com tais contingências?

Bem, mas antes de tentar responder às questões postas, apresento, no Quadro 4.0, abaixo, alguns dados das mulheres, referentes às suas enfermidades e passamentos. Isto é feito, agora, com a finalidade de tornar mais claro o transcurso da doença e a morte, e as formas que os viúvos usaram para lidar com tudo - pois, quem e o que eram essas esposas influíram no desenvolvimento das ações e reações àqueles fenômenos. Então, vê-se que, pelas idades das esposas por ocasião do óbito, as duas mais jovens tinham 28 anos e as duas mais velhas, 68 anos. A maioria é do grupo de meia idade[2], onde estão 12 mulheres. Entre as idosas, havia cinco mulheres, mas nenhuma era muito idosa. Todas desempenhavam suas atividades no cotidiano da vida, sejam domésticas e/ou engajadas no mercado de trabalho formal, antes de adoecer e mesmo durante a doença.

[2] Lembro que estou usando como categorias: adulto jovem, menos de 30 anos; adulto de meia-idade, entre 30 e 59 anos; adulto idoso, de 60 anos e mais.

Quadro 4.0 - Dados das esposas, da doença ao óbito

Nº	Nome	Idade	Ocupação	Evolução	Causa da morte	Local
E01	Roberta	47	Médica	5 anos	Aneurisma	Hospital
E02	Anísia	40	Educadora	Nenhum	Assassinato	Garagem
E03	Josiane	30	Administradora	45 dias	Ectopia; Sepsis	Hospital
E04	Renata	34	Professora	4 anos	Câncer	Hospital
E05	Josefa	28	Professora	49 dias	Câncer	Hospital
E06	Elisa	52	Enfermeira	> 2 anos	Câncer	Hospital
E07	Riane	68	Do Lar	Nenhum	Erro médico	Hospital
E08	Ártemis	28	Advogada	Nenhum	Acidente	Hospital
E09	Gersina	64	Do Lar	Nenhum	Enfarte	Domicílio
E10	Antônia	68	Psicanalista	23 anos	Câncer	Domicílio
E11	Joneide	63	Do Lar	3 anos	Câncer	Hospital
E12	Hélia	35	Cientista Social	4 anos	Câncer	Hospital
E13	Élcia	57	Aux. Enfermagem	8 anos	Câncer	Hospital
E14	Adélia	64	Do Lar	3 anos	Câncer	Hospital
E15	Vanusa	55	Aux. Administrativa	4 anos	Enfarte (Câncer)	Domicílio
E16	Ivana	43	Professora	5 a 3m	Enfarte (Câncer)	Domicílio
E17	Taciana	29	Redatora	Nenhum	Acidente	Rodovia
E18	Petra	54	Do Lar	1 a 2 meses	Colagenose	Hospital
E19	Edilza	35	Nutricionista	4 meses	Câncer	Domicílio
E20	Plínia	42	Comerciária	Nenhum	Acidente	Rodovia

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

Apenas cinco das mulheres não trabalhavam fora de casa, enquanto que as outras 15 esposas o faziam. Embora alguns viúvos digam que suas esposas não eram "muito dona-de-casa, não", é de se supor que a maioria delas tivesse dupla ou tripla jornada de trabalho - as mudanças históricas não eram assim tão grandes para que essas mulheres fossem poupadas das atividades domésticas, como geralmente acontecia para com os homens. Até porque a maior parte dos viúvos declara que as esposas gerenciavam a casa, administravam as finanças, cuidavam da educação e da vigilância da saúde dos filhos, se haviam. Os maridos "ajudavam". É verdade que quase todas tinham empregadas domésticas para os trabalhos mais pesados, mas a gerência ampla e algumas tarefas eram especificamente desempenhadas e/ou executadas por elas. Todas as mulheres que labutavam no espaço público tinham curso superior, à exceção de quatro (Renata, Élcia, Vanusa e Plínia). Por fim, nove mulheres migraram para Recife: três vieram de municípios pernambucanos, das quais apenas uma já estava casada; seis migraram de outros Estados, sendo que cinco destas vieram casadas e uma casou aqui - uma

espécie de virilocalidade se impôs para estas esposas, pois todos os maridos viviam e trabalhavam em Recife.

Volto, agora, para a doença e a morte das esposas, onde outros dados seus e dos relacionamentos são discutidos.

4.1 – OS VIÚVOS E AS EXPERIÊNCIAS DE DOENÇA E MORTE

No contexto da sociedade brasileira urbanizada, doença e morte não constam do projeto de vida de casais, como referi, e penso mesmo que no de ninguém que faça planos para o futuro, pelo que diz o antropólogo francês Edgar Morin (1997):

> Na verdade, embora conhecendo a morte, embora "traumatizados" pela morte, embora privados de nossos mortos amados, embora certos de nossa morte, vivemos também cegos à morte, como se nossos parentes, nossos amigos e nós próprios não fôssemos jamais morrer. O fato de se aderir à atividade vital elimina qualquer pensamento de morte, e a vida humana comporta uma parte enorme de despreocupação com a morte; muitas vezes a morte está ausente do campo da consciência, que, aderindo ao presente, reprime o que não é o presente (...) É por esta razão que a vida quotidiana é pouco marcada pela morte: é uma vida de hábitos, de trabalho, de atividades. A morte só volta quando o ego a olha ou se olha a si próprio. (E é por isto que a morte é muitas vezes o mal da ociosidade, o veneno do amor de si mesmo). (62-63; grifo do autor).

Nesta perspectiva, para a maioria das pessoas, na contemporaneidade urbana, é sempre difícil lidar com uma tal situação, no sentido de encetar conversas abertas sobre esse assunto, em qualquer tempo. Assim, quando o evento doença da esposa atingiu as vidas desses homens, eles não conseguiram lidar facilmente com a inexorabilidade da situação. Apenas um entre os homens entrevistados revelou ter falado sobre morte no curso do casamento. É Anísio quem conta que, numa conversa rotineira com a esposa, sem nem remotamente suspeitar do que estaria por vir, ele lhe disse o seguinte:

> - E UMA VEZ, eu tinha dito a ela (.2) = A GENTE NUM FALAVA EM MORTE, num tinha razão pa tá falando. (.2) E, uma vez, eu disse a ela que::: se, por acaso, um dos dois tivesse que ir, eu achava que devia ser eu, (.) porque:: eu sempre achei ela MUITO MAIS IMPORTANTE (.) pros meninos do que eu; eu disse isso = disse isso. Num foi uma coisa dita::: nem por pensar:::, nem no sentido de (.) criar alguma emoção. (.3) Mas aconteceu exatamente o inverso. (E02: 22).

Mesmo quando a doença se instala, conversar sobre morte é coisa a se evitar[3]. É o que vejo nos depoimentos colhidos para este trabalho. Para aqueles maridos que tiveram como problema uma morte súbita, seja por causas externas (homicídio ou acidente) ou por intercorrência aguda na vigência de doença crônica (enfarte cardíaco, ruptura de aneurisma, erro médico), não houve oportunidade nem de tentar falar na morte, se eles houvessem optado por isso em algum momento. E para os casos de evolução mais lenta, onde havia vislumbre de uma morte relativamente esperada, também não se criou ocasião para discutir o futuro sem a esposa ou mesmo de se compartilhar o sentimento ou a visão que ela experimentava acerca de tudo aquilo pelo que o casal estava passando - as únicas exceções são Adonias e Hélio. Algumas justificativas foram dadas para se escamotear uma discussão sobre a doença, a morte e o morrer, entre marido e mulher. Roberto diz que a decisão da esposa de não se submeter a tratamento e não querer discutir a enfermidade e o prognóstico, foi acatada por ele porque:

> - Eu = eu::: sempre tive uma conduta de achar que::: a gente pode discutir, mas A PESSOA é quem determina. Jamais, é::: passa pela minha cabeça de IMPOR alguma coisa a alguém, porque é:: eu acho assim: é tão curta a vida, e a felicidade ou infelicidade depende, em última instância, da gente mesmo. (.hhh) É::: se aquilo fosse motivo de uma infelicidade, eu num QUERO ser culpado pela infelicidade de ninguém. (.2) Do mesmo jeito que eu me considero feliz, e eu sou culpado pela minha felicidade, eu num quero ser o culpado pela infelicidade de ninguém. (E01: 11).

[3] Discuto a questão da evitação da morte e da idéia de contágio que ela inspira, na minha dissertação de mestrado *Dor sofrimento, dor encantamento...*, referida. Na literatura, o escritor português José Saramago escreve, de uma forma bem humorada, mas muito verdadeira nos desdobramentos da condição de morrer/não morrer, sobre *As intermitências da morte*, quando esta resolve fazer greve e deixa de matar: num asilo de idosos, um novo hóspede seria, então, "alguém cujo destino se conhece de antemão, não o veremos sair daqui para ir morrer a casa ou ao hospital como acontecia nos bons tempos, enquanto os outros hóspedes fechavam à chave apressadamente a porta dos seus quartos para que a morte não entrasse e os levasse também a eles" (2005: 30-31).

Já Elísio conta que ele e a esposa eram pragmáticos e auto-suficientes. Ela não alardeava e não fazia comentários sobre a doença, nem quando teve o diagnóstico de câncer, nem durante a sua evolução. É assim que faz seu relato:

> - Ela conhecia bem a:: gravidade do problema dela, mas ela não:: (.) alardeava muito não, ela:: segurava, né? Ela segurava muito, não fazia muito COMENTÁRIO e tal, (.) e a gente também num:::, por isso, a gente se sentia = num se sentia muito à vontade pra conversar mais sobre isso. Talvez isso, é:::, de certa forma::, MACHUCA mais o interior da pessoa, essa falta de abertura; então, quando vem o:: desenlace mesmo, a gente:: SE CHOCA MAIS e fica até com um pouco de::: de remorso, né? Porque não conversou mais, não se abriu mais, não dialogou mais sobre a::: aquela realidade, né? (E06: 06).

A negação da enfermidade em si própria e a sonegação da informação para pessoas até mesmo íntimas e/ou muito próximas da família, bem como sugestão/decisão nos tratamentos a que seriam submetidas as esposas, foram pontos acatados por muitos dos maridos, no sentido de respeitar a vontade das doentes. Nesses aspectos, considero a situação de Élcio talvez a mais dramática, dentre todos os pesquisados: a omissão da doença, pela sua esposa, chegou a ponto de postergar o tratamento do câncer por sete meses. Enfim, de um jeito ou de outro, nenhum dos viúvos confrontou a resolução das esposas de não comentar a doença e/ou de poder decidir algumas condutas no tratamento, pelo menos nos primeiros tempos da enfermidade, quando os maridos podiam dar conta, sozinhos, dos cuidados dispensados a elas. Mas isto não era gratuito para o esposo. Adonias fala do segredo em que isso se transformou, pois a sua mulher não quis contar sobre a doença nem ao próprio filho, e do sofrimento que essa atitude trouxe a si próprio, até que marido e mulher precisaram rediscutir o assunto:

> - (...) logo no início, ela = ela procurou se preservar, e não = não DAR PUBLICIDADE (.hh) a essa::: a essa questão desse câncer, e aí é onde entra um aspecto muito difícil, por conta do estigma da doença! Ninguém tem vergonha de dizer que teve um = um INFARTO, mas as pessoas têm, elas (.) pensam duas vezes antes de dizer que (.hh) SÃO PORTADORAS DE = de câncer, né? E AÍ VEJA! É::, no início, ela tinha o problema PROFISSIONAL dela, né?, A IMAGEM profissional, ISSO CONTA MUITO! (.hh) E:::, É = EU SOFRI MUITO, né?, por não poder compartilhar com

> pessoas, somente com ela, e eu, que tenho um temperamento avesso ao dela, sou (.) extrovertido, né?, isso era uma coisa que me:::
> *?- Você devia viver muito sozinho, né?*
> – MUITO SÓ! MUITO SÓ! MUITO SÓ! E isso me fez MUITO MAL porque::, é a tal coisa, ELA NÃO QUERIA, e ela tinha direito de, né?, e eu procurei respeitar. Mas houve um momento que, eu e ela, decidimos abrir, contar ao nosso filho, né? Ele já era rapaz, já estava se formando, (.3) e::: nós contamos a ele; chamamos e contamos a ele, que ele precisava saber. (E10: 13).

O caso de Petrônio é outro exemplo da dificuldade pessoal de discutir doença e morte, mesmo em alguns casos onde a esposa dava um mote para isso:

> - (...) porque ela, em nenhum momento, ela demonstrava, (.hh) é:::, a necessidade, quer dizer, um momento de = de:: IMPOTÊNCIA diante da doença dela, da GRAVIDADE da doença dela. (.hh) Veio um padre aqui, veio aqui, aí ela dizia: "_Eu tô pronta pra morrer!" Ela dizia, sim. (.hh) "_EU ESTOU PRONTA PRA MORRER!" [E o fato
> *?- [E vocês conversavam sobre como ia ser sua vida [depois?*
> – [Não! Nunca falava porque:: EU NUM TINHA:: num tinha como, NUM TINHA FORÇA PRA ISSO! NUM SEI SE ELA TINHA! Eu num tinha força! Eu dizia = sempre dizia a ela assim: "_Olhe, a gente não vai quando quer. A gente vai quando é chamado!" (E18: 19-20).

Esta tentativa de confortar a esposa (e, muito provavelmente, também a si mesmo) me parece ser uma espécie de negação do concreto que o lidar com a doença impõe e que foi utilizada por mais de um viúvo. Éder, por exemplo, diz que sempre teve vontade de perguntar à esposa o que é que ela achava da morte, mas jamais conseguiu. Ele teve oportunidade de fazê-lo, a partir de uma colocação dela, e eis a sua própria reação:

> - (...) é engraçado, eu tinha uma curiosidade, sempre tive vontade de perguntar o que é que ela achava da morte e nunca consegui perguntar isso pra ela; eu queria chegar pra ela e dizer: "_Você vai morrer, você sabe que vai morrer; que é que você tá achando disso?"
> *?- Ela nunca falou sobre isso?*
> – Não, ela só falou uma vez, que isso me deixou bastante é:: é:: ENGASGADO! Eu acho que a palavra é bem essa. (...) uma vez::: aí, eu chego um belo dia em casa, depois de dar aula, e ela:: mole, muito, muito fraca,

> muito:: assim::: Eu digo: "_Olhe, vamos fazer o seguinte, Edilza, você tá muito tempo aqui dentro desse quarto, vamos pra sala, vamos ver uma televisão, vamos::: né?, respirar um pouquinho outro ar da:: que não seja desse quarto aqui." E ela resolveu se levantar; levantou muito:: com soro, com tudo, tal, eu peguei o pedestal do soro, fui ajudando e sentei-a no sofá e ela::: muito tranqüila, muito::: de forma muito plácida, chegou e disse: "_É engraçado como são as coisas, não é?" Não entendi como = como foi que ela falou. Eu digo: "_Não, engraçado? O que é que tem de engraçado?" Até achei meio::: meio desnecessário [o = o:::
> *?- [A expressão, né?*
> E – [O emprego da = da expressão "engraçado". Eu digo: "_Engraçado? Não tem nada engraçado. O que foi que houve?" Aí ela disse: "_Não, quer dizer o seguinte, é que::: você nunca quis ter filhos e é você que vai ficar com a nossa filha, né? Cuide bem::" EU FIQUEI ESTÁTICO! Aí ela disse: "_ Cuide bem dela, tal. Compre uma casa." Que ela me disse, a gente tava planejando, né?, se arrumando pra comprar uma casa e tal. "_Cuide bem dela, não deixe acontecer nada com ela não!" (.) Eu fiquei sem saber o que dizer, né? Sem saber o que dizer! (.) Só consegui dizer isso, aí eu digo: "_ Não, que é isso? Que bobagem, você vai cuidar dela, tal. Não tem nada disso não!" Né? (E19: 15-16).

Como se vê neste relato, mesmo que surja uma circunstância provocadora da conversa sobre doença e morte, ela não é aproveitada pelas pessoas envolvidas na situação, no caso, o marido. Ainda que a morte "é a única coisa certa que a gente tem:: (...) a morte faz parte da vida, né?" (Plínio, E20: 23), mas "ninguém quer que um parente querido se vá" (Petrônio, E18: 49).

Mas, um dia, com ou sem precedência de doença, a morte fez sua visita a cada um dos homens pesquisados, tirando-lhes suas esposas. Vejamos, então, como foi esse percurso doença (ou não) - morte.

4.1.1 - O ANÚNCIO DA DOENÇA

A ocorrência tanto do agravo súbito como do insidioso, ou melhor, a suspeita e a confirmação de que havia uma afecção grave na esposa, ou morte já efetivada, foi recebida pelo marido como "um choque muito grande!" (Adonias), "uma situação difícil" (Valter), "lamentável, né? A pessoa viveu [junto] 41 anos, né?" (Jonas), "Quem espera uma coisa dessa, né?" (Anísio), "Nunca, nunca, nunca passou pela minha cabeça um negócio desse" (Plínio). Já

para Ivan, cuja esposa teve câncer, a primeira reação foi de "muito medo, num sabia o quê que era aquilo, num sabia lidar com aquilo".

Mas o conhecimento do agravo que levou à morte podia vir também de maneira inusitada, como aconteceu com Josué, que conta, em detalhes, como a chegada de uma nova vida à família foi substituída por uma sentença de morte a esperar:

> - E ESSA GRAVIDEZ foi muito complicada! (.2) Num é? (.hh) Foi uma gravidez, que era uma gravidez abdominal:: E OS DIAGNÓSTICOS FORAM::: foi dado na sala de cirurgia! (.2) Na Cesárea! (.) E, aí, chega [na = na = na
> *?- [Quando ela entrou em trabalho de parto, foi?*
> - Ela entrou em trabalho de parto, foi pra fazer a Cesárea (.2) = que a primeira tinha sido Cesárea = (.2) aí, foi pra fazer a Cesárea; quando chegou NA:: SALA DE PARTO, viu-se que aquilo NUM ERA O = O ÚTERO! (.2) Num era o útero, aquilo! (.hh)
> *?- Hum! E aí?*
> - (.hhh) AÍ:: Bom, aí, a coisa começou a complicar, porque::: (.2) casos graves = casos raros = caso RARÍSSIMO, né? Uma gravidez abdominal que chega a termo! ((pigarro)) O::: bebê morreu no dia (.) do parto::, porque já tinha uma má-formação do:: (.) de veia umbilical, né? E tinha algumas outras alterações, mas = externamente era perfeito =, mas (.) morreu! (.) ((pigarro)) E, aí, ela ficou na UTI. Ela ficou na UTI::: 45 dias. (E03: 05-06).

Esse trecho da entrevista mostra bem o impacto sofrido por Josué - que faz sua narrativa com voz embargada pelo pranto que tenta conter e que, em alguns momentos, não consegue -, quando todo o planejamento da vida a dois, ou melhor, pelo menos a quatro (pois já tinha um filho e havia outro chegando) teve de ser reformulado num espaço de tempo de 45 dias.

Num outro caso, o de Petrônio, foi feita uma verdadeira peregrinação por consultórios médicos até ser dado o diagnóstico da doença que acometeu a esposa. O itinerário percorrido será mais detalhado adiante, mas antecipo seu relato, mostrando como foi exposto esse diagnóstico, na forma que ele ouviu do médico:

> - Olhe! O caminho é muito longo! Se eu for contar a história de médico e::: hospital, e exame, é:: muito longa, essa história. (.2) Aí, ele deu esse diagnóstico. Então, na oportunidade, eu presente, minha filha e ela ((a

> esposa)), ele disse: "_É uma doença de etiologia desconhecida e que não tem cura".
> *?- Na frente dela?*
> – Na frente dela. OLHE! Eu achei, sinceramente, aquilo ali – a gente fica como se tivesse adormecido, numa alteração -, mas ele foi muito honesto! (.) Eu achei que ele foi melhor do que os outros que:: ou num deram ou num souberam ou se ACOVARDARAM até depois de um certo momento da doença dela, entendeu como é? Ficar::: procurando uma MOTIVAÇÃO, como quem diz assim: "_Procura outro!" (E18: 09).

E assim e/ou de outras maneiras, a doença/a morte foi dada a conhecer. De forma mais devagar ou mais repentina, os maridos se viram envolvidos e participantes em algum tipo de estado mórbido das esposas, que terminou em morte. Os modos de vivência foram diversificados, mas, comum a todos, há a verbalização da preocupação e do sofrimento, que os acompanharam durante tempos variados, e ultrapassaram, em muitos homens, a morte propriamente dita, inauguradora da condição de viuvez.

4.1.2 - PREOCUPAÇÃO E SOFRIMENTO NO PROCESSO DOENÇA-MORTE

Depois que o diagnóstico foi estabelecido, veio a instauração de intervenções terapêuticas, quando houve tempo para isto. Em muitos dos homens envolvidos, o acompanhamento cotidiano vinha trazer preocupação e pesar. Todos afirmaram que "foi feito tudo que podia ser feito" no sentido de buscar um tratamento ou de minorar o sofrimento da esposa. Inclusive, em alguns casos de curso prolongado (alguns tipos de câncer, complicações de Diabete, doença reumatológica, por exemplo), o procurar tratamento em outras regiões do país, com reconhecida competência técnica na área da afecção, ou sondar as vantagens de levar para o Exterior, foram resoluções tomadas ou possibilidades aventadas. Além disso, a busca por outros sistemas de cura também esteve presente, obviamente em algum caso mais crônico.

Um dos homens, por exemplo, levou a esposa para São Paulo, para fazer o tratamento radioterápico dela "com uma das maiores autoridades no assunto" (Renato, E04: 06). E, na recidiva da doença, chegou a trazer o médico cirurgião e seu assistente para realizar algumas cirurgias, aqui em Recife:

> *?- Todas as cirurgias ela fez lá, foi, Renato?*
> - Não, fez duas cirurgias aqui. Eu trouxe os médicos, TUDO, pra cá.
> *?- Foi mesmo?!*
> - Foi. (.) Porque:: a coisa tava começando a ficar COMPLICADA:: (.2); é:::, a gente chegou a uma conclusão: que o médico que opera uma vez, duas vezes::, ele vai operar, de novo, sem muita esperança. Ele QUEBRA o entusiasmo, QUEBRA o elã da coisa, num é? Então, a gente optou, TAMBÉM, por TROCAR por outro médico que COMEÇASSE, né?, entusiasmado. Que a gente achava que esse aspecto (.) FOSSE (.) SURTIR mais efeito, num é? Tanto é que a gente TROCOU (.) para outro médico, que era muito amigo do:: médico dela de São Paulo, né? E::: o cara (.) veio pra cá. (.2) Veio pra cá::, reoperou ela, (.) e::, depois da cirurgia, ele ficou tão feliz, tão satisfeito, que a gente foi e tomou uma cachaça que a gente quase que morre: eu, ele e o assistente dele! ((risos)) Foi! (E04: 09).

Um outro informante, Élcio, procurou ouvir a opinião experiente de uma pessoa amiga que tinha ido para outro país fazer tratamento da mesma doença que acometia sua esposa, e recebeu como resposta o conselho de não levar a doente para fora daqui:

> - Tudo que foi possível ser feito::, eu ainda me lembro (.2) de 1990, foi; (.hh) (.2) uma amiga tava com câncer, tava andando de = de = de muleta já e foi lá em casa, houve um evento lá em casa, ela foi (.hhh) e eu disse: "_O que é que você acha de eu levar Élcia pros Estados Unidos?" (.2) Ela disse: "_Leve não, Élcio. Leve não. Ela tá tendo (o melhor) tratamento. Quem é os médicos dela?", "_Fulano, sicrano!" (.hhh) "_Leve não, Élcio! Eu = eu passei por lá. (.2) LÁ, nós somos apenas um número. (.2) ELES TRATAM, ELES FAZEM O TRATAMENTO COMO (.) como manda o figurino, mas não têm NENHUM CALOR HUMANO! (.2) E aqui não, aqui ela tem. Leve não!". (Élcio, E13: 12-13).

Alguns maridos, não familiarizados com o saber biomédico, procuravam aprender sobre as doenças das esposas, a fim de lhes ministrar um melhor acompanhamento. A busca pela informação era feita através de pesquisas na internet, aquisição de livros especializados sobre a doença e o tratamento, consultas em centros médicos mais especializados, leitura de biografias de portadores da doença e até mesmo contato com pessoas que tinham o mesmo

problema. Este é o caso de Petrônio, cuja esposa teve pouco mais de um ano de evolução da patologia:

> – Eu entrei:: um dia na Internet, que hoje é o meio de comunicação, entramos numa comunidade que tem uma associação brasileira da doença dela, entrei em contato com essa associação, (.hh) aí tem um = um = um site que ensina como cuidar das pessoas, UM SITE DE ORIENTAÇÃO que ensina a cuidar da pessoa, de como você lidar com ela, (.hh) entendeu como é? É = é bem orientado, realmente. No site, você tem = eu tinha isso tudinho, porque:: eu comecei a fazer muitas pesquisas (.hh) cum relação à doença, num é? E passei a::, várias doenças que são mais ou menos coincidentes, (.hh) e eu comecei depois entrando em contato com um senhor que fez a primeira cirurgia = (.) fez a primeira cirurgia de = de:: - como é o nome do negócio? Eita! A cabeça tá assim ainda! É::, disso que hoje se faz muito, num é?, de:: de = de::: - como é o nome que se dá, meu Deus?
> *?- Células-tronco?!*
> – Até::: aí tinha um cidadão que tinha feito uma cirurgia de célula-tronco, isso em São Paulo, no interior de São Paulo
> *?- Quando foi isso? Bem recente, né?*
> – Foi recente, é, isso foi em janeiro, parece, fevereiro, por aí; nós entramos em contato (.) cum a família dele e disse que essa cirurgia tinha sido suspensa porque num tinham tido resultado, (.) num tinha resultado ainda, tava muito embrionário realmente, então::, que era a nossa pretensão de ir = levar pra São Paulo, pra fazer uma cirurgia de célula-tronco realmente, pra ver dessa possibilidade, mas em face da suspensão da cirurgia, realmente a gente ficou (.) sem condição. (E18: 11-12).

O interesse em saber mais sobre o mal que acometia a esposa fez Petrônio investigar em outras fontes, fossem leigas ou científicas, comprando livros que pudessem ajudá-lo nos cuidados dispensados a ela: a biografia de um cientista estrangeiro com o mesmo problema, um livro escrito por médico sobre a doença, manuais de Fisioterapia, etc. É interessante observar que essa busca de informação, geralmente, não passava pelo médico assistente - bem poucos homens referiram o médico como fonte de esclarecimento de doença e tratamento, afora o próprio Petrônio, mas que recebeu informações através de um médico que não havia acompanhado a doença de Petra, tendo chegado até ele como amigo de um outro médico da família. Voltarei a discutir o relacionamento médico - paciente - família, a partir deste caso, mais adiante.

Outra questão que surgiu no evoluir do processo de doença foi quanto ao conhecimento que a esposa tinha ou não sobre a sua patologia, grau de gravidade e complicações. As doenças mais crônicas eram companheiras sofridas dos maridos, como é o caso de Gerson:

> - Ela passou 12 anos, CEGA! Dos dois olhos. (.5)
> *?- Aí, como era? O que o senhor achava disso?*
> G - Olhe, o pior sofrimento! ERA RUIM! A senhora já = já pensou a senhora ter uma mãe, ter um pai, ter um::, e ver ele pegando ela:: e saber que aquela pessoa::: (...) E eu cum = e eu olhava pra ela, PELO BEM QUE EU QUERIA A ELA, ela tava caminhando, teve um dia lá, (.) e eu dizendo: "_Como é que eu vou dizer a essa criatura que ela vai pra hemodiálise?" Que ela era inteligente! Ela num ouvia (.) a televisão dizer que em Caruaru[4] morreram num sei quantos? (E09: 04; p. 06).

Por causa do problema na visão, Gersina percorreu todos os oftalmologistas recifenses mais renomados da época. O que era recomendado fazer, para ver se haveria melhora, era cumprido pelo marido: foram morar na praia, viajaram para consultar e fazer cirurgia com oftalmologista em outro Estado - na segunda vez que voltaram lá, os médicos disseram que "num tinha mais jeito". Algum tempo depois, Gersina teve um infarte que a matou, não dando tempo de receber qualquer socorro. Apesar de tudo o que passaram com aquela doença de base e a morte súbita, Gerson agradece: "_Mas Deus, como é bom e justo!" - porque, para ele, evitar a hemodiálise, que aumentaria o padecimento da esposa, era um grande consolo e é grato a Deus por interferir no processo.

A experiência de Éder também foi muito marcante. Em fevereiro de 2001, Edilza teve uma crise de dor abdominal, levando cerca de dois meses para ser diagnosticado um câncer. Foi operada duas vezes, ficou com esquema de internamento em domicílio - "por ser mais humano" - e com prognóstico de sobrevida curta. À medida que o quadro avançava, Éder via o padecimento e sofria com a esposa, que tinha consciência de tudo. Ele diz que:

[4] Ocorrência, em Caruaru/PE, de surto de infecção letal causada pela liberação da toxina microcistina-LR de algas cianofíceas que contaminaram, em 1996, a água utilizada no procedimento de hemodiálise, e que matou vários doentes, trazendo medo e pesar a pacientes e familiares. Este grave problema de saúde pública eclodiu no ano anterior ao falecimento da esposa de Gerson. Por isso, a preocupação verbalizada por ele [Referência: Copyright © 2000 Medicina On line – Revista Virtual de Medicina. Volume 1- Número 3 - Ano I (Jul/Ago/Set de 1998)]. Acesso em 19 de abril de 2008.

> - Aí:: e olhe, é = é, eu digo com sinceridade, eu = eu levantava muitas vezes à noite, liguei pra = pra = pra o médico, pra dizer: "_Não, doutor, acelere o processo aí, comete a eutanásia, isso fica só entre a gente e tal". Ele disse: "_ Éder, não posso, não posso porque::"; eu digo: "_Olhe, não tem condições, não tem mais jeito pra ela, não é?". Às vezes, eu chegava muitas vezes da aula, né?, ela::: a boca derretendo, o sangue na sonda, na = na::
> *?- Você vê a pessoa se acabando, né?*
> – Exatamente! Vê a pessoa se acabando, vê a pessoa que não tem mais solução. Ela já tava entregando as coisas pra um, pra outro, né?, mandava abrir o guarda-roupa: "_Olhe!" – aí falava pra babá da filha da gente – "escolhe, escolhe um vestido aí, escolhe:::" (E19: 16-17).

Aqui se vê como o debate sobre a eutanásia precisa ser discutido como uma possibilidade a mais de minorar o sofrimento de pacientes fora de possibilidade terapêutica (FPT) curativa, pois, a partir daí, o que a biomedicina está fazendo é a prática da distanásia, onde não há benefício para ninguém, exceto talvez para a onipotência médica. Por enquanto, o que se realiza, em alguns centros de assistência para cuidados a doentes em final de vida, é baseado no paliativismo: "o tratamento deve ser discutido, em suas várias etapas, entre enfermos, seus familiares e o médico responsável", argumenta a médica e antropóloga brasileira Rachel A. Menezes (2004: 37). Segundo esta autora:

> O diálogo entre atores sociais envolvidos no processo do morrer é central na proposta inovadora: uma vez explicitados os limites da ação do médico e dos desejos do doente, é possível a deliberação sobre o período de vida restante, a escolha de procedimentos e a despedida das pessoas de suas relações - com o suporte de uma equipe multidisciplinar (P. 37).

No entanto, a autora adverte que muitos paliativistas se centram na sua própria idéia do "morrer bem" ou "morrer mal", sem indagar quais seriam as representações construídas por pacientes e familiares, a quem não se permite expressar a percepção do melhor percurso em direção à morte (p. 181). Neste contexto, o "morrer bem" é construído às custas da dependência desses últimos a uma rede ampliada de profissionais - médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, etc. - , o que pode redundar não em "libertação do aparato

médico, mas sim de um refinamento e capilarização das suas formas de exercício de controle" (p. 214). E isto é preciso evitar.

4.1.3 - LIDANDO E CONVIVENDO COM A DOENÇA GRAVE

Em todas as narrativas, o estar junto durante a evolução da doença foi uma constante. Como já referido, havia impasses em relação às decisões de se submeter a tratamentos, quando a mulher se recusava a isto, mas tal decisão era acatada, de modo geral, pelo companheiro. À medida que a doença avançava, havia modificações nas atividades e nas rotinas da vida cotidiana, a fim de se estar próximo o mais possível - pois o estar junto, nesses momentos, era tido não como uma responsabilidade por dever, mas como lealdade afetiva e solidariedade à companheira de tantas jornadas - verdadeiramente, aqui me parece em ação a Teoria da Dádiva, de Marcel Mauss (1974): de fato, era uma espécie de reciprocidade, de retribuição, feita por este marido, do que tinha recebido da esposa, ao longo do casamento, em termos de compartilhamento da vida. Eis o que conta Roberto:

> - (...) Eu falei: "_ Olhe! A questão é essa: o cara quer lhe operar." Ela falou: "_ Roberto, EU NÃO VOU ME OPERAR! (.3) NÃO existe possibilidade! Eu já ACEITEI, inclusive trabalhei demais nesses quinze dias. (.hh) NÃO admito a IDÉIA de ficar presa numa cama, ou a idéia de ficar cega. Não admito! Eu prefiro a idéia de morrer. Vou esticar." E esse ano = Eu falei: - "_ Bom, tá consciente disso?" Tá. Esse ano, eu diminui meu trabalho, a gente viajou:: - Fomos pra Chile, viajamos o Brasil todo, num sei que mais. Entrei em dança de salão:: EU SABIA que a QUALQUER DIA seria O DIA! (Roberto, E01: 18).

Para o marido afetado por doença na esposa, como já mencionado, foram necessárias mudanças nos esquemas arquitetados para o dia-a-dia, que incluíam: reajustar a carga horária geral do trabalho, na instituição à qual estava vinculado por emprego, de forma a conseguir disponibilidade para acompanhar consultas médicas e/ou terapêuticas instituídas; tomar, sozinho, resoluções, muitas vezes sem poder compartilhar com ninguém - em muitos casos, a decisão final de um procedimento era sempre delegada, pelo médico e familiares, ao marido

(por exemplo, transferir ou não para uma UTI, quando a Medicina "não tinha mais nada a fazer", sendo tal indicação apenas para afastar parentes e amigos do desfecho fatal; fazer ou não certa cirurgia, que prolongaria inutilmente e com muito padecimento o que restava da vida da esposa); assumir maior atribuição no gerenciamento da casa. Todas estas são questões apontadas, pela maioria dos maridos, como constando do percurso da doença até o desenlace final.

No caso de outras doenças crônicas, como Diabete, Cardiopatia, Nefropatia ou Doença do Colágeno, potencialmente de prognóstico menos sombrio quanto à morte rápida e imediata, ou seja, aquelas de desenvolvimento mais prolongado, e até mesmo no câncer de evolução lenta, as mudanças no entorno eram também mais paulatinas, ensejando uma certa acomodação ao real, e o medo da perda não estava tão eminentemente presente, até que a esposa entrasse no quadro incurável de paciente fora de possibilidade terapêutica (FPT).

Considerando que, neste meu trabalho, pouco mais da metade das causas diretas ou indiretas dos óbitos das esposas decorreram de câncer, doença que, no imaginário popular, é ainda aterradora, pois é vista tanto como causadora de grande sofrimento físico como pela ameaça letal que vem embutida nesse diagnóstico - uma verdadeira sentença de morte com seu estigma -, não é de surpreender a mobilização que ocorreu no entorno da mulher, representada principalmente pelo marido. A escritora Susan Sontag (2002), discutindo a doença como metáfora, mostra que o câncer, hoje - como a tuberculose, no passado -, desperta pavor e desempenha o papel de enfermidade furtiva e cruel. Para a autora, "qualquer doença encarada como um mistério e temida de modo muito agudo será tida como moralmente, senão literalmente, contagiosa" (p. 10). E, de fato, evita-se até mesmo pronunciar a palavra 'câncer', substituindo-a por "aquela doença", como se se tratasse de obscenidade, de mau presságio, do abominável, completamente carregada de poluição e perigo, no sentido mesmo atribuído pela antropóloga britânica Mary Douglas (1991: 18) à impureza: "A reflexão sobre a impureza implica uma relação sobre a relação entre a ordem e a desordem, o ser e o não-ser, a forma e a ausência dela, a vida e a morte". Isto aparece claramente na fala de alguns entrevistados, como será visto adiante.

Convém esclarecer, entretanto, que o tipo de doença não me parece que interferiu nem na vivência da perda nem nas reações e providências posteriores. O desassossego com o estado de doença da esposa estava presente também naqueles casos de outra etiologia, não

neoplásica. De qualquer forma, em praticamente todas as situações, as relações do casal passaram por mudanças. É o que discuto a seguir.

4.2 – MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DO CASAL

Modificações no relacionamento conjugal ocorreram na quase totalidade dos casos estudados. Vários maridos relatam, espontaneamente, mudanças nas relações afetivo-sexuais e de convivência geral do casal, durante a vigência da doença que levou ao óbito. Na verdade, perguntas específicas sobre esta temática não foram inerentes e/ou indispensáveis à minha pesquisa, pois, relembro, meu foco primordial era e é identificar os apoios/suportes recebidos e as representações dos homens em situação de viuvez. Contudo, essas questões apareceram nos depoimentos, e por isso incluo este tópico, o qual passo a discutir. Obviamente, "as transformações da intimidade" - usando uma expressão de Giddens (1993) - decorrentes da doença, ocorreram nos casais onde o curso da enfermidade foi mais ou menos prolongado.

As relações interpessoais que estou considerando aqui vão desde o relacionamento afetivo-sexual até o desempenho dos papéis de dona/dono de casa. Neste sentido, tanto o acompanhamento da esposa doente em seu tratamento como a administração da casa foram tarefas que passaram, concretamente, a constituir o universo do marido. Nas fases iniciais, tais tarefas eram executadas ainda sob a supervisão da esposa, mas com o progredir da doença elas passavam à inteira responsabilidade dele - na maior parte dos casos, havia a assessoria de uma empregada doméstica, que teve papel preponderante na organização e no desenvolvimento das atividades intradomiciliares, tanto no período de doença quanto após a morte da mulher.

Neste período, em quase nenhum dos depoimentos foi relatada a entrada de familiares, amigos ou vizinhos para ajudar sistematicamente no gerenciamento do lar, de modo a atenuar ou dividir a participação masculina. Algumas dessas pessoas se colocavam disponíveis para o caso de haver necessidade, mas, pelo que aparece nos relatos, pouquíssimas foram as ocasiões dessas redes serem acionadas, neste estágio. Uma exceção aconteceu com Éder, já que uma parenta de Edilza veio "dar uma ajuda nos últimos dias". Outra exceção é a presença dos filhos do casal, quando já crescidos. Em relação aos filhos, apenas seis viúvos tinham filhos

adolescentes ou adultos jovens morando em casa, e que podiam ajudar na assistência à mãe; os demais ou eram muito crianças ou não moravam mais em casa, quando o quadro piorou. De qualquer forma, toda a vida doméstica, no tempo da doença, permaneceu circunscrita ao espaço privado da família nuclear.

4.2.1 - DE MARIDO – AMANTE...

Alguns viúvos não relatam explicitamente as alterações nos relacionamentos afetivo-sexuais com as esposas, mas as colocam de forma subliminar. Renato, por exemplo, diz assim: "_Coitada! Ela achou até que eu (.) vivia traindo ela, porque, quando eu queria falar cum o médico, pra não falar:: em casa, eu DESCIA (.) pra falar pelo celular, com:: o médico, num é? E ela achava que eu devia tá ligando pra:: alguém!" (E04: 09). No caso de Rui, a modificação na relação não parece ter vindo apenas com a doença, mas sim como decorrência da idade. Ele diz que não sente falta de companheira, porque "sexo num existe mais pra gente da nossa idade" - ele tinha 70 anos quando a esposa faleceu.

Outros viúvos, porém, falam abertamente das transformações que se verificaram no relacionamento com a mulher doente. Élcio, como já mencionado, conta que teve uma ligação amorosa clandestina, da qual nasceram dois filhos, durante a enfermidade da esposa. Acha que esta morreu sem saber da infidelidade.

A experiência de Ivan é a única onde houve franca hostilidade da esposa para com ele. Ivana pensava e dizia que, de alguma forma, ele era responsável pelo câncer dela. Quando ela contou que estava com a doença, eles tiveram que "reorganizar tudo" para ela se tratar. Ele acompanhou todo o processo, embora fosse agredido constantemente, dizendo que a doença "mexeu, e como mexeu!" com a cabeça dela e com a relação deles. Ivan relata que escreveu uma espécie de diário para registrar esse comportamento de Ivana, e classifica-o como sendo constituído de várias fases: rejeição e agressão ao marido, depois à filha, depois a todos os filhos, depois foi viver em São Paulo por vários meses, deixando a casa, depois voltou e se enterrou no trabalho. Ivan ficava assumindo os filhos e o lar, mas pondera que a conduta dela era como um "_Pelo amor de Deus, eu estou indo embora!", como um pedido de socorro

frente à evolução fatal da doença que ela sabia que tinha. E ele diz que ninguém da família se afastava dela, não.

Valter é um outro que também admite que "durante a doença dela, a gente tinha restrições, tá entendendo?, com relação a sexo e tal". Quando ela adoeceu, já numa fase mais grave, que havia muitas restrições, ela comentava, com uma irmã dela, que seria bom se ele arranjasse uma namorada lá, quando estava viajando a serviço - ele soube disso depois que ela faleceu. Para Valter, isto significava que ela se preocupava com o bem-estar e a felicidade dele, e que a parte sexual era importante:

> - CLARO QUE PRECISA! EU NUM TENHO DÚVIDA NENHUMA! Num tenho dúvida nenhuma que precisa, eu num queria nunca viver só, tá entendendo? E::: NUM DÁ! Viver só pra ficar como? (.2) NÃO! A gente precisa de uma = de uma companhia. (E15: 16)

Mas, quando pergunto se o caso fosse o inverso, se ela arranjaria outro, ele diz que acredita que não, porque a situação é diferente para o homem e para a mulher. Tal construção social está implícita no que diz Giddens (2007: 65): "O aventureirismo sexual era considerado em muitas culturas um traço definidor da masculinidade". O duplo padrão no exercício da sexualidade faz parte, também, da construção da virilidade, inclusive na sociedade brasileira nordestina, embora esteja, aparentemente, em transformação.

O arranjar outro parceiro é ainda ambivalente. Na pesquisa com as viúvas, encontrei a noção do não querer relacionar-se amorosa e sexualmente com outro homem, após a morte do cônjuge, porque "parece uma traição" (Marisa), "seria uma traição" (Silene). Mas, agora, ouvindo alguns dos pesquisados, vejo que não só as mulheres dizem isto. Dentro da proposta de família mais igualitária, na modernidade, que inclui fidelidade recíproca, os sinais de mudança estão aparecendo, mesmo que sejam ainda incipientes. Roberto (E01: 62) coloca que era "uma sensação de culpa, de traição" sair com uma mulher - nessa perspectiva de um relacionamento afetivo-sexual -, nos primeiros tempos de viuvez, e que até hoje[5] ele se comporta, inconscientemente, de maneira a que "todos os investimentos afetivos fossem pra num dar certo" (E01: 40). Assim, a idéia de fidelidade *post-mortem* pode ser encontrada tanto

[5] Este *até hoje* se refere a 20 de setembro de 2006, quando foi feita a entrevista.

no homem como na mulher - resta ver se e/ou quanto tempo este sentimento permanece, na vida que continua. Voltarei a isto, adiante.

Por fim, mostro um outro exemplo da mudança nas relações intersubjetivas do casal, com a instalação da doença. O relato é de Adonias, cuja esposa conseguiu ter uma sobrevida de 17 anos, até que o câncer eclodiu novamente, de uma forma avassaladora. O intercurso mostrou que a vida para o casal não era mais a mesma, e ele fala no medo, este espectro que passou a ser uma presença intangível e invisível no lar. Em suas próprias palavras, eis como foi viver isso:

> – ERA MUITO DIFÍCIL! Foi! ABALOU O RELACIONAMENTO DA GENTE, no sentido de:::, (.hh) QUASE QUE a gente ficou OBNUBILADO por:: por esse::: esse::, digamos, ESSE ESPECTRO, que podia voltar a qualquer momento; essa = esse MEDO - esse MEDO! -, de voltar a qualquer momento era uma coisa, (.) DAS PIORES COISAS! Então, eu não sei::: Você deve ter experiência de pessoas que = que fizeram = que FAZEM controle do câncer, né? Isso, as pessoas estarem SUBMETIDAS a esse MEDO! Chega a época de exames, isso é uma coisa (.) TANTO É QUE, durante esses anos todos, A CADA MOMENTO que ela ia e voltava, nós fazíamos uma comemoração! Então, comemoramos FARTAMENTE! (.2) Tivemos muito, né?, muito AMEDRONTADOS (.)
> *?- Mas comemoraram fartamente a vida, né?*
> – MAS COMEMORAMOS A VIDA!! CADA UMA VEZ, então, ERA UMA DOSE! (.) Tomamos muita dose = muitas doses ((risos)) DE COMEMORAÇÃO! E = e eu SEMPRE FAZIA, eu sempre BUSCAVA (.) forças = forças para estar AO LADO DELA, PORQUE:: ERA PRECISO! E ela encontrou em mim, certamente, esse apoio, né?, FUNDAMENTAL, (.3) é = e::: e::: MAS ABALOU O RELACIONAMENTO, porque::: (.3) mesmo o nosso = o nosso relacionamento (.) AFETIVO, isso era = era = era = era:::, enfim::, PASSAVA POR:: DIFICULDADES, assim, de muita IRRITAÇÃO::! Essa constante = ESSE ESTADO = deixa muito as pessoas apreensivas, ESSA APREENSÃO CONSTANTE, (.hh), é::, modifica muito o humor das pessoas, entende?, - E ELA, que era uma pessoa muito, (.hh) muito:: MAS, a gente = isso não impediu da gente SER FELIZ, da gente (.) TRABALHAR a busca da felicidade. Enfim, ESSA COISA DA DOENÇA, dessa doença (.) estigmatizada, ela foi, na vida nossa, algo PRESENTE, ALGO QUE::: nos = nos OCUPOU, ASSIM, muito tempo da nossa (.) libido, da nossa = das nossas energias, (.2) mas não impediu que a gente::: BUSCASSE SER FELIZ, que a gente procurasse construir a felicidade, (.2) e::
> *?- Viver cada momento, né?*
> – Sobretudo, VIVER, VIVER PLENAMENTE! Viajamos, e = e eu fazia de tudo pra que:::, é:::, ela procurasse ser feliz. Mas foi = foi difícil! FOI MUITO DIFÍCIL! (.3) E eu fico com muita inveja de:: CASAIS que têm:::

> ENVELHECEM, os velhinhos lá, (.hh) lá na saúde, né?, porque:: não existe (.) ESSE ESPECTRO, né?::, ESSA ESPADA sobre a cabeça, (.) CONSTANTEMENTE! (E10: 12-13).

Parece-me que esses depoimentos sintetizam muito do que os viúvos viveram, não necessitando de mais comentários, por agora. Percebo que a mudança na relação, não é devida a uma possível falta de interesse afetivo-sexual, mas sim a uma transmutação nos sentimentos, por zelo, pela qual esse marido deseja dar o que tem de melhor para aquela pessoa, companheira de tantos anos, mesmo no caso em que o casamento não fosse dos mais satisfatórios. É claro que para confirmar isto, eu teria que ter aprofundado os questionamentos nesta esfera - quem sabe em pesquisa futura. De qualquer maneira, como já foi assinalado, mas querendo reiterar agora, penso que um imenso senso de lealdade e solidariedade irrestrita toma o lugar de qualquer indisposição que o casamento possa conter. Pensar, de uma forma talvez até meio cínica ou irônica, que o apoio ocorra porque o marido sabe que a morte chega um dia para livrá-lo da união é, no mínimo, não escutar a fala e a emoção dos entrevistados e, no máximo, cometer um engano e interpretar como inverdade a análise do material dessa pesquisa. Há que considerar também que "Se há facilidade de divórcio, em casamentos duradouros a morte da esposa pode ser muito traumática pessoal e socialmente" (Lopata, 1996: 73). Para o marido, vale o mesmo raciocínio[6].

"Quando se trata de olhar a dor dos outros" (Sontag, 2005: 12), nenhuma dimensão da análise deve ser aceita como algo fora de dúvida, tanto para o sim quanto para o não, enquanto explicação única para o fenômeno - para todo e qualquer fenômeno, vale dizer. Até porque verdade ou inverdade puras e absolutas não existem, ou, pelo menos até o presente, não é algo inquestionável, nem uma nem a outra. Por isso, em Antropologia, um mesmo material pode ser estudado por outros prismas que não aquele escolhido pelo autor: há mais coisas no mundo que nos rodeia do que pode apreender e interpretar um único pesquisador. Neste sentido, concordo com a antropóloga brasileira Mariza Peirano (1995: 63-64), quando diz que

> (...) é freqüente encontrar-se na Antropologia casos de reanálises do material etnográfico colhido por outros pesquisadores. Essas reanálises

[6] Todos os comentários que faço aqui, devo novamente enfatizar, têm como pano de fundo a viuvez em camadas médias e intelectualizadas, onde foi realizado este estudo.

> parecem evidenciar alguns pontos: primeiro, a riqueza do material oferecido por um pesquisador, que sempre deixa resíduos e pistas para uma interpretação alternativa; segundo, que o refinamento das interpretações depende tanto da teoria quanto dos dados - um truísmo que, na Antropologia, mostra de forma exemplar a tese weberiana da temporalidade e da circunstancialidade das explicações e sua perpétua renovação.

Bem, vejamos como o marido passa de amante a cuidador da esposa.

4.2.2 - ... A MARIDO-CUIDADOR

Os cuidados proporcionados pelo marido à esposa eram ministrados ora em casa, ora no hospital, ora em viagens, ora promovendo entretenimento, ora simplesmente estando junto. Quando o marido já estava aposentado, era possível dedicar mais tempo à esposa doente, como dizem alguns viúvos, visto que aquele que "não podia parar de jeito nenhum" tinha que se dividir para estar no emprego e fazer-lhe companhia. Petrônio, por exemplo, não quis transferir para ninguém a tarefa de cuidar da mulher:

> – É, porque à noite quem tomava conta (.) era eu. E, veja bem, aí:: eu ficava tomando conta (.) dela. DAVA E DEI BANHO! Mas ela ((empregada)) também às vezes dava banho, mas eu dava banho também. Mas eu dava banho nela, trocava de roupa, eu (.) sempre fazia isso.
> *?- E não ficava = doía muito?*
> – Se doía? Doía, mas eu::, DEUS FORTALECE A GENTE, entendeu como é? Eu num sei se é Deus, eu num sei o que é, mas Ele = eu me sentia fortalecido. (.hh) Eu tenho um problema de:: de coluna:: mesmo assim, em nenhum momento, ainda pegando ela, que era pesada, pra botar no carro, pra tirar do carro, e num = num = num tive esse problema. Tô tendo agora, entendeu? (.hh) A senhora veja bem, e::: dava banho nela, eu botava no banheiro pra fazer as necessidades dela, tudo isso, num tem problema não, dava banho, botava pra dormir. O:::, JÁ NOS FINAIS, a noite pra ela era muito difícil! A pessoa, em face da doença, perde a musculatura. (.hh) Então ELA NÃO CONSEGUIA DORMIR! (.) Porque ficava virando, à noite, prum lado, pra outro, procurando uma posição sem encontrar. Sentia dores, MAS DORES:: insignificantes, assim, entendeu como é? Só de posição porque:: (.hh) aí eu tinha que passar um remédio gel, uma coisa assim::, eu tinha que dar uma massagem, botar uma compressa, etc., porque ela passou a tomar medicação e:: tomava também

> pras dores, pra tudo isso, pras dores reumáticas, esse negócio todinho, etc.; era acompanhada pelo médico e com medicação, mas aí já num dormia em função propriamente da perda da musculatura, entendeu? Era muito::: muito triste, isso! A noite todinha, a pessoa sem poder dormir!:: Eu num dormia:: Eu ficava acompanhando ela:: num dormia não, mas (.hh) me sentia ALEGRE, FELIZ! Entendeu como é? NÃO ALEGRE:: por ela estar doente. Alegre porque:: estaria ao lado dela, entendeu como é? Todo o mundo dizia: "_Bota uma enfermeira." Eu dizia: "_Eu num boto, porque uma enfermeira não vai dar o tratamento (.hh) que eu vou dar." EU TENHO CERTEZA! Porque:: a pessoa é ser humano, quer dizer, e::: ninguém iria com a doença dos outros, num se compadece ou num vai ter cuidado ali; vira, vira de forma brutal.
> *?- É::: não dava = [não dava o mesmo zelo, né?*
> – [É, o mesmo zelo que eu tinha, é. (E18: 21-22).

Por conta disso, Petrônio acompanhou toda a doença, tendo ainda que mostrar força "pra que eu não desmoronasse". Um outro viúvo, Adonias, também fala da sua participação como cuidador:

> - Então, é:::, a gente se preocupava muito com esse = com essa = essa fase terminal, e::: eu, particularmente, me preocupava muito porque, pra mim, isso era uma coisa que eu não admitia como é que isso pudesse ser. Mas, (.3) a gente já tinha tomado algumas decisões. (.2) E essa coisa de cuidar, (.hh) de::: propiciar o maior cuidado possível, né?, pra que ela:: não sofresse e se sentisse cuidada, eu fiz isso até o momento. (E14: 15).

Outros viúvos também corroboram a atenção dispensada às suas esposas, na doença. Valter (E15: 17) sacou o seu FGTS, usando o dinheiro para sanar algumas dívidas do casal e comprar um carro automático para Vanusa, e o restante depositou em banco e ninguém mexia, pois era "só pra ela e o conforto dela". No caso de Adolfo (E14: 11), como a esposa "num queria botar empregada, eu que lavava a roupa dela, lavava a minha, cuidava no armoço, tudo. Assumi a casa, foi, até o fim! Até o fim!". E o fim chega mesmo, um dia. Todos esses homens viram descortinar o dia (ou a noite) em que as esposas os deixaram e eles tiveram que se confrontar com a visita da morte.

4.3 – O CONFRONTO COM A MORTE

A morte fez sua entrada em cena de formas variadas. Em alguns casos, foi de maneira abrupta, inesperada, causando choque e desespero agudo nos agora viúvos, embora a reação deles fosse de um modo quase sempre silencioso, "sem escândalo". Em outros, a morte chegou paulatinamente, quase mansa, como se estivesse preparando ou dando tempo para as pessoas envolvidas fazerem suas despedidas finais. Em ambos os casos, porém, a dor esteve presente, pois, na maioria das vezes, esta é companheira inseparável daquela.

O debate sobre qual tipo de morte é mais dura ou difícil de lidar, por quem fica, após a perda de alguém significativo, tem mobilizado meios sociais laicos, sejam midiáticos ou conversacionais, e científicos. Por um lado, a morte súbita seria muito surpreendente e, provavelmente, deixaria "coisas inacabadas" em várias esferas da vida do casal; por outro lado, a morte com sofrimento prolongado poderia exaurir o cuidador, se este não tivesse ajuda freqüente de outras pessoas. Para Lopata (1996: 72), que considera ambas as posições como *mito*, as experiências são tão diferentes quanto não podem ser comparadas em termos de graus de problemas para os sobreviventes. Segundo a autora, a consternação experimentada vai depender de fatores diversos e/ou em diversas combinações, como causa ou circunstâncias da morte, idades dos cônjuges ao evento, relacionamento interpessoal ou envolvimento emocional do casal, religião, etnicidade, raça, educação, classe socioeconômica, saúde, composição de moradia e estilo de vida (p. 72-73). Convém lembrar que muitos estudos de Lopata ocorreram na década de 1970, utilizando metodologia sociológica: os achados devem ser vistos sob este prisma, com especial reserva a generalizações indevidas.

Eu estudei viúvos de camadas médias nas duas situações, sempre sob a perspectiva antropológica. Anteriormente, viúvas lidando com a morte súbita (Lago-Falcão, 2003: 111-116); agora, viúvos enfrentando também a morte súbita ou aquela com agonia prolongada. E não vi diferença significativa, unicamente considerando o tipo de morte, fosse rápida ou demorada. Mesmo porque, como é visto em Renato:

> - NESSE MOMENTO, a gente realmente percebe que a esperança é a ÚLTIMA QUE MORRE! Até o último SOPRO DE VIDA, você tá ALIMENTANDO a esperança da = DA VIDA, né?, DA CURA! (E04: 11).

Ou, nas palavras de Roberto (E01: 10), numa avaliação e num olhar psicologizado das camadas médias, mas também pelo seu treinamento profissional: "POR MAIS QUE VOCÊ SAIBA (.) DA MORTE, suas pulsões são de VIDA". Nesta perspectiva, a própria Lopata (1996: 75) cita uma pesquisa de Roach & Kitson, onde estes autores concluem que não há nenhum efeito significante na experimentação da aflição ou na tensão psicológica devido à morte, quer haja advertência/aviso ou prolongamento/demora pela doença, porque, nesta última, as esposas mantêm a esperança na cura até o momento da morte; mesmo assim, para aqueles estudiosos, as mulheres que estavam preparadas para a morte do marido tinham menos distúrbios psicológicos posteriores do que as que não estavam.

Embora outras considerações sejam acrescentadas no decorrer dos capítulos seguintes, parece-me ainda que o fator isolado mais preponderante para o pesar, na perda por morte, seja mesmo a qualidade da relação conjugal, embora, como já foi dito, uma perda em si enseja a vivência de luto. Então, vejamos o que outros informantes falam. Primeiramente, através daqueles que experienciaram a morte súbita; depois, daqueles que vivenciaram a morte com agonia prolongada.

4.3.1 - VIÚVOS DE MORTE SÚBITA

Começo com Roberto (E01). Embora sua esposa tivesse decidido "esticar a corda", quer dizer, não se submeter a tratamentos que ambos sabiam serem não resolutivos para o tipo de doença que portava, com grande probabilidade de ficar com seqüelas inadmissíveis para ela, a morte veio de forma súbita. Ele estava em sua casa, quando recebeu o primeiro telefonema - a esposa se encontrava em outro Estado do país - , e relata esses momentos iniciais, assim:

> - Mas aí, eu tomando banho:: Só que = sabe quando uma coisa não pára? Tim, Diiim, Diiim!!! Aí eu tomei banho, terminei:: (.) Aí:: Telefone novamente tocando, aí era:: um amigo: "_Olha, Roberto, (.hh) teve um probleminha cum Roberta". Aí, eu: "_Morreu!" Aí, ele falou: "_Não, não. Morreu não, passou mal, tá no hospital". Eu falei: "_Tá em coma." Ele: "_É, num tá consciente, mas num tá::" QUERENDO MITIGAR, né? (...) Aí, vai

> todo mundo pro aeroporto. (.hhh) Aí, chegamos lá:: no final da tarde. Ai, quando eu entrei = Eu não SABIA que era morte cerebral. Eu vim saber quando ENTREI LÁ::: (.5) Aí, volta pra dizer isso às filhas. (...) E aí a gente trouxe::, foi TRAZER ((para Recife)). (...) Nessa = até esse instante, eu tava TOTALMENTE (3) É:: TRANSE; era = mas era um transe RACIONAL, eu tava no racionalismo. Sabia que ela IA MORRER, (.hh) eu tava (.3) controlando as coisas. Tá certo? EU TAVA tão controlado que eu disse: "_Vou na casa da minha irmã, vou tomar um banho, e, DO BANHO, eu volto pra cá!" Aí quando = quando terminei o banho, minha irmã, falou: "_Ó, Roberta morreu!" (.3) Aí, eu (.) vou pro hospital. Que aí, (.5) (.hhh) meus amigos todos ME CERCARAM. E elas ((as filhas)) não conseguiam se aproximar de mim! Porque eu estava TO, aí eu = aí eu REALMENTE perdi, assim, (.hh) fiquei EM TRANSE = sabe O QUE É UM TRANSE? De você (.hh) conversar (.2) quase nada e de ficar assim::: CAIR O CHÃO! (Roberto, E01: 22).

No caso de Anísio, a esposa estava junto dele quando foi assassinada. Ele diz que "É AQUELA MORTE::: É A PIOR MORTE que tem! (.) Num é? Pra quem fica!!" O casal se encontrava dentro do carro, com os filhos, quando a mulher recebeu os tiros. Ao ver a esposa ferida, sua primeira reação foi mandar as crianças para dentro de casa e voltar correndo, para se dirigir ao hospital:

> - Eu tava naquele PÂNICO:: (...) Aí, eu deixei ela no::: (.2) Correram pra levá-los pra dentro, e::: Eu volto pra buscá-la. (.) Entendeu? Mas NESSA ALTURA, (.2) num:: me pergunte quem, eu num me lembro. Num tá::: Alguém trouxe, levou eles também pra lá. (.2) Né? (.2) MINHA MULHER, a essa altura, JÁ TAVA MORTA, eu não sabia. Não tinha percebido. Ela não disse uma palavra. (.5) Morreu na hora! QUANDO EU SAÍ, QUE VOLTEI, ela já tava morta! (.) Foi um momento assim, que você::: (.8)
> *?- Perde a noção, né?*
> - Perde a noção de::: qualquer coisa. LEVEI::: ((para o hospital)). Veio uma, ou duas pessoas, a gente carregou, (.hh) ela entrou pra Emergência. PORQUE É BEM PERTINHO, acho que dá::: (.3) menos de cem metros. (...) a clínica quase na esquina. (.3) Então::: QUEM ESPERA UMA COISA DESSA, NÉ? (.3) Então, é aquela história, é = é:: igual:: UM ACIDENTE, é igual um::: É O INESPERADO, NÉ? (.) Quando você tá doente, você sabe que::: que espera (.) uma coisa ruim::: Mas desse jeito, você num pode:::
> *?- É brutal, não é?*
> - DEMAIS! (.) MUITO!
> *?- E, em seguida, tu fizeste o quê? Quando você soube, assim?*
> - Tem alguns::: tem algumas cenas, desse momento, que eu não me lembro, sabe? (.) Num sei se eu fiz questão de apagar::: (...) Eu me lembro que eu

> comecei a ligar pra meus irmãos, e:: NUM TAVA CONSEGUINDO ME LEMBRAR do telefone deles. (.) Certo? (02: 14-15).

Eis outra experiência de morte súbita. Riane, a esposa de Rui, estava internada, para tratamento de uma patologia pulmonar, quando "vomitou sangue". O médico lhe fez entubação endotraqueal, e ela morreu "asfixiada no próprio sangue". As palavras de Rui são:

> *?- E quê que o senhor fez em seguida? Na hora que ele deu a notícia, saiu, e o senhor? Ficou sozinho!?*
> – É, eu:: fiquei ESPANTADO, (.hh) fiquei meio, talvez, MEIO ZONZO, ME AMPARARAM, e:: me levaram para o::: a secretaria, e:: depois ali, pronto! Já tava morta, eu num podia fazer mais nada, num é? (.2) Deixou::, eu num pude fazer carga nenhuma cum o médico, que ele NUM CONHECIA O QUADRO DELA, né?
> *?- E aí, quem foi que chegou logo?*
> – Logo depois foi::, justamente, a nefrologista, e ela falou pra mim: "_Por que não me chamou?" Eu falei pra ela: "_Porque pensei que fosse uma coisa simples!".
> *?- É, o senhor não sabia, né?*
> – Não sabia, é!
> *?- E depois aí, chamou seu filho? Como é que foi?*
> – É, é, chamei, em primeiro lugar, o meu filho. (.2) Meu filho, minha nora, e::: e ACABOU! FOI O FIM! (E07: 07).

Outro evento de morte súbita é o contado por Tácio. Num final de semana particularmente feliz, "maravilhoso e fantástico", o casal voltava de uma viagem de recreação com os filhos, parentes e amigos, "só pessoas muito próximas", quando houve um acidente com o ônibus que tinham fretado. A esposa morreu imediatamente:

> - ((Havia)) muita gente:: extremamente MACHUCADA, eu inclusive, (...) Porque, NA HORA, eu comecei a procurar Taciana, (.) e não achei Taciana. E procurava e gritava o nome dela, ela não respondia. Então, eu olhei pro chão e vi a perna dela, (.) em cima dela várias malas, eu tirei, quando a = peguei ela no meu braço, ela = eu vi que ela tava morta já:: Porque o pescoço dela tava quebrado. E meu filho perguntou pra mim::, (.) aliás, ele chamou: "- Mãinha, mãinha!" E EU:::, a minha intenção naquela hora, ele disse: "_Pai, você tá sangrando!", aí eu rasguei minha camisa, taquei:: no sangramento na cabeça, e::: disse: "- Sua mãe tá dormindo!", num é? (.)

> Aí::, e aí? Eu disse::, aí eu vi minha irmã, entreguei meu filho pra ela, nós estávamos a [mais ou menos
> *?- [Mas você já tinha visto que ela tinha morrido?*
> – Já tinha, nesse momento eu já tinha visto, e::: eu num podia ter outra reação, tava com ele do lado, tinha que entregar:::, (.hhh) e:: subi, com ela nos braços, eu acho mais ou menos uns cinco ou seis metros de barranco, chamei minha irmã (.) e pedi a ela, disse: "_Olhe, não grite, num chore", - eu cum Taciana no braço, disse: "_Taciana tá morta. Fique com meu filho, meus filhos, que eu vou ter que fazer o que eu tenho que fazer". (.2) Nesse minuto, parou:: uma caminhonete, que entrou eu, ela - eu sabia que ela já tava morta, deitei = debrucei ela no meu = no meu = na minha perna, (.hh) (...) E nós fomos pro hospital. Demorou mais ou menos um hora pra chegar::, E NESSE TEMPO, EU::: NUM VIA NINGUÉM, embora tivesse na boléia alguns:: algumas pessoas, eu fiquei me imaginando já, A MINHA VIDA (.) SEM TACIANA, porque eu sabia que ela já tava morta, num é? (Tácio, E17: 11-12).

Outro exemplo é o de Plínio, cuja esposa morreu também de acidente na estrada, decorrente de colisão de um caminhão com o carro dela. A entrevista foi feita cerca de sete meses depois do óbito, sendo este o espaço de tempo mais curto entre a instalação da viuvez e a realização da entrevista, entre os viúvos de óbitos por morte inesperada. Plínio tem alguma dificuldade em falar nisso, e se emociona algumas vezes, ficando com a voz travada na garganta.

Aliás, relatar esses momentos todos, é algo difícil, para os viúvos. Durante a coleta das narrativas, tenho que parar por diversas vezes, dando um tempo para que eles se recuperem da emoção e dor que estão sentindo, mesmo nos casos de ter já passado, pelo entendimento de senso comum, muito tempo da ocorrência da morte, - como para Anísio e Tácio, cuja distância temporal dos falecimentos das mulheres está com 16 e 12 anos, respectivamente. O mais significativo, nesse aspecto, é o caso de Artur, que narra a morte da esposa com muito pesar, chorando copiosamente, após haver decorrido 34 anos da perda.

O mesmo acontece com os homens viúvos cujas esposas tiveram evolução mais lenta: eles também choram, algumas vezes, durante as entrevistas. São estes homens que vão falar agora.

4.3.2 - VIÚVOS DE MORTE COM AGONIA PROLONGADA

Josué, Renato, Josias, Elísio. Gerson, Adonias, Jonas, Hélio. Élcio, Adolfo, Valter, Ivan. Finalmente, Petrônio e Éder. Estes viúvos contam suas diferentes experiências na luta que suas esposas (e eles também) travaram e perderam para doenças de evolução mais insidiosa. Alguns falam num "processo de perda" paulatina; outros dizem que "foi muito rápido", seja para doenças tão breves quanto pouco mais de um mês, seja para outras com mais de ano de desenvolvimento. Contudo, o enfrentamento do momento final foi sempre considerado difícil por todos.

Josias conta que do início dos sintomas e diagnóstico ao óbito houve um período de 39 dias. Ele assistiu a morte da esposa, relatando assim:

> - E::, e aí, foi = foi quando:: ela sentiu-se:: (.) mal e, coincidentemente, eu tava em casa e eu peguei, e trouxe::, foi interna, numa sexta-feira, foi interna numa sexta-feira, e ela::: fez o = fez o coma::, e no domingo ela faleceu, num é? (.3) NO SÁBADO, EU, é::, o médico da UTI, num é?, que acompanhava ela, me chamou e disse: "_Olhe! Eu tenho duas coisas a dizer. A primeira coisa, (.5) é que, clinicamente, a gente num tem mais o que fazer! (.3) A Medicina parou! Certo? (.3) E eu acho que ela tem que ficar::: na UTI, a gente vê ela. A outra coisa, como:: seu amigo, num é?, de tanto tempo! (.5) Eu acho que ela precisa ir prum quarto! (.10) Como não tem mais nenhuma alternativa, (.3) ela vai prum quarto, e fica ali cum você, cum a família, essa coisa todinha!" Aí, eu disse: "_Tá certo!". Então::, chamou-se aí o pai dela, - a mãe não, a mãe tava muito desestabilizada -, os irmãos::; MAS, AÍ::, eu chamei pra ver se eles me davam::
> *?- Apoio?*
> - Um apoio. Mas todos se viraram e disseram: "_Não, a decisão é sua!" Num é? E AÍ, a minha decisão foi que ela fosse ao quarto, lá. E, aí, no domingo, eu tive, NITIDAMENTE (.3) - não digo que é impressão, porque num é impressão, não -, a = a = eu tive a = a = a = A CLAREZA dela querer ficar sozinha comigo, (.) num é? E eu pedi pra todo mundo (.2) SAIR:::, E EU PERCEBI, MUITO TRANQÜILO que::: ali seria o momento que ela iria, realmente, deixar, né? (.) Foi quando ela realmente faleceu::, eu:: FUI MUITO TRANQÜILO, (.) tive toda a tranqüilidade de pegar o telefone, (.) ligar pra enfermaria, (.) sair do quarto, (.) chamar uma irmã que tava próxima de mim, - quando eu saí, ela tava junto -, e eu disse: "_Olhe, ela acabou de falecer! Eu preciso (.) sair daqui, preciso fazer isso!" Aí, o pessoal entrou no quarto, aquela coisa todinha, e eu::, fiquei ali, - foi no

> hospital -, e eu fiquei:: ANDANDO; e NESSE ANDAR, assim, EU NUM PENSEI EM TRISTEZA! Eu pensei, naqueles rápidos momentos do meu andar, de LEMBRAR os anos que eu passei cum ela, rapidamente, num é? Porque eu precisava criar três filhos, (.2) e isso, quando ela fez o coma, tá?, eu num sei se fui assim::, (.3) eu num sei se eu fui EGOÍSTA, (.3) ou eu num sei se eu já me PREPARAVA::, - eu num sei bem o = o sentimento, né? E até hoje eu ainda não::, E NÃO QUERO SABER! Tá? (...) Mas eu comecei a = a VISUALIZAR: "_Olhe, acredito que num tem mais jeito! (.) Que é que eu vou fazer daqui pra frente?" (.) Tá? Então, eu sempre via = via:: é, visualizava, é, os momentos (.) do passado de alegria, certo? E fazia uma projeção do futuro, num é? (E05: 08-09).

Assim, enquanto morte anunciada, podia haver tempo para "um certo preparo" para essa perda, como também conta Élcio:

> - OLHE, é = é = é = A MORTE DELA::: (.5) é uma coisa que eu já tinha assimilado, (.3) pelo tempo (.) DA DOENÇA::, PELO PROCESSO. Tudo que foi possível ser feito:: (...) JÁ processo, então (.hhh) eu não posso dizer a você que = que eu::, (.2) que aquilo foi:: né? ERA UM PROCESSO DE PERDA, ((fungado)) que eu não tinha muito:: JÁ SABIA, né? ATÉ VENDO:: os = os finalmente, que ela já num fazia::, já num tinha mais função hepática, já tinha ido fazer punção na barriga, tirar água, essa coisa:: ENFIM! Esse processo que = que:: que acontece, (.hh) que eu gostaria que minha = que Deus num me desse isso (.) COMO PENA, que me levasse:: (E13: 12-13).

É verdade que este "tempo de preparo" é relativo para cada pessoa, havendo casos em que a morte tenha sido considerada inesperada quando decorrente, por exemplo, de infarto cardíaco, ruptura de aneurisma ou erro médico, no curso de uma patologia orgânica de base. Muitas vezes o "estar preparado" era apenas uma conjectura, visto que o marido sentia um choque quando o óbito ocorria, como se vê refletido em Roberto e, inclusive, no próprio Élcio:

> - EU SABIA que a QUALQUER DIA seria O DIA! (.8) MAS você se engana, você não admite. Você diz isso: qualquer dia é o dia! Você olhava pra pessoa, mas só que:: você não:: depois que a coisa acontece é que você vê que:: tudo aquilo que você achava que ia::: NUM ACHAVA! (E01: 18).

> – É, NUM SEI SE EU ESTAVA PREPARADO. TANTO NUM ESTAVA QUE EU TIVE UM INFARTO! Ela morreu em agosto, eu tive um infarto em abril, (.) do ano seguinte. (E13: 13).

Outras vezes, a morte poderia ser supostamente admitida como um alívio, bem-vinda até, o que resultava num sentimento de culpa a amargar ainda mais a vida do marido quando ela chegava. Neste sentido, o relato de Josué chama a atenção:

> - (...) A COISA FOI muito::: (.hh) Foi uma morte anunciada! (.) Entendeu? Foi um:: processo, não foi assim:: uma morte súbita = você tá bem, e tarará-tatá. (.hh) ((fungado)) Foram 45 dias. Foi um processo de 45 dias.
> *?- Tu sentia:: que ia perder?*
> - (.hhh) É::: CADA CIRURGIA ERA A DEFINITIVA! AGORA SIM, AGORA VAI RESOLVER!! (.2) Tá entendendo? E, aí, ela piorava! Porque ela teve paralisia (.) INTESTINAL, por infecção:: Todas aquelas complicações. (.hh) Então, é = é = E a infecção sendo debelada:: Era uma bactéria extremamente resistente:: Hospitalar! Quer dizer, aquela coisa toda, né? (.hhh) E:::, ENTÃO, quer dizer, você foi (.) A:: Aquela coisa assim, sendo MINADA, sabe? (...) (.5) E:::, NA VERDADE, no final, você tava (.) achando até que seria uma boa coisa, a morte. Você tá entendendo? Porque::: (.hh) ela tava cum o abdome aberto de cima a baixo, (.) exposto, (.) num é? A::: Com dor, (.) dor, dor, dor, dor! Era uma dor (.2) constante! CÓLICAS, (.hh) num é? Aquilo paralisado, bloqueio intestinal, e tal:: (.hhh) (...) Foram MIL EXAMES diários, de furadas:: Sendo furada todo dia, para fazer:: E::: (.3) Longe do filho, longe do = do = do::: ENTÃO::, tipo uma cena que, sabe?, não deixa de ter quando:: Ela, aí, ela entrou em paralisia intest = é:: renal, o rim parou de funcionar, ela começou a INCHAR, (.) aí, entrou EM COMA = a princípio foi induzido = depois ela entrou em coma e tal:: Foi quando ela::: telefonaram, avisando que ela tinha morrido. (.hh) ENTÃO, quer dizer, dentro de toda a louc = não deixa de ser também um alív = nessa hora = um alívio. Você, (.hh) sabe?, (.) porque você vê que você num vai mais pra lugar nenhum, num vai acontecer::, (.2) e:: É UM SOFRIMENTO, um sofrimento, um sofrimento, né?, e que vai num crescente, e, no final, você (.hh) JÁ TÁ, SABE?, querendo "jogar a toalha", querendo desistir! E, aí, vem todo um conflito de sentimento de CULPA, (.hh) sabe?, de você se sentir culpado:: Enfim, PORQUE QUER ISSO! Porque se sente aliviado POR ISSO! Então, esse conflito é muito complicado. (E03: 09-11).

Vejamos um outro viúvo. Renato não assistiu à morte de Renata. Ela passou mal, em casa, e ele a levou para o hospital, onde ficou internada. Com voz sussurrada, ele diz que "aí, num saiu mais!" Os médicos já tinham sinalizado que a situação era "COMPLICADÍSSIMA! PODE SER:: a qualquer instante!" Ele pediu para não a levarem para a UTI, mas quando saiu para resolver um problema, ela pediu para ir, e lá faleceu. A comunicação foi feita por telefone:

> - LIGARAM PRA MIM, E DISSERAM: "_Olha, o senhor tem que vir aqui, que tem um documento pro senhor assinar." Eu disse pro meu irmão, eu disse: "_Olha, ela morreu, acabou de falecer!" Eu já sabia que:: era isso. E JÁ TAVA::: esperando.
> *?- Qual foi o sentimento, Renato?*
> - NUM SEI LHE DIZER QUAL::: era o sentimento. Era uma COISA MUITO::: DIFÍCIL, porque a realidade NUM É ALI, naquele momento. É depois, (.3) num é? É depois. ((fungado)) Primeiro que na = nesse MESMO DIA, é::: a Doutora me chamou e disse: "_Olhe, deixe logo uma roupa separada:: (.5) porque tamos esperando SÓ::: tamos esperando SÓ::" MAS JÁ TINHA LEVADO::: a roupa:: Nessa tarde, eu liguei pra um amigo meu, e disse: "_Rapaz, eu::: queria que você me acompanhasse pra:::: resolver um assunto que eu, realmente, eu num gostaria NUNCA de resolver!" Tive na funerária. (.3)
> *?- Hum. Foi você quem fez essa parte?*
> - É. (.) Tive na funerária:::, já deixei tudo pronto, e:: ainda disse pra senhora lá: "_Sabe? Eu ainda tenho esperança!" (.) E eu disse pra ela: "_Espero não precisar da senhora, mas (.2) o que eu quero é EXATAMENTE isso aqui! Deixe TUDO PRONTO:: (.2) Tudo! Porque se eu precisar, eu vou ligar pra senhora, e a senhora::" Num é? Isso foi (.) cinco horas da tarde, quase seis da tarde. (...) às nove, recebi a notícia; quando eu chego no hospital umas:: nove e meia, dez horas da noite, já (.5) o médico::, já tava o atestado de óbito, tudo pronto::, num é?, e::: eu liguei pra funerária e disse: "_Olhe, aconteceu e::: pode providenciar tudo." Então, eles foram lá:::, providenciaram tudo. (E04: 11).

De um modo geral, são os maridos que se incumbem de "providenciar tudo", isto é, dos arranjos para o funeral, de cumprir "as burocracias da morte" (Lins, 1995: 102), sem o que a inumação não se processa. Desde a escolha do caixão às flores, desde receber o atestado de óbito a prover a documentação para túmulo no cemitério. Nos casos de exceção, em que outros parentes próximos assumem esse papel, todas as providências são colocadas para a

decisão final do agora viúvo. Todos estes procedimentos, que são designados ao e pelo marido, são importantes passos nos rituais funerários e podem contribuir para o processo de elaboração psicossocial da perda, resultando em menos depressão emocional e menos reclusão social, que se atribui à viuvez masculina, de uma maneira geral. Por que isto ocorre? Avento uma hipótese.

O antropólogo francês Arnold Van Gennep (1978: 126-140) mostra a importância dos ritos como marcadores de mudanças nas posições e relações sociais dos membros de uma comunidade. Quando uma morte acontece, os rituais são acionados com o fim de sancionar tais posições e relações entre os sobreviventes e com o próprio morto, e entre aqueles e a sociedade mais ampla. No passado, e nas sociedades mais tradicionais, tais ritos eram/são extremamente complexos, mas a vida moderna e a urbanidade vieram simplificar esses comemorativos. Edgard Morin e Louis-Vincent Thomas, antropólogos franceses, dizem que há uma denegação da morte no Ocidente, como foi visto páginas atrás. No entanto, a também antropóloga francesa Martine Segalen (2002: 61) se contrapõe a essa idéia, defendendo que os ritos não desapareceram, antes sofreram atualizações frente às exigências da modernidade.

Assim, os ritos mortuários também passaram por uma simplificação, com diferentes graus de participação dos sobreviventes. Mas as fases rituais nomeadas por Van Gennep ainda podem ser identificadas: separação, margem e agregação. Nas duas pesquisas sobre viuvez, percebi formas diferentes de envolvimento nesses processos, entre mulheres/esposas e homens/esposos que enviuvaram. No caso das viúvas, sua participação era muito mais passiva, e os procedimentos em relação ao morto geralmente eram efetuados por parentes ou amigos próximos, o que conferia a elas uma estada na fase de margem por tempo às vezes longo ou até mesmo permanente - hipótese que foi confirmada na minha análise, no referido trabalho. No caso dos homens, houve sempre um engajamento ativo nas decisões, de forma que ele próprio, mesmo que acompanhado de um parente ou amigo íntimo, era quem resolvia todas as questões - é claro que ambas as situações decorrem de demanda do grupo social. Avento, então, a hipótese de que esta inclusão/participação ativa nos procedimentos que se dão em torno da morte do cônjuge pode ser um fator determinante para a diferença nos modos como viúvas e viúvos a vivenciam - e que a mesma sociedade prescreve para umas e para outros.

Simultaneamente, penso na eficácia simbólica do rito, como abordado pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1975: 215 e ss). Este autor estudou um ritual Cuna,

levado a efeito para corrigir algo[7] que alterava, e, portanto, era ameaçador, para a ordem social desse povo. Através do rito, a condição era corrigida e a ordem social restabelecida: a cura xamanística consistiria, assim, "em tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos, e aceitáveis, para o espírito, as dores que o corpo se recusa a tolerar". É, pois, através da sua eficácia simbólica que o ritual coloca as coisas no lugar e garante a organização e a perenidade do grupo. Parece-me que esse mesmo raciocínio pode estender-se ao ritual fúnebre, na forma como está colocado nestas páginas: ele supõe mitigar as dores, sejam físicas e/ou psicoemocionais. Penso que esta elaboração de pensamento não contradiz as hipóteses anteriormente postuladas, de que a vivência da perda tem muito a ver com a relação do casal, e que o envolvimento ativo do viúvo ajuda na adaptação a uma nova vida. Pelo contrário, suponho que a eficácia simbólica do rito pode ser a força que impulsiona o viúvo, através da participação ativa nas questões práticas que envolvem o falecimento da esposa, e que permitem essa adaptação à nova situação social que ele enfrenta.

É óbvio que não estou minimizando nem o pesar nem outras necessidades da vida prática dos homens estudados, como a volta ao emprego, a administração do lar, a criação dos filhos. De qualquer forma, parece-me que o lidar com a realidade tão concreta através dos rituais favorece todo o processo da ordem social, incluindo-se aqui reminiscências patriarcais, onde, entre outras coisas, o homem provedor tem na rua o seu lugar e não deve parecer sentimental. O controle social das emoções se faz primordialmente sobre os homens, e isto não é por acaso. As mudanças sociais modernas possivelmente registrarão novos comportamentos, que apenas se supõem hoje, e é dado ao futuro (em breve, espero) demonstrá-las.

Outros depoimentos vêm somar-se aos já descritos. Transcrevo-os, sem acrescentar comentários, apenas para ilustrar algumas outras experiências de enfrentamento da morte. Passo, assim, a palavra aos informantes.

Éder:

> - Ela já tava distribuindo as coisas, exatamente, pra::: assim, com consciência plena de que estava perto da morte, né? E eu sem saber o que dizer, como dizer!
> *?- E como era pra tu, acompanhar isso?*

[7] Tratava-se de um parto, condição natural e simples para o povo Cuna, mas que apresentou complicações nesta eventualidade, necessitando da intervenção do xamã para ajudar no nascimento.

– É como eu digo, eu não tenho medo da morte, (...) era um::: um fato que ia acontecer mais cedo ou mais tarde ou melhor, mais cedo até. E digo com sinceridade, não tenho medo nenhum nem = nem complexo nenhum de dizer isso, não é? Foi o melhor que aconteceu, foi mais rápido, foi:: ela = ela descobriu que tava com câncer em abril, morreu em junho. Pelo menos evitou o sofrimento! Evitou o sofrimento, foi de fevereiro a junho todo o processo. E o bom, não sei se eu posso dizer, bom! Mas, né?, ainda bem que foi assim. Ainda bem que foi assim porque, pelo menos, o sofrimento foi:: foi grande, é claro que foi grande, mas não durou muito tempo, não durou muito tempo. A morte seria inevitável, era algo sem:::

?- Ela morreu em casa?

E – Morreu em *casa.* E ela morreu mais ou menos cinco horas da manhã, a tia foi lá e bateu no quarto, que ela tava no outro e eu tava em outro quarto, bateu no meu quarto e disse: "_Olha, Éder, acabou!" – né? E eu disse: "_Ainda bem!" Foi isso! Fui lá, ajeitei ela e disse:: aí, a = a enfermeira começou os proce = começou com os procedimentos normais:: ((retirar)) o material todo e tal, e eu saí, fui = fui = fui::: comprar o esquife::: e organizar tudo, fui organizar tudo. (E19: 17-18).

Petrônio:

- (...) Que essa doença é uma doença muito::: ruim, porque:: ela = VOCÊ NUM PERDE A LUCIDEZ, (.) mas ela vai eliminando você aos poucos, aos poucos; você perde a voz::, (.hh) você passa a fazer alimentação por sonda, (.hh) entendeu como é? Você passa tudo isso, só num perde a lucidez! É uma doença que eu acho ingrata por isso! (.2) E ela então, teve aqui, na parte respiratória:: Foi quando o quadro começou realmente a se agravar, realmente, e::: agravando, agravando, ela teve uma parada cárdio-respiratória e foi internada, passou (.) uns dias na UTI:: e aí veio a falecer.

?- E a parada foi em casa ainda?

– FOI EM CASA. Em casa, aqui::, eu tava com meu filho aqui:: e eu disse: "_Meu filho, sua mãe morreu!" Ele pegou, botou ela no braço aqui, botou no = no carro, saiu nas carreiras, saímos, fomos pro hospital. (.hh) Lá a equipe foi muito eficiente, deu um socorro imediato, mas ela não (.) teve:: não voltou! E:: embora tenha (.hh) recebido toda:: a DECISÃO MÉDICA necessária realmente, mas num voltou. Aí num voltou mais, (.) num voltou mais. (E18: 10-11).

Adonias:

- AÍ:::, ELA:: se encaminhou com muita = muita = muita luta, muita determinação, pra enfrentar esse estado, essa fase terminal com muita galhardia, com muita (.), né?, (.hh) e foram assim, ela = [ela

?- [Ela faleceu em casa?

> - Ela faleceu em casa. Faleceu aqui no quarto, né?, no nosso quarto, na nossa cama, né? (.) E::, ela faleceu mesmo, ela entrou = declinou mesmo numa semana; numa semana, ela entrou num estágio (.3) que me pareceu (.) que ali era irreversível, (.2) e eu:: procurei a ajuda do médico, pra que ele acompanhasse::, e me sugerisse:: - porque eu num = num = nunca havia lidado com a morte, né? Vi meu pai morrer, mas = mas é diferente, né?, e = e aquilo me deixava muito = muito estressado e muito inseguro. Então, eu e meu filho, (.hh) é::, o médico, (.) e umas amigas muito chegadas a ela, né?, amigas mesmo, dessas de::: do peito, num é? (.hhh) A GENTE (.), é::, ela faleceu aqui, EM PAZ, com a = a:: SERENIDADE que:: os vivos podem desejar pra:: falecer-se. (.3) E:::, COMO ISSO foi, assim, um ponto final, (.2) nessa::: nessa longa:: trajetória de luta contra a morte, e:: luta pela vida, (.) A DOIS, NÉ?, e:: meu filho foi, numa hora dessa, UM:: GRANDE SUPORTE; (.hh) a gente sentiu a cada momento ESSA CHEGADA, ESSE FIM, NÉ? E a gente (.hh) chorava, a gente se = se = se segurava um no outro, né? MINHA NORA TAMBÉM, NÉ? (.) E eu não = NÃO EXTRAVASEI (.) esse = esse círculo da minha intimidade familiar, a gente procurou, é::, PRESERVAR ISSO. (E10: 14-15).

Neste capítulo, estou abordando a doença e a morte das esposas, como narradas pelos viúvos, bem como suas reações imediatas, mediatas e tardias, que representam os eventos e algumas repercussões posteriores em relação ao óbito; nos capítulos seguintes são aprofundados os suportes acionados pelos pesquisados na situação de viuvez. Mas antes de passar adiante, quero mostrar outra grande fonte de contrariedades e decepções, - com incremento mesmo da dor, de que se queixaram os maridos/viúvos. Trata-se do relacionamento estabelecido entre os profissionais médicos envolvidos na assistência às doentes e as suas famílias, na forma como foi descrita por esses homens. Nomeio especificamente a situação com os médicos porque as referências explícitas foram feitas diretamente a eles, e não a quaisquer outros profissionais que eventualmente tenham participado dos atendimentos no percurso doença-morte. E tal situação foi identificada por alguns maridos como uma prática médica desumanizada; por isso, conservo essa mesma referência. Vejamos, então.

4.4 – A DESUMANIZAÇÃO DA MEDICINA

Abordar o atendimento às mulheres doentes, nos serviços de saúde da rede oficial[8], é uma questão que não constava do projeto inicial de pesquisa para esta tese. No entanto, face às menções maciças que surgiram espontaneamente nas narrativas, e com tal força de expressão, decidi incluir essa problemática como tópico específico[9]. Até porque considero a relação com o sistema de saúde como uma forma de suporte a uma pessoa e sua família, na trajetória em busca de resolução do processo saúde-doença que a acomete. Por outro lado, acredito e defendo que o acompanhamento e os cuidados dispensados a doentes devem ser independentes do resultado final do percurso: recuperação ou morte das pessoas diretamente atingidas. Isto pareceria óbvio, não fosse o fato relativamente freqüente com que pacientes, especialmente aqueles denominados "terminais", são relegados a um certo abandono nas unidades de saúde, e em que suas prescrições recebem apenas a recomendação "conduta mantida", sem o médico responsável sequer vê-los por dias seguidos. Por tudo isso, é que são tecidas as considerações seguintes.

Desde a Conferência de Alma-Ata, em 1978, o mundo vê modificar-se a definição de saúde, que deixa de ser ausência de doença, para ser tomada como um estado de bem-estar físico, mental e social. Neste sentido, a saúde é considerada, como o maior recurso para o desenvolvimento social e econômico de um país, assim como uma importante dimensão da qualidade de vida de seu povo. Fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais, comportamentais e biológicos podem tanto favorecer como prejudicar a saúde. Quando estes fatores estão comprometidos por práticas insatisfatórias ou inadequadas, o mal-estar se instala.

O fenômeno doença está presente de modo relativamente comum em todas as sociedades humanas, mas as formas de conceber e lidar com ele tem suas especificidades

[8] Rede oficial de saúde é referenciada aqui como aquela regida pelo modelo da biomedicina ocidental, que tem Hipócrates como pai fundador, e que é resultante do ensino médico sancionado pelo Ministério da Educação do Brasil. Além disso, na acepção abordada, é prioritária a Medicina exercida via planos de saúde, pois foi através dela que a quase totalidade dos casos foi tratada.

[9] Uma das aplicações práticas dessa tese será (na verdade, já vem sendo) a discussão das histórias sob a forma de casos clínicos, com estudantes de minhas turmas de Medicina, sob o prisma de ações desumanizadoras que vêm sendo levadas a efeito no atendimento médico rotineiro, de uma forma até institucionalizada. Mudar essa prática é uma das diretrizes que a reforma curricular do curso médico tem implementado na graduação. Assim, o presente trabalho torna-se efetivamente uma ferramenta a mais para as reflexões que propõem a transformação da relação médico - paciente - família desde a matriz curricular do ensino médico.

culturais. Assim, o estudo do agravo e de sua diversidade taxonômica, etiológica e terapêutica é indissociável da noção de que a doença engloba outras dimensões de natureza biológica, social, psicológica, ecológica, além de uma dimensão propriamente cultural (Verani, 1994: 91). Para essa autora, o estudo das representações sobre a doença é o ponto de partida tanto para a compreensão das medicinas tradicionais, como para o entendimento de como a sociedade ocidental moderna percebe, classifica e define o real no que tange aos eventos relativos à doença. Assim, essas representações variam de acordo com o momento histórico e as condições sociais em que se inscrevem, traduzindo as correntes médicas, os sistemas de pensamento, os comportamentos sociais e os comportamentos individuais. Para o antropólogo francês François Laplantine, "um grupo cultural percebe a experiência da doença e a ela responde com técnicas e rituais terapêuticos que julga adequado" (1991: 11). Como se dá isto na modernidade urbana ?

A medicina científica se fundamenta, ainda hoje, no paradigma organicista, no qual a doença é sempre decorrente de um agravo anatômico, onde a cura é conseguida pela correção do distúrbio físico. Este tipo de concepção, baseada no racionalismo cartesiano, faz resvalar os fatores sociais para um plano secundário, quando não os recusa totalmente. Este cartesianismo vai reduzir o corpo humano a partes separadas, assemelhando-as a peças de uma máquina. E a medicina científica ocidentalizada adota este modelo, passando a funcionar sob tal paradigma, com todos os desdobramentos que o organicismo trouxe para a atenção em saúde no mundo ocidental moderno. Uma das conseqüências fundamentais foi, e é, a negação de outras formas de medicina, que são então estigmatizadas, sendo rotuladas de ineficazes, quando não tidas como irracionais ou mesmo denegridas como charlatanismo pela biomedicina.

Na sua obra *Antropologia da doença*, Laplantine (1991) procura estudar as diferentes maneiras pelas quais homens e mulheres se representam a morbidez, a cura e a saúde[10]. Baseado nos depoimentos das vivências tanto de pessoas doentes quanto de médicos[11] na prática cotidiana, o autor classificou inicialmente a doença em dois pólos: doença na primeira pessoa e doença na terceira pessoa.

[10] O estudo foi realizado na França contemporânea, mas pode ser extrapolado para outros países ocidentais, visto que o modelo médico oficial neles adotado é o mesmo, inclusive no Brasil.
[11] Laplantine denomina de "médicos" tanto aos representantes da medicina legitimada socialmente, quanto aos praticantes excêntricos em relação à normalidade social, aos quais dispensa a mesma atenção (p.15).

A doença na *primeira pessoa* reflete a subjetividade do doente, que interpreta por si mesmo os processos que fazem com que ele se sinta mal ou em boa disposição, mas também a subjetividade do médico (Laplantine, 1991: 15). Esta forma corresponde ao que o psiquiatra e antropólogo norte-americano Arthur Kleinman (1988: 2-4; p; 18; p. 31) denomina de *illness*, ou seja, a forma como a doença é experimentada pelo doente - significando a experiência humana de perceber os sintomas e sofrimentos pelo próprio doente, pelos familiares e/ou pela rede social mais ampla; como todos percebem, vivem/convivem com e respondem aos sintomas e incapacidades; como avaliam os processos corporais de forma a que sejam expectantes, sérios ou requerendo tratamento. Assim, a *illness* é a doença categorizada pelas vias do senso comum, acessível às pessoas leigas no grupo, e por estas explanadas em formas de manifestação e modos de enfrentá-la. Em outras palavras, a *illness* corresponde aos comportamentos sócio-culturais ligados à doença em uma dada sociedade.

A doença na *terceira pessoa* é a apreensão do problema pelo conhecimento médico objetivo ou "valores médicos" a ele atribuídos. Corresponde ao que Kleinman (1988: 05) chama de *disease*: a doença é configurada como uma alteração na estrutura biológica ou no seu funcionamento; é a alteração ou desordem percebida pelo profissional através das lentes teóricas de sua formação particular e de sua prática. O que é sentido pelo paciente e família como *illness* é reconfigurado pelo médico, que o transforma em produtos técnicos limitados sob o termo *disease*. Para Fabrega, citado por Laplantine (1991: 16), a *disease* é a apreensão biomédica da doença, fundamentada em um conhecimento objetivo dos sintomas físicos, relegando o existencial e o social.

Há uma terceira classificação da doença, citada por Laplantine (1991), que é a *sickness.* Segundo esse autor, ela foi introduzida por Jean Benoist, em 1983, visando explicar as condições sociais, históricas e culturais das representações do doente e das representações do médico sobre a doença, qualquer que seja a sociedade. Essa denominação é também usada por Kleinman (1988: 6), que a entende como a compreensão pela população de um distúrbio em sentido genérico, em relação às forças macrossociais (econômicas, políticas, institucionais) que produziriam esse estado alterado; pesquisadores, pacientes, familiares e curadores podem extrapolar da *illness* para a *sickness*, entendendo a desordem-doença como reflexo da opressão política, privação econômica, e outras origens sociais da miséria humana.

A colocação desses modelos classificatórios serve para mostrar que, entre as próprias sociedades urbanas contemporâneas - foram nestas que estes modelos foram primeiramente identificados - existem diferenças de interpretação para as representações das doenças que incidem sobre os grupos, bem como entre os curadores. Nesta perspectiva, a linguagem utilizada por uns e outros são diferentes, e pouco ou nenhum esforço é feito por esses últimos para aproximar os conhecimentos e favorecer o entendimento das informações e a articulação de parcerias para lidar com o adoecer e os tratamentos eventualmente instituídos.

E mais ainda. Nessas sociedades, outras representações vêm juntar-se àquelas relativas às compreensões e práticas do processo saúde-doença. O século XX traz como baluarte a cultura do sucesso e da felicidade sem fim. Para Edgar Morin (2006: 109), a vida na sociedade moderna se fundamenta num culto à felicidade, ao amor, à juventude, ao êxito, ao consumismo, ao individualismo, à vida privada. Denominando-a de mitologia euforizante, esse autor afirma que "ela recalca a culpabilidade, a angústia, o envelhecimento, o fracasso e a morte" (2007: 128). De forma similar, Philippe Ariès (2003: 90) escreve, em relação ao interdito da morte na sociedade urbana moderna, que existe

> (...) a necessidade da felicidade, o dever moral e a obrigação social de contribuir para a felicidade coletiva, evitando toda causa de tristeza ou de aborrecimento, mantendo um ar de estar sempre feliz, mesmo se estamos no fundo da depressão. Demonstrando algum sinal de tristeza, peca-se contra a felicidade, que é posta em questão, e a sociedade arrisca-se, então, a perder sua razão de ser.

Dessa forma, a moderna sociedade industrial e urbana, com seu discurso de produtividade e felicidade, não consegue integrar a existência da doença e da morte no seu âmago. O doente, antes de ficar doente, é e se sente um ser produtivo, integrante de uma força de trabalho, onde se movem as máquinas, as coisas e a sociedade, onde se assentam os valores que o cercam e o fazem aparentemente estável. Eclipsar e escamotear: eis justamente o que caracteriza, hoje, as atitudes em face de doença e morte. Como refere Ana Pitta (2003: 37):

> Adoecer nesta sociedade é, conseqüentemente, deixar de produzir e, portanto, de ser; é vergonhoso; logo, deve ser ocultado e excluído, até porque dificulta que outros, familiares e amigos, também produzam. O hospital perfaz este papel recuperando quando possível e devolvendo

> sempre, com ou sem culpa, o doente à sua condição anterior. Se um acidente de percurso acontece, administra o evento desmoralizador, deixando que o mito da continuidade da produção transcorra silenciosa e discretamente.

Estas representações, presentes em nossas sociedades complexas, fortalecem a idéia de uma medicina exercida para curar, centrada em intervenções regeneradoras das funções orgânicas e reparadoras de defeitos físicos. Não é à toa que os grandes avanços e investimentos se dão no campo da medicina corretiva, como a cirurgia, com utilização de próteses, transplantes, rejuvenescimento, bem como na terapia intensiva, onde as máquinas realizam, no corpo humano, variadas e múltiplas funções de órgãos com lesões irreversíveis, às vezes por meses e meses, sendo negado à pessoa, a quem são destinadas as intervenções, o direito de morrer em paz. Este é um uso perverso da tecnociência, tão em voga nos tempos atuais, para quem pode pagar por ela e que não pode passar sem ela.

Aí, estão, pois, as representações sobre saúde, doença, cura, morte, bem como o imaginário social como um todo, completamente impregnados pelas instituições médicas (Luz, 1997: 81). Mas essas representações estão, também, submetidas a um viés de classe social, como mostra Luc Boltanski (1989), tanto para os médicos/curadores como para os doentes. E nestes, elas são caracterizadas de forma diferente de acordo com as camadas mais populares ou camadas mais altas. Para as camadas pobres, em relação à biomedicina, isto produz hoje nos usuários um estranhamento em relação ao adoecer que não se sentia antigamente, pois a medicina popular se apropriava dos termos científicos, reinterpretava-os e assimilava-os, esquecendo sua origem científica - os mediadores do empréstimo dos termos eram o missionário, a castelã, etc., que já repassavam as palavras descontextualizadas e parcialmente reinterpretadas. Hoje, isso não acontece porque "a freqüência ao médico faz lembrar quem é o detentor do saber médico, representante da ciência e das classes cultas, ou seja, pela esmagadora legitimidade concedida ao saber médico científico" (Boltanski, 1989: 32). Assim, "o 'jargão' profissional, na hora da interação com a população, torna-se um mecanismo de legitimação do conhecimento e justificação do poder" (Scott, 2001a: 20; grifo do autor). Para este autor,

> O uso de falas e cognições diferentes costuma reforçar a assimetria de poder. (...) Quer dizer, o uso de palavras marca posições diferenciadas e isto, dependendo de como é veiculado pode, de um lado, gerar muitos conflitos na comunicação, e, de outro, enriquecer o processo de aprendizagem intercomunicativo (2004: 156).

Observações semelhantes sobre o viés de classe que perpassa as representações em saúde, agora no Brasil, são apreendidas no trabalho do antropólogo brasileiro Luiz Fernando Dias Duarte (1988: 61 e ss) sobre o *nervoso*, categoria de perturbações físico-morais que o autor encontrou tanto nas classes populares como nas camadas médias e altas. Nas classes populares, o sistema do *nervoso* vem concomitante ou alternativamente ligado a outros sistemas marcados por referência religiosa ao candomblé, umbanda ou pentecostalismo, ou a sistemas referidos como medicina popular ou tradicional. Nas camadas médias e altas, o espaço do *nervoso* é compartilhado com o espiritismo kardecista ou espiritualismos orientais, bem como com o espaço das ciências médico-psicológicas e dos saberes científicos. Na verdade, há uma imbricação destas formas à luz do valor que hoje legitima o saber científico, e o faz invadir todas as representações em saúde que permeiam o imaginário social em nosso país.

É neste contexto que vem inserir-se a discussão atual sobre as formas da assistência médica propiciadas aos consulentes do sistema de saúde brasileiro. Nota-se, de fato, um grande distanciamento do profissional para com o doente e sua família, - com a interposição da tecnologia e da utilização indiscriminada de procedimentos diagnósticos e terapêuticos, além do emprego de linguagem extremamente técnica - o que resulta em grande prejuízo para a relação entre essas duas instâncias que, na sua origem, eram parceiras. A conseqüência direta é uma prática médica despersonalizada e fria, com a coisificação do doente, que se transforma num número de leito ou num nome de patologia, configurando, junto com outros atributos, o quadro denominado de desumanização da Medicina.

Há, na verdade, quem questione o uso do termo desumanização, e/ou seu oposto, humanização das práticas sanitárias. Diz-se que se somos todos humanos, não há o que humanizar. Penso que a pertença à espécie *homo sapiens* não é suficiente para isto. Lembro uma pesquisa recente realizada no Brasil, pela antropóloga norte-americana Marilyn Nations e a psicóloga brasileira Annatália Gomes (2007), onde é analisada a relação do cuidado sob a

óptica de pacientes hospitalizados, identificando as competências por eles julgadas indispensáveis na conduta profissional. Chama a atenção a designação dada, por usuários internados em hospitais, a alguns profissionais de saúde, que são referidos como "cavalo batizado", pois se portam com grosseria, ignorância, ruindade, ou dão coice em quem se aproxima, e cuja "única diferença do animal cavalo é ser batizado na igreja, quando o é" (2007: 2105). Isto, na minha óptica, configura um quadro de violência institucional e abuso verbal que não é nada humano, e está negando a ética do cuidado. Por isso, continuo a empregar o termo desumanização da saúde para esse contexto perverso que freqüentemente se observa na prática médica, tanto no serviço público como no privado.

Ao mesmo tempo, quero enfatizar que a minha concepção de humanização está fora de atitudes paternalistas ou meramente assistencialistas, e certamente de práticas autoritárias que às vezes vêm embutidas nas ações humanizadas. Considero a humanização como um processo amplo, onde se busca "resgatar a alteridade cultural, o espaço de comunicação e a compreensão das diferenças de visões e anseios que sempre estarão presentes na relação entre profissionais e usuários" do sistema de saúde (Deslandes, 2002: 177).

A desumanização da medicina é uma preocupação emergente na atualidade. A pobreza da comunicação e a carência da inter-relação que se verifica no tripé médico-paciente-família é favorecida, entre outros fatores, pela superespecialização da Medicina, que transforma o paciente em um aglomerado de órgãos a serem tratados separadamente por profissionais distintos, e que, na grande maioria das vezes, jamais se encontram para a discussão dos procedimentos que indicam para aquele doente, e muito menos incluem mais diretamente esses enfermos. Aliás, o que os especialistas tratam é a doença, não o doente. A unidade biológica da pessoa doente é completamente desconsiderada, bem como a dimensão psicossocial que também a constitui e que entendo como indissociável do seu corpo físico. Nesta situação, observa-se que "cada especialista vê o paciente de sua perspectiva exclusiva. É comum que os médicos tenham problemas de comunicação tanto com seus pares como com seus pacientes" (Drane & Pessini, 2005: 53). Para ilustrar esta questão, transcrevo um depoimento de Petrônio, que viveu isto na pele:

> - (...) porque:: o que me parece que na::: na Medicina, parece que os médicos, um com o outro, num dão muito valor à vida humana! Parece que::: dão mais valor ao EU, ao próprio eu, porque um não fala com outro, (.hhh) se você tiver no hospital, ele num = ele não vai lhe atender naquele hospital, você tem que transferir o paciente pra outro hospital que ele trabalha, (.hh) porque são equipes formadas:: [Num sei bem!
> *?- [Muito fechadas, né?*
> – É, eu não entendo bem não, entende? Mas o que a gente vê, é isso. (.hh) Eu tive oportunidade de levar uma carta de um médico, de recomendação pra outro, - não vou dizer o nome por uma questão ética -, chegou lá, o médico disse assim: "_Eu não entendo a letra dele não!" E devolveu simplesmente a carta. E nem sequer, na hora, disse assim: "_Eu vou dar um telefonema pra:: haver uma comunicação, pra saber e tal!". (.2) Eu devolvi a carta ao outro médico, disse: "_Olhe, quando o senhor tiver uma letra melhor e ele for uma pessoa que tiver uma consideração ao senhor::, o senhor guarde a carta como recordação e:: num = e tome a atitude que o senhor desejar!" Ele disse: "_Eu vou ligar pra ele", "_Bom, esse é um problema do senhor cum ele, NUM É MEU!" (E18: 09).

Lidar com um impasse como este, quando o quadro clínico vai progredindo e piorando, é muito complicado, para pacientes e familiares. Ainda mais quando se necessita de pareceres de outras especialidades. Segundo novamente Drane & Pessini (2005: 53):

> Determinadas necessidades básicas dos pacientes muitas vezes são totalmente desprezadas. E estes podem acabar abandonados na tentativa de integrar as informações vindas de tantas fontes diferentes. Em todos os segmentos do atual sistema médico fundado na alta tecnologia, a comunicação interpessoal tornou-se difícil. A atenção dada à relação médico-paciente é, na melhor das hipóteses, superficial.

A inquietação com que este estado de coisas é responsável por movimentos em prol de atitudes que permitam reverter o que hoje se pratica na Medicina. Denúncias vêm sendo feitas aos órgãos responsáveis pela legislação desta profissão. Embora em alto grau corporativistas, o descaso e até crueldade que se verifica em muitos casos, não podem ser ocultados/ignorados pelas entidades da classe. À medida que as pessoas vão reconhecendo-se enquanto cidadãos, passam a exigir outros comportamentos dos médicos que delas cuidam. Para tanto, vejamos o que dizem alguns estudiosos sobre a problemática.

Entre outros autores, a questão da desumanização da Saúde é bem abordado pelo sociólogo brasileiro Paulo Henrique Martins, sendo tema da sua obra *Contra a desumanização da medicina: crítica sociológica das práticas médicas modernas* (2003). Dentro da ampla discussão sobre o desempenho do médico no espaço-tempo profissional, explicitado no livro, o autor enfatiza o distanciamento na relação entre profissional médico - paciente - família (RMPF), conseqüente à extrema especialização disciplinar, que vem sendo a característica marcante do modelo assistencial médico-sanitário ocidental.

Martins (2003) começa a referida obra mostrando a medicina como um fato social total (p. 30; p. 64), então regido pela Teoria da Dádiva, de Marcel Mauss (1950; 1974). Embasado nessa teoria das mútuas obrigações sociais de dar, receber e retribuir, Martins explica "as práticas médicas como uma trama social inspirada numa certa dádiva médica" (2003: 31). Segundo este autor, o vínculo que se estabelece entre doente e curador é orientado pela dádiva/dom, onde "participam a obrigação e o interesse, mas também a espontaneidade, a liberdade, a amizade, a criatividade" (p. 63), o que a diferencia fundamentalmente do sistema mercantil dar-pagar. No modelo biomédico de assistência à saúde vigente, o processo interativo é interrompido por uma transação mercantil, não havendo "circulação de "bens de cura" (atenção, confiança, palavras, técnicas, remédios) dados pelo curador em troca dos "males" (doenças) devolvidos pelo paciente ao primeiro" (p. 61; grifos do autor). A dádiva produz vínculos e solidariedades, e é isto que se está perdendo na prática médica. Percebendo este problema, tanto pacientes como profissionais buscam a re-humanização da área da Saúde, tentando resgatar a dádiva como princípio norteador da relação interpessoal do processo saúde-doença.

Porque, como já referido, há uma crescente reificação da tecnologia diagnóstica e do arsenal terapêutico prescrito para elucidação e presumida cura da doença. E a mediação na RMPF fica sempre subordinada ao aparato tecnológico e medicamentoso-farmacêutico, em detrimento do caráter relacional que em tempos anteriores vinculava médico e paciente. Para Martins (2003: 34)

> (...) a biotecnologia médica cada vez responde menos à demanda social completa por saúde e cuidados médicos, demanda que, diga-se de passagem, é em primeiro lugar simbólica, por implicar soluções práticas para a angústia existencial e para a insegurança afetiva que são naturalmente geradas pela dor, pelo sofrimento e pela proximidade da

> morte (ou do renascimento da vida). Progressivamente, a biomedicina dominante descola-se do social, revelando dificuldades técnicas evidentes para escutar, traduzir e compreender o sentido social do sofrimento e da dor. A extrema especialização técnica exerce um papel importante para legitimar, em nome do progresso científico, tal desumanização.

A experiência de alguns informantes exemplifica magistralmente o que está sendo dito aqui. A doença da esposa de Petrônio, a quem refiro novamente, foi uma patologia pouco freqüente e de prognóstico letal, e que demandou uma verdadeira peregrinação por consultórios médicos, clínicas de exames complementares para diagnóstico, hospitais. Ele guarda recordações dolorosas desse ano e meio de evolução da enfermidade ao óbito, como se depreende de seu depoimento:

> - Veja bem! A:: Eu:: eu acho que a:: a dificuldade que você tem, primeiro, tá na área médica. (.hh) Ah! Porque você vai marcar uma consulta. Se você num tiver alguém da família que seja médico, você vai ter = encontrar dificuldade. Porque diz: "- Olhe, só tem:: = marca consulta pra daqui a 20 dias." Aí você:: tem que esperar 20 dias! Como a doença dela era uma doença complicada, difícil, aí eu procurava outro médico de outra = da mesma área, mas que tivesse mais próximo. Se era (.) bem ou mal qualificado, eu num sei. Aí eu (.hhh) conseguia! (.) Aí fazia, aí pedia os exames, e eu ficava assim, de mão em mão, de médico em médico, realmente e:::, (.hh) entendeu? Fazer o exame, aí quando pedia o exame, aí o exame demorava mais 10 dias e::: a doença evoluindo, evoluindo, evoluindo, entendeu como é? (E18: 13).

Tudo o que é dito, aí, infelizmente, mas muito provavelmente, deve ter acontecido. Marcar consulta com tal ou qual médico é seguramente facilitado quando o doente tem parente médico que faça a mediação. Por outro lado, no atendimento privado - onde se situam os meus informantes - muitos médicos abrem sua agenda de atendimento se a consulta é particular, ao invés de via planos de saúde - estes remuneram pouco pelo atendimento, além de limitarem a requisição de exames e procedimentos: explicação que, a meu ver, não justifica tal discriminação; então, muitos profissionais restringem o número de atendimentos que fazem para os planos de saúde, destinando-lhes alguns dias por mês. Claro que esta é uma conduta antiética, mas é assim que funciona, muitas e muitas vezes. Os pacientes percebem isso, mas não denunciam como deveriam, receosos de algum tipo de retaliação, caso necessitem de novo

atendimento com aquele médico. Este é um dos motivos da peregrinação por consultórios, quando se procura/precisa de uma consulta em tempo curto.

Outro motivo para ir "de médico em médico" é a baixa confiança nas avaliações feitas pelos profissionais, resultante muitas vezes da pouca relevância que eles dão ao caso, frustrando as expectativas do doente e/ou família. Isto é também decorrente de uma RMPF insatisfatória. Consultas rápidas, queixas não escutadas e/ou não valorizadas, pouca ou nenhuma informação de retorno repassada a quem está fragilizado e com medo da doença, devido ao que ela traz de perdas e sofrimentos: estas são situações comuns vivenciadas por doentes e familiares, principalmente para aqueles com prognóstico reservado. Eis o que diz, ainda, Petrônio:

> - (...) eu digo, o setor médico realmente, às vezes, precisa ser mais HUMANIZADO; na verdade, quer dizer, há:: falta de:: (.hh) de entender o que é o ser humano, O SOFRIMENTO DA PESSOA! Quer dizer, que eles, às vezes, num entendem; quer dizer, (.hh) como disse uma psicóloga, que disse assim: "_Parece que o = o = o paciente terminal já não se preo = não há motivo, num é motivo de preocupação." Quer dizer, aquilo ali é um = já foi = JÁ ERA, como diz a história. (...) Quer dizer, precisa mais ser humanizado; é humanizado na televisão, no jornal, na palestra, entendeu? (.hh) Mas no = no = no íntimo realmente, pouco você vai encontrar uma pessoa que dê a dedicação. PORQUE A GENTE SABE QUE O PACIENTE NÃO TEM CURA! (.hh) Mas o que você quer é um conforto, é uma palavra amiga, entendeu como é? (...) Mas é a forma de transmitir, quer dizer, entendeu como é? De transmitir. E essa (.hh) SITUAÇÃO DELICADA que a pessoa passa, a família passa, o sofrimento, a dor. É, ISSO É QUE É IMPORTANTE de = dos médicos, entendeu como é? (E18: 47- 48).

Em vários outros momentos da entrevista, esse mesmo viúvo retoma o tema da relação com os médicos, onde enfrentou situações, às vezes, até chocantes, como ele conta:

> - Nas consultas que eu ia e:: dado essa gravidade, quer dizer, eu tinha certeza que o médico num podia falar ou num queria falar alguns assuntos, quer dizer, (.hh) mas eu esperava que, pelo menos, ao menos, ele marcasse uma hora e dizia: "_Olhe, ligue pra mim ou venha aqui amanhã, eu preciso falar com você!" Quer dizer, e::: e ME EXPLICAR, me transmitir:: a situação. Embora que eu já soubesse, mas ele num sabia que eu sabia! (.hh) Então, eles não = eu tive um médico, que eu paguei uma consulta, quando (eu cheguei lá), ele disse: "_O que é que o senhor

> deseja?" "_Não, eu num desejo, num vim falar ao meu respeito não. Eu vim falar a respeito de minha mulher." (.hh) E ele chegou a dizer:: - eu vou dizer uma frase, e eu não vou dizer o médico – eu disse: "_Doutor, a minha mulher está melhorando?" Ele disse: "_Você num dorme com ela, não?" (.3) Eu não respondi dada a minha fragilidade ((chora, sem poder se controlar)). Porque a resposta que eu tinha num posso dizer a ele. Eu dizia: "_Doutor, pode ir, eu sempre::" Eu num = num = fragilizado, eu não pude responder! Me levantei e vim embora. (.3) Um neurologista, AH, DE NOME! Todo o mundo::, que tem aqui e tal, mas FOI ESSA A RESPOSTA QUE EU TIVE, tá entendendo? Então, é isso que a gente:: (.hh) essas, assim, essas DECEPÇÕES que a gente PASSA, entendeu? (E18: 48-49).

A lista de decepções, como esse informante chama, foi extensa no caminho percorrido até acontecer o desenlace fatal para a esposa. No modelo assistencial a que a grande maioria está ligada, ou seja, via planos de saúde privada, houve outros entraves na hora de lhes serem disponibilizados procedimentos e tratamentos que achavam que era um direito, tendo que brigar na Justiça para a eles terem acesso, já que eram necessários ao estado de doença da esposa, além de tudo o mais de sofrimento e dor que enfrentavam. Foi o que aconteceu com Roberto e Renato:

> - Aí:: aí veio o GRANDE PROBLEMA que era ligar pra plano de saúde, pra requisitar um avião. Que, aí, o pessoal falou (.hhh) : -"Num adianta operar, está em morte cerebral. (.5) E tá cum::: mantendo pressão cum droga VASOATIVA, e tá::: RESPIRADOR, e:::", etc e tal::: (.hhh) E aí eu = deu aquele estalo! Eu falei: - "Eu num vou sair daqui cum:: meus filhos sabendo que tá levando um CAIXÃO, (.) no avião. Eu tenho que levar ELA VIVA, inclusive pra avó dela, que foi quem criou, vê-la viva". Né? (.hh) Aí, conversei isso com meu amigo. E aí a gente:: plano de saúde. E:::, ((a liberação do)) plano de saúde tinha que esperar a reunião de quarta-feira ((dois dias após)). (Roberto, E01: 20).

> - Pra mim era muito difícil, muito complicado porque:: eu tinha que prover tudo. Eu tinha que::: (.hhh) ter o dinheiro. Porque começamos com uma briga muito grande com o plano de saúde. Porque você vai pro plano de saúde; na hora que VOCÊ PRECISA::, num é? E:: ((pigarreia)) e eu (.) ingressei na Justiça contra (.2) o plano de saúde, e nesse meio tempo, eu NUM PODIA PARAR! (Renato, E04: 06).

Uma outra experiência, já mencionada, foi vivenciada de forma dramática por Rui, que estava com a esposa, quando ela apresentou vômito com sangue e foi submetida a entubação endotraqueal pelo médico que veio prestar atendimento:

> – Num respirou! É. Aí, quando ele ((médico)) chegou perto de mim, ele falou, (.hh) eu perguntei por ela: "_Morreu!" Simplesmente ele falou assim: "_Morreu!" É! SIMPLESMENTE ASSIM!
> *?- Cristo! O senhor sozinho?!*
> – Pois é! Eu levei aquele CHOQUE::, e ele desapareceu! Num apareceu mais ali! (.hh) Quem teve que dar o = o::: atestado de óbito foi a = a médica dela, que era::: era a nefrologista lá do hospital. Ele desapareceu!
> *?- E o senhor estava lá?*
> – ESTAVA LÁ! O médico pediu pra eu sair da sala (.hh) pra fazer o::, eu sabia o que ele ia fazer = entubar! (.hh) Pensei que fosse normal, mas não foi! A médica falou que não podia entubar, tinha que sair o sangue.
> *?- Hum – hum! E como é que foi pro senhor isso, nesse momento?*
> - Desabou tudo em cima de mim, né?
> *?- O senhor nem sabia, né? Nem esperava, né? [Foi uma coisa::.*
> – [NÃO ESPERAVA! NÃO ESPERAVA! ELA TAVA MELHORANDO!!! É! O médico foi infeliz, (.) e eu também, porque deixei ele fazer o = o (.hh) o:: colocar o tubo no::: Num era pra fazer! Num respirou!
> *?- E aí ele veio lhe contar!?*
> – É. Aí, quando ele chegou perto de mim, ele falou, (.hh) eu perguntei por ela: "_Morreu!" Simplesmente ele falou assim: "_Morreu!" É! SIMPLESMENTE ASSIM! Pois é! Eu levei aquele CHOQUE:: (E07: 06-07).

Rui afirma que o procedimento foi a causa da morte, mas não alude velada ou explicitamente, em momento algum, a erro médico, nem exprime censura ao profissional. Antes, assume parte da responsabilidade pelo ocorrido, ao dizer que "fui infeliz porque deixei ele fazer". Resta saber como é que ele poderia evitar isto, visto que as intervenções médicas se ancoram numa legitimidade baseada em alguns fenômenos, como aponta Duarte (2001: 08-11), tais como a condição letrada do saber médico, a razoabilidade simbólica da prática médica, o princípio de relacionalidade/complementariedade desnivelada entre paciente e médico, e a eficácia prática dessas intervenções, garantida por exames sofisticados e procedimentos e/ou tratamentos até certo ponto misteriosos para os pacientes. Além disso, o informante afirma que "não pude fazer carga nenhuma cum o médico, porque ele NUM CONHECIA O QUADRO DELA, né?" Esse viúvo sequer questiona a capacitação do médico, aceitando a imperícia como algo regular.

Além disso, mesmo não havendo erro propriamente (por imperícia, imprudência ou negligência), sabe-se que a eficácia de um tratamento é sempre ameaçada pelo caráter aproximado do saber médico, havendo incapacidade em promover a cura ou a recuperação do doente em muitas situações. E "cada falência é em si um erro, que deve ser suportado pela instituição ou pelo próprio agente" (Duarte, 2001: 13). Assim, o efeito negativo do erro tende a reforçar o já negativo espírito de complementariedade, pois, a tendência geral à despersonalização das relações médico/paciente conduz à impossibilidade de cultivo de qualquer sistema de relações interpessoais e, portanto, à impossibilidade do estabelecimento de um sistema de confiança/confiabilidade (Duarte, 2001: 12).

Neste particular, a psiquiatra suíça naturalizada norte-americana Elisabeth Kübler-Ross (1998: 13), que já acompanhou um grande número de pacientes terminais, questiona os médicos:

> O fato de nos concentrarmos em equipamentos e em pressão sanguínea não será uma tentativa desesperada de rejeitar a morte iminente, tão apavorante e incômoda, que nos faz concentrar nossas atenções nas máquinas, já que elas estão menos próximas de nós do que o rosto amargurado de outro ser humano a nos lembrar, uma vez mais, nossa falta de onipotência, nossas limitações, nossas falhas e, por último mas não menos importante, nossa própria mortalidade?

Uma outra experiência é a de Josué, que já foi citada aqui. Recoloco-a agora porque se trata também de erro médico. O informante conta que

> - Foi uma gravidez, que era uma gravidez abdominal:: E que não foi diagnosticada! (.2) Não foi DIAGNOSTICADA:: Então, foi uma gravidez assim, (.) muito sofrida, (.) muita dor, muita confusão!:: (.hh) E::: ninguém sabia exatamente porquê, né?, o quê que tava acontecendo. (.2) (.) Naquele tempo, ela tava = Tava chegando a ultra-sonografia aqui =, ela fez, chegou a fazer uma ultra-sonografia, que deu gravidez uterina! (.5) Depois a gente foi ver que essa = essa imagem foi uma má avaliação do:: do médico ((que)) estava fazendo a ultra-sonografia, porque ERA UMA SUPERPOSIÇÃO ((de alça intestinal)), e num era uma gravidez uterina! Mas, como = uma coisa que tava começando, e a pessoa num tinha prática e tal:: Então, um erro GRAVE, sabe?! Um erro grave de avaliação. (E03: 05-06).

O informante reconhece o erro do médico, mas não faz mais comentários sobre o desempenho profissional, aqui claramente aparecendo como imperícia. Ele até justifica a falha, como "uma coisa que tava começando, e a pessoa num tinha prática". As queixas da mulher, seus incômodos, não foram valorizados, pois a ultra-sonografia deu gravidez uterina. A avaliação médica se baseou na interpretação de um exame complementar, sem considerar o quadro clínico apresentado. Isto tem sido a tônica da Medicina biomédica, na segunda metade do século XX: tratar exames e doenças e não doentes, num processo de redução incrível do exercício profissional!

Outras vezes o marido nem percebia a insensibilidade do médico ao lhe falar na gravidade do estado mórbido da esposa, e até se envergonhava de ser "ignorante":

> -Tava alta a taxa, ele ((o médico)) disse: "_Tá muito alta a taxa dela. Você tem que levar ela prum nefrologista." Levei ela, fez tratamento, caiu ((a taxa)), né? Mas eu sei que o último exame dela, (.5) o último exame que ela fez da glicose::, deu, parece, que 80. Eu, IGNORANTE, fui muito contente pro Doutor, aí levei o resultado. Ele disse: "_80?! Era melhor que tivesse em 400!" (Gerson, E09: 06).

Quanto maior é a diferença de nível intelectual e social na RMPF, mais os doentes e familiares se sentem envergonhados de sua "ignorância" e maior é o poder assumido pelo médico, enquanto detentor de um saber que lhe dá prestígio e capacidade de manipulações quase nunca questionáveis. Luc Boltanski (2004) demonstra bem isso ao estudar "as classes sociais e o corpo". Tal situação inibe o doente, que passa a ver o médico com reservas. O alerta para a fratura nas relações humanas tem sido dado há tempos. No campo das práticas sanitárias, isto é particularmente importante, visto que "os processos de cura dependem por demais da postura dos curadores e dos doentes" - a possibilidade de intervenção não pode ser reduzida à dimensão tecnicista, mas sim vir apoiada na dimensão simbólica e inter-humana (Pelizzoli, 2007: 133).

Por outro lado, aqueles maridos mais imbuídos de cidadania, concordantes e conscientes dos direitos de suas esposas quanto a usufruir conforto e paz num quadro irreversível de doença, eram capazes de se incluírem nas decisões e intervenções que lhes eram destinadas.

Nestes casos, o apoio do profissional, na fase terminal, estava em assegurar o bem-estar da paciente, sem afastá-la despropositadamente do aconchego do lar. É o que relata Adonias:

> - DE ACORDO COM:: o = o oncologista, nós (.) não iríamos para um hospital, se não fosse pra aliviar uma dor (.) ou propiciar, digamos, uma:: melhora relativa no estado de saúde dela. Se algo fosse:: Pode se prolongar inutilmente, é::, estados dolorosos que a gente sabe que não tem a menor condição, né?
> ?- *É,* são especialistas em distanásia, *exatamente o prolongamento da morte, acompanhado de muito sofrimento.*
> A – Exatamente! A PRIMEIRA COISA QUE FAZ É SEPARAR:: o doente do convívio das pessoas mais = mais íntimas, que é = que é a família, né? De marido, mulher e filho, né? Porque uma UTI não pode ter (.) ninguém mais. Então, limita-se as visitas a:: (E10: 14).

Mesmo se estava internada em unidade hospitalar, o marido procurava satisfazer o desejo da esposa, quando isto significava melhorar o cuidado para com a doente. Hélio diz que fechava a porta do quarto e "nem o médico eu deixava entrar!", quando Hélia pedia para dormir. Por tudo o que conseguiu fazer por ela até o final, esse marido experimentou "uma sensação de leveza, como se tivesse cumprido a minha tarefa com ela!" (E12: 12-14).

Outro aspecto da RMPF foi pontuado por Renato e Adolfo:

> - Ela tinha um médico que::: não tinha, absolutamente, nenhuma fé que ela ficasse boa. Era um médico completamente ASSÉPTICO! Que eu = que eu:::, é = é = é, tinha PAVOR a::: ir a esse médico! Ele tinha uma grande virtude: gostava MUITO de dinheiro! Muito! Muito! (.) Eu chamava ele de Dr. Enxada! Porque ele comia o dinheiro NA FRENTE do tratamento! ((risos)) ENXADA, quando você vai, ela num vai lá na frente? Então, eu chamava ele de Dr. Enxada ((risos)), porque, ANTES DE COMEÇAR O TRATAMENTO, ele:: me cobrava! (.2) É. Médico FAMOSÍSSIMO, aqui! Famosíssimo! (.hhh) E EU::: NUM PODIA SAIR DELE, porque (.2) ela confiava (.) nele! Ele é:: era um cara ABSOLUTAMENTE:: cordial, atencioso, (.) PARA ELA, como paciente! (.hh) Um belo dia, nós estávamos no hospital, e ele olhou pra mim, e disse: "_Olhe! Você precisa falar com a minha secretária, que você está me devendo!" (.15) Né? E ele tava cum alguns médicos de lado e eu fiquei muito chateado cum:: que ele podia dizer tudo que ele quisesse, contanto que tivesse:: fosse:: discreto! (.) E eu também disse pra ele: "_Doutor,

> acho que o senhor tá enganado! Porque, SE ALGUÉM deve a alguém, aqui, é o senhor a mim! (.) Porque, antes do senhor começar o tratamento de quimioterapia, ATÉ suas visitas, que EU SEI que o senhor vem todo dia, ou manda seu assistente, pra me cobrar uma consulta, já estão pagas." (.3) Ele disse: "_Não::" (.hh) Eu disse: "_Verifique::, doutor! E faça UMA GENTILEZA pra mim! Quando o senhor vier me dizer que está tudo pago, as pessoas que estão aqui, faça questão que elas estejam juntas, pra ouvir o senhor dizer que (.) tão todas pagas!" (.3) Aí, pra mim, foi:: a gota d'água! E a gente foi tentar fazer (.) a::: intervenção cirúrgica. Nós fomos pra São Paulo E o médico aqui, achava que era perder tempo! (.3) Num é? TANTO É que ele (.) nem sequer a visitou!
> *?- Ele num entrou em contato, nada?*
> - Nada! Nada! (.hh) O médico, LÁ, quis falar cum ele, ligou pra ele VÁRIAS VEZES, e ele, nem sequer, ele:: retornou. (Renato, E04: 08-09).

> - Apareceu no seio o caroço. Aí o médico disse = conhecido dela, da minha filha, operou mas num tirou = parece que num tirou de tudo, né? Só sei que::, aí pegou a dá dor na cabeça, dor por todo o canto, três anos de sofrimento! Aí, ele = ele:: quando:: ela um dia foi pro médico, chegou, num tomava mai injeção mai. (.hh) Onde FURAVA, estourava! Aí, eu levei po hospital, quando cheguei lá, tem já um lugar pra botar gente que num tem mais jeito, né? E ficou lá, passou:: 15 dia, lá. (Adolfo, E14: 06).

Nestes depoimentos, está claro que a dádiva é interrompida, ficando em seu lugar uma relação mercantilista e de pouca credibilidade/confiabilidade. A desumanização da Medicina se manifesta ainda pela expressão "um lugar de botar gente que num tem mais jeito!" Os profissionais do sistema de saúde esquecem ou ainda não aprenderam que quando a cura não pode ser conseguida, ainda há muito que se fazer pelo paciente e família, dando apoio geral e ministrando cuidados físicos, psicoemocionais, espirituais; minimizando a dor; escutando e até dirimindo o medo de enfrentar a morte, a preocupação com e dos que ficam. A Medicina de Cuidados Paliativos vem para isso, e está em franca expansão no mundo e começando no Brasil, embora chegue como especialidade, não como atitude que deveria ser incorporada e desempenhada por todo profissional de saúde.

Nesta mesma perspectiva pode ser colocada a sonegação de informações ao paciente e família, principalmente quando o doente recebe o qualificativo de terminal, como já foi mencionado antes, neste trabalho. Pois, mesmo sem a especificação clara da gravidade da doença, tanto o marido como a mulher percebiam o oculto. Valter vivenciou isso:

> - Sabia que num tava muito longe, entendeu? Principalmente quando a médica que::, se num me falha a memória, em fevereiro, CERTAMENTE, fevereiro de 2005, a médica suspendeu a medicação; quando ela suspendeu, eu já senti que::: (.) mas pensei que fosse temporário, depois retomasse. Aí Vanusa insistia, quando ia po médico = PA MÉDICA, e:: "_Quando é que eu vou voltar a tomar quimioterapia?" Aí ela dizia: "_Não, Vanusa, vamos esperar mais um pouco pra você se recuperar!". MAS EU SABIA (.) que num era = que num era isso, que TAVA ADMINISTRANDO SÓ A QUALIDADE DE VIDA (E15: 12).

Outro viúvo lamenta a não receptividade dos médicos para com as chamadas terapias alternativas. O próprio informante trabalha com uma delas e diz que:

> - Ó, existe = existe um determinado preconceito da classe médica, né?, de = de = de::: não utilizar esses meios pra ajudar as pessoas. (.3) Isso está muito claro, (.2) por conta das entrevistas que a gente sempre ouve na televisão e no rádio. Parece que os médicos NÃO QUEREM que isso se torne uma coisa prática, né?, uma coisa comum, que possa ajudar::: a tanta gente por aí afora, né? (Hélio; E12: 03).

Mas nem sempre a relação entre médico e paciente/família foi tida como ruim, principalmente se a posição sócio-cultural do marido se aproximava da do médico assistente; e, mais freqüentemente, se havia laços anteriores ligando paciente e família aos profissionais que intermediavam a agilização da consulta: seja por consideração a colega médico, seja por relações pessoais com a família. Josias conta que:

> - E::: consegui que o médico fosse em casa - e foi aí que eu fiz uma grande amizade, assim, cum uma pessoa que eu:: TENHO UMA CONSIDERAÇÃO, ASSIM, ENORME! (.hh) E a outra coisa, né?, você começar uma amizade numa situação adversa, (...) E aí, eu passei essas 48 horas, (.2) eu = eu me senti no direito de não dizer a ninguém, num é? Aí foi quando, eu tava mar = eu tava cum todos os exames, (.3) e aí eu fui = quando eu fui, voltei a esse médico, aí, eu levei o irmão dela comigo, num é? E aí, foi o que ele colocou = ele disse: "_Olhe, não precisa você me mostrar mais nada, porque quando acontece um fato desse, eu recebo a notícia muito antes de vocês, num é? É aquilo que eu disse mesmo, agora vamos trabalhar". Aí, foi que eu:: (.hh) me aproximei de outra pessoa, que

> fez uma cirurgia, - pra fazer biópsia, num é? -, foi outro médico, num é? Que, até hoje, nós somos MUITO AMIGOS! (E05: 06).

A atenção dispensada à sua mulher faz Josias refletir que "E:::, foi aí, que eu comecei a aprender que:::, de repente, você num precisa passar muito remédio bom não. Se você tiver:: CARINHO, se você tiver:: ISSO AJUDA MUITO, né?" (E05: 07-08).

Estes últimos depoimentos anotados só vêm fortalecer a idéia de que é preciso estimular cada vez mais uma prática humanizada no trabalho médico. Uma das vias de se dar isto é pelo reconhecimento da alteridade constitutiva dos múltiplos doentes atendidos. Por tudo isso, incluindo a especificidade de que se revestem as relações entre os profissionais de saúde e as pessoas que são por eles atendidas, enquanto integrantes de mundos sociais diferentes, na maior parte das situações, é que advogo a articulação entre saber antropológico e saber biomédico, a ser efetivado no próprio espaço da capacitação profissional na área de saúde, isto é, dentro dos currículos de graduação. A reformulação do ensino médico e sua efetivação prática, que paulatinamente vai espraiando-se por outras áreas afins, vem ocorrer ao mesmo tempo em que está acontecendo a aceleração dos estudos sociais em Saúde. Como diz Duarte (1997: 69), com muita propriedade, atualmente se vê

> (...) avultar um sentimento de auspiciosa expectativa por um horizonte de convergência em direção ao reconhecimento da 'verdade' do Humano. (...) Verdade do Humano - é claro - no tocante às experiências de sua vida corporal (no sentido mais comum do que chamamos saúde e doença), mas sobretudo no tocante a essa cada vez mais presente sensação de imbricamento entre o corpo e o espírito (ou a mente ou o psiquismo), entre o físico e o moral, como chama Le Breton (1988), uma "medicina da pessoa".

Por fim, talvez seja até desnecessário enfatizar os benefícios que o progresso tecno-científico pode e deve proporcionar ao homem, independentemente de limites culturais. Marcel Mauss falava sobre isto nos inícios do século XX, ao fazer reflexões sobre as técnicas instrumentais que acompanharam desde sempre a trajetória humana. A ciência leva ao avanço técnico, e vice-versa, considerando que "o complexo ciência-técnica é um bloco" (Mauss,

2001: 51). Deixa claro este autor a importância que atribui à tecnologia na história do homem, pois "toda a vida social depende da técnica" (p. 48).

Para Mauss (2001), as técnicas têm como característica serem particulares a uma sociedade e, ao mesmo tempo, extrapolar sua circunscrição, pois, "mais do que qualquer outro fenômeno social, as *artes* são aptas a ultrapassar os limites das sociedades (...). Em toda parte, são a coisa expansiva por excelência" (p. 50; grifo meu). É interessante notar que Mauss usa os termos *técnicas* e *artes* como sinônimos, resgatando um sentido também transcendente que *artes* me parece encerrar, e que se perdeu para o materialismo que hoje está embutido em *técnicas*. No meu entender, enquanto *artes* torna próximas e solidárias as relações inter-humanas e as necessidades e expectativas dos cidadãos, *técnicas* separa-as e impinge uma "fetichização da tecnociência e a generalização e prevalência de interesses utilitários e mercantis" (Martins, 2003: 152). Neste sentido, é pertinente recuperar o pensamento de Mauss (2001: 51):

> [As técnicas] são os mais importantes dos fatores entre as causas, os meios e os fins daquilo que se chama a civilização, e também do progresso não somente social mas humano. Eis o por quê. A religião, o direito, a economia, são limitados a cada sociedade, um pouco mais ou um pouco menos do que a linguagem, mas como ela. Mesmo quando se propagam, não passam de meios para a comunidade agir sobre si. Ao contrário, as técnicas, por seu turno, são o meio, desta vez material, de que uma sociedade dispõe para agir sobre seu meio. Por elas, o homem torna-se sempre mais senhor do solo e de seus produtos. São, pois, um compromisso entre a natureza e a humanidade. Em troca, por esta posição extraordinária, extra-social, têm uma natureza geral e humana (p. 50). (...) Na arte prática, o homem faz recuar esses limites [de sua própria sociedade]. Progride na natureza, ao mesmo tempo que acima de sua própria natureza, porque a ajusta à natureza. Identifica-se com a ordem mecânica, física e química das coisas. Cria e, ao mesmo tempo, recria-se a si próprio; cria, ao mesmo tempo, seus meios de viver, coisas puramente humanas e seu pensamento inscrito nestas coisas.

Estas reflexões sobre a tecnologia merecem ser relembradas, nestes tempos modernos em que novas representações promovem uma reificação da técnica, de forma que o homem está a serviço da técnica, não a técnica a serviço do homem - e que pode tornar-se crescentemente problemático, pois, como acentua Martins (2003: 34), "a inovação técnica não mais está a serviço dos interesses da coletividade, porém de alguns grupos particulares ligados

ao mercado econômico". Esta denúncia é justificada muito especialmente na área biomédica, em que o aparato tecnológico colocou profundas e amplas distâncias na relação profissional de saúde–doente/família/rede social, como foi apontado acima, quando então se perde a confiança básica que uma interação entre sujeitos parceiros e co-responsáveis deve situar no processo saúde-doença.

Nas perspectivas assinaladas acima, vejo que é possível articular, de forma pertinente, o reconhecimento da alteridade e as particularidades dos diversos grupamentos humanos com a noção dos direitos universais, que são inerentes a todos, enquanto cidadãos. Os membros de um dado grupo/sociedade podem usufruir as vantagens que o avanço científico é capaz de promover na sua qualidade de vida sem serem violentados em suas singularidades, pois, como afirma Mauss (2001: 50), as técnicas são obtidas por empréstimo de uma sociedade a outra, elas "viajam"; mas, nos novos locais, sofrem adaptações, porque as diferenças que caracterizam as sociedades por onde elas circulam comandam maneiras diferentes de servir-se delas, e inversamente. Assim, talvez não seja preciso polarizar entre cientistas ou bruxos, utilizando a expressão de Carrara (1994), "mas talvez seja importante hoje, ainda mais que na época de Mauss, reaproximar domínios, costurar retalhos" (p. 34), como afirma este autor. Enfim, viver entre cientistas *e* bruxos.

Muitos autores, especialmente na própria área de Saúde, estão atentos para essa realidade. Dos serviços públicos aos bancos escolares acadêmicos, as denúncias apreendidas estão sendo discutidas, e propostas de recuperação da antiga ligação entre profissional e doente estão sendo estudadas e aplicadas. O movimento é ainda incipiente, mas existe e crescerá cada vez mais, à medida que os profissionais de saúde apreenderem o que diz Scott (1986: 1):

> Problemas de saúde não são fáceis de agrupar como produtos de uma ou de outra fonte. Decorrem de mudanças orgânicas, de formas na maneira de ver o mundo, de mudanças nos papéis que aquele que se identifica como doente aceita como adequado para si, bem como de mudanças intangíveis que só a adivinhação possa sugerir como retificar. É justamente pela doença ser uma convergência de muitos e diferentes estados e processos que não se pode imaginar a cura como sendo assumida monoliticamente por um agente só, como pelo sistema de cura médico, o que é uma alternativa que tem as suas formas específicas de compreender a doença e de como agir frente a ela. Ao enfrentar um

> problema de saúde, as pessoas procuram solução fazendo uso dos diversos sistemas de cura dos quais têm conhecimento.

Bem, de uma forma ou de outra, o desenlace se deu, inaugurando, para os homens estudados, a condição de viúvo. Vejamos suas reações imediatas ao acontecido.

4.5 – REAÇÕES IMEDIATAS À MORTE DA ESPOSA

E a morte chegou. Inexorável, concreta, impiedosa, dolorosa. Os primeiros momentos dessa nova realidade são descritos, pelos viúvos, sob uma variedade de formas. Sentir-se anestesiado", "em transe", "cair o chão", "absolutamente inusitado", "momento difícil", entre outras, são expressões colocadas nos relatos:

> - AÍ:: AÍ, foi um::: foi REALMENTE um = um = um, assim, um transe porque, EU ME LEMBRO BEM, eu quis ter um momento meu COM ELA = o pessoal tava limpando, não é?, tirando a sonda, tudo:: Eu quero um momento meu pra fazer oração. Aí fiz::, eu rezei muito, me abracei, beijei, sei que mais:: Aí, saí. (.hh) Quando EU:: = Eu me lembro disso: que eu SAÍ. Fiquei assim:: (Roberto, E01: 22).

> – Ói, eu = meus nelvos, tudo, oi, FOI FORTE, né?! (.hh) Eu SENTINDO A:: A AUSÊNCIA DELA, mas num tinha o que fazer mai! (Adolfo, E14: 07).

> - Então, quando eu cheguei lá no hospital, uns amigos foram atendidos, nós entramos no mesmo (.) local, o médico me chamou pra costurar:: o meu ferimento, tava sangrando, eu disse: "- Não, eu quero que o senhor atenda a minha mulher primeiro, quero que o senhor diga logo, dê o atestado que ELA TÁ MORTA!" O médico: "- Como é que você sabe que ela tá morta?" Eu disse: "- Porque eu sei que ela quebrou o pescoço." (.2) Aí ele: "- Mas você tem que dá o ponto." Eu disse: "- Eu não vou dar ponto." Mas aí:: aquela loucura, eles:: deram o ponto a cru mesmo. E:: eu não queria, nunca tinha tomado, e ele realmente informou que ela tinha falecido. E EU FUI LEVÁ-LA PARA A PEDRA, dentro do próprio hospital. Coloquei ela NA

> PEDRA, (.2) tirei (.) o:: a aliança, os anéis, essas coisas toda e::: fui atrás dos meus filhos, num outro hospital; (.) quando eu cheguei lá no outro hospital, tava minhas irmãs, a maioria dos acidentados, meu filho mais novo, (teve nada), tinha um ano e pouco, tava com a babá, e o mais velho perguntou: "- Cadê Mamãe?" Eu disse: "- Olhe, ela tá no hospital, mas tá dormindo", continuei dizendo isso. (.2) Para as minhas irmãs, eu falei a verdade, num é? Aí, houve aquele constrangimento (.) normal, eu peguei, LIGUEI para a família dela e:::, e::, é:::, depois, eu fiquei no IML, E::: eu só saí de lá quando o corpo dela foi LIBERADO (Tácio, E17: 12-13).

> - A gente fica:: ANESTESIADO, que eu digo assim, fica:: EU SEI LÁ! É:: como se tivesse::: HIPNOTIZADO, ou tivesse num mundo diferente, noutro mundo até, e depois:: (Petrônio, E18: 17).

Apesar de tudo, as coisas precisam ser feitas, como já foi dito, sendo quase sempre assumidas pelo marido, que recalcam a dor para o seu íntimo: "_Eu tive que ser frio porque tinha que movimentar pra::: AGILIZAR, né?" (Rui, E07: 09). E as providências para o funeral são tomadas, constituindo "AS PRIMEIRAS DORES, né? Além da separação, são essas dores (.hh) da:: de = de = de cuidar:: das dores BUROCRÁTICAS" (Adonias, E10: 16). Às vezes, pendências anteriores com parentes eclodem aí, como ocorreu com Renato, cuja cunhada tentou dificultar a liberação dos documentos referentes a cemitério onde a família de origem de Renata possuía túmulo, e só quando o viúvo ameaçou realizar a inumação em outro cemitério é que resolveu:

> - Se vocês quiserem levar pra lá, num tem:: problema nenhum! (.3) Leva, senão:: vai pra o outro cemitério. Minha mulher já morreu::! Pra mim, onde ela for enterrada não tem::: ((bate as mãos, como num gesto de não importa mais!)), num tem, como diz a história, é::: (.3) num tem importância nenhuma! Aqui, lá:: passou a ser:: menos importante. É coisa secundária. (E04: 12).

Outro momento considerado traumático pelo viúvo se refere ao encontro com os filhos após a morte da mãe. É o que destaco a seguir.

4.5.1 - REAÇÃO DOS FILHOS

A comunicação da ocorrência da morte e o comparecimento ao velório, "para verem a mãe pela última vez", são tarefas assumidas pelo pai, que não as delegam a ninguém mais. Isto é descrito como algo doloroso, difícil, desesperador.

> - (...) e::: FUI FALAR cum meus filhos que a mãe::: tinha falecido, (.) né? O MAIS NOVO num:: entendia, queria a mãe, e:: o mais velho já entendeu; (.) e a única coisa que me veio na cabeça foi isso: "_Meu filho, é:::, (.) sua mãe agora é uma estrela. (.) E você:: olhe pro céu e veja = e procure qual a estrela que você acha que é ela, (.hh) e sempre sorria porque se = que ela vai tá sorrindo pra você. Ela foi:: pro céu!" Aí, ELE CHOROU MUITO, né? (Tácio, E17: 14).

Quase todos os filhos estiveram no sepultamento de suas mães, com exceção das crianças muito novas - estas não foram nem mesmo ao velório, porque "não entendiam" o que estava acontecendo. Para os filhos adolescentes ou adultos, a presença dos amigos foi de grande relevância como amortecedor da dor. Eis o que revelam os depoimentos abaixo:

Roberto:

> - Aí, eu vou acordar as filhas, pra dizer a elas. Imagine o desespero DELAS!! (...) E:::, DAÍ:: a gente foi pro hospital. As filhas reagiram, assim, de uma maneira que EU NÃO ESPERAVA, elas reagiram MUITO MELHOR DO QUE EU. (.2) Num é que tivessem menos dor, MENOS DOR, é que a maneira de reagir foi diferente. (.hhh) Por exemplo, elas choraram muito, mas ELAS = o núcleo de amigos delas, de cada uma, (.3) CERCOU::: por exemplo, cercou, TIROU pra levar pra lanchar, (.2) Tá entendendo? E voltava pro velório, e tirava, e voltava:: QUE ISSO FOI ÓTIMO! (E01: 22).

Anísio:

> - Eu me lembro::; Eu acho que, dessas vinte e quatro horas, fora o momento do:: (.2) quando tudo aconteceu, eu acho que eu tenho::: eu acho que o momento, assim, que mais me marcou, (.3) foi quando eu levei eles lá, (.) no velório. Esse foi = esse foi DIFÍCIL! É::: uma coisa:::

> desesperadora, né?! (.2) Desesperadora! Minha filha, como sempre, ela reage muito cum as coisas::: Mas meu filho, não. Meu filho::: eu acho que ele é contido até hoje, sabe? (.3) Entendeu? (E02: 15; p. 17).

A preocupação com os filhos está clara nos depoimentos. Para muitos desses homens, a situação em que aqueles ficam é extremamente traumática, e, à sua própria dor, vem juntar-se esta outra. Muitos viúvos dizem que era melhor que ele é que tivesse morrido, pois percebem a mãe como mais proeminente na vida dos filhos do que ele próprio:

> - Eu acho que é MUITO FÁCIL (.) ser pai. Muito fácil! Muito fácil! Porque depois você começa a encarnar a responsabilidade de tá junto na doença, de tá no problema da es = escola::
> *?- Que você não participava antes, e teve que assumir?*
> - Exatamente! Que eu não participava. Pro meu filho, foi UMA PERDA MUITO GRANDE! E ele passou um tempão:: ATÉ HOJE, (.2) quando ele faz uma coisa muito importante, aí ele diz: "_Painho, se Mãinha tivesse viva, ela ia ter orgulho de mim!" ATÉ HOJE, ele fala:: Então, pra ele, foi uma coisa MUITO DIFÍCIL! Muito difícil! (...) A menina::: já é MAIS FORTE! (.) Ela já tem:: um temperamento (.) muito próximo a mim. Ela é extremamente racional! (.3) ABALOU, mas ela:: Segurou! (Renato, E04: 13-14).

Éder fala assim:

> - Eu tenho a teoria do seguinte e é uma teoria pra minha filha, eu acho que::: a vida dela seria bem melhor se isso tivesse acontecido comigo do que com a mãe dela, porque pai::: pai é banco, não é?
> *?- É o quê?*
> – É banco. Pai não serve pra nada, é só banco. ((risos)) E de vez em quando pra dar esporro e levar pro campo pra assistir o jogo do Sport, comigo, né? Mas uma criança perder uma mãe, né? Eu acho que não há comparação entre pai e mãe. Mãe é mãe. Mãe é mãe, exatamente! Pai, não veio pra padecer não, veio pra::: não é? Pra::: Pra sustentar. O banco é isso, né? É claro que isso é uma definição particular, né?, uma definição::: mas, se fosse pra escolher, se fosse pra minha filha escolher, né? Eu preferia que tivesse sido eu. Eu não tenho problema nenhum, não tenho medo de morrer, não tenho nada, né? Porque ficou uma criança sem mãe, tá sendo criada pela minha mãe, da melhor forma possível que a minha mãe acha e tal, tudo bem. Mas::: como eu disse, né?, ela = ela talvez tivesse uma

> outra vida, tivesse uma outra vida; infelizmente, mas eu = não sou eu que escolho essas coisas (E19: 19-20).

Palavras que são ecos de um passado histórico. A construção social do sentimento de infância e família (leia-se amor materno), no Ocidente, após o século XVII, trouxe a mulher para o privado do lar e reforçou no homem o papel exclusivo de ganhador do pão. Segundo o filósofo alemão Georg Simmel, já referido neste trabalho, "o núcleo fixo da família não é a relação entre o homem e a mulher, mas entre a mãe e o filho" (2001: 30). Para esse autor, a noção de pai teve que percorrer um longo caminho, desde a posse do filho seguindo-se à posse da mãe, até chegar a essa relação direta e individual entre o procriador e seu filho, na atualidade (p. 32). Essas mudanças na instituição da família e o papel dos progenitores asseguram a existência e a melhor assistência aos filhos gerados. Por outro lado, como "a posse gera o amor da posse", os sacrifícios e esforços desenvolvidos em favor da família fazem investir nela um capital mais elevado (p. 39). Daí que, para Simmel, os sacrifícios materiais denunciam o amor que o pai consagra aos seus destinatários. Entretanto, a partir dessas colocações de Simmel, - datadas de 1895 -, percebe-se que não só o amor materno era regulado, naquela época; ao pai cabia ser o principal mantenedor da família, senão o único.

A despeito disso tudo, penso que o capital investido pelo pai era - e é -, não apenas econômico mas também afetivo. Mesmo que seja bastante discutível a noção de "posse/propriedade" conferida ao homem nas idéias vigentes no século XIX e inícios do XX, elas existiam naquela época e repercutem no presente, e percebo tais reminiscências, hoje, pelo que externam os pais/viúvos em relação às suas proles. Voltarei a este tema no capítulo 6, da criação dos filhos.

Depois do enterro, vem a Missa de Sétimo Dia, realizada por quase todos os viúvos, exceto os exclusivamente espíritas ou agnósticos - mesmo nesses casos, amigos ou outros parentes pedem licença para e/ou comunicam que vão mandar rezar essa missa. A organização desse ritual católico é feita pela família extensa do casal, por parentes (mulheres) na maioria das vezes, embora muitos viúvos digam que escolheram a fotografia e/ou a mensagem para colocar no "santinho" que foi distribuído nesse momento, como lembrança da morta. Este é outro momento difícil, como demonstram as palavras de Roberto:

> - Aí, (.hh) vem a Missa de Sétimo Dia, que é uma PORRADA! Um chute no saco (.) bem dado! (.hh) E que eu acho que é extremamente necessário. Eu acho extremamente necessário! Como (.hh) UM REFORÇO, assim, da sociedade dizer: "_Ó, ela tá morta mesmo, viu?"
> *?- Seria um [ritual*
> - [É UM RITUAL
> *?- [de passagem mesmo, não é?*
> - Hum! MAIOR DO QUE O ENTERRO! Porque o enterro, você tá num TRANSE! E só depois é que caiu a ficha. E CAI A FICHA no sétimo dia, quando vem aquela (.hh) PORRADONA MESMO! (E01: 29-30).

É interessante observar que alguns viúvos conservam esses "santinhos", às vezes, em casa, emoldurados e expostos na sala; outras vezes, guardados na carteira de cédulas. Neste último caso, quando eu perguntava o que os levava a ter na carteira o santinho da esposa, geralmente diziam que "é para ela ficar sempre junto de mim." Inclusive, quatro viúvos me ofereceram os "santinhos" das esposas, que são os de Renata, Plínia, Petra e Ártemis. Renato e Artur me ofereceram cópia xerocada, pois só tinham um exemplar, e não queriam se desfazer dele. Haveria, nisto aí, uma certa intenção de sacralizar a esposa morta, que passaria à categoria do divino e poderia trazer proteção para os que ficam, viúvo e filhos? Pois, mesmo alguns quando recasados, os "santinhos" permanecem nas suas carteiras - como em Renato e Artur. Além disso, o guardar o "santinho" não implica em maior ou menor duração da viuvez, visto que o tempo decorrido desde o falecimento da esposa era tão curto como sete meses (Plínio) ou tão longo quanto 34 anos (Artur).

A partir desta perspectiva, admito como hipótese que o viúvo não santifica a esposa morta; antes, elabora uma espécie de *sacralização*, a qual é mais semelhante à agregação da morta ao grupo dos ancestrais protetores, mais poderosos, que estão inseridos no espaço do sagrado em culturas tradicionais; parece-me que a sacralização ultrapassa a idéia de santificação com que uma viúva qualifica o marido morto, no sentido atribuído por Lopata (1979: 124; 1973: 60). O lugar sagrado ora ocupado pela esposa morta pode justificar a ausência de comparação que os viúvos alegam em relação com as mulheres que entram em suas vidas afetivas novamente; pode também ser útil no desligamento dos laços da união, pois o marido "perdeu a esposa para Deus", e ela própria tem o poder de proteger os seus que aqui ficaram - daí guardar o "santinho" na carteira.

De um jeito ou de outro, para melhor ou para pior, esses momentos terminam. Os rituais de separação se cumprem, e alguns permanecem em atividade no futuro, visando marcar o desligamento com a vida que passou e reestruturar a que começa, em outros moldes. Porque "TEM tanta coisa QUE EU aprendi a viver depois da morte de Roberta!" (Roberto, E01: 08). Alguns dos homens referem que, entre o antes e o depois, experimentaram como que um corte profundo; a doença e/ou a morte da esposa foram "um divisor de águas". Para o próprio Roberto (E01: 29), ainda, o sentimento era de "Eu MORRÍ e não tem mais saída! Então, eu já não estou mais vivo!" (.2) E = era essa a sensação que eu tinha". Josué e Valter revelam que

> - OLHE, EU MUDEI MUITO! Aí = AÍ É QUE ESTÁ A HISTÓRIA! ESSE = essa = esse momento foi um divisor de águas, você tá entendendo? Era, assim: uma coisa que eu me lembro muito (.hhh) é que ela tinha::, eu num me lembro bem o quê. ( ) essas coisas:: Então, ISSO PRA MIM, ACABOU! (.2) ACABOU!! (.) Entendeu?
> *?- Hum! Hum!*
> - Então, eu num tenho mais::, eu = eu num tenho nada de ESPECIAL. Dizer assim: "- Isso aqui é pra um momento especial". Não! Eu tô cum vontade, eu uso. (.hhh) O que tiver de melhor, se quiser botar, usa; bota, se ficar adequado, entendeu? Eu num tenho essa:: sabe?, apego A OBJETOS, COISAS!:: Porque, aí, foi um divisor:: ((risada)), como quem diz assim: essa morte foi um divisor, (.hhh) porque::: é:: eu = eu era uma pessoa muito rígida! (.2) Pense numa pessoa RÍGIDA! (E03: 17-18).

> – Ô = outra coisa que eu queria dizer é o seguinte, é que eu = eu acredito que tenha sido, quer dizer, eu atribuo isso ao:: ao período que:: eu acompanhei o:: o tratamento dela, os quatro anos, quase quatro anos. (.hhh) Então, eu era muito assim:: IMPULSIVO, às vezes até:: AGRESSIVO, (.) tá entendendo? (.hh) E::: HOJE, eu sou mais tolerante, sou mais:::, pondero mais as coisas e num me::: num me::: (.) eu costumo dizer que eu não proce = MUITA COISA, EU NÃO PROCESSO, tá entendendo? Faz de conta que num aconteceu:: Mudam os valores. É, é, é. (.hh) Por exemplo, uma pessoa se = se vier me fazer uma censura, eu nem tô:: tô muito pouco preocupado. Porque tem coisas mais importante pra gente = pra gente::: (.) pra gente se preocupar. E:::
> *?- Eu tenho escutado isso muito, muito! Nas entrevistas mesmo, assim dizendo:: tem um que falou assim: "_O impacto foi tão grande, que eu disse = que eu vi como aquilo tudo:: [tem outra dimensão". Né?*
> – [É, muda, muda, muda, muda, muda! MUDA MUITO, MUDA MUITO! A forma de encarar [a vida:::, entendeu?

> *?- [A vida, as coisas, num é?*
> – É, tá entendendo? Então, EU ACHEI:: QUANDO EU ME LEMBREI, eu digo: "_Não, isso aí, eu num posso deixar de dizer não!::: "_Eu não posso deixar de dizer não!" (...) Pronto! Então = então::, aí, o:::, quer dizer, eu tô MUITO MAIS TOLERANTE! (E15: 25-27).

4.6 – REAÇÕES E PROVIDÊNCIAS MEDIATAS E TARDIAS

Paulatinamente, os dias se sucedem e uma nova fase se instala na existência desses homens. Organizar-se nos primeiros meses é necessário. No entanto, isto se faz de modos bastante variáveis. Para alguns, há uma mudança radical de visão de mundo, a partir da morte da esposa. Para outros, a grande modificação é se assumir pai e dono de casa em tempo integral, porque agora estão e estarão desempenhando as tarefas também da mãe e dona de casa falecida - os viúvos assim se consideram e o verbalizam, como será visto adiante.

Reações e providências mediatas e tardias têm lugar, representadas por tudo aquilo que se estabelece de novo ou, melhor, que se reestrutura em novos moldes, frente à vivência da viuvez. Na verdade, essa classificação é aleatória e arbitrária, visto que tais reações são variáveis na duração e na intensidade com que são vividas. Contudo, os primeiros anos são os mais difíceis, dizem homens e mulheres que enviuvaram - depois, há uma espécie de acomodação da dor: "ela fica mais vazia", disse-me uma viúva; "as coisas não tão apagadas, só tão adormecidas", disse-me um viúvo. Para a sabedoria popular, o tempo tudo cura, mas as marcas do que se viveu permanecem: "O tempo é o remédio dos remédios. O tempo cura, o tempo cicatriza. Alguns momentos serão eternamente inesquecíveis! As lembranças, sempre eternas! Mas o tempo ajuda você a conviver com essas coisas. Você sofre (.) bem menos." (Renato, E04: 24-25). Este período é, para a maioria dos autores de orientação psicológica, como o mais intenso em termos de sintomas emocionais, como tristeza, depressão, somatização.

A designação de mediata ou tardia, como aqui é referido, é também uma atribuição minha. Chamo de reações e providências mediatas àquelas que ocorrem até o fim do primeiro mês; as tardias são as que seguem a partir daí, sem limite preciso de tempo final. Realmente, parece-me que estas últimas não têm um fim marcado, podendo persistir para sempre, embora

a vida continue, pois incluem as lembranças que ficam da experiência vivida, bem ou mal, com a esposa que se foi.

Mais outra questão. Embora algumas vezes não esteja explicitado, considero que as reações se mesclam e/ou se revelam com e/ou através dos rituais[12], que inscrevem, traduzem, orientam as modificações na vida subseqüente. Os ritos também constituem sistemas de suportes para a superação do pesar e retomada da vida que deve e precisa continuar - aprofundo este argumento na pesquisa anterior, com as mulheres enviuvadas (Lago-Falcão, 2003: 155), e penso que ele é pertinente também na viuvez masculina, agora vista.

Quero reafirmar que as reações mediatas e tardias correspondem, grosso modo, aos eventos que se seguem à Missa de Sétimo Dia e/ou cerimoniais correlatos, seguindo-se à primeira semana de viuvez e estendendo-se para o futuro. Este período, particularmente os primeiros meses, é vivido com muita dor e certa confusão existencial. Há viúvos que falam assim:

> - E quem disse que eu dormia? Não dormia, não dormia, não dormia, não dormia, e quatro horas, e cinco horas, e seis horas, e eu NUM DORMIA! (.) Aí, o dia INTEIRO. Num ERA SÓ a dor de ausência, era UMA ANGÚSTIA (.) SEM FIM, de não parar de chorar, (.hhh) e de NÃO TER VONTADE de trabalhar, de num ter vontade::: num ter vontade DE NADA! Só fumar, não ter vontade DE COMER = eu PERDI 20 quilos em um mês e meio! (Roberto, E01: 27).

> - (...) nos primeiros meses, no primeiro mês, você pensa que a pessoa VIAJOU mas que VOLTA, (.2) num é? E SÓ AGORA, vamos dizer assim::, é que o quadro vai:: a gente vai = fica se sentindo sozinho realmente, quer dizer, (.hh) TEM DIFICULDADE de = de = de viver, entendeu como é? (Petrônio, E18: 17).

> - (.hhh) NESSA HORA, eu num queria nada! Eu num queria, porque eu tava mui ((risada curta)) eu disse assim: "_Olha, eu tô muito louco, eu tô muito doido, e eu preciso fazer alguma coisa!" Eu fui fazer análise porque eu tava MUIIITO doente! Entendeu? Muito mal! Eu tava MUITO MAL!! (.) Eu

[12] Usei classificação semelhante no estudo com as viúvas (Lago-Falcão, 2003: 117).

> tava, (.2) EU NÃO TAVA SUPORTANDO::: A SOBRIEDADE, entendeu?, não tava suportando a lucidez, não tava suportando nada!! (Josué, 03: 12).

> *?- Fica com uma lucidez, não é?*
> - É, exatamente! (.) ESSE que é o problema! Você perde = você perde A ILUSÃO DA VIDA! É um estado de lucidez que você NUM FANTASIA. (.hh) É concreto vinte e quatro horas por dia. Esse que é o problema! (Roberto, E01: 32).

As mudanças que se verificam no homem enlutado atingem todas as dimensões que o constituem. Por isso, físicas, emocionais e sociais. Nada mais é tido como especial, permanente, no sentido de guardar para depois. É o concreto, o aqui e agora, que passa a prevalecer. Daí que alguns começam a agir de forma até "irresponsável", como diz Josias adiante, surpreendendo a ele próprio, "que nunca foi assim".

Repercussões psicossomáticas surgem ou se exacerbam, em vários casos. Entre os meus entrevistados, encontro, como mais freqüentes, insônia, angústia, anorexia, perda de peso, síndrome do pânico, depressão, infarto, problemas de coluna. Estas reações se dão e representam a fase de luto, no nível emocional. Até algum tempo atrás, houve grande discussão sobre a caracterização do tempo do pesar no processo de readaptação de enlutados. Numerosos estudos de cunho psicológico e/ou psiquiátrico, verificados nos últimos 30 anos, vêm demonstrar que o curso "normal" da dor tem sido alargado, não sendo mais classificado como patológico só por um lapso de tempo. Entre as conclusões dessas pesquisas[13], observa-se que não apenas muitas pessoas mantêm envolvimento emocional "infindável" com o morto, como esta ligação amiúde representa uma adaptação saudável à perda de alguém amado: "vários traços do pesar, particularmente aqueles relacionados às condutas afetivas, foram encontrados vários anos após a perda", isto é, "parece que alguns aspectos do pesar podem nunca terminar para uma significativa proporção de pessoas, quanto ao mais, normais" (Shuchter & Zisook, 1999: 25).

Este é um achado promissor, na medida em que supõe a retirada do rótulo de doido de quem permanece com a lembrança da pessoa querida que se foi. Tanto as conseqüências quanto os rituais de celebração da morte não terminam com o funeral - os antropólogos bem o

[13] Shuchter & Zisook, 1999; Goin, Burgoyne & Goin, 1979 *Apud* Shuchter & Zisook, 1999: 25.

sabem. Diversas culturas promovem elaborados cerimoniais por períodos extensos de tempo, após a morte, e isto não é sem razão. Entretanto, é característica da sociedade ocidental complexa, especialmente nos Estados Unidos, Inglaterra e França - paises centrais e/ou canônicos da cultura moderna -, a simplificação dos rituais e a contenção pública de sentimentos, com a recomendação, supostamente mais adequada, de se manter uma aparência discreta e conduta controlada das emoções (Lopata, 1996: 93). Os sentimentos e emoções serão abordados no capítulo 7, mas antecipo essas considerações porque são reações entre mediatas e tardias.

Por outro lado, a persistência das reações de pesar, certamente, pode significar a expressão obrigatória de sentimentos para com o morto, à la Mauss. Helena Lopata (1979: 126) diz que, na sociedade norte-americana, uma das poucas obrigações levadas para a viuvez é a obrigação de se recordar e de fazer o luto pelo cônjuge falecido, seja este o marido ou a mulher. Não basta sentir, há que demonstrar, pois, se não o fizer, a sociedade censura, clara ou veladamente. Para Roberto DaMatta (1994: 25), no Brasil, é a saudade a categoria sociológica que traduz esse dever de expressar os sentimentos a respeito de quem se foi.

Eu encontrei isto entre as mulheres que estudei. E, também, entre os homens, quando falam da saudade que sentem da esposa morta. Entretanto, as diferenças de gênero, neste particular, são patentes nas pessoas enviuvadas que pesquisei[14]. Entre as mulheres viúvas, percebo que elas são mais vítimas e mais sensíveis aos regulamentos e também às críticas, familiais e sociais, feitas quanto à memória que exteriorizam ou não, do marido morto. Por exemplo, uma das viúvas, por mim investigada, foi muito censurada por não usar a cor preta, símbolo do luto (Lago-Falcão, 2003: 143); outras diziam que não podiam sair para se divertir, mas sim para trabalhar; outras mais não eram convidadas para reuniões festivas pelos amigos. Já os homens, quando inquiridos sobre sua conduta geral, jamais me pareceram preocupados em seguir qualquer padrão pré-estabelecido: faziam o que queriam, e como queriam. Os depoimentos de Josué, Josias e Adonias resumem isto:

> - Por isso, veja bem, eu = eu = eu acho que uma coisa assim:: eu ia fazendo as coisas sem essa pré-determinação, você tá entendendo? (.hhh) Eu TENHO que ficar assim, ou TENHO que adotar essa postura. (...) Eu num

[14] Convém ter sempre em mente que meus estudos na temática da viuvez se reportam a pessoas de camadas médias burguesas, na sociedade pernambucana, neste início de terceiro milênio.

= eu não tomei NENHUMA ATITUDE PRÉ-DETERMINADA, falar assim: "_Bom, como eu sou viúvo, eu num posso:: (.hh) eu num posso ir pra uma festa, ou eu num posso ir trabalhar, ou eu num posso:::" Você tá entendendo?
?- Hum! Hum!
- NÃO! Eu num = num tomei nenhuma atitude estereotipada, sabe? (.hhh) Daquela assim: FODA-SE! Se alguém achar que isso não tá MUITO BEM, ou se achar que tá ruim, ou::, FODA-SE! Mas era assim: foda-se, foda-se mesmo! (.hhh) Num tinha = NUNCA ME PREOCUPEI se alguém vai achar assim ou assado (Josué, E03: 15).

- AH, MAS EU FUI IRRESPONSÁVEL! AH!::: EU SAÍA, TOMAVA TODAS! Tinha um amigo que saía, bebia comigo, a gente conversava:: (.hhh) E outra coisa: a programação não constava mulher! NUM PRECISAVA DE MULHER! (.) Era o quê? EU SAÍA, EU PRECISAVA (.) fazer isso, num é? (2.) É PORQUE EU QUERIA! Eu precisava dizer assim: "_Puxa, eu tenho que fazer alguma coisa, agora, QUE MEXA COMIGO! Pra depois EU SENTAR e retomar minha vida." Entendeu? (.hhh) Então, como eu sempre, assim, tentei ser uma pessoa muito responsável::: É! Uma fase IRRESPONSÁVEL! (Josias, E05: 17-18).

- Já que eu (.3) NÃO DEVO SATISFAÇÃO A NINGUÉM, num é?, (.hh) a ninguém mesmo, AS DECISÕES minhas, aí, (.) de = de SAIR DE CASA, voltar a hora que eu quisesse, (.hh) e::, então, empreendi algumas viagens, né?, ao Exterior, à Argentina, ao sul do Brasil, uma série de viagens no Pantanal, - coisa que ela num iria nunca, porque o Pantanal::, ela não gostava de (.hhh) de mosquito, de bicho, de peixe, nunca foi coisa pra ela, né? – ENTÃO, PROCUREI FAZER UMA SÉRIE DE COISAS, AÍ, É::, (.3) DE SAÍDAS E DE PROGRAMAS E DE VIAGENS, PRA ENCHER O MEU TEMPO E:: IR BUSCAR UM POUCO A MINHA FELICIDADE, né? (.2) É::, alegrar minha cabeça, espairecer, né? (.) Isso::, procurei fazer:: (Adonias, E10: 28).

- Então eu digo: "_Eu num tenho satisfação a dar a ninguém!" Então, eu vou no shopping quando quero, eu vou no = num canto; quer dizer, (.hh) podia alguém dizer: "_Mas, rapaz, a mulher morreu faz uma semana e tá no shopping?" Pouco me importava, isso era::, eu tinha consciência = na minha consciência, o meu dever cumprido, e:: a minha:: LEALDADE a ela até hoje, entendeu? (Petrônio, E18: 25).

Estas falas parecem confirmar o que Britto da Motta (2002b: 266) escreveu: "Aos homens viúvos nada aconteceu, jamais. Nenhuma preocupação ou sanção social, nenhum problema que ultrapassasse a subjetividade individual". É esta subjetividade individual que é expressa quando o viúvo diz que precisa fazer alguma coisa que "mexa comigo", ou "ir buscar um pouco a minha felicidade". Isto não significa que um viúvo sinta menos pesar pela perda da esposa do que uma esposa sentiria pela perda do marido, mas, socialmente, há prescrição e proscrição muito menores em relação a ele, questão que me parece fora de dúvida. Por isso, também, parece-me que há mudança na visão de mundo do viúvo, mas o *ethos* varia pouco.

Volto às reações vividas e providências tomadas pelos enviuvados. A percepção de que o mundo continua a girar é surpreendente, para alguns. Pois se algo tão devastador aconteceu para com eles, como é que lá fora tudo continua igual? É interessante ver a superposição do público e do privado, do individual e do coletivo, acontecendo e desnorteando o viúvo. É mesmo num estado anômico que eles se encontram. Adonias (E10: 19) relata assim:

> - BOM, MAS OS PRIMEIROS MOMENTOS DA = DA (.3) da minha = da minha viuvez foi:::, a primeira coisa foi = eu fui pra casa do meu filho; (.2) eles me acolheram em casa (.2) deles, e:::, e eu = eu, eu fiquei muito feliz, porque era uma hora que eu (.3) precisava de DAR UM TEMPO pra poder, (.) é:::, digamos, pra eu PODER AMADURECER, ((pigarro)) TRABALHAR (.) essa = essa separação, né? E EU PRECISAVA DE TEMPO!

Para Renato (E04: 15):

> - Depois que ela morreu, (.3) num é?, é:::, eu fiquei tão:: PERDIDO (.3) que fiz um mundo de:: de besteira! Na tentativa de:: SUPRIR A FALTA, (.2) né? É:::, você num quer admitir, mas na realidade, na realidade, você era uma pessoa (.) dependente, você era uma pessoa (.) EXTREMAMENTE carente; porque, de repente, você (.2) PASSA A PERCEBER, num é?, que sem mulher e sem mãe, é uma coisa (.) INFINITAMENTE DIFÍCIL!

Petrônio (E18: 23) também conta como foi viver os primeiros meses[15]:

[15] Lembro que esta entrevista foi feita cerca de sete meses após o óbito de Petra.

- NUM É NECESSIDADE de lavar a casa, lavar prato, fazer comida não. É necessidade de convivência, porque:: (.hh) você num tem uma pessoa, vamos dizer assim, uma mão amiga::, você num tem um abraço fraterno, você num tem:: um beijo sincero, um abraço sincero que nem com ela.
?- Quer dizer que você sente mais falta [da companheira?
– [Da companheira! Porque a:: a casa tá funcionando, né? A CASA, ELA VIVE (.) independente de:: de ela estar viva ou num estar = ou num estar, porque:: - embora era quem tomava conta da casa; ela fazia questão de tomar conta da casa dela. (.hh) Mas é que você num tem uma pessoa amiga, você num tem:: a:: palavra amiga, você num tem::: aquela palavra sincera, um abraço, [num tem:::
?- [Não tem com quem [compartilhar::
– [Não tem com quem compartilhar!:: Os momentos, a vida, né? Exatamente!
?- É, eu sei!

Este último depoimento, feito por Petrônio, sugere que o lugar que está vazio é o da parceira da vida, da companheira afetiva, não o da dona de casa, nem da mãe. Isto vai de encontro à idéia de Durkheim (2000) de anomia matrimonial, - já referida no Capítulo 1-, que se estabeleceria quando o casamento termina, seja por morte de um cônjuge, seja por divórcio ou separação, situação que pode ter como conseqüência o aumento na taxa de suicídio de viúvos, esta sempre maior que a das viúvas. Segundo o sociólogo francês, o limite que o casamento monogâmico impunha, lá pelos idos finais do século XIX, seria mais benéfico para o homem, cujo desregramento da vida de solteiro e busca infindável de paixões e prazeres seriam por si só desgastantes e anômicas - "uma fonte de tormentos" (Durkheim, 2000: 353). O casamento, neste caso, tinha uma influência reguladora sobre ele, moderando suas inclinações e resultando num bem-estar moral (p. 351). A mulher era mais tolhida na sensibilidade e no acesso ao mundo, com sua liberdade inteiramente cerceada, pelo simples fato de ser mulher; ao casar, saia do jugo do pai para cair no jugo do marido. O casamento, assim, era mais pesado para ela e sem as vantagens que ele usufruía, não os favorecendo igualmente, pois "seus interesses são contrários: um tem necessidade de coerção, o outro de liberdade" (p. 351). Concepções próprias de um outro momento histórico.

Hoje, com as diferenças que estão sendo abolidas nas assimetrias dos direitos e deveres de homens e mulheres, cuja principal frente de luta foi e é o movimento feminista, as coisas se modificam. O projeto comum que o casal deve desenhar para sua vida conjunta, dentro de uma

relação mais igualitária, faz com que a anomia que se instala à viuvez afete, pelo menos no mesmo nível, tanto a sociedade conjugal quanto a sociedade doméstica. Isto me parece bem claro nas palavras de Petrônio, acima. Ou, ainda, quando Tácio (E17) diz que "com o casamento, conquistou a felicidade" (p. 21); por isso, com a sua viuvez, "a vida mudou muito" (p. 29).

Em relação à sociedade doméstica mesma, ou seja, sobre a administração da casa e o cuidado com os filhos, os homens pesquisados têm o que dizer. Questões referentes à paternidade são colocadas no capítulo seguinte, do cuidar e ser cuidado pelos filhos.

4.6.1 - SENDO VIÚVO - TORNANDO-SE DONO DE CASA

Para muitos viúvos, assumir a administração da casa de fato não trouxe grandes transtornos. Alguns, desde o início da adolescência, já participavam de tarefas domésticas, em suas famílias biológicas. Outros reorganizaram a casa após a morte da esposa, contando com seus filhos e filhas adolescentes ou adultos para ajudar. Também, a empregada doméstica teve papel central nisso tudo, o que se verá posteriormente.

Como apontado antes, os tempos modernos trazem modificações nos costumes, e a idéia de casamentos mais igualitários inclui a divisão sexual do trabalho domiciliar, o que aparece em vários depoimentos.

> - DENTRE AS DIFICULDADES que um homem pode ter numa situação dessa, (.2) eu tive menos, sabe? Porque::: EU SEMPRE ADMINISTREI A CASA. (.) Anísia num sabe = num ia a Bompreço, num ia a feira; (.) eu me habituei = Como minha mãe só tinha filho homem:: Num é? E minha irmã, ela sempre trabalhou a vida toda, então, ela ((a mãe)) só contava com os filhos. Uns mais, outros menos. Mas, então, (.) DESDE 12 ANOS que eu já::: ia pra::: feira; aprendi a comprar carne, toda essa::: toda essa atividade, eu fazia, entendeu? (.) Então, no aspecto de administração, isso::: foi mais simples pra mim, porque eu já = já fazia isso, normalmente, entendeu? (Anísio, E02: 20).

> - DAÍ PRA FRENTE, FOI EU VIRAR DONO DE CASA, né? Veja! TRABALHANDO MUITO::, (.) ainda com dois filhos, uns:: estudantes, né? (.2) Já me causando alguma = uma certa preocupação, - se bem que nunca foram = nunca me deram grande trabalho, eu tenho muita sorte com meus

filhos, GRAÇAS A DEUS! (.5) MAS FOI::: ME DIVIDIR ENTRE O TRABALHO (.2) E A CASA (Élcio, E13: 16).

- Eu, logo no início, quando ela morreu, eu disse: "_Olhe, meu filho, agora nós temos que nos virar EM QUATRO!" Tá entendendo? EU FAÇO FEIRA:::
?- Fazia antes? Essas tarefas do lar?
– NÃO. Num fazia. É, era cum ela. (.hhh) [Quando ela adoeceu::
?- [Passou pra sua mão?
– [Sim. Aí, antes, quando ela = quando ela adoeceu, aí eu passei a fazer tudo porque ela num podia ir::, (.hh) eu passei a fazer tudo. Relacionava, fazia o levantamento, via o que era, na véspera de fazer a feira, fazia por = por mês, só:: semanalmente, o perecível. (.2) Aí pronto! Aí comecei a fazer e tal::, aí pronto! Mas os meninos, eles = eles:: fazem também, tá entendendo? Eles compram, quando eu viajo, quando precisam de uma coisa, eles compram (Valter, E15: 22-23).

- Assumimos mesmo a vida toda. PELO SEGUINTE: A GENTE JÁ VIVIA COORDENANDO TUDO. Por exemplo, eu:: há muito tempo, desde quando me casei, que eu tomei conta da minha casa e com:: o fato dela se enterrar no trabalho e o fato da doença dela, ela tá longe::, (tá entendendo?), ela passava (.hh) seis meses ou mais meses em São Paulo, (.) então aqui dentro de casa tudo corria normal! (.hhh) Porque eu procurava = nós procurávamos, SEM:: COMENTAR NADA, assim, um apoiar o outro pra que não::: sentisse, (.) num faltasse nada pra ninguém. (.2) Até que foi = a gente foi levando assim a vida, de forma tal, que muita gente se admira, ainda hoje, as pessoas num entendem como é que EU:: e, assim, a minha casa aqui, não mudou a rotina. É COMO SE ELA TIVESSE (.) pra chegar aqui:: (.hh) ou então ela viajou, foi pra São Paulo, desse jeito, entendeu? Quer dizer, tudo corre normalmente e EU ACREDITO que:: é o que ela queria (Ivan, E16: 24).

Nas entrevistas coletadas, não encontrei nenhum viúvo que não tenha mostrado autonomia enquanto dono-de-casa. Mesmo para aqueles que as esposas eram "do lar", a gerência posterior da casa não significou um encargo que os atrapalhasse. É verdade que quase todos tinham empregadas domésticas que os ajudavam - este é um padrão de camada média. Mesmo assim, as diretrizes eram dadas por eles. Alguns não tinham auxiliares nas tarefas domésticas cotidianas; muitas vezes estas se restringiam a faxineira semanal, quando havia condição limitante por problema de saúde do viúvo. Dessa forma, o estereótipo de que homem não se interessa pela casa é isso mesmo: um estereótipo. As mudanças da modernidade pedem

um outro tipo de homem que está surgindo e reproduzindo o padrão para os filhos. Pelo menos nessa minha amostra. Vi isso em Valter, que só assumiu o papel após a viuvez, mas outros já colaboravam antes desse evento, como foi visto acima. Penso que Tácio é quem talvez melhor represente o desempenho do viúvo como dono-de-casa, posto que compartilhava com a esposa antes, do qual deu conta em anos da viuvez, e que agora repassa para os filhos:

> - Eu cheguei e eu disse a elas ((empregadas)): "_Olhem pra mim e vejam metade homem, metade mulher. Se vocês quiserem ficar comigo, vocês ficam, se vocês num quiserem, vão embora que eu arrumo outra pessoa", (.) num é? "_Mas aqui, quem vai cuidar da casa sou eu. Quem vai tomar (a casa) da compra, vai ser eu; quem vai comprar roupa dos meninos vai ser eu; quem vai levar os meninos pro médico, sou eu; (.hh) quem vai dizer como é a comida daqui sou eu; como é que você vai engomar; como é que você vai limpar::; quem vai fiscalizar a casa sou eu." Tá entendendo? E isso eu faço até hoje! Tudo na minha casa quem faz sou eu, da:: da, como eu digo?, da parte doméstica, de (.hh) de::: compras de::: todo tipo, lençol, fronha, é::, uma flor pra ajeitar na casa, pra arrumar::, de passar a mão:::
> *?- Aí você é quem toma conta da sua = quem dirige a sua casa é você?*
> – Quem dirige a minha casa sou eu e eu sinto com MUITO ORGULHO disso. Num é? Em todos os sentidos, quem:::, eu, HOJE, já vou com os meus filhos, a gente vai::, - com o mais velho, eu tô = o mais velho tem ido pra feira comigo, pra aprender a fazer feira, num é?, pra ele continuar esse serviço quando eu não puder::, e ele tem ido, o mais velho tem ido comigo, quem faz a feira, quem diz a:: o café, o almoço, o jantar; como organiza a roupa::; se tá empoeirado como é que limpar; isso tudinho::
> *?- Mas tu já participava de alguma coisa dentro de casa?*
> – SEMPRE PARTICIPEI. Inclusive quando o meu pai faleceu, eu - minha mãe foi quem me ensinou isso -, eu ia à feira com ela::, num é? Ela num só ensinou a mim [como ensinou aos filhos.
> *?- [E na época de Taciana, você também dividia [essas atribuições?*
> – [Também, a mesma coisa; (.) a gente fazia junto, do mesmo jeito. Nós fazíamos feira junto, (.hh) dividíamos = ela trabalhava, de madrugada eu ficava cum os meninos e quando ela tava cansada:: DESDE SEMPRE! SEMPRE, SEMPRE, SEMPRE! Isso nunca foi:: um empecilho (Tácio, E17: 24).

E assim, os viúvos assumem o papel de dono-de-casa, agora sem a contrapartida. E dizem que dão conta da missão. Se as viúvas que estudei se surpreendiam e se orgulhavam de resolver com competência as questões no espaço público, os viúvos sentem o mesmo na situação privada. Na totalidade deles, ninguém de fora veio tomar conta de suas casas. No máximo, algum parente, geralmente mulher, - o que não é coincidência -, está presente nos

primeiros dias ou meses, mas depois pais e filhos ficam por sua conta. Claro que havia ajudas quando necessitavam, mas o uso destas fontes se deu mais no início. A forma que os suportes e recursos foram acionados é o que é visto nos dois capítulos seguintes.

♥♥♥♥♥

PARTE III

DA ADAPTAÇÃO À VIDA SUBSEQUENTE

Tocando em frente

Ando devagar / porque já tive pressa
E levo esse sorriso / porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, / Mais feliz, quem sabe,
Eu só levo a certeza / De que muito pouco sei,
Ou nada sei
Conhecer as manhas / e as manhãs
O sabor das massas / e das maçãs
É preciso amor / Prá poder pulsar
É preciso paz prá poder sorrir
É preciso chuva para florir
Penso que cumprir a vida / seja simplesmente
Compreender a marcha / e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro / levando a boiada
Eu vou tocando os dias
pela longa estrada, eu sou
Estrada eu vou
Todo mundo ama um dia, / todo mundo chora
Um dia a gente chega / e no outro vai embora
Cada um de nós compõe / A sua própria história
E cada ser em si / Carrega o dom de ser capaz
De ser feliz...
(Almir Satter - Renato Teixeira)

CAPÍTULO 5

SUPORTES NA ADAPTAÇÃO À VIDA SUBSEQUENTE

5. SUPORTES NA ADAPTAÇÃO À VIDA SUBSEQUENTE

Helena Z. Lopata (1979; 1996; 1999) afirma que a viuvez, seja feminina ou masculina, geralmente desorganiza os suportes e engajamentos sociais que a pessoa tinha na situação de casada, levando à necessidade de modificação dos antigos papéis e relações sociais e construção de um novo estilo de vida (1979: 3). Diz também que todas as sociedades são organizadas de forma a assegurar a circulação ou o fluxo de suportes requeridos para a sobrevivência desses novos membros até que eles estejam aptos a desenvolver seus próprios suportes (1979: 4). Para a mesma autora,

> Um suporte é uma ação ou objeto que uma sociedade geralmente define como necessário ou proveitoso à manutenção de um estilo de vida de uma categoria de seus membros. Um sistema de suporte é um conjunto de objetos ou ações suportivas similares envolvidas dentro de uma ação social. Uma **rede de suporte** inclui as pessoas com as quais alguém está envolvido na interação suportiva (1979: 4; 1999: 381; grifo meu).

Utilizo, no presente trabalho, as categorias de suporte criadas por Lopata (1979: 76-89): econômico, de serviços, social e emocional. Mas com uma modificação. Faço uma renomeação do social e do emocional, respectivamente para pessoal-social e pessoal-emocional. Penso que esta distinção é fundamental para o escopo deste trabalho. Parto do pressuposto que os apoios econômicos e de serviços dispensados aos viúvos, ultrapassam a sua pessoa e voltam-se para os ajustamentos da família como um todo, favorecendo o seu bem-estar geral, pois permitem, se for necessário acioná-los, assegurar a manutenção e/ou o funcionamento do domicílio. Já o social e emocional visam diretamente o próprio viúvo, servem de amparo às ações e reações, providências e resoluções que ele especificamente precise fazer. Certamente que há uma superposição de todos os apoios, em algum grau, mas minha abordagem dos suportes social e emocional, aqui, é preferencialmente centrada no

enviuvado. Por isso, escolho referenciá-los como pessoal-social e pessoal-emocional. Dentro desta perspectiva, os sistemas de suporte identificados são os seguintes:

1- suporte econômico - refere-se a todo e qualquer tipo de ajuda acionada ou recebida pelo viúvo no aspecto econômico-financeiro (empréstimos, doações, pensões, heranças, etc.);
2- suporte de serviços - significa fornecer ou receber ajuda em tarefas que visem a organização ou desempenho no espaço doméstico, como alterações na configuração do grupo doméstico, assunção de encargos de trabalhos ou consertos caseiros; providências burocráticas em instituições ou em direito civil que possibilitem aos viúvos o lidar com burocracias e processos de regularização de pensões, inventários, espólios, seguros de vida, transações bancárias, etc.; o cuidar de netos ou ser cuidado por filhos ou outros, etc.;
3- pessoal-social - é representado por formas de ajuda na preparação dos rituais, atividades sociais em que se engaja como meio de melhorar da dor da perda (passeios, lazer, associar-se a clubes, freqüentar cursos de qualquer natureza, viajar, engajar-se em atividades filantrópicas, etc);
4- pessoal-emocional - apoios na elaboração do luto e suas repercussões biopsicossociais (apoios de amigos, parentes, religiosos, médicos ou outros curadores, participação em cursos ou leitura de livros religiosos ou de auto-ajuda, etc.).

Enfim, é a partir da perspectiva teórica de Helena Z. Lopata que utilizo a categoria suporte, sua classificação em sistemas e as redes que os viabilizam. Esta autora afirma que, para a mulher enviuvada, a maior parte dos suportes e apoios vem do envolvimento de pessoas da família extensa, e mais freqüentemente do lado da mulher. Estudando, agora, a viuvez masculina, meu interesse é ver como se comportam os homens pesquisados em relação a suportes mobilizados para dar conta da vida que se segue à morte da esposa.

Convém relembrar, ainda, que considero os rituais também como sistemas de suporte. Na minha concepção, eles podem e devem ser entendidos assim, por tudo o que foi referido acerca da eficácia simbólica do rito, segundo as idéias de Claude Lévi-Strauss (1975), bem como do seu atributo de marcador de mudança social, conforme Arnold van Gennep (1978), Victor Turner (1974), Mary Douglas (1991) e Louis-Vincent Thomas (1985), citados anteriormente. E mais: o rito deixa "escapar manifestações significativas de uma determinada ordem social" (Segalen, 2002:16), o que me parece complementar a concepção de Mônica Wilson (citada por Turner, 1974: 19) de que o rito é a "chave para compreender-se a

constituição essencial das sociedades humanas". Lembro ainda Roberto DaMatta, cientista social brasileiro, que vem dedicando parte substancial de seus trabalhos às ritualizações em nosso país. Para esse autor, o estudo dos rituais seria

> Uma maneira de estudar como os elementos triviais do mundo social podem ser deslocados e, assim, transformados em *símbolos* que, em certos contextos, permitem engendrar um momento especial ou extraordinário. Como todo discurso simbólico, o ritual destaca certos aspectos da realidade. Um de seus elementos básicos é tornar certos aspectos do mundo social mais presente do que outros. De fato, pode-se dizer que sem tais destacamentos, que conduzem a descontinuidades e contrastes, o sentido do mundo seria perdido. O mundo ritual é, então, uma esfera de oposições e junções, de destacamentos e integrações, de saliências e inibições de elementos. É nesse processo que as "coisas do mundo" adquirem um sentido diferente e podem exprimir mais do que aquilo que exprimem no seu contexto normal. (DaMatta, 1997: 76-77; grifos do autor).

Perfeito! É assim que, neste trabalho, é assumida a posição de creditar aos rituais funerários[1] um importante papel nos suportes pessoal-emocional e pessoal-social aos viúvos. Neste sentido, praticamente todas as providências que precisam ser tomadas, e que o marido enlutado passa a realizar, são verdadeiramente ritos de separação da esposa morta e/ou integração no papel de viúvo - o que foi visto no capítulo anterior. Assim, as atividades realizadas e que utilizam suportes podem constituir, também, estratégias ritualísticas.

A despeito das variações individuais de reações e processos adaptativos à morte desse alguém afetivamente próximo, algumas contingências são comuns aos viúvos. Segundo o antropólogo Felix M. Berardo (1970: 13), "os problemas de um marido sobrevivente são mais sérios do que aqueles de uma esposa sobrevivente". Alguns estudos têm mostrado que viúvos exibem sintomas mais severos de desorganização do que viúvas, inclusive índices mais altos de mortalidade (Stroebe & Stroebe, 1999: 183). Eles exibem maiores taxas de suicídio (Durkheim, 2000: 234; Stroebe & Stroebe, 1999: 187), doença orgânica, doença mental, alcoolismo, acidentes de veículos ou de trabalho (Lopata, 1979: 7). No entanto,

[1] É importante lembrar que os rituais funerários não terminam com o descarte do cadáver (por inumação ou cremação entre nós) mas se estendem por um tempo variável no futuro.

> A maioria das pessoas [separadas por morte] mostra substancial recuperação nos parâmetros de saúde física e mental dentro de aproximadamente um período de dois anos. Todavia, para uma parte dos indivíduos, o ajustamento pode tornar-se consideravelmente mais longo, talvez devido à predisposição de fatores pessoais ou mudanças permanentes no status financeiro ou social (Hansson, Carpenter & Fairchild, 1999: 70).

De qualquer forma, parece haver controvérsias em relação à recuperação total da perda por morte de alguém amado, e os próprios autores da citação acima dizem que "Silverman (1988a) e Weiss (1999) têm argumentado que pessoas separadas por morte nunca realmente se recuperam; que, de certo modo, elas estão mudadas para sempre" (Hansson, Carpenter & Fairchild, 1999: 68). Penso que isto é inescapável, pois encontro essa assertiva em palavras de alguns dos meus informantes, como foi visto anteriormente. Isto não significa que a questão seja da ordem de doença física ou mental. Muito pelo contrário. O tipo de mudança, quando eles falam que nada mais é como antes ou que "os valores agora são outros", primeiro representa modificação de visão de mundo.

Na minha amostragem, encontro "seqüelas da viuvez" - expressão utilizada pelo informante Roberto - manifestadas em diferentes períodos de tempo e na forma de diversos agravos à saúde. Estes são mais freqüentes nos primeiros anos, e os próprios viúvos os atribuem à ocorrência da viuvez e não aleatoriamente, por qualquer outra razão. Os problemas revelam injúrias físicas (coronariopatia, enfarte, arritmia cardíaca) ou psicoemocionais (síndrome de pânico, depressão leve), todos sendo aparentemente superados. Para alguns poucos, o uso de medicação permanece até o presente. Não foi mencionado risco de suicídio em nenhum caso.

Para todos os viúvos, percebi acionamento de algum tipo de suporte, em algum momento. Na verdade, na maioria das vezes, vários foram mobilizados concomitantemente, mesmo que os homens investigados não os identificassem como tal. Através do material coletado nas entrevistas, pude verificar que os suportes mais freqüentemente utilizados pelos viúvos provinham de família nuclear, de empregada doméstica, de família extensa - mais freqüentemente do lado do viúvo -, de amizades, de grupos religiosos e de fé religiosa que

professavam. Bem poucos receberam aconselhamento ou se submeteram a acompanhamento terapêutico profissional.

Assim, a mim parece claro que, dos diversos tipos de sistemas de suporte como apoios referidos, quase todos são proporcionados pelas redes sociais. Por isso, vou aqui apresentar, inicialmente, alguns fundamentos teóricos de rede e, em seguida, enfocar as categorias que identifiquei acima.

5.1 – AS REDES SOCIAIS COMO SISTEMAS DE SUPORTE

Historicamente, o estudo das sociedades humanas tem sido um objeto central na pesquisa antropológica. Se se fizer um recuo no tempo, ver-se-á que muitas observações remontam aos estudos iniciais das ciências humanas e sociais. Grande parte dos cientistas sociais se preocupou em estabelecer noções definidoras de sociedade, dentro das diversas orientações paradigmáticas das escolas antropológicas. Vejamos algumas.

Das sociedades ditas primitivas às complexas, procura-se elucidar as formas de organização que os grupamentos humanos têm articulado para dar conta das possibilidades de vida conjunta. "Para o bem ou para o mal, os seres humanos se ligam uns aos outros numa pluralidade, isto é, numa sociedade" (Elias, 1994b: 8). Para este autor, os debates contemporâneos que procuram separar indivíduo e sociedade são desprovidos de objetivo, pois "nenhum dos dois existe sem o outro" (p. 18). Quanto mais complexa for a sociedade, maiores são as interligações entre as pessoas que a constituem, pois "dessa inerradicável interdependência das funções individuais, os atos de muitos indivíduos distintos, especialmente numa sociedade tão complexa quanto a nossa, precisam vincular-se ininterruptamente, formando longas cadeias de atos, para que as ações de cada indivíduo cumpram suas finalidades" (Elias, 1994b: 23). Para esse antropólogo alemão, "é essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e a nada mais, que chamamos *sociedade*" (p. 23, grifo do autor). Assim, cada sociedade imprimiria aos indivíduos leis sociais que nada mais são do que leis relacionais, construídas no contexto de uma dada sociedade. Quer dizer, a sociedade está constituída por pessoas que estão ligadas entre si por

laços invisíveis, constituindo redes de dependências recíprocas que mantêm em funcionamento a estrutura social. Norbert Elias foi um dos primeiros estudiosos a usar o termo rede para exprimir esses vínculos sociais.

Tal linha de pensamento tem seus antecedentes nas obras de dois expoentes das Ciências Sociais, Emile Durkheim e Marcel Mauss, como aponta o já citado sociólogo brasileiro Paulo Henrique Martins (2004), que vem estudando a teoria das redes sociais na sociedade complexa, destacando-se a brasileira. Para este autor, o pensamento de Durkheim "é um elo central na construção de um saber sociológico complexo no século XX, o único que pode explicar convincentemente os fundamentos teóricos das redes sociais" (p. 32-33).

Nas obras de Durkheim, designam-se as relações sociais como investidas de poder de coerção sobre os grupos, capazes mesmo de permitir a identificação de sociedades em diferentes graus de evolução[2], de acordo com essa força coercitiva que sobre eles atua. Tal força coercitiva, classificada pelo autor em dois tipos de solidariedade - mecânica e/ou solidariedade orgânica, mais explicitadas abaixo -, estaria presente em diferentes graus nas sociedades, sendo mais mecânica nos grupos primitivos, e mais orgânica nos grupos complexos.

A solidariedade foi, então, categorizada como fato social, já "que só se pode conhecer por intermédio de seus efeitos sociais" (Durkheim 2004: 34). Para este sociólogo francês, a maior parte das idéias, tendências e práticas que as pessoas portam não é elaborada por elas, mas imposta do exterior, repassada pelo grupo através da educação, tendo esta "por objetivo fazer o ser social" (Durkheim, 2001: 35). Nesse sentido, o próprio conceito de solidariedade, como bem, é aprendido, mas só é dado a conhecer através das repercussões que ela produz na sociedade.

Ao estudar a divisão social do trabalho, Durkheim defende que existe um efeito moral que daí emana, e que criaria entre as pessoas o sentimento de solidariedade. Para o autor, a divisão social (e sexual) do trabalho

> (...) consiste no estabelecimento de uma ordem social e moral *sui generis*. Os indivíduos são ligados uns aos outros, de tal forma que, sem isso, seriam independentes; em vez de se desenvolverem separadamente, eles ajustam seus esforços; eles são solidários, por meio de uma solidariedade

[2] Na época de Durkheim, o evolucionismo ainda era a corrente teórica predominante no estudo das sociedades.

> que não age somente nos curtos períodos em que se trocam serviços, mas que se estende muito além (2004: 27).

Assim, para Durkheim, a divisão do trabalho ultrapassa a idéia de um fenômeno puramente econômico utilitarista, pois seria ela "a fonte, senão única pelo menos principal, da solidariedade social" (2004: 29), onde esta última tem valor de um qualificativo moral. Enquanto fato social aglutinador, essa solidariedade leva à integração geral da sociedade, e pode ser avaliada pelos seus efeitos sensíveis nas relações estabelecidas entre os homens, colocando-os em contato e multiplicando as oportunidades de seus relacionamentos: porque "quanto mais solidários sejam os membros de uma sociedade, mais eles mantêm relações diversas, seja uns com os outros, seja com o grupo tomado coletivamente" (Durkheim, 2004: 31).

A solidariedade é encontrada em todas as sociedades, mas os tipos com que se apresenta podem variar. Quando a sociedade é mais holista, em que os interesses coletivos têm maior preponderância que os individuais, quando a consciência comum é que vive e age em cada pessoa, a solidariedade é chamada *mecânica* ou *por similitude*, e os laços sociais são articulados entre a pessoa e o corpo social. Ao contrário, o outro tipo de solidariedade é a que emerge da divisão social do trabalho, onde cada um depende da atividade pessoal que traz a marca individual da especialização. Aqui, a coesão é mais forte e gerada pela necessidade das especificidades de cada pessoa, onde "a unidade do organismo é tanto maior quanto a individualização das partes seja mais acentuada" (Durkheim, 2004: 31). A este tipo, o mestre francês chamou de solidariedade *orgânica*, sendo característica das sociedades individualistas.

Outros antropólogos buscaram também definir sociedade e identificar a solidariedade social. O americano Ralph Linton, afirma que "o alicerce de toda sociedade é constituído por um agregado de indivíduos, que constitui a matéria-prima de que a sociedade, como tal, poderá surgir" (2000: 98). Mas para que o agregado seja uma sociedade, é preciso que ocorra um processo de transformação que abrange: 1) acomodação e organização dos indivíduos que a compõem, e 2) desenvolvimento de uma consciência de grupo, um sentimento de unidade. Esse processo vai ocorrendo à medida que os componentes do agregado vão estabelecendo a divisão das atividades de trabalho de maneira que estas sejam mais adequadas a cada um, da forma que melhor podem desempenhá-las. Essa divisão de tarefas leva a uma

interdependência ou cooperação entre os elementos do grupo e a um desenvolvimento de atitudes e padrões habituais de comportamento. Aí é que se pode classificar de *sociedade* tal grupamento humano (2000: 100). Parece-me que temos, aqui, a solidariedade orgânica de Durkheim elaborada, com outras palavras, por Ralph Linton.

De forma similar, a solidariedade, enquanto fenômeno social, também aparece em Lucien Lévy-Bruhl, dentro de seus estudos sobre sociedades "primitivas" ou "inferiores". Em sua obra *L' âme primitive* (1927; 1963), esse sociólogo francês escreve sobre a solidariedade do indivíduo com seu grupo, e onde ele próprio existe em virtude de sua participação à essência desse grupo (1963: 74). Segundo o autor, há uma solidariedade íntima e quase orgânica ligando os membros de um mesmo grupo social (p. 76), sendo ela bem marcada na linguagem, onde a representação do parentesco é designada da mesma maneira que as partes do corpo, pois um indivíduo está para a família como um membro ou órgão está para o corpo vivo (p. 80).

A partir dos dois tipos de solidariedade identificados por Durkheim (2004), este sociólogo encetou uma classificação das sociedades, atribuindo-lhes um caráter evolutivo que passaria de um estado de preeminência da solidariedade mecânica, nos povos "inferiores" ou "primitivos", e tendendo para um outro, onde toda a organização social e política culminaria por possuir uma base profissional especializada - a qual não teríamos mesmo ainda atingido: "(...) e dia virá em que toda a nossa organização social e política terá uma base exclusivamente profissional" (Durkheim, 2004: 174).

O que quero salientar, neste enfoque sobre esse autor, é que ele vê a rede de relações que se estabelece entre as pessoas a partir da formatação ou especificidade que é dada ao trabalho dentro do grupo social a que pertencem, como uma condição para a emergência da sociedade complexa. Aqui, segundo Durkheim, a rede social se organiza não mais segundo a consangüinidade, como nas sociedades "menos evoluídas", já que não é o meio natal real ou fictício que marca a relação, mas as vinculações que se estabelecem na dependência de ofícios cada vez mais especializados. Os laços familiares consangüíneos não seriam mais o sustentáculo do grupo, sendo esta "função" de suporte do grupo a interdependência crescente decorrente de capacidades desenvolvidas para a execução de tarefas especializadas. Através da solidariedade, os vínculos sociais se estabelecem, formando redes de interdependência, tanto

mais firmemente articulados quanto mais aumenta a complexidade social. Neste sentido, penso que aí está apresentado o primórdio de rede social.

Mas que força é essa, que promove a coesão dos grupos? Na Filosofia, um outro olhar pode ser encontrado na compreensão da solidariedade. Através dela, uma interpretação ou explicação pode ser aventada a partir do pensamento do filósofo alemão Georg Simmel, em sua obra *Filosofia do amor* (2001). Para o autor, "Platão foi o único grande filósofo que viu no amor uma força vital absoluta" (p. 150). Discorrendo sobre as formas de amor entre seres humanos, Simmel traz o argumento do amor humano universal, escrevendo:

> Para mim, não há dúvida de que o amor humano universal tem seu fundamento ou sua prefiguração nestas disposições amigáveis, com freqüência já repletas de amor, que nascem inevitavelmente no seio das relações prático-sociais, estreitas ou amplas. Inevitavelmente porque tal coesão não poderia ser mantida em vida e em função por nenhuma espécie de consideração utilitária, de coerção exterior ou de regra moral, se aos vínculos relacionais tecidos por essas forças racionais não viessem mesclar-se também sentimentos sociais, a saber, querer-se mutuamente bem e ligar-se *de bom grado*. (...) Os sentimentos de amizade entre vizinhos, por menos ilusões que se deva ter quanto à sua confiabilidade, extensão e profundidade, constituem, para cada grupo, um cimento indispensável, menos talvez no sentido de um aglutinante positivo do que na medida em que, sem eles, certas condições de vida em sociedade, notadamente para personalidades já diferenciadas, tornar-se-iam necessariamente um inferno. (2001: 161-162; grifo do autor)

Assim, segundo Simmel, as inclinações afetivas oriundas de um clima de amor e de amabilidade permitem tolerar a convivência social, de modo que, sem elas, a promiscuidade e a estreiteza sociais, os contatos mútuos constantes seriam algo totalmente insuportável (Simmel, 2001: 161). Essa disposição apaziguadora se formaria relativamente depressa entre as partes em relação, como uma "espécie de medida de proteção orgânica contra as dificuldades e os atritos da vida em comum" (Simmel, 2001: 162). A solidariedade (orgânica) seria a expressão ativa do amor humano universal.

Cotejando as abordagens de Durkheim e Simmel, percebe-se que se, para o primeiro autor, a solidariedade é uma força de coesão que tem um qualificativo moral e que emana da divisão social do trabalho, para o segundo ela decorre da afetividade que tem que permear a convivência social. Em outras palavras, parece-me que a interdependência presume a

convivência, e esta, para ser possível, deve ser pautada no amor humano universal. De qualquer forma, entendo que, em ambos os casos, esses são fenômenos sociais, gerados e continuamente transmitidos segundo as características do agrupamento social onde são exercidos. Considerando trabalho como qualquer atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de uma tarefa, serviço ou empreendimento (Aurélio, 1976: 1404), num certo contexto social, ele é realizado por pessoas em inter-relação, que se articulam e constituem as redes sociais. E estas, eu encontro bastante presente nas vidas dos viúvos pesquisados, que as utilizam para desempenhar as tarefas que a nova situação engendra.

5.1.1 - REDES SOCIAIS E AJUDA MÚTUA PELA TEORIA DA DÁDIVA

Uma outra noção, que me parece importante para a compreensão do que está sendo discutido - sociedade, organização social e redes sociais -, vem da Teoria da Dádiva de Marcel Mauss (1950; 1974; 2001): as obrigações - de dar, receber e retribuir - alicerçam as sociedades tribais, e se referem a todos os tipos de bens materiais e simbólicos circulantes. Os sistemas de prestações e contraprestações criam vínculos de reciprocidade que ligam os grupos em amplas redes de relações sociais complexas. Contudo, isto não está limitado às sociedades ditas "primitivas". Porque, hoje, admite-se que toda interação social é complexa, independente do caráter "primitivo" ou "avançado" da sociedade estudada - penso no *potlatch* americano, no *kula* trobriandês, nas inter-relações humanas modernas, entre outras.

A Teoria da Dádiva vem sendo resgatada como um modelo interpretativo de grande atualidade para se pensar os fundamentos da solidariedade e da aliança nas sociedades contemporâneas (Martins, 2006: 89) e, por conseguinte, da formação mesma das redes sociais. Pois, a prestação ou dádiva está presente em todas as sociedades, sejam tradicionais ou modernas e, como tal, "em todas as partes e não diz respeito apenas a momentos isolados e descontínuos da realidade" (Martins, 2006: 103). Ela faz parte do cotidiano, estabelecendo os vínculos entre os seres humanos, ligando-os em cadeias relacionais extensas, por onde circulam os bens materiais e simbólicos que a representam. "O que circula tem vários nomes:

chama-se dinheiro, carro, móveis, roupas, mas também sorrisos, gentilezas, palavras, hospitalidades, presentes, serviços gratuitos, dentre muitos outros" (Martins, 2006: 103).

A prestação é definida na língua portuguesa falada no Brasil como ato ou efeito de prestar. No dicionário Aurélio (1985), prestar é conceituado como *dar com presteza e cuidado, dispensar, dar, conceder, oferecer*. Quem dá alguma coisa espera que o outro a receba e que dê em troca pelo menos um "obrigado!" O próprio termo "obrigado" parece indicar a dívida de quem recebe a dádiva para com quem a deu, e aquele se torna obrigado para com este, devendo a retribuição acontecer mais cedo ou mais tarde, seja para o doador, seja para outro recebedor. Por isso, é possível entender que a não retribuição de uma visita social, por exemplo, em nosso mundo "civilizado", pode contribuir para um afastamento do amigo e/ou um sentimento de ofensa experimentado por quem a fez e não foi retribuído. Até se diz: "_Eu vim na sua casa agora. A próxima visita é a sua, na minha." Assim é que, como já dizia Marcel Mauss: "O convite deve ser feito e deve ser aceito" (1974: 164), e "O convite deve ser retribuído, bem como a 'gentileza'" (1974: 163; grifo do autor). Há mesmo uma cobrança social para a retribuição de um favor, a resposta a um cumprimento, o agradecimento pelo presente de casamento ou pelas condolências em face de rituais fúnebres. Assim, em todas as situações relacionais, o dar, receber, retribuir é o que mantém o laço social.

No processo de articulação da Teoria da Dádiva e reciprocidade com as sociedades modernas complexas, vários estudos, em todo o mundo - especialmente na França, talvez pelo legado direto de Marcel Mauss - vêm desenvolvendo idéias que confirmam a permanência do dom na atualidade, bem como na configuração das diversas redes sociais, onde se identificam aqueles princípios apontados por Mauss. Pois, segundo Martins (2002: 12), "Os teóricos antiutilitaristas insistem no fato de que a obrigação mútua gerada pelos movimentos da dádiva constitui não apenas um fenômeno sociológico das sociedades tradicionais, mas também das sociedades modernas, e que esta é a condição primeira da existência do vínculo social". Lembro, aqui, outros autores que, sob diferentes ângulos, desenvolveram estudos nessa linha investigativa, dentro de sociedades modernas urbanas, como Alain Caillé (Dádiva e ação associativa), Jacques Godbout (*homo donator* versus *homo oeconomicus*), Paulo Henrique Martins (A dádiva entre os modernos, 2002; Redes sociais e saúde, 2004), Elizabeth Bott (Família e redes sociais, 1976), Russel Parry Scott & Roberto Motta (Sobrevivência e fontes de renda: estratégias das famílias de baixa renda no Recife, 1983).

Segundo Martins (2004: 29), "existem concepções de redes sociais que dão ênfase às estratégias individualistas na construção de laços sociais fortes, indispensáveis para que o ator individual/coletivo possa fazer face a situações sociais adversas". E o autor, citando o pensamento de Granovetter (1981), acrescenta: "Nessa ótica, a noção de rede social reflete a ação estratégica de um indivíduo ou grupos de indivíduos com o fim de sobrevivência no meio social, ficando em lugar secundário as determinações estruturais e coletivas" (p. 29). Então, vejo aí refletida a discussão de Nizete Nascimento (1983: 111) sobre as redes de ajuda mútua como estratégia de sobrevivência em camadas pobres da população pernambucana, tópico que faz parte de uma ampla pesquisa coordenada pelos professores/pesquisadores R. Parry Scott e Roberto Motta, no início dos anos 1980, em Recife. O que aparece nela?

A ajuda mútua é definida pela expectativa de apoio entre famílias ou indivíduos que participam de transações dirigidas "ao consumo cotidiano ou para superar urgências e emergências" (Nascimento, 1983: 112). Essas transações se verificam entre pessoas da mesma classe social e do mesmo [baixo, baixíssimo] nível de renda, isto é, com uma certa homogeneidade sociocultural e econômica, e não tem nenhum tipo de compromisso jurídico, estabelecendo-se na base da solidariedade moral e estruturação informal. Os vínculos entre os componentes da rede ocorrem mais pelas vias de parentesco e de vizinhança, particularmente entre pessoas que moram mais próximas, geograficamente. Tudo pode ser trocado ou dado: alimentos, combustíveis, água, luz, roupas, utensílios, ferramentas, serviços, trabalho informal, remédios, enfim: cada um ajuda como pode!

Nessas perspectivas, as noções de rede social de Martins (2004), ajuda mútua de Nascimento (1983) e rede de suporte de Lopata (1979) poderiam ser consideradas sinônimos perante situações adversas, visto que esses elementos são acionados ou, melhor, ganham maior visibilidade em ocasiões de crise - crise aqui entendida seguindo a definição de Lopata (1979: 4-5): "situações que a pessoa e seus associados/colegas definem como requerendo uma pesada contribuição de objetos e ações suportivas." Este é o caso, na ocorrência de doença e morte da esposa, bem como na adaptação à vida subseqüente, para os meus entrevistados.

Em relação especificamente à articulação de redes sociais e camadas médias, sobre as quais esta tese está vinculada, há que se destacar uma das primeiras pesquisas realizadas especificamente sobre redes sociais familiais, que foi aquela de Elizabeth Bott, nos últimos

anos da década de 1950, na Inglaterra. Embora seja um estudo feito com população inglesa, penso que algumas reflexões podem ajudar-me ao considerar os relacionamentos sociais externos às famílias nucleares enlutadas, particularmente ao viúvo. Bott (1976) define uma rede em contraposição a um grupo organizado. Na rede, apenas "alguns indivíduos componentes, e não todos, têm relacionamentos sociais uns com os outros, (...) as unidades componenciais externas não formam um todo social mais abrangente; elas não estão cercadas por uma fronteira comum" (p. 76). Analisando as relações de cada família, em si mesma, com suas redes, Bott elege classificar essas relações em termos de *conexidade*: "a extensão em que as pessoas conhecidas por uma família se conhecem e se encontram umas com as outras, independentemente da família" (p. 76). Além disso, a autora cria categorias de famílias de acordo com a segregação ou conjunção de papéis na organização da vida familiar, e estuda o desempenho desses papéis refletindo a construção de redes sociais de malha estreita ou de malha frouxa. Uma rede de malha estreita é aquela em que existem muitas relações entre as unidades componenciais; na rede de malha frouxa há poucos relacionamentos entre elas. O grau de segregação de papéis conjugais está relacionado com o grau de conexidade da rede total da família: quando há alta segregação de papéis conjugais, a rede é de malha estreita, quando há baixa segregação, a rede é de malha frouxa. As formas de interação podem mostrar diferentes graus de engajamento em intercâmbios recíprocos de apoio material e emocional.

Ao analisar[3] as redes dos casais constituídos pelos meus informantes, tendo como pano de fundo o trabalho de Bott citado, parece-me que a maior parte das uniões matrimoniais era baseada num relacionamento de papel conjugal com forte tendência para uma organização conjunta, a qual se desenvolvia com pequena diferenciação de tarefas e separação de interesses; os assuntos e decisões em prol da família eram tomados em conjunto; a maior parte do lazer era usufruído junto; as tarefas domésticas eram intercambiáveis ou compartilhadas. Isto é concordante com as observações de Bott (1976: 74) para famílias de classe média, com maridos profissionalizados e moradia em área heterogênea com população flutuante. Para Bott, a explicação do relacionamento conjunto do casal nestes termos não parecia adequada, porque havia muitas exceções a esse "padrão". No entanto, pelo menos aqui em nosso meio, parece-me que este viés de classe favorece a relação mais próxima, discursivamente igualitária e

[3] Evidentemente, esta análise é um tanto superficial, visto que esse não é o foco central da pesquisa que embasa esta tese.

interdependente do casal, na medida em que o zelo pelo privado é bastante forte neste segmento e o par conjugal individualizado prefere contar consigo mesmo, na maior parte das atividades do dia-a-dia - contando com um suporte importante na figura da empregada doméstica, como é visto adiante. Tanto Scott (1996: 151; p. 157) quanto Velho (1989: 41) aludem a estas questões de privacidade e individualismo nas camadas médias brasileiras.

Entre os viúvos estudados, as referências ao relacionamento com as esposas foram apontadas como boas pela maioria, como foi visto no Capítulo 3[4]. Os depoimentos se centram em expressões tais como: "um cuidar do outro", "complementariedade", "respeito mútuo", "confiança", "compartilhamento de tarefas domésticas", "junção dos salários", "conta bancária conjunta", "praticar a tolerância um com o outro", "concordar no essencial", "a gente conversava muito", "convivência tranqüila", "combinava em e por tudo", "vida voltada para o núcleo familiar", "lazer juntos", "compartilhava até as diferenças", "projetos do casal sempre realizados com o apoio um do outro". Alguns poucos colocam que, no casamento, "havia altos e baixos" ou problemas no casal por interferência da família de origem. Nesta perspectiva, a conjunção do casal é aparentemente maior, e as redes tanto parentais quanto de amizades tenderiam para serem de malha frouxa, do modelo de Bott. Isto me parece evidente quando muitos viúvos dizem que não permitiam a ninguém invadir sua privacidade, nem antes nem depois da separação por morte da esposa.

Outro ponto que me parece importante na articulação dos suportes em momentos de crise é a característica relacional da nossa sociedade, como aplicado por Roberto DaMatta (1994: 147; 1997a: 235; p. 247). A sociedade brasileira, defende o autor, é de base relacional: "Sociedades onde as relações são fundamentais e onde elas é que são valorizadas e, assim sendo, podem ser sujeitos importantes no desenrolar dos seus processos sociais" (DaMatta, 1997a: 25). Isto seguramente repercute nos apoios que chegam, talvez até mais de que em outras geografias, em forma de prestação de serviços, de apoio psicoemocional, de afluência numerosa ao sepultamento, de condolências dadas por conhecidos, até mesmo através de autoridades que não façam parte do círculo mais restrito de parentes e amigos. Isto é tido como

[4] É óbvio que o registro foi feito apenas através do depoimento de uma parte do casal, e é até possível que a esposa tivesse um ponto de vista diferente. No entanto, foi a eles que ouvi, e é assim que eles relembram. Não vislumbro motivos para que o viúvo faltasse com a verdade, deliberadamente.

um sinal de que a esposa morta era admirada e estimada, mas também da importância social do marido enlutado e/ou da família.

E de que forma tudo isso se articula na crise da viuvez masculina? Na análise das narrativas da minha pesquisa, pude constatar a presença dessas redes, em variados momentos de vida dos entrevistados. Tanto a parentela extensa como as amizades do casal tiveram inegável expressão na fala dos viúvos. Seja na vigência da doença, seja nas providências funerárias, seja na vida subseqüente, sempre havia referência ao apoio de alguém. Vejamos, então, como as coisas aconteceram - e ainda acontecem - para esses homens, discutindo as diversas redes de suporte que tinham/têm disponíveis.

5.2 – REDES FAMILIAIS COMO SUPORTE

Gilberto Velho (1989) já observou que a união de duas pessoas delineia um conjunto novo, reunindo parentes e amigos de cada uma das partes, "definindo uma rede de relações sociais, com novos papéis, tipos de solidariedade e situações de sociabilidade" (p. 27-28). Os suportes dados por estas redes podem permear toda a vida de uma nova família, em suas fases de desenvolvimento, sendo mais ou menos mobilizados em determinados períodos, principalmente quando há ocorrências aflitivas. Então, é de supor que para os viúvos aqui pesquisados, quando houve a separação por morte das respectivas esposas, parentes e amigos tenham cercado a família enlutada. E, de fato, isto aconteceu.

Entretanto, como já foi visto aqui, nos casos de doença prolongada, a afluência desses suportes - quando houve algum -, não foi significativa. A exceção ocorre para filhas adultas morando com o casal. Também a ajuda nos cuidados à doente era dada por empregada doméstica, que, às vezes, já trabalhava na casa há vários anos ou, outras vezes, era contratada especificamente para isso (uma espécie de "babá" da doente). Uma das razões verbalizadas pelo viúvo, como apontei antes, era porque a esposa não queria fazer alarde do estado de enfermidade, e o marido respeitava e concordava com essa privacidade.

Moore & Stratton (2003: 56) assinalam que os maridos recebem mais assistência da família e dos amigos do que as esposas, nos cuidados dispensados ao outro cônjuge, mas alertam que, de maneira geral, parece haver escassez de grupos de suporte a serem oferecidos aos homens cuidadores, além do que "eles parecem dar cuidados com boa vontade e disposição, e com amor e respeito a suas mulheres" (p. 68). Nos meus casos, de fato, o suporte não foi relevante, pois quase nenhum homem falou de ajuda externa na administração do lar ou no atendimento à enferma - com exceção, claro, dos períodos de hospitalização ou nos casos com atendimento hospitalar a nível domiciliar; mas estes últimos geralmente ocorriam quando o quadro se aproximava do fim, demandando pouco tempo de ajuda ao marido, pois a morte não demorava a chegar. Quando isto acontecia, as coisas mudavam. Os suportes proporcionados pelas redes se faziam presentes.

Todas as categorias de suportes foram utilizadas, com exceção do suporte econômico, pois a quase totalidade dos enviuvados fala que não precisou de ajuda financeira, desde que esses homens eram e permanecem independentes economicamente. Apenas num caso é que o filho pagou o enterro da mãe, mas o pai me disse: "- Depois acertei cum ele". E um outro teve ajuda de amigos e parentes para resolver algumas pendências relacionadas com a morte da esposa, só se tranqüilizando quando conseguiu saldar todas as suas dívidas.

É interessante observar que justo o suporte que envolve dinheiro seja o menos acionado nessa situação de morte: como se o valor material monetário contaminasse o valor simbólico do vínculo afetivo estabelecido entre as partes, sejam parentes ou amigos íntimos, que acorrem - "amizade não se paga", diz o senso comum. Parece-me que aqui a Teoria da Dádiva pode ser retomada. Segundo Martins (2006: 105), discutindo Godbout e Caillé, "o social somente surge sob condições particulares de doação, confiança e solidariedade". Nessa "aposta no dom, o valor da relação em si é tido como mais relevante que o valor das coisas ou dos usos" (Martins, 2006: 108). Pois a dádiva, afirma Alain Caillé (2002: 105), tem o objetivo de "selar um vínculo". Isto aparece claramente entre os viúvos, através da gratidão verbalizada pelos apoios de parentes e amigos, e que os deixam em dívida para com estes últimos. De qualquer forma, o apoio econômico existiu, não proporcionado pelas redes, mas representado pelas pensões, pecúlios ou seguros de vida deixados pelas falecidas - e não é por acaso que este último aparece como uma relação com o Estado.

Vou tratar, em algumas partes aqui, dos suportes utilizados como um todo, visto que eles vêm juntos quase sempre, sendo sua separação apenas didática, a fim de identificá-los nas suas especificidades, como foi colocado no início deste capítulo. Pois uma pessoa pode fornecer vários tipos de apoio ao enlutado: ajudar nos serviços de casa ou da rua, ouvir confidências, fazer companhia, oferecer conselhos, levar para passeios, etc. Ou um mesmo tipo de suporte vir de várias pessoas: parentes, amigos, religiosos, profissionais de saúde, etc.

5.2.1- SUPORTES PESSOAL-SOCIAL, DE SERVIÇOS E PESSOAL-EMOCIONAL

Logo em seguida ao falecimento, as primeiras pessoas acionadas ou que chegam espontaneamente são os parentes e amigos íntimos. Segundo Bott (1976: 84), as redes de parentes das esposas são mais estreitas de que as dos maridos. Mas não encontro isso, pelo menos nas condições contextuais deste meu trabalho. Certamente que a viúva está submetida a uma maior vigilância que o viúvo - as diferenças de gênero levam a isso. Mas as redes do viúvo, tanto de parentes quanto de amigos, de qualquer modo, sempre estão presentes. Vejamos alguns exemplos:

> *?- Então, você teve esse apoio, não é?*
> - Ah, TEM! O = o = a::: eu tenho = eu tive a sorte que a mãe da minha esposa, (.hh) eu ADORO TANTO, que ela me considera filho! E ela verbaliza na frente dos filhos que gosta mais de mim do que dos filhos. (.) Eu tenho essa sorte. Eu tenho a sorte das três tias dela:: (.hh) Eu sou louco por elas, e elas por mim. E a irmã dela ((cunhada)) é MINHA AMIGA! (Roberto, E01: 24).

> – Meu irmão = meu irmão foi com um amigo meu até lá, no local, e foi eles que::: resolveram tudo lá. Eu não tinha cabeça pra isso, de jeito nenhum! (Plínio, E20: 6).

> – NUNCA DEIXEI DE TER AJUDA de nenhum amigo, nem da família dela, nem dos meus irmãos, tá entendendo? NUNCA, NUNCA, NUNCA! (Tácio, E17: 21).

> - E, aí::, foi assim, uma irmã minha, (.) que morava cum minha mãe, solteira, VEIO MORAR COMIGO, né?:: E:::, as = as avós vinham, né? QUER

> DIZER, tinha toda uma programação, aí, que elas organizaram. (.hh) Essa irmã foi uma coisa = foi MUITO IMPORTANTE!:: (Josias, E05: 13).

Para os meus informantes, o suporte familial veio de filhos crescidos, pais ou sogros, irmãos e irmãs, cunhados e cunhadas. As ações de ajuda imediata abrangiam apoio aos rituais fúnebres, providências para o enterro (liberação de documentação, aquisição de ataúde, etc.) cuidados a filhos pequenos, tudo sempre em consonância com ou seguindo as decisões do viúvo. Nos dias e meses seguintes, quando o grupo doméstico remanescente fica constituído de pai e filhos adolescentes ou adultos que moram juntos, os suportes iniciais dados pela família extensa vão sendo paulatinamente reduzidos, e o núcleo familiar reformatado passa a ser o principal suporte do viúvo, tanto material como emocionalmente. Certamente que a família mais ampla sempre ou quase sempre está disponível, mas a sensação de competência e a aquisição de habilidades do viúvo, inclusive nas tarefas domésticas, vão sendo aprimoradas e é motivo de orgulho dar conta de tudo:

> – É, (.) as meninas sempre foram assim também, muito::: RESPONSÁVEIS e tal, me ajudaram muito, me deram APOIO (...) E ((meus)) irmãos moram longe, têm as vidas deles independentes (...) E aí:: eu fiquei com minhas filhas, né? (Elísio, E06: 11).

> - Porque eu procurava = nós procurávamos, SEM:: COMENTAR NADA, assim, um apoiar o outro pra que não::: sentisse, não faltasse:: (.) num faltasse nada:: pra ninguém (Ivan, E16: 25).

> *?- Vocês ficaram bem independentes assim, o núcleo de vocês, né? Não precisou de tanta ajuda de fora, [não?*
> – [NÃO, NÃO, NÃO!
> *?- [Vocês tocaram a vida tranqüilamente, né?*
> - [CLARO, CLARO, CLARO! Num precisa de ajuda de ninguém não! (.hhh) Eu tava com dois = dois = dois rapazes, cum dois rapazes (Valter, E15: 23).

Quando o viúvo fica com crianças muito pequenas a ajuda da mãe/avó ou sogra/avó é muito importante, principalmente quando o pai vai trabalhar. Neste aspecto, o padrão do pai que trabalha não se modifica muito, mas ele passa a assumir a dormida noturna com os filhos,

geralmente em sua própria casa; além disso, também outros encargos são assumidos por esse genitor, como levar para a escola, para fazer avaliação de saúde, promover o lazer e ter férias juntos, entre outras incumbências:

> *?- E o nenê, o seu filho?*
> - Ele ficou com minha mãe. É!! Porque, aí, eu fui morar PERTO DA CASA DELA::, né? = Ela morava numa casa = eu fui morar num apartamento, perto da casa dela, (.hh) PORQUE:: ele dormia comigo, e passava o dia com ela, entendeu? E ela:: dava o suporte, e ela:: adorava ele, e tal. E:::, aí, a gente levou isso assim, (.2) até quando eu me casei::, que, aí, ele foi morar comigo (Josué; E03: 13).

Assim, a mãe do viúvo, a sogra, ou mesmo uma irmã dele ou cunhada cuidam das crianças pequenas, quando o pai precisa ir trabalhar. Tomar conta dos filhos menores é um suporte mais freqüente nos primeiros dias ou meses, diminuindo com o passar do tempo e a reorganização da vida do viúvo - algumas vezes, este é um motivo para recasamento. Em apenas um caso, a avó paterna cria até hoje a filha do viúvo. Assim, o apoio dos avós é considerado positivo, se vem com o intuito de ajudar, sem invadir o espaço de tomada de decisões do viúvo - este parecia ser um ponto de honra para ele: o respeito à sua autonomia e privacidade. Ou, ao contrário, era considerado mesmo uma intromissão inadmissível, se não se respeitava o limite da individualidade desse homem, e que era rapidamente neutralizada por uma postura firme dele. Por exemplo, escutei de alguns dos viúvos a "queixa" de que a sua sogra ou a sua mãe ou alguma irmã sua ou da esposa falecida queria ficar com os seus filhos infantes, assumindo a tutela e levando-os para viver em sua própria casa. A reação/resposta quase unânime a tal proposta era a negativa, o que pode ser avaliado nos depoimentos de Josias e Renato:

> *?- E quem ficava com as crianças? Você sempre ficou::, [ou alguém pegou elas por você? Ninguém criou elas por você?*
> – [SEMPRE! Sempre, sempre, sempre! Minha sogra = minha sogra e minha mãe vieram falar:::; (.hh) minha sogra disse: "_Não! Bote ele::, você é uma pessoa muito jovem, precisa refazer sua vida::, então você deixa = deixa ele comigo!" Eu disse: "_Olhe! Quem quiser ajudar, vai ter que vim aqui pra casa! Daqui num sai nenhum!" (.) Num é? (.hhh) Porque esse = essas = essa, pra mim, FORAM AS PALAVRAS QUE FIZERAM (.) ela morrer, (.) quando eu disse a ela, (.) certo? Quando tava eu e ela, SOZINHO, eu disse a ela, eu disse: "_As crianças vão ficar::, eu vou protegê-las até o fim da minha

> vida!". Eu acho que ela precisava OUVIR ISSO! Pra ficar tranqüila, (.) certo? (.hh) EU SENTIA QUE ELA (.) tava perguntando isso! E FOI LOGO DEPOIS que eu disse isso, que ela realmente, é = é, faleceu, num é? (Josias, E05: 13).

> *?- Ninguém tentou tirar as crianças de você não?*
> -ELA ((cunhada)) tentou. (.2) Ela chegou a consultar um ADVOGADO, (.2) pra ver o que ela (.2) PRESSUPUNHA que teria direito como (.) tia, num é? Mas o advogado foi muito sensato, e disse a ela que::: (.) num procurasse esse caminho não, porque::: era perder tempo (Renato, E04: 22-23).

Alguns viúvos, não necessariamente os mais velhos, têm uma fonte de suporte na companhia de netos. Agora, a função de avô é mais em termos de se distrair com eles do que de cuidar deles - posição nem sempre conseguida pelas mulheres viúvas.

> - Eu aqui tenho os meus netos, meus netos ME ADORAM, sabe? Eu = eu vou, eu levo eles ao = ao colégio, - nem sempre! (.hh) Mas levo eles ao futebol, eles jogam futebol, (.hh) é o::: ESTOU SEMPRE CUM ELES, sabe? (.3) O pequeno, então, É MUITO LIGADO A MIM! (.) É LIGADO DEMAIS! [ELES
> *?- [Preenchem sua vida, né?*
> R – Preenchem, preenchem PLENAMENTE! E, ALÉM DO MAIS, eu ainda me sinto forte, eu ando por aqui tudo, dirijo o carro, (.hh) vou em qualquer lugar, e::: preencho meu tempo, é! TODO DIA, EU SAIO, num fico preso em casa. (Rui, E07: 11-12).

> - (...) as = as minhas netas vêm pra aqui à noite, às vezes - não toda noite, mas sempre à noite – "_Vou pra aí!" Eu digo: "_Venha!" Aí passa a noite comigo aqui::, (.hh) aí eu vou ali, aí boto uma pizza no forno, aí tal, boto um jantar pra elas, a gente brinca, vai pra Internet brincar, aí brinca, fica no computador ali brincando na Internet, jogando com ela. Ela tem, uma oito e a outra, nove. Já são grandes. Muito:: alegre, me alegra muito, elas. Pronto, eu saí cum as duas ontem, cum meus filhos, minha filha e as duas. Pronto! A gente foi almoçar. (Petrônio; E18: 46-47).

Para um viúvo, do grupo mais idoso, ficar em casa conversando com o neto é o que faz hoje: "_Num saio pa canto nenhum mode que:: num quero deixar ele, eu gosto muito dele!

Adoro ele!" (Adolfo, E14: 9) . O grupo doméstico desse enviuvado é composto pelas filhas e o neto que moram na casa dele, coisa que ele deixa bem claro:

> - Quem manda na minha casa sou eu! Ainda hoje::, eu digo: (.hhh) enquanto eu tiver vivo num quero que ninguém faça bagunça. NEM EU FAÇO! (...) nem peço dinheiro a nenhuma! EU TENHO MEU SALARO:: (.hh) eu dou = pago o plano de saúde e fico cum o salário pra mim:: (.hh) e o resto dou pa feira. Pronto! (E14: 23).

Assim, a vida prossegue, ainda com o apoio de mais alguém, que se torna outra personagem fundamental nesses arranjos que vão ocorrendo no espaço-tempo do viúvo. Todos os homens pesquisados mencionam seu papel, tanto antes quanto depois que a esposa se foi. Umas vezes anônima, outras vezes nomeada, surge a figura da "secretária", termo que designa a pessoa responsável pelos serviços domésticos nas casas das camadas médias e altas. A expressão "secretária" é tida, pelo senso comum dessas camadas, como a forma "politicamente correta" de referenciar essa pessoa, o que chega a ser duvidoso pois, como diz um viúvo: "(...) secretária é a maneira politicamente correta de dizer empregada, né? Que agora eu tô questionando ((risada)), tô questionando. (.hhh) Porque você pensa de uma maneira e traduz pra outra, eu acho::" (Roberto, E01: 49). Parece que boa parte dos viúvos também concorda, porque eles usam o termo empregada nas suas falas. Mas também poucos as referem pelos seus nomes: será que isto ocorre como uma maneira de demarcar a fronteira simbólica que separa as duas partes? É possível, mas a posição ocupada por ela parece-me uma transição entre família e amigos. Daí que discuto como subtópico da rede familial.

5.2.2 – SOBRE A EMPREGADA DOMÉSTICA

O emprego doméstico é a atividade que mais absorve a mão de obra feminina urbana, sendo executado, muito freqüentemente, por mulheres dos mais baixos estratos sociais e que contam mais baixa renda (Mello e Souza, 2001: 58). Segundo esta autora, ser serviçal doméstica pode representar alguém que tem uma ocupação de quem não tem outra escolha, que é em grande parte migrante, que não possibilita ascensão social via sua força de trabalho, que tem um serviço remunerado no espaço privado da casa. Outra característica desse tipo de

ocupação é que a relação empregatícia se organiza entre duas mulheres, em geral, sendo determinada por condições de classe sócio-econômica, gênero e raça/etnia, cujos papéis são "complementares (supervisão e execução), onde compartilham do universo doméstico com poderes desiguais, tornando o relacionamento tenso e conflituoso" (Mello e Souza, 2001: 60). Um aspecto importante salientado pela autora é o antecedente histórico do trabalho doméstico, enquanto herança do período escravocrata, cuja relação, simbolicamente, permanece significativa para ambas as partes, a despeito de eufemismos atenuadores, como na conotação "secretária".

Mas nem sempre as relações são negativas. Britto da Motta (1977: 58) observou que, na classe média, "o tratamento patrões/empregadas é bastante igualitário e cordial", não sendo encontrado um nível mais intenso de exigências reivindicatórias ou conflito de classe, sendo "frequentes as declarações de amizade e lealdade às patroas". Essa tendência se modifica em estratos mais altos. Também essa socióloga baiana mostra o equívoco que é afirmar que na casa empregadora se encontram e se defrontam apenas duas mulheres. Todos os ocupantes dessa casa e membros da família usam os serviços da empregada doméstica, o que facilita a vida de todo mundo (exceto a dela própria), pois: "permite a realização de uma mais-valia não monetária, sob a forma de estilo de vida, tempo para lazer ou aplicação em outra atividade economicamente mais produtiva e/ou emocionalmente mais satisfatória" (Britto da Motta, 1977: 27). Além disso e por causa disso, enseja redução dos embates no núcleo familiar para execução das tarefas domésticas cotidianas, tendo por base as diferenças de gênero, onde a dona da casa luta para ter a cooperação masculina. Assim, todos ficam liberados para outras atividades, seja emprego fora do lar, seja recreação, seja descanso (Britto da Motta, 1977: 27; 1986: 233). Congruente com isto, a antropóloga brasileira Marion Quadros (2006: 81) aponta que "A participação da empregada era fundamental na rotina da casa", fato declarado por todos os seus informantes.

Contudo, é mesmo a relação com a patroa que é considerada básica, por todos os envolvidos, pois esta é quem comumente entrevista/contrata ou despede, determina as diretrizes e as tarefas a serem cumpridas, faz as reclamações e eventuais elogios. Neste sentido, é relativamente freqüente haver competição e até agressividade entre as duas mulheres. Pois, segundo ainda Britto da Motta (1986: 233):

> Ela [a competição] se origina, tão diretamente quanto das relações coletivas de classe, no jogo de dominação/subordinação a nível individual; e se expressa, tanto como conflito quanto como competição em nível de gênero social: entre duas mulheres, geralmente de classes sociais diferentes, por vantagens de ordem econômica, mas também pela (pre)dominância no espaço da casa e pela competência na produção doméstica; às vezes até por alguma gestão na vida afetiva da família.

Essa posição da empregada nivelada com a da dona da casa em alguns aspectos, dentro da família, fica bem explicitada nos depoimentos seguintes, quando os viúvos dizem:

> *?- Precisou que alguém viesse gerenciar a sua casa ou alguém queria [vir?*
> - [NÃO! Não precisou não. Eu = nós tínhamos uma empregada já antiga, né?, que já era antiga em casa e tudo, (.hhh) e ela, como = como a Elisa ((esposa)) trabalhava fora, ela já era praticamente quem administrava a casa, em termos, assim, de:: do que fazer, de COMIDA e tal. E:::, então ela continuou, né?, essa moça continuou conosco (Elísio, E06: 11).

> *?- Aí, tem uma pessoa que::: é a mesma?*
> – É. É a mesma. Que foi FUNDAMENTAL, nessa hora, porque ela já conhecia (.2) A ROTINA DA CASA, AS COISAS DA CASA, e, nessa hora, é fundamental; porque (.hhh) você perder a esposa e perder a referência de uma auxiliar que conhece a casa nos mínimos detalhes, (.hh) é:::, de = de CUIDADOS, disso, daquilo, é fundamental. E ela foi uma pessoa que::, realmente nessa hora, foi um apoio muito grande (Adonias, E10: 26).

> - (...) e, assim, a minha casa aqui, não mudou a rotina. (...) também é essa mulher que veio pra aqui, que foi a tia dela que trouxe, (.2) ela = apenas, essa foi que eu chamei assim, eu digo: "_Você me ajuda a organizar os meninos? Tu toma conta da casa?" Ela disse: "_Pois não!" Ela vinha todos os dias que, por sinal, ela vinha de segunda a segunda. Até dia de domingo ela vinha pra cá! Então ela passou a cozinhar dentro dos padrões da gente, o = o nosso hábito, tá? O feijão, o arroz, etc., a forma carioca (.hhh) como a gente prepara, a carne, etc., então ela pegou todas = as receitas todinhas, ela pegou::, (.hh) que as meninas dizendo é assim, é assado, ela foi fazendo, - ela é uma boa cozinheira também -, (.hh) e ela tomando conta da casa, e ainda hoje ela toma conta da gente. Ainda hoje ela ajuda aqui, é; só que na minha casa ela tá vindo UMA VEZ por semana. Aí quando ela chega aqui, é uma = é uma briga cum o meu filho porque tem um botão fora da roupa, num sei o que mais, "_Eu quero lavar isso aqui" "_Uma roupa velha!" Ela: "_Não, não, não, não!", e é aquela briga entre

> eles, (.hhh) como se ela fosse a mãe deles, entendeu? Ela é quem toma conta de tudo. (Ivan, E16: 25-26; grifos meus).

Por outro lado, há que se considerar que nas relações de trabalho doméstico, a posição da empregada é bastante ambígua: "mora com a família, priva ou testemunha uma intimidade que é usualmente resguardada 'dos outros', mas não pertence, nem biológica nem afetivamente, a ela" (Britto da Motta, 1977: 28). Parece-me que, em relação às famílias que estudei, essa posição ambígua aparece bastante matizada e tem outro contorno; quer dizer, a empregada, como se depreende dos depoimentos acima, é alguém que ocupa uma posição especial no âmbito da família. O fato de participar do espaço privado faz com que ela receba informações que não são comunicadas nem mesmo à família extensa nem a amigos íntimos, e que está conforme a um sentimento de afetividade a ela destinado, principalmente se está na casa há longo tempo e, muito especialmente, se ajudou a criar os filhos dos viúvos. Isto deu muita segurança aos enlutados:

> - COM O FALECIMENTO DE JOSEFA, nós pegamos uma empregada. (.hh) Então, essa, - os meninos, o mais velho tem 23 anos -, Amara tem 19 anos lá em casa, e A IRMÃ DELA, tem::: 17. (.) Entendeu?
> *?- Aí, ficam as duas, né?*
> – Hoje = hoje, eu não preciso de duas empregadas, certo? Todo o mundo diz que é luxo! (.2) Mas EU FICO SEM COMER e não tiro nenhuma das duas! Que elas foram FUNDAMENTAL na criação dos meus filhos, entendeu? Porque (.) duas pessoas que = que realmente absorveram meus filhos, entendeu? (.hhh) Os meninos são ABESTALHADOS por elas, entendeu? Se vo = se a gente não der duro nelas, elas cortam carne dos meninos:: ((risadas)) É! Tem um que faz: "_Tu num sabe que eu num gosto de peito de frango assim::?" Aí, ela pega cum um garfo, desfia o peito de frango::; a gente é que obriga ela a não fazer isso! Mas se a gente deixar? Ela faz UM ALMOÇO PRA CADA UM! [Num é?
> *?- [Dá o dengo, dá o colo, num é?*
> – [Hoje os meninos já são adultos, né?, já são adultos. Então::, JÁ PERTURBA CUM ELA! Agora mesmo, tem uma que = operou-se, tá lá em casa, né? Aí, eles levaram pro hospital; foram buscar ela, entendeu? ELES FAZEM::, assim, tratam ela muito bem! E:::, também, é = é::, essa = essa = essas empregadas, elas = ELAS TÊM UMA PARTICIPAÇÃO MUITO GRANDE NISSO! Então, é::: EU NUNCA DEIXEI os meninos em momento nenhum, MAS EU SEMPRE TIVE MUITO APOIO, entendeu? MUITO APOIO! (Josias, E5: 19-20).

Em alguns casos, a empregada foi temporariamente contratada durante a doença da esposa, para desempenhar funções exclusivas de acompanhante e de cuidadora, principalmente quanto a higiene corporal, vestir, ajudar na locomoção, etc. A que permanece na casa, após o desenlace fatal, geralmente é a mais antiga, vivendo no meio da família há muitos anos:

> - (...) a empregada (.hh) que era babá dela, quando chegou, - tava de folga -, na segunda-feira, quando ela chegou, eu informei ((a morte)), eu disse, (.hhh) ela ficou surpresa! (.2) A outra empregada lá de casa, que é Antônia, Antônia tem:: meu menino tem:: nasceu em 84, abril de 84. Em janeiro de 85, Antônia chegou lá em casa e lá está até hoje, 20::: 22 anos. (Valter, E15: 15).

Ao mesmo tempo, a relação trabalhista que antes era mediada pela esposa, agora passa ao cônjuge remanescente. Isto poderia ser motivo de impacto para a empregada, que, de alguma forma, somar-se-ia à perda da patroa de vários anos. Geralmente, as empregadas domésticas não gostam de receber ordem do patrão, mas, na sua atual realidade, não chega a ser motivo de pedir as contas - até porque elas ficam com mais autonomia, como os depoimentos dos patrões sugerem: "_(...) como se ela fosse a mãe deles; ela é quem toma conta de tudo" (Ivan, E16: 26); "_(...) já era quem administrava a casa (...) e continuou" (Elísio, E06: 11); "_(...) a empregada, ((agora)) que é a dona da casa" (Josias, E5: 19). Como já visto, essa conotação de mãe e dona de casa como realizadora do trabalho doméstico tanto pode ser atribuída à esposa quanto à empregada, sendo muito introjetada na família - talvez por isso um dos informantes fale que não dá para perder as duas. Neste sentido, parece-me bastante ilustrativo as considerações seguintes:

> Em termos de relações de trabalho, [o trabalho doméstico] reúne pessoas de uma só classe social, em que apenas uma [a mãe] presta serviços às demais - no que constituem, já aí, uma família no sentido moderno nuclear em suas relações de gênero e de gerações - ou, então, indivíduos de classes sociais diferentes, como patrões e empregados; em ambas as alternativas, estabelecem-se relações de obrigação que constituem formas de subordinação e opressão de indivíduos, atenuadas pela prescrição ideológica do dever ou do prazer de servir (Britto da Motta, 1992: 32).

Entretanto, para um viúvo, o trabalho que era realizado pela esposa é insubstituível, pois ela era "caseira e trabalhadeira", não tinha empregada porque "ela num queria botar", e então fazia todo o trabalho doméstico sozinha. Após sua morte, o viúvo precisou contratar uma empregada; sua queixa é de que as coisas não são feitas do mesmo modo que sua mulher fazia, e ele já vai "botando três para fora", porque acha difícil se acostumar com a desorganização da casa, agora (Adolfo, E13: 09).

Para Rui, a empregada tem um papel também de acompanhante - mais uma função a acrescentar às outras -, quando ele adoece e mesmo numa cirurgia a que foi submetido, cerca de um ano após a morte da esposa, foi com ela que contou. Ele fala assim:

> - Só tem a menina aqui, que = que essa menina não se separa de mim, sabe? Eu sou como O PAI DELA, sabe? Ela é:: é, a família dela vem aqui, almoça comigo, sabe? E ela mora relativamente perto, é ali perto::: (...) Oito horas de operação, foi bastante::: A minha menina foi lá comigo, ela que me acompanhou, que eu num tinha minha esposa pra me acompanhar, ela que me acompanhou. (.hh) Meu filho tava no trabalho::: (E07: 12).

Por fim, ao sabor das mudanças no ambiente doméstico, alguns viúvos resolvem despedir e recontratar a empregada em novos moldes, reduzindo sua carga horária, ou readmitindo-a como diarista, ou transformando-a em faxineira. Isto reflete também, nos últimos anos, a diversificação que vem sendo feita internamente, no trabalho doméstico, com o surgimento de subcategorias que melhor se adeqüam ao relativo empobrecimento da classe média e aos novos padrões de direitos da empregada doméstica - o que Britto da Motta (1992: 40) já assinalou como "rearrumação interna à organização doméstica, seja quanto ao processo de trabalho e às relações nele estabelecidas, seja, sobretudo, quanto ao tipo de profissional envolvida", e não como abandono do recurso aos serviços. Isto fica claro em Adonias:

> – TANTO QUE (.) nesse novo = nessa nova condição, de eu viver na casa sozinho, eu negociei com ela (.3) da = de = de fazer uma dispensa sem ser por justa causa, né?, assinar a carteira dela, pra que ela pudesse receber:::, e desse pra uma série de vantagens trabalhistas que ela tinha - inclusive o FGTS, coisa que pouca gente paga por aí, e ela tinha. (.hhh) É:::, mas ela tinha = ela recebia um quantitativo *x*, aí, de salarial, que eu achava que era muito alto para a nova (.) os novos = a nova = a nova

> realidade da casa, né? Então, eu propus um acordo com ela; conversamos::; ela viria menos dias aqui em casa, (.2) e ela:::, o trabalho dela, se ela = se ela conseguisse dar conta do trabalho - porque tinha UMA OUTRA empregada aqui, arrumadeira, lavadeira:: -, (.hh) se ela, SOZINHA, podia fazer isso, - porque só eu, no caso -, para CUIDAR DAS MINHAS COISAS. Então, primeiro, eu:: faria esse destrato trabalhista, ela teria uma vantagenzinha nisso; segundo, eu reduzia o salário, mas reduzia, também, as obrigações dela. E ELA ACHOU MELHOR, porque ela podia ter mais tempo pra família dela, cuidar das coisas da casa dela (E10: 26-27).

Há que se destacar o prejuízo para a doméstica, em termos de identidade de membro e conquistas da classe trabalhadora, que a sensação de ser parte da família de classe média pode trazer. Pois essa identificação com seus hábitos e aspirações não favorece o reconhecimento de seus direitos legais, até por ela própria (Britto da Motta, 1986: 234). Mas esta é uma (importante) questão que foge ao escopo desta tese[5].

5.3 – REDES DE AMIZADES COMO SUPORTE

Lopata (1996: 91) diz que, para as viúvas, as "decisões a respeito do tratamento e remoção do corpo, bem como local e estilo dos rituais são compartilhados entre os parentes mais próximos: acima de tudo, a morte é um assunto de família". Não forçosamente. Para Velho (1989: 28), no universo das camadas médias, "os amigos podem ser tão ou mais significativos do que os parentes, em termos de freqüência de contatos, apoio cotidiano e compartilhar de dificuldades". Stylianos & Vachon (1999: 399), citando resultados de pesquisa sobre viuvez de Goldberg, Comstock e Harlow (1988), mostram que, para estes autores, "amigos foram de maior importância na redução de risco de desenvolvimento de problemas emocionais do que a família, e viúvas com quatro ou mais amigos com quem tinham contatos regulares, menos provavelmente necessitavam de análise/aconselhamento". Segundo Stylianos

[5] Também por não ser objeto da presente investigação, limito a fundamentação teórica deste tópico apenas a três autoras, mas com reconhecido saber sobre o tema. Britto da Motta, inclusive, vem fazendo pesquisa há muitos anos, aqui no Nordeste do país, com grande contribuição para o conhecimento sociológico na área. Sem dúvida, apesar de muitos avanços, meus achados, em pleno ano 2007, mostram que a cidadania plena da empregada doméstica ainda tem um bom caminho a percorrer.

e Vachon (1999: 398) ainda, "a estrutura e a qualidade de uma rede social pode facilitar ou interferir com a provisão de suporte social". Esses autores analisam as redes em termos de alta densidade e baixa densidade, que correspondem, respectivamente, aos modelos de rede de malha estreita e de malha frouxa de Bott (1976). Entretanto, outro estudo, também citado por Stylianos e Vachon, observou que "viúvas e viúvos que possuíam redes de suporte grandes e de longo tempo, com contatos freqüentes, tinham mais sintomas somáticos e perda de controle"[6]: a explicação dada por esses autores é que o evento estressante atinge vários membros da rede ao mesmo tempo, o que pode fazer com que eles não tenham energia emocional para lidar com as necessidades do outro.

Um estudo desenvolvido pela cientista social norte-americana Shantha Balaswamy (2004), com viúvos idosos, procurou examinar se as fontes de ajuda que eles recebiam variavam de acordo com o tipo de relacionamento deles com a pessoa a prestar o suporte e se os tipos de suporte fornecidos variavam com o tempo de viuvez. A autora utilizou duas categorias: suporte instrumental e suporte emocional[7]; e dois grupos de viúvos: um com menos de 500 dias da separação por morte da esposa (grupo precoce) e outro com mais (grupo tardio). Seus resultados mostraram que: os viúvos tinham algum vizinho considerado como confidente; percebiam que os filhos davam suporte em tempos de necessidade; tinham altos contatos (por telefone ou face-a-face) com familiares, amigos e vizinhos. No grupo precoce, os viúvos tinham mais dificuldade em pedir ajuda instrumental, preferindo pagar pelos serviços de que necessitavam; tinham menos com quem falar quando estavam tristes e poucos tinham um confidente; mas tinham maior engajamento em atividades sociais ligadas à sua igreja. O grupo tardio recebia mais suporte instrumental e emocional de familiares, vizinhos ou amigos. Uma das razões sugeridas por Balaswamy para a oferta de menos suportes na fase inicial seria porque a perda afetou os componentes da rede como um todo, e eles estariam menos aptos a dar apoio devido a seu próprio pesar; ou porque estariam relutantes e desconfortáveis em interferir em um assunto intrínseco à família. Os meus dados não concordam com esses achados.

[6] Warner (1987), citado por Stylianos e Vachon, 1999: 398.
[7] Suporte instrumental: é representado por disponibilidade e execução no preparo de refeições, reparos na casa, gerenciamento da casa, lavanderia, compras, jardinagem, transporte, orientação legal, após a morte da esposa. Suporte emocional: é ter alguém como confidente para discutir problemas, falar da tristeza e melancolia que sentia, tomar decisões (Balaswamy, 2004: 4).

Nos meus casos, embora as redes tendessem para malha frouxa, elas estavam inseridas numa sociedade relacional, como foi visto atrás. Nesse contexto, o marido tinha sempre algum amigo íntimo que foi um suporte incontestável na viuvez inicial. Penso que aí radica importante diferença. Porque, de fato, os amigos mais chegados tiveram um papel preponderante como suporte aos enlutados. O depoimento de Roberto reproduz muito do que ouvi dos demais viúvos:

> - Que aí, (.5) (.hhh) meus amigos todos ME CERCARAM; esses amigos todos me cercaram, num me deixaram (.) só. (...) Aí começou a chegar gente:: AQUELE NEGÓCIO DE CHEGAR GENTE, (.2) me deu agonia no juízo. (.hh) Aí, um amigo tinha assumido tudo. (...) E aí:: me lembro que, de manhã, foi um mundo de gente ((ao cemitério)). Gente que inclusive NUNCA ENTENDI porque foi bater lá!!! (.hhh) Que a gente brigava (...) O cara passou a manhã TODA nesse velório! (.) SENTADO LÁ, ele e a mulher! Sentado! (.2) De uma maneira que NUM DÁ PRA ENTENDER!! (.) É = num tinha o menor vínculo de amizade:: Como quem diz assim: "_Eu sou seu adversário, mas::: eu tô junto." Fiquei admirando DEMAIS ele, (.hh) e depois disso, nunca mais conseguimos brigar! (.hh) Mas os que NÃO GOSTAVAM, estavam presentes. (...) o cabra TINHA ÓDIO! Tava lá, nesse dia. Tava lá. (.) (.hh) Quer dizer, eu achei, hã, IMPRESSIONANTE como esses momentos, ah, você conhece a ÍNDOLE BOA das pessoas, tá entendendo? Como quem diz assim: a nossa briga não é essa, a nossa briga é outra, (.hh) no plano humano. Então, [me surpreendeu muito as pessoas
> *-? [Então, você acha que a morte é superior a todas essas coisas:: terrenas?*
> - EXATAMENTE, e REMETE à nossa própria morte, né?
> *-? Você não fez nada. Quem foi que organizou:::*
> - Isso daí:: É, eu sei:: Por exemplo, em termos do = do velório, foi um amigo quem tomou a frente; quem preparou a esposa [foi a família::
> *-? [Pra comprar caixão, tudo?*
> - [Foi, foi um amigo. Toda essa parte aí, foi um amigo. (.5) A = a questão de preparar minha esposa, toda essa parte aí, foram a = a = irmã e as tias. (.hh) A:: quem preparou a Missa de Sétimo Dia, minha irmã, a irmã dela e as = as tias. Quem preparou tudo isso aí. (.hh) TODA A DOCUMENTAÇÃO E ATÉ A MINHA VIDA financeira, quem assumiu foi outro amigo. (.) Porque NÃO TINHA CONDIÇÃO. Tô dizendo que NÃO TINHA! Tava = tava AVARIADO MESMO! (...) FOI ASSIM! (.hh) E organizou lá uma escala, que TODO DIA EU TINHA ALGUÉM comigo. Ou ele, ou:: outro amigo, (.hh) ou outro, ou outro, na casa da minha irmã. TODO DIA eu tinha alguém comigo. (E01: 25-26; p. 30)

Como se vê, mesmo os "inimigos" se aproximam nessa hora de dor, reatando laços cortados ou reconstruindo a relação de um modo que não se consegue mais brigar. Uma boa coisa para se refletir: se as lideranças mundiais fomentadoras de guerras tivessem suas pessoas mais amadas envolvidas nesses conflitos bélicos e as perdessem, será que a história da (des)humanidade não seria outra?

Outro viúvo também mostra claramente a importância do amigo na sua vida, até para viver uma fase de aturdimento que ele considerou necessária para o rompimento com a vida anterior de casado:

> – E::, eu disse a um amigo, a gente se = foi amigo, já, DESDE = DESDE JOVEM, como atleta, jogando junto -, e eu disse: "_A gente vai ter que (.2) CURTIR E SE POLICIAR, um ajudar o outro a se policiar. Mas eu estou me dando ao direito de ser irresponsável, coisa que eu jamais imaginava na minha vida, acontecer!" (.hhh) E FOI O QUE EU FIZ: EU FUI IRRESPONSÁVEL! Eu chegava em casa de 04 horas da manhã; quando dava 07 horas da manhã, eu tava de banho tomado pra ir trabalhar; vinha trabalhar; (.hh) dava as aulas; chegava o final de semana, EU TAVA TÃO CANSADO, QUE EU DORMIA! (.) Então, eu fiquei COMPLETAMENTE:::
> *?- Sem horário, né?*
> – SEM HORÁRIO! Eu só fazia dar minhas aulas! O RESTO, (.) EU DAVA UM JEITO! E aí:: Eu fui, por quê? EU PRECISAVA ROMPER! Pra mim, o ideal era o seguinte: EU PRECISO ROMPER (.) cum a vida que eu tinha. (.) Entendeu? FAZER UM = UMA PAUSA, AÍ, COM ESSAS COISAS IRRESPONSÁVEIS, (.hhh) e posteriormente, eu me reorganizar, num é? Foi assim que eu = que eu agi. Num foi nenhum psicólogo que me disse isso não, FOI DA MINHA CABEÇA! ((risada)) E ACHO QUE FIZ CERTO! NUM FIZ ERRADO NÃO! Entendeu? AÍ, FUI = fui (.2) é:::, minha irmã me dava cobertura! Então, final de semana, EU VIAJAVA, COM ESSE MEU AMIGO, A GENTE IA ÀS PRAIAS, (.hhh) num é? E aí:: AH!::: EU SAÍA, TOMAVA TODAS! (Josias, E05: 18-19).

Seria possível pensar que a perspectiva de Josias, que ficou com crianças bem pequenas, para dar conta de tudo num futuro imediato sem a esposa, fosse a causadora desse comportamento "irresponsável", como ele próprio denominou. No entanto, um outro viúvo, com filhos adolescentes e com a vida econômica já estruturada, também vivenciou essa "fase adolescente", criando mesmo uma rede de amigos com pessoas bem jovens. O que é

interessante observar é que mesmo os comportamentos aparentemente mais inusitados parecem receber uma certa complacência e tolerância do entorno social, confirmando as diferenças de gênero na vivência da viuvez.

Alguma vez, havia o que Josué chamou de um excesso de apoio:

> - Num tava CONSEGUINDO::: ficar em Recife. Porque:: era aquele negócio: (.hh) ME DAVAM APOIO = e, às vezes, me deram ATÉ DEMAIS! Então, eu me lembro:: (.hh) TODO mundo vinha falar comigo! TODO canto que se encontrava, alguém (.) vinha falar e vinha lembrar, e era UMA COISA:::! Agora, isso é MUITO IMPORTANTE, SABE?, O:: Eu tive muito apoio! Muito apoio. (.2) AMIGOS, assim, né? (.hh) Amigos::, Eu sou muito ligado e tal:: [Pessoas::
> *?-[Como eram os apoios? Assim, era o apoio de:: palavras, de::?*
> -[NÃO. DA PRESENÇA, da presença, você tá entendendo? (.hhh) De::: De tá sempre me chamando pra alguma coisa, se eu quisesse = Tinha um programa; todo mundo ia; (.hh) me chamavam, telefonavam, passavam pra me pegar, entendeu? (.hh) Aquela coisa de num deixar você só::, também, e = e SEM = SEM nenhuma invasão. Ninguém me encheu o saco, né? Mas, assim, não me deixavam por fora; tudo, me chamavam, se eu quisesse ir:::, entendeu? (E03: 12-13; p. 15).

Outros viúvos, especialmente os migrantes, tinham redes menores, tanto de parentes quanto de amigos, aqui em Recife. Vinham, de outros locais, parentes como mãe ou uma irmã - comumente mulheres - e ficavam na casa nos primeiros dias. Mas, de maneira geral eram os próprios enviuvados que assumiam as burocracias da morte - aqui freqüentemente com um amigo íntimo -, e resolviam, junto com os filhos maiores, o desempenho doméstico posterior.

A rede de amizades pode mudar ou não com a viuvez. Amigos que eram mais da rede da esposa vão se afastando, mas, em alguns casos, a rede do então viúvo pode continuar inalterada, como é o caso de Elísio:

> *?- E os amigos, permaneceram os mesmos [ou mudou?*
> – [Os amigos permaneceram os mesmo, sempre:: é uma coisa que a gente::. de certa forma, se apóia muito, nos amigos, né? As amizades continuaram as mesmas, né? Os amigos nessa hora tão = são muito solidários, né? A gente:: realmente:: essas = esse chegar perto, palavras de apoio, essa

> disponibilidade, né? Numa hora dessa, (.hh) a gente sente muito isso. E isso AJUDA MUITO! A mim mesmo ajudou muito (E06: 15).

Mas se a amizade era de casal, ela também se modifica, como fala Petrônio, que dá uma explicação para essa contingência:

> - (...) Dos amigos, de tudo isso, embora depois aquela = aquela, vamos dizer, aquela unidade que você tinha, aqueles seus amigos, eles começam a se separar. (.) É NATURAL porque:: Mas essa separação é decorrente, vamos dizer assim, porque o relacionamento de amizade é do casal. Num é de um ser só. Quer dizer, na hora que você fica = ou o homem ou a mulher que fica viúvo::, então na verdade, quer dizer, vai havendo um afastamento. Você tem que constituir novas amizades, entendeu? Você tem que procurar novas amizades, porque aquelas amizades (.hh) ELAS VÃO EXISTIR, mas não com aquela afinidade que existia. (...) tem um casal de amigo nosso que a gente ia muito na casa dele e tal, esse daí:: Pronto! Ontem mesmo ele me chamou pra almoçar! Tavam na praia!
> *?- E pra você, é ruim ou é bom quando eles chamam assim? [Você::*
> – [Não, quando eles chamam, a gente sente que é sentimento, quer dizer, de respeito, de:: de afinidade, entendeu como é? É, num fica, eu acho que não fica, num é? Porque, vamos dizer, você convidar uma pessoa só, um homem, (.hh) pra fazer parte, quer dizer, ia eu e minha mulher, num é?, ele e a esposa dele. Então:: tudo bem! Era um casal devia = mas ele num vai me convidar pra tá ele e a esposa, ele me convidar pra eu fazer parte, a não ser quando vai todo o mundo assim, etc, entendeu? [É isso que eu acho::
> *?- [Aí, isso muda, né?*
> - Muda muito, muda muito! Realmente, eu tenho que ir procurar um grupo de pessoas onde eu me SINTA BEM pra:: até pra poder matar o tempo, conversar, trocar idéia, bater papo, etc, mas:: como se diz, gastar o tempo assim, né? É, um ciclo de amizades novas realmente tem que ser feito, não tenha dúvida! Isso:: isso tem que ser, necessariamente tem que ser (E18: 15; p. 46).

O mesmo é percebido por Renato, mas a decisão de se afastar foi dele, como um escudo contra o sofrimento:

> - Nós tínhamos, (.2) é = é:::, muitos amigos em comum, que saíamos juntos, e depois que (.2) que ela morreu, eu não saí mais com essas pessoas. Eu não me interessei! (.2) ÀS VEZES ME DOÍA MUITO! Né? É:::, Eu

> encontrava com um casal, e:: passava mal, depois:::, ficava angustiado::! Porque vinha = aflorava as lembranças:: Num é? Era melhor evitar. Me protegia mais. Era = era (.2) UMA PROTEÇÃO! (E04: 21-22).

Nas semanas iniciais, a tônica é ficar mais em casa, ou ir para a casa de algum parente próximo. Alguns preferem curtir a solidão, que acham mesmo benéfica. Com o transcorrer dos dias ou meses, a maioria dos homens passa a sair mais, agora na companhia de amigos solteiros ou separados civilmente. Velho (1989: 29) diz que "a crise conjugal e a separação alteram drasticamente este conjunto e a rede de relações constituídas através do casamento que agora se desfaz". Aí ele se refere ao casamento onde há separação em vida, mas o mesmo argumento pode ser colocado em caso de separação por morte. Porque tanto as famílias de origem quanto "os amigos do casal sofrem as conseqüências do evento, havendo, forçosamente, uma reestruturação e remapeamento do campo social" (Velho, 1989: 29). Penso que isso ocorre em algum grau, mas de modo algum em todo o campo social nem com todas as pessoas que passam por esses eventos, como o termo "forçosamente" sugere. Mesmo que haja novos investimentos afetivos, o corte não é radical. A ligação com o passado permanece através das lembranças e dos vínculos parentais, principalmente na figura de neto, primo, sobrinho, bem como de amizade e compadrio. Vários viúvos assim falam:

> *?- Mesmos = mesmos casais e tal, não tinha problema de você ir solteiro assim, [sozinho?*
> – [NÃO!::
> *?- [Não era doloroso pra você?*
> – NÃO, NUNCA TIVE NÃO! Eu = eu só após, depois de uns:: dois anos, foi que eu comecei a me sentir também cum direito (.) A VIVER; mas nunca foi empecilho de eu sair com:: os meus amigos. Ao contrário! EU ADORAVA porque::, - a gente também não comentava -, se tinha algum fato que lembrava Taciana, a gente conversava, numa boa, ninguém fazia questão, se emocionava mas a gente conversava! Mas eu sempre fiz questão:: NUNCA, NUNCA! AO CONTRÁRIO! Eu sempre me senti (.hh) muito à vontade e eles também. (...) Eu nunca fui sozinho, nunca fui de ir pra bar sozinho, nunca fui pra = eu sempre, como eu disse a você, eu sempre tive muitos:: pessoas amigas, quando eu num ia cum pessoas = casais amigos, eu ia cum amigos separados, cum amigos que não tinham casado, (.hh) num é? Ou cum pessoas que eu tinha conhecido, né? (Tácio, E17: 22).

Os amigos também são reconhecidos como suporte pessoal-emocional. Uma minoria dentre os enviuvados recebeu algum tipo de apoio profissional na esfera psicológica ou psicanalítica. A despeito da psicologização das camadas médias, afirmada por vários cientistas sociais brasileiros, como já referido, poucos enviuvados quiseram fazer acompanhamento na área de saúde mental. Dois viúvos já tinham feito psicoterapia/psicanálise antes de ocorrer a morte da esposa, mas tinham deixado; apenas três começaram depois do desenlace, porque sentiram que precisavam. Três outros tiveram acompanhamento com psicóloga, por um certo tempo, como suporte indireto aos filhos. Outro começou terapia de regressão há pouco tempo, mas não vincula à perda da esposa e sim a querer se conhecer mais. Contudo, o melhor suporte emocional, alguns dizem, era ter mesmo um amigo próximo como confidente, alguém com quem conversar, um amigo para sair. Como falou Josias:

> *?- Precisou tomar remédio? Medicação calmante? Ir pra psicólogo?:*
> - NÃO!:: NÃO!::: DE JEITO NENHUM! (.hh) O remédio foi: "_Eu tenho um tempo pra ser irresponsável, E EU VOU PARAR! AH!::: EU SAÍA, TOMAVA TODAS! Tinha um amigo que saía, bebia comigo, a gente conversava:: (.hhh) E outra coisa: a programação não constava mulher! NUM PRECISAVA DE MULHER! (.) Era o quê? EU SAÍA, EU PRECISAVA fazer isso, num é? (...) Pra mim, (.2) a melhor terapia é você assumir o seu problema e (lutar). Num tem outra terapia não! (E05: 17-22).

Serão feitas outras considerações a suporte psicoemocional ao se discutir os sentimentos, proximamente.

5.4 – RELIGIOSIDADE COMO SUPORTE

Vários estudos[8] em base estatística têm procurado investigar a probabilidade de alguns fatores serem responsáveis ou não pelo ajustamento à perda de um ente querido, classificando-

[8] A obra *Handbook of bereavement*, de Stroebe, Stroebe & Hansson (1999) traz artigos concernentes a isto - ver Bibliografia.

os como preditores desse ajustamento, mais ou menos expressivos para a recuperação[9] do enlutado. Segundo, Lund, Caserta e Dimond (1999: 249), entre as variáveis não preditivas, eles colocam dados sócio-demográficos. A religião foi considerada pelos autores como não muito preditiva entre os indicadores globais de ajustamento: a atividade religiosa teve uma associação positiva com conseqüências mais favoráveis, mas as análises levaram-nos a concluir que não foi necessariamente a natureza religiosa da atividade, mas o fato de que a atividade social em geral tem uma positiva influência nos ajustamentos (p. 250). Porém, eles mesmos suspeitam que em outros contextos de separados por morte os resultados podem ser diferentes. Com certeza! Aqui, meus dados mostram que é a crença religiosa pessoal, mais do que a atividade comunitária na igreja, que fornece apoio fundamental para os viúvos, como os depoimentos demonstram. Até porque a maioria deles não freqüentava/freqüenta a igreja, regularmente, nem participava/participa de seus grupos.

Além disso, ou talvez por isso, para Wortman, Silver e Kessler (1999: 362), o impacto sofrido através de eventos que acontecem na vida devem ser avaliados levando-se em conta o quanto eles podem ser incorporados dentro da perspectiva filosófica ou visão de mundo de um indivíduo. A religiosidade, entre os homens por mim pesquisados, mostrou-se um fator importante nessa visão de mundo, extremamente suportiva para a maior parte.

Assim é que encontrei em diversas entrevistas, - na verdade, em sua maioria, como referido no capítulo 03 -, a crença em um Ser superior que, segundo os informantes, foi de grande importância como suporte na superação da dor e/ou do desespero iniciais ao confronto chocante, terrível, difícil, com a morte da esposa. Assim é que essa forma de transcender a realidade talvez insuportável foi apreendida pelos enlutados. Os depoimentos seguintes ilustram bem isso:

> *?- E a vida espiritual? Você disse que caminhou pelo Espiritismo e pelo Budismo.*
> - Olhe! Eu tenho convicções. Por exemplo, [todo dia::
> *?- [Mas você freqüenta, assim, templos e::?*
> - Não. Não. Não. (.5) Eu acredito mais numa prática; eu acredito NUMA ORAÇÃO e numa prática.
> *?- Antes da morte de sua esposa, você já acreditava nessa transcendência, [tipo::*

[9] Utilizo o termo recuperação como empregado por autores citados na obra acima referenciada, mas não concordo que haja recuperação e sim adaptação à perda de alguém significativo.

- [SEMPRE, SEMPRE.
?- [Reencarnação?
- Espírita, sempre. (.hh) Desde os vinte anos. [Ah:::
?- [Isso ajudou a::
- [Ah::: Sem dúvida!
?- [a agüentar a morte?
- [Sem dúvida! (...) (.hh) É:::: NÃO que isso diminuísse a DOR, mas que traz algum consolo espiritual, traz (Roberto, E01: 55).

- O sofrimento que eu tive, eu compensei com as coisas MARAVILHOSAS que eu vivi! Então quando eu pensava naquela coisa:: a:: onde foi retirada (.) cum Taciana, eu num pensava com a DOR de ter perdido Taciana, (.) eu pensava com a:: SATISFAÇÃO de Deus ter me dado a convivência cum Taciana durante aquele tempo (Tácio, E17: 18-19).

– É::, eu sempre tive:: É:: Eu não tive = eu não tive assim diretamente alguém, entendeu?, apoio não. Mas foi uma::: um suporte muito::: importante pra mim, porque::, não = não porque eu tenha recorrido nesse período, mas isso já tem (.) já era uma prática da minha vida, né? Então, esse apoio religioso:: assim::.
?- Você acha que a religião ajuda nesse momento?
- ACHO, a minha pelo menos ajudou, né? Ajudou! A mim ajudou bastante.
?- Você questionava alguma coisa, injustiça divina, alguma coisa assim?
– NÃO::, não. Eu::: agradecia o período que ela esteve com a gente aqui e tal, os filhos que ela me deu, num é?, (.) a forma como ela se comportou a vida toda. É, ((a religião)) conforta! (Elísio, E06: 10).

Em outro caso, o viúvo disse que a espiritualidade ajudou, porque não tinha como compreender a morte da esposa de outro jeito:

- E:: ajudou. AJUDOU POR QUE? Porque eu precisava compreender tudo aquilo! (.3) Num é? E na minha compreensão:::, eu imaginava o seguinte, - na minha conversa que eu tinha com Deus -, eu perguntava o seguinte: "_Puxa! Olhe! Jovem; UMA PESSOA BOA! De uma índole, assim, FANTÁSTICA! Como mãe, NÃO TEM IGUAL! Eu num conheço! Era com:: os filhos, com os sobrinhos, entendeu?, EXTREMAMENTE DEDICADA! Uma pessoa que trabalhava". Quer dizer, jovem, mas, assim, com toda uma = uma = UMA VIDA, num é?, INDO EM FRENTE! Foi = foi Papai do Céu que quis fazer isso, então::, deixa tudo resolvido, num é? (.hh) PRONTO! (Josias, E05: 07-08).

E pelas coisas que aconteceram na sua vida subseqüente, este viúvo tem certeza que foi o dedo de Deus que traçou a rota:

> *?- Você disse que compreendia através da espiritualidade. [O que é que é isso?*
> - [É. A compreensão foi o seguinte. HOJE EU TENHO A CERTEZA! (.) Naquele tempo eu tinha a = talvez, a desconfiança, hoje eu tenho a certeza! (.2) É, eu = eu::: (.3), eu acredito (.) que ela teve uma missão, (.2) tá? E ESSA MISSÃO, ela, ao ENCERRAR:: essa missão, num é? Ela = ela (.) TEVE UM CICLO::, (.2) ela foi pra família A REFERÊNCIA de::: DE AMIZADE::, DE CARINHO, num é? (...) É:::, ela (.5) ela sempre, assim::, DEIXAVA MUITO CLARO, (.) que = que = que:: - NUM SEI! – Era = é = a = A COISA VAI EM FRENTE! (.2) Entendeu? Quer dizer, ISSO PRA MIM, depois que a coisa passa, que você começa a = a LEMBRAR de fatos, você começa, poxa!, parecia que ela tava:: (.) DIZENDO ASSIM, que: "_Oh, vai ter alguma coisa aí, que a gente vai ter que ir em frente, (.) de algum jeito!" Entendeu? E EU COMECEI a atribuir isso, - logicamente não antes, depois, num é? DEPOIS! -, que seria uma forma dela tá preparando::, SÓ QUE isso pra mim num:: fazia sentido naquele momento, num fazia sentido, não é? (...) E A COMPREENSÃO, tá certo?, que eu tive muito claramente é que ela precisava SAIR, pra entrar outra pessoa, (.) entendeu? Que aí, quando eu converso cum as pessoas que tem a compreensão mais profunda nisso, as pessoas até dizem: "_Olhe, lá em cima elas conversaram, e combinaram: '- Oh, tu fica até tal período, que tal período a outra vai lá e assume lá a tua::, a tua::, o teu papel'", num é?! É! SE ISSO FOR VERDADE, (.2) que aconteceu essa = essa conversa lá em cima, ((risos)) aqui em baixo tá sendo. ((risos)) Num é? (.hhh) Porque eu casei, e::: (E05: 12-13).

De alguma forma, há a necessidade de compreender o incompreensível, de explicar o inexplicável. É assim que muitos viúvos revelam sua busca pela religiosidade nos momentos de dor trazidos pela doença e pela morte da esposa. A religião seria, pois, um meio de justificar, entre outras coisas, os infortúnios que atingem as vidas dos seres humanos, já dizia Max Weber (200: 129). Para Roberto DaMatta,

> a religião serve para explicar - e certamente o faz de modo mais satisfatório que a filosofia ou a ciência, pois há sofrimento, doença, calamidade, injustiça e aflição neste mundo. E mais. Ela pode até mesmo dizer por que certa pessoa está sofrendo o que sofre, o que não deixa de ser enorme consolo para quem vive e acompanha a aflição. Num certo sentido, portanto, a religião oferece respostas a perguntas que,

> rigorosamente, não podem ser respondidas pela ciência ou pela tecnologia. (1986: 112).

Consolo. Justificação do injusto. Necessidade de ter fé em algo que transcende o mundo cotidiano. Todas essas são alegações dadas pelos viúvos para não ter perdido ou mesmo ter aumentado sua vinculação com a religiosidade, que foi um importante suporte na acomodação do pesar e no levar a vida adiante. Para Valter:

> – A FORMAÇÃO RELIGIOSA é uma = é uma (.) é um fator que ajuda (...); eu acho que::: eu acho que O QUE AJUDA MESMO, é:: (...) Então, eu acho que o principal mesmo é a consciência, a formação religiosa da pessoa, (...) É que = é que = eu encaro como se fosse, por exemplo, uma viagem longa que você vai fazer, e que você se encontra eu num tenho dúvida nenhuma disso. (.2) Por conta da minha formação espírita, sabe? (E15: 24).

A religião, então, também torna possível, em algum lugar e tempo futuro, o reencontro com o ente amado que se foi. Independentemente da orientação da fé professada, vários enviuvados afirmam veementemente que vão ver suas esposas outra vez:

> *?- Dessas coisas todas, você acha, por exemplo, que (encontra de novo)?*
> - Acho que tem outros lugares em que ela possa (.) estar. Eu acredito. NÃO NESSE PLANO; NUM OUTRO PLANO, num é?. (.2) Eu acredito! E:::, eu ouvia muito a música que::: (.3) daquela música::, tchu, daquela novela "Alma Gêmea". (.3) Tinha uma música que:::: no finzinho ele dizia: "No Paraíso, eu vou estar contigo outra vez." (.3) Num é? Aquilo sempre:::, é = é::, quando eu ouvia essa música, eu me lembrava muito dela! (.2) E = e = e:::, me dava ESSA CERTEZA que, em alguma época, (.2) né?, fora desse plano, a gente ainda vai:: (Renato, E04: 27).

> *?- Tu vai = tu acha que vai encontrar com ela ainda, com Taciana?*
> – EU TENHO ESSA SENSAÇÃO. Acredito. Eu acredito que ainda vou me encontrar com ela. É. [EU ESPERO QUE SIM!
> *?- [Isso ajuda, né?*
> – (.3) AJUDA, AJUDA SIM! (.) Num é? (Tácio, E17: 32).

> *?- Tu acha que vai encontrar ela alguma vez ainda ou acabou mesmo?*

> - Tá difícil de falar isso, né? Se eu vou encontrar eu não sei, né? Eu acho que todo o mundo se encontra lá em cima, uma hora e uma coisa, né?, por aí. E nós na:: é::: que é que a Igreja Católica fala, né?, que aqui na Terra, tem a vida:: que é a vida eterna, né?, ao lado do::: Eu acredito! Acredito!
> *?- Ajuda isso, esse pensamento ou...?*
> – Não assim, na verdade, não penso nisso não, né? Acredito, mas eu não fico::: não tô pensando nisso, não penso que:: que vai acontecer né?, que:: entendeu? Mas que seria bom, seria! (Plínio, E20: 22-23).

Para Rui também há vida após a morte, que garante o reencontro no futuro:

> - (...) EU:: EU ME DEI TÃO BEM COM A = A ESPOSA, mas (.) de vez = de vez em quando eu converso com ela. Ela:: ela sabe! E::
> *?- O senhor acredita em vida após a morte?*
> – HÁ! COM TODA A CERTEZA! HÁ VIDA! HÁ, COM TODA A CERTEZA!
> *?- Acha que vai encontrar com ela ainda?*
> – AH! VOU, VOU! Nós todos acreditamos isso! O:: meu filho, ele = ele = ele = a minha esposa era espírita, (.hh) meu filho é espírita também, sabe? Minha nora é também.(.2) É::, eu não sou espírita não, mas (.2) ah, muita coisa eu aceito, sabe? MUITA COISA! OS:: PADRES NÃO GOSTAM, MAS EU ACEITO MUITA COISA. POIS É!
> *?- Mas o senhor acha que um dia vai encontrar de novo com ela?*
> – AH SIM, SIM! ELA VAI ME AGUARDAR! EU TENHO CERTEZA QUE ELA TÁ ME ESPERANDO!
> *?- Isso ajuda?*
> – AJUDA, AJUDA SIM! (E07: 19).

Em alguns casos já houve mesmo, segundo alguns enviuvados, comunicação com a esposa morta, diretamente ou através de médiuns. Falar isto para a pesquisadora pode causar alguma reticência, mas ouvi de Ivan, Gerson e Roberto:

> *?- Tu acha que vai encontrar ela novamente?* ((o informante passa alguns segundos calado, olhando para o gravador, parecendo meio inibido em falar, então faço uma pergunta)) *[Quer que desligue?*
> – [Ela = não, num precisa você desligar não. ELA ESTÁ TRABALHANDO AQUI EM RECIFE. (.3) Porque eu tenho um amigo comum, meu e dela, que conheceu ela (...) E um dia desse = já umas três vezes que eu encontro ele, ele disse: "_Mas, rapaz, Ivana tá trabalhando lá cum a gente." É, ela trabalha lá, na área de saúde! (.2) Curas, né?, fazendo curas, né? (Ivan, E016: 31).

- Quando é uma = quando é uma – em 1997 – quando é uma::: uma:: noite, a gente tava cá no salão, quando terminou, aí a mesa disse: "_Olhe, tem aqui uma comunicação que nós vamos ler." NÃO! Durante a = a = a palestra, tinha uma pessoa da mesa que se afastava, lá pra dentro – (. 5) "_Nós vamos ler." Quando ela = aí dispôs lá. Aí as meninas = e eu também, foi ela ((esposa falecida)) que deu a comunicação. Chorou ela ((riso baixo)), chorou:: deu a comunicação; ela dizendo:: Ela agradecendo. Foi. Num é:: num é dizer que é mentira não. Ela dizendo = ela disse que era tola, e que = que enxergava novamente, e que eu tinha sido muito bom pra ela, e que no mundo espiritual lá ela tinha aprendido mais. Tá vendo? Também num deu mais comunicação; só deu essa vez:: O (problema) é que a gente num pode nem = num posso conversar isso perto de gente assim:: num consigo conversar, porque tem pessoas que num acredita. E eu respeito. QUE NUM ACREDITA! Ninguém é obrigado a = a acreditar!
?- É. Mas isso consola, [seu Gerson?
- [Consola, consola!
?- [Saber que tá lá, num é? Então o senhor acredita nessa vida após a morte?
- Acredito. Com certeza, com certeza, [porque::
?- [E acha que vai encontrar com elas ((as duas esposas falecidas)) ?
- Se Deus quiser! ((riso baixo))
?- E será que não vão brigar os três lá em cima?
- NÃO! Não, porque a pessoa quando atinge aquele grau:: (Gerson, E09: 17-18).

- Você:::: num acredita em nada disso, né? Mas eu vou lhe dar um depoimento:::, (.hh) É:::: NÃO que isso diminuísse a DOR, mas que traz algum consolo espiritual, traz. (.hh) NO DIA SEGUINTE da morte de Roberta:: = eu tenho uma sobrinha que escreveu num papel uma mensagem. Fui falar num centro espírita para confirmar se era mesmo isso, que eu queria me comunicar com a esposa. Ele ((o médium)) disse: "_Você pensa que isso aqui é uma Embratel (.) do Além, que você diz assim: Eu quero falar cum fulano". Aí, chama fulano. Ele falou: "_Num é! Não é assim." Mas tentou uma comunicação. Aí, quando tenta, vem Papai. Ele falou: "_A mensagem foi dela."
?- E cum Roberta, você não teve contato?
- Não, mas eu = eu::: É engraçado! Uma coisa engraçada: EU NÃO QUERO TER! (.3) Cum Roberta, é como se dissesse assim: "_Eu::" É da mesma época, "EU SEI, e eu sei que não está longe de EU CHEGAR JUNTO". Ou seja, o que é que eu posso ter mais? Vinte anos?
?- Você não quer falar com ela agora, então, porque você acha que vai encontrar.
- Eu acho que vou (Roberto, E01: 55-58).

E Éder (E19: 23) disse mesmo: "_A gente num acredita, mas que assusta, assusta!" Ele se refere aos encontros que sua filha diz que tem com a mãe falecida. Pelo menos para alguns dos viúvos, isto é indiscutível.

Muitas vezes, a religiosidade foi também uma substituta do medicamento e/ou da psicoterapia. Plínio, como grande parte dos demais viúvos, não usou medicação nem procurou auxílio em profissionais de saúde mental. Para ele, o maior suporte "_(...) é procurado realmente a:: a:: o conforto assim, ir na missa e tal, né? (...) Rezando sempre e tal" (E19: 16). No entanto, o que se ressalta na visão de outro viúvo é a ambivalência de seus sentimentos em relação à fé: em si próprio ou em Deus? Essa ambivalência na procura de respostas ainda é fonte de estresse, e traz um viés de culpa pela sua "fé que era pouca". Embora um tanto longo, vale a pena ver seu depoimento, onde o caos em que ele se encontrava, na época da entrevista, fica evidente:

> - Aí, é que eu digo, minha mulher tão católica::, é como eu digo, minha mulher tão católica, meu Deus, tão = tão abençoada, vamos dizer assim, fazia questão (.hh) de muitas orações, dedicada, tudo, e nesse momento num foi socorrida, por que, num é? Tem horas que eu penso assim, e digo: "- Bom! Deus num quer:: mal a ninguém. Aconteceu uma fatalidade da vida. Será que Deus procurou o melhor caminho pra ela ter uma passagem tranqüila?" Aí eu, às vezes:: são perguntas que eu faço realmente:: E que eu num tenho resposta.
> *?- Mas tu acredita em reencarnação [ou que vai encontrar com ela ainda?*
> – [Olhe, eu = eu = eu num acredito nisso não! Pra encontrar com ela eu tenho que ir embora. Eu não sei se = onde tá ela! ((risada curta)) ELA NUM VOLTA! Eu tenho certeza absoluta! (.hh) Esse negócio de outra encarnação, eu num sei se:: Eu num posso contestar nem = nem = nem dizer:: - tem muitas coisas que são difíceis na vida (.) você saber. Agora, EU ACHO QUE A GENTE TEM QUE TER FÉ!
> *?- A fé ajuda?*
> – É:: A fé eu acho que ajuda, porque tem uma esperança em alguma coisa. Quer dizer, eu acho que ATÉ A FÉ EM VOCÊ = EM VOCÊ MESMO! ((risada baixa e curta)) Você dizer: "_Eu vou vencer!" Pronto! Eu acho que é um:: um ato de fé, né? (...) Eu sou forte, eu quero vencer, vou passar, e:: e isso é assim, entendeu como é? A religião, cada um tem a sua, né verdade, por exemplo? (.hh) MAS EU REZO todo dia. Como eu era católico ( ) num sei se a minha reza – como eu dizia aos padres, aqui: "_A minha fé é pouca. Não é o suficiente para alcançar um milagre!" Eu dizia. Mas eu rezo, em memória dela, rezo. [Mas eu rezo
> *?- [Antes dela morrer?*

> - Sim, mesmo antes dela morrer. E continuo ainda fazendo oração porque (.hh) ela era católica e disse que eu tinha que rezar por ela, tal, aí eu faço isso, mas (.) num sei se isso (.) RESOLVE:: O = O MEU PROBLEMA, eu sei que:: É só uma questão de ter consciência; eu fico ( ) ela ver, ela voltou, alguém disse que ela tá sofrendo por essa razão:: Num sei, entendeu? Eu num sei, eu num sei realmente. (Petrônio, E18: 33-36).

Enfim, como diz DaMatta (1986: 113), "a religião é um modo de ordenar o mundo, facultando nossa compreensão para coisas muito complexas, como a idéia de tempo, a idéia de eterno e a idéia de perda e desaparecimento, esses mistérios perenes da existência humana". Pelo menos, por enquanto.

Nestas linhas, tentei apontar a importância das redes sociais como suportes para homens viúvos de camadas médias pernambucanas. Espero ter mostrado como elas são fundamentais para a adaptação que esses homens precisam fazer no enfrentamento de uma situação de vida que não foi planejada, e algumas vezes chegou abruptamente.

No entanto, outras categorias de ajuda na adaptação subseqüente foram apontadas pelos viúvos, agora não tanto dependentes de suas redes sociais e religiosidade, mas de recursos que lançaram mão para continuar, e que foram considerados talvez mais importantes até do que os descritos aqui. É o que aponto no capítulo seguinte.

♥♥♥♥♥

CAPÍTULO 6

RECURSOS NA ADAPTAÇÃO À VIDA SUBSEQUENTE

6. RECURSOS NA ADAPTAÇÃO À VIDA SUBSEQUENTE

Como venho argumentando nas páginas precedentes, a viuvez traz em si uma marca de falta, de privação. Sempre experimentada como algo intempestivo, inopinado, desagregador. Segundo Britto da Motta (2002a: 3), "[A viuvez] Representa uma súbita quebra do equilíbrio, real ou suposto, das relações de família e a urgência do estabelecimento de novos arranjos no grupo familial".

Algumas pesquisas[1] têm mostrado que homens enviuvados enfrentam tempos mais difíceis e apresentam mais estresse do que as viúvas. Uma das explicações para isto seria decorrente do fato de que os homens não estão acostumados a cuidar de si próprios e nem a desenvolver e reter suportes sociais (Berardo, 1970: 15). Segundo Wortman, Silver e Kessler (1999: 359), "a maior vulnerabilidade dos homens se origina, em parte, de seus relacionamentos sociais mais limitados e da dificuldade de assumir tarefas previamente realizadas por suas esposas". Esta última afirmação poderia ser um reforço ao argumento da anomia doméstica resultante da viuvez, mais intensa no contexto dos homens do que no das mulheres, como pensava Durkheim (2000a), nos inícios do século XX, citado antes. Eventualmente, é possível. No entanto, a assertiva de Durkheim é de uma época em que a subordinação da mulher ao imperativo da família (marido, filhos e agregados) era total ou que contestações a isto eram apenas latentes. Na atualidade, as coisas já estão diferentes. As mulheres mudaram, mas, em certa medida, os homens também. Tanto é que os maridos já assumem tarefas domésticas e dão assistência aos filhos, principalmente na ausência por morte da esposa/mãe.

Entre os enviuvados que pesquisei, encontro os que já "ajudavam" na fase de marido, e que assumem outras responsabilidades na fase de viuvez. É verdade que, tanto antes quanto agora, os papéis de pai e de dono de casa são desenvolvidos com suportes dados por outras pessoas, em particular se há crianças pequenas, a ajuda vindo freqüentemente de parentas e empregada doméstica. Isto já foi visto aqui. Porém, sem dúvida a participação como pai na

[1] Lopata (1996: 107) e Stroebe, Stroebe & Hansson (1999), entre outros, trazem referências dessas pesquisas.

vida dos filhos e como dono-de-casa perante a família e/ou agregados é bem diferente de quando a esposa vivia. Os encargos também são ampliados em decorrência de que agora ele é *mesmo* o único provedor, portanto também o "ministro do planejamento" da casa. Coisas com que lidava apenas indiretamente, vêm para suas mãos. O depoimento de Adonias ilustra bem as dificuldades iniciais em algumas das novas tarefas, porém geralmente superadas, que, como também outros informantes, ele teve:

> - Não foi uma COISA FÁCIL, NÉ?, e:: e = e = e eu tinha que (.) TRABALHAR nesse sentido, né?, de que:::, por exemplo, toda a parte administrativa contábil da nossa contabilidade:: financeira, é, da família, ou seja, o = o = o = juntando os recursos financeiros salariais dela e os meus, (.3) nós tínhamos uma conta única, e::: ESSES PAGAMENTOS, O ORÇAMENTO DO MÊS, A PREPARAÇÃO, O ACOMPANHAMENTO DESSAS CONTAS, foi algo (.hh) que ela fazia sozinha, porque ela gostava de fazer isso, e eu não gostava. Eu sempre fui avesso (.) a fazer esse tipo de coisa. Ela dizia que adorava fazer aquilo (.) porque ela se sentia a ministra do planejamento da casa ((risos)), né? (.2) E EU ACHEI ÓTIMO que ela se sentisse a ministra do planejamento, porque aí eu não tinha A MENOR = o menor SACO pra::, agora, tá me preocupando: quanto é que eu tenho? Quanto é que eu gastei? Quanto é que eu vou (.hhh) gastar? Eu tenho de menos, tenho de mais? Onde é que eu tenho que aliviar o pé, nos gastos? Isso pra mim é um::, né? (..) E ela (.hh), ATÉ O FINAL, ela fez tudo, anotava tudo, né? E aí, por exemplo, foi uma = ALGO que eu tinha que fazer, (.hhh) é::, a começar pela contabilidade, e eu tinha que dar um:: (.2), fazer uma limpeza no orçamento, entende? (...) Eu, bastava eu dizer o que era que eu ganhava::; duas coisas: o que eu ganho, o que eu gasto, (.hhh) num é?, e O QUE ME SOBRA, né? Se é que sobra, né? Então:::, (.hh) foi fácil de reorganizar essa coisa da vida sozinho, ADMINISTRAR essa vida:: (.) SOZINHO! (E10: 22-23).

Ajustes à nova realidade precisaram ser feitos, ensejando ao viúvo lidar com situações concretas do ambiente doméstico, antes preocupações da esposa. Contudo, os encargos assumidos nem sempre são percebidos como complicadores de uma situação que já parecia complicada pela ausência da esposa/companheira. Pelo contrário. Para muitos viúvos, criar os filhos, por exemplo, foi um recurso importante para seguir em frente, assim como ir para o emprego, também apontado como de grande valia.

Quero esclarecer que estou usando o termo "recurso" para designar as ações que partem e/ou dependem diretamente do viúvo no confronto com o cotidiano, isto é, ações de

ajustamento onde ele é o elemento ativo, ele promove a busca. Considero que os suportes, mencionados e discutidos no capítulo anterior, são experimentados mais passivamente, são extrínsecos, ou, em outras palavras, o fluxo da ação vem de fora para dentro, resultante de forças centrípetas, provenientes das redes sociais; os recursos são intrínsecos, o movimento ocorre de dentro para fora, como resultante de forças centrífugas, na ativação do viúvo por si próprio - é neste sentido que os termos suportes e recursos são aplicados nesta tese. Por este olhar, um novo relacionamento afetivo-sexual e/ou recasamento também são tomados como recursos, pois foram/são resultantes de uma busca do viúvo por nova esposa/companheira.

A distinção entre recurso e suporte, como estou definindo aqui, aparece claramente em relação à convivência entre pais viúvos e filhos. A educação, a formação e o sustento da prole se transformam numa condição, - recurso -, importante para o pai se ajustar à situação de viuvez, sendo mesmo fundamental se são crianças. Mas, às vezes, o pai recebe cuidados dos filhos, o que constitui importante suporte para motivação de vida. Assim, observo que as duas situações podem diferir enquanto característica presente em uma fase mais precoce ou mais tardia do ciclo de vida (viúvos mais jovens ou mais idosos), bem como da fase de desenvolvimento em que se encontra o grupo doméstico (filhos pequenos/adolescentes ou filhos adultos), quando ocorreu a separação por morte. Esporadicamente, um mesmo elemento pode ser suporte e recurso: um filho adulto, por exemplo, que mora e faz companhia ao pai, enquanto este trabalha para manter a casa.

6.1 - DOS FILHOS COMO RECURSO

As Ciências Sociais têm mostrado que, desde a segunda metade do século passado, vem crescendo o interesse de homens por uma nova forma de olhar e ser olhado enquanto gênero, na sociedade urbana complexa. Paralelamente ao movimento de mulheres, embora de forma menos exuberante, Giffin & Cavalcanti (1999: 55) apontam que

> Um movimento incipiente de homens, de forma oposta e equivalente, começa a expressar publicamente sua insatisfação com uma identidade

> masculina calcada na dominação, na força e na atuação no público, e a reivindicar um novo lugar para os homens no espaço privado.

Essa colocação indica que algumas mudanças têm ocorrido, nos últimos anos, nas formas de viver e sentir das mulheres, mas também dos homens: "Transformações nas práticas masculinas ainda não consolidadas, mas que podem vir a derrubar os estereótipos de identidade masculina" (Giffin & Cavalcanti, 1999: 54) são vistas também nas entrevistas que colhi com os viúvos. Essas mudanças são predominantemente percebidas em homens mais jovens e mais intelectualizados.

Como modelo conjugal mais conjunto, como referi antes, vários casais procuravam concatenar suas atividades de trabalho e seus papéis como pais/mães, num tipo semelhante ao que Bila Sorj e Mirian Goldenberg (2001) encontraram de "coesão e centramento nos filhos", havendo emergência de um novo modelo de família entre as camadas médias brasileiras, onde se observa "combinação transformada de elementos dos dois modelos [familiais]: tradicional, pois percebe a família como uma unidade de investimentos coletivos, e moderno, na medida em que este investimento deve ser compartilhado tanto pelas mulheres quanto pelos homens" (p. 118). É o que chamo de casal com projeto comum, onde os cônjuges constroem e compartem um projeto a dois para suas vidas, e tendem a uniões mais duradouras. Este casal pode ser hétero ou homoafetivo, claro.

Nessa perspectiva, assumir a criação dos filhos (se optarem por ter filhos) se torna um importante investimento, em todas as dimensões, ao longo do casamento, e permanece após a morte da esposa, pois mantém, pelo menos neste aspecto, o pacto do casal. De qualquer forma, a magnitude com que o viúvo reafirma e amplia seu papel de pai após o desenlace pode parecer surpreendente:

> - Eu acho que:: eu incorporei isso com uma intensidade muito forte. ASSIM::: (.2) DE VIVER (.) PRA ELES, (.) E AS OUTRAS COISAS (.) serem menos importantes. (Anísio, E02: 24).

Algumas vezes a tarefa é reforçada por compromisso com peso de juramento feito junto ao leito de morte ou do túmulo da esposa:

> - (...) quando tava eu e ela, SOZINHO ((no quarto do hospital)), eu disse a ela, eu disse: "_As crianças vão ficar:: eu vou protegê-las até o fim da minha vida!". Eu acho que ela precisava OUVIR ISSO! Pra ficar tranqüila, (.) certo? (.hh) EU SENTIA QUE ELA (.) tava perguntando isso! E FOI LOGO DEPOIS que eu disse isso, que ela realmente, é = é, faleceu, num é? (Josias, E05: 13).

> - (...) Na hora que::: ela tava sendo enterrada, eu me lembro que eu tive um pensamento (.) pra ela, em relação à minha responsabilidade com os meninos. Então, isso teve MUITO PESADO, dentro da minha cabeça. (Anísio, E02: 39).

De fato, essas promessas não são vãs; antes, tornam-se um recurso fundamental para lutar pela formação/educação e pelo sucesso dos filhos, sendo assim totalmente cumpridas. Em todas as instâncias, eles são elementos fundamentais, e é a partir deles que a vida do viúvo é estruturada. Apenas um viúvo afastou-se dos filhos ou foi afastado por eles, mas todos já eram adultos e tinham vida própria: "Num sei qual foi o motivo, não, se afastaram. (...) Entendeu? No princípio, eu pagava tudo, despesa, tudo. As filhas ficaram aqui na casa:: e notícia, eu não sei de nenhum deles, que eles num vêm, num telefonam, nem nada." (Jonas, E11: 5; p. 7). De qualquer forma, esse pai saiu mas deixou a casa para os filhos.

Isto tudo não significa que o viúvo não tente reconstruir sua vida, mas sim que os filhos são parte indissociável dela. É óbvio que o maior comprometimento ou responsabilidade é quando estão na infância e/ou adolescência, pois dependem integralmente do pai. De modo geral, todos os planos os incluem. Inclusive para entrar ou não em novo casamento, se os enviuvados optarem por isso, porque a nova esposa terá que receber o kit completo: marido e filhos.

Na minha amostra total de investigados, houve 11 homens que tinham filhos menores na época da instalação da viuvez; para sete outros, os filhos já eram adultos, casados ou vivendo por conta própria, alguns na casa do pai, que se auto-intitulava de "dono-da-casa" e principal, senão único, provedor; dois viúvos não os possuía dessa união que enviuvou.

De qualquer forma, para os filhos adolescentes e adultos, alguns homens acham que a situação/recuperação, enquanto órfãos de mãe, deve ser mais fácil do que a deles enquanto

maridos que perderam a companheira, embora de modo algum neguem o sofrimento daqueles. Estas percepções são colocadas nos seguintes termos:

> - Meu filho passou ((fala e chora)) (.2) um tempão aí::: também meio desorientado realmente. Agora, é que a gente vai dando força a ele, ele dá força a mim:: e a gente vai ((voz soluçante)) chegando nesse momento de superar = tentando superar essas dificuldades. Quer dizer, (.hh) ELES SÃO MAIS FÁCIL, e eu digo a ele: "_Meu filho, você tem uma mulher e tem um filho. Quando eu perdi meu pai e minha mãe, eu transferi meu amor:: que eu tinha, a vocês. Procurei me dedicar e procurei dar esse equilíbrio, quer dizer, à minha mulher:: e a vocês, que eram meus filhos; (.hh) então:: o que vocês têm que fazer é isso." Entendeu? PRA MIM É MAIS DIFÍCIL! Porque num tenho mulher nem tenho filho! (Petrônio, E18: 23).

> - Cada um ((reagiu)) da sua maneira. O:: mais velho::: (.5) como é que chama? Explodiu mais o luto. Choro:: lá lá láaa. Mas, eles têm uma vantagem sobre a gente. Eles tão numa fase de ganhos, o anabolismo também afetivo. Nós estamos no catabolismo afetivo, também. (...) A mais nova não demonstrava. (.2) Ela não demonstrava, não demonstrava, não demonstrava:: (.hhh) Quando passou UM ANO, aí ela começou a chorar::, começou a :: = a:: E HOJE, ela ainda externa (Roberto, E01: 48).

Nesta perspectiva, cotejando as informações dadas nas entrevistas, os pais confiam na capacidade de superação dos filhos maiores à morte da mãe. Mas isto muda em relação aos filhos crianças. A preocupação e a dor dos pais aumentam pelas conseqüências psicológicas que eles supõem que os filhos venham a ter. Eles falam no trauma de perda da mãe, que as mães são mais importantes para os filhos que os pais, etc., como foi visto antes. Talvez por isso, a dedicação é muito grande, e a criação dos filhos se torna uma missão de vida. É do que trato a seguir.

6.1.1 - DOS CUIDADOS DADOS AOS FILHOS

Viúvos com filhos na infância ou na adolescência geralmente estão em idades abaixo de 60 anos. Como as pesquisas com viuvez geralmente se desenvolvem com idosos, as referências a viúvos abaixo desse grupo de idades são escassas. Um dos trabalhos que encontrei em torno dessa faixa etária é o de Stroebe e Stroebe (1999: 215 e ss) com viúvos e

viúvas mais jovens (média de idade de 53,05 anos), onde investigam os fatores de risco determinantes ao bom/mau ajustamento seguindo a separação por morte do cônjuge. Os autores buscam os fatores de recuperação e de vulnerabilidade que expressariam o ajustamento à perda, e as variáveis estudadas - trata-se de um estudo estatístico - foram fatores sócio-demográficos (status socioeconômico, idade, gênero), características individuais (personalidade), religiosidade, qualidade da relação marital, tipo de morte, contexto de vida após a perda. Entretanto, o papel dos filhos menores de idade, grandemente salientado pelos informantes deste meu estudo, enquanto recurso utilizado no enfrentamento da vida - e, portanto, como agente favorecedor ou fator de recuperação (usando a categoria determinada pelos autores citados) à adaptação -, não é sequer mencionado, nem nesse artigo nem na bibliografia consultada.

Na minha pesquisa, a criação dos filhos é um dado fundamental, que emerge como uma meta de vida, assim nomeada por muitos viúvos. Eis alguns exemplos:

> - Olhe, eu acho que eu = eu::, o que eu criei pra mim de = de:: parâmetro, (.3) sabe?, foram os filhos, sabe? (.5) Eu::: (.5) eu::: me envolvi (.5) Eu acho que eles representaram a::: = A FORÇA pra eu conseguir (.) tocar minha vida, e conseguir (.2), é::: (.3) levar a coisa adiante ((visivelmente emocionado)). Então, toda vez que eu sentia alguma:: sensação de fraqueza, ou alguma ausência, eu (.) pensava neles, entendeu? Então, isso foi:: uma coisa que me ajudou. MUITO! (Anísio, E02: 24).

> - E a partir dali, eu:: disse: "_Bom, independe de mim, eu vou criar os meus filhos." (.2) E passei, efetivamente, é = é:: - a dedicação cum eles sempre foi exclusiva, até hoje. (.2) ATÉ HOJE, pra mim::, meus filhos é do 1º até o 10º lugar, são eles. Isso com relação a todo o tipo de coisa, (.) num é? Afetivamente::, e talvez por isso eu não tenha tido nenhum::, vamos dizer assim, é::, (...) Mas talvez tenha tido dificuldade com relação aos relacionamentos, porque:: pra mim, meus filhos são a:: do 1º ao 10º. (Tácio, E17: 21).

> - Criar minhas filhas, pra elas, assim:::, dar o que a = o que a gente sempre quis dar, e:: AGORA MAIS AINDA, porque com a falta da mãe:: tentar dar mais ainda pra elas, pra vê se:: sei lá, alguma = alguma forma de::: compensar:: a falta, né? (Plínio, E20: 24).

O que será que está acontecendo aqui? Será a configuração de um novo mito, - se é que é mito -, o mito do amor paterno? Será que o pai quer compensar a perda da mãe "insubstituível", figura construída socialmente no início da modernidade? Ou será que só sob as circunstâncias da ausência por morte da mãe é que o pai pode externar um afeto que era forçado a recalcar antes, para corresponder ao papel de provedor e de autoridade/chefe na família, mantendo um certo distanciamento da prole? São questões que surgem da análise da minha pesquisa, resultando na constatação da importância dos filhos como recurso. Esta perspectiva é promissora como campo de futuras investigações em relação aos homens, especialmente no que concerne à paternidade e à Antropologia das Emoções.

6.1.1.1 - A PATERNIDADE EM AÇÃO

O sentimento de família que se desenvolveu no Ocidente desde o século XVIII já foi mencionada antes. Recordo que, segundo Philippe Ariès (1981: 235), lentamente se foi estabelecendo, no Ocidente moderno, a idéia de que a afeição é que deve basear toda a realidade familiar; a determinação moral do sentimento de igualdade entre as crianças fez desenvolver-se um novo clima afetivo e moral, com maior intimidade e aproximação entre pais e filhos (p. 236). O crescente ardor emocional nessa díade abrandou o uso do poder por parte do pai, e paralelamente fortaleceu a maternidade que estava sendo "inventada" (Giddens, 1993: 53), resultando na noção de que a maternidade era intrínseca à feminilidade, ambas constitutivas da personalidade da mulher (p. 54).

Simultaneamente, o pai que passa a trabalhar fora de casa, no sistema capitalista moderno, reforça a idéia de provedor, cujas funções são de caráter material. Isto persiste até as últimas décadas do século XX, quando as transformações no papel da mulher e as novas configurações de família vêm lançar foco sobre o papel de pai. Os próprios homens questionam as representações e práticas sobre o ser homem e, - por que não? -, sobre o ser pai. É através, primordialmente, dos estudos em masculinidades que vêm sendo descortinados novos saberes sobre os homens, menos confirmando do que desmanchando visões e expectativas estereotipadas assumidas pelo senso comum, e reproduzidas socialmente. A questão da paternidade tem sido central nesses debates.

A antropóloga brasileira Marion Quadros (2006: 66) chama a atenção sobre as novas maneiras de pensar a paternidade, onde aparece uma tensão entre o tradicional e o moderno, e a uma certa ambivalência vivida pelos homens, detectada nas pesquisas que já passam a enfatizar o envolvimento pai-filho. Para as camadas populares, Scott (1990: 39) tem mostrado que as relações entre mãe-filho são mais solidárias no espaço doméstico, e que há todo um favorecimento cultural à mulher nesse âmbito, que caracteriza a matrifocalidade, havendo um certo deslocamento do pai desse contexto.

Nas camadas médias, sob a égide de famílias igualitárias e centradas nos filhos, que constituiriam dimensões do projeto comum do casal estruturado no amor confluente, esse novo desenrolar de relações afetivas paternas parece estar mais presente, com desempenho de atribuições junto aos filhos. Contudo, a divisão do trabalho mostra que tem coisas que o pai faz e tem coisas que é da alçada da mãe, se não no discurso, porém na prática, denunciando que a hierarquia de gênero ainda aparece bastante no espaço da casa, e que a igualdade é corporativista: tarefas de pais e tarefas de mães. Por exemplo, Quadros (2006), estudando representações e práticas domésticas em famílias de camadas médias recifenses, mostrou que, em relação à assistência aos filhos, determinadas tarefas são mais assumidas pelo pai, como atividades lúdicas e tarefas escolares, isto é, aquelas que favorecem maior proximidade intelectual e emocional (p. 77), enquanto que a mãe fica mais responsável por alimentação e higiene. Para a autora, há um processo de construção de uma nova paternidade, mas ela ainda é mais idealizada que real (p. 90). De qualquer forma, enquanto as questões de gênero se desenrolam dentro das necessárias negociações dos desempenhos do pai e da mãe, o interesse pelos filhos e a proximidade afetiva deles, por parte do pai, está presente.

A questão da paternidade, aqui no Nordeste do Brasil, tem sido pesquisada também em camadas populares pelo grupo de pesquisa Núcleo de Família, Gênero e Sexualidades (FAGES-UFPE), sob a coordenação do Prof. Dr. Russel Parry Scott. Estudando a mortalidade infantil e suas repercussões sobre o pai e a mãe de um bebê falecido, uma pesquisa mostra algumas representações sobre ser mãe e ser pai que os casais entrevistados portam. Para o pai, a mãe gera o filho, e, portanto, tem mais amor a ele do que o pai, pelo menos na gestação e primeiros dias de vida do bebê. O vínculo afetivo do pai é forte, mas este pai confere à mãe o sofrimento "verdadeiro", o que lhe permite criar um artifício de distanciamento pela qual ele pode amenizar a força das emoções sentidas e tornar-se um portador de esperança ou de alívio

para a companheira. Contudo, para o pai o sofrimento é duplo: há que lidar com o sofrimento da mãe e com o seu próprio pela perda do filho.

Esse mesmo fenômeno da maternidade como valor encontro entre os meus informantes. Anísio (E02: 22) diz que: "_ (...) eu sempre achei ela MUITO MAIS IMPORTANTE (.) pros meninos do que eu"; Éder (E19: 20) se posiciona também: "_Eu preferia que tivesse sido eu ((a morrer)). Porque ficou uma criança sem mãe. (...) ela talvez tivesse uma outra vida. Infelizmente::: mas não sou eu que escolho essas coisas". Para esse viúvo, como foi referido antes, "pai é banco", o que parece refletir que o provimento pelo dinheiro dado pelo pai é de menor importância do que o amor dado pela mãe. Assim, este tipo de representação social é mais um fator de peso para o pai, - e talvez culpa? - visto que ele tem que suprir também as qualificações que fazem uma mãe ser boa mãe, especialmente quanto a disponibilidade e abnegação, como aparece na fala de Renato:

> - (...) porque, de repente, você (.2) PASSA A PERCEBER, num é?, que sem mulher e sem mãe, é uma coisa (.) INFINITAMENTE DIFÍCIL! Eu acho que é MUITO FÁCIL (.) ser pai. Muito fácil! Muito fácil! Porque depois você começa a encarnar a responsabilidade de tá junto na doença, de tá no problema da es = escola::
> *?- Que você não participava antes, e teve que assumir?*
> - Exatamente! Que eu não participava. (E04: 15).

Frente a essa abordagem sintética da paternidade, como é vista/vivida nos tempos atuais, há que considerar os sentimentos e as atribuições do pai em relação aos filhos, quando a mãe morre, no contexto concreto da minha pesquisa. Os depoimentos seguintes mostram as concepções que esses homens tinham/têm do que lhes competia/e fazer na continuidade da vida dos filhos, recursos efetivos para prosseguir. Em quase todos, o afeto parece ser a bússola que orientou o percurso até o tempo presente.

Assim, o vínculo do pai com os filhos podia já ser grande, uma espécie de cumplicidade, antes da separação por morte da esposa, constituindo mesmo um ponto de desavença dentro do casal:

> - Basicamente, era relacionado à educação de filhos. (.2) É:::: (.3) Eu acho que ela acertava o diagnóstico, e era severa no tratamento. (.3) E eu acho

> que eu acertava o diagnóstico, e era brando no tratamento. Hoje, passado tudo, eu acho que era errada ELA e era errado eu. Haveria um meio termo (.3) na educação (.3) entre a aliança extrema que eu tinha, e tenho até hoje com as minhas filhas, e a severidade que ela tinha (.3). E eu caía até numa certa permissividade (.hh), dentro dessa aliança, que tenho até hoje cum minhas filhas; que até hoje, minhas filhas = até problema de natureza sexual, conversam comigo, sempre foram alian = e tudo da minha vida (.hhh), cum quem eu saio ou deixo de sair, e se é mulher direita, se é prostituta, com quem for, minhas filhas sabem TUDO. Num tem, (.hh) não existe segredo. (.2) Conta conjunta com as duas:: Não existe nada:: não existe NADA, o elo é total (Roberto, E01: 06).

Um outro viúvo refere a ligação que tem com uma filha de um outro casamento, não relacionado com a viuvez. A inclusão desse depoimento, aqui, serve para ilustrar a força do sentimento desse pai para com esse filho:

> - Que o meu primeiro casamento (.2) NUM QUERIA SAIR, porque eu tinha uma filha. Já foi outra história: foi mais difícil pra mim, porque eu tinha uma filha, E EU ERA O PAI E A MÃE! (.3) Então, eu senti! Na primeira relação, eu senti, porque EU TINHA UMA FILHA! E vi que a mãe dela num dava a mínima pra ela, então eu tive que assumir a maternidade e a paternidade. Aí, criou um pouco de:: INSTABILIDADE EMOCIONAL, por conta disso. Porque:: em relação a ela não, mas em relação à filha, À MENINA, EU ME SENTIA::: RASGADO POR DENTRO, sabe?, porque eu tava me afastando de uma coisa QUE ERA (.hh) A MINHA VIDA ALI! (Hélio, E12: 26).

Parte substancial do que ocorre depois da morte da mãe é uma ampliação das responsabilidades, que se concentram no pai, e faz com que, algumas vezes, sua dedicação o leve a relegar suas prioridades e transmutá-las nas dos filhos:

> - E LOGICAMENTE QUE::, vamos dizer assim, as prioridades::: Eu deixei sempre as coisas (.) que eram prioridades PRA ELES, né?, pra que nada faltasse. Então, isso:: PESOU um pouco, (.) do meu lado, entendeu? Tudo aquilo, QUE FOSSE PRA MIM, que representasse custo, (.hh) aí eu ((riso)) CORTAVA! É. Isso! (.) Né?:: Assim, por exemplo, eu:: ELES SAÍAM:: (.2) Aí, EU NUM SAÍA!:: Pra que, quando eles chegassem em casa, eu tivesse lá. (.2) Tá entendendo? Num é = num era IMPORTANTE! (.) QUER DIZER, num era exigência deles:: Era uma exigência MINHA! (.2) Tá entendendo? Que, quando eles chegassem, eu tivesse em casa.

> Então, eu fiz MUITO isso, (.2) né? De passar (.hh) fim de semana e fim de semana e fim de semana, em casa. (.) Entendeu? (Anísio, E02: 33-34).

Ser pai sozinho, ainda, é lidar com assuntos que seriam, tradicionalmente, abordados e orientados pela mãe. Mas também é a possibilidade de aprender novas lições com os filhos:

> – Continuei lá::, tudo normal::, tudo com os filhos, assumi a administração dos filhos:: Só, SÓ::: assumi a mais a minha CARGA assim, em termos de:: de:: acompanhar as coisas em casa e tudo, entendeu? De:: me aproximar mais das filhas pra ver como é QUE ESTAVA e tal, aquele negócio todo; foi no período de adolescência, né? Início de namoro, aquele negócio todo, mas (.) continuei minha vida normal, assumi essa responsabilidade a mais, né? Eu me lembro que:: a minha menina que até dizia::, no início, eu dizia pra menina que eu ia ser agora o pai e a mãe, elas me alertaram que não precisava, né? ((risada)) Bastava ser o pai. É, principalmente essa mais nova, ela é muito assim, me ensina muita coisa, né? Agora mesmo eu tô com uma neta aí, e::: tô muito animado com a neta, ela diz: "_Olha, cuidado pra você não virar o pai da neta, você é o avô da neta!" ((risadas)) Então, ela me alerta muito sobre essas coisas, né? Eu acho até bom, tenho aprendido muita coisa com ela. Então, ELAS ME AJUDARAM MUITO. (Elísio, E06: 15).

O bem-estar dos filhos também é uma preocupação constante, isto é, dar-lhes o que houver de melhor, dentro das possibilidades da família. Foi o que Ivan fez:

> - Quando ela desencarnou, eu peguei:: um quarto (.) das meninas = as meninas moravam = dormiam as duas, numa beliche, né? E EU LÁ, NO QUARTO, FOLGADO, é injusto! Aí peguei a beliche, serrei = eu gosto muito de mexer cum móveis, madeira, tal. (.hhh) Aí eu fiz, botei = fiz duas camas e botei no quarto que era da gente, (.hh) porque lá tem:: é uma suíte, né? Elas ficavam mais à vontade, pra mulher é bem melhor, né? Eu digo: "_Não, eu vou pro outro quarto, que era o de vocês." (E16: 32).

Um viúvo, Valter, tem apenas filhos homens, sendo jovens adultos, e a reorganização da casa passa por uma divisão de tarefas entre eles. Esse pai fala na união e na colaboração que existe no grupo doméstico, e até mesmo de uma certa liberdade que passaram a usufruir

desde que estão sozinhos, embora ele não se descuide de seu papel de pai, quando é preciso colocar limites para os filhos:

> - Mas a gente ficou::: ficou mais independente porque ela era muito controladora, assim, de:: (.hhh) ficava pegando no pé dos meninos porque os meninos (.hh) ligava, ficava ligando, tá entendendo? Ficava muito controlando. Aí ficou::: Mas eles tinham liberdade! Pra eles, ficou mais (.) MAIS LIVRE, tá entendendo? Mas eu, eu num:: eu (.) eu mantenho os limites, entendeu? Mantenho limites, num deixo:: solto não. É. Outro dia, o meu menino foi e disse: "_Papai, o senhor = o senhor parece que num é meu amigo!" Eu digo: "_O que é que é ser amigo?" "_O senhor é meu pai, mas num é meu amigo!" Eu digo, - o mais novo -, eu digo: "_O que é que é ser amigo? (.) SER AMIGO é num impor limites?" Aí, eu disse a ele: "_Eu num vou deixar de fazer não!" Tá entendendo?
> ?- *E você tem o papel de pai mesmo. [Pai é pra orientar, né?*
> – [É claro, claro, claro, claro! (E15: 22-23).

Um outro dos enviuvados, Artur, não chegou a ter filhos com a primeira esposa, pois ela morreu logo nos primeiros meses de casamento, como foi mencionado antes. No entanto, os filhos que teve da segunda união receberam nomes que esse viúvo tinha pensado dar aos seus próprios filhos do primeiro casamento. Seria uma espécie de homenagem à esposa morta?

Finalmente, a sensação de ter cumprido adequadamente suas tarefas de pai aparece nas falas de quem ficou com filhos muito pequenos e os vê chegar à adolescência ou adultícia como pessoas responsáveis, bem formadas, bem sucedidas, que dariam orgulho à mãe. A reprodução de valores das camadas sociais mais diferenciadas representa, em grande parte, o resultado de um processo de educação vitorioso e de sucesso. E falar sobre essa espécie de missão como estando realizada, e que também remete à esposa/mãe falecida, comove o viúvo:

> - Então, CADA PERDA que você tem, você tem VÁRIAS PERDAS, embutidas nela. Porque, é:::, (.3) elas NUNCA DESAPARECEM! NUNCA, NUNCA DESAPARECEM! É::: ((chora baixinho e não consegue falar)) (.30) (.hh) Meu filho tá bem sucedido. (.3) Ele tá::: formado, tá indo bem na profissão:: (.) Tem um escritório próprio::, tem = de vez em quando tem artigos dele, e tal. Tá sendo reconhecido, as pessoas tão falando dele, tá ganhando dinheiro, sabe? (.) Num me pede nada:: Tá casado::, tenho um netinho e tal, isso:: (.hh) E, toda vez que eu = hoje eu recebi, pela internet, um artigo dele::, que foi publicado num sei aonde, (.) eu penso na mãe dele! ((chora)) (.8) (Josué, E03: 26).

Esses são os viúvos de camadas médias que tiveram nos filhos um importante recurso para retomada da vida, investindo neles como fonte de adaptação à perda da esposa. Neste sentido, penso que o desenvolvimento de novas investigações, visando a busca do mesmo fator em outros contextos e grupos sociais, deve ser estimulado, a fim de que se confirme (ou não) o papel fundamental dos filhos na progressão da vida do pai, favorecendo um lidar melhor com a viuvez, bem como o quanto e se o modelo pode ser extrapolado para outros lugares e outras classes sociais.

Em outros casos, cujos filhos já estavam criados na época do desaparecimento da mulher, foram, por sua vez, importantes suportes para seus pais. Mas não só eles. Os filhos menores também podem ser suportes na medida em que os pais se apercebem de uma maior preocupação deles com o seu bem-estar. É o que mostro a seguir.

6.1.2 - RECEBENDO SUPORTE DOS FILHOS

Segundo Lopata (1996: 141), a prole é a principal fonte de suporte que pais enviuvados recebem. Para a autora, falando em relação a viúvas, há diferenças no tipo de cuidados que lhes são destinados, sendo a primeira linha de suporte dada pela filha, havendo vários modos em que isto é feito. A diversidade dos cuidados baseados no gênero, segundo a autora, apontam que as filhas dão mais ajuda com transporte, compras, limpeza de casa e cuidados na doença, enquanto os filhos cuidam da administração financeira e da assistência em assuntos burocráticos (p. 143). "Em suma, *muito* mais provavelmente, as filhas do que os filhos provêm ajuda aos pais sozinhos, em atividades da vida diária e outras formas de suporte emocional e social" (Lopata, 1996: 145; 1999: 390; grifo da autora). De qualquer forma, uma prole numerosa permite que pelo menos um dos filhos ou filhas veja a mãe viúva com freqüência e em intervalos regulares (Lopata, 1973: 131).

Em relação a homens enviuvados, as informações vêm principalmente da pesquisa de Moore & Stratton (2003: 176), onde está registrado que quase todos os enviuvados[2] tinham contatos freqüentes com seus filhos, e os identificavam como sua maior fonte de suporte. Os

[2] Estes viúvos eram de grupo de idade mais avançado que os da minha pesquisa, sendo os seus filhos adultos.

suportes cobriam as esferas emocional, social e de serviços: os filhos partilhavam com o pai o sofrimento pela perda, confortavam-se mutuamente, ajudavam nas providências fúnebres, colaboravam nas tarefas domésticas de ajustamento, providenciavam o descarte de objetos que haviam pertencido à morta, atuavam como cuidadores (p. 179). Esta situação tendia a se modificar quando o viúvo recasava, embora os filhos mantivessem contatos por telefones ou visitas.

Na minha pesquisa, os viúvos recebem suporte dos filhos, e apenas um, como foi referido acima, não teve este apoio, mudando-se algum tempo depois para outra moradia, e logo recasando. Os demais viúvos, quer tenham filhos casados, morando em outro domicílio, quer solteiros, morando na mesma casa, referem que, de uma maneira geral, eles passaram a se preocupar mais, estando sempre atentos para levar para almoçar, viajar, ver os netos: a aproximação é maior agora, entre pais e filhos. Vejamos como falam:

> - E, eu acho que:::, eu senti, assim, QUE ELE ((o filho)) PASSOU A SE PREOCUPAR MUITO POR MIM, como ele não se preocupava antes. (.3) E hoje ele, por exemplo, todo dia, sempre que pode, ele telefona pra mim - SOMENTE PRA SABER COMO EU TÔ -, coisa que ele nunca fazia antes, não havia (.2) essa preocupação, nenhuma. Hoje, ele tem assim, uma = uma, digamos, uma preocupação de saber como vai, do cuidar, né?, com meu futuro, minha saúde, minha alegria, minha diversão, meu lazer, né?, sempre ele:: (Adonias, E10: 26).

> – É!::: Olha, porque, veja bem, eu tenho, graças a Deus, eu tenho uma família e uns filhos que::: - que a família, às vezes, num tem tempo pra nada. Diante desse fato, quer dizer, todos os filhos começaram (.) a::: TER TEMPO, DEDICAR A ELA, A MIM, entendeu como é? Meus filhos foram::: primorosos, realmente, entendeu?, nesse sentido, (.hh) de dar assistência a ela, tudo, e me dar (hoje) uma assistência ainda:: boa! É, é, (.) me vigiam, me vigiam, é ((risos)). Eu ontem saí pra almoçar cum ele, a gente sai pra almoçar final de semana, vou pra casa dele, tal, entendeu como é? É:: É, muito, se aproximaram muito, é (Petrônio, E18: 14).

> - Os meninos, pra onde vão, às vezes, é um local assim, me chamam:: (...) Digamos assim, eu fiz 60 anos este ano, aí quando foi em abril, os meus filhos se reuniram - porque:: eu fiquei com três tesouros:: Eu num sei dos três, qual o que vale mais! E::: CHEGARAM cum:: tudo pronto pra me = uma viagem pra mim, pra eu ir pra Europa. Quer dizer, eu tô aqui e de repente:: "_Painho, vamos pra tal local!" Um dia desse eu tava na fazenda,

> e (.hhh) ligaram pra mim:: (.2) "_Olhe, venha pra cá urgente, porque SEXTA-FEIRA a gente tá saindo pra São Paulo!" Eu larguei tudo na fazenda:: Aí, então quando eu cheguei aqui, que eu basicamente arriei as malas, (.) nem tomei banho, nem fiz a barba, já fui trocar de roupa lá na casa dela. No outro dia de manhã:: Aí, nós fomos a São Paulo, de São Paulo ao Paraná, do Paraná a São José do Paraguai:: Dia de Sábado: "_Vamos almoçar onde?" Eu digo::: "_A gente passa aí, vamos almoçar = almoçar em tal local" (Ivan, E16: 35; p. 37).

Os viúvos restantes desse grupo a receber suporte, Gerson e Adolfo, são os mais idosos entre os idosos, e ficaram morando com as filhas e/ou filhos. Gerson (E9: 14) diz que "a minha família foi maravilhosa!". Adolfo (E14: 22) também fala nos filhos com admiração: "_E, graças a Deus, sou muito bem sastisfeito que meus filho é tudo formado, não tá dependendo de::: de mim muito, né?" Pais e filhos se ajudam mutuamente, isto é, os pais não são só recebedores de cuidados dos filhos, mas dão ajuda de diversas maneiras: colaboram financeiramente nas despesas domiciliares, são acompanhados e acompanham netos; na verdade, esses viúvos continuam chefes de suas famílias, pois as residências onde habitam é primariamente de sua propriedade, e suas aposentadorias ajudam na manutenção do lar. Moore e Stratton (2003: 180) encontraram padrão semelhante entre seus investigados.

Mesmo os viúvos mais jovens, que moram com os filhos, recebem atenção especial após a morte da esposa. Anísio diz que "HÁ uma preocupação MUITO:: GRANDE deles comigo. (.2) Num é? Uma coisa:::, mais = UM LADO MUITO CARINHOSO! (.) Num é?" (E02: 40). E Tácio fala sobre seu adolescente mais velho: "(...) porque como ele amadureceu mais, ele é muito mais CENTRADO assim, MAIS RESPONSÁVEL. Ele cuida MUITO de mim, é o tempo todo preocupado, se eu tô, se eu num tô, se vou::" (E17: 29). Para Plínio, o cuidado das filhas para com ele passa por uma certa compensação pela morte da mãe, fazendo com que elas se voltem mais para ele:

> - E assim, elas:: elas:: se preocupam muito comigo (...) de cuidar assim, entendeu? Pra ver se eu estou bem. É, elas se preocupam muito, acho que elas, é::: pela mãe não tá mais aqui, né?, elas se sentem assim::: tentando compensar até a falta da mãe. (E20: 24).

Aqui foi dado a conhecer as relações entre pais e filhos, que se estabeleceram após a morte das mulheres/mães. Procurei mostrar a relevância dessas inter-relações na organização do espaço privado, seja em novos moldes, para garantir a criação de filhos menores, seja de forma a encontrar nos filhos apoio mútuo, mas, em todos os casos, buscando fortalecimento uns nos outros para resistirem a um dos eventos mais traumáticos da vida. Os filhos representam, pela análise dos meus dados, um dos aspectos essenciais, sendo talvez o mais importante recurso no enfrentamento da vida que prossegue.

Contudo, um outro recurso despendido pelo viúvo, e que foi referido como grande aliado, é o emprego e as atividades trabalhistas que os viúvos desenvolviam na época.

6.2 - DO TRABALHO COMO RECURSO

Já foi referido aqui, e diversos autores[3] o confirmam, que o trabalho é um marcador importante de masculinidade, pois o estar empregado se imbrica com o conceito de homem provedor e chefe de família. Praticamente todas as sociedades fazem uma divisão sexual do trabalho, categorizando-o como "masculino" ou "feminino", como a Antropologia tem mostrado. O trabalho no espaço público, dentro de uma sociedade urbana moderna, até bem pouco tempo, vinha identificado à figura masculina, enquanto que à feminina restava o trabalho no âmbito doméstico. Com o avanço das lutas feministas, o papel da mulher sofreu modificação, havendo conquistado seu lugar no espaço público. Para o homem, porém, não ocorreu modificação na mesma proporção. Ele continua, pelo menos na representação dele e da sociedade maior, a ser o principal mantenedor da família - em que pese o trabalho assalariado da esposa, às vezes suplantando, quando não sendo o único, a sustentar a família. De qualquer forma, a esfera do trabalho tem valor preponderante na vida do homem. Então, no que ter ou não ocupação[4] influi na vivência da viuvez?

Segundo Berardo (1970: 17), o ajustamento à viuvez masculina, entre idosos, está diretamente ligado à sua condição de saúde e status ocupacional. Sua argumentação é que,

[3] São exemplos: Vale de Almeida (1995a); Scott (1990; 1996).
[4] Devo esclarecer que, para esses informantes, as observações se relacionam com emprego assalariado, pois nenhum deles referiu ocupação voluntária.

para o marido norte-americano[5], é primariamente em virtude da sua importância na esfera ocupacional e no cumprimento de seu papel de provedor na família que sua auto-imagem tem uma sustentação satisfatória no transcurso da vida. Neste sentido, quando um homem se aposenta, a ausência dessa vertente de caracterização do seu papel social, somada a uma saúde precária e a perda da esposa, pode trazer conseqüências danosas para sua existência inteira. Assim, o estatuto de viúvo-aposentado traz isolamento, pelo afastamento de colegas de trabalho e amigos, principalmente se a saúde é precária, por dificultar a sociabilidade e a capacidade de sair de casa.

Para Caserta (2007: 2), o grau de dificuldade de muitos viúvos é influenciado pela idade que tinham quando o evento morte da esposa se deu. Quando esta ocorre em torno do tempo que o marido já está afastado de sua ocupação laborativa, a situação parece ser mais problemática, pois os planos do casal para usufruto da fase de vida como aposentado (passeios, viagens, etc) não se concretizam, e o marido se vê encarando sozinho o desligamento do trabalho e a quebra do projeto que tinha sido feito pelo casal. Homens que estão vinculados a emprego parecem adaptar-se mais facilmente à viuvez, pois estariam socialmente conectados devido a laços no local de trabalho.

E ainda, para o mesmo autor, ter filhos em casa pode ser fonte potencial de dificuldades, se o relacionamento com eles for tenso ou se a assunção de novas responsabilidades no lar interfere com a eficiência no trabalho e em qualquer outra parte (Caserta, 2007: 3). Esta afirmação está quase totalmente em desacordo com o que eu encontro na análise dos meus dados, visto acima. Digo quase totalmente porque apenas um viúvo relatou dificuldade de conciliar criação de filho e carga horária de trabalho em três turnos, como é apresentado adiante.

Entre os viúvos da minha pesquisa, havia oito aposentados[6] por ocasião da morte da esposa, sendo que a metade estava retirada do serviço público, mas continuava trabalhando no setor privado. A maior parte desses enviuvados tem uma saúde boa, mesmo os mais idosos, e os agravos que eventualmente apresentam estão controlados do ponto de vista médico ou, pelo menos, não trazem muitos transtornos, enquanto limitadores de deslocamento livre. As

[5] É o homem norte-americano que o autor discute, mas não vejo porque não pode ser extrapolado para aqui, pois, apesar das especificidades regionais, é do mesmo homem ocidentalizado que se trata.
[6] Lembro que no Quadro 3.1.3, estão discriminados nove aposentados, porque a referência à situação trabalhista compete, lá, à época da entrevista.

dificuldades que eles assinalam sobre a viuvez estão mais relacionadas com a falta da esposa do que outros problemas. Assim, não percebi uma piora na condição de viúvo pelo fato de estar aposentado. Talvez um dos motivos deste achado seja a idade mais baixa dos meus informantes, quando sua força vital ainda não se encontra comprometida pela senectude, enquanto o trabalho de Berardo se pautava em homens de idade mais avançada. Os viúvos mais velhos da minha amostra eram Rui (75anos), Jonas (78 anos) e Gerson (82 anos), e todos falavam da sua disposição de sair para fazer pequenas compras, levar netos para jogos e passeios, dirigir seu carro, etc. Inclusive, como falou Élcio, esta é a melhor fase de toda a sua vida: aos 68 anos, com renda própria e boas condições de saúde, sente-se verdadeiramente independente em todos os sentidos.

Retomo a questão do trabalho ativo. Para aqueles viúvos que estavam vinculados a emprego, esta condição favoreceu e foi um recurso importante não tanto na fase de doença, mas sim na adaptação à viuvez, e apenas para Éder a presença de filho em casa aumentou seu problema. Vejamos estas questões.

6.2.1 - O TRABALHO COMO RECURSO

Ter um lugar para ir todo dia de manhã faz parte da rotina dos trabalhadores, e, até certo ponto, é um privilégio em sociedades onde a taxa de desemprego é alta, como no Brasil, configurando-se como uma ferramenta importante na mobilidade social ascendente. Mesmo que esta ascensão não se dê, como no caso do emprego doméstico, a ligação da empregada com seu trabalho pode significar uma certa autonomia e possibilidade de sustentar seus dependentes. Além do mais, estar empregado favorece não apenas a auto-imagem, mas também a imagem que a sociedade ocidental tem do sujeito trabalhador. Tudo isso já vimos aqui. Nesta perspectiva, o trabalho pode ser considerado uma idéia-valor na sociedade moderna, no sentido empregado por Louis Dumont (2000: 241).

Para os viúvos aposentados e sem outro vínculo empregatício, não houve problema para acompanhar as esposas na doença, inclusive para tratamentos em outros Estados. A maior parte seguiu junto à mulher todo o percurso da doença até o desenlace final. Mas entre os viúvos que não estavam aposentados, houve diversidade quanto a tirar ou não licença oficial do trabalho, seja antes ou depois da morte da esposa. Na fase de doença, alguns maridos

tinham que trabalhar, especialmente se não contabilizavam outra fonte para a manutenção econômico-financeira do lar. É o que acontecia com Renato:

> - (...) e nesse meio tempo, eu NUM PODIA PARAR! (.2) Num podia parar sob circunstância nenhuma! (...) Porque eu tinha que prover as coisas, eu tinha que trabalhar (...) É::: (.2) COMO EU NUM TIVE TEMPO (.) de cuidar de mim, (.2) num é? (...) eu comecei a concentrar:: as coisas; eu comecei a = a:: ficar estressado, explosivo, (.) num é? Porque tava vendo tudo aquilo acontecer, eu tinha que prover tudo, eu tinha que CUIDAR de tudo, (.) num é?, e nesse meio tempo, eu NUM PODIA PARAR! (.2) Num podia parar sob circunstância nenhuma! Então, pra mim era uma coisa muito:: complicada! (E04: 5; 14-15).

Mesmo para quem a morte da esposa foi inesperada, como no caso de Plínio, não foi possível afastar-se do trabalho:

> *?- E tu conseguia trabalhar? E não precisou tirar licença, não ficou afastado, não?*
> – QUE LICENÇA, QUE EU NÃO POSSO TIRAR? Eu sou o dono, é. E só funciona comigo, aí:: Pronto! Tinha que tá lá, na batalha.
> *?- Fazia de conta que não tinha acontecido nada, né?*
> – Com certeza!
> *?- E como é que você conseguiu?*
> – Consegui com força, né? Pedindo a Deus, força, e = e = tocando o barco, até porque não tem muito o que::: se você parar, é pior!
> *?- Você nem teve tempo nem assim de::: de curtir sua dor, como se diz!?*
> – NÃO! (E20: 11).

Mas há aqueles que não saíram de licença por sua própria decisão, como Élcio, que não se afastou do emprego:

> - Eu não tinha::, (.hhh) as minhas responsabilidades eram tão grandes, do ponto de vista:::, e até porque eu gostava de trabalhar, que num = num:: não me dava, quer dizer, NUNCA ACHEI QUE = que = que eu devesse parar de trabalhar. (E13: 17).

Hélio também continuou trabalhando, conseguindo coordenar adequadamente suas atividades com a assistência à esposa, inclusive quando ela ficou hospitalizada, na fase final.

Seu depoimento foi referenciado antes, como marido-cuidador, mas vale a pena repetir suas palavras agora:

> - E acompanhei (.2) ela dia após dia, hora após hora, ali do lado dela. Todo o dia era hospital, internamento:: Eu tinha que trabalhar durante o dia, às vezes de noite ia pra lá, às vezes trocava, passava a noite lá e = e = e, sabe?, eu invertia. Cada dois dias que ficava com ela, UM DIA eu ficava em casa, descansando, né? (E12: 12).

Este marido continuou no trabalho normal, após a morte, não querendo ir nem ao velório nem ao enterro, no que foi criticado por familiares e conhecidos, mas, para ele, bastante coerente com sua própria visão de mundo, enquanto missão cumprida junto à esposa:

> - Aquilo foi::: complementado, E AGORA::, cabe à família física dela (.) TRATAR::: do assunto, dessas coisas, porque isso aí:: (.hhh) A minha parte terminou com ela, meu caminho acabou aqui, com ela. (...) E:::, no dia seguinte, eu fui fazer = fui pro meu trabalho normal, né?, que:: não tinha = FAZER O QUÊ? (E12: 15).

Entre os viúvos entrevistados por mim, alguns tiraram a licença que a lei permite, enquanto outros foram "amparados" por seus colegas de trabalho, quer dizer, foram substituídos extra-oficialmente. Assim, houve casos de redução da carga horária, como está subentendido em alguns depoimentos, o que possibilitava disponibilizar mais atenção à esposa em fase terminal. É o que diz Josias:

> *?- Você tirou licença pra acompanhar ela, nesses últimos:: no último mês?*
> - NÃO! NÃO! Trabalhar eu num sinto porque, como aqui era = era mais tranqüilo, num é?, aí eu tinha condição de ficar mais tempo ((com a esposa)), né? Quer dizer, o serviço burocrático que eu fazia aqui, eu não vinha; eu vinha só pras minhas aulas::, (.hhh) ATÉ PORQUE eu precisava, num é? Até porque eu precisava! Assim, foi muito:::, foi muito tranqüilo em = em assumir isso, num é? (E05: 15).

Adonias tirou a licença que todo funcionário público tem direito, na primeira semana pós-morte, chamada licença do Nojo, denominação que ele estranhou :

> - Eu trabalhava, naquele tempo, numa repartição pública, e claro, tem aquele:: tempo:: a que todo funcionário público tem direito, chamado (.2) o = o NOJO, né?
> *?- Licença do Nojo.*
> – Licença do NOJO, que é uma palavra tão::: Não sei onde foram buscar essa simbologia, né? (E10: 17).

Abro parênteses. Como uma tese é um espaço para dirimir dúvidas (embora, às vezes, possa aumentá-las), expandir e/ou divulgar conhecimentos, repasso o conceito literário, e esclarecedor, do escritor português José Saramago, - Nobel de Literatura 1998 -, sobre o nojo, como está no seu livro *As intermitências da morte*:

> O termo nojo significava então, e só, tristeza profunda, pena, desgosto, mas, de há tempos a esta parte, o vulgar da gente considerou, e muito bem, que se estava a perder ali uma estupenda palavra para expressar sentimentos como sejam a repulsa, a repugnância, o asco, os quais, como qualquer pessoa reconhecerá, nada têm a ver com os enunciados acima. Com as palavras todo o cuidado é pouco, mudam de opinião como as pessoas (2005: 65).

Fecho parênteses. Então, Adonias tirou sua licença, voltando ao trabalho logo que esta terminou, e, em seguida, passou a considerá-lo um fator positivo nessa fase de adaptação. O dever, que o levou de volta ao emprego, tornou-se um poderoso recurso de enfrentamento da nova vida :

> - Pois é, eu tive essa licença de NOJO, né?, mas O TRABALHO pra mim, depois, ficou como sendo uma = uma OPORTUNIDADE FANTÁSTICA de::: de me recuperar, num é? De = de, enfim, de desviar a cabeça, né?, passado esse momento, o trabalho pra mim, (.3) como eu, é::, me relaciono muito bem com os meus - eu tinha uma função de = de chefia lá, né? -, com os meus subordinados lá, no caso, que me deram MUITO APOIO, (.) então foi, assim, um:: momento, retomar o trabalho não foi pesado pra mim. Pelo contrário. Foi assim::: coisa saudável, né?, foi algo saudável. (E10: 21-22).

Outros enviuvados não se aperceberam das suas dificuldades pessoais iniciais, até que ocorreu uma queda no rendimento produtivo e, então se afastaram do trabalho. Josué é um exemplo:

> *?- Tava trabalhando, tirou licença?*
> - (.05) (.hhh) Eu:: NÃO::, eu num:: tirei licença! Depois, é que eu comecei a ver que eu num tava conseguindo trabalhar! Num tava conseguindo trabalhar:: num tava CONSEGUINDO::: ficar em Recife. Aí, foi, eu falei: "_Sabe de uma coisa? Eu vou parar!" Aí, tirei umas férias = foi só um mês, só! Aí, fui pra casa de meu irmão, que ele morava no Rio:: Fui pra casa dele. E PASSEI UM MÊS LÁ, na casa dele. Sem fazer nada! Né? (.3) (E03: 12-13).

Outros viúvos, ainda, afastaram-se por um tempo variável, na dependência de suas condições pessoais e não por exigência ou cobrança no próprio emprego. Roberto diz que passou a primeira semana num desespero só. Depois melhorou, mas só retomou alguma atividade dois meses após o óbito da esposa:

> *?- É::, voltou a trabalhar com quanto tempo? Trabalhar mesmo.*
> - NÃO, NÃO, NÃO. ATÉ ABRIL, eu num fiz NADA! (.2) Até abril, num fiz NADA!
> *?- Num tinha participado mais de [atividade nenhuma?*
> -[NADA! NENHUMA! Nenhuma! Em abril, é:: Mas, olhe, indo assim: três vezes na semana, de manhã; (.3) indo de tarde, é::, três vezes na semana; (.hh) de noite, eu num fazia NADA!! (.2) Mas nada, NADA! (E01: 41).

Por fim, há o problema de Éder, que ficou com uma filha muito pequena e de quem, na sua ótica, não tinha condições de tomar conta:

> - No final das contas, vem aquela velha história né?, eu perdi mulher e filho, porque é = é = eu trabalhava manhã, tarde e noite, como trabalho hoje muitas vezes, nos dias da semana, né?, e eu não tenho condições a princípio de = de criar, dar uma educação::: e minha mãe assumiu, disse "_Olhe, não, ela vai ficar comigo e eu vou ficar com ela, vou cuidar dela daqui pra frente!" E eu não disse nem sim nem não, mas eu não tinha

> muitas opções. Muita gente me critica até hoje por conta disso, achando que eu deveria ter:: eu digo: "_Olhe, é = é (.) parece até um comodismo da minha parte, mas é::: eu prefiro que a minha filha seja criada por minha mãe, do que eu ter que largar na mão da empregada". Porque muitas vezes, saio de manhã e só voltava à noite, 10 h da noite. (E19: 09-10)

No sistema capitalista, com sua filosofia de produtividade e lucro, a liberação do trabalho pode ser complicada, exceto talvez para os patrões. Fica difícil para o marido/pai acompanhar a esposa ou filhos com agravos de saúde nos itinerários terapêuticos, em busca de resolução do problema. Então, aqui, as redes começam a se articular para ajudar o marido, mas há uma diferença básica de classe social.

Nas camadas médias, a liberação parcial do trabalho pode ser feita pelos próprios colegas, como assinalei antes, que dão "cobertura" ao marido, e assim colaboram, mantendo certo distanciamento do núcleo familiar, mas que permite a esse companheiro estar mais próximo da esposa doente; nas classes populares, as pessoas da família ou vizinhança é que servem de acompanhante, pois o marido não pode arriscar-se a perder o emprego que ocupa, seja formal ou informal. Quer dizer, há uma vantagem (mas de nenhum modo a única) que contempla os profissionais liberais, empregados diferenciados ou em cargos de chefia, pertencentes às camadas médias, como tão bem caracterizou Scott (1996), comparativamente com as dificuldades que têm os homens das camadas populares, ligados ao trabalho informal ou formal em postos de base, pois estes não são liberados facilmente e até receiam solicitar qualquer licença pelo risco de perder o emprego (Quadros et alli, 2007). São as desigualdades de classe, presentes na vida social, e que não diminuem em situações traumáticas, mesmo que seja na morte, "a maior dor humana".

Em suma, ir para o emprego se configurou, para grande parte dos meus informantes, como uma forma de reagir aos tempos difíceis e sofridos dos primeiros meses, quando a dor não estava ainda acomodada. O estar ocupado, sem pensar em outras coisas, o gostar de trabalhar, o sentir-se tranqüilo no espaço do trabalho, podiam funcionar como oásis frente ao pesar vivencial. Era o retorno ao mundo social, via laços com os colegas, que respeitavam o ritmo de cada um e os "protegiam" na fase em que se sentiam mais "pra baixo". Certamente que os colegas de trabalho não chegam a formar redes de suporte como os amigos, estando

mais distanciados. Parte do viúvo o movimento de saída, centrífugo, pois é ele que vai para o trabalho e lá encontra este tipo de ambiente que pode se tornar saudável, como Adonias falou. Ou nem tanto. A diferença, para o viúvo, entre o distanciamento dos colegas de trabalho e o suporte dado pelas redes fica, talvez, mais clara no depoimento de Josias, que expressa um estranhamento onde outros podem ver solidariedade:

> - Assim, foi muito:::, foi muito tranqüilo em = em = em assumir isso ((o emprego)), num é? (.) Uns momentos assim que:::, aí, você vê que as pessoas, elas (.2) eu posso dizer que, às vezes, as pessoas têm um sentimento de muita falsidade, (.hh) porque a partir desse::, desse evento, pessoas que sequer trocavam duas palavras comigo, pareciam que eram meus amigos de duzentos anos, num é? É::: "_Não, Josias, como é que você tá?", num sei que:: Eu digo: "_Não, o cara nunca se interessou por mim!" Num é? Bom! (E05: 16).

Enfim, para os meus informantes, o trabalho se tornou uma das forças mobilizadas e mobilizadoras para enfrentar o cotidiano. Na verdade, trabalho e filhos. Vejo isto colocado de forma inequívoca e expressiva por Anísio: "_EU PROCUREI MUITO, Tânia, o TRABALHO, sabe? O trabalho foi um::: Eram duas coisas: era o trabalho e os filhos, sabe?" (E02: 28).

Além desses dois elementos, filhos e trabalho, que pontuo como motores de propulsão na caminhada pela vida subseqüente, um novo relacionamento afetivo-sexual aparece como outra forma de recurso, com um amplo leque de explicações, que vão desde o fator pragmático à transcendência de um poder maior, para além deste mundo que habitamos. É nisto que se pauta a discussão a seguir.

6.3 - NOVO RELACIONAMENTO AFETIVO-SEXUAL

Para o senso comum, os homens reagem bem à morte da esposa, e uma prova inconteste seria o fato de que muitos viúvos se recasam pouco tempo ou até mesmo imediatamente depois do óbito. Isto faz parte mesmo do folclore popular. O escritor paraibano

Ariano Suassuna escreve: "Casamento de viúvo é feito depressa e sem muita conversa!"[7]. Vejamos, então, que circunstâncias movem um viúvo para uma nova união, nestes tempos modernos do individualismo, onde a perspectiva de viver a vida do próprio jeito está presente tanto para homens quanto para mulheres, e em que o estado conjugal pode tomar contornos bem diferentes do modelo tradicional. Convém acrescentar, antes de tudo, que o que for dito a seguir sobre recasamento, refere-se primordialmente, mas não exclusivamente, a viúvos mais jovens da amostragem.

Grande parte da literatura sobre viuvez masculina está voltada para os processos de recasamento (Lopata, 1979: 13); cientistas sociais sugerem que há rapidez na forma com que os homens o procuram (Britto da Motta, 2002b: 263; p. 266; 2002a: 6). Embora vários estudos de base psicológica afirmem que "jamais alguém se ajusta à perda de um cônjuge" (Moore & Stratton, 2003: 88), outras pesquisas tentam identificar fatores capazes de favorecer a resolução do pesar entre enviuvados, e constatam que isto pode ocorrer de modo mais ou menos rápido, onde se intercalam momentos de altos e baixos no processo de ajustamento (Lund, Caserta e Dimond, 1999: 247). Para Shuchter e Zisook (1999: 30):

> Pessoas têm a capacidade de operar em múltiplos níveis: períodos imersos em pesar e períodos pensando, sentindo e interagindo "normalmente". Em certas circunstâncias, o separado por morte pode sentir alegria, paz e felicidade como oásis no meio de suas aflições.

De qualquer modo, parece que todo mundo concorda que há largas diferenças de gênero e idade para a incursão em novo casamento (Britto da Motta, 2002b: 267), bem como que viúvos têm mais chance de recasar que viúvas (Smith, Zick e Duncan, 1991: 367; p. 362; Moore e Stratton, 2003: 95). Outra questão apontada por alguns estudos é que entrar em novo casamento é lidar com várias situações até preocupantes e nem sempre de fácil resolução:

> Para muitos, a ameaça de voltar a se envolver romanticamente é inaceitável e rejeitada em muitos níveis, baseada na devoção continuada a suas esposas, nas sanções sociais, ou nos temores de perdas recorrentes, assim como por uma preferência pelo estado de solteiro. Onde esse interesse reaparece, os viúvos então se encontram tendo que

[7] Citação do texto teatral *O santo e a porca* , 3. ed., Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2003: 45.

> lidar não apenas com todos os prazeres e problemas de iniciar uma relação desse tipo, mas também com o impacto permanente de suas perdas e o lugar disto na nova relação. Eles confrontarão o choque cultural e o constrangimento de novas situações, alguns sentimentos de deslealdade para com a esposa falecida, as inevitáveis comparações, e, quando o recasamento acontece, os complicados ajustamentos com relação a lealdades conflitantes e a famílias misturadas. Mesmo quando ocorrem casamentos bem-sucedidos, o pesar não acaba, mas se incorpora à nova relação (Shuchter e Zisook, 1999: 40).

Vejamos como essas questões são colocadas pelos meus informantes, onde aparecem diferenças significativas de atitudes, ou melhor, de *ethos* e visão de mundo. Por outro lado, é mais a experimentação de novos relacionamentos afetivo-sexuais do que propriamente o recasamento o que surge nos depoimentos, e que são explicitados no decorrer do texto.

A busca de uma nova ligação afetiva passa pela idéia que um viúvo tem de que suas chances de felicidade seriam limitadas sem uma companheira, dizem Moore e Stratton (2003: 95), e que vê o recasamento como um remédio contra a solidão; quase todo homem que tinha entrado em novo relacionamento reportou a essas autoras que a esposa falecida queria que ele seguisse com a sua vida (p. 100-101). Ouvi algo assim explicitado apenas de um dos viúvos da minha pesquisa, como já referido em outro local:

> - Ela inclusive dizia pra mim, que quando ela fosse, eu precisava::: de uma companheira.
> *?- Por que ela achava? Por que tu acha que ela achava isso?*
> – Porque ela = ela acha que:: CLARO QUE PRECISA! EU NUM TENHO DÚVIDA NENHUMA! Num tenho dúvida nenhuma que precisa, eu num queria nunca viver só, tá entendendo? E::: NUM DÁ! Viver só pra ficar como? (.2) NÃO! A gente precisa de uma = de uma companhia (Valter, E15: 16).

É possível que essa idéia fosse tão introjetada em Valter que ele começou a namorar decorrido pouco mais de um mês do falecimento - o tempo mais curto que constatei entre óbito da esposa e novo relacionamento. E, como a marcar as diferenças de gênero no trato do assunto, como Britto da Motta (2002a; 2002b) registrou, Valter (E15: 16-17) complementa:

> *?- Tu acha que se tu morresse, também ela arranjaria outra companhia?*
> – TALVEZ NÃO! Acredito que não!

?- É diferente pra homem e mulher?
– É, eu acredito que sim. É, é, é! Acredito que sim, entendeu?
?- Mas ela mesma achava que o ideal seria você ter outra pessoa?
– É, é! Havia muitas restrições, com a doença dela. Aí, quando eu viajava, aí ela foi = disse - eu vim a saber depois que ela faleceu -, ela disse pra irmã dela: "_Ah, que bom! Que bom que ele tivesse arrumado uma namorada lá!", tá entendendo? Quer dizer, ela se preocupava cum isso, [entendeu?
?- [Ela se preocupava com o seu bem-estar?
– [É, É. É, então pronto! Então::, pronto! A vida::: e a vida continua!

Praticamente todos os homens enviuvados entraram em novas relações afetivo-sexuais, exceto quatro, como é visto abaixo. Destes, dois afirmaram sequer pensar nisto. Talvez porque quando foram entrevistados houvesse passado pouco tempo da perda da esposa? É uma possibilidade, embora eu tenho observado que o que conta não é o tempo decorrido da perda, mas o atordoamento que esta, muitas vezes, traz. Então, esses quatro homens afirmaram não estarem interessados em novas uniões e justificaram essa posição/opinião, pelo menos até o momento da entrevista. O que não significa que não tenha havido empenho de algumas mulheres em chamar sua atenção. Adolfo conta assim:

- DAVA CONSELHO P'EU ARRANJAR OUTA MULÉ. (.hhh) Mas o que ACONTECE, (.) que:: eu, numa idade dessa, arranjar OUTA MULÉ, PRA QUÊ? Pra comer a minha bóia e pegar meu dinheiro, né? ((risos))
?- E elas ficam atrás do senhor, querendo se casar?
– AH, FICA! ÔXEM! (E14: 19).

Para Gerson, sua virilidade, quanto à performance sexual, está quase intacta, como foi registrado antes; mesmo assim, ele acha que novo casamento não condiz com sua idade - ele enviuvou aos 72 anos. Embora tenha percebido uma certa "simpatia" de mulheres, o motivo de não querer outro vínculo matrimonial, aparentemente, é não correr o risco de partilha de proventos ou de propriedades:

- Agora, a senhora vê, num arranjo casamento de novo, porque (num quero). É, minha irmã me contou: "_Eu quero aquele homem pra me casar" (...) Já encontrei. Quer dizer, eu já tô nessa idade (...) Faço por amor, por amor:: aos filhos. É! Porque::: a = a mulher que casar comigo tem direito,

> num é?, porque ela casou comigo, né? Ela pode ser o que for: pode até num querer, ser somente::, né? Ser RUIM! Mas, num é? (E9: 12; p. 24).

Aqui fica patente a preocupação pela segurança material e afetiva dos filhos, enquanto fator de paternidade, mesmo sendo todos adultos, escolarizados e com seus empregos, mas também a característica histórica de manter os bens adquiridos dentro do patrimônio da família.

Passo para outro viúvo. Já foi anotado antes um depoimento de Petrônio acerca da ausência da esposa, onde ele falou na falta que sente do companheirismo, da confiança, do afeto que havia entre os dois. Agora, ele complementa, sobre não querer nova relação afetivo-sexual:

> *?- E você acha que os homens precisam de outras mulheres?*
> - Eu:: num digo NECESSARIAMENTE:: e:: NÃO! Quer dizer, pode até pre = CONVIVER, que é necessário uma convivência, quer dizer, (.hh) o que é até - depende da idade do homem – o = o sexo é necessário pra::: pra todo o mundo na verdade, num é? Mas a pessoa pode viver, né?, um:: relacionamento sem necessidade de = de uma (.hh) de uma vida em comum, os dois, ou ter - PORQUE:: o que é bom da pessoa, da vida, eu acho que é você conversar, bater um papo, (.hh) é você trocar uma idéia, você se encontrar com as pessoas - eu acho isso TÃO IMPORTANTE! E que propriamente, às vezes eu acho que isso com uma até num dá certo, ((risada curta)) né? Cada um quer ter sua independência REALMENTE, e (.) EU ACHO ISSO BOM! (.2) Entendeu? Acho isso muito bom! Conheci uma senhora, conheci uma viúva, que educou todos os filhos (...) e::: nunca teve A NECESSIDADE, vamos dizer assim, - uma senhora muito distinta -, mas eu nunca vi em nenhum momento ela dizer que faltava um homem na casa dela. (...) Quer dizer, entendeu? E:: E VIVIA ALEGRE E FELIZ DA VIDA, realmente. (.) Nunca disse: "_Sou viúva, graças a Deus." ((risada)) Entendeu como é? Ela também nunca = nunca disse isso. (.3) Assim é o homem, também eu acho que é esse mesmo comportamento.
> *?- Ele pode ter o mesmo tipo de vida, né?*
> – Pode ter esse mesmo tipo de = de vida. Quer dizer, eu vivo bem, quer dizer, que eu mesmo num penso nisso (E18: 44).

Este extenso depoimento traz uma representação da idade vinculada a atividade e/ou necessidade sexual como característica masculina,- marcas culturais em ação -, o que é compartido por outros entrevistados. Contudo, ao mesmo tempo, parece-me que esse viúvo a contesta, pois, ele admite a possibilidade de viver sem outra esposa, da mesma forma que as

viúvas vivem sem outro marido (outra representação). O informante também parece afirmar que o sentimento de perda da esposa é mais amplo, atingindo outras esferas da vida de casal, de uma convivência de muitas décadas que sedimentou um padrão de relacionamento, o qual, aparentemente, era satisfatório para ambos. Petrônio disse, antes, que não sente falta da dona-de-casa, mas da mulher com quem se casou: da esposa. As suas palavras são claras na avaliação do progredir da relação matrimonial, que pode dar certo com uns e não com outros. No caso dele, ele diz que deu.

O outro viúvo que não pensa em recasar, por enquanto, é Plínio, que argumenta assim:

> - Mulher já quer uma atenção, né?, eu vou deixar de dar atenção pras minhas filhas, pra::: não quero agora de jeito nenhum! Deixa elas ficarem maior um pouquinho e tal.
> *?- No momento, não tá pensando não!?*
> – De jeito nenhum. Posso até, sei lá, ter uma namorada aqui assim, nada:: né?, que:: que venha::
> *?- Mas nesse momento, você tá sentindo falta dessa parte mais física assim ou tá dando pra lidar com isso?*
> – Não, tá dando ((pra lidar, sim)). (E20: 21).

A negativa deste viúvo de entrar em nova relação é idêntica à de Gerson, isto é, também de não partilhar com outra pessoa o que considera pertencer às filhas, aqui representado mais por atenção, além da intenção do próprio pai preencher o espaço vazio deixado pela mãe. Vejo uma diferença básica da justificação dada por Gerson, acima. A relativa juventude de Plínio - se idade é um fator que favorece o recasamento - não parece pesar para ele, no sentido de nova relação precisar ser buscada apressadamente.

Assim, o estereótipo de que homem casa logo porque tem necessidade de sexo ou de quem tome conta da sua casa é contrariado nesses depoimentos. Penso que é algo muito importante a registrar aqui, porque a maior parte dos textos ou relatórios de pesquisa não focalizam esta questão. Uma exceção está no livro *Widower*, de Campbell e Silverman (1987). Embora a obra busque interpretações psicológicas para os achados, também traz argumentos que me parecem adequados, frente aos meus dados. Senão, vejamos.

Para Campbell e Silverman, "a perda de um cônjuge está no topo da lista dos eventos mais estressantes da vida. É o evento pelo qual todos os outros eventos estressantes são

medidos" (1987: 2), e alertam para a pequena atenção que tem sido dispensada aos homens enviuvados. Eles dizem que em parte isto acontece porque há um estereótipo de que "as mulheres sofrem [com a perda dos maridos] e os homens substituem [a perda das esposas]". Mas, continuam esses autores:

> Assume-se que viúvos têm isso [viuvez] mais fácil que viúvas, que homens não sofrem por tanto tempo ou tanto quanto as mulheres, que homens somente querem uma empregada, que homens somente querem sexo, e que homens preferem falar para mulheres a respeito de seus mais íntimos sentimentos. Mas, de fato, homens têm um tempo tão difícil com a separação por morte quanto as mulheres, e freqüentemente por tempo tão longo ou mais longo. Ao mesmo tempo, eles estão freqüentemente querendo aprender como dirigir uma casa, eles freqüentemente não apenas não querem sexo, como são incapazes disso, e eles freqüentemente encontram dificuldade para falar a outra mulher de suas condições íntimas, após a perda de suas esposas (1987: 03).

Essas observações me parecem completamente compatíveis com os depoimentos de Petrônio e Plínio, acima. As esposas eram seus principais objetos de amor, sexo, confidência, confiança, segurança. Foi visto no transcorrer desta tese várias afirmações dos viúvos que confirmam tal assertiva a respeito destes sentimentos. O que não significa que não busquem novas parceiras, posteriormente. Mas este último fato, por si só, não legitima os estereótipos, que podem ser resultado de observações superficiais e reducionistas, engendradoras, muitas vezes, de representações no senso comum. Eis uma possível (in)conseqüência/limitação de um questionário fechado.

Bem! Muitos dos viúvos do meu estudo, em algum momento da vida subseqüente, entraram em novos relacionamentos. Este é um ponto que atrai os pesquisadores, alimentando as estatísticas de recasamento. No estudo de Moore e Stratton (2003), elas encontraram como condições que o próprio viúvo apontava para o recasamento: ter idade[8] mais baixa, portar uma saúde satisfatória, desejar dirimir a solidão e socializar-se, ter sentimento de incompletude ou achar a vida mais prazerosa se tivesse uma companheira. Lopata (1979: 148) encontrou viúvas que não queriam casar novamente, por vários motivos: ter vantagens no presente, como

[8] Os viúvos estudados por Moore e Stratton tinham entre 58 a 104 anos de idade.

liberdade e independência; receio de não encontrar um homem tão bom quanto o marido anterior; medo de que um homem estivesse aproveitando-se de suas perícias domésticas; não querer a responsabilidade de trabalhar e cuidar de um marido; temer o risco de adoecimento no novo marido, tendo que enfrentar os mesmos problemas da viuvez anterior; medo de passar pela dor do luto, novamente. Algumas destas acepções emergiram dos meus informantes, embora a minha investigação não tivesse como proposta aprofundar esse tema do recasamento, como venho colocando ao longo deste texto, mas, antes, vê-lo enquanto recurso na adaptação à vida que vai em frente.

Os viúvos da minha pesquisa também apontaram algumas razões para sua decisão de encontrar outra companheira, seja casando, "ficando" ou tendo encontros ocasionais. A idéia de partilhar o mesmo teto, 24 horas por dia, não é a meta de muitos, enquanto é condição para outros. Manter a liberdade conquistada, na maioria das vezes, pelo sofrimento, é a escolha de alguns. Contudo, antes de dar a conhecer seus motivos, justificações e argumentos, vejamos quem quis e quem não quis novo envolvimento amoroso, no quadro seguinte.

Quadro 6.1 – Relacionamentos afetivo-sexuais dos viúvos

Nº	Nome	Namoro / Recasamento	Interesse em recasar
01	Roberto	Namoro cerca de 11 meses após a viuvez; outros	Não
02	Anísio	Namoros	Não
03	Josué	Recasamento antes de 1 ano de viuvez/separação. Outro casamento/separação. União consensual até o momento	Sim
04	Renato	Namoros	Não
05	Josias	Recasamento após 1ano 6meses de viuvez, até o momento	Sim
06	Elísio	Recasamento após 2 anos de viuvez, até o momento	Sim
07	Rui	Namoro à distância; não quer recasar	Não
08	Artur	Namoro entre 4 e 6 meses após viuvez. Recasamentos: 02/separação; atualmente só	Sim
09	Gerson	1 viuvez / Recasamento e nova viuvez; atualmente só	Não
10	Adonias	Namoro ("ficar"), cerca de 2 anos após viuvez	Não
11	Jonas	1º Recasamento após 3 anos de viuvez/separação. 2º: até o momento	Sim
12	Hélio	União consensual após 3 anos de viuvez, até o momento	Sim
13	Élcio	Namoros após 2 anos. União consensual/separação; atualmente só	Sim
14	Adolfo	Não	Não
15	Valter	Namoros após 1mês de viuvez. Atualmente tem namorada fixa	Sim
16	Ivan	Namoros, mas não tem namorada fixa	Não
17	Tácio	Namoros após 2 anos. Atualmente só	Não
18	Petrônio	Não	Não
19	Éder	Namoro antes de 1ano. União consensual até o momento	Sim
20	Plínio	Não	Não

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

Como se vê, os namoros são os relacionamentos mais freqüentes, e leva tempo variável para ser procurado. O tempo menor foi de Valter, que arranjou namorada com pouco mais de um mês da morte de Vanusa; teve outras namoradas depois, e, no momento da entrevista, estava firme com uma, com quem pretende "casar mesmo", ele assegura. Alguns viúvos preferiram a união consensual, sem vínculo formal de casamento, o que não modifica o fato de se dizerem, majoritariamente, casados. Outros viúvos ficam apenas nos namoros e não querem ir além disso. Há/houve ligações estáveis, mas onde cada parceiro mora em sua própria casa. Há casamentos formalizados com domicílio único. Enfim, uma variedade de arranjos conjugais aparecem nas entrevistas, mostrando as formas de organização dos relacionamentos afetivo-sexuais, próprias da modernidade. Mas de que modo esses viúvos começam a buscar uma nova parceira? As respostas são também diversas.

Embora a maioria dos viúvos afirme que as pessoas (parentes e amigos) não se intrometiam nas suas vidas, os depoimentos deixam transparecer que essas redes estão atentas na vigilância aos viúvos. Mas aqui é exatamente o oposto daquele controle que vi nas viúvas da pesquisa anterior. Moore e Stratton (2003: 92; 140) assinalam que o Ocidente urbanizado comporta "uma sociedade de casais", ou seja, um modelo de "pessoa orientada para o casamento e com foco na família nuclear" (Lopata 1979: 7). Mas parece que, quando se trata de viuvez, essa prescrição é só para os homens. Em relação a estes, há mesmo estímulo, velado ou não, para que encontros amorosos se estabeleçam. Alguns até nomeiam essas pessoas como os "cupidos de plantão":

> - É assim, até um casal amigo nosso e tal, aí quis dá uma de cupido e tal, mas não quero não, eu não quero agora de jeito nenhum (Plínio, E20: 21).

> - No meu caso, ninguém se mete. (.2) CLARO, TEM AQUELAS (.), os cupidos de plantão, né? ((risos)): "_Olhe, eu tenho uma tia ((risos)) = eu tenho uma tia que vai dar CERTINHO cum você." É. Aí, tem outra que chega e diz: "_Olhe, eu vou lhe apresentar uma amiga que também é viúva:::" Tem uns cupidos de:: de plantão, num é? De vez em quando::: aparece (Renato, E04: 28).

No caso de Adonias, a insinuação dos amigos para ele arranjar namorada aconteceu algumas poucas vezes; mas o cerco foi, principalmente, das colegas de trabalho, que são "muito mais casamenteiras que os amigos homens"; ele conta ainda que teve diversos oferecimentos diretos, mas nos primeiros tempos ele estava mais "curtindo o luto", e não se interessou. Depois de dois anos, quando a solidão começou a incomodar, ele partiu para encontrar alguém que preenchesse as suas "preferências":

> - Eu tinha que DAR ESSE TEMPO (.) de espera e:::, digamos, A BUSCA (.) FRENÉTICA, PRA ENCONTRAR UMA NAMORADA, eu não pratiquei isso de jeito nenhum! Eu até dizia: "_As namoradas que me conquistem"! E::: eu tinha consciência de que eu não era QUALQUER VIÚVO, né?, ((risada)) DEPOIS, EU COMECEI A SENTIR NECESSIDADE DE::: (.2) de eu não esperar que as = de eu não deixar que as (.2) as minhas namoradas, AS PRETENSAS NAMORADAS, me conquistassem. Que eu, TAMBÉM, desse uma forcinha, EU CAMINHASSE TAMBÉM AO ENCONTRO DE ALGUÉM QUE EU, durante esse tempo todo, selecionava na minha cabeça ou nas minhas preferências, num é? É:::, exatamente como uma espécie de pessoa que estaria (.2) preenchendo, VIESSE, possivelmente, a preencher (.) essa solidão - que eu senti que eu não sou feito pra isso, né?, pra viver sozinho; é uma coisa que:::, ISSO ficou muito claro, né? É:::, e:::, portanto, quando essa solidão começou a ME INCOMODAR, no sentido de:::, é:::, de eu querer COMPARTILHAR COM ALGUÉM, de querer planejar a vida com alguém, sonhar um pouco com o futuro (.hh) com alguém, ENTÃO (.5) EU PROCUREI, E ENCONTREI, NÉ? (E10: 30-31).

E encontrou. A idéia de não ser "qualquer viúvo" foi externada, com outras palavras, por outros homens, que supunham até que sua condição "especial" favorecesse o interesse de mulheres:

> -TEM UM CERTO ASSÉDIO, (.2) de = de:: algumas poucas pessoas. (.2) O que = o que, eu = eu, COMO HOMEM, eu tenho também que OBSERVAR (.) que, nessa altura da minha vida, eu sou um homem que tenho (.) um patrimônio que muitos homens gostariam de ter! Eu tenho a minha vida financeira EQUILIBRADA. Num é? Algumas mulheres podem olhar pra mim NÃO::: POR PAIXÃO! Pode ser conveniência, também! E eu num posso, nessa altura da minha vida, me iludir que sou (.2) a essência do supra-sumo! ((risadas)). Num é verdade? (Renato, E04: 29).

Nestes relatos são sugeridos, parece-me, interesses talvez mais materiais para o "assédio". Mas outros homens, cuja situação de viuvez veio encontrá-los enquanto adultos jovens, com carreiras promissoras e filhos pequenos, também não eram considerados "qualquer viúvo"; antes pareciam ser vistos como que envolvidos por uma aura de romantismo noveleiro, que sensibilizava as mulheres. Eles contam assim:

> - MAS::, É = ERA QUASE como se fosse um::: UM MARKETING. (.2) SABE? VOCÊ SER VIÚVO e ter um filho! (.2) Isso era uma imagem, sabe?
> *?- Como assim?*
> - AH!! ALGUMAS MULHERES achavam = achavam essa idéia muito interessante! (.) Você tá entendendo? Algumas mulheres achavam isso, assim:: meio sedutor, meio romântico! JOVEM. MÉDICO. VIÚVO. CUM FILHO PEQUENO:: Você tá entendendo? Então, isso fazia:: Isso era um personagenzinho de novela, e tal. Então, TINHA ESSAS::: (.2)
> *?- E você era muito assediado?*
> - (.3) É:::, eu acho que era. Acho que era, sim!:: (Josué, E03: 22).

> - E, naquele momento, eu me senti, (.) é:::, como se diz, SOLTEIRO! Num me sentia viúvo, num me sentia viúvo. Embora pra sociedade eu era um viúvo novo, (.) num é? Era um:: - me desculpe a expressão - mas era um = um VIÚVO DISPUTADO, (.) num é? [Isso me incomodava.
> *?- [Jovem, advogado, com dois filhos::*
> T – [Cum dois filhos.
> *?- [Todo o mundo queria tomar conta, né?*
> T – EXATAMENTE! ((risadas)) ERA EXATAMENTE POR AÍ! E você ficava naquela história de:: dizer: "_Bom, num é por aí que eu quero. Num quero ser visto dessa forma." (.) né? (Tácio, E17: 22).

> - Ao mesmo tempo, aconteceu:: (.) MUITA MULHER, que recebeu a imagem da minha mulher pedindo pá cuidar de mim e dos filhos. Eu digo: "_Mas, rapaz, é brincadeira! ((risos)) Eu vou fazer um harém!" (.) NÃO! Mas, você tá rindo, MAS É VERDADE!!! :: Entendeu? (Anísio, E02: 28).

A questão percebida como "assédio", pelo viúvo, pode ser narrada de forma até bem humorada:

> *?- As mulheres quando = como é? Chegam aqui, querem::?*
> – Di, di: "_AH, EU QUERO! ÔXE, EU QUERO! Quanto você ganha?" "_Dois = dois mil, mil novecentos e tanto." (.hh) "_Mil pra mim, mil pra

> ele." ((o neto)) "_Tá certo!" Mas (.) é brincadeira, né? APARECEU UMA VELHA, (.hhh) CAROÇO NAS PERNA DA VÉIA IGUAL A UM PÉ DE CAJÁ! (.2) Aí veio aqui, eu digo: "_Vou levar você pra São Paulo, não sei o quê, lá, lá." A VÉIA FEIA, BANGUELA!:: Mai rapai! ((risos)) Eu digo: "_Ô dona Maria, eu num quero me casar, é brincadeira minha!" Por causo disso uma mulhé, uma fofoqueira aqui, (.hh) que queria me casar, ela boatou por aí, um escândalo! ((risos)). (Adolfo, E14: 20).

Elísio teve seus "olhos abertos" por amigos do grupo da igreja, que lhe insinuavam sobre uma moça que participava do mesmo movimento. Mas eles só casaram após dois anos da viuvez, porque:

> – Eu sempre fui:: sempre fui um jovem muito comportado em relação a:: a namoro, né? E quando eu fiquei viúvo não foi diferente, né? Primeiro, eu num::: tinha motivo pra sair::: procurando logo outra companheira, né? Não tinha motivo! Eu num tinha nem:: PENSADO NISSO! (.2) Mas, é::, como eu participava de um movimento de igreja aqui::: na época. E a gente tinha um círculo de amizade MUITO BOM:::, pessoal de classe média, né? (.hh) Então nós nos conhecíamos assim, como membros do movimento. MAS NUM TINHA NENHUMA:: ligação afetiva assim, não tinha nenhuma intenção de = de:: - como é? - de ser o:: galã de fulana e beltrana e tal, sem nenhuma intenção, com toda a naturalidade como eu me relacionava. (.hh) Aí, as próprias = os próprios amigos do:: do ambiente, né?, foram::, de certa forma, abrindo os meus olhos a respeito de:: dessa moça. Mas, graças a Deus, eu encontrei:: a moça aqui, que me ajudou também muito a superar essa:: essa dificuldade; porque viver sozinho realmente é:: RUIM DEMAIS, principalmente quando você passa pela (.) experiência de = de viver a dois, e é uma EXPERIÊNCIA BOA, (.) agradável! (Elísio, E06: 16-17).

Como se vê, considerável parte dos homens refere que viver sozinho é ruim, justificando, por isso, a busca de outra parceira. Mas dois deles (Josué e Renato) afirmam que sua decisão, pelo menos inicial, foi para "tapar um buraco" que ficou com a morte da esposa. Segundo Renato (E04: 28; p. 17): "_A gente vai em busca de::: de COMPENSAR UMA PERDA, num é? (...) Eu acho que procurei alguma coisa:::, sabe?, é = é:::, eu procurei em outras pessoas, p'a ten = tentar tapar um buraco que ficou." E Josué (E03: 18):

> *?- Aí (...) com um ano, casou?*
> - É, por aí. Com um ano, me separei ((risadas)), com um ano, me separei.

> *?- Mas, como é isso? Assim, quando casa de novo, você lembra da outra, faz comparação, ou não acontece?*
> - Não, eu num fiz compa = quer dizer, sim! Veja, foi:: porque foi = foi = foi UMA COISA::: completamente MALUCA!! Você tá entendendo? Eu num tinha que casar! Num tinha::: (.2) Eu num tinha que ter casado! (...) Foi uma::: (.2) foi um TAPA-BURACO, mesmo! (.) Um vazio, uma coisa::: sabe?

As explicações dadas pelos viúvos, acima, mostram que um dos motivos de recasamento ou envolvimento afetivo rápido pode ser uma negação do real, montando uma cena aonde todos os espaços sejam preenchidos, de modo a dizer/sentir assim: "_Não, não aconteceu nada!" (Josué, E03: 08). E este mesmo viúvo acrescenta:

> - Você tenta (.hh) fazer uma reparação, assim, tapar = botar uma mulher ali, casa, monta casa, família; então, (.hh) o filho chama ela de MÃE, e tá encerrado o assunto, né? Depois::: é que você vê que:: (.hh) aquilo foi um desastre, né?! E:::, também era uma moça, assim, muito::: muito NOVINHA, muito::: (.15) Enfim::, num era nenhuma pessoa que aprofundasse muito as coisas::, e tal; então, tava muito bom! (E03: 08).

Sossegar uma espécie de anomia mental? Talvez. Muitas coisas poderiam ser discutidas a partir desses depoimentos, como sejam os critérios de escolha de nova companheira - será que são sempre "novinhas"? O que faz um viúvo escolher uma mulher mais ou menos jovem? Alguns viúvos preferem mulheres mais velhas, mais maduras, como Valter disse. Um outro argumentou que não estava procurando "nenhuma cientista, não", quer dizer, um nível elevado de escolarização não era uma condição, enquanto para outros isto é importante: "_Mas ela num lia nem gibi! ((risadas)) Eu posso me atrair por uma pessoa BONITA, agora FICAR com uma pessoa sem cultura, eu num fico não" (Roberto, E01: 63).

Enfim, não aprofundei estas questões, mas penso que emergiriam dados interessantes para avaliar como homens de camadas médias delimitam suas preferências casadoiras quando estão numa idade mais amadurecida e já têm passado por um casamento: sugestão de nova pesquisa. É possível que, na análise, outros estereótipos sejam demolidos. Mas quero mostrar ainda, algumas questões que emergiram das entrevistas sobre recasar ou não.

6.3.1 - RECASAR OU NÃO RECASAR, EIS A QUESTÃO

Vejamos, então, qual era a situação dos viúvos, exposta no Quadro 6.2, quanto a relações afetivo-sexuais e recasamento, no momento em que ocorreu a entrevista. Dos 20 enviuvados, 14 não estavam casados, e seis haviam assumido uma nova relação conjugal, entendendo-se, nesta rubrica, casamento formal ou união consensual, e, exceto Éder, estavam vivendo junto com as respectivas parceiras, no mesmo domicílio. Penso que a questão primordial revelada por este quadro é que os enviuvados não recasam tanto como se tem dito.

Quadro 6.2 – Distribuição de estado conjugal por ocasião das entrevistas

Recasamento	Não	Sim
Informante	Roberto	Josué
	Anísio	Josias
	Renato	Elísio
	Rui	Jonas
	Artur	Hélio
	Gerson	Éder
	Élcio	
	Adolfo	
	Valter	
	Ivan	
	Tácio	
	Petrônio	
	Plínio	

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

6.3.1.1 – RECASAR

Os recasamentos legalizados foram os de Elísio, Jonas e Josias. Elísio, como foi apontado antes, casou com uma moça da mesma igreja que ele freqüentava e é de supor, pelos cânones religiosos que respeitavam, que nenhum dos dois aceitaria viver junto sem casamento sacramentado.

Jonas, após um recasamento que terminou em divórcio, casou com uma mulher também divorciada, com quem vive bem, há nove anos. Ele conta como foi a primeira vez que a viu:: "_ E lá, quando eu tava assim::, (.2) ela chegou::, cum a filha dela, (.2) aí me viu, (.2) aí:: (.3) FAISCOU TUDO! Faiscou, e pronto! Começou daí." Mas os filhos não aprovaram nenhum dos dois recasamentos do pai viúvo, e se afastaram dele; por isso, os filhos que esta esposa atual trouxe de casamento anterior são considerados filhos por Jonas, pois os seus próprios "foi só botar eles no mundo" (E11: 09).

No caso de Josias, ocorreu o recasamento cerca de um ano e meio após a separação por morte da esposa. Para esse viúvo, as duas esposas tinham "conversado lá em cima" e combinado que uma saía da vida dele e dos filhos para a outra entrar. Isto já foi visto páginas antes. A junção do sincretismo religioso no Brasil com a necessidade de explicação da morte da primeira esposa, aparentemente tão inexplicável por outros meios, é que fazem, possivelmente, esse viúvo encarar assim, isto é, através da transcendência, tudo o que lhe aconteceu - o que ele diz concretamente. No estabelecimento da relação com a candidata a esposa ficou claramente condicionado que era tudo ou nada: "o kit completo, marido e filhos". Para Josias, o recasamento era um retorno à vida tranqüila, à estabilidade:

> - NO MEU CASO, EU TENHO CERTEZA! Porque eu = eu = eu preciso muito de uma companhia, (.) entendeu? Eu sou uma pessoa que preciso muito conversar, eu gosto muito de conversar, eu = eu não consigo:: TER AS MINHAS COISAS, e::: num ter cum quem conversar.
> *?- Partilhar, né? [Partilhar mesmo!*
> - [É! É, partilhar mesmo. (.hh) E::, acredito que esse talvez tenha sido o::: a minha grande dificuldade, na ausência de Josefa, (.) entende? Eu não tinha (.2) cum quem partilhar, (.) num é? E aí::, eu também num queria = eu num achava que eu = eu num teria direito de partilhar isso com::: QUALQUER PESSOA! (E5: 25).

Josias acrescenta mais um dado na condição do novo relacionamento, ou seja, a inclusão dos filhos, que me parece reafirmar a importância atribuída, pela maioria dos viúvos, à paternidade: "_Porque, naquele momento, eu podia administrar um sentimento como::: o de um namoro, de um:: um possível casamento. (.hh) Mas o sentimento dos meninos eu num podia::, em nenhum momento::, PERDER. Eu jamais iria fazer isso, (.) num é?" (E5: 25). Aí está também o compromisso assumido com a esposa no leito de morte.

Os outros três homens que viviam com suas companheiras não deram explicações específicas sobre o não legalizar a união: eles nem cogitaram de outra forma de viver junto, e se consideravam casados.

Quando inquiri aos seis homens sobre se faziam comparação da nova esposa com a esposa morta, as respostas foram quase sempre negativas. Jonas disse que a comparação que faz é entre os filhos dele e os dela, porque "os filhos dessa daí me tratam melhor que os meus!" (E11: 09).

Em suma, para esses viúvos, a estabilidade, o compartilhamento de planos e projetos, ter com quem conversar, sair para jantar fora ou viajar, estar novamente apaixonado, são motivos que os levaram a entrar em nova relação afetivo-sexual. O estudo de Moore e Stratton (2003) também mostrou que essas questões estão presentes nos viúvos que elas pesquisaram. Nestes, também apareceu algum tipo de oposição dos filhos ao recasamento do pai. Assim, estas parecem ser questões da sociedade ocidental complexa, representações de um dado grupo social dentro de um mundo globalizado que parece homogeneizar comportamentos, para além das fronteiras geográficas.

6.3.1.2 – NÃO RECASAR

Houve os que optaram por não casar "de papel passado", isto é, legalmente, nem morar junto. Um motivo assinalado é a eventual perda de benefícios financeiros: ele e ela, sendo viúvos, recebem pensão de seus ex-cônjuges, e um novo registro de casamento levaria à perda destes benefícios. Esta renda auferida pelo casal é importante para a manutenção de um padrão de vida satisfatório, que nenhum dos dois quer perder. Foi o que aconteceu com Élcio, que morou 11 anos com uma mulher, de quem se separou pouco tempo antes da entrevista:

> - Sempre me considerei viúvo. PODERIA TER ME CASADO COM A MINHA COMPANHEIRA, ((na época)) não houvesse essa questão:: PRÁTICA, de dinheiro, de quem é:: classe média baixa, (.hhh) que depende duma = ela num podia abrir mão duma pensão do = do ex-marido, que havia morrido::, e nem eu podia abrir mão da pensão de Élcia:: (E13: 25).

A questão prática foi apontada também por outro viúvo, mas com outro sentido. Josué, que vive uma união consensual estável, diz que nunca assinalou 'viúvo' como categoria civil em lugar nenhum que se referisse a ele, exceto, talvez, em algum documento oficial:

> -Ah! Eu nunca botei de viúvo, não! Nunca botei! (.3) Se botei, foi algum documento oficial, porque era exigência:: botar. Mas, eu não boto. O::: ((fungado)) Eu:: quando não tem nenhum compromisso maior, eu boto casado. (.hh) Se é alguma coisa bancária ou de financiamento, eu boto solteiro ((risada)). Porque facilita, e num tem que ter assinatura de ninguém. (.) Num é? Mas:: isso é::: Eu sou casado. (.3) E::: acho o casamento uma boa instituição! (.5) (E03: 25).

Para outros enviuvados, contudo, o novo modo de relacionamento trazido pela modernidade, ou seja, "cada um na sua casa", é uma prática "muito saudável", como pondera Adonias:

> - Como os jovens dizem "FICAR", num é? Mas (.2) sem pressa nenhuma, porque:: não há razão pra ter pressa, e::: e::: E AÍ, HOJE SIM, eu já tenho cum quem sair, cum quem:: viajar, cum quem (.2), é::, FALAR SOBRE O FUTURO, FALAR SOBRE OS SONHOS:: OS CASAMENTOS = os casamentos, hoje, são::: (.2) parece que há uma:: há uma prática, hoje, que eu acho que é muito saudável, entendeu? [As pessoas (.)
> *?- [Que é o "ficar"!?*
> - É:::, é onde ficar, não é isso? Ou seja, não há necessidade de viver debaixo do mesmo teto 24 horas. Eu acho que isso faz bem! (.5) Isso faz bem! O que não impede que as pessoas se juntem na hora que precisam. (.2) ENTÃO, SE ESSA CONDIÇÃO oferece uma oportunidade (.) PRA CASAR, NESSE SENTIDO AÍ, DESSA CO-HABITAÇÃO NOVA, né?, no sentido de ele lá = ela lá, e eu cá, e::: e::: a gente:::, de se estar juntos quando quisermos, né?, quando desejarmos estar junto, (.hhh) eu pretendo me casar nesse sentido aí, entendeu? NÃO QUERO ESTAR SÓ! Né? Agora, o casamento de:: CAMA, MESA E BANHO, (.3) certo? Vinte e quatro horas?
> *?- Esse já aconteceu na sua vida, né?*
> – JÁ ACONTECEU NA MINHA VIDA, E EU TAMBÉM NÃO POSSO DIZER QUE ELE NÃO VÁ ACONTECER! Acho que vai chegar, amanhã, um momento em que, talvez, (.5) essa coisa de (.2) QUERER BEM AO OUTRO, e:: CUIDAR BEM DO OUTRO, fazer o outro feliz, se (.2) for o caso da gente achar que é melhor, a gente pode ser feliz juntinhos - rosto colado? Eu vou colar o meu rosto, mas, agora, eu não vou garantir não, não é o que eu quero hoje não (E10: 31-32).

Outros viúvos não querem mais morar com nenhuma mulher na sua casa. É o que dizem Anísio e Tácio, respectivamente:

> - Ao ponto que, eu vou lhe ser muito sincero, Tânia, esses anos todos, (.) eu::: nunca tive = TIVE JÁ algumas namoradas, (.) mas nunca tive ninguém morando comigo. (.) Certo? (.) E::: NUNCA SENTI FALTA. (.) Certo? Morando, na minha casa, cum meus filhos, NÃO. (E02: 23).

> – (.2) É, mas é:: uma coisa que (.) que termina::, eu acho que:: eu = eu querendo ou num querendo, eu termino:: colocando um BLOQUEIO na relação::: minha cum outras mulheres, porque é = é como se tivesse vendo sempre o fantasma da minha ex-mulher, de = de ((Taciana)). MAS EU:: num tenho (.hh) mais intenção nenhuma em casar. (...) Não, eu num tenho mais nenhuma:: INTERESSE! (E17: 30).

Outros podem não recasar porque os motivos que os levaram ao primeiro matrimônio talvez não sejam mais importantes, agora, como promotores de um recasamento. Na identidade de homem adulto, como identifica Vale de Almeida (1995: 67), o casamento parece ser um dos marcadores sociais que a sanciona, e essa identidade já foi conquistada com a primeira união. Os hábitos adquiridos no correr da vida são cômodos e os viúvos podem não querer abrir mão dessa liberdade. Isto fica claro na fala de Ivan, que não pretende recasar:

> - Não! (...) Porque, digamos assim, eu num estou:: num está passando pela minha cabeça, pela minha:: pela minha vontade, (.hhh) a NECESSIDADE que eu tenho de uma pessoa. Eu preciso de uma mulher pra organizar a minha casa. Não, eu já tenho uma casa! (.hh) Eu preciso de uma mulher pra fazer filhos. Não, eu tenho meus filhos! (.2) Eu preciso de uma mulher pra (.) pra costurar, tá entendendo? NUM PRECISO! Num preciso mais disso. Você pega minha despensa aí, ela é vazia! (.3) Eu como onde eu estiver! Gosto muito de cozinhar::
> *?- Então mas aí, veja bem! Mas o que você tá me dizendo é que você não precisa da dona de casa (.2) mas (.) e a parte afetiva?*
> – AH!!!! Agora aí, aí é diferente! Agora aí, é! Eu não estou precisando de mãe de filhos, eu não estou precisando de uma::: - como é que é? - uma diarista, (.hh) eu não estou precisando de uma empregada::, eu num tô precisando de uma cozinheira::, num tô precisando de uma passadeira::, tá entendendo? Agora, (.) VIDA AFETIVA, AÍ JÁ SÃO OUTROS QUINHENTOS! (.hhh) A necessidade

> sexual é uma coisa (.) e a necessidade afetiva é outra. O companheirismo! Só que o seguinte: eu não tenho UMA PESSOA (.) que:: diga assim::, esta pessoa vale a pena investir! (.hh) Porque junta-se a idade, o tempo, a experiência, um bocado de coisa, aí você vai vendo assim, você começa a ficar:: TÃO SELETIVO, (.2) que a coisa fica:: até chato! Você se torna chato! Você mesmo começa a achar você chato! (E16: 41).

No meu entender, Ivan reconhece que a vida como está é agradável, e não pretende fazer ninguém participar de sua "chatice", que parece estar prezando bastante. Outro viúvo também se refere a isto - seu espaço e suas manias, que não quer mais dividir com ninguém: é pontuado por Roberto, embora ele ache que "a vida a dois é gostosa!" (E01: 66).

O que todos esses depoimentos parecem apontar é para uma nova maneira de ser homem. Diversos viúvos falam de suas vidas de casados como se estivessem pautadas no amor confluente à la Giddens, com as transformações da intimidade que a modernidade trouxe e que, de uma maneira geral, parecem satisfatórias. As desigualdades de gênero também comparecem a esse palco, mas com suas faces nuançadas, mostrando uma tendência ao apagamento de suas fronteiras. É preciso lembrar que a geração desses homens se reporta a décadas em que amplos movimentos históricos estavam acontecendo, e a transição de modelos não foi por eles abraçados como o foi para as mulheres. Nenhuma definição clara de mudança foi definida para eles como foi a decorrente do movimento feminista. Talvez por isso a ambivalência esteja muito presente nas suas falas.

O que percebo também é que o novo modelo de casal não se pauta, obrigatoriamente, em compromisso formal legal, mas num compromisso de parceria inter-relacional que os viúvos também desejam e buscam. Por outro lado, o ficar sozinho não é tão indesejável quanto se pensa no senso comum. Isto é o que apreendo das narrativas feitas pelos meus informantes.

Gostaria de encerrar este capítulo citando Pierre Bourdieu (2002). No livro *A dominação masculina*, ele alude ao "prazer de desiludir" (p. 129) que a Sociologia e a Antropologia parecem fazer da realidade[9]. Embora eu tenha tentado mostrar, nas linhas aqui escritas, que *essa realidade* vem desenhando uma forma de relacionamento não de todo

[9] No *post-scriptum* do mesmo livro, Bourdieu procura atenuar essa desilusão que ele próprio consignou ferrenhamente no curso do texto.

"desiludida", parece-me que as reflexões desse sociólogo francês cabem de forma exemplar aqui, quando fala sobre o "amor puro"[10] que poderia demolir a dominação, seja de quem for:

> A aura de mistério que o cerca, sobretudo na tradição literária, pode ser facilmente compreendida *de um ponto de vista antropológico*: baseado na suspensão de luta pelo poder simbólico que a busca de reconhecimento e a tentação correlativa de dominar suscita, o reconhecimento mútuo pelo qual cada um se reconhece no outro e o reconhece também como tal pode levar, em sua perfeita reflexividade, para além da alternativa do egoísmo e do altruísmo ou até da distinção do sujeito e do objeto, a um estado de fusão e de comunhão, muitas vezes evocado em metáforas próximas às do místico, em que dois seres podem "perder-se um no outro" sem se perder (2002: 132; grifos do autor).

Penso que alguns viúvos viveram isso, e para exemplificar, trago as declarações finais da entrevista de Tácio (E17: 30-31):

> - É porque, PRA MIM, essa QUEBRA significa exatamente o que eu num pude VIVER tudo que eu tinha que viver ao lado dela, tá entendendo? Agora, (.2) a gente ter uma relação como eu tô te dizendo, DE INÍCIO E FIM, (.) de começar e terminar, seria um complemento. Então::: isso é uma coisa que eu num vou ter mais nunca, independente de eu vir a AMAR MUITO, eu jamais vou ter (.) como se tivesse começado cum os meus 28 anos e montado uma vida (toda). (.hh) Porque foi isso que eu acreditei na vida, foi isso que meu pai e minha mãe tiveram, viveram; eu num sou muito:::, é = é, da, assim:::, hoje em dia, as pessoas num se agüentam::, qualquer coisa é motivo pra tudo; eu:: eu tenho uma = uma:: paciência grande:: pra tudo isso; (.hh) eu acho muito difícil eu encontrar uma mulher que tenha:: ESTA MESMA PACIÊNCIA QUE EU TENHO, (.) de = de = de perdoar::, de viver::, de cumplicidade, de num:: (.hh) Então, nesse sentido, EU FALO também cum relação a um ((novo)) relacionamento. Eu não vou ter:: uma pessoa que tenha essa MESMA flexibilidade, essa vontade:: TALVEZ!

♥♥♥♥♥

[10] Parece-me que "amor puro" de Bourdieu poderia ser concebido como fusão das noções de "amor confluente" e "relacionamento puro" de Giddens - ver referências na Bibliografia final.

CAPÍTULO 7

HOMEM NÃO CHORA:

"AS MINHAS DORES,

EU SUPORTO ELAS SOZINHO!"

7. HOMEM NÃO CHORA: "AS MINHAS DORES, EU SUPORTO ELAS SOZINHO!"

A diversidade das culturas humanas também se expressa pela forma com que os diferentes povos extravasam emoções. Isto significa que as culturas diferem marcadamente nas regras sobre a expressão, a intensidade e o controle delas. Assim também é em relação à morte e ao pesar. Em todos os grupos sociais ao redor do mundo, a maior parte das pessoas parece sofrer com a perda de alguém amado, embora sejam amplamente diversificadas as formas aceitas por cada grupo como apropriadas na manifestação desse pesar. Por exemplo, em algumas culturas, os condutores de rituais suprimem ou limitam a exteriorização de raiva que a pessoa, que foi separada de alguém pela morte, sente; em outras, a regulação da raiva é acompanhada pelo isolamento do enlutado ou imposição de algum marcador físico que previna aos outros indivíduos de sua condição (Rosenblatt, 1999: 104). A Antropologia já mostrou como a morte, - pelas emoções e sentimentos que suscita, - é ameaçadora e como a comunidade atingida cria mecanismos de proteção contra ela ou de apaziguamento dela, através de ritos que incluem, muitas vezes, o uso de pinturas corporais, raspagem da cabeça, vestuário especial, uso de duas alianças, etc., como sinalização a distinguir os enlutados dos "normais". Os estudos de Victor Turner (1974) com o povo Ndembo são esclarecedores a esse respeito.

O estudo das emoções, portanto, é um campo em expansão, que desperta o interesse de antropólogos, pelo mundo afora. É possível pensar que seus primórdios aparecem, na disciplina, com a descrição dos ritos e mitos de povos primitivos, a despeito de que não tinham essa conotação específica entre os primeiros desbravadores do social: talvez porque a emoção era tida como algo da esfera do psiquismo, fenômeno que devia ser tratado pela Psicologia. No entanto, isso se modificou, pelo menos nas últimas décadas. A apreensão de emoções e sentimentos como coisas sociais me parece bem colocada no pensamento de Roberto DaMatta. Segundo este autor,

> Uma emoção é apenas um dado indiscernível no meio de um *continuum* de sentimentos que ocorrem numa linha indeterminada. (...) Mas no momento em que o *continuum* foi rompido por meio de um ato coletivo, na ocasião em que o grupo decidiu classificar as emoções reconhecendo apenas quatro ou quarenta nesta linha indefinida, foi possível individualizar tais fatos como coisas sociais e, assim, falar com eles, vê-los, reificá-los e domesticá-los (1997: 36).

É dessas "coisas sociais" que vou tratar agora. Algumas questões teóricas referenciadas em páginas anteriores são repetidas aqui, pois as considero fundamentais para a compreensão do controle social das emoções, na Modernidade.

Muito do avanço no estudo sociológico das emoções partiu da Sociologia francesa. Émile Durkheim foi dos primeiros cientistas sociais a usar a expressão "coisa" para referir qualquer fenômeno social como objeto de conhecimento e, assim, passível de ser investigado (2001: 16), o que gerou muita controvérsia e acirradas críticas a ele no meio intelectual de seu tempo - e talvez até hoje; muito dessas dúvidas são dirimidas nos seus trabalhos posteriores. Segundo esse sociólogo francês, os fatos sociais são "maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo e dotadas de um poder coercivo em virtude do qual se lhe impõem" (p. 33), e aí, claramente, ele inclui os sentimentos.

Para Durkheim (2001), mesmo os fatos da psicologia individual, isto é, subjetivos, devem ser estudados como coisas, observados e analisados do exterior: "o que importa saber não é a maneira como certo pensador individualmente imagina uma dada instituição, mas a concepção que dela tem o grupo; somente assim esta concepção é socialmente eficaz" (p. 19). Pois o fato social difere qualitativamente do fato psíquico, tendo outro substrato. Isto não significa que esse fato social não seja também, de certo modo, psíquico, visto que consiste "em maneiras de pensar e de agir" (p. 21), mas é de outra natureza, diferente da consciência individual - o que faz com que a *matéria* da vida social não possa ser explicada por fatores puramente psicológicos (p. 21). Portanto, segundo Durkheim (2001: 23):

> Em caso algum a sociologia pode ir buscar pura e simplesmente à

> psicologia esta ou aquela proposição e aplicá-la tal e qual aos fatos sociais. Antes, todo o pensamento coletivo, tanto na forma como na matéria, deve ser estudado em si mesmo, por si mesmo, com o sentimento do que tem de especial, e devemos deixar ao futuro o cuidado de procurar em que medida ele se parece com o pensamento dos particulares.

Esse "futuro" vem procurando expandir a compreensão das manifestações culturais dos sentimentos, a partir do próprio Durkheim e de seu contemporâneo e sobrinho Marcel Mauss, entre outros estudiosos. Seus trabalhos sobre a expressão obrigatória e pública dos sentimentos, em ocasiões festivas ou tristes, trouxeram muitas contribuições e foram as bases para a expansão da Antropologia das Emoções, sendo seguido e ampliado por diversos investigadores da atualidade.

Neste meu trabalho, as emoções têm seu lugar. Com a passagem da posição de marido ou marido/cuidador a viúvo, mudam as emoções experimentadas. Na primeira fase[1], existe o sofrimento partilhado com a esposa; na segunda, a vivência é apenas do viúvo[2], enquanto cônjuge remanescente. Aqui, emergem outras emoções, algumas consideradas negativas, isto é, que vão de encontro à mitologia da felicidade: tristeza, desespero, solidão; outras ambíguas, como a saudade, que pode ser "boa" ou "ruim". Mas também encontro entre os enviuvados a sensação de liberdade e orgulho. Essas emoções não são excludentes umas das outras, podendo vir simultaneamente. É sobre elas que passo a discutir, amparada por alguns teóricos, examinando sentimentos que, se já eram incipientes antes, agora surgem vigorosos com a concretização da morte e do luto.

Como foi indicado acima, desde os primórdios da Antropologia que o estudo das emoções vem imbricado com a descrição dos ritos, particularmente aqueles de natureza fúnebre, ensejando interpretações que os autores lhes atribuem. Assim é que, discutindo sobre os rituais funerários, Durkheim (2000b: 435) refere:

[1] É óbvio que a ocorrência súbita evita a fase de sofrimento que antecede a morte propriamente dita da doença prolongada ou de curso crônico consuptivo.
[2] Restrinjo a discussão do sofrimento ao viúvo porque este estudo é sobre ele, embora muitas outras pessoas sejam atingidas pela morte de alguém afetivamente próximo.

> O luto não é um movimento natural da sensibilidade privada, machucada por uma perda cruel, mas um dever imposto pelo grupo. As pessoas se lamentam, não simplesmente porque estejam tristes, mas porque são obrigadas a se lamentar. É uma atitude ritual que se deve adotar por respeito ao costume, mas que em larga medida é independente do estado afetivo dos indivíduos.

Nesta mesma linha argumentativa, Mauss acrescenta que "não são somente os choros, mas todos os tipos de expressões orais dos sentimentos são essencialmente (...) fenômenos sociais, marcados eminentemente pelo signo da não-espontaneidade e da obrigação mais perfeita" (2001: 325). O autor se reporta aos povos primitivos australianos, onde as mulheres, parentas de direito (mães, irmãs e viúva do defunto), desempenham um papel central como carpideiras e imprecantes, que "cantam o luto, a morte, que injuriam, maldizem e encantam o inimigo, causa da morte, sempre mágico" (Mauss, 2001: 331). Reconhece o autor que o sentimento pela perda não está excluído dessas demonstrações públicas de pesar, "mas a descrição dos fatos e os temas rituais jurídicos prevalecem" (p. 331). E são as mulheres que comumente exprimem os sentimentos tanto em sociedades ditas simples como nas sociedades complexas, e ainda é assim hoje.

Diante desses fatos, Durkheim (2000: 442) sugere uma explicação, à qual imputa causas predominantemente impessoais, ao "estado moral do grupo". Para o autor

> Quando um indivíduo morre, o grupo familiar ao qual pertence sente-se diminuído e, para reagir contra essa diminuição, se reúne. Uma infelicidade comum tem os mesmos efeitos que a chegada de um acontecimento feliz: aviva os sentimentos coletivos que, por isso, levam os indivíduos a se procurar e a se aproximar. Vimos inclusive essa necessidade de concentração afirmar-se às vezes com uma energia particular: as pessoas se abraçam, se enlaçam, apertam-se o mais que podem umas contra as outras. Mas o estado afetivo no qual se encontra então o grupo reflete as circunstâncias que ele atravessa. Não somente os próximos mais diretamente atingidos trazem ao encontro sua dor pessoal, como também a sociedade exerce sobre seus membros uma pressão moral para que harmonizem seus sentimentos com a situação. Permitir que eles permanecessem indiferentes ao golpe que a atinge e a diminui seria proclamar que ela não ocupa nos seus corações o lugar a que tem direito; seria negá-la (2000: 437- 438).

Essa longa citação mostra a atribuição, conforme Durkheim, de como os povos primitivos explicitam socialmente suas emoções. Eles não as sufocam no seu interior, mas as tornam públicas. Assim, a tendência ao confinamento individual dos sentimentos parece vir mesmo com o aumento da complexidade social. Marcel Mauss avança nesse argumento e observa não apenas as ações executadas, mas o próprio corpo humano enquanto coisa adestrada pelos imperativos sociais. Pois, atentando para suas palavras (Mauss, 1974: 232) sobre o constrangimento do corpo:

> (...) consiste, em particular, na educação do sangue-frio (...) Esta resistência à emoção avassaladora é algo de fundamental na vida social e mental. Ela separa entre si - e chega a classificar - as sociedades ditas primitivas: conforme as reações sejam mais ou menos brutais, irrefletidas, inconscientes, ou, ao contrário, isoladas, precisas, comandadas por uma consciência clara.

Assim, segundo o autor, é pelo grau de controle das emoções que se poderia aferir o grau de civilização de uma sociedade. Para Mauss (1974), em todos "os elementos da arte de usar o corpo humano, os fatos de *educação* dominam" (p. 215; grifo do autor); quer dizer, os atos de desempenho da conduta humana são aprendidos do social, atos estes que obtiveram êxito e aprovação por toda a sociedade na qual alguém foi educado, da qual faz parte e nela ocupa um lugar. Pois "é precisamente na noção de prestígio que advém da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e aprovado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social" (Mauss, 1974: 215). Para este sociólogo, "todos esses modos de agir eram técnicas; são as técnicas corporais" (p. 217). Os modos de agir fisicamente perante uma experiência emocional podem ser assim encarados também, porque, ainda citando Mauss, ele diz que essa educação para as técnicas corporais consiste, em particular, na educação do *sangue-frio*, referido antes:

> E este é, antes de tudo, um mecanismo de retardamento, de inibição de

> movimentos desordenados; esse retardamento permite uma resposta posteriormente coordenada de movimentos coordenados, partindo então na direção do fim escolhido. (...) É graças à sociedade que há segurança de movimentos prontos, domínio do consciente sobre a emoção e a inconsciência (1974: 232).

Este processo de controle das emoções foi extensamente estudado por Norbert Elias, no âmbito da sociedade ocidental complexa. Viu-se, em páginas precedentes, como esse autor elabora a articulação das redes de interdependência com as ações individuais na conjuntura social, de forma a mantê-la em funcionamento. As leis sociais que regulam essas inter-relações tendem a controlar também a força da expressão de impulsos e emoções espontâneas, sendo que os indivíduos apreendem essa contenção desde a mais tenra idade, coisa que Mauss já havia anunciado. Para Elias (1993: 198), isso resulta na inibição das emoções espontâneas e no controle dos sentimentos, e leva ao aprendizado do autocontrole que

> Procura reduzir os contrastes e mudanças súbitas de conduta e a carga afetiva de toda auto-expressão. As pressões que atuam sobre o indivíduo tendem a produzir uma transformação de toda a economia das paixões e afetos rumo a uma regulação mais contínua, estável e uniforme dos mesmos, em todas as áreas da conduta, em todos os setores de sua vida (Elias, 1993: 202).

Eis aí formatado o ser humano na sociedade urbana complexa. E, se assim vem sendo estimulada a não demonstração pública de sentimentos, como assinala o *processo civilizador* de Elias (1993; 1994), verifica-se que isto é ainda mais firmemente imposto aos homens, que aprendem desde menino que *homem, que é homem, não chora!* "Quantos homens tiveram que engolir lágrimas diante da tristeza, da angústia, do luto, em nome desta norma de conduta" (Saffioti, 1997: 25).

Além disso, outro fator a ser considerado, concomitantemente, é a chamada cultura da felicidade e do sucesso que Morin (2007) assevera permear as sociedades modernas complexas, onde a tristeza e a perda/luto não devem ter lugar. Já foi comentado neste texto (Capítulo 4:

213) essa mitologia euforizante grafada por Morin (2007), bem como outros argumentos de Pitta (1991) e Ariès (2003) em relação aos valores que orientam a urbanidade ocidental e procuram deslocar sentimentos negativos para esconderijos que não sejam vislumbrados socialmente. E em decorrência disso, os debates recentes sobre a questão da morte chegam a identificar uma espécie de "denegação da morte", como fenômeno peculiar ao Ocidente, ao longo do século XX. Estudando as representações sobre a morte na sociedade ocidental no transcurso dos últimos séculos, Philippe Ariès (2003: 25-100) ilustra as mudanças que se operaram no lidar com a morte nesse período - da morte domada, na Idade Média, passando pela dramatização da época do Romantismo, até a sua denegação nos tempos atuais.

O mesmo fenômeno é analisado pelo antropólogo francês Louis-Vincent Thomas (1985), que remonta às possíveis causas: "A mudança de mentalidades que resulta do impacto do saber científico implica no abandono progressivo de condutas simbólicas, consideradas insignificantes ou gratuitas" (p. 41-42). A falta de suportes simbólicos adequados, segundo Thomas, acarreta importantes prejuízos para os vivos. Nas nossas sociedades tecnocratas, não há consolo pela perda de um ser querido. O luto tornou-se vergonhoso, a reintegração ao mundo produtivo imediata. Angústia e depressão solitárias são as reações mais comuns dos sobreviventes, que encontram no recurso a ansiolíticos e outras substâncias os substitutos químicos às solidariedades sociais. Para o mesmo autor:

> Nos meios urbanos modernos, os enlutados não são mais destacados nem reclusos. Na linha de denegar a morte, são evitados os sinais exteriores de luto, e a sociedade os incita a se reinserir imediatamente no circuito econômico. Anulando os comportamentos simbólicos de reclusão dos enlutados, nossa sociedade apenas agrava a ruptura em lugar de a ignorar; privado do apoio do ritual, o parente deve assumir seu trabalho de luto sozinho e às escondidas, eventualmente com o apoio discreto de uma terapêutica tranqüilizante administrada por seu médico (Thomas, 1985: 185)[3].

Especificamente em relação à Sociologia da Emoção, o sociólogo brasileiro Mauro Koury (2003) tem estudado o luto no Brasil urbano. Mostra o autor a tendência à solidão que

[3] Lembro que essa "denegação" é recuperada e reavaliada, na atualidade, quando os antropólogos falam em ressocialização da morte e dos funerais, a exemplo do próprio Thomas (1985: 272) e de Martine Segalen (2002: 61).

as camadas médias, seu foco de atenção, enfrentam na elaboração da perda de um ente próximo, onde predomina a atitude de discrição no comportamento em público, inclusive nos atos rituais do velório, sepultamento e missa de sétimo dia (p. 28). Afirma textualmente Koury que "o estranhamento do sofrimento em público parece vir se consolidando como tendência de universalização de uma nova sensibilidade no trato das emoções, particularmente do luto, no Brasil atual" (p. 20). Uma das posições que o autor assume é a de discordar de Roberto DaMatta quanto ao caráter relacional da sociedade brasileira, que, para Koury, estaria se perdendo com a crescente individualização por que esta vem passando. Daí que o processo de luto aconteceria através de uma introjeção da perda, sentimentalmente, dentro de si (p. 115). Em seu trabalho, fica patente um viés psicologizante, talvez porque a psicologização seja uma das características identificadas por Gilberto Velho como atinente às camadas médias[4]. Para Koury (2003: 115), o sofrimento por morte é um luto difícil de realizar, no contexto urbano atual, seja pela rápida transição dos costumes tradicionais, seja pelo processo de individualização e individualismo do cidadão médio, que vive internamente a sua perda, num esforço solitário de elaboração. Essas considerações se aproximam do que foi referido acima, por Louis-Vincent Thomas (1985).

No entanto, pelo que vi nos meus dados, ainda considero a sociedade brasileira do tipo relacional nos termos de DaMatta. A elaboração compartilhada do pesar pela morte de alguém amado é, até certo ponto, uma escolha do enlutado, visto que as redes de que este dispõe proporcionam suportes que ajudam na adaptação à vida que prossegue, além dos demais recursos de que ele pode lançar mão (filhos, trabalho, recasamento, etc.), por si próprio.

De qualquer forma, essa exigência de controlar emoções cobra seu preço, sim. A evidência de que estresse emocional causa problemas biopsicossociais está sendo cada vez mais corroborada na literatura científica, embora os mecanismos que levam a isto ainda não estejam completamente elucidados, não havendo consenso entre os seus pesquisadores. Em relação à saúde física, a morbimortalidade por doenças cardíacas pós-traumas violentos vem sendo bastante documentada. Stroebe e Stroebe (1999: 186) citam estudos que apontam maior risco para viúvos de serem acometidos por injúrias orgânicas desse tipo. Por outro lado, é

[4] Já comentei, no capítulo anterior, a minha própria percepção sobre esta visão da psicologização das camadas médias, enquanto tratar-se de um processo mais intelectual do que de adesão a uma prática vivencial.

interessante observar que grande parte dos problemas físicos que o viúvo apresenta se manifesta sob a forma de agravos cardíacos[5], seja infarte, arritmia, coronariopatia, como se fosse uma reposta orgânica à agressão desferida, sobremaneira, no órgão que o imaginário social - que sempre cria suas próprias respostas - atribui como sede dos sentimentos amorosos: "a gente ama com o coração" e "o coração tem razões que a própria razão desconhece", diz a sabedoria popular. Vejamos, então, agora, o que acontece ao viúvo sob o impacto de emoções desencadeadas pela morte da esposa.

7.1 - HOMEM NÃO CHORA? - SENTIMENTOS E EMOÇÕES

Um dos pontos de meu interesse no tema objeto desta tese é o referente a sentimentos e emoções vivenciados pelos homens no processo de perda da esposa. Com o controle social sendo feito marcadamente sobre a expressão emocional do gênero masculino, a vivência de eventos profundamente estressantes pode ter características e repercussões próprias. De qualquer forma, não tenho dúvida de que a experiência da viuvez é, se não sentida, pelo menos expressada de forma diversa pelo homem e pela mulher, com uma marcada dimensão de gênero.

Tal constatação já aparece nos estudos de Britto da Motta (2002: 263), quando destaca que percebe "enormes diferenças com que a situação é vivida por homens e mulheres, como também pelo freqüentemente declarado senso de liberdade e até de certo alívio, de muitas das viúvas maduras e velhas. E, por outro lado, o desalento e/ou recasamento rápido dos homens." Mas serão essas diferenças devidas a uma insensibilidade "natural" do homem? Ou pode decorrer, entre outras coisas, do papel que lhe foi outorgado pela sociedade? Certamente, na moderna sociedade ocidental complexa, e, portanto, cá entre nós, ao homem se exige mais controle e capacidade de resolução frente à vida, e muito particularmente na tomada de decisões na adversidade, seja esta decorrente dos problemas cotidianos, seja das grandes

[5] Relatórios advindos de pesquisas em base estatística apontam os problemas cardíacos como estando entre os mais freqüentes que acometem pessoas enlutadas, em tempos variáveis após a separação por morte (Middleton & Martinek, 1999: 56, citando Maddison & Viola, 1968; Lopata, 1996: 108).

tragédias que eventualmente venham a lhe ocorrer. Vejamos, então, como o *ser homem* lida com suas emoções.

7.1.1 - A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES

Segundo Stroebe & Stroebe (1999: 225), em estudo de Psicologia Social nos Países Baixos, nos anos 1980, viúvos freqüentemente têm mais sucesso em bloquear confrontações com a perda de suas esposas do que viúvas, porque mais provavelmente eles estão a despender seu dia de trabalho fora do ambiente de suas casas, e porque seu ambiente social não os encorajam a reviver constantemente seu pesar. A despeito disso, os autores assinalados acima afirmam que, embora se atribua aos viúvos uma melhor performance no seu trabalho de luto e que por isso eles teriam melhor ajustamento nos dois anos seguintes à perda, para as viúvas esta relação não foi encontrada: as que se confrontam com sua perda não diferem das que não o fazem. Assim, esses autores acham que trabalhar o luto não seja tão essencial ao ajustamento à situação de perda como freqüentemente se assume (Stroebe & Stroebe, 1999: 225). O que se depreende daí, em relação aos viúvos por mim estudados? Parece-me que isso reforça a observação de que o contexto onde o enviuvado está inserido é fundamental como suporte e/ou recurso na adaptação ao curso da nova vida, no qual o ambiente do trabalho desempenha papel não desprezível; além disso, vejo também fortalecido o argumento de que, para o gênero homem, há uma exigência social maior no controle das emoções, o que resultaria numa aparente melhor resolução do seu pesar, embora muitas vezes este esteja apenas camuflado.

Reafirmar tal constatação me parece pertinente por algumas reações apresentadas pelos viúvos durante a entrevista, ao reavivar lembranças passadas. Um deles falou assim: "_ENTÃO::, eu acho que:: a gente:: aprende:: essas coisas, mas:: o tempo:: ALIVIA, mas num apaga nada. (.2) Entendeu? (.5) Num apaga mesmo!" (Anísio, E02: 41). O tempo, esta categoria do entendimento do espírito humano, tem aqui uma conotação própria. Não é a categoria do "tempo" à la Durkheim, que representa "o ritmo de uma vida [que escoa] que não é de nenhum indivíduo em particular, mas da qual todos participam" (2000b: 491). Penso nesta última categorização do tempo como algo que "não pára", o tempo social. O tempo

destacado por Anísio é um outro tempo: um tempo que exprime sua vida enquanto indivíduo, que ficou marcado por eventos que lhe permite congelá-lo ou deixar que flua, mas que não é incompatível com o tempo social, porque ambos estão justapostos e são vividos em paralelo. Talvez um tempo que enseja a conservação viva na memória de sentimentos e emoções que são suas lembranças, agradáveis ou desagradáveis, mas que se irradiam até o momento atual. "Não só não é impossível viver o presente, como também, alimentado pela memória, ele pode ser explorado ao máximo, de modo a inscrever no fio do tempo seus momentos felizes [ou não] e transformá-los em algo fecundo e duradouro" (Martin-Fugier, 1995:194). As emoções estão ai, sejam externalizadas ou não. E o momento do encontro etnográfico passa a ser um portal de acesso a esse tempo paralelo. Vejamos, então, como foi transposto esse portal, segundo o desempenho dos viúvos da pesquisa.

Começo pelo enfoque de exteriorização de emoções ou não, durante a entrevista. Em relação a tal demonstração, constatei que o choro silencioso e a voz embargada - categorias que assinalei como emoções mobilizadas no momento da entrevista -, não dependeram do local de realização da entrevista, que não foi inibitório para o informante, no sentido de controle dos seus sentimentos. Poder-se-ia supor, com base no argumento da privacidade que se exige dos sentimentos, por todas as circunstâncias apontadas já (gênero masculino, camada média, sociedade complexa urbana moderna), que os entrevistados em casa, caso se sentissem emocionados, poderiam dar livre curso às suas sensações mais confortavelmente, enquanto que no trabalho não haveria a mesma situação. O que percebi é que não foi bem isto que aconteceu, como mostra a Tabela 7.1:

Tabela 7.1 – Sentimentos externalizados e local de realização da entrevista

Emoção	Local					
	Trabalho		Residência		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%
Nenhum sinal físico	2	25,0	6	50,0	8	40,0
Voz embargada	3	37,5	3	25,0	6	30,0
Choro visível	3	37,5	3	25,0	6	30,0
Total de entrevistados	8	40,0	12	60,0	20	100,0

Fonte: Entrevistas narrativas da pesquisa *Homem não chora... 2007*

Vejamos o que esta tabela demonstra. Antes, reafirmo que os referenciais numéricos apontados não visam generalizações de resultados, mas apenas uma explanação mais sintética dos dados analisados. Dos 20 viúvos, oito (40,0%) foram ouvidos no local de trabalho[6] e 12 (60,0%) em residência[7]. Os sinais de mobilização emocional que observei foram a voz embargada e o choro, como disse antes, sendo este último expresso por olhos marejados de lágrimas ou choro copioso. Dos entrevistados no trabalho, dois (25,0%) não apresentaram sinais de mobilização emocional, contando sua história com voz tranqüila e, às vezes, bem animada; outros três (37,5%) viúvos desse grupo ficaram com a voz embargada, e mais outros três (37,5%) chegaram a chorar livremente; ou seja, 75% do total expressaram emoções durante o encontro etnográfico.

Dos entrevistados em residência, seis (50,0%) não aparentaram mobilização de sentimentos, enquanto o apresentar voz embargada ou choro foi detectado em três (25,0%) homens, para cada uma das categorias nomeadas, consistindo também em 50% para a mobilização que levou à externalização de emoções. Daí que a proporção de viúvos que se emocionou claramente foi maior do que a que não o fez, bem como a maior expressão através de olhos marejados/choro foi no grupo que fez a entrevista no trabalho. Assim, parece-me que o afloramento físico dos sentimentos experimentados no momento da entrevista dependeu mais, talvez, de quanto o rememorar fosse emocionalmente mobilizador para o viúvo. É verdade que as entrevistas ocorreram quase sempre num ambiente físico separado da circulação de pessoas, fossem familiares e/ou agregados, amigos e/ou colegas de trabalho, isto é, em sala privativa. Mas ela não estava hermeticamente fechada, e algumas (poucas) vezes alguém ali adentrava. Então, de uma maneira geral, externar emoções não dependeu de local. O que não significa que os casos negativos fossem de homens indiferentes aos seus próprios relatos. Pode ser que sim, mas pode ser, por outro lado, que o controle sobre suas emoções estivesse acionado tão fortemente que elas não puderam emergir. Para, talvez, resolver este impasse é necessário que outras pesquisas partam daí. De qualquer forma, o maior percentual de homens que não inibiram opressivamente seus sentimentos, tornando-os visíveis para a

[6] Lembro que local de trabalho está se referindo a espaço físico do emprego formal ou associação onde o viúvo desempenhe algum tipo de trabalho, bem como o ambiente de trabalho de um contactante.
[6] Residência aqui se denomina a casa de habitação onde foi realizada a entrevista, incluindo a da pesquisadora.

pesquisadora, fala a favor da intensidade da experiência por que passaram, naquele momento relembrado e revivido. Eventualmente também isto pode retratar uma nova percepção social de que os homens também choram, pelo menos do ponto de vista dos viúvos entrevistados.

É para esse tipo de contato e percepção da emoção experimentada por alguém que Renato Rosaldo chama a atenção dos etnógrafos, particularmente os que fazem investigação no campo da Tanatologia. Escreve Rosaldo[8]:

> Embora outras culturas dispensem atenção profusa à morte, a maioria dos etnógrafos encontraria extrema dificuldade em entrevistar os principais enlutados porque, para "nós", luto é um assunto privado e pessoal. Por isso, a etnografia da morte está em notável adesão às normas clássicas que verbalmente transformam perdas particulares em descrições gerais de algo que todos os rituais funerários compartilham (1993: 56; grifo do autor).

Nesta perspectiva, concordo com o autor. Se os antropólogos se ativerem apenas a descrever os rituais oficiais que se desenrolam nas cercanias do evento morte e os desempenhos das pessoas envolvidas (parentes, amigos, etnia, sociedade), podem deixar escapar o que foram estudar: por exemplo, como determinado povo ou grupo age e reage no lidar com a morte de alguém amado. O investigador pode voltar sabendo como o ritual ocorreu, mas pouco saberá do que foi *aquela* realidade para *aquelas* pessoas, de como elas vivenciaram aqueles momentos e o que o morto significava para elas: enfim, de tudo o mais que faz parte daquela sociedade que ele pensa e diz que estudou. E a interpretação do que testemunhou, que origina o texto de seu trabalho de campo, terá as mesmas cores, se não as mesmas palavras, dos escritos de outros tantos que, talvez, não apreenderam o sentido profundo do observado.

Há que relembrar, aqui, o que antropólogas brasileiras já tinham apontado algumas décadas atrás. Refiro-me a Ruth Cardoso (1988) e Guita Debert (1988). A primeira recomenda que, no trabalho de campo e na coleta de dados, o respeito ao dado empírico permita reconhecer "um espaço para os sujeitos sociais", senão o pesquisador corre o risco de transformá-los "em objetos, e o comportamento em ações automatizadas" (Cardoso, 1988: 99). Para a segunda autora, a história de vida/história oral "só tem sentido na medida em que nos

[8] Rosaldo faz claramente a referência a antropólogos de origem ocidental urbana moderna norte-americana. Mas penso que a afirmação pode ser extensiva a centros europeus e brasileiros.

propomos discutir certos conceitos tidos como definitivos pelas ciências sociais ou certos pressupostos através dos quais os grandes processos sociais são sempre explicados" (Debert, 1988: 144). Ou seja, segundo Debert, o que "o diálogo com os informantes permite é uma relativização dos conceitos e de seus pressupostos" (p. 145). Penso que estes são pontos importantes. A aplicação da idéia de relativização, que causou alguma polêmica na segunda metade do século passado dentro da Antropologia, deve ser entendida como o respeito pela informação dada pelo investigado, pois, de outro modo, mais um (grave) risco se está correndo: o de cometer uma traição tanto para com o método como para com o informante. Assim, pois, concordo com Debert, quando sugere que a história contada como dado, - portanto a pesquisa -, não vem apenas preencher um vazio na teoria; antes, ela permite que a partir "da experiência concreta de uma vivência específica, possamos reformular nossos pressupostos e nossas hipóteses sobre um determinado assunto" (p. 142), ou, em outras palavras, "darmos condições aos informantes de nos levar a ver outras dimensões e a pensar de maneira mais criativa a problemática que, através deles, nos propomos a analisar" (p. 142).

Por isso, parece-me que há que ouvir o informante e compartilhar do seu momento, discutindo e devolvendo o que é dito, num processo de ida-e-vinda incessante, até que se atinja a "fusão de horizontes" referida por Roberto Cardoso de Oliveira (1998: 24), de modo que a etnografia que daí resultar esteja embasada na "descrição densa" que defende Clifford Geertz (1989: 17; p. 20). Penso que é desta forma que o antropólogo pode fazer jus ao privilégio de mergulhar na vida do "nativo", seja de que geografia for. O método antropológico enseja esta chance, que nenhum questionário jamais alcançará. Então, é possível que se possa captar o que não se apreende apenas com o olhar:

> - (...) A PARTIR DAÍ EU SÓ TINHA AS MINHAS, - vamos dizer assim -, DORES, (.) SOZINHO, NO MEU QUARTO, porque num me achava no direito de fraquejar diante dos meus filhos, (.hh) não por me tornar um fraco, mas pra não traumatizá-los mais, num é?
> *?- Poupar!*
> – POUPAR! A palavra certa é essa! (Tácio, E17: 14).

"Sozinho, no meu quarto". Esta afirmação mostra a força com que o viúvo esconde os

sentimentos íntimos. E o local em que se permite extravasar é o quarto, o mais privado dos espaços privados da casa. George Duby (1995: 10) escreveu, sobre o quarto, que:

> (...) uma área particular, claramente delimitada, é atribuída a essa parte da existência que todas as línguas denominam privada, uma zona de imunidade oferecida ao recolhimento, onde todos podemos abandonar as armas e as defesas das quais convém nos munir ao arriscar-nos no espaço público; onde relaxamos, onde nos colocamos à vontade, livres da carapaça de ostentação que assegura proteção externa. Esse lugar é de familiaridade. Doméstico. Íntimo. No privado encontra-se o que possuímos de mais preciosos, que pertence somente a nós mesmos, que não diz respeito a mais ninguém, que não deve ser divulgado, exposto, pois é muito diferente das aparências que a honra exige guardar em público.

Parece-me que, para os viúvos, a dor é pelo que deixou de ser, mas também uma antecipação do que será a partir de então: cuidar dos filhos, adquirir ou exibir e exercer competências que tinham guardado, ou ampliar o leque de responsabilidades e assumir tudo sozinhos, quando antes eram tarefas familiais divididas com as esposas (pelo menos em suas ópticas). Neste sentido, há momentos mais dolorosos que outros.

Para boa parte dos homens investigados, voltar à casa onde haviam morado com suas esposas, agora mortas, pode ser muito complicado, pois esse retorno mostra o quanto o ambiente está impregnado da presença, das escolhas, do jeito que a caracterizavam, enfim daquela matrifocalidade de que Scott (1990) fala, e que, parece-me, abarca ações, objetos e pessoas no interior da casa. Entrar novamente na casa que habitaram com a esposa agora morta pode ser uma provação que alguns não querem enfrentar mais de uma vez:

> *?- Você conseguia chorar, pelo que você está dizendo.*
> - Ah, o tempo todo! (.5) Hum! (.5) (.hh) Por exemplo, no segundo dia, fui ao apartamento. (.2) Aí, entrei no apartamento, aí, tava ainda com a:: camisola dela, senti o cheiro, num sei que mais, bá bá bá, (.hh) e dali::: Eu peguei, disse às meninas ((filhas)), eu falei: "Eu NÃO VOU morar aqui! (.2) MAIS NUNCA! (.h) E não vou entrar aqui, MAIS NUNCA!" (.hh) Aí, elas disseram: "_A gente também num quer." (Roberto, E01: 27).

Outros se mudam, e a despedida do lar que fica para trás pode ser vivida assim:

> - Fui prum outro apartamento, num é? Pra mim foi muito DIFÍCIL, porque:: (.2) depois que eu fiz toda a mudança, num é?, é:::: eu subi no apartamento::, tranquei as portas::, (.2) me sentei na varanda::, e:: chorei feito um:: bezerro desmamado! Num é? (.2) PASSEI HORAS CHORANDO! HORAS E HORAS, CHORANDO!
> *?- Foi a vez que você chorou, durante todo esse tempo?*
> - MUITAS VEZES! (.hhh) SENTEI, e aí fiquei pensando, num é?, que tinha chegado ali com ela, e tava saindo:: sem ela. Eu acho que foi o momento MAIS DIFÍCIL! (.2) Acho que foi o MOMENTO MAIS DIFÍCIL! Foi NESSE momento que eu SAÍ DALI, do apartamento. Foi quando A FICHA:: caiu! (.2) Foi quando a ficha caiu! (Renato, E04: 20).

Alguns permanecem na mesma residência, deixando tudo como está: "_NÃO, DO JEITO QUE ELA DEIXOU, TÁ ATÉ HOJE!" (Valter, E15: 15). Outros, não: modificam a casa, embora alguma coisa do passado sempre permaneça:

> - E::: eu fiz uma reforma na casa, ESSA CASA, né?, essa casa, AO MEU GOSTO, né?, AO MEU TALANTE, à minha:: = ao meu modo de ser, né? (.2) É::, e, claro né?, fiz exatamente por:: transformei um cômodo que era só dela numa sala de música, num *home theater* de = de = de primeira geração, (.2) né? Uma sala de cinema fantástica! É a grande homenagem que eu posso fazer a ela, porque, pra mim, é a parte da casa mais importante, (.2) onde eu:: me divirto, (.) onde eu:: passo momentos agradabilíssimos, seja ouvindo música, (.hh) seja curtindo bons filmes, seja com::: reunindo os amigos pra ver os filmes, né? (Adonias, E10: 21).

Retirar os sinais concretos da esposa deste mundo, inscrevê-la no outro mundo, junto aos antepassados. Esta tarefa pode ser feita pelo próprio viúvo ou por outra pessoa delegada por ele. Mas não qualquer pessoa. Geralmente são parentas próximas afetivamente, como filha, cunhada ou irmã, sogra ou mãe - sempre as mulheres -, e neste grupo entra outra mulher, a empregada doméstica, o que reforça o papel que esta tem na intimidade da família enlutada.

> - As coisas dela eu só doei quase que, praticamente, quase que um ano depois. (.3) Eu não abria:: o guarda-roupa::, ABSOLUTAMENTE NADA! (.2) A minha empregada, que tá conosco desde quando nós nos casamos, num é?, foi quem SEPAROU (.) as roupas, encaixotou::, num é? Ela foi quem::: fez isso tudo. Ela ia muito numa igrejinha que tinha lá – (.hh) aí, eu chamei o Pastor, LÁ::, e::: dei metade de quase tudo que ELA TINHA:: A irmã:: pegou tudo de bom que ela tinha, e = e:: LEVOU:::, num é? É = É::: E a OUTRA METADE, passou um tempão pra mim::: pra mim:: dar! (Renato, E04, 17).

Contudo, o que me surpreendeu é que alguns dos viúvos se encarregaram desse descarte pessoalmente: Tácio ("Eu:: eu = as roupas dela, eu doei todas pra:: a igreja; fui eu mesmo que levei"), Artur ("fui eu que distribuí muita coisa pra familiares, pra ficar como lembrança"), Valter ("Ainda tem alguma coisa, mas eu dei tudinho, dei tudinho! Tudo numa boa, AINDA TEM COISA LÁ! Ainda tem coisa, tem pertence dela!"), Roberto ("Da Roberta, eu dei::: TUDO! (.2) Certo? Eu mesmo dava! (...) Algumas POUCAS COISAS, (.) a gente (.) fez questão de ter. E tem lá:: tem fotos na casa = aquela casa, tem muitas fotos.").

A doação dos pertences não é aleatória, mas há um certo escalonamento tanto pelo valor afetivo como pelo valor mercantil do objeto a ser doado. A maior parte das pessoas contempladas com essas dádivas é da família extensa ou amigas próximas; em seguida, instituições filantrópicas ou religiosas com trabalho comunitário. Mas há coisas que não se dá a ninguém: retratos - ficam na casa, com a família nuclear; jóias ou peças de roupas e coisas mais pessoais - são das filhas ou irmãs; "santinho" da missa - fica na carteira do viúvo; a aliança da esposa morta, enquanto objeto simbólico da união que existiu, é guardada entre os pertences mais pessoais do viúvo, em casa. Estes objetos são valiosos demais pelo seu caráter afetivo, e, por isso, da ordem do que permanece fixo no interior da família. São objetos da mesma natureza daqueles que Mauss (1974: 125; 1950: 146) identificou como fora do circuito da troca dádiva, e que Godelier (2001: 53) reafirmou como os que não se pode dar nem trocar, porque são inalienáveis.

Os sentimentos que permeiam todas essas ações, nominadas aqui tão sucintamente, podem ser muito fortes e mobilizadores, de modo que a execução do descarte dos objetos da

esposa que se foi pode levar meses e até anos para ser efetivada, como está dito na maioria das histórias contadas. O depoimento de Adonias resume isto:

> - Precisava de tempo, porque::: sentia que (.) entrar aqui na casa::, entrar no mesmo quarto::, enfim: a presença da pessoa era uma coisa = é um outro momento, assim, DIFÍCIL! Quer dizer, (.h) se difícil foi ver a morte, eu acho que o momento = o outro momento, MAIS DIFÍCIL do que o PRÓPRIO SEPULTAMENTO, (.2) foi, é:::, digamos, RETIRAR OS SINAIS DELA, na casa! (.2) Num é? (...) CADA COISA que ia fazendo, é:::, CARTAS, CARTÕES DE NATAL, (.3) de amigos (.) pra ela, aquilo foi outra coisa (.2) DOLOROSA, pra fazer aquilo! Era como se tivesse que RASGAR:: PARTE DELA, sabe?! Era uma = é uma = É UMA COISA MUITO DIFÍCIL! Eu num sei como é (.) experiência, se tem essa (.) em outras = em outros casais, mas comigo foi uma das coisas MAIS DIFÍCEIS! E EU, (.) é, DESARRUMAR, ARQUIVAR = ARQUIVAR essas coisas, ESSES TRAÇOS, ESSES (.2), é = é, FOI MUITO DIFÍCIL! FOI MUITO::: DIFÍCIL! Porque (.) SÃO MANEIRAS da pessoa, LEMBRAR A PESSOA, sabendo que ela não existe mais (Adonias, E10: 19).

7.2 – DESESPERO. SOLIDÃO. SAUDADE. LIBERDADE

A capacidade de sentir e de extravasar a perda, ou seja, a forma de lidar com situações altamente estressantes no decorrer da doença e morte da parceira foi descrita pelos informantes com mais ou menos detalhes, mas tudo quase sempre permeado de muito pesar. Em vários momentos, como já mencionei, a voz ficava embargada pela emoção das lembranças revividas e um choro silencioso escorria pela face:

> *?- E aí dói é muito, né?*
> - DÓI E QUE DOR! Viu? (.) Eu num sei se a = se essa dor SARA (.) e QUANDO SARA! Num sei! Sempre tem um momento de lembrança, né? (.2) Tem pessoas não, tem pessoas outras que (.hh) eu dizia aí assim:: eu dizia = tem uma coisa que eu dizia brincando a ela, eu dizia: "_O homem tem que ter duas mulheres." Ela dizia: "_Por que você diz isso?" Eu dizia:

> "_Porque não é possível que as duas estejam mal humoradas ao mesmo tempo." ((risos)). É, eu dizia isso a ela. (.) E agora eu tava numa ( ), eu digo, QUEM TEM:: duas mulheres que perde uma, eu acho que num tem muito:: A TRANSIÇÃO É MUITO:: FÁCIL, MUITO RÁPIDA, (.h) de adaptação! É diferente daquele que num tem. (.hh) Eu digo, num é que eu seja mais fi:: diferente de todos os homens, mas eu nunca tive:: outra mulher, A NUM SER A MINHA! Porque NUNCA ACHEI NECESSIDADE DE TER! (.) NUNCA! Eu nunca arrumei! (.hh) Porque nesse caso:: - SEMPRE SAÍ SOZINHO, pra tomar cerveja, mas pra bater papo, conversar com colega, com os amigos (.) e ela NUNCA:: (.hh) procurou me buscar, saber onde eu tava, por que eu cheguei naquela hora, nunca!:: Nunca:: não. PORQUE ELA SABIA! (.) Entendeu? (.hh) Era assim!::
> *?- Quer dizer que prum marajá que tem um harém, é mais fácil ainda.*
> – Acho que é mais fácil ((risadas)) de se adaptar, eu acho, (.hh) né? É:: também:: com a mulher! Assim, DEPENDE DA CONVIVÊNCIA! (Petrônio, E18: 42-43).

Nessa passagem da narrativa de Petrônio, ele resume o seu sofrimento pela perda da esposa, chegando a cotejar o bem-querer com a fidelidade que ambos assumiam no arcabouço da convivência a dois. E ele chega a ir de um extremo a outro, ou seja, da estrita monogamia a uma hipotética poligamia que engendrasse a evitação ou minimização do sofrimento de perda, o que supostamente poderia ocorrer pela dispersão do seu afeto entre várias mulheres. Esta é apenas uma das tentativas que um viúvo pode fazer para justificar o sentimento de pesar que o atinja e, talvez, dar sentido a essa realidade.

Entre os sentimentos explicitados pelos pesquisados, encontro nomeados o desespero, a saudade, a solidão, a liberdade. Vejamos um pouco como estes aparecem, nas falas deles.

7. 2.1 – DESESPERO

Alguns dos viúvos relatam o desespero que os acometeu em alguns períodos pós-morte. Para alguns outros, a perda foi sentida, mas sem desespero. O que faz com que as reações possam ser tão diversas para um mesmo acontecimento? Pode-se pensar através das idéias sobre o desespero, na forma como foi concebido pelo filósofo alemão Sören

Kierkegaard. Em sua obra *O desespero humano* (2002), esse pensador faz uma extensa análise desse sentimento, designando-o como uma categoria do espírito humano. Embora o texto me pareça ter uma forte conotação psicologizante[9], algumas reflexões anunciadas pelo autor podem ser esclarecedoras para a compreensão do sentimento de desespero relatado na pesquisa.

Para Kierkegaard, "sofrer um mal destes coloca-nos acima do animal, progresso que nos distingue muito mais do que o caminhar de pé, sinal de nossa verticalidade infinita ou da nossa espiritualidade sublime. A superioridade do homem sobre o animal está pois em ser suscetível de se desesperar" (2002: 21)[10]. Contudo, diz o autor, o desespero é uma das grandes misérias sentidas pelo ser humano. Isto ocorre porque o desespero vem mostrar uma queda do virtual que desejaríamos ter para o real que nos aconteceu. O presente constantemente se desvanece em passado real; a cada instante real do desespero, o desesperado contém todo o passado possível como se fosse presente (p. 22). A entrevista de Roberto é muito elucidativa nesse sentido:

> - Que a ANGÚSTIA e o desespero num cessavam. Porque a ANGÚSTIA e o desespero não me deixavam NEM SENTIR A DOR da = da solidão e a dor do luto. Eu acho, (.2) eu acho que aqui = porque é normal você ter = o luto ter dor, chorar, isso tudo é normal. (.) E sentir a ausência. Mas FICAR DESESPERADO, num é normal. Isso num é normal! Eu vejo todo mundo aí que = que eu acompanho, (.hh) que:: que perde, a pessoa sofre, chora, (.hh) mas NUM FICA DESESPERADO! Era = era como se dissesse assim: "_NÃO TEM MAIS SAÍDA! EU NÃO VOU MAIS VIVER!" Tá entendendo? Era = era como se dissesse assim (.hh): "_Eu MORRÍ e não tem mais saída! Então, eu já não estou mais vivo!" (.2) E = era essa a sensação que eu tinha. E::: NÃO CONSEGUIA parar de chorar, NÃO CONSEGUIA conversar cum ninguém, era uma LOUCURA completa! Eu = eu tava me dando por doido! (E01: 29).

Esta passagem do depoimento de Roberto faz eco com o dizer de Kierkegaard sobre o desespero, que ressoa também em Plínio: "- Pra mim foi um desespero, né? Desespero!

[9] Kierkegaard é considerado um autor da subjetividade. A sua problemática filosófica se nutre permanentemente de temas religiosos, e ele próprio considerou como sua tarefa central a investigação do que está subentendido no fato de se ser cristão. (Autor:? (2002). São Paulo: Martin Claret, contra-capa).

[10] Todas as idéias dos parágrafos seguintes sobre o desespero são decorrentes do pensamento de Kierkegaard. Algumas eu questiono, como por exemplo se algumas espécies animais não são capazes de sentir dor ou desespero - eles apenas não têm uma linguagem verbal que permita sua expressão pela fala, como os humanos; mas a dor pode ser vista no olhar e postura corporal que adotam em situações de estresse.

Pensando nas meninas né?, lógico!" (E20: 6). De um lado, o que provoca a tristeza em alguém desesperado é agora ser um eu sem o *outro*. "Desesperar de si mesmo, querer, desesperado, libertar-se de si mesmo, essa é a fórmula de todo desespero. (...) o constrangimento de ser este eu que não quer ser [sem o *outro*], é o seu suplício" (Kierkegaard, 2002: 25). Ilustro este ponto com palavras de Tácio:

> ?- Então, na morte de Taciana, assim, houve um momento de desespero pra você?
> – HOUVE SIM! HOUVE EXTREMAMENTE::, é = é = é, momentos, aonde eu::: achava que não ia ter mais::: (...) E NESSE TEMPO, EU::: NUM VIA NINGUÉM, eu fiquei me imaginando já, A MINHA VIDA (.) SEM TACIANA, porque eu sabia que ela já tava morta, num é? (...) Ou seja, VOCÊ TINHA QUE ENGOLIR AQUILO E CONTINUAR VIVENDO! (.) Num é? Tinha que continuar:: SÃO! Continuar com a cabeça BOA! (Tácio, E17: 18).

De outro lado, diz também o filósofo que "o desespero é uma categoria do espírito, suspensa na eternidade, e um pouco de eternidade entra por consequência na sua dialética". No entanto, o desespero "é precisamente a inconsciência em que os homens estão do seu destino espiritual" (p. 29). A reflexão que induz o pensamento da inexistência de algo transcendente à morte física, que conduz ao nada, seria o que leva ao desespero. "Apenas uma reflexão acerada ou, melhor, uma grande fé, poderiam resistir à reflexão sobre o nada, à reflexão sobre o infinito" (Kierkegaard, 2002: 30).

Em consonância com este pensamento, o filósofo alemão introduz a idéia cristã da vida eterna. Nas suas palavras, para o cristão não deveria haver desespero, visto que a própria morte é uma passagem para a vida, e para ele não existe doença mortal propriamente dita, ou seja, aquela que levaria à morte mesma, o final de tudo, e depois da qual não existiria mais nada. O crente acredita na vida eterna, na persistência do espírito para além da destruição da carne física. É essa crença que o impede de se desesperar, de enfrentar a morte de alguém próximo e querido até com uma certa tranqüilidade, como está no relato de Valter:

> – (...) Não, não houve DESESPERO NENHUM, lá em casa. GRAÇAS A DEUS! Eu só

> atribuo isso à formação religiosa dela (.hhh) e ao preparo que ela:: [que ela fez com a gente.
> *?- [O desespero do filho, que você falou antes, foi na hora!?*
> P – Foi, foi na hora, do meu mais novo::: Me abraçou e chorou, tá entendendo? Mas aí, depois, ficou tranqüilo (E15: 09).

No entanto, o desespero cessa ou se transforma à medida que os dias passam. Seja por substituição por outros sentimentos, como raiva ou tristeza ou solidão ou sensação de liberdade, por exemplo; seja por mediação e ação de suportes (familiares, amigos, religiosidade, medicação, acompanhamento psicoterapêutico, etc.) e de recursos (criação dos filhos, gerenciamento da moradia, trabalho, recasamento), outras questões vão tendo lugar. De qualquer forma, junto a esses fatores, principalmente nos tempos iniciais, a solidão está muito presente, mesmo se há uma multidão em volta do viúvo.

7.2.2 - SOLIDÃO

Este sentimento foi vivido pela maioria dos viúvos, - e para uns, ainda é -, e é um motivo considerado por alguns na busca de novo relacionamento afetivo-sexual. Se as redes sociais são de pequena dimensão, como nos migrantes, e eles estão já aposentados, o estar só é quase a rotina:

> *?- E aí, aí teve muito amigo que ficou com o senhor na época da viuvez?*
> – NÃO. EU:: SOU MUITO SOLITÁRIO, sabe? Eu = eu = eu gosto, é.:::, quando eu me encontro com = com os amigos, todo o mundo se queixa::, se queixa::, e eu = e eu não gosto de me queixar da vida não. É, é::, eu:: o pouco com Deus é muito, sabe? Eu falo até com meu filho isso. (.hh) É, a gente vai levando, num é? É::, é::, até Deus me levar, num é? Eu espero num viver bastante. (...) E ((a esposa)) está lá! ME AGUARDANDO! (Rui, E07: 13).

A solidão pode ser exacerbada pela menor sociabilidade do viúvo mais idoso, em

consequência de menor capacidade física de locomoção agregada ao estar aposentado. A perda da esposa aumenta a sensação de estar num mundo cujas dimensões vão encolhendo, tornando-se seu acesso cada vez mais diminuto. É o caso de Adolfo. Quando eu o encontrei para a entrevista, seu mundo de socialização era representado pelo terraço de sua casa onde passava o tempo a conversar com um neto de poucos anos de idade:

> *?- É:: o senhor tava falando que:: tem a solidão, num é?*
> - AH, É. SOLIDÃO! Porque:: eu, de lá pra cá, fiquei só dentro de casa, num saí pa canto nenhum (.hh) Segundo, eu num bebo, só faço fumar! (.2) Num:: DANÇAR, ninguém quer dançar cum veio! E eu vou fazer o quê? Aí, fico só dentro de casa conversando com esse menino::: ((o neto)).
> *?- E:: e assim, depois que:: disso tudo, como é que foi, como é que é pro senhor viver essa experiência, ficar viúvo, ficar sozinho, tudo?*
> – É, É HORRÍVEL! (.2) TAMBÉM NA IDADE QUE EU TÔ, num podia mai trabaiá. Ninguém quer um home da minha idade, pra quê, né? (.hhh) De qualquer jeito, tem de ficar parado mermo. SÓ QUE FOI UM MAL, PERDER A ESPOSA, (.) né? (E14: 08; p. 22).

Por outro lado, a solidão pode ser desejada, encarada mesmo como um tempo de arrumação, tanto externa como interna ao ser humano, como sugere um viúvo mais psicologizado. Embora admitindo a dificuldade de viver esse tempo, este é assumido como benéfico e mesmo necessário:

> - Depois de me livrar desses traços, dessas coisas, desses objetos marcantes, né?, - se é que a gente se livra disso, né?, e:::, a MINHA SOLIDÃO (.) me fazia muito bem, naquela hora. Eu achei que tinha que:: VIVER esse momento dessa solidão. Era uma solidão (.) APAZIGUADORA, era uma SOLIDÃO (.) OPORTUNA, não é?, uma solidão que dava margem a que eu pudesse = pra refazer a minha vida, eu tinha que dar esse tempo ao tempo; AQUELE ERA O TEMPO = ERA A SOLIDÃO, (.) que o tempo precisava, solidão do próprio tempo, né?, (.2) do tempo que a gente precisa, né? (Adonias, E10: 21).

7.2.3 - SAUDADE

A saudade é estudada por Roberto DaMatta (1994) como categoria sociológica. Para o autor, "o peso da palavra se encontra precisamente no conjunto fortíssimo de idéias e atitudes que ela evoca, desperta e determina." (p. 20). Neste sentido, a saudade é aprendida, vem revestida pela ideologia que marca uma época, um lugar, uma pessoa. Ela é "a expressão obrigatória de um sentimento" (p.25): talvez por isso seja tantas vezes referida enquanto sentimento por uma pessoa que se foi, já que traduz o prestígio de quem é lembrado. Porque revela, sobretudo, "a vida contida na teia de relações que constituem o nosso mundo social" (p. 33).

Para o historiador e filósofo português Eduardo Lourenço (1999: 28), a saudade puxa com força para o passado que lhe está no cerne: ela "traduz a sedução desse passado, quer seja momento ou lugar." Pela saudade, é possível viver um tempo passado como simultâneo ao presente, atualizado pela memória que filtra o que se quer lembrar de um tempo idealizado onde vive uma pessoa idealizada: por isso, é tão representativa de uma vida compartilhada cuja lembrança se quer preservar. É através dela que os viúvos presentificam a esposa morta.

Não é mera coincidência que a saudade tenha sido transformada em tema fecundo na arte literária, povoando a imaginação de romancistas e poetas. A escritora brasileira Clarice Lispector diz assim:

> Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida.

Mas esta é a saudade que tem jeito, é a saudade que pode ser resgatada pela presença de alguém que apenas se afastou temporariamente. Tem outra que não: é a saudade dos viúvos, a saudade do que "acabou!", mesmo que, às vezes, ela seja "racional":

> - E:: conforme eu lhe disse, ACABOU!
> *?- Acabou!*
> – Eu tenho só ela na::: NA SAUDADE! AH, BASTANTE! É! (.hhh) EU SINTO FALTA, né? (Rui, E07: 08).

> – Tenho, (.) tenho saudade. Mas procuro:: procuro ser RACIONAL, né?, num viver muito de saudade porque:: MAS A GENTE SENTE SAUDADE, né? VOCÊ NÃO CONSEGUE SE LIBERTAR DISSO NÃO. É, a gente:::, é::, MUITA SAUDADE! ((voz embargada)) (Elísio, E06: 11).

> - CLARO, claro, claro! (.) Claro que sim! Pode ver que muitas vezes eu falo e me emociono. (.2) AH, FAZ FALTA, FAZ UMA FALTA DANADA! (Valter, E15: 22).

> – A saudade que:: É ISTO, do costume, é a convivência da pessoa, (.2) viu? (.hh) E:: cum outro, e a = um = a pessoa desaparece e A GENTE SENTE SAUDADE DEMAIS, viu? (Adolfo, E14: 12).

> - SINTO. (.hh) SINTO SAUDADE, e acho que eu num teria passado pelo mundo de coisas que passei, (.3) se ela tivesse viva. (Renato, E04: 20).

Mas a saudade pode, também, ser uma coisa "boa":

> - Uma saudade SAUDÁVEL, a lembrança (Éder, E19: 32).

> – Sinto saudade! É isso = A SAUDADE:: num é uma coisa triste, num é? SENTIR SAUDADE (.) NUM É:: RUIM! Num é? SAUDADE é uma = uma manifestação, PRA MIM, de extrema ALEGRIA, por quê? Porque é sinal de que o ente que eu amei ainda TÁ VIVO dentro de mim! Aqueles momentos onde eu fui:: Então, significa que o quê? Que aquela pessoa ou aquele local ou aquilo que eu fiz, foi importante na minha vida, e se foi importante, é um momento de alegria, num é? (.hh) (Tácio, E18: 34).

A saudade também pode ser verbalizada com outras palavras:

> - (...) vamos dizer assim, e:: e::: durante esses seis meses, eu já passei

> por alguns estágios diferenciados, né? (.hh) Quer dizer, que no primeiro mês, você pensa que a pessoa tá viajando:: mas que volta::; (.hh) depois tem o:: processo, vamos dizer, de sentir AUSÊNCIA realmente, (.hh) e momentos que você SENTE MESMO a necessidade daquela companheira, daquela pessoa amiga que você num tem! Entendeu? (...) É, cum Petra ((vivi)) 35 anos! (.2) Falta um pedaço agora! ((voz de choro contido)) É. Falta um pedaço! (Petrônio, E18: 42; p. 50).

> - Porque (.) a gente diz assim: o tempo é um bom remédio. DEPENDE! (.3) Certo? (.2) Porque vem (.) TUDO À MENTE! (...) Então, eu acho que::: (.2) a ESSÊNCIA DE TUDO tem uma coisa que não vai apagar nunca, tem uma saudade que você::, num é? (.2) Num tem como você::: (.) ESQUECER! (.10) (Anísio, E02: 39-40).

> - O tempo é::: o remédio dos remédios. O tempo cura, o tempo::: cicatriza. (.) ALGUNS MOMENTOS SERÃO ETERNAMENTE INESQUECÍVEIS! As lembranças sempre eternas! Num é? Mas o tempo AJUDA você a CONVIVER com essas coisas. Você sofre (.) bem menos. Bem menos. (Renato, E04: 24-25).

Talvez porque "Saudade é o amor que fica!", definiu uma paciente em fase terminal de câncer, emudecendo a equipe médica que a atendia, num hospital pernambucano.

7.2.4 - LIBERDADE

A socióloga Britto da Motta (2002: 265), várias vezes citada neste texto, observa um "freqüentemente declarado senso de liberdade e até de certo alívio, de muitas viúvas idosas e velhas". Percebi que alguns homens enviuvados também declaram sentir o mesmo, sendo um motivo para que eles não queiram entrar em novo matrimônio. Ivan se posiciona assim:

> – Depois que ela desencarnou::, então eu fiquei naquela de *stand by* DE TUDO, né? (.2) Aí e tal, depois é que eu comecei me organizando. Foi quando eu fui providenciar a aposentadoria, que já tava na época e tal, e digo: "_Vou mudar até de profissão!" Foi quando eu comecei a me dedicar às atividades agropecuárias. (.hh) Então, a partir daí veio a minha

> terceira fase da vida que, por incrível que pareça, tá sendo A MELHOR FASE DE TODA A MINHA EXISTÊNCIA. Eu estou sendo criança, adolescente, homem, adulto, tô sendo idoso, eu tô sendo::: TUDO! Eu agora estou fazendo tudo o que eu quero::
> *?- Você:: [sente que tem liberdade!*
> – [quer dizer, que eu quero::, bem entendido, que eu posso fazer! (...) VOCÊ::: no momento que adquire aquilo, - preste bem atenção! Num é o fato de:: que eu tô defendendo aqui, ser solteiro eternamente, porque eu sou um libertino, fazer:: Num é isso não! (.2) Vamos esclarecer as coisas. Num sei se isso vai dar alguma contribuição; (.2) num sei nem com que palavras eu vou dizer.
> *?- Com as suas!*
> – EXISTE UMA LIBERDADE MUITO GRANDE! Digamos assim, eu estou aqui agora. (.2) Essa pessoa que é a última que ligou aí, que hoje tá vivendo com outra pessoa, às vezes, dava na telha dela e dizia assim: "_Vamos pra tal local?" Eu digo: "_Vamos!" Ela: "_Eu tô passando aí a tantas horas, de noite eu tô passando." Eu chegava ali, pegava (.) uns paninhos, botava numa sacola, tal, um sapato, um chinelo, dependendo do local que a gente ia:: e (.) a gente ia, passava um final de semana (.) e voltava. (.hhh) Então, eu num precisava dar SATISFAÇÕES A NINGUÉM! MUITA INDEPENDÊNCIA! Pra mim, foi um ganho maravilhoso (Ivan, E16: 36-37).

A sensação de liberdade geralmente está ligada a não ter que dar satisfação a ninguém de onde vai ou deixa de ir, bem como poder ir para onde desejar, sem precisar fazer qualquer negociação. Isto significa, como Ivan e Adonias falam, "fazer as coisas do meu jeito", "ao meu talante": sair e voltar para casa a hora que quiser; realizar programas ou viagens para lugares que a esposa não queria/gostava de ir; sentir-se independente, se a esposa era muito controladora (dele e dos filhos).

Mas a liberdade pode ser sentida às avessas:

> *?- Mas também você sente mais independente?*
> – DE FORMA NENHUMA! (.2) Eu me sinto MAIS DEPENDENTE E MAIS MEDROSO!
> *?- Ah, é? Como é isso?*
> – Sim, veja bem! Porque::: eu tinha certeza que tinha alguém que tomasse conta de mim, vamos dizer assim em:: alguns momentos de dificuldades, de doença, qualquer coisa. Hoje eu num tenho! (.) Quer dizer, tenho os meus filhos, mas aí você não quer ocupar os filho, você não transmite aos

> filhos, num quer dizer aquilo que você tem. (.hh) E SUA MULHER é sua amiga, sua companheira, ela é a pessoa que tá ao seu lado a toda hora, a todo momento! (.) Entendeu? É a confiança que você tem, né? (.2) E é que:: eu acho que era recíproca = era recíproca, realmente, isso. Ela me dizia: "_Nunca me deixe, Pedro, porque:: eu gosto muito de você!" ((voz embargada)) Entendeu? Assim!::: ((lágrimas escorrem pela sua face)) (.5) (Petrônio, E18: 42-43).

Assim, o viúvo pode se sentir "mais dependente e mais medroso", como fala Petrônio. A esposa como suporte para o marido foi encontrado em vários depoimentos, especialmente enquanto alguém em que se podia confiar sem limites, levando sua ausência a ser sentida como um buraco na vida do viúvo. Por outro lado, essa liberdade é declarada por homens cujos filhos eram/são adolescentes ou adultos, porque os que ficam com crianças pequenas não podem usufruir dessa independência total - embora em nenhum momento questionem isto. Outros sentimentos, como raiva, não foram mencionados pelos informantes.

Enfim, emoções estão presentes sempre. Muitas vezes, houve momentos em que se tornaram difíceis de controlar, então eram expressas pelo choro, menos ou mais escondido. Porque homem chora sim, como eles próprios dizem. Ouço suas vozes, enquanto escrevo, pois

HOMEM TAMBÉM CHORA...

> - De chorar, chorei demais. Demais! (Na missa), toda semana chorava, toda semana eu chorava. Chorar, eu chorei muito. (...) Não! Chorar, eu chorei demais, demais, demais! É, às vezes, ainda choro quando vou à missa e tal, a gente sai pra missa e tal:: às vezes, ainda = ainda choro. Vai demorar::: (Plínio, E20: 11-12).

> – AH, SIM! CERTAMENTE! CHOREI! Claro! Ainda hoje eu choro, ainda hoje eu me emociono, quando eu falo!
> *?- Quando fala, né? É difícil, né?*
> – É! (.2) Mas (.) mas é isso aí, é a vida! A gente tem que:: encarar a vida e:: tocar pra frente. (Valter, E15: 12).

> - Ê = Ê = Ê = EU SOU CHORÃO POR NATUREZA! Eu sou chorão por natureza. Eu sou uma pessoa extremamente emotiva. (.2) É:::, mas o meu choro sempre foi DISCRETO, entendeu? Então, é::::, eu = eu::: CHOREI:::, mas sem nenhum tipo de exagero, num é? (.5) ACREDITO QUE:: o único momento de um pouco de descontrole, foi na hora realmente do enterro. (Josias, E05: 11).

...MAS, MUITAS VEZES, CHORA ESCONDIDO:

> - ((Estava)) Na casa de um amigo, eu peguei, falei: "_Olha, eu preciso ir pra casa." = Porque eu tava cum vontade de chorar. TINHA QUE CHORAR! Mas eu num queria chorar ali. (...) Aí peguei, fiquei = cheguei em casa, assim, umas onze horas da manhã. CHOREI ESSE DIA ATÉ::: O DIA SEGUINTE! (Roberto, E01: 33-34).

> *?- Nunca você chorou?*
> E – O que é que se chama chorar?
> *?- O que é que você acha que é chorar?*
> E – Pela ordem natural de senso comum é se debulhar em lágrimas.
> *?- Certo! Pra você, é o quê?*
> E – Não sei, se você perguntar "se você sentiu?" É claro que senti muito! Eu costumo até usar uma = uma expressão, é::: não me viram chorando externamente, mas será que me enxergaram chorando internamente? (Éder, E19: 21).

> *?- E assim conseguiu enfrentar a situação?*
> – AH, TRANQÜILO! (.) Numa boa! CHORANDO POR DENTRO, mas:: com esse espírito, né? Que eu aprendi da minha mãe, né?, de não:: me abater diante dessas adversidades assim. Primeiro resolver as coisas, é::, um pouco:: muito, - como é que se diz? -, muita RACIONALIDADE, né? Talvez tanto pela formação:: familiar como pela formação profissional, né? MILITAR É MEIO DURÃO, MILITAR NÃO CHORA, E TAL! (.2) Tem essa formação, né? E aí::, diante de um quadro desse não podia se deixar abater, né? Foi isso o que eu fiz (Elísio, E06: 08).

A preocupação em poupar os filhos de sofrimento fez, - e às vezes ainda faz -, com que alguns viúvos não se permitissem liberar sua emoção. Já mencionei Tácio, que se refugiava no

quarto, enquanto um outro diz assim:

> - SABE O QUE É? Eu passei::: Aquela história, né?, como eu tava dizendo a você, antes. (.) Tem algumas coisas que eu acho que fui muito radical::, em relação a mim mesmo. (.) Num é? Então, eu achava que se os meninos me vissem chorando, ia ser muito ruim pra eles. Então, eu (.2) eu:: FUGIA dessas situações. (Anísio, E02: 32).

No contexto em que estão/estiveram esses viúvos, provavelmente o aparecimento de um suporte psicoemocional fosse de grande valia. O não reconhecimento dessa necessidade me parece embutida na crença de ter que ser forte, tanto como resquício de educação como para proteger os filhos, como foi visto. Por outro lado, quanto mais intelectualizado é um grupo dentro das camadas médias, mais freqüentemente aparece a referência à psicologização, sendo sugerido por pessoas do entorno, também, freqüentemente a busca por apoio de especialistas - quase sempre sugerido como um suporte resolutivo "para o outro", não uma providência "para si próprio". Talvez por isso, o suporte psicoemocional representado por atendimento em saúde mental, psicologia ou psiquiatria, foi muito pouco acionado pelos viúvos, e quando utilizado, foi feito por prazos curtos: um a dois anos, no máximo[11]. Eis um exemplo:

> - Quando Roberta morreu, eu fiz:: menos de um ano, dez meses de = de terapia. (.2) No que é que empacou? Num é nem resistência. Eu acho é o seguinte. (.hh) É::: (.3). NUM É COMODIDADE, porque eu gasto o mesmo dinheiro que gastava na terapia, eu venho pra academia, e malho uma hora. (.2) É quando você TERMINA DE DIZER (.) TUDO, que você termina, e você não sabe mais O QUE DIZER, e num = num sente que tá vindo de lá pra cá. Você tá entendendo? (Roberto, E01: 36).

"Num tá vindo de lá pra cá." Eventualmente, esta seja a justificação mais contundente para a recusa de fazer acompanhamento com profissional de saúde mental, e que pode mesmo conduzir a uma outra possível explicação para a baixa procura de suporte psicológico através de um psicoterapeuta, por esses viúvos. Porque o especialista poderia estar prestando um

[11] Estes são prazos curtos quando se sabe que as psicoterapias de base psicanalítica têm duração muitos maiores, com períodos acima de cinco anos, e com muita freqüência 10 ou mais.

atendimento de forma desapaixonada, distante e impessoal como os cânones da psicologia recomendam - a transferência e a contratransferência são duas ameaças terríveis nesse campo. E não é dessa desafeição que o enlutado precisa, pelo menos não quando o pesar e a tristeza pela sua perda parecem tão fortes. Campbell e Silverman registram, no livro *The widower*, que

> (...) no caso da viuvez, o que você necessita é de um observador *apaixonado*, alguém com um palpável senso de sua dor. Parte da razão para isso pode ser a natureza do evento. Morte é uma experiência tão profunda e dilacerante que se alguém tenta aproximar-se com desamor, você sente que estão lhe fazendo uma violência. Ela não é um assunto sobre o qual se pode ser objetivo e indiferente (1987: 6).

Talvez por isso, para os enviuvados, como encontro na minha pesquisa, importantes suportes são dados pelos amigos, como já foi mencionado, e na categoria do apoio psicoemocional, também, é para eles que se dirigem as preferências. Há trabalhos científicos que alegam que o homem teria dificuldade de acionar suportes de uma maneira geral, e, em especial, confiaria pouco em outros homens, porque a relação estaria submetida à competição: entre colegas no trabalho ou companheiros no esporte. No entanto, outras pesquisas apontam que "homens que têm como confidente um amigo estão mais aptos a ajustar-se à viuvez do que aqueles que têm uma filha, uma parenta ou uma mulher como confidente" (Campbell e Silverman, 1986: 6). Como exemplo, as falas seguintes traduzem bem o que estou colocando:

> – NUM ACHO SENTIDO, entendeu? Num acho sentido! (.) Eu num acho sentido! (Quer dizer) "- Vai pra um psicólogo." Eu vou fazer = aí às vezes eu digo assim (.hh): "_Vou fazer o quê num psicólogo? Dentro de quatro paredes, vou contar meus problemas, ela me ouvir e dizer o quê?" (.hh) Talvez, é = é = é muito melhor talvez, eu arrumar uma pessoa amiga, a gente conversar, sentar, assim de forma::: é::: sem aquele = aquela FORMALIDADE; talvez é:: até melhor, vamos dizer assim, de que:: faz muito mais bem o negócio de que:: ((riso curto)) ficar = num é que a psicóloga seja mau:: Ela vai orientar, vai ouvir, ela tem sua qualificação, entendeu? Mas eu acho até melhor assim:: de uma conversa informal, na verdade, do que propriamente um:: um consultório, um:: quatro paredes, entendeu? Mesmo que tenha uma orientação, uma informação (Petrônio, E18: 29).

> - (...) eu tenho um amigo:: (.hh) e::: nós somos:: ((fungado)) muito:: (.hh) e o pensamento dele é sempre um pensamento muito::: muito::: muito criativo, e = e = e CONTUNDENTE, assim, sabe? Ele é uma pessoa:: muito = muito interessante, ele! E ele tava sempre comigo, né? A gente tava junto, e:: aí, ele falava (.hh) = ((riso)) ele falava sempre com metáforas, né? Então, aí, ele vinha contar as histórias dele (Josué, E3: 10).

Mas, o mais comum era que o viúvo buscasse forças em si próprio, como fez Gerson:

> *?- Veja só, e o senhor precisou de ajuda de psicólogo, psiquiatra?*
> - Não. Não. EU ( ) ((voz muito baixa))
> *?- Como é?*
> - AS MINHAS DORES, EU SUPORTO ELAS SOZINHO (E9: 15).

Quero terminar este tópico retomando o momento da entrevista, enquanto ocasião privilegiada de compartilhamento de emoções externalizadas pelos viúvos, principalmente mostrando que a entrevista em si não prejudica o entrevistado, como Lopata (1979: 3) temia. Pelo contrário, penso mesmo que é uma oportunidade que esses viúvos têm de falar sobre um assunto vivenciado intensamente, mas que não verbalizam ou não puderam verbalizar mais profundamente no mundo do cotidiano que eles passaram a viver.

7.2.5 - DA ENTREVISTA COMO DESABAFO E COMO COMPARTILHAMENTO

Muitas vezes, pessoas compartem suas emoções com outras pessoas, e desejam mesmo fazer isto. Mesmo nos casos de sentimentos considerados socialmente negativos pela cultura moderna, como o medo ou o desespero, a tristeza ou a raiva, e sendo algo doloroso o reviver das lembranças, enquanto mobilizador de sensações emocionais e mesmo físicas (choro, taquicardia, taquipnéia ou dispnéia, etc,), pesquisadores encontram como conduta "natural" o querer falar sobre o assunto (Pennebaker e Rimé, 2001: 6). Os receptores mais frequentes

desses relatos são pessoas íntimas (parentes, amigos). Observam, ainda os citados autores, que o compartilhar das emoções não obrigatoriamente leva a uma maior ou mais rápida recuperação do pesar - fato que surpreendeu a eles próprios[12]; por outro lado, a escassez de recuperação foi associada com uma contínua necessidade que as pessoas tinham de compartilhar seus sentimentos negativos, num processo de ruminação dessas sensações experienciadas. Mas, mesmo se os dados não evidenciaram a recuperação do problema, o compartilhar tinha importante função nos níveis cognitivo, psicológico e social (p. 11-12). Um aspecto social particularmente eficiente era assegurar que os eventos emocionais não fossem esquecidos, ajudando a construir gradualmente a memória coletiva ou individual (p. 12).

Em relação às pessoas separadas por morte de alguém amado, Pennebaker e Rimé (2001: 13) dizem que as crenças que elas tinham num mundo coerente, previsível e controlado, mudam. A alteração dessas crenças foi mencionada por meus informantes Roberto (E01) e Josué (E03), ao falarem da mudança de valores pelas quais passaram, devido à percepção, quase vivida como traição, que a vida lhes fez experimentar através da morte da esposa: traição dos sonhos, fantasias, planos, ilusões, que foram substituídas pela constatação da impermanência das coisas, da falta de perenidade e certeza em relação ao mundo e à própria vida. Uma tal decepção pode levar à ruminação incessante do pensamento, acima referida, dificultando a adaptação à perda.

Memórias encobertas e não partilhadas foram descritas, pelos investigadores citados, como associadas com maior busca de significado para o evento, e maiores esforços despendidos para compreender o que tinha acontecido e para organizar-se dentro do acontecido - dar sentido à sua existência. Esta constatação parece confirmar o que outros autores apontam sobre a importância do confidente, e que encontrei assinalado por Josias (E05) e por Petrônio (E18). Além disso, como os homens, na sociedade complexa ocidental, são socialmente educados para controlar suas emoções, paralelamente, pode ser uma tarefa árdua a busca de com quem partilhá-las, o que concorre para que eles tenham bastante dificuldade no enfrentamento da viuvez - pesquisas mostram que um homem considera como seu maior apoio

[12] Pennebaker & Rimé (2001: 19) dizem que uma meta-análise feita por Smyth (1998) indicou que o escrever sobre tópicos emocionais está associado com melhora significativa de bem-estar psicológico. Pelas controvérsias existentes, os autores recomendam a necessidade de mais estudos nesse campo.

emocional o que vem da esposa ou companheira[13] (Pennebaker e Rimé, 2001: 15). Por isso, como argumento neste meu trabalho, na falta da esposa, a aproximação das redes familiares e das amizades são importantes suportes pessoal-emocional e pessoal-social para os viúvos.

Por outro lado, quando fortes emoções são compartilhadas, o apoio verbal do receptor é menor ou é substituído por mediadores não verbais, em condutas como o tocar ou abraçar ou beijar o enlutado - Adonias (E10) referiu claramente na entrevista, que ninguém precisava dizer nada sobre o acontecido, que ele preferia que não falasse, apenas desse um abraço. Pennebaker e Rimé (2001: 14) alegam que o compartilhamento de uma experiência emocional intensa pode aproximar duas pessoas, de modo que a diminuição da distância interpessoal pode ter conseqüências duradouras entre a pessoa atingida pelo evento e quem traz sua solidariedade - ou quem está junto na experiência: "neste sentido, o compartilhamento de emoções pode contribuir para o desenvolvimento e a manutenção de relacionamentos próximos" (p. 14). Relembro a fala de Roberto (E01) quando disse que nunca mais conseguiu brigar com aquelas pessoas "inimigas" que estavam no velório e sepultamento da sua esposa: um outro tipo de elo ficou estabelecido entre eles.

De qualquer forma, pessoas investigadas em pesquisas científicas ou abordadas no cotidiano da vida dizem que, embora não cure nada, falar faz bem - seria isto uma representação criada pelas psicoterapias? - ou, pelo menos, não piora o pesar. Nessa perspectiva, penso que o momento da entrevista, nesta pesquisa, foi vivenciado sem constrangimento pelo informante. Essa é a experiência que tenho: nenhum dos viúvos deixou de falar sobre nenhum tópico do roteiro-guia proposto, e a avaliação final dos entrevistados pode ser sacada dos depoimentos a seguir, quando eu indagava: *- É ruim pra você falar nessa história?*

> – NÃO. Eu acho que:: (.5) num = num = não vou dizer que tenha sido AGRADÁVEL, no sentido de (.) mas, (.3) a::: eu acho que::: haveria momentos em que::, é::, eu seria instado, uma vez ou outra, a falar nisso, entendeu? Seja por:: (.) nas minhas memórias, amanhã, entende?, que eu = que eu ( ) pá gravar, sei lá o quê, né?, (.hh) seja por uma pesquisa dessa. ENQUANTO PESQUISA, não foi absolutamente difícil! Né? Eu:: me

[13] Balaswamy (2004: 7) remete às investigações de Tower e Kasl (1996) sobre o tema. Segundo estes últimos, na ausência da esposa, os viúvos mais freqüentemente se voltam para uma mulher, usualmente uma filha ou irmã, quando estão tristes ou deprimidos (p. 7). Não encontrei isto na minha pesquisa: os amigos aparecem como os receptáculos mais comuns, como está colocado no Capítulo 5.

> senti muito à vontade, não me senti constrangido (.hh) a responder nada, falar de nada. Falei porque quis. E:: enfim! Mas (.2) confesso que:: evocar essas coisas não é fácil, num é? ESSE PASSADO, ESSE REVISITAR O PASSADO desses sentimentos, tentar:: REAVIVAR::: a gente não vivencia sentimento passado, mas a gente (.hh) tenta reavivar na memória, e num é fácil, né? mas, (.2) a gente faz! A gente faz. Pra isso é que:: a gente dá tempo ao tempo, pra isso é que a gente::, não é, Tânia? (Adonias, E10: 33).

> – Não, num gosto, num = num toco mais no assunto de:: de ela ter morrido não. (.2) É MEU, sabe?, ele é::: é:: é íntimo, né? (.2) Então, é que ela vem na lembrança, né? (.) Num quero = num quero me desfazer da lembrança (Rui, E07: 21).

> – (.2) É::, NUM:: chega a ser ruim, mas eu me emociono sempre, né? Me emociono sempre. (.2) Porque::: foi uma::: EXPERIÊNCIA BOA, né? A gente fica::: (.) um pouco assim::, acho que é o espírito de saudosismo, né? Tudo que é bom, a gente:: (Elísio, E06: 21)

> - NÃO, foi não! É, às vezes, um pouco difícil, (.) você volta (.) a lembrar::, né?, as coisas todas que não tão apagadas, só tão adormecidas, mas (.3) num:: = termina num fazendo mal, não (Anísio, E02: 41).

> – Não, deu vontade de chorar só uma horinha, mas:: (Plínio, E20: 25).

> - Num é simples! Mas NUM É:: RUIM, não! Num é ruim. (.2) É:: (.5) É porque tudo isso tem = tudo isso é muito carregado de emoção, você tá entendendo?, muito carregado, assim, de = de LEMBRANÇAS, DE MOMENTOS, (.) e:: são COISAS TODAS que me emocionam, num é? Tu = tudo é ((chora)) (Josias, E03: 27).

Algumas questões apontadas na discussão precedente aparecem nessas falas, principalmente quanto a conservar a memória da esposa falecida. Memória que resguarda um tempo em que se foi feliz ou não tão feliz, mas que faz parte da vida desses viúvos e os marcou para sempre.

7.3 – POR UMA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES

Até algumas décadas atrás, as emoções eram mantidas fora da teoria social, sendo consideradas como um artefato que ocupam sítios biológicos ou naturais da experiência humana, portanto relativamente uniformes, desinteressantes e inacessíveis aos métodos de análise cultural (Lutz e White, 1986: 405). Esta concepção tem mudado, desde que se passou a analisar a emoção como construção social, e não algo dado, traço biológico ou psicológico da estrutura humana. A revisão empreendida por Lutz e White, acima referidos, aponta as várias correntes teóricas que vêm sendo desenvolvidas no estudo das emoções, através de sociedades de todo o mundo. Segundo esses autores, as linhas de pesquisa centram-se em algumas polaridades, quais sejam o materialismo e o idealismo, o positivismo e o interpretativismo, o universalismo e o relativismo, o individualismo e a cultura, o romantismo e o racionalismo. Discutir cada uma dessas tensões teórico-epistemológicas, apontadas pelos autores, foge ao escopo desta tese. Mas importa assinalar uma das conclusões do artigo, onde esses autores dizem que "algumas das abordagens citadas acima, que focam explicitamente em formulações culturais das emoções nos contextos sociais, carregam a semente de uma reconceitualização de base que dará nova ênfase às dimensões pública, social e cognitiva da experiência emocional" (p. 429). Isto, parece-me, é um eco das propostas de Renato Rosaldo (1993), já referenciado, que vejo trazer uma importante contribuição à Antropologia das Emoções. Senão, vejamos.

Rosaldo estudou a ligação entre pesar e raiva desencadeada no povo Ilongot, originados pela morte de alguém próximo afetivamente, que levava os nativos envolvidos a desejarem sair para matar e cortar cabeças. Para o autor, essa *força cultural das emoções* foi melhor compreendida quando ele próprio experimentou uma perda devastadora, com a morte de sua esposa Michelle, que já comentei nas páginas iniciais. O autor defende a idéia de *sujeito posicionado* como conceito chave para apreender o sentimento e a emoção de uma cultura.

Para Rosaldo (1993), o etnógrafo em campo ocupa uma posição ou uma localização estrutural que lhe enseja realizar a observação num ângulo de visão particular, do que resulta entender certos fenômenos humanos melhor que outros (p. 19). À medida que a pesquisa

avança, as questões com as quais havia iniciado são revistas, de modo que, ao final, geralmente emergem questões diferentes das do começo de sua trajetória. Assim, ele se reposiciona, quer dizer, modifica sua compreensão do fato observado, pois o campo lhe trouxe surpresas que não faziam parte dos pressupostos iniciais (p. 7). É devido a isto que, segundo o autor, todas as interpretações são provisórias, porque elas são feitas por sujeitos posicionados que estão preparados para saber certas coisas e não outras; por isso, bons etnógrafos, embora sejam conhecedores da teoria que sustenta a disciplina, e sejam sensíveis, fluentes na linguagem e hábeis para mover-se facilmente num mundo cultural estranho, ainda têm seus limites, e suas análises são sempre incompletas (p. 8). São as piscadelas de piscadelas de piscadelas, de que fala Geertz (1989), o que quer dizer que "de onde vem uma interpretação não determina para onde ela poderá ser impelida a ir" (p. 34).

Nessa perspectiva, há uma observação feita por Rosaldo que me chama atenção: as etnografias que versam sobre a morte, e que são escritas de acordo com as normas clássicas da disciplina, tomam-na sob a rubrica do ritual antes do que da separação. Os etnógrafos que eliminam, na sua maneira de escrever, as emoções intensas dos povos estudados, não apenas distorcem suas descrições, mas também removem potencialmente chaves variáveis de suas explanações (p.12). Os pesquisadores neste campo têm como objeto de estudo a estrutura social, não a morte e certamente não o separado. Para o autor, os mais intensos sentimentos podem ser estudados pelos etnógrafos. No entanto, a maioria dos estudos antropológicos sobre morte elimina as emoções assumindo a posição do mais imparcial observador. Tais estudos usualmente tomam uma parte do processo ritual como o processo de luto, iguala o ritual com o obrigatório, e ignora a relação do ritual com a vida cotidiana. Por isso, Rosaldo avalia e recomenda que as ciências humanas devem explorar a força cultural das emoções com o fim de delineação das paixões que animam certas formas da conduta humana (Rosaldo, 1993: 19).

Há um último ponto que quero abordar, neste final de capítulo, que é ainda referente à expressão das emoções, particularmente as masculinas. Refiro-me ao uso de canções e poemas como veículos de sensitividades. Para tanto, recupero algumas observações de Vale de Almeida (1995), cuja etnografia sobre homens portugueses traz considerações interessantes das

emoções vivenciadas por eles e de sua externalização. Esse autor vê a construção e reprodução da masculinidade, lá onde fez seu estudo, passando por outros domínios além da divisão sexual do trabalho, da socialização na família e na escola, e das formas de sociabilidade e interação, quais sejam as noções de pessoa, do corpo, das emoções e sentimentos, tudo estando marcado pelas categorias de gênero (p. 59). Para discutir isto, o autor estende sua análise à aprendizagem e reprodução de emoções e sentimentos para homens e mulheres.

No contexto social dos homens que esse antropólogo português estudou, a imagem de força e masculinidade que lhes é atribuída não lhes permite dar vazão livremente ao que sentem. Para eles, existem duas saídas: a "desculpa" dos estados alterados, com a sentimentalização decorrente do excesso da ingestão de álcool, e a poesia. Diz o autor, enfatizando esta última como a forma mais culturalmente aprovada para a expressão de emotividade, que

> A forma como os sentimentos daquele grupo de homens eram exteriorizados, aceites, feitos exprimíveis por intermédio da poesia, colocava este campo de expressão em contraste nítido com o ethos moral da expressão das emoções por parte dos homens (1995: 213).

Portanto, a poesia foi o veículo de expressão sentimental utilizado, lá em Pardais. Mas não apenas lá. O sentimento exposto nessa linguagem indireta também é vista aqui no Brasil. Pelo menos o era na minha adolescência, onde se sabia que, se os rapazes já não faziam serenatas sob a janela das amadas, ainda enviavam poemas, faziam confidência ao amigo próximo (eis o confidente aqui, também) em mesa de bar, ofereciam canções por meio das estações radiofônicas - esta última modalidade ainda se usa hoje: sintonizando uma das muitas rádios existentes em Recife, ouvir-se-á, com freqüência, rapazes pedindo a transmissão, no ar, de determinadas músicas, que eles oferecem a alguma garota por quem estão interessados. A diferença é que as moças também fazem o mesmo, numa demonstração dos novos tempos trazendo novos comportamentos. Ainda bem!

Cotejando essas observações com a situação dos viúvos, vejo que grande parte das mensagens impressas nos "santinhos" para a Missa de Sétimo Dia foi escrita de próprio punho,

por eles. Essas mensagens póstumas podiam ser elaboradas no formato de poema, em prosa, copiadas dos Salmos cristãos ou oriundas do cancioneiro popular. Vejamos alguns exemplos:

> Sua vida foi curta como a vida da rosa. // É que ela era uma rosa. // O jovem botão, a flor mulher. // E como a rosa, enquanto durou, ela irradiou grande alegria, suave perfume e todo amor.// Sua morte será longa como a morte da rosa. // É que ela era uma rosa. A flor que murchou transformando-se na semente que renascerá. // E renascerá não apenas uma rosa, mas uma grande roseira que dará muitas e muitas rosas, todas irradiando grande alegria, suave perfume e todo amor (Artur, E08).

> Quem me dera ser uma andorinha, // e as minhas asas bater, // iria correndo // ficar junto de ti outra vez. // Como não posso // as asas bater // imploro a Deus Pai // um jeito de te ver. // Mesmo que meu pedido // não seja atendido, // agradecerei todos os dias // por ter te conhecido (Plínio, E20).

> Eu sei, tudo pode acontecer // Eu sei, nosso amor não vai morrer // Vou pedir aos céus você aqui comigo // Vou jogar no mar, flores pra te encontrar // Não sei porque você disse adeus //Guardei o beijo que você me deu // Vou pedir aos céus você aqui comigo // Vou jogar no mar, flores pra te encontrar (Petrônio, E18).

Canções populares também podem estar guardadas na memória, representando uma época que pode não ser mais falada mas é lembrada, como diz Renato (E04: 27; p. 32):

> - (...) E uma música que, p'á mim, marcou MUITO, MUITO, que, ATÉ HOJE, quando escuto, eu::: fico desorientado, é aquela "Sábado". ((Cantarolando)) "Todo Sábado é assim, eu me lembro de nós dois" (.) Tá! Eu num consigo escutar essa música que:: mas mexe que:::
> *?- Vou procurar. Num conheço não.*
> - É::: (.3) Zé Augusto. Acho que você conhece; você num deve se lembrar dela. ((O informante coloca, no computador, o CD que mandou buscar no carro. Procura a música "Sábado", tentando várias faixas, até que encontra a que quer que eu escute, cantarolando junto)): "Todo Sábado é assim // Eu me lembro de nós dois // É o dia mais difícil sem você // Outra vez os amigos // Todo mundo no bar // E outra vez eu não sei direito // O que eu vou falar // Quero explodir com tudo // Inventar

> uma paixão // Qualquer coisa que me arranque a solidão // Um motivo pra não ficar // Toda noite assim // Sem saber se você vai voltar pra mim // Eu já tentei // Fiz de tudo pra te esquecer // Eu até encontrei prazer // Mas, ninguém faz como você // Quanta ilusão // Ir pra cama sem emoção // Se o vazio que vem depois // Só me faz lembrar de nós dois" (bis).

Pieguice? Romantismo tolo? Penso que não. Antes, um modo de colocar em palavras sentimentos que só os poetas sabem traduzir, e que são apropriadas pelos viúvos entrevistados para comunicar a força cultural de suas emoções, guardadas bem lá dentro, no recôndito de suas pessoas. São escritos que não têm um rebuscamento intelectual, às vezes, são até meio bregas mesmo, mas que alguns usam para traduzir os sentimentos que os acompanharam ou ainda acompanham, independentemente dos arranjos e mudanças que tiveram que fazer, nesta "vida que continua".

Enfim, anoto uma citação de Lutz e White (1986: 436), que me parece extremamente pertinente ao que foi discutido nesta Antropologia das Emoções e que, penso, é o caminho que continuarei a trilhar dentro da Antropologia:

> Incorporar a emoção na etnografia acarretará a apresentação de uma visão mais completa do que *está em jogo* para as pessoas na vida cotidiana. Reintroduzindo a dor e o prazer em todas as suas complexas formas no quadro da vida cotidiana das pessoas em outras sociedades, poderemos humanizar mais esses outros para o público ocidental. Aquele povo localiza a emoção no centro do ser por razões tanto culturais quanto político-econômicas em sua origem, razões que deveriam simultaneamente estar sob o escrutínio antropológico. Nessa questão reside não apenas a humanidade de nossa imagem, mas a adequação da nossa compreensão das formas culturais e sociais (grifos dos autores).

♥♥♥♥♥

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto, que representa o relatório final da minha tese de doutoramento, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA-UFPE), é o resultado de cerca de dois anos de estudos teóricos e de trabalho de campo empreendido com o fim de coletar material para o tema que me propus pesquisar: a viuvez masculina. Embora a pesquisa tenha ocorrido na minha própria sociedade e num meio social semelhante ao meu, os participantes são, em sua grande maioria, pessoas minhas desconhecidas, e aqueles que eu já conhecia não fazem parte de meus grupos sociais mais próximos. Isto significa, entre outras coisas que são cumpridas na metodologia, que a localização desses homens enviuvados, os contatos telefônicos para agendar as entrevista e a concretização do encontro etnográfico demandaram tempo e esforço, mas que valeu completamente a pena. Foi um privilégio, para mim, conhecê-los e a suas histórias, bem como me aproximar de suas famílias através dos seus relatos. Além disso, embora a pesquisa tenha sido feita em contexto familiar, os resultados poderiam ser considerados exóticos, pois as histórias negam certo número de estereótipos que vêm atrelados à imagem do homem nordestino brasileiro - circunscrição que faço apenas para não ultrapassar do meu campo, estas considerações.

Trabalhar com o material coletado poderia levar a diversas abordagens. A minha opção foi discuti-lo à luz do conhecimento antropológico, procurando eventualmente contribuir para a ampliação teórica da disciplina, de uma maneira geral, e trazer algum acréscimo ao campo da viuvez, especificamente me reportando aos homens - "esses desconhecidos...", como nomeiam Oliveira, Bilac & Muszkat (1994). Além disso, busco trazer algum subsídio à Antropologia das Emoções.

Parte da literatura sobre viuvez é composta de livros/artigos que pretendem ajudar pessoas enviuvadas a lidarem melhor com a situação de perda do cônjuge. Ela é resultante de levantamentos demográficos e/ou experiências de intervenção, sejam através de grupos de

auto-ajuda, sejam para publicações com o mesmo fim, muitas das quais são desenvolvidas em serviços da área de Saúde, física ou mental. Por isso, muito das pesquisas, aí, são analisadas com base em metodologia quantitativa e tratamento estatístico, com tendência à generalização de resultados, mas, principalmente, deixando de fora as especificidades culturais dos grupos sociais. Além disso, tanto esses programas de aconselhamento como os próprios serviços de atendimento para controle de saúde são voltados para e freqüentados por mulheres viúvas e idosas, em sua maioria, até porque elas constituem um grupo demograficamente mais expressivo, e, certamente, saíram na dianteira em busca de seus direitos, após séculos de prejuízo pela discriminação e injustiça históricas de que foram vítimas.

Por outro lado, este viés de gênero que este tipo de assistência apresenta, deixa os homens, que por ventura aí cheguem, em situação desconfortável, visto que o grosso das discussões e atividades não contempla as suas necessidades; antes, são direcionadas para as mulheres. Por isso, muitos homens abandonam tais grupos, levando a uma falsa interpretação de que eles não buscam os serviços que a comunidade oferece. Isto é o que muitas publicações apontam, e que pode ser rapidamente conferido pela consulta à obra *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention*, editado por Margaret Stroebe, Wolfgang Stroebe & Robert Hansson (1999), várias vezes citada neste trabalho. Possivelmente, se o enfoque mudasse, a procura e adesão aos serviços, pelos homens, também mudaria.

Mesmo quando algumas publicações são voltadas para viúvos, elas usualmente se reportam a situações relacionadas a idosos, o que deixa os viúvos jovens e de meia idade de fora. É o caso de uma obra que, mesmo com essa limitação, - e até porque não havia muitas outras opções de consulta - , usei como subsídio teórico para esta tese. Trata-se de *Resilient widowers: older men adjusting to a new life*, de autoria de Alinde Moore & Dorothy Stratton (2003), como foi visto aqui.

Começar estas considerações finais por este enfoque visa destacar a necessidade de ampliação da pesquisa em viuvez, principalmente no campo específico das masculinidades, ora em franco desenvolvimento no mundo acadêmico ocidental. Se nos reportarmos às obras citadas acima, veremos que ambas são oriundas de universidades norte-americanas. Mas precisamos de estudos de outras plagas, que retratem realidades diversas, como diversos são os grupamentos humanos. Além disso, numa mesma sociedade, precisamos de pesquisas que deslindem as realidades e representações das várias camadas sociais que a constituem, se ela

for uma sociedade de classes. Informações e conhecimentos sobre as camadas populares, no Brasil, já são bastante numerosas, mas as chamadas classes privilegiadas não são muito favorecidas, enquanto objeto de pesquisas. No entanto, elas também constituem e são constituídas por esta mesma sociedade da qual fazem parte os pobres urbanos. Então, foi pensando também neste aspecto que me propus investigar homens de camadas médias pernambucanas. Espero que o presente texto contribua neste mister, e seja mesmo ponto de partida para outras investigações.

Quando eu parti em busca das informações sobre a viuvez masculina, levei na bagagem as minhas próprias representações e pressupostos sobre eles, os viúvos, possivelmente frutos, vejo agora, de compartilharmos valores e visões de mundo decorrentes da pertença à mesma classe social numa mesma sociedade. Mas muitas surpresas me aguardavam. A minha posição na investigação, deu-me acesso a mundos encobertos que eu teria pouca chance de conhecer se não tivesse me aventurado por este caminho. O exercício do distanciamento, sob o olhar de pesquisadora de outra categoria de gênero que não a dos entrevistados, levou-me a repensar as idéias que os estereótipos e o senso comum atribuem a homens enviuvados. Espero que esta tese tenha esclarecido e demolido alguns.

Eis alguns pontos que quero remarcar agora.

Primeiro: da inter-relação conjugal na doença/morte. A estabilidade que o casamento representava para esses homens foi quebrada a partir do momento em que tiveram conhecimento da doença ou da morte súbita das esposas. Desse momento em diante, a vida nunca mais foi a mesma. A preocupação e o sofrimento no acompanhamento da evolução de uma doença de prognóstico reservado (eufemismo da classe médica para uma enfermidade com grandes possibilidades de ser incurável e potencialmente fatal) dificulta a vida de qualquer pessoa, e muito mais se é a esposa. Novos arranjos, no cotidiano, são necessários, como foi visto. A decisão de estar junto da companheira o mais possível durante o evoluir da doença aponta para uma solidariedade e lealdade intensas. A qualidade da relação afetivo-sexual se modifica, e o marido amante passa a ser o marido cuidador. É verdade que infidelidade ocorreu em algum caso, nesta mesma época, mas não aprofundei a questão porque fugia ao foco da pesquisa, e nem eu dispunha de tempo para enveredar por este outro caminho.

Segundo: do sofrimento experimentado. Uma questão que para mim fica clara, e que é bastante controvertida em pesquisas internacionais, refere-se a qual sofrimento é maior: se o causado pela morte súbita, se o decorrente de morte com doença prolongada. Na minha amostragem, onde os dois tipos de morte foram vivenciados, percebi que o impacto da notícia do evento súbito pode eventualmente ser maior na hora em que o fato se deu, mas o pesar, demais sentimentos e todas as repercussões da morte da esposa foram do mesmo teor e intensidade nos dois grupos de enviuvados. Portanto, repito: a análise do material que colhi, nas narrativas dos viúvos, indica que o impacto e a desorientação maiores ficam circunscritos ao momento exato em que houve conhecimento da morte pelo viúvo, mas com o correr das horas, meses e até anos, os sentimentos e emoções experimentados e externados nos relatos são de teor e intensidade semelhantes, tanto nos casos de desenlace súbito como naqueles com agonia prolongada. Na morte súbita, eu ouvi expressões do tipo "eu tava naquele pânico" ou "você perde a noção de::: qualquer coisa". Na morte anunciada por doença crônica de alguma gravidade, essa chegada é sentida como também extremamente desorientadora: "você fica anestesiado", "em transe", tanto em termos afetivos como nas ações e providências práticas iniciais (por isso, as redes de familiares e/ou amizades têm papel preponderante aqui).

Terceiro: do atendimento médico e relação médico-paciente-família. A desumanização da medicina foi extensamente denunciada por grande número de viúvos que dela foi vítima, no percurso trilhado com suas esposas, em busca de resolutividade ou de minoração do desconforto que o problema trazia. A forma como muitos médicos agiram foi um fator agravante de uma situação que já era grave em si mesma. Chama a atenção a necessidade urgente de discussões e providências dentro da área de saúde, especialmente ligadas à formação de novos médicos, para evitar que o que deveria ser um suporte para a família atingida seja um elemento adicional de sofrimento - coisa que esses viúvos, realmente, não deveriam precisar passar.

Quarto: da participação ativa nos rituais funerários. O envolvimento dos viúvos nas decisões e mais ativamente nas providências que foram necessárias efetivar, após a morte da esposa, pode ser um fator decisivo para a aparente recuperação mais rápida, em relação a viúvas, que

eles podem apresentar. Devido ao controle cultural das emoções, é possível que estas sejam sufocadas e retidas, e que o engajamento ativo em providências práticas não permita "parar e pensar" - são suas todas as decisões finais com relação aos rituais funerários e providências posteriores necessárias, bem como na reorganização e administração do lar desfeito que precisa ser refeito, em outros moldes: em maciça maioria de vezes, eles se incumbem pessoalmente de tudo.

Quinto: dos suportes recebidos. A mobilização das redes familiais e de amizades foi apontada como de importância fundamental. A presença da família extensa foi mais freqüente nos primeiros tempos; depois, o viúvo e seus filhos organizavam a vida de forma a ficarem autônomos. Tornar-se dono de casa e assumir o cuidado integral dos filhos foram atitudes encaradas pelos viúvos, e cuja competência em sair-se bem de ambas as empreitadas era motivo de orgulho para a maioria. Neste aspecto, a presença da empregada doméstica foi asseverada como indispensável na reorganização dessa vida doméstica.

Os filhos adultos emergiram da análise como importantes suportes para esses pais enviuvados, que reconhecem neles um interesse ampliado com seu bem-estar e saúde, e estão atentos em inclui-los nos programas da sua própria família nuclear (viagens, saídas para almoçar, visitas, etc.).

Por outro lado, ter um amigo como camarada e confidente foi importante, em muitos casos, e substituiu outras formas de suporte, como aconselhamentos e/ou terapias com profissionais. A procura por psicoterapias não foi encontrada com a freqüência que se poderia esperar para pessoas pertencentes às camadas médias, dentro da idéia de psicologização que muitos autores brasileiros referem.

Os meus dados mostram que os homens viúvos podem ter uma boa rede de relações tanto familiais como de amizades, que dão suporte para o enfrentamento da viuvez. Esta é uma constatação diversa daquela de autores norte-americanos citados, onde a vulnerabilidade do gênero homem seria maior por causa de suas dificuldades nos pontos referidos. Observei que a relação com a prole é muito boa para quase a totalidade dos investigados.

Para muitos dos informantes, o contar com suas próprias forças e o ter fé em si mesmo, foram fatores mencionados como de ajuda - reflexo provável de uma cultura que nega aos homens o poder mostrar-se vulnerável a determinados eventos.

A religiosidade aparece como fonte de suporte para quase todos. Este é um achado diferente do relatado por autores norte-americanos, mas que apareceu de modo inquestionável nos depoimentos dos enviuvados estudados.

Sexto: dos recursos procurados. Um dos pontos que ressalta desta pesquisa é a identificação de recursos fundamentais para os viúvos, que lhes ensejaram uma melhor adaptação à viuvez. O emprego e os filhos menores aparecem como primordiais. Ter um trabalho já foi apontado como de grande ajuda aos enviuvados, por pesquisas norte-americanas. Mas os filhos menores como recurso não apareceu em nenhuma literatura que eu tive oportunidade de ler. Penso que este é um ponto importante dessa investigação, especialmente nessa época de estudos de paternidade.

Um novo relacionamento afetivo-sexual esteve entre os recursos buscados ativamente pelos viúvos. Mas a maioria se restringiu aos namoros, de modo que o recasamento não foi tão expressivo como seria de esperar pelo que apregoa o senso comum. Os que se recasaram e tinham filhos entraram em novo casamento oferecendo o kit completo: marido e filhos. É interessante registrar que, dos seis casamentos/uniões consensuais que havia por ocasião da entrevista, apenas dois tiveram filhos com as novas parceiras; entre os homens que só namoravam, mesmo aqueles que haviam desenvolvido relacionamentos com certa estabilidade, também apenas dois tiveram filhos com essas namoradas. Se isto foi uma providência em prol dos filhos do primeiro casamento é uma possibilidade a ser confirmada ou não por outra pesquisa.

Sétimo: das emoções externalizadas. Penso que a entrevista a que os homens enviuvados responderam talvez tenha sido um dos únicos momentos em que colocaram para fora do seu íntimo pessoal os sentimentos e emoções pelos quais passaram. Por isso, lágrimas rolaram muitas vezes por muitas faces, ao voltar a um passado - que para muitos talvez ainda é presente - para me contar o que se passou. Observei que desespero inicial fez parte da história de vários viúvos. Saudade foi o sentimento mais freqüentemente mencionado, e solidão foi apontada como um dos motivos para recasamento. Quanto à sensação de liberdade, parece-me que ela está mais atrelada às mudanças de visão de mundo, de valores e perspectivas, de constatação da transitoriedade da vida e das relações, herdadas com a separação por morte;

mas nenhum momento de nenhuma entrevista me permite supor que essa liberdade foi experimentada em decorrência direta da morte de uma esposa, onde o marido quisesse livrar-se de um encargo desagradável.

Nas falas da quase totalidade dos viúvos aparecem pesar e sofrimento, angústia e desolação. Dos 20 entrevistados, apenas Jonas, Adolfo, Hélio, Ivan e Éder não declaram isto explicitamente; os demais viúvos que escutei expressam a dificuldade de lidar com essa separação, em todos os âmbitos. Talvez por isso, um deles disse que "eu morri, naquele momento". E isto não me pareceu uma simples figura de retórica. Não estou aqui fazendo apologia do amor romântico, mas descrevendo e interpretando histórias que, tomadas em conjunto, guiaram-me através da jornada da viuvez masculina, cujos conteúdos mostram a crueza do pesar e, em alguns casos, do desespero das semanas iniciais até as perspectivas de vida no momento presente, e que foram contadas pela verdadeira autoridade sobre o assunto: os homens que vivenciaram e sobreviveram à morte das esposas.

Penso que isto também pode ser condizente com as novas bases em que se estruturam as uniões, pelo menos para grande parte de indivíduos de camadas médias intelectualizadas. Porque poucos indivíduos, homens e mulheres, na atualidade, vão para uma relação conjugal com a idéia de que é "para sempre" ou "única" - Giddens (1993: 72) já chamou a atenção para isto, mas as minhas pesquisas sugerem que, se houver um projeto comum onde o casal invista junto e que corresponda à expectativa de ambos os parceiros, a relação tende a ser duradoura. As histórias de alguns informantes, a exemplo de Tácio e de Adonias, são testemunhos do que estou colocando. Porque se aproximam do "amor confluente" discutido em Anthony Giddens (1993: 68-69), que aqui relembro e concordo, o qual parte da concepção de *relacionamento puro*:

> Uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra pessoa, e que só continua enquanto ambas as partes consideram que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.

Com a possibilidade de divórcio tão freqüente, hoje, nas sociedades urbanas, especialmente no estrato social de que trato nesta tese, cujos parceiros são mais independentes

economicamente, aqueles casamentos que se mantêm, há de se supor, têm uma base mais ou menos consistente e trazem compensações para ambos os cônjuges, que podem ser sinalizadas nas uniões de muitos anos de duração. Penso que aqui se encaixa a idéia de relacionamento puro na instituição do casamento moderno, porque embasado por um projeto comum do casal, e que a quebra da união por morte de um dos cônjuges vem desestabilizar o mundo compartilhado que o casal tinha.

Isto não está, de modo algum, contradizendo a idéia de Giddens (1993: 72) de "amor confluente" como forma afetiva moderna, em substituição ao amor romântico, mas antes apóia o que estou argumentando. O nosso poeta maior Vinicius de Moraes já dizia, nos anos 1960, sobre o amor: "que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure". Esta é a concepção de amor confluente, parece-me, pois "presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, (...) introduz a *ars erotica* no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento" (Giddens, 1993: 73). Isto, penso, escapa de qualquer interpretação psicologizante do amor, como a que vem embutida na idéia de amor romântico, contestada pelo filósofo inglês citado, o qual dependeria de uma identificação projetiva com o outro.

Oitavo: da expressão de emoções e sentimentos. Todas as histórias que me foram narradas mostram um teor de emoção que geralmente o senso comum nega aos homens. Constatei que homens choram, sim. Durante as entrevistas, grande parte deles fica com a voz embargada, outros choram livremente, mesmo após tempos considerados longos (mais de 30 anos depois da morte da esposa), como testemunhei, a ponto de não conseguirem falar e eu ter que esperar que se recomponham. As emoções, do vivido ontem e da saudade "boa" hoje, para a maioria, estão bem presentes.

Muito mais haveria que dizer sobre o material aqui analisado. Outros tantos trabalhos e reflexões poderiam ser sacados de cada tópico que compôs o roteiro da narrativa. Mas eu não tinha mais tempo nem espaço para fazer tais desdobramentos. Isto fica, possivelmente, para outras publicações, no futuro, bem como idéias para novas pesquisas.

Entre as contribuições ao conhecimento científico que penso emanar deste trabalho, estão as seguintes: 1 - Ampliar o conhecimento em estudos de masculinidades, pelo enfoque num grupo populacional a que se dá pouca visibilidade, que são os viúvos. 2 - Dar a conhecer, numa abordagem antropológica, como um grupo de viúvos de camadas médias pernambucanas lidou com a perda das esposas. 3 - Desvendar estereotipias sobre atitudes e condutas sociais de homens enviuvados, particularmente quanto aos papéis de pai e dono de casa, e na expressão de emoções. 4 - Mostrar que o recasamento de viúvos, na maior parte dos casos, não aconteceu da forma rápida como é representado pela sociedade maior. 5 - Levar os respondentes à reflexão sobre suas relações com suas esposas, no passado, e seu papel de pais, no presente, na oportunidade criada pela entrevista enquanto espaço de fala (mas que não se limita apenas ao momento em que ela ocorreu, pois pode levá-los a repensar, posteriormente, sobre o que foi dito), pela possibilidade de questionamento de padrões tradicionais de masculinidade. 6 - Ampliar ou expandir os estudos sobre as emoções dentro da Antropologia. 7 - Contribuir com novos aportes ao campo das representações sociais sobre homens enviuvados. 8 - Colaborar com outras áreas que estudam a temática da separação por morte, como as Ciências da Saúde, visando a incorporação nas pesquisas e intervenções do condicionamento cultural de relacionamentos e laços afetivos e os diferentes padrões de resposta à perda. 9 - Alertar o campo de pesquisa sobre ritos e rituais para a importância de incluir, nesses estudos, o significado cultural das emoções expressas pelos atores. 10 - Abrir um espaço para a investigação, especialmente com viúvos mais jovens, buscando os elementos que usam para ajustar-se à perda da esposa, centrando foco na criação dos filhos como fator preponderante na adaptação à vida subseqüente.

Muitos questionamentos emergiram a partir da análise dos dados coletados na investigação que originou esta tese - ainda bem, porque é assim que o conhecimento avança. E respostas a eles precisam ainda ser buscadas. Além do que seria conveniente que os resultados aqui mostrados pudessem ser replicados em outros contextos, o que permitiria conhecer a problemática da viuvez masculina em outras paragens. Daí que sugestões para novas pesquisas são apontadas, entre as quais a questão afetivo-sexual, que é um ponto, penso eu, bastante controvertido, inclusive em pesquisas: - o que leva à infidelidade, durante a doença da esposa, se, por outro lado, o marido permanece atento a suas necessidades? O afastamento/limitação

sexual que a doença provavelmente impõe seria uma resposta? Há diferenças motivacionais entre a infidelidade que acontece em situação "normal" de vida e em situação de doença grave? Como viúvos de camadas médias delimitam suas preferências casadoiras quando estão numa idade mais amadurecida e já têm passado por um casamento? Os filhos são recursos proeminentes apenas nas camadas médias? Esta proeminência é indicativa das mudanças reais que estão ocorrendo na percepção da paternidade pelos homens? Provavelmente a releitura do material escrito e das próprias entrevistas farão surgir novas perguntas.

Enfim, eu paro por aqui, com uma última questão: o que fica disto tudo? Este trabalho, fala de dor, sofrimento e morte, mas também de vida, felicidade e amor. De reconstruções, amadurecimentos, mudanças de perspectivas, redirecionamentos de projetos de vidas, novas relações afetivas. Como posso terminar esta tese, depois de tudo que ficou escrito nestas páginas? Ao ler e reler infindáveis vezes as transcrições, volto a "escutar" as vozes, as risadas e os choros dos viúvos que me confiaram suas histórias, rememorando as passagens boas e as não tão boas que viveram com suas esposas, em trajetórias curtas ou longas, mas sempre e em todos os casos relevantes; revivo com eles os sofrimentos com a doença ou o impacto de uma morte inesperada, ambas trazendo choque e consternação, solidão e saudade, e às vezes um sentimento de liberdade. Trilhar com eles esse caminho é algo inesquecível, que fica para sempre.

Por outro lado, trabalhar o tema da viuvez masculina não foi uma tarefa fácil, embora tenha sido muito gratificante. Entretanto, é inegável que a mobilização emocional que me atingiu me pareceu até maior, agora, do que ocorreu na pesquisa anterior, com as viúvas. Não consigo identificar ao certo as razões para isso. Apenas tenha a percepção. Talvez tenha a ver com o fato de ter encarado novamente sofrimentos que vivi, embora, intelectualmente, isto me desse a vantagem advogada por Rosaldo quanto a ser um sujeito posicionado na pesquisa, e eu estivesse na mesma categoria de situação preconizada por Daniel Bertaux. Ou talvez porque o estereótipo de que viúvo não sofre e casa rápido estivesse bem forte em mim, e eu constatei que não era bem assim que as coisas se davam, vivendo com eles seu pesar. Ou talvez tenha alguma coisa a ver com a minha própria fase da viuvez: antes ainda estava muito próximo do evento, e eu buscava compreender as coisas que aconteciam com as mulheres dentro do controle social a que eram submetidas, suas lides com o espaço público, o que fizeram para

"tocar a vida pra frente". Agora, bem ou mal, eu já faço e resolvo muitas dessas coisas que antes eram resolvidas pelo meu companheiro, dentro do escudo protetor com que ele sempre me cercou - não porque ele me considerasse incapaz, mas sim pelo cuidado que me dispensava. Ou talvez seja porque vejo que a dor está muito presente em mim, ainda, mas agora é de outra qualidade. É a dor do irremediável. Do nunca mais. Da perda para sempre. E, talvez por isso, eu tinha que parar de ler ou escrever incontáveis vezes, para me afastar dessa sensação de dor e saudade a que as histórias dos viúvos me remetiam. No entanto, de uma forma ou de outra, consegui chegar ao fim. Embora já tenha colocado parte desse depoimento anteriormente, penso que o que eu teria a dizer para terminar esta caminhada pode ser sentido num trecho do meu diálogo com Tácio (E17: 30 e ss.):

> - Eu só sinto disso tudinho é que:: EU PERDI o elo, tá entendendo? É aquela história, (.2) dizem que a mulher quer casar e ser feliz pra sempre, (num) sou o príncipe encantado. Eu posso me colocar nessa situação, eu::, na minha cabeça, eu ia casar e ia ser feliz pro resto da vida cum aquela mulher. (.hh) E ainda continua na minha cabeça isso. Então, é difícil. EU SEI DISSO! E o pior é que eu digo isso às pessoas, ((risos)) tá entendendo?
> *?- Mas eu acho fantástico isso!*
> - É porque, PRA MIM, essa QUEBRA significa exatamente o que eu num pude exigir = VIVER tudo que eu tinha que viver ao lado dela, é isso que eu quero dizer, tá entendendo? (...) Agora, (.2) é aquela história, nem ela ((nova namorada)) também como mulher, nem eu, a gente iria ter uma relação como eu tô te dizendo, DE INÍCIO E FIM, (.) de começar e terminar, seria um complemento. Então::: isso é uma coisa que eu num vou ter mais nunca, independente de eu vir a AMAR MUITO, eu jamais vou ter (.) como se tivesse começado cum os meus 28 anos e montado uma vida (toda). Eu não vou ter:: uma pessoa que tenha essa MESMA flexibilidade, essa vontade:: TALVEZ! Até agora num encontrei, ((risos)) tá entendendo? DE ACHAR QUE POSSA:: TER TANTA CUMPLICIDADE ao ponto de:: de = de = de = de:: de viver DESTA FORMA, SEM COBRANÇA!:: Eu acho que:: é melhor:: você APROVEITAR, evidentemente, esses momentos (.) MÁGICOS, cum muita integridade e muita vontade, é:::, Porque::, em certas ocasiões realmente, pra mim ficou MUITO DIFÍCIL DE ENCARAR! (...) Depois, com o tempo, eu passei a:: a:: admitir (.) pra mim::, - foi onde eu achei que compreendi -, QUE TACIANA NUM TINHA MORRIDO, (.) num é? E aí é onde tá uma visão espiritual da coisa, num é? QUE ELA CONTINUA, em todos os instantes, ao meu lado, me acompanhando, me ajudando, é::, junto, me dando uns toques femininos, num é? É::, ME INCENTIVANDO a procurar uma outra pessoa ((fungado)) e::: querendo que eu seja feliz como ela sempre quis:: Então, TODAS ESSAS COISAS que eu (.) tinha cum ela, que eu convivia, e que fazia, num é?, cum ela, eu continuo:: vindo dela, como se ela tivesse presente. (.hh) Agora, só que::, é:::, sem poder:: TOCAR, sem poder:: VER, num é? E::, nesse instante, foi onde eu achei que tinha compreendido realmente o sentido de:: da perda, né? É quando você

passa a admitir que, é::, DÁ PRA (.) conviver cum as pessoas que você não pode mais:: TOCAR, mais sentir, mais cheirar, mais ver, (.hhh) desde que essas pessoas realmente, sejam pessoas que foram:: importantes na sua vida, que:: fizeram com que você existisse como pessoa, num é? Eu acho que, é como eu disse, EU SÓ SINTO DE NÃO PODER TER TERMINADO MEUS DIAS JUNTO DE TACIANA, NUM É? FISICAMENTE, né? Porque tá cum ela eu tô, vou tá o resto da vida. MAS, é = é:: isso com certeza num vou ter mais cum ninguém; isso aí eu tenho certeza. (...) uma relação realmente, é::, DE UM LADO PRO OUTRO, muito:: RECÍPROCA. NUM É::: cobrança, (.) né? Mas que ela seja, é:::, BASTANTE:: COMPROMETIDA; que sejam comprometidos mesmo um com o outro, no sentido de que, é::, esse compromisso NÃO ATRAPALHE a vida nem de um nem do outro, mas que é:: Nem dependência, mas que seja uma:: coisa que faça cum que você sinta falta, (.) num é? Da cumplicidade, sinta falta da = da:: PRESENÇA, num é?

?- Eu entendo completamente o que você tá falando.

♥♥♥♥♥

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe (1981). **História social da criança e da família**. Tradução de Flora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC.

_____ (2003). **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro.

_____ & DUBY, Georges (Dir.) (1995). **História da vida privada**. v. I-V. São Paulo: Companhia das Letras.

AUGÉ, Marc (1999). **O sentido dos outros: atualidade da Antropologia**. Tradução de Francisco da Rocha Filho. Petrópolis: Vozes.

BALASWAMY, Shantha (2004). **Investing patterns of social support use by widowers during bereavement**. *The Journal of Men's Studies*. September, 22. v. 13: 1, 67 (18). Disponível em http://media-server.amazon.com/exe/drm/amzproxy.cgi

BARTHELÉMY, Dominique (1995). **Parentesco**. In Georges Duby. *História da vida privada: Da Europa Feudal à Renascença*. Tradução de Maria Lúcia Machado. v. 2, 7. reimp., São Paulo: Companhia das Letras.

BAUER, Martin W. & GASKELL, George (Ed.) (2003). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

_____ & AARTS (2003). **A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos**. In Martin W. Bauer & George Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

BEAUVOIR, Simone de (1970). **O segundo sexo: 1. Fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. v. 1, São Paulo: EDIPE Artes Gráficas.

BERARDO, Felix M. (1970). **Survivorship and social isolation: the case of the aged widower**. *The Family Coordinator*, 1, 11-25.

BERGER, Peter S. & LUCKMANN, Thomas (1998). **A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 15. ed. Petrópolis: Vozes (Coleção Antropologia 5).

BERQUÓ, Elza (1998). **Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica**. In Lilia Moritz Schwarcz (Org.). *História da vida privada no Brasil 4. Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras.

BERTAUX, Daniel (1997). **Les récits de vie: perspective ethnosociologique**. Paris: Nathan.

_____ & KOHLI, Martin (1984). **The life story approach: a continental view**. *Ann Rev. Sociol.* 10: 215-37.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE (BVS/LILACS (2008). **Descritores em Ciências da Saúde** (DeCS). Disponível em http://decs.bvs.br. Acesso em 03/05/2008.

BOLTANSKI, Luc (2004). **As classes sociais e o corpo**. Tradução de Regina A. Machado. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra.

BONETTI, Alinne & FLEISCHER, Soraya (Orgs.) (2007). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

BOISSEVAIN, Jeremy & MITCHELL, J. Clyde (Editors) (1973). **Network analysis. Studies in Human Interaction**. Mouton Publishers. The Hague. Paris (Change and Continuity in Africa).

BOTT, Elizabeth (1976). **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

BOURDIEU, Pierre (2002). **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____ ; ACCARDO, A.; BALAZS, G.; BEAUD, S.; BOURDIEU, E.; BOURGOIS, P.; BROCCOLICHI, S.; CHAMPAGNE, P.; CHRISTIN, R.; FAGUER, J-P.;GARCIA, S.; LENOIR, R.; OEUVRARD, F.; PIALOUX, M.; SOULIÉ, C.; WACQUANT, L. (2003). **A miséria do mundo**. Vários tradutores. 5. ed. Petrópolis: Vozes.

BOUTINET, Jean-Pierre (1996). **Antropologia do projecto**. Tradução: José Gabriel Rego. Paris: Presses Universitaires de France/P.U.F.; Lisboa: Instituto Piaget. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

BRITTO DA MOTTA, Alda (1977). **Visão de mundo da empregada doméstica: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado/PPCH-UFBA. Salvador: mimeo.

_____ (1986). **A relação impossível**. In Francisco Hardman (Org.). *Relações de trabalho & relações de poder: mudanças e permanências*. Fortaleza: Imprensa Universitária.

_____ (1992). **Emprego doméstico: revendo o novo**. *Caderno CRH, n. 16, p. 31-49, jan/jun, 1992.*

_____ (2002a).**Viúvas: o mistério da ausência**. In 23ª Reunião Brasileira de Antropologia. Gramado (mimeo).

_____ (2002b). **Viúvas alegres: uma nova/velha geração**. In Ana Alice A. Costa & Maria Cecília B. Sardenberg (Org.). *Feminismo, ciência e tecnologia – e outras questões feministas*. Salvador: REDOR / NEIM-FFCH / UFBA. (Coleção Bahianas, 8).

_____ (2005). **Pesquisa e relações em campo - subjetividades de gênero e de geração**. In ____, Eulália L. Azevedo e Márcia Gomes. *Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional*. Salvador: UFBA / NEIM (Coleção Bahianas).

CAILLÉ, Alain (2002). **A dádiva das palavras - o que o dizer pretende dar**. In Paulo Henrique Martins (Org.). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis: Vozes.

CAMPBELL, Scott & SILVERMAN, Phyllis R. (1987). **Widower**. New York: Prentice Hall Press.

CASERTA, Michael S. (2007). **Widowers**. In Encyclopedia of death and dying. Disponível em http:www.deathreference.com/Vi-Z/Widowers.html. Acesso em 26/01/2009.

CARDOSO, Ruth C. L. (1988). **Aventuras antropológicas em campo ou como escapar das armadilhas do método**. In _____ (Org.) *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (1998). **O trabalho do antropólogo: ver, ouvir, escrever.** In _____ (Org.) *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP.

CARRARA, Sérgio (1994). **Entre cientistas e bruxos - ensaios sobre dilemas e perspectivas da análise antropológica da doença**. In Paulo César Alves e Maria Cecília de S. Minayo (Orgs.). Saúde e doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz.

CLANDININ, D. Jean & CONNELY, F. Michael (2000). **Narrative inquiry: experience and history in qualitative research**. San Francisco/CA: Jossey-Bass (The Jossey-Bass education series).

CONNELL, Raewyn W. (1997). **La organización social de la masculinidad**. *Ediciones de las mujeres, ISIS Internacional*. Mimeo.

_____ (2000). **Understanding men: gender sociology and the new international research on masculinities**. Clark Lectures, Department of Sociology, University of Kansas. Mimeo.

COSTA, Jurandir Freire (2004). **Ordem médica e norma familiar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal.

DA MATTA, Roberto (1981). **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes.

_____ (1986). **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (1994). **Conta de Mentiroso - Sete ensaios de antropologia brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (1997a). **A Casa & A Rua - espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (1997b). **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco.

DEBERT, Guita G. (1988). **Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral**. In Ruth C. L. Cardoso (Org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (2004). **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. 1 ed. 1 reimpr. São Paulo: EDUSP: FAPESP.

DESLANDES, Sueli F. (2002). **Frágeis deuses: profissionais da emergência entre os danos da violência e a recriação da vida**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

DIAS, Mônica (2007). **A pesquisa tem "mironga": notas etnográficas sobre o fazer etnográfico**. In Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

DICIONÁRIO BARSA LÍNGUA PORTUGUESA (2004). Coordenação de Elisabete Muniz e Hermínia M. T. de Castro. 2 v. São Paulo: Barsa Planeta.

DOLL, Johannes (1999). **Viuvez: processos de elaboração e readaptação**. In Ligia Py (Org.). *Finitude: uma proposta para reflexão e prática em Gerontologia*. Rio de Janeiro: Nau Editora.

_____ (2002). **Luto e viuvez na velhice**. In Elizabeth Freitas (Org.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

DOUGLAS, Mary (1991). **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva.

DRANE, James & PESSINI, Leo (2005). **Bioética, medicina e tecnologia:desafios éticos na fronteira do conhecimento humano**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Edições Loyola.

DUARTE, Luiz Fernando Dias (1988). **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1997). **A propósito da novidade dos objetos e realidades nas ciências sociais contemporâneas**. In Ana Maria Canesqui (Org.). Ciências Sociais e Saúde. São Paulo: Hucitec/Abrasco.

_____ (2001). **A medicina e o médico na boca do povo**. In Maria do Carmo Brandão e Antônio C. Motta (Editores científicos). *Revista AntHropológicas*. Série Família e Gênero, a. 4, v. 9. Recife: UFPE/CFCH.

DUMONT, Louis (2000). **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco.

DURKHEIM, Émile (1998). **Método para determinar a função da divisão do trabalho**. In José Albertino Rodrigues (Org.). *Durkheim*. Tradução de Laura Natal Rodrigues. 8 ed. São Paulo: Ática. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v 1, Sociologia).

_____ (2000a). **O suicídio – estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (2000b). **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de Paulo Neves. 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Tópicos).

_____ (2001). **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret.

_____ (2004). **Da divisão do trabalho social**. Tradução Eduardo Brandão. 2 ed. 2 tiragem. São Paulo: Martins Fontes.

ELIADE, Mircea (2001) - **O sagrado e o profano**. 1 ed. 5 tiragem. São Paulo: Martins Fontes.

ELIAS, Norbert (1993). **O processo civilizador II: formação do estado e civilização**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1994a). **O processo civilizador I: uma história dos costumes**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1994b). **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FERREIRA, Aurélio B. H. (1976). **Novo dicionário Aurélio**. 4 impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FREITAS, Maria Ester de (2002). **Viva a tese! Um guia de sobrevivência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

FREYRE, Gilberto (2000). **Casa-grande & senzala**. 39. ed. Rio de Janeiro: Record.

GARCIA, Clarissa (2003). **A família igualitária: a democracia no âmbito público e no privado**. Dissertação de Mestrado. PPGA-UFPE: mimeo.

GASKELL, George (2003). **Entrevistas individuais e grupais**. In Martin W. Bauer e _____ (Ed.) (2003). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

GEERTZ, Clifford. (1989). **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC.

_____ (2001). **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

GIARRACCA, Norma & BIDASECA, Karina (2007). **Ensamblando las voces: los actores en el texto sociológico**. In Ana Lia Kornblit. *Modelos y procedimientos de análisis*. 2. ed. Buenos Aires: Biblos.

GIDDENS, Anthony (2007). **Mundo em descontrole**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 6. ed. Rio de Janeiro: Record.

_____ (2002). **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____ (1993). **A transformação da intimidade: sexo, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP.

GIFFIN, Karen & CAVALCANTI, Cristina (1999). **Homens e reprodução**. *Estudos Feministas, v 7,n 1 e 2, p. 53- 71.*

GOFFMAN, Erving (1988). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC.

GODELIER, Maurice (2001). **O enigma do dom**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GOLDENBERG, Mirian (1991). **Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento. Estudos antropológicos**. Rio de Janeiro: Revan.

GUTMANN, Matthew (1997) T**rafficking in men: the anthropology of masculinity**. *Annual Review of Anthropology*. Volume 26, Page 385-409.

_____ (2004). **Hombres carnales**: **las políticas somáticas de la salud reproductiva masculina.** Oaxaca/México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Anthropología Social. Mimeo.

HANSSON, Robert O., CARPENTER, Bruce N. & FAIRCHILD, Sharon K. (1999). **Measurement issues in bereavement**. In Margaret S. Stroebe, Wolfgang Stroebe & Robert O. Hansson (Eds.) (1999). *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention.* Cambridge: Cambridge University Press.

HEILBORN, Maria Luiza (1984). **Visão de mundo e *éthos* em camadas médias suburbanas no Rio de Janeiro**. In ANPOCS. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Cortez.

ISKANDAR, Jamil I. (2009). **Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos**. 3. ed. Curitiba: Juruá.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) (2008). Disponível em **http://ibge.gov.br**. Acesso em 03/05/2008.

JODELET, Denise (2001). **Representações sociais: um domínio em expansão**. In _____ (Org.). *As representações sociais.* Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ.

JOVCHELOVITCH, Sandra & BAUER, Martin W. (2003). **Entrevista narrativa**. In Martin W. Bauer e George Gaskell (Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

KIMMEL, Michael (1998). **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. Tradução de Andréa Fachel Leal. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103 – 117.

_____, GREIG, Alan & LANG, James (2000). **Men, masculinities & development: broadening our work towards gender equality**.

KLEINMAN, Arthur (1988). **The illness narratives: suffering, healing, and the human condition**. New York: Basic Books.

KOHN, Jane Burgess & KOHN, Willard K. (1978). **The widower**. Boston: Beacon Press.

KOURY, Mauro G. P. (2003). **Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis: Vozes.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth (1998). **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus parentes**. Tradução de Paulo Menezes. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes.

KUHN, Thomas S. (1994). **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates).

LAGO-FALCÃO, Tânia M. (2003). **Dor sofrimento, dor encantamento: retratos de vidas. Ser viúva em camadas médias pernambucanas**. Dissertação de mestrado. Recife: PPGA-UFPE, mimeo.

LAPLANTINE, François (1991). **Antropologia da doença.** Tradução Walter L. Siqueira. São Paulo: Martins Fontes.

LÉVY-BRUHL, Lucien (1927; 1963). **L' ame primitive**. Paris: Presses Universitaires de France (Bibliothèque de Philosophie Contemporaine).

LÉVI-STRAUSS, Claude (1975). **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Biblioteca Tempo Universitário, 7).

LINS, Mísia (1995). **Morte, católicos e imaginário: o caso do Alto do Reservatório**, **Casa Amarela.** Dissertação de Mestrado/PPGA-UFPE. Recife, mimeografado.

LINTON, Ralph (2000). **O homem: uma introdução à antropologia**. Tradução de Lavínia Vilela. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes.

LOPATA, Helena Znaniecki (1973). **Widowhood in an American City**. Cambridge, Massachusetts: Schenkman Publishing Co.

_____ (1979). **Women as Widows: support systems.** New York: Elsevier North - Holland Inc.

_____ (1996). **Current widowhood: myths and realities**. Thousand Oaks / London / New Delhi: Sage Publications. (Understanding Families Series).

_____ (1999). **The support systems of Americam urban widows**. In Margaret S. Stroebe, Wolfgang Stroebe & Robert O. Hansson (Eds.). *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention.* Cambridge: Cambridge University Press.

LOURENÇO, Eduardo (1999). **Mitologia da saudade**. São Paulo: Companhia das Letras.

LUND, Dale A.; CASERTA, Michael S. & DIMOND, Margaret F. (1999). **The course of spousal bereavement in later life**. In Margaret S. Stroebe, Wolfgang Stroebe & Robert O. Hansson (Eds.). *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention.* Cambridge: Cambridge University Press.

LUTZ, Catherine & WHITE, Geoffrey M. (1986). **The anthropology of emotions**. *Ann. Rev. Anthropol. 1986. 15:405-36. Annual Reviews Inc. All rights reserved*. Disponível em www.annualreviews.org/aronline. Acesso em 08/13/08.

LUZ, Madel T. (1997). **Novas realidades em Saúde, novos objetos em Ciências Sociais.** In Ana Maria Canesqui (Org.). Ciências Sociais e Saúde. São Paulo: Hucitec/Abrasco.

MACHADO, Paula S. (2007). **Entre homens: espaços de gênero em uma pesquisa antropológica sobre masculinidade e decisões sexuais e reprodutivas**. In Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

MANNHEIM, Karl (1986). **Ideologia e utopia**. Tradução de Sérgio M. Santeiro da edição inglesa de 1960. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara.

MARTIN-FUGIER, Anne (1995). **Os ritos da vida privada burguesa**. In Michelle Perrot (Org). *História da vida privada 4: da revolução francesa à Primeira Guerra*. Tradução de Denise Bottmann. 5. reimp. São Paulo: Companhia das Letras.

MARTINS, Paulo Henrique (2002). **Prefácio**. In _____ (Org). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis: Vozes.

_____ (2003). **Contra a desumanização da medicina: crítica sociológica das práticas médicas modernas**. Petrópolis: Vozes.

_____ (2004). **As redes sociais, o sistema da dádiva e o paradoxo sociológico**. In _____ e Breno Fontes (Org.). *Redes sociais e saúde: novas possibilidades teóricas*. Recife: Editora Universitária UFPE.

_____ (2006). **A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação**. In _____ e Roberta Bivar C. Campos (Orgs.). *Polifonia do dom*. Recife: Editora Universitária da UFPE.

MAUSS, Marcel (1950). **Ensaio sobre a dádiva**. Tradução: António Filipe Marques. Lisboa: Edições 70.

_____ (1974). **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In _____ Sociologia e Antropologia. Tradução: Mauro W. B. de Almeida. v. 2. São Paulo: EPU.

_____ (1974). **As Técnicas Corporais**. In _____ Sociologia e Antropologia. Tradução: Mauro W. B. de Almeida. v. 2. São Paulo, EPU.

_____ (2001). **A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos)**. In _____ . Ensaios de Sociologia. Tradução de Luiz João Gaio e J. Guinsburg. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva. (Coleção Estudos).

_____ (2001). **Sobre as proporções das partes da Sociologia**. In _____ . Ensaios de Sociologia. Tradução de Luiz João Gaio e J. Guinsburg. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva. (Coleção Estudos).

MEAD, Margareth (1999). **Sexo e temperamento**. Tradução Rosa Krausz. 4 ed. São Paulo: Perspectiva.

MELLO E SOUZA, Cecília (2001). **Trabalho, reprodução e cidadania: concepções e práticas entre trabalhadoras domésticas**. In Maria do Carmo Brandão & Antônio Carlos Motta (Ed) *Revista Anthropológicas.* Ano IV, v. 9, Série Família e Gênero.

MENEZES, Rachel E. (2004). **Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: Garamond: FIOCRUZ.

MICHAELIS 2000: moderno dicionário da língua portuguesa. 2 v. Rio de Janeiro: Reader's Digest; São Paulo: Melhoramentos.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inesp). Exame nacional de cursos. Brasília. Disponível em http://download.inep.gov.br/ENC_PROVAO/medicina_v22.pdf. Acesso: 03/10/2008.

MOLINA, Abelardo P. & MOSQUERA G., Alejandro (2003). **Del dicho al hecho... construyendo el trecho**. Disponível em http://www.laneta.apc.org/sisex/masculin/deldi.htm. Acesso em 15/09/2008.

MOORE, Alinde J. & STRATTON, Dorothy C. (2003). **Resilient widowers: older men adjusting to a new life**. New Cork: Prometheus Books.

MORIN, Edgar (1997). **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago.

_____(2006). **Cultura de massas no século XX - o espírito do tempo - 2: Necrose**. Com a colaboração de Irene Nahoum. Tradução de Agenor Soares Santos. 3. ed. 3 reimp. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____(2007). **Cultura de massas no século XX - o espírito do tempo - 1: Neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. 4 reimp. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MOTTA, Roberto & SCOTT, R. Parry (Org.) (1983). **Sobrevivência e fontes de renda: estratégias das famílias de baixa renda no Recife**. Recife: Sudene/Editora Massangana. (Série População e Emprego).

MURARO, Rose Marie (2001). **Acerca do conceito de gênero**. In _____ e Andréa B. Puppin (Orgs). *Mulher, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

NASCIMENTO, Nizete (1983). **Ajuda mútua**. In Roberto Motta e R. Parry Scott (Org.). *Sobrevivência e fontes de renda: estratégias das famílias de baixa renda no Recife*. Recife: Sudene/Editora Massangana. (Série População e Emprego).

NATIONS, Marilyn & GOMES, Annatália M. de A. (2007). **Cuidado, "cavalo batizado" e crítica da conduta profissional pelo paciente-cidadão hospitalizado no nordeste brasileiro**. *Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 23 (9): 2103-2112, setembro*.

OLIVEIRA, Maria Coleta, BILAC, Elisabete D., & Muszkat, Malvina (1994). **Os homens, esses desconhecidos...** In *Revista Bras. Estudos Pop., Campinas 11 (1).*

PEIRANO, Mariza (1995). **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

PELIZZOLI, Marcelo (2007). **A bioética como novo paradigma: crítica ao cartesianismo**. In _____ (Org.) *Bioética como novo paradigma: por um novo modelo biomédico e biotecnológico.* Petrópolis: Vozes.

PELÚCIO, Larissa (2007). "**No salto": trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem**. In Alinne Bonetti e Soraya Fleisher (Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

PENNEBAKER, James W., RIMÉ, Emmuelle Z. & RIMÉ, Bernard (2001). **Disclosing and sharing emotion: psychological, social and health consequences.** In Margaret S. Stroebe, Wolfgang Stroebe, Robert Hansson & H. Schut (Eds.) *Handbook of bereavement research: consequences, coping and care*. Washington DC: American Psychological Association. Acesso em 11 de janeiro de 2009. Disponível em http://www.ecsa.ucl.ac.be/personnel/zech/HandbookofBereavement_2001.pdf.

PERROT, Michelle (1995). **Os atores**. In _____ (Org). *História da vida privada 4: da revolução francesa à Primeira Guerra*. Tradução de Denise Bottmann. 5. reimp. São Paulo: Companhia das Letras.

PITTA, Ana (1991). **Hospital - dor e morte como ofício**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC.

QUADROS, Marion T. de. (2006). **Paternidade, trabalho doméstico e envolvimento com os/as filhos/as**. In Roberta B. V. Campos & Judith Hoffnagell (Orgs.). *Pensando família, gênero e sexualidade*. Recife: Editora Universitária da UFPE.

_____, Scott, Russell P., Lago-Falcão, Tânia M., Franch, Mónica (2007). **Homens jovens, paternidade e mortalidade infantil na periferia do Recife**. In: *Gênero e Poder: Perspectivas Feministas.* XIV Encontro da REDOR (Anais). Fortaleza, p.42-43.

REGO, Sérgio (2003). **A formação ética dos médicos: saindo da adolescência com a vida (dos outros) nas mãos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

RIESSMAN, Catherine Kohler (1993). **Narrative analysis**. Newbury Park / London / New Delhi: Sage Publications. (Qualitative Research Methods, v 30).

RODRIGUES, José Carlos (1986). **Tabu do corpo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos Ed.

ROSALDO, Renato (1993). **Culture and truth: the remaking of analysis social.** Boston: Beacon Press.

ROSENBLATT, Paul C. (1999). **Grief: the social context of private feelings**. In Margaret S. Stroebe, Wolfgang Stroebe e Robert Hansson, O. (Eds.). *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention.* Cambridge: Cambridge University Press.

ROUCHE, Michel (1995). **Alta Idade Média ocidental**. In In Paul Veyne (Org). *História da vida privada 1: Do império romano ao ano mil*. Tradução de Hildegard Feist. 11 reimp. São Paulo: Companhia das Letras.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. (1997). **O poder do macho**. 9 ed. São Paulo: Moderna. (Coleção Polêmica).

_____ (2000). **O segundo sexo à luz das teorias feministas contemporâneas**. In Alda Britto da Motta, Cecília Sardenberg & Márcia Gomes (Orgs). *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras* falas. Salvador: NEIM/UFBA.

SALEM, Tânia (1980). **O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares.** Petrópolis: Vozes.

SARTI, Cynthia A. (1996). **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas/SP: Autores Associados.

SCOTT, Joan (1996). **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução de Christine R. Dabat e M. Betânia Ávila. 3 ed. Recife: SOS Corpo.

SCOTT, R. Parry (1986). **Sistemas de cura: as alternativas do povo**. Recife: PPGA-UFPE.

_____ (1990). **O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico**. *Cad. Pesq. São Paulo(73):38-47.*

_____ (1996). **A etnografia de camadas médias e de pobres urbanos: trabalho, poder e a inversão do público e do privado**. In _____ (Org.) *Revista de Antropologia*. Vol 1, nº 1, PPGA-UFPE. (Série Família e Gênero).

_____ (2001a). **Etnografia e avaliação social num projeto de saúde pública na periferia urbana de Recife.** In Maria do Carmo Brandão e Antônio C. Motta (Editores científicos). *Revista AntHropológicas*. Série Família e Gênero, a. 4, v. 9. Recife: UFPE/CFCH.

_____ (2001b). **Stanley Brandes. 1985. Metaphors of masculinity: sex and status in Andalusian folklore. Philadelphia, University of Pennsylvania Press**. In Maria do Carmo Brandão e Antônio C. Motta (Editores científicos). *Revista AntHropológicas*. Série Família e Gênero, a. 4, v. 9. Recife: UFPE/CFCH.

_____ (2004). **A ética da comunicação em saúde: a escolha política de diferentes linguagens para compreensão e ação**. In Ceres Víctora, Ruben G. Oliven, Maria Eunice Maciel e Ari Pedro Oro (Orgs.). *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil*. Niterói: EdUFF.

SEGALEN, Martine (1993). **Sociologie de la famille**. Paris: Armand Colin Édicteur.

_____ (2002). **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV.

SHUCHTER, Stephen R. & ZISOOK, Sidney (1999). **The course of normal grief**. In Margaret S. Stroebe, Wolfgang Stroebe & Robert O. Hansson (Eds.) (1999). *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention.* Cambridge: Cambridge University Press.

SILVERMAN, David (1993). **Interpreting qualitative data: methods for analysing talk, text and interaction**. London/ Thousand Oaks/ New Delhi: Sage Publications.

SIMMEL, Georg (2001). **Sobre a sociologia da família**. In _____ *Filosofia do amor*. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção tópicos).

SINDER, Valter (2002). **Configurações da narrativa: verdade, literatura e etnografia**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert. (Teoria e crítica de la cultura y literatura; v. 21).

SMITH, Ken R.; ZICK, Cathleen D. & DUNCAN, Greg J. (1991). **Remarriage patterns among recent widows and widowers**. *Demography,Vol. 28, No. 3, August*.

SONTAG, Susan (2002). **A doença como metáfora**. Tradução de Márcio Ramalho. 3. ed. São Paulo: Graal.

_____ (2005). **Diante da dor dos outros**. Tradução de Rubens Figueiredo. 2 reimp. São Paulo: Companhia das Letras.

SORJ, Bila & Goldenberg, Mirian (2001). **Um novo modelo de família: coesão e centramento nos filhos**. *Interseções: revista de estudos interdisciplinares. Ano 3, n. 2, p. 113-120.* Rio de Janeiro: UERJ, NAPE

SPERBER, Dan (1992). **O saber dos antropólogos**. Lisboa; Rio de Janeiro: Edições 70. (Coleção Perspectivas do Homem, v. 43).

_____ (2001). **O estudo antropológico das representações: problemas e perspectivas**. In Denise Jodelet (Org.). *As representações sociais*. Tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ.

STROEBE, Margaret S.; STROEBE, Wolfgang & HANSSON, Robert O. (Eds.) (1999). **Handbook of bereavement: theory, research, and intervention.** Cambridge: Cambridge University Press.

STROEBE, Margaret S. & STROEBE, Wolfgang (1999). **The mortality of bereavement: a review**. In Margaret S. Stroebe, Wolfgang Stroebe e Robert Hansson, O. (Eds.). *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention.* Cambridge: Cambridge University Press.

STYLIANOS, Stanley K. & VACHON, Mary L. S. (1999). **The role of social support in bereavement**. In Margaret S. Stroebe, Wolfgang Stroebe e Robert Hansson, O. (Eds.). *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention.* Cambridge: Cambridge University Press.

THOMAS, Louis-Vincent (1980). **Antropologie de la mort.** Paris: Payot Bibliothèque Payot.

_____ (1985). Rites de mort - pour la paix des vivants. Paris: Fayard.

TURNER, Victor (1974). **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes.

VALE DE ALMEIDA, Miguel (1995a). **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século.

_____ (1995b). **Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal**. In Encontro da Associação Brasileira de Antropologia *Panorama da Antropologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ. Anuário Antropológico/95, p. 161-189.

VAN GENNEP, Arnold (1978). **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.** Petrópolis: Vozes.

VEITSMAN, Jeni (2001). **Gênero, identidade, casamento e família na sociedade contemporânea**. In Rose Marie Muraro e Andréa B. Puppin (Org.). *Mulher, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

VELHO, Gilberto (1989a). **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. 5. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

_____ (1989b). **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1992). **Unidade e fragmentação em sociedades complexas**. In *Duas conferências*. Rio de Janeiro: Câmara de Estudos Avançados / FCC / UFRJ.

_____ (1999a) - **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1999b). **Projeto e Metamorfose - Antropologia das sociedades complexas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1999c). **O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social**. In _____ (Org.) *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1999d). **Estigma e comportamento desviante em Copacabana**. In _____ (Org.) *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ & KUSCHNIR, Karina (2003). **Apresentação**. In _____ (Orgs.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

VEYNE, Paul (1995). **A casa e seus libertos**. In ____(Org.). *História da vida privada 1: do império romano ao ano mil*. 11 reimp. São Paulo: Companhia das Letras.

VERANI, Cibele B. L. (1994). **A construção social da doença e seus determinantes culturais: a *Doença de Inclusão* do Alto Xingu**. In Ricardo V. Santos & Carlos E. A. Coimbra Jr. (Orgs.) Saúde e povos indígenas. Rio de Janeiro: Fiocruz.

VIVAS MENDOZA, Maria Waleska (1993). **Del lado de los hombres (algunas reflexiones en torno a la masculinidad)**. Tesis para titulo de Licenciada en Etnología. México: mimeo.

WEBER, Max (2001). **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret. Tradução de Pietro Nassetti da versão inglesa de Talcott Parsons, Harvard University.

WELZER-LANG, Daniel (2001). **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. Tradução de Miriam Pillar Grossi. *Revista Estudos Feministas*. [online]. 2001, vol. 9, no. 2 [citado 2008-12-20], pp. 460-482. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.

WIRTH, Louis (1986). **Prefácio**. In Karl Mannheim. *Ideologia e utopia*. Tradução: Sérgio Magalhães Santeiro, da edição inglesa de 1960. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara.

WORTMAN, Camille B., SILVER, Roe C. & KESSLER, Ronald C. (1999). **The meaning of loss ann adjustment to bereavement**. In Margaret S. Stroebe, Wolfgang Stroebe & Robert O. Hansson (Eds.) (1999). *Handbook of bereavement: theory, research, and intervention.* Cambridge: Cambridge University Press.

♥♥♥♥♥

ANEXOS

ANEXO A
ROTEIRO da ENTREVISTA

I- DADOS GERAIS

- **Identificação**

-Nome. Local de residência. Agregados.
-Data e lugar de nascimento
-Escolaridade, profissão, renda familiar
-Religião - praticante ou não

- **Dados sobre família de origem**

-Número de irmãos e irmãs mais velhos e/ou mais novos; local de residência, situação conjugal
-Pais vivos ou mortos - onde moram

- **Dados gerais sobre vida conjugal com a falecida**

-Idades de cada um ao casamento
-Tempo de convivência. Saber se viviam juntos ao óbito
-Dados sobre a falecida – local e data de nascimento, escolaridade, profissão.
-Informações sobre o percurso da união, afinidades e diferenças.
-Recasamento (s). Número de filhos - idade, onde e com quem moram, de quê casamento

II. EVENTO DA MORTE

- **Descrição da morte da esposa, desde a ocorrência até o sepultamento**

-Causa e circunstâncias da morte, local, tipo, atendimento hospitalar ou não, ou coma.
-Como soube da morte, do acidente, etc.; quem informou
-Ações e reações imediatas - o que fez e como se sentiu, lembranças dos momentos

- **Mobilização no entorno**

-Quem esteve junto, como as pessoas foram avisadas - familiares, amigos; outros: médicos, religiosos, enfermeiros, psicólogos, etc.
-Lembranças dessas presenças - reação das pessoas; demonstrações de apoio (ou não)
-Medicalização - quem medicou e o que lembra/opina sobre isso

- **Ritualística**

-Enterro e outros rituais fúnebres - quem organizou, grau de participação ou não na toalete da morta, na arrumação do caixão, flores, etc; o que pensa/opina sobre isso
-Preparação para enfrentamento da morte da esposa
-Expectativa quanto à adequação/inadequação dos rituais

III - A EXPERIÊNCIA DA VIUVEZ

- **Processo de luto**

-Descrever as primeiras semanas. Atividades que fez ou abandonou, para quê. Espaços físicos que ocupou/evitou. Se trabalhava, voltou a trabalhar em quanto tempo e em que circunstâncias (licença do trabalho ou por indicação médica, etc.). Roupas - vestir de preto, mudança na maneira de vestir, adornos, etc.
-Pessoas que se aproximaram, as maneiras/os meios de aproximação (visita, carta, telefonema, telegrama, presentes, etc.), a mensagem (o que era dito), durante quanto tempo estiveram junto do viúvo
-Se as pessoas já eram próximas ou se aproximaram por causa do evento. O que achava/sentia das abordagens
-Pessoas que sentiu falta nesses primeiros momentos. Sabe/imagina por que não se aproximaram? Quando o fizeram?
- Pessoas que não recebeu nos primeiros momentos; quando as recebeu
-Filhos, como reagiram; como lidou com a situação; apto para ajudar os filhos ou não

- **Sistemas de apoio**

-Problemas imediatos - de que tipo, como resolveu ou tentou resolver, quem ajudou.
Apoios recebidos:
a) ajuda financeira (seguro, pagar contas)
b) serviços (alguém tomar conta de casa, de filhos, ajuda legal)
c) social (visitas, contatos sociais, convites)
d) emocional (conforto, ouvinte, etc.): conselhos. Seguiu alguns conselhos ou não? Ajuda de especialistas: religiosos, psicólogos/psiquiatras, médicos, etc. Quando procurou, quem indicou, se já tinha contato antes, se tomou medicação de qualquer tipo, durante quanto tempo e o que achou/acha disso. Alguma coisa mais

- **Mudança de papéis**

-Mudanças (se houve) que precisou fazer, como se processaram essas mudanças - mudar de casa, morar com outras pessoas (em casa ou fora)
- Perceber que as outras pessoas queriam que mudasse algo: O quê? O que fez?
- Arrepender-se de alguma dessas mudanças
- Relações familiares: própria e com a da esposa morta (irmãos, pais, cunhados, filhos)
- Relações com amigos próximos, amigas da esposa, colegas de trabalho, vizinhos
- Mudanças nos diferentes âmbitos da vida - no trabalho, relações familiares (como pai, como filho, como genro), vida espiritual (crenças, freqüência), estudos, associativismos
-Vida social: atividades que fazia e deixou de fazer; atividades que agora faz e antes não fazia: sair para lugares públicos (cinema, teatro), fazer visitas, distrações em casa, sair para comer fora, ir à igreja, engajar-se em esporte ou jogos, viajar fora da cidade, sair de férias.
-Novo(s) relacionamento(s) com mulheres - relacionamento afetivo ou de amizade: como conheceu, atividades juntos, reação das pessoas ao seu redor (filhos, parentes, amigos)
-Recasamento – sim/não; configurações da nova união.
-Lição(ões) dessa experiência. Alguma coisa a acrescentar. Opinião sobre a entrevista.

♥♥♥♥♥

ANEXO B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: **HOMEM NÃO CHORA: um estudo sobre viuvez masculina em camadas médias urbanas**.

Eu,....., abaixo-assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da doutoranda Tânia Maria Lago-Falcão, aluna do curso de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, e tendo como orientadora a Profª Drª Judith Chambliss Hoffnagel.

Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

1. O objetivo da pesquisa é investigar, a partir das narrativas de vida de homens de camadas médias urbanas, o processo de reorganização de vida, após a morte da esposa/companheira.
2. Este estudo se destina à elaboração da tese de doutoramento da pesquisadora.
3. Durante o estudo, responderei a entrevista gravada, previamente agendada comigo pela pesquisadora.
4. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.
5. Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, se assim o desejar, e por qualquer motivo.
6. Todas as medidas serão tomadas pela pesquisadora para assegurar a confidencialidade e a privacidade de meus dados pessoais, e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho, exposto acima, inclusive sua publicação na literatura científica especializada e apresentação em eventos científicos.
7. Poderei entrar em contato com a orientadora da pesquisa, Profª Drª Judith C. Hoffnagel, através dos telefones 33416892 / 92520370, e com o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Oswaldo Cruz, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa, pelo telefone 21011530, o qual tomará as medidas cabíveis.

Recife, _____ de _____ de 2006.

_____ _____

Assinatura do voluntário Identidade nº (RG)

_____

Assinatura da pesquisadora

ANEXO C

SIMPLIFIED TRANSCRIPTION SYMBOLS (Heritage, 1984), MODIFICADO.

[	C2: Mo:	Quite a [while [yea	O colchete colocado à esquerda indica o ponto em que há uma sobreposição de fala.
=	W: C:	that I'm aware of = = Yes. Would you confirm that ?	Sinais de igual, um no fim de uma linha e outro no começo, indicam que não há intervalo de fala.
(.4)	Yes (.2) yeah		Os números dentro dos parênteses indicam o tempo passado em silêncio, em décimos de segundo.
(.)	to get (.) treatmente		Um ponto nos parênteses indica uma pequena pausa provavelmente menor que décimo de segundo.
_____	What's up?		O sublinhado indica alguma forma de *stress*, via tom e/ou amplitude da voz.
: :	O: Kay?		Dois pontos indicam prolongamento imediatamente do primeiro som. O comprimento da fileira de dois pontos ::::: indica a duração do prolongamento.
WORD	I've got ENOUGH TO WORRY ABOUT		Letras maiúsculas, exceto no começo de linhas, indicam especialmente o som alto relativo ao ambiente de fala.
.hhhh	I feel that .hhhh		Uma série de 'h's pré-fixados está indicando uma inspiração; sem o ponto, uma expiração. A extensão da fileira de 'h's indica a duração da inspiração ou expiração.
( )	future risks and ( ) and life ( )		O parêntese vazio indica a transcrição que não foi possível escutar ou entender.
(word)	Would you see (there) anything positive		Palavras dentro dos parênteses são escutas possíveis.
(( ))	confirms that ((continues))		Parênteses duplos contêm as descrições do autor mais além das transcrições.
…?	What do you think?		Indicativo da entonação do falante.
WORD	Aí, eu fiquei mais ou menos EM PAZ para organizar minha vida.		Letras em caixa alta na transcrição da fala indicam som baixo por voz embargada ou choro contido.

Fonte: SILVERMAN, David (1993). **Transcripts**. In Interpreting Qualitative Data. London / Thousand Oaks / New Delhi. p. 118. Tradução: Mónica Franch & Tânia Lago-Falcão, exclusivamente para o PPGA-UFPE, 1999. Modificado para esta tese em julho de 2008.